UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

VALDIR DONIZETE DOS SANTOS JUNIOR

Utopias industriais, sonhos imperiais:
Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões
na Europa e nas Américas (1833-1863)

São Paulo

2018

VALDIR DONIZETE DOS SANTOS JUNIOR

Utopias industriais, sonhos imperiais:
Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões
na Europa e nas Américas (1833-1863)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Ligia Coelho Prado.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Su SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos
Utopias industriais, sonhos imperiais: Michel
Chevalier entre latinos e anglo-saxões na Europa e
nas Américas (1833-1863) / Valdir Donizete dos
SANTOS JUNIOR ; orientadora Maria Lígia Coelho
PRADO. - São Paulo, 2019.
410 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. América Latina. 2. França. 3. Estados Unidos.
4. cultura imperial. 5. identidades. I. PRADO, Maria
Lígia Coelho, orient. II. Título.

Nome: SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos.

Título: Utopias industriais, sonhos imperiais: Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões na Europa e nas Américas (1833-1863).

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para a obtenção do título de Doutor em História.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para Ligia.

Agradecimentos

Às vezes, nem parece, mas foi intenso esse tempo de doutorado. Nesses quase cinco anos, mudei de tema de pesquisa, de cidade e de casa, me casei, passei em um concurso público, conheci muita gente, estreitei certos laços, perdi o contato com algumas pessoas e passei a ver outras com menos frequência do que gostaria.

Para o bem ou para o mal, assim é a vida.

Vivenciei, ao longo de todo esse período, momentos de muita alegria e experiências diversas, pessoais e profissionais, mas também alguma solidão e um pouco de angústia.

Para o bem ou para o mal, assim são as teses acadêmicas.

Concluída a empreitada, lembro aqui de algumas pessoas fundamentais nessa trajetória.

Márcia Pacito, minha companheira de todas as horas e meu porto seguro cotidiano, tem partilhando comigo essa jornada com muito amor, paciência e parceria. Com você e o Costelinha, não dá pra se sentir sozinho!

Rosange Pereira plantou uma semente lá atrás. Hoje, virou jardim.

Valdir e Bia, apesar das pedras no meio do caminho, estão no meu coração.

Roseli, Ana e Gaia foram uma segunda família que ganhei.

Sem planejar muito, prestei o concurso do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), em 2014, e acabei sendo aprovado. Mudou minha vida em muitos sentidos quando fui convocado quase dois anos depois.

O IFSP foi uma grata surpresa. Um projeto raro na educação brasileira que valoriza o ensino público e gratuito de qualidade, a produção tecnológica e, principalmente, o professor, esse personagem tão massacrado e desvalorizado no Brasil atual.

Lá, no Campus Jacareí, conheci muita gente boa também.

Os alunos que dão vida a qualquer escola e que me renovam a cada vez que os vejo.

E os colegas e amigos preciosos que fiz lá.

Wagner Castro, Paulo Nogueira e Luciano Cores se tornaram grandes companheiros e deram todo o apoio institucional para o meu afastamento das atividades escolares entre agosto de 2017 e janeiro de 2019.

Sem esse período de dedicação exclusiva à pesquisa e à redação, o resultado final da tese não teria sido o mesmo. Muito obrigado a vocês e ao IFSP!

Maristela Sanches Rodrigues, Júlia Mattos e Hector Baz Reyes, que, mesmo à distância, me deram palavras amigas e incentivo para continuar.

Meu afastamento deixou sobrecarregada minha colega da área de História no IFSP, a também latino-americanista e querida parceira Flávia Preto de Godoy, a quem deixo meu agradecimento. Vai ser muito legal trabalharmos juntos em Jacaré!

Um agradecimento especial: Juliana Basílio. Uma joia rara! Além da amizade cultivada no tempo em que foi substituta no IFSP, foi a pessoa mais solícita do mundo ao me passar o caminho das pedras da cidade de Paris, os quais conhece como ninguém.

Lá, do outro lado do Atlântico, me colocou em contato com Mazé Torquato Chotil, brasileira que mora há bastante tempo na Cidade Luz, que, junto com sua família, foi muito acolhedora durante o tempo que passei lá.

À querida Ethel Leon agradeço as dicas, o apoio e a amizade.

Antes de começar a trabalhar no IFSP, tive a felicidade de ser bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por quase um ano e meio, o que me permitiu ter tranquilidade no início do percurso. Em tempos tão sombrios para o financiamento da pesquisa intelectual e científica brasileira, fica o desejo de dias melhores.

Nesse mundo, tantas vezes, isolado da pesquisa acadêmica, é revigorante fazer parte do Laboratório de Estudos de História das Américas (LEHA), vinculado ao Departamento de História da FFLCH-USP, e da Associação Nacional dos Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), locais de compartilhamento e crescimento intelectual tão necessários para a produção de conhecimento.

Locais também onde posso encontrar pessoas incríveis que amam a História das Américas.

Na impossibilidade de mencionar todos aqueles que dividem essa paixão comigo, faço um agradecimento geral aos meus amigos latino-americanistas e – não sei se essa palavra existe ou não, mas vá lá! – norte-americanistas. Vocês estão ajudando a construir um dos campos de estudos mais sólidos da historiografia do país! Com trabalho e seriedade, *pero sin perder la ternura!*

Apenas porque não posso deixar de mencionar:

Eustáquio Ornellas e Ricardo Streich são amigos muito queridos com quem dividi muitos momentos acadêmicos e pessoais e estão, portanto, marcados na minha vida.

Romilda Motta e, mais recentemente, Júlia Oliveira, além de se enquadrarem *ipsis litteris* na descrição acima, também me ajudaram a adentrar, mesmo que pelas beiradas, na discussão acadêmica sobre as questões de gênero, também tão massacradas ultimamente.

Ulisses Viana foi uma das figuras mais importantes de uma época tão breve quanto intensa da minha trajetória. Do outro lado do mundo, o sol está nascendo pra ele.

Os cinco, bem como tantos outros, estão no meu coração!

Faço aqui um agradecimento especial a Pedro Meira Monteiro, que, mesmo à distância, ajudou a inspirar diversas reflexões desta tese.

Maria Helena Capelato, Mary Junqueira e Gabriela Pellegrino são para mim muito mais que referências bibliográficas, são professoras e pessoas maravilhosas que contribuíram, em diversos sentidos, para a minha formação. Obrigado às três!

Gabriel Passetti participou, em diversos momentos, do processo de elaboração desta tese. Me ajudou muito na qualificação. Além de ser um dos melhores pesquisadores da nova geração na nossa área, é, acima de tudo, um grande cara.

Stella Maris Scatena Franco é uma pessoa simplesmente incrível! Esteve presente em vários momentos do meu percurso, sempre doce e solícita. Desde os tempos da graduação, quando eu era ainda um moleque que começava a querer pesquisar história da América Latina e ela já professora em Viçosa. No primeiro e-mail que trocamos há vários anos, fiquei surpreso com sua gentileza e cuidado quando eu tentava ainda encontrar um tema para a iniciação científica. E tem sido assim desde então! Obrigado por tudo, Stella!

Por último, mas não menos importante: mais que agradecer aqui à Profa. Dra. Maria Ligia Coelho Prado, quero prestar minhas homenagens à Ligia, uma das pessoas mais fantásticas que conheci em toda minha vida.

Essa é, infelizmente, sua última defesa como orientadora. Meu privilégio e minha responsabilidade são imensos nesse sentido.

Muitos, observando de longe, não entendem a ligação cultivada entre ela e seus orientandos. De fato, é um tanto *sui generis* no mundo acadêmico.

Mas só quem viveu a experiência de estar com a Ligia é capaz de compreender esse vínculo que vai muito além de correções e direcionamentos acadêmicos.

É de humanidade que se trata.

Rigor acadêmico, mas com muito afeto e respeito às ideias dos seus alunos.

Seriedade e dedicação, mas com cuidado para manter acesa, no mundo dos prazos e da burocracia, a chama que acalenta o historiador.

Mesmo com todas as limitações impostas pelo tempo – esse belo, estranho e implacável tempo – foi a melhor orientadora que poderia ter sido para mim todos esses anos e, em particular, no doutorado.

Foi a melhor orientadora do mundo!

Obrigado a todos, pois, citando o maior dos poetas brasileiros, de tudo fica um pouco.

Um último aparte: o desenvolvimento desta pesquisa coincidiu, quase que paralelamente, com a erosão de um país que parecia caminhar – a passos muito lentos, é verdade – para vencer a desigualdade social e prometia mais oportunidades para todos. Infelizmente, esse projeto naufragou junto com muitas de nossas esperanças. O futuro é incerto e os indícios são péssimos.

Mas seguimos.

Mogi das Cruzes, primavera de 2018.

*Amigo, não sabes
que existe amanhã?
Então um sorriso
nascera no fundo
de tua miséria
e te destinara
a melhor sentido.
Exato, amanhã
será outro dia.
Para ele viajas.
Vamos para ele.
Venceste o desgosto,
calcaste o indivíduo,
já teu passo avança
em terra diversa.
Teu passo: outros passos
ao lado do teu.
O pisar de botas,
outros nem calçados,
mas todos pisando,
pés no barro, pés
n'água, na folhagem,
pés que marcham muito,
alguns se desviam,
mas tudo é caminho.
Tantos: grossos, brancos,
negros, rubros pés,
tortos ou lanhados,
fracos, retumbantes,
gravam no chão mole
marcas para sempre:
pois a hora mais bela
surge da mais triste.*

Carlos Drummond de Andrade, “Uma hora e mais outra”.

*Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me
acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez
pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por
mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué
sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.*

Eduardo Galeano, *Las palabras andantes*.

Resumo

SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *Utopias industriais, sonhos imperiais: Michel Chevalier entre latinos e anglo-saxões na Europa e nas Américas (1833-1863)*. 2019. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta pesquisa tem por objetivo discutir as interpretações construídas pelo engenheiro e economista francês Michel Chevalier (1806-1869) sobre as Américas entre as décadas de 1830 e 1860. Seguidor das ideias saint-simonianas durante sua juventude, viajou aos Estados Unidos, ao México e a Cuba entre 1833 e 1835. De volta à França, tornou-se professor do Collège de France (1840) e, anos depois, um dos principais quadros intelectuais e políticos de sustentação ao Segundo Império (1851-1870) de Napoleão III. Partindo dessas premissas, este trabalho se desenvolve por meio de dois grandes eixos: por um lado, a análise acerca da elaboração, na obra do autor, de uma “utopia industrial” de matriz saint-simoniana, desenvolvida, em grande medida, em sua abordagem a respeito dos Estados Unidos; por outro, a discussão sobre a construção de uma dicotomia no Novo Mundo entre as regiões de colonização inglesa e espanhola, mobilizada, entre outras coisas, como forma de defender empreendimentos como a construção de um canal interoceânico na América Central e a intervenção francesa sobre o México no decênio de 1860. Em seus textos, ao afirmar divergências culturais e políticas entre os países protestantes anglo-saxões e católicos latinos na Europa e nas Américas, Michel Chevalier forneceu elementos para a formulação de perspectivas de longa duração nos discursos intelectuais e políticos dos dois lados do Atlântico e para a posterior enunciação, na década de 1850, do conceito de América Latina.

Palavras-chave: América Latina, França, Estados Unidos, cultura imperial, identidades.

Abstract

SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *Industrial utopias, imperial dreams: Michel Chevalier between Latins and Anglo-Saxons in Europe and in the Americas (1833-1863)*. 2019. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This research aims to discuss the interpretations formulated by the French engineer and economist Michel Chevalier (1806-1869) about the Americas between the 1830s and 1860s. Follower of Saint Simon's ideas during his youth, he traveled to the United States, Mexico and Cuba between 1833 and 1835. Back to France, he became professor at the Collège de France (1840) and one of the main intellectual and political figures supporting Napoleon III's Second Empire (1851-1870). This work is developed based on two main axes: first of all, the analysis of the elaboration of an "industrial utopia" during his travel to the United States; secondly, the discussion about the elaboration of a dichotomy between the regions of English and Spanish colonization in the New World. Michel Chevalier used this comparison to defend the construction of an interoceanic canal in Central America and the armed intervention of France in Mexico in the 1860s. In his writings, Michel Chevalier affirmed cultural and political differences between the Anglo-Saxon Protestants and the Latin American Catholics in Europe and the Americas. He provided elements for the formulation, in the 1850s, of the concept of Latin America.

Keywords: Latin America, France, United States, imperial culture, identities.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	16
------------------------	-----------

PARTE 1 – UTOPIAS INDUSTRIAIS

CAPÍTULO 1 – A DIALÉTICA INDUSTRIAL:

VIAGEM, MODERNIDADE E UTOPIA.....	39
Atravessar a fronteira.....	40
A ascensão orleanista e as ideias saint-simonianas.....	43
A indústria como utopia.....	50
Por uma viagem industrial.....	56
A dialética das civilizações.....	65
Dialética no Canal da Mancha.....	77

CAPÍTULO 2 – O AVESSO DA EUROPA:

ESCRAVIDÃO E DEMOCRACIA NOS ESTADOS UNIDOS.....	87
Lições do jovem colosso.....	88
A dialética norte-americana.....	94
O impasse escravista.....	99
O Oeste e a geografia imaginativa norte-americana.....	112
A democracia na América.....	117
A democracia jacksoniana.....	120
A democracia dos homens brancos.....	130

CAPÍTULO 3 – O LABORATÓRIO DA MODERNIDADE:

A INDÚSTRIA NORTE-AMERICANA.....	138
Um laboratório no Novo Mundo.....	139
A ética protestante e o espírito do capitalismo.....	146
Os imperativos da nova ordem.....	163
A máquina no jardim.....	170
A espada e a bolsa.....	176
Ordem e movimento no laboratório da modernidade.....	186

PARTE 2 – SONHOS IMPERIAIS

CAPÍTULO 4 – OS SENTIDOS DA COLONIZAÇÃO:

EXPERIÊNCIAS COLONIAIS, EXPECTATIVAS IMPERIAIS.....	193
John Smith em Argel.....	194
A colonização e seus significados.....	202
Vestígios imperiais e modelos coloniais.....	206
A síntese antilhana.....	219
Em busca de um modelo francês.....	232

CAPÍTULO 5 – UM ELO ENTRE DOIS MUNDOS:

A FRANÇA E A INVENÇÃO DA AMÉRICA LATINA.....	247
A França entre duas Américas.....	248
A invenção da raça latina.....	255
Uma passagem para as Luzes.....	260
As duas Américas.....	267
O istmo centro-americano e a identidade latino-americana.....	273
Um Saint-Simon a cavalo.....	283
Os circuitos da latinidade.....	292
Um conceito em disputa.....	298

CAPÍTULO 6 – A LATINIDADE COROADA:

SONHOS DE UM IMPÉRIO NO MÉXICO.....	306
O governo dos “povos católicos”.....	307
As ruínas de um país magnífico.....	313
A emergência da causa monárquica.....	324
Uma dicotomia mexicana.....	337
Uma experiência imperial no Novo Mundo.....	342
A regeneração dos latinos.....	347
O jogo das identidades.....	359

EPÍLOGO.....	374
---------------------	------------

FONTES.....	382
--------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	388
--------------------------	------------

Introdução

Leon Cogniet. *Michel Chevalier*. S.d. Óleo sobre tela, 80 x 79,5 cm. Versalhes, Musée Nationale du Château et des Trianons.

É que a França é o coração do mundo. As questões da França são as questões de todos; os interesses que ela desposa não são os de uma ambição egoísta; são os da civilização. Quando a França fala, se escuta, porque os sentimentos que ela exprime não são somente os seus em relação a ela, são os do gênero humano. Quando ela age, se imita, porque ela faz apenas o que todos têm necessidade de fazer.

Michel Chevalier, *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836).

Ontem, a França foi a linguagem aceitável; ela o permanece ainda hoje [...]; Foi a educadora de toda a América Latina – a outra América também tão atraente. Na África, o que quer que se diga, ela foi, ela se mantém uma luz eficaz. Na Europa, a única luz comum: uma viagem à Polônia, ou à Romênia, o prova de sobejo; uma viagem a Moscou ou a Leningrado o prova devidamente. Podemos ser ainda uma necessidade do mundo, se o mundo quer viver sem se destruir, se compreender sem se irritar. A longuíssimo termo, esse futuro permanece nossa oportunidade, quase nossa razão de ser. Mesmo se os políticos com olhos de míope sustentam o contrário.

Fernand Braudel, “História das civilizações: o passado explica o presente” (1959).

Escritas com um intervalo de mais de cem anos – a primeira na metade inicial do século XIX e a segunda em meados do século XX –, as citações que servem como epígrafes para esta introdução apresentam as linhas gerais de uma retórica que permeia a história das ideias francesa: o “francocentrismo”¹, ou, dito de outro modo, a concepção intelectual que pressupõe a França como eixo irradiador das Luzes e como tradutora das premissas da Civilização para o resto do mundo.

O primeiro texto é de autoria de Michel Chevalier (1806-1879), viajante que esteve nas Américas na primeira metade da década de 1830 e que será o fio condutor das análises propostas por esta pesquisa. O segundo, publicado originalmente na França

¹ Ver PRADO, Maria Ligia Coelho. “A pena e a espada: a *Revue des deux mondes* e a intervenção francesa no México”. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 30, n. 54, pp. 613-630, set./dez. 2014. Algumas pistas sobre esse “francocentrismo” que se discute aqui podem ser encontradas em ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina, cultura, política e identidade*. Brasília: Editora da UnB, 2005.

em 1959, é de autoria de um dos mais importantes historiadores do século XX e personagem mais célebre da segunda geração da Escola dos Annales²: Fernand Braudel. Destaca-se no texto francocêntrico de Braudel a ideia de que a França constitui-se como a “linguagem comum” entre todos os povos do globo, ressaltando-se seu papel como “educadora” da África, especialmente de sua face muçulmana, e da América Latina, a “outra” América. Note-se, por exemplo, a presença no excerto da metáfora mais significativa dessa formulação: a da França como portadora das Luzes, a única capaz de iluminar a “escuridão” africana e as terras do leste europeu então comunista. Finalmente, tendo como pano de fundo as disputas geopolíticas da Guerra Fria vivenciada à época em que Braudel escrevia essas linhas, a França se posicionava como a única nação capaz de sublimar as rivalidades ideológicas existentes naquele momento e fornecer as diretrizes culturais de um mundo dividido. Tal poderia e deveria ser seu “futuro” e sua “razão de ser”.

A grande ironia da perspectiva exposta acima talvez seja sua capacidade de evidenciar, em termos intelectuais, a tese braudeliana da “longa duração”³. Aludindo à formulação do próprio Braudel, segundo a qual “os quadros mentais também são prisões de longa duração”⁴, é possível afirmar que o discurso responsável por associar a França às Luzes, representando-a como a Razão do mundo, não era uma novidade do texto do historiador dos *Annales*, mas como se pode perceber inclusive por meio do excerto de Michel Chevalier citado acima, uma das características fundadoras da identidade francesa dos últimos séculos. Linhas semelhantes às de Braudel, podem ser lidas de maneira recorrente em textos produzidos por autores franceses de todo o século XIX. As fontes que servem de suporte para este trabalho estão repletas de formulações desse teor.

É importante destacar, nesse sentido, o caráter ambíguo e contraditório desse “francocentrismo” presente nesses textos e mesmo no citado discurso de Braudel. Por um lado, a afirmação assertiva acerca da missão da França como mensageira das Luzes e da Civilização; por outro, as dúvidas sobre as possibilidades do cumprimento desse desígnio, seja diante do poderio de outros povos dispostos a impedir a soberania cultural

² Sobre a Escola dos Annales e a participação de Braudel, ver BURKE, Perte. *A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991; e DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: Edusc, 2003.

³ BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2005, pp. 41-78.

⁴ *Ibidem*, p. 50.

francesa, seja diante da debilidade muitas vezes demonstrada internamente pelos políticos desse país.

Tendo em vista a construção desse discurso “francocêntrico”, este trabalho pretende analisar, partindo principalmente do estudo das obras de Michel Chevalier, a estruturação de retóricas que corporificaram a existência de “duas Américas” – a América Latina e a América Anglo-saxônica. Enquanto a primeira era vista por meio dessa formulação como o local a ser ocupado pelas Luzes da França, a segunda seria representada não somente como um paradigma que deveria servir de inspiração aos ditos povos latinos, mas também como o principal empecilho para o cumprimento de uma suposta missão francesa nessas regiões. Esta pesquisa se sustenta, portanto, sobre um duplo objetivo: primeiramente, discutir a construção da diferença entre as Américas a partir das obras de Michel Chevalier; e, em segundo lugar, relacionar as formulações presentes nessas narrativas aos projetos políticos e projeções identitárias da França entre as décadas de 1830 e 1860. Esse período não é aleatório, já que pode-se dizer que foi, durante esses anos, que se gestou, dos dois lados do Atlântico, o conceito de “América Latina”.

Embora este trabalho procurasse se debruçar, inicialmente, sobre uma série de viajantes franceses que estiveram nas Américas no século XIX, Michel Chevalier se impôs, ao longo do processo do doutorado, como uma espécie de síntese das discussões eleitas como centrais para esta tese, constituindo-se como o seu principal eixo estruturador. É possível dizer que, por meio da obra desse autor, se evidenciavam especialmente três pontos essenciais: a construção de matrizes interpretativas de longa duração sobre as “duas Américas”, a circulação de ideias entre os dois lados do Atlântico e os diálogos intelectuais e as correntes de ideias do período.

Sobre o primeiro aspecto, embora não tenha inventado os termos da dicotomia entre as regiões de colonização inglesa, por um lado, e ibérica, por outro⁵, Michel Chevalier cristalizou, com muita eficácia, essa dialética do Novo Mundo, ocupando um papel fundamental na elaboração e na difusão das identidades, respectivamente, “latina” e “anglo-saxônica” nas Américas. O autor francês concebia, nesses termos, uma polarização que mesclava elementos não somente raciais e culturais, mas também

⁵ Ver FRANCO, Stella Maris Scatena. “Viagens e identidades: Europa, América Latina e Estados Unidos”. In: *Viagens e relatos: representações e materialidades nos périplos latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018; e, da mesma autora, “Latinos versus anglo-saxões: identidades em confronto nos relatos de viagem de hispano-americanos pelos Estados Unidos no século XIX”. *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 39-79, Ago. 2017.

políticos e religiosos: enquanto a “latinidade” se encontrava completamente imbricada ao catolicismo e à monarquia, o “anglo-saxonismo” era essencialmente vinculado ao protestantismo e à república. Muitas das miradas de Michel Chevalier, para além de encontrarem eco em diversas formulações identitárias dos dois últimos séculos, permanecem vivas ainda hoje em diversos meios, inclusive o acadêmico.

Viajante francês no Novo Mundo entre 1833 e 1835 e preocupado com as questões do continente ainda nas décadas seguintes, Michel Chevalier é capaz de revelar também alguns circuitos da circulação das ideias entre as Américas e a Europa, particularmente a França, no século XIX⁶. Autor de relatos e estudos com repercussão dos dois lados do Atlântico, publicou vários de seus textos em periódicos de grande circulação como, por exemplo, o *Journal des Débats* e a *Revue des Deux Mondes*. Entende-se aqui que mais relevante que se desvendarem o berço original de onde saíram os conceitos, seria apreendê-los como frutos de disputas, trânsitos e intercâmbios culturais. Em suma, da circulação de pessoas e de ideias ao redor do globo. Particularmente, sobre a elaboração do conceito de “América Latina”, em que Michel Chevalier ocupou papel importante, parece essencial, portanto, buscar escapar da armadilha acerca de quem foram seus inventores, se franceses ou hispano-americanos.

A análise da obra de Michel Chevalier também contribui para uma discussão em torno da relação e da convivência conflitiva entre diversas correntes políticas e ideológicas do século XIX. Saint-simoniano durante sua juventude e professor de Economia Política em sua maturidade, suas concepções transitaram entre o utópico e o material em formulações consideradas, muitas vezes, liberais demais para um saint-simoniano e saint-simonianas demais para um liberal. Conviveu, dialogou e, em diversos momentos, se defrontou com os principais movimentos políticos existentes na turbulenta e intensa vida política e social da França de sua época: legitimismo, orleanismo, bonapartismo, republicanismo e socialismo, apenas para nomear as mais

⁶ Sobre a questão da circulação de ideias, ver SOARES, Gabriela Pellegrino. “História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Humanitas, 2011. Sobre os intercâmbios entre a França e a América Latina no século XIX, ver, da mesma autora, *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017; e DE LUCA, Tânia Regina. *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

importantes. Não há, portanto, como não pensar sua obra dentro um quadro mais amplo de debates, dos quais participou, em muitos momentos, de forma bastante peculiar⁷.

Pode-se dizer que o interesse alimentado, neste trabalho, pela obra de Michel Chevalier nasceu ainda durante a investigação que realizei no mestrado⁸. Ao analisar os ensaístas latino-americanos que escreveram após a Guerra Hispano-americana de 1898 e me deparar com os diversos balanços existentes sobre a invenção do conceito de “América Latina” durante o século XIX⁹, seu nome se fazia recorrente em praticamente todas as abordagens, independentemente da perspectiva defendida sobre o assunto.

As informações presentes, nesses textos, sobre tal personagem eram frequentemente bastante vagas. Tratava-se de um francês que viajara pelas Américas na década de 1830, que tivera certa influência durante o Segundo Império (1851-1870), sob Napoleão III, e, principalmente, que havia sido o primeiro a adjetivar a América de

⁷ Embora não se baseie na discussão proposta pela Escola de Cambridge, não há como este trabalho não ressaltar e, de certa forma, se inspirar nas contribuições oferecidas nesse campo, em particular por POCKOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Edusp, 2013.

⁸ A dissertação foi defendida em 2013 e publicada em forma de livro em 2016. Ver SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. São Paulo: Intermeios, 2016.

⁹ Ver os textos fundadores do debate: PHELAN, John L. “El origen de la idea de Latinoamérica”. In: ZEA, Leopoldo (org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. Vol. I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993; e ARDAO, Arturo. *Genesis de la idea y el nombre América Latina*. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Romulo Gallegos, 1980. Entre os artigos que discutiram o tema, podem ser destacados ROJAS MIX, Miguel. “Bilbao y el hallazgo de América Latina: unión continental, socialista y libertaria”. *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 46, 1986, pp. 35-47; FUNES, Patrícia. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. In: DAYRELL, E. G. e IOKOI, Z. G. (org.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996; QUIJADA, Mônica. “Sobre el origen y difusión del nombre América Latina (o una variación heterodoxa en torno de la construcción social de la verdad)”. *Revista de Indias*, vol. LVIII, n. 214, 1998, pp. 595-616; ROMERO, Vicente. “Du nominal ‘latin’ pour l’Autre Amérique; notes sur la naissance et le sens du nom ‘Amérique Latine’ autour des années 1850”. *Histoire et Société de l’Amérique Latine*, n. 7, 1998, pp. 57-86; BRUIT, Hector H. “A invenção da América Latina”. *Revista do Mestrado de História*, Vassouras, n. 5, 2003, pp. 69-88; DINIZ, Dilma Castelo Branco. “O conceito de América Latina: uma visão francesa”. *Calígrama*, Belo Horizonte, n. 12, 2007, pp. 129-148; BRANDALISE, Carla. “A ideia e concepção de ‘latinidade’ nas Américas: disputa entre as nações”. In: ORO, Ari Pedro (org.). *A ideia de latinidade na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 2008; Da mesma autora, “O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia”. *Cuadernos del CILHA*, v. 14, p. 74-106, 2013; BETHELL, Leslie. “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, 2009, pp. 289-321; AILLÓN SORÍA, Esther. “La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto l’Amérique Latine, 1860-1930”. In: GRANADOS GARCÍA, Aimer & MARICHAL, Carlos (orgs.). *Construcción de las identidades latino-americanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX*. 2 ed. México: El Colegio de México, 2009; FARRET, Rafael Leporace & PINTO, Simone Rodrigues. “América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia”. *Topoi*, vol. 12, n. 23, 2011, pp. 30-42; TENORIO TRILLO, Mauricio. “América Latina: a ideia, mais uma vez”. *Interseções*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2012, pp. 241-267. Ver também os livros ROUQUIÉ, A. *O Extremo-Occidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991; FERES JUNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005; ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina – cultura, política e identidade*. Brasília: Editora da UnB, 2005; e também MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

colonização ibérica como “latina”. Cumpria, nessas narrativas, um papel de precursor dos formuladores, fossem eles franceses ou hispano-americanos, do conceito de “América Latina” na década de 1850¹⁰.

Diversas razões resultaram na realização de uma pesquisa mais aprofundada sobre Michel Chevalier. Em um primeiro momento, o fato bastante interessante de que a adjetivação da América de colonização ibérica como “latina” havia sido cunhada, curiosamente, na introdução de sua obra de 1836, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, um relato de viagem sobre os Estados Unidos¹¹. Seu interesse pelo Novo Mundo havia culminado, além disso, com uma profusão de textos publicados, entre as décadas de 1830 e 1860, por importantes editoras francesas como as Livrarias de Charles de Gosselin e Hachette e por periódicos relevantes e influentes de sua época como a *Revue des Deux Mondes* e o *Journal de Débats*. Nesses diversos textos sobre o Novo Mundo, Chevalier tratava de temáticas variadas como, por exemplo, a história do México pré-hispânico e sua conquista pelos espanhóis, as possibilidades proporcionadas pelas minas de ouro e prata na região e a construção de um canal na América Central interligando os oceanos Atlântico e Pacífico¹². Neles, refletia, na maior parte das vezes, sobre as possibilidades econômicas e geopolíticas que o contato com as Américas poderia proporcionar à França.

Em termos político-ideológicos, Michel Chevalier foi, durante sua juventude, um ardoroso saint-simoniano, ou seja, seguidor das ideias do conde Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825). De acordo com essa doutrina, exaltava o trabalho e, especialmente, a “indústria” como fatores de desenvolvimento em contraposição à sociedade que classificava como “feudal” e “militar”. Engenheiro de minas formado pela École Polytechnique, atuou em favor de grandes projetos de infraestrutura como estradas de ferro e canais. Posteriormente, participou da política e da intelectualidade francesa como grande defensor do livre-cambismo, ocupando a cadeira de Economia

¹⁰ A oposição entre as Américas de colonização inglesa e ibérica é bastante antiga e as caracterizações específicas de cada um dos polos identitários são encontradas mesmo antes das Independências, aguçando-se desde o início do século XIX. Ver FRANCO, *op. cit.*; e, da mesma autora, “Latinos versus anglo-saxões: identidades em confronto nos relatos de viagem de hispano-americanos pelos Estados Unidos no século XIX”. *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 39-79, Ago. 2017. Entretanto, a adjetivação da América de colonização particularmente espanhola como “latina” pode ser encontrada pela primeira vez, até onde nossas pesquisas puderam apurar, somente na década de 1830 nos textos de Michel Chevalier.

¹¹ CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin et Cie., 1836, 2 vols. Discuti essa questão em SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. “A latinidade e as Luzes: a França, o Oriente e o lugar das Américas nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier (1836)”. *Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 335-357.

¹² Ver, entre outros, ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopías sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

Política no Collège de France entre 1840 e 1879. Foi ainda senador e conselheiro de Estado, um dos mais importantes no contexto do governo imperial de Napoleão III.

Além de sua constante presença nos meios políticos e intelectuais franceses entre as décadas de 1830 e 1860, Michel Chevalier pode ser associado à história latino-americana do século XIX, mesmo que de maneira pouco lisonjeira, por se constituir como um dos mais ardorosos arautos da intervenção francesa no México, cujo resultado foi a entronização do monarca austríaco Maximiliano de Habsburgo, sob a proteção bonapartista (1864-1867), defendida por ele em artigos na imprensa e no livro *Méxique ancien et moderne* (1863)¹³.

Autor de certa repercussão nas Américas no século XIX, teve suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, traduzidas para o inglês, em 1839, pela editora de Boston, Weeks, Jordan and Company, sob o título de *Society, manners and politics in the United States: series of letters of North America*¹⁴. Além delas, algumas de suas obras econômicas e alguns de seus artigos também foram editados nos Estados Unidos após suas primeiras versões em francês. Destaca-se, por exemplo, a publicação de *Mexico before and after the conquest* (Filadélfia, 1846), nascido de dois artigos escritos originalmente para as páginas da *Revue des Deux Mondes*¹⁵. Entre suas obras vertidas para outros idiomas, *Méxique ancien et moderne* circulou não somente em francês, mas também em edições em inglês (Londres, 1864), espanhol (Madri, 1867) e italiano (Milão, 1870)¹⁶.

Além da repercussão nos Estados Unidos, Chevalier encontrou ainda alguns importantes leitores latino-americanos como, por exemplo, o presidente peruano Manuel Pardo (1871-1877), seu aluno no Collège de France¹⁷. No Brasil, personagens relevantes do século XIX como Irineu Evangelista de Souza, o barão de Mauá¹⁸, e André Rebouças¹⁹ foram declaradamente inspirados pelas reflexões econômicas do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Rebouças, de modo particular, foi participante da chamada Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, associação

¹³ CHEVALIER, Michel. *L'expédition au Méxique*. Paris: E. Dentú Libraire au Palais-Royal, 1862; e, do mesmo autor, *Le Méxique ancien et moderne*. Paris: Libraire de L. Hachette e Cie., 1863.

¹⁴ CHEVALIER, Michel. *Society, manners and politics in the United States: series of letters of North America*. Boston: Weeks, Jordan and Company, 1839.

¹⁵ Cf. CHEVALIER, Michel. *Mexico before and after the Conquest*. Filadélfia: Carey and Hart, 1846.

¹⁶ Cf. CHEVALIER, Michel. *Mexico ancient and modern*. Londres: John Maxwell and Company, 1864; Idem. *Mejico antiguo y moderno*. Madri: Rubio y Compañía, 1867; Idem. *Il Messico*. Milão: Corona e Caimi Editori, 1870.

¹⁷ ABRAMSON, *op. cit.*

¹⁸ CARVALHO, José Maurício de. *Mauá e a ética saint-simoniana*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

¹⁹ TRINDADE, Alexandre Dantas. *André Rebouças: um engenheiro do Império*. São Paulo: Hucitec, 2011.

responsável por editar *O Auxiliador da Indústria Nacional*, periódico em que foram publicadas, entre 1850 e 1851, algumas das cartas de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos²⁰. Além deles, Aarão Reis (1853-1936), engenheiro e urbanista responsável pelo projeto da cidade de Belo Horizonte, capital planejada do Estado de Minas Gerais, também foi um leitor atento das obras do autor francês, considerando-o uma de suas principais referências intelectuais²¹.

Articulador, ao lado do político britânico Richard Cobden, de um importante tratado de livre comércio com a Inglaterra em 1860, conhecido à época como Tratado Cobden-Chevalier, o engenheiro francês defendia que a Europa deveria se constituir como uma espécie de comunidade de nações federadas que atuariam em conjunto pela promoção do desenvolvimento econômico e social não somente do Velho Continente, mas do mundo como um todo²². Entusiasta do desenvolvimento industrial, foi ainda presidente do juri internacional da Exposição Universal de Paris de 1867.

Embora tenha se afastado de suas atividades políticas como senador e conselheiro de Estado com a queda do Segundo Império em 1870, continuou ministrando suas aulas no Collège de France e participando de associações intelectuais e econômicas até sua morte em 1879. Como exemplo de atuação nos últimos anos de sua vida e dos projetos políticos que não deixou de apoiar mesmo após queda de Napoleão III, pode-se mencionar o exercício da presidência, a partir de 1875, de uma associação para o estudo da construção de um túnel sob o canal da Mancha que pudesse interligar a França à Grã-Bretanha²³.

A despeito de sua relevância intelectual e política no século XIX, é possível afirmar a existência de um profundo desconhecimento na historiografia não somente latino-americana, mas também francesa, da trajetória de Michel Chevalier. Causa surpresa, por exemplo, o fato de que, de seu falecimento em 1879 até hoje, apenas alguns poucos artigos e um único livro, *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*,

²⁰ ANDRADE, André Luiz Alípio de. *Uma visão do progresso: a influência da economia política na interpretação da ordem escravista (A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – 1850-1877)*. Tese de Doutorado em História Econômica. Campinas: Instituto de Economia da Universidade Campinas, 2013.

²¹ Ver SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997. Para a importância de Michel Chevalier nas reflexões sobre urbanismo, ver o trabalho organizado pela mesma autora, *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolismo e transferência de modelos*. São Paulo: Edusp, 2001.

²² DÉMIER, Francis. “Le Europe des saint-simoniens”. In: COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Christianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006, pp. 164-167.

²³ WALCH, Jean. *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*. Paris: Vrin, 1975, p. 78-79.

de Jean Walch, publicado em 1975, tenham sido dedicados à análise de sua obra²⁴. Dois fatores fazem com que o pouco destaque dado pela produção acadêmica a Chevalier fique ainda mais evidente: primeiramente, o contraste com a sua importância política e intelectual na época em que viveu, especialmente sob Napoleão III, quando era, nas palavras de David Harvey, “o economista preferido do imperador”²⁵; em segundo lugar, a quase obliteração de seu importante relato sobre os Estados Unidos, as *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836), diante de seu contemporâneo mais famoso e celebrado Alexis de Tocqueville (1805-1859), autor de *A democracia na América* (1835-1840)²⁶.

A surpresa provocada pela ausência de trabalhos sobre Michel Chevalier não é exclusividade desta tese, mas partilhada com outros historiadores que tem se debruçado sobre a trajetória intelectual do personagem. Tomado pela perplexidade diante desse vácuo, o historiador Michael Drolet, professor da Universidade de Oxford, e, possivelmente, o responsável pelos trabalhos recentes mais relevantes sobre Chevalier, inicia seu principal artigo sobre a obra do autor francês da seguinte maneira:

Michel Chevalier foi um engenheiro de minas que tinha o espírito de um visionário. Ele sonhou com um túnel subterrâneo ligando a Grã-Bretanha e a França, fez campanha por uma Comunidade Europeia de Nações e trabalhou incansavelmente por um mundo de paz universal e perpétua. Em sua época, a influência de Chevalier foi considerável. Ele serviu como um dos principais conselheiros econômicos de Napoleão III e negociou com Richard Cobden o Tratado Comercial de 1860, um acordo saudado entre seus defensores como o primeiro passo em direção a uma genuína Comunidade Europeia e a uma era de paz perpétua. Assim sendo, é surpreendente que um homem com tal visão e influência tenha apenas um punhado de estudos dedicados a aspectos de sua vida e obra. Isso é mais surpreendente, uma vez que as linhas mestras da visão de Chevalier para a Europa tenham uma notável semelhança com aquelas defendidas pelos arquitetos da União Europeia de hoje: Jean Monet e Robert Schuman²⁷.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ HARVEY, David. *Paris: capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 204.

²⁶ Nas palavras de Antoine Picon, as *Lettres sur l'Amérique du Nord* “mériteraient de figurer, aux côtés du célèbre ouvrage de Tocqueville, parmi les écrits français du XIXe. siècle les plus clairvoyants consacrés aux États-Unis”. Ver PICON, Antoine. *Les saint-simoniens: raison, imaginaire et utopie*. Paris: Belin, 2002, p. 291. Sobre essa questão, ver também JENNINGS, Jeremy. “Democracy before Tocqueville: Michel Chevalier’s America”. *The Review of Politics*, n. 68, 2006, pp. 398–427.

²⁷ Os textos em língua estrangeira citados neste trabalho foram traduzidos para o português. Para facilitar a leitura, a tradução estará no corpo do texto e os originais estarão nas notas de rodapé para confronto. Quaisquer incorreções existentes nesse aspecto são de minha inteira responsabilidade. Ver o original: “Michel Chevalier was a mining engineer who had the spirit of a visionary. He dreamed of a railway tunnel linking Britain and France, he campaigned for a European Community of Nations and he worked tirelessly for a world of universal and perpetual peace. In his day, Chevalier's influence was considerable.

Bastante entusiasta da obra de Michel Chevalier e escrevendo ainda em 2008, um período em que a União Europeia não apresentava de modo tão evidente as complexas fissuras de nossos dias, Michael Drolet concebia o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* como um visionário, precursor de planos de construção de grandes obras de infraestrutura e de uma Europa unida e pacífica²⁸.

A despeito de certa idealização do personagem e talvez de algum anacronismo presentes no texto acima, parece importante levar em conta a relevância de dois pontos centrais da citação: a explicitação da ausência de trabalhos sobre Michel Chevalier na historiografia e sua defesa de importantes projetos, especialmente relacionados aos meios de transporte e à circulação de pessoas e mercadorias, que depois seriam viabilizados em outros contextos.

Vale ressaltar, contudo, que, a despeito da clara relevância dos trabalhos desse autor, as ideias e concepções de Michel Chevalier devem sempre ser compreendidas em seus matizes e ambiguidades, na medida em que uma leitura atenta de sua obra e um olhar cuidadoso sobre sua atuação política demonstram que estas implicaram, muitas vezes, em experiências, sob um olhar atual, bastante questionáveis como, por exemplo, a defesa da colonização da Argélia e a intervenção no México entre 1861 e 1867.

Isto posto, o que explicaria o fato de um personagem com tantas dimensões como Michel Chevalier ter sido tão pouco explorado pela historiografia dos dois lados do Atlântico? Algumas respostas já foram ensaiadas, especialmente por Jean Walch e Michael Drolet.

De acordo com Walch, no período que se situou entre 1870 e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o saint-simonismo foi, na maior parte das vezes, obliterado ou negligenciado pelos estudiosos das humanidades, entre outras coisas, pela adesão de muitos dos antigos saint-simonianos, como Michel Chevalier, ao regime de Napoleão III. Esse processo político teria sido, nessa interpretação, o grande responsável por colocar no limbo os seguidores dessa doutrina que só voltaram a ser retomados pelos

He served as one of Napoleon III's chief economic advisors, and he negotiated with Richard Cobden the Anglo-French Commercial Treaty of 1860, an agreement hailed among its supporters as the first step towards a genuine European Community and an era of perpetual peace. It is therefore surprising that a man with such vision and influence has only a handful of studies devoted to aspects of his life and work. This is all the more startling since the broad outlines of Chevalier's vision for Europe bear a remarkable resemblance to that held by the architects of today's European Union: Jean Monet and Robert Schuman". In: DROLET, Michael. "Industry, Class and Society: A Historiographic Reinterpretation of Michel Chevalier". *The English Historical Review*, Vol. 123, No. 504 (Oct., 2008), pp. 1229-1271.

²⁸ A concepção de Michel Chevalier como uma espécie de precursor de uma espécie de sociedade europeia de nações também pode ser encontrada em DÉMIER, *op. cit.*, pp. 164-167.

historiadores e demais cientistas sociais somente na segunda metade do século XX, ainda assim de modo bastante efêmero²⁹.

Michael Drolet acrescenta que como os grandes nomes da intelectualidade francesa e internacional, à época do Segundo Império, como Victor Hugo, François Guizot ou mesmo Karl Marx, eram frequentemente anti-bonapartistas, teria sido concebido nos circuitos oposicionistas dos vários matizes políticos – legitimistas, orleanistas, republicanos ou socialistas – um profundo repúdio aos ideólogos do regime, especialmente àqueles que, como Chevalier, apoiaram o golpe de Estado de 1851. Considerado um período medíocre por seus adversários políticos, o Segundo Império tornou-se, em consequência, um momento subestudado na historiografia e, quando trabalhado, tratado como uma época marcada pela incapacidade de uma reflexão intelectual relevante dentro das hostes do governo do Napoleão III³⁰.

Certamente inspirado na discussão empreendida pelo cientista político inglês Jeremy Jennings em texto que buscava comparar as *Lettres sur l'Amérique du Nord à A democracia na América*, de Tocqueville³¹, Drolet ressalta ainda, como fator explicativo dessa obliteração historiográfica sofrida pela figura de Chevalier, que as temáticas caras aos seus textos, especialmente aquelas relacionadas às questões econômicas, não eram capazes de despertar as paixões políticas da maior parte de seus contemporâneos. Segundo ele, os autores franceses do século XIX que mais permaneceram vivos no debate intelectual ao longo dos últimos dois séculos como, por exemplo, Auguste Comte e os já citados François Guizot e Alexis de Tocqueville tratavam, frequentemente, em suas obras, de temas relacionados principalmente à história, à sociologia e à política, com destaque menor para a economia, pedra de toque das interpretações de Michel Chevalier³².

Em termos historiográficos, antes da edição de *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*, de Jean Walch, apenas dois outros autores haviam publicado, no século XX, na França, artigos sobre o escritor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*: em 1933, Marcel Blanchard, e, em 1956, Jean-Baptiste Duroselle³³. Como os títulos desses

²⁹ WALCH, *op. cit.*, pp. 5-6.

³⁰ DROLET, *op. cit.*, pp. 1236-1237. Essa tradição foi certamente fundada, entre outros, por textos como MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003; e HUGO, Victor. *Napoleão, o pequeno*. São Paulo: Ensaio, 1996.

³¹ JENNINGS, *op. cit.*

³² DROLET, *op. cit.*, p. 1236.

³³ BLANCHARD, Marcel. "Le Journal de Michel Chevalier". *Revue Historique*, CLXXI, 1933; DUROSELLE, Jean-Baptiste. "Michel Chevalier, saint-simonien". *Revue Historique*, CCXV, 1956, pp. 233-266.

trabalhos deixam entrever, principalmente nos trabalhos de Duroselle e Walch, a ênfase dada à obra de Chevalier, até a década de 1970, nos poucos trabalhos existentes sobre ele, foi essencialmente seu caráter saint-simoniano. Em contrapartida, como sustenta Drolet, no período posterior, em particular nas décadas de 1980 e 1990, devido ao avanço do neoliberalismo e da globalização, sobressaiu-se na historiografia econômica anglo-americana, graças a implacável defesa que Michel Chevalier fazia do livre comércio, a imagem inversa de um teórico essencialmente liberal e rompido, desde a década de 1830, com as ideias advindas de Saint-Simon³⁴.

Ao contrário do que defendia essa última vertente, é possível concordar com Drolet quando este afirma que, em vez de antagônicas, as ideias saint-simonianas e liberais, a despeito de suas diferenças, podem encontrar diversos pontos de contato. Desse modo, o pensamento econômico de Chevalier estaria mais próximo de uma intersecção entre esses dois conjuntos de premissas do que de uma ruptura entre uma primeira fase saint-simoniana e, posteriormente, uma defesa incontestada do liberalismo. Nas palavras de Drolet:

Suas ideias de liberdade, sua crença no papel do Estado na economia nacional, suas perspectivas sobre o caráter nacional, seu Orientalismo e sua concepção de história mundial, sua particular e altamente simpática disposição de que a difícil situação da classe trabalhadora [...] poderia ser aliviada por meio da criação de grandes projetos de infraestrutura, e a conexão que ele estabeleceu entre a psicologia humana e o meio ambiente físico do homem distinguem Chevalier de outros economistas liberais³⁵.

Nesse sentido, embora em muitos pontos Chevalier se constituísse como arauto da Economia Política, especialmente como grande defensor do livre comércio, o professor do Collège de France guardava importantes dissensos com os liberais. Tais divergências podem ser atribuídas, em grande medida, às permanências saint-simonianas em suas concepções sobre política e economia, especialmente em relação ao papel do Estado na promoção de condições para as atividades econômicas, com ênfase na questão da infraestrutura, e na preocupação com as condições sociais das camadas

³⁴ DROLET, *op. cit.*, p. 1239.

³⁵ No original: "His ideas on liberty, his belief in the role of the state in the national economy, his views on national character, his Orientalism and conception of world history and his particular and highly sympathetic disposition towards the plight of the working classes whose condition [...] could best be relieved through the spawning of large infrastructure projects, and the connection he established between human psychology and man's physical environment distinguishes Chevalier from other economic liberals". In: *Ibidem*, p. 1239.

mais pobres da sociedade. Dessa forma, é no entrecruzamento entre suas origens saint-simonianas e suas concepções ligadas à Economia Política que a obra de Chevalier deve ser encarada.

Para a realização desta análise, serão privilegiados os escritos de Michel Chevalier em que as Américas ocuparam posição de destaque. Além de conterem uma evidente admiração pelos Estados Unidos, mesclada a certa preocupação com relação ao papel que a jovem república poderia exercer no mundo, as *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836), por exemplo, iniciaram, é importante frisar, uma defesa apaixonada, que se prolongou por quase quarenta anos, da construção de um canal que interligasse os oceanos Atlântico e Pacífico na América Central sob a égide francesa. Esse interesse de Chevalier, em relação às questões do Novo Mundo, culminou, nos anos finais do Segundo Império Francês, com a defesa, em *Méxique ancien et moderne* (1863), da malfadada Intervenção no México (1861-1867), cujo resultado, simbolizado pelo fuzilamento em praça pública do imperador Maximiliano, foi a humilhante derrota do exercito bonapartista pelos republicanos liderados por Benito Juárez.

Pode-se dizer, em linhas muito gerais, que os textos de Michel Chevalier se constituíam a partir de dois eixos essenciais que serão analisados com mais vagar nas páginas subsequentes: a formulação de uma ideia utópica de “indústria” e a construção de um imaginário imperial “francocêntrico”³⁶. Entrecruzados, esses dois tópos produziram, nas obras desse autor, como esta tese procurará demonstrar, uma interpretação que exaltava e buscava aprender com a “indústria” anglo-saxônica, ao mesmo tempo em que temia seu avanço na Europa e nas Américas; que tinha por objetivo compreender o lugar da França no mundo e propor caminhos para sua influência geopolítica sobre espaços específicos do planeta, particularmente sobre o Mediterrâneo muçulmano e a América Ibérica; e que resultou, por fim, tanto em um discurso marcadamente colonial, por exemplo, em relação à Argélia, ocupada em 1830, como na constituição de uma ideia de “latinidade” que justificaria a influência francesa sobre os países hispano-americanos.

³⁶ Tratando da *Revue des Deux Mondes*, Maria Ligia Coelho Prado compreende o “francocentrismo” como uma “abordagem sobre o mundo extra-europeu [que] tinha como ponto central de referência os interesses nacionais franceses”. Ainda segundo a historiadora, os textos franceses inseridos nessa tradição, que se arrogavam o papel de representantes da França e de sua visão imperial, buscavam afirmar a centralidade de seu país “não apenas em termos de hegemonia cultural, mas também de geopolítica e de domínio de mercados”. Ver PRADO, Maria Ligia Coelho. “A pena e a espada: a *Revue des Deux Mondes* e a intervenção francesa no México”, op.cit. Sobre as relações e intercâmbios nem sempre simétricos entre a França e a América Latina, ver também SOARES, Gabriela Pellegrino. “América Latina e França: perspectivas entrecruzadas em impressos e cartas”. In: *Escrita e edição em fronteiras permeáveis*, op. cit.

A adjetivação “latina” embutiria, dessa forma, certa ambiguidade na construção identitária existente nos textos do autor, pois, como será discutido posteriormente, atuaria tanto como definidora de uma concepção sobre o “outro” hispano-americano, mas também sobre o “próprio” francês, em uma trama de aproximações, distanciamentos e hierarquizações. Ao mesmo tempo, essa definição estabeleceria, nos textos de Chevalier, um segundo “outro” admirado e temido: o anglo-saxão inglês ou norte-americano. Esse terceiro vértice identitário, por seu poderio ou potencial, evidenciava que se a França quisesse manter seu lugar de influência mundial deveria repensar sua atuação, seus projetos e a sua relação com as demais nações do globo.

Para compreender tais complexidades, o historiador deve ter em mente que as identidades não devem ser nunca tomadas como dados essenciais, mas como construção do discurso e como fruto das retóricas, disputas e representações políticas e dos imaginários sociais³⁷. Nas palavras do antropólogo argentino Nestor García Canclini, “a história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência”³⁸. A despeito disso, as identidades não se configuram somente como forma de justificar os grupos dominantes, mas também como ferramenta de embates políticos que podem fomentar o surgimento de contra-identidades questionadoras de um *status quo* vigente, elas também construídas e manejadas de acordo com interesses e projetos específicos. Desse modo, a tarefa do historiador disposto a estudar as identidades é, sem dúvida, compreender as articulações e os mecanismos dos processos de construção das formulações identitárias, entendendo-as como participantes dos jogos da política e como estruturadoras de imaginários sociais³⁹.

As concepções industriais e francocêntricas presentes nos textos de Michel Chevalier não podem ser analisadas sem que se levem em conta seu caráter utópico e,

³⁷ Sobre a questão das identidades, ver PRADO, Maria Ligia Coelho. “Identidades latino-americanas”. In: AYALA MORA, Enrique e POSADA CARBÓ, Eduardo (org.). *Historia general de la América Latina. Vol. VII – Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación, 1870-1930*. 1. ed. Paris: UNESCO; Editorial Trotta, 2008; e HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

³⁸ GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. XXIII

³⁹ Compreendem-se aqui os imaginários sociais como um conjunto de imagens, representações, signos e códigos que uma determinada coletividade produz sobre si mesma e sobre os que não pertencem a ela e pela qual ela se compreende e compreende os outros. Os imaginários sociais não são unos, mas permanecem sempre em disputa. Também não sobrevoam a realidade social, mas atuam sobre ela, seja para justificá-la, seja para transformá-la. Ver BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 309.

ao mesmo tempo, imperial. O autor das *Lettre sur l'Amérique du Nord* constitui seu discurso por meio da articulação conjunta de uma certa “utopia industrial” a um francocentrismo estruturado sobre uma “cultura imperial”.

Para autores como, por exemplo, Bronislaw Baczko as utopias passaram por uma importante transformação entre fins do século XVIII e inícios do século XIX. Diferentemente das utopias anteriores, muito fortemente alicerçadas sobre um discurso religioso ou associadas a lugares distantes e intangíveis, as da primeira metade de século XIX constituem-se como grandes projetos de reformas sociais e como respostas à dupla revolução (a Industrial e a Francesa) das décadas finais do século XVIII. Em outras palavras, o discurso utópico não mirava mais, nesse período, a concepção de um plano ultraterreno ou afastado geograficamente de um país ideal, mas a de um futuro teoricamente palpável das transformações materiais. No caso de Michel Chevalier em particular e dos saint-simonianos de maneira geral, resultava na exaltação das possibilidades apresentadas pela “indústria”⁴⁰.

Por outro lado, assim como a perspectiva utópica pode ser evidenciada nas premissas industriais ou industrialistas de Michel Chevalier, não há como não compreender seu “francocentrismo” senão como resultado de um discurso plenamente vinculado ao que poderia ser chamado de uma “cultura imperial”. Diversos autores, especialmente aqueles relacionados de alguma forma à teoria pós-colonial como Edward Said, Mary Louise Pratt e Ricardo Salvatore, entre outros, vêm concebendo nas últimas décadas interpretações que deixaram de associar o imperialismo unicamente a um processo econômico, iniciado a partir da segunda metade do século XVIII, que estaria vinculado especialmente à expansão territorial europeia e norte-americana e à Revolução Industrial.

Esses autores discutem a categoria “império” sob uma perspectiva cultural, analisando a formulação de discursos, representações e práticas difundidos, por exemplo, por meio da circulação de relatos de viagem, periódicos, livros ilustrados, romances, poemas, imagens e diversos outros meios de divulgação que resultavam na construção de uma retórica marcada pela centralidade e superioridade do hemisfério norte ocidental em relação às demais regiões do mundo. Expandindo-se a partir da

⁴⁰ Ver BACZKO, Bronislaw. “Utopia”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, vol. 5, pp. 347; 355-356. Ver ainda o clássico MANNHEIM, Karl. *Ideología y utopia: introducción a la sociología del conocimiento*. 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1987; e o recente CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições SESC-SP, 2013. Um bom mapeamento das utopias na primeira metade do século XIX está em SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

segunda metade do século XVIII, a “cultura imperial”, embora pretendesse, por vezes, a inocência e a imparcialidade do discurso científico ou artístico, mantem-se viva ainda hoje, contribuindo para percepções sobre o globo e para a perpetuação de estereótipos que são tomados no mundo atual frequentemente como verdades absolutas⁴¹. Parece importante, no entanto, destacar que ao tomar as ideias de “imperialismo”, “olhar imperial” e “cultura imperial” como ferramentas de análise, esta pesquisa não deixa de estar atenta também a possíveis matizes, contradições e ambiguidades que estas definições podem carregar nos textos europeus do século XIX⁴².

Para construir as interpretações sobre as obras de Michel Chevalier acerca do Novo Mundo, as fontes deste trabalho se dividem em basicamente três tipos principais: os relatos de viagem, os artigos de periódicos e os estudos analíticos publicados sob a forma de livro. A despeito dessa divisão inicial, é necessário constatar que esses três tipos de documento se confundem e se articulam a todo momento na obra de Chevalier. Por exemplo, muitas das *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836), antes de ganharem formato o definitivo de livro foram publicados de forma fragmentada anteriormente em periódicos. Ao mesmo tempo, diversos textos de Chevalier como seu estudo sobre o Canal da Panamá, publicado em 1844, e seu prolixo trabalho sobre o México, de 1863, puderam ser vistos nas páginas da *Revue des Deux Mondes*, no primeiro caso, na íntegra, e, no segundo caso, em parte, antes de se tornarem publicações autônomas.

O destaque inicial na análise das fontes, recairá acerca dos relatos de viagem sobre as Américas, com ênfase para as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, editadas em 1836, e as “Lettres sur le México”, publicadas de maneira avulsa, em 1837, no *Journal des Débats*. Em linhas gerais, a utilização dos relatos de viagem como fontes por parte dos historiadores tem conhecido nos últimos anos um novo fôlego. Tomados, inicialmente, nas obras historiográficas ou ensaísticas das primeiras décadas do século XX, como meios de informação fidedignos em relação ao passado e, em um segundo momento, especialmente na virada para o novo milênio, unicamente como produtos de uma narrativa quase ficcional e essencialmente subjetiva, os relatos de viagem devem ser compreendidos, hoje, como um tipo de fonte específica capaz de evidenciar, ao mesmo tempo, práticas e representações, vida material e social, interesses políticos,

⁴¹ Entre os autores essenciais para a discussão das “culturas imperiais”, ver SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999; e SALVATORE, Ricardo (org.). *Culturas imperiais: experiência y representación en América, Ásia y África*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2005.

⁴² Ver, por exemplo, MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

construções ideológicas e práticas culturais⁴³. Devem ser levadas em conta também as particularidades e a variedade do gênero. Segundo Mary Anne Junqueira,

Cada relato de viagem é único. Ao se aproximar dessas fontes, o historiador – especialmente o que analisa o discurso – deve ater-se a muitos aspectos: conferir o “lugar de enunciação” e o universo cultural do viajante; avaliar o período em que escreveu o texto (durante ou após a jornada); a forma como foi elaborado o relato (narrativa, memórias, cartas, diário etc.); o público leitor que se quis atingir e quando se publicou o texto, se for o caso. Mas, antes de qualquer coisa, devemos nos perguntar quem é o escritor do relato ou quem “ele quer ser”. Em muitos casos, o autor pode sobrepujar esta ou aquela experiência ou carregar nas tintas sobre determinados perigos, no intuito de ressaltar suas qualidades e reputar a sua experiência em lugares distantes de casa⁴⁴.

Sobre os textos de Chevalier publicados na imprensa, especialmente no *Journal des Débats* e na *Revue des Deux Mondes*, este trabalho procura estar atento às particularidades destas fontes. O historiador deve se deter, primeiramente, ao fato de que “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”⁴⁵. Nas palavras de Regina Crespo, a análise de revistas e jornais “implica proceder a uma espécie de ‘imersão’ em suas páginas, a fim de entender a sua inserção política, o seu papel social, a sua função cultural, o seu projeto estético e, principalmente, a vitória ou o fracasso de suas apostas ideológicas na época em que circularam”⁴⁶. Dessa maneira, a publicação de determinados textos de Michel Chevalier, em jornais e revistas franceses do século XIX, devem ser compreendidos a partir das relações intelectuais e políticas do autor, dos

⁴³ Ver FRANCO, Stella Maris Scatena. “Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de seminários de pesquisa*. São Paulo: Departamento de História/FFLCH/USP; Humanitas, 2011. Sobre a temática, ver ainda, da mesma autora, *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

⁴⁴ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1942), a viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, pp. 102. Sobre as várias modalidades do gênero “relato de viagem”, ver HOOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (orgs.). *Perspectives on travel writing*. Aldershot: Ashgate, 2004.

⁴⁵ DE LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKI, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

⁴⁶ CRESPO, Regina Aída. “Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de seminários de pesquisa*. São Paulo: Departamento de História/FFLCH/USP; Humanitas, 2011.

objetivos da publicação, da escolha das temáticas a serem discutidas ou não nas páginas dos periódicos, do leitor que se pretende atingir, dentre outros fatores.

É ainda importante ressaltar que esta tese parte de uma premissa que busca compreender estruturas, conjunturas e acontecimentos para além de seus limites puramente nacionais, dialogando com correntes historiográficas recentes que procuram estabelecer comparações e conexões e que almejam uma perspectiva de análise transnacional⁴⁷. Deve-se destacar, nesse sentido, que as chamadas “histórias conectadas” e a “história transnacional” vêm se impondo na discussão acadêmica desde os anos finais do século XX, após serem propostas respectivamente na França e nos Estados Unidos. Embora surgidas em contextos diferentes, ambas partilhavam a mesma desconfiança em relação ao nacionalismo em crise em meio ao processo de globalização e dispunham de bases bastante similares⁴⁸. Segundo Caio de Souza Gomes, sintetizando o debate, as abordagens teóricas “conectadas” e “transnacionais” “apresentam como referência comum a ênfase nos movimentos, nas circulações, nos fluxos e conexões que transcendem os limites impostos pelas fronteiras nacionais”⁴⁹. Será partindo destas perspectivas que esta pesquisa buscará compreender a viagem e os trabalhos de Michel Chevalier sobre as Américas.

Por fim, alicerçando-se sobre os dois eixos estruturadores da análise existente nesta tese sobre Michel Chevalier – sua utopia industrial e seu francocentrismo imperial –, compreende-se aqui que a ideia de “latinidade” funcionou nos textos de Michel Chevalier, autor que considerava a “indústria” como a panacéia que resolveria todos os problemas humanos, como uma proposta não somente identitária, mas também política de estabelecimento de um projeto industrial alternativo para a América ibérica que se adequasse a suas características sociais, políticas e, especialmente, culturais. Essa

⁴⁷ Para um balanço sobre essas correntes, ver PRADO, Maria Ligia Coelho Prado. “América Latina: história comparada, histórias conectadas, história transnacional”. *Anuário – Universidad Nacional de Rosario*, vol. 24, pp. 9-22, 2013; e também GOMES, Caio de Souza. “Introdução – ‘Tanta distancia y camino, tan diferentes banderas’: as conexões transnacionais e a canção na América Latina”. In: *Quando um muro separa, uma ponte une: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70)*. São Paulo: Alameda, 2015. Um trabalho bastante instigante que se vincula nas intersecções entre as histórias comparada e conectada é PASSETTI, Gabriel. *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

⁴⁸ Para um balanço sobre as histórias conectadas, ver PRADO, Maria Ligia Coelho. “Repensando a história comparada da América Latina”. *Revista de História*, n. 153, 2 sem. 2005, pp. 11-33; e GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*”. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195. Para um balanço, sobre a história transnacional, ver WEINSTEIN, Barbara. “Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, pp. 13-29, jan./jun. 2013.

⁴⁹ GOMES, *op. cit.*, p. 26.

indústria “latina” era desenhada em contraposição àquela existente nos países anglo-saxões (Inglaterra e Estados Unidos) e deveria ser, em sua concepção, conduzida necessariamente pela França.

Essa formulação, estabelecida nos textos de Chevalier, afiançava que a influência sobre seus confrades “latinos” da América se constituiria como um dos poucos caminhos capazes de manter os franceses relevantes em um mundo que parecia destinado ao domínio anglo-saxão. Se a França quisesse continuar sendo o eixo irradiador das Luzes, sua presença cultural, política e econômica na Ibero-América era fundamental. Projetos posteriormente fracassados como a construção de um canal interoceânico na América Central e a intervenção sobre o México na década de 1860 foram vistos por homens como Michel Chevalier como oportunidades de fincar a bandeira tricolor em terras americanas e demonstrar que a França poderia ainda conduzir uma parte considerável do globo nas rotas da indústria e das Luzes.

Este trabalho se divide em duas partes, cada uma das quais composta por três capítulos. A primeira delas, “A utopia industrial” se deterá principalmente nas perspectivas defendidas por Michel Chevalier em relação aos países anglo-saxões, Inglaterra e Estados Unidos, em especial em sua comparação com a França.

No primeiro capítulo, “A dialética industrial”, se discutirá, em particular a partir dos relatos de sua estadia na Grã-Bretanha, a construção de uma visão dialética sobre a história e o desenvolvimento das sociedades, formulada matricialmente por meio do contraponto entre pólos supostamente opostos como “masculino” / “feminino”, “Ocidente” / “Oriente” e “Inglaterra” / “França”. Baseando-se nas doutrinas saint-simonianas e na defesa da indústria, propunha a realização de viagens que servissem primordialmente a interesses econômicos e promovessem intercâmbios entre os dois vizinhos do Canal da Mancha.

O segundo capítulo, “O avesso da Europa”, tem por objetivo discutir as interpretações de Michel Chevalier sobre dois aspectos centrais da história dos Estados Unidos da primeira metade do século XIX: a escravidão e a democracia. Destacando a formação territorial norte-americana a partir da dialética entre o Norte e o Sul e a ascensão do Oeste, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* sustentava um posicionamento ambíguo em relação à prática do cativo, ao mesmo tempo em que demonstrava diversas reservas em relação à participação política dos homens brancos pobres. Sobre esse último aspecto, aproximando-se de concepções coevas defendidas por Alexis de Tocqueville, se debruçava com atenção especial sobre a figura do general

Andrew Jackson, considerado, nesse relato, como a grande síntese do modelo democrático nos Estados Unidos.

O terceiro capítulo, “O laboratório da modernidade”, discute o fio condutor que perpassa todas as *Lettres sur l’Amérique du Nord*, de Michel Chevalier: a temática da indústria. Em primeiro lugar, analisa como, na perspectiva do autor, os Estados Unidos poderiam se constituir como uma espécie de “laboratório industrial” em que estariam sendo testadas diversas situações referentes ao futuro dos homens. Afirmando, como o sociólogo alemão Max Weber faria décadas depois, a profunda relação entre o protestantismo e o desenvolvimento da federação norte-americana, Chevalier sustentava os três pilares da nova ordem que, em sua perspectiva, se avizinhava: a instrução voltada para a indústria, os bancos e os meios de transporte.

A segunda parte do trabalho, “Dialética e dicotomia no Novo Mundo”, também é composta por três capítulos. Nessa última seção da tese se discutirão as complexas redes identitárias envolvendo os países latinos e anglo-saxões dos dois lados do Atlântico e suas relações com os interesses geopolíticos e imperiais da França.

No quarto capítulo, “Os sentidos da colonização”, busca-se compreender de que forma Michel Chevalier discutia o passado, o presente e o futuro da colonização europeia, não somente ao analisar os modelos empreendidos no Novo Mundo pelos franceses, mas também comparando-o aos de ingleses e espanhóis. Discutindo erros e acertos das experiências dos diversos países do Velho Continente nas Américas, o autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord* parecia desejar encontrar caminhos que pudessem balizar uma possível nova ordem imperial francesa, sintetizada pela ocupação da Argélia.

O quinto capítulo, “Um elo entre dois mundos”, procura discutir a construção, entre as décadas de 1830 e 1850, da ideia de “latinidade” e do conceito de “América Latina”, evidenciando suas relações com os projetos e projeções imperiais em torno da interligação dos Oceanos Atlântico e Pacífico por meio da construção de um canal na América Central. Defensor dessa empresa econômica e geopolítica, Michel Chevalier não somente lançou, na década de 1830, as bases para a consolidação dessa denominação, mas posteriormente contribuiu para que fosse incorporada à retórica estatal francesa ao se constituir como um dos principais conselheiros econômicos de Napoleão III entre as décadas de 1850 e 1860.

Por fim, o sexto capítulo, “A latinidade coroada”, busca analisar como o México se enquadrava, nas obras de Michel Chevalier, na formulação de um projeto identitário

e imperial a ser comandado pela França. Tomado como contraponto explícito aos Estados Unidos, o país hispano-americano representaria o local privilegiado para a resistência “latina” em relação aos avanços “anglo-saxões”. Encantado com a natureza mexicana e convencido do caráter estratégico da posição geográfica dessa região, Chevalier via a monarquia como o modelo político mais adequado aos mexicanos por sua cultura católica e latina. Defendia a adoção desse regime como a única forma de salvar a nação mexicana da suposta “anarquia” em que passara a viver após a independência. Por essa razão, o engenheiro e economista francês se apresentava, na década de 1860, como um dos principais defensores da ocupação francesa que resultou, naquela década, no Segundo Império Mexicano (1864-1867) e na efêmera coroação do imperador Maximiliano de Habsburgo como monarca no Novo Mundo.

Serão, em suma, essas questões que esta tese procurará discutir nas próximas páginas.

PARTE 1

UTOPIAS INDUSTRIAIS

Charles Phillipon. "Michel Chevalier". 1839. Litogravura. In: HUART, Louis. *Galerie de la presse, de la littérature et des beaux-arts*. Première Série. Paris: Au Bureau de la Publication, 1839, p. 281.

Capítulo 1
A DIALÉTICA INDUSTRIAL:
Viagem, modernidade e utopia

Frontispício de CHEVALIER, Michel. *Politique industrielle et Système de la Méditerranée*. Paris: [s.e],

1832

Entre todas as aquisições que, desde o fim do século passado, engrandeceram o domínio das ciências de observação, nenhuma abriu um campo mais vasto que a concepção de Volta sobre o desenvolvimento da eletricidade por contato e sobre seu movimento. Os fenômenos resultantes da comunicação de dois polos da pilha voltaica oferecem aos sábios uma mina inesgotável a explorar. Não há na ciência fato mais geral, pois basta que dois corpos quaisquer se toquem para que, reagindo um sobre o outro, eles formem uma pilha mais ou menos ativa [...]. Esse fato físico, material, tem uma analogia evidente na ordem moral. Quando se aproximam dois homens que até então haviam vivido distantes um do outro, desde que esses homens tenham alguma qualidade eminente, seu atrito produz inevitavelmente alguma faísca. Se em lugar de dois homens, os dois polos de sua pilha são dois povos, o resultado se alarga na proporção de um povo a um homem. Se os dois povos são a Inglaterra e a França, ou seja, as duas nações do universo mais ricas ainda em luzes e poder, essa espécie de fenômeno voltaico toma uma intensidade prodigiosa. Ele talvez implica então nada menos que a saúde de uma civilização antiga ou o nascimento de uma nova civilização.

Michel Chevalier, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, 1836.

Atravessar a fronteira

Em uma das cartas mais instigantes de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836), datada de 24 de abril de 1834, o engenheiro francês Michel Chevalier (1806-1879), então na cidade norte-americana da Filadélfia, no Estado da Pensilvânia, se questionava, a partir de suas observações a respeito dos Estados Unidos, sobre qual seria o “primeiro povo do mundo”. A tese que inicialmente defendia era que, em alguma medida, todos os povos do mundo teriam a tendência de afirmarem sua primazia. Ele próprio, nascido na França, declarava que, durante muito tempo, vira sua pátria como infinitamente superior às demais em todos os aspectos da vida e, por isso, a ele, lhe parecia predestinada a liderar o gênero humano:

Qual é o primeiro povo do mundo? Não há nação que não pretenda a primazia. Quem de nós, na França, não cantou com Beranger: “Rainha do mundo, ó França, ó minha

pátria!”, convencido que o povo francês estava predestinado a encabeçar eternamente o gênero humano, a obliterar todos os outros na paz e na guerra? De minha parte, antes de ter passado a fronteira, eu acreditava profundamente, de uma crença religiosa, que nós éramos por excelência não somente o povo generoso e cavalheiresco, o povo espiritual e artístico, o povo de qualidades amáveis e brilhantes, mas ainda o povo sábio, o povo industrial, o povo administrador, o povo ao mesmo tempo inventor e prático, o povo típico, o povo único, o povo perfeito. Apesar das chuvas e nevoeiros de Paris, eu supunha nosso clima o mais doce e o mais risonho da terra. Apesar de Landes e da Champagne, eu tinha por certo que nosso solo era o mais rico e o mais pitoresco do universo⁵⁰.

Para compreender a citação acima é necessário, antes de tudo, ter em mente dois aspectos existentes no texto: o temporal e o geográfico. Note-se, em primeiro lugar, que a perspectiva de Chevalier localizava no passado a imagem, ao mesmo tempo, subjetiva e compartilhada com seus conterrâneos, que tivera da superioridade intrínseca da França entre as grandes nações do mundo. Em segundo lugar, destaque-se a utilização da expressão “antes de ter passado a fronteira” como um corte tanto temporal como geográfico na percepção do autor acerca da primazia de seu país diante dos demais povos do mundo. Pode-se dizer que Michel Chevalier acalentava a ideia de que sua pátria ocupava o primeiro posto do globo, mudando de percepção a respeito de sua terra natal no ato de cruzar a fronteira:

Quando se passa a fronteira, pouco a pouco diminuem-se essas opiniões magníficas; o patriotismo se depura, se esclarece e se reforça ao mesmo tempo. Visitando a terra estrangeira, se vê o que falta à prosperidade e à glória da pátria, e como será possível acrescentar alguns florões a sua coroa. Assim, não é preciso observar muito a Inglaterra

⁵⁰ No original: “Quel est le premier peuple du monde? Il n'y a pas de nation qui ne pretende à la primauté. Qui de nous, en France, n'a pas chanté avec Beranger: « Reine du monde, ó France, ó ma patrie! » convaincu que le peuple francais était predestiné à être éternellement à la tête du genre humain, à effacer tous les autres dans la paix et dans la guerre? Pour mon compte, avant d'avoir passé la frontière, je croyais profondément, d'une croyance religieuse, que nous étions par excellence, non seulement le peuple généreux et chevaleresque, le peuple spirituel et artiste, le peuple aux qualités aimables et brillantes, mais encore le peuple savant, le peuple industriel, le peuple administrateur, le peuple à la fois inventeur et praticien, le peuple type, le peuple unique, le peuple parfait. Malgré les pluies et les brouillards de Paris, je supposais notre climat le plus doux et le plus riant de la terre. Malgré les Landes et la Champagne, je tenais pour certain que notre sol était le plus riche et le plus pittoresque de l'univers”. CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin et Cie., 1836, vol. I, pp. 147-148.

para se convencer que se ela tem muito a nos emprestar, nós não temos menos a receber dela⁵¹.

Atravessar a fronteira. Eis a chave, segundo Chevalier, para que se tenha uma melhor perspectiva de seu próprio país. Enquanto o homem está fechado no território em que nasceu, tende, conforme o autor, a percebê-lo como superior aos demais. Assim, observar o “outro” não somente faz com que a noção sobre sua terra natal seja menos superlativa, mas também com que o patriotismo se depure, se esclareça e se reforce. Mesmo que aqui não seja ainda o local de se discutir a questão com mais propriedade, o que será feito em um momento posterior, é possível perceber nessas ideias defendidas por Chevalier a existência de uma interpretação dialética sobre a viagem em particular e sobre a história em geral: o homem ou o povo fechado em si mesmo não encontra o progresso, mas o contato com o “outro” atua como combustível para o próprio desenvolvimento. É preciso ressaltar, entretanto, que nem toda viagem é igual e que nem todo contato com o “outro” produz os mesmos resultados. Não é por acaso que o exemplo buscado pelo viajante para a França é a industriosa e rica Inglaterra.

Nesse sentido, este capítulo tem por objetivo, não somente apresentar a trajetória intelectual de Michel Chevalier no início da década de 1830, mas também discutir alguns dos principais tópicos de seu pensamento político, enfatizando, em seus textos, inicialmente, a constituição do que poderíamos chamar de uma “utopia industrial” e, em um segundo momento, a defesa de uma concepção dialética sobre a história das sociedades e o desenvolvimento dos homens. Apresentadas essas matrizes principais do pensamento do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a ênfase deste capítulo recairá sobre as representações construídas por Michel Chevalier sobre a Inglaterra, país visitado antes de sua partida para as Américas.

É possível afirmar que, no período em que esteve ao norte do Canal da Mancha, o viajante defendeu as possibilidades abertas pela circulação de pessoas ao redor do globo como uma forma de aprendizado da “indústria”. Ao mesmo tempo, embora concebesse seus vizinhos ingleses como um exemplo a ser emulado nessa seara, advogava a necessidade da conservação das tradições culturais, políticas e religiosas

⁵¹ No original: “Quand on a passé la frontière, peu à peu l'on rabat de ces préventions magnifiques; le patriotisme s'épure, s'éclaire et se renforce en même temps. En visitant la terre étrangère, on voit ce qui manque à la prospérité et à la gloire de la patrie, et comment il serait possible d'ajouter quelques fleurons à sa couronne. Ainsi, il ne faut pas beaucoup observer l'Angleterre pour se convaincre que, si elle a beaucoup à nous emprunter, nous n'avons pas moins a recevoir d'elle”. *Ibidem*, p. 148.

próprias de sua terra natal, compreendendo as diferenças, os antagonismos e as contradições existentes entre a Inglaterra e a França como essenciais para o desenvolvimento de ambos os países e como produtores de um equilíbrio mundial. É importante ressaltar que as divergências entre os dois vizinhos europeus não se restringiam, nos textos de Chevalier, a questões políticas específicas do Velho Continente, mas funcionavam, nos escritos do autor, como balizadores de divisões, em sua concepção, fundamentais que perpassavam sua visão dialética da história e do desenvolvimento das sociedades. Desse contraponto entre ingleses e franceses, desdobrava-se, por exemplo, como será possível discutir posteriormente, a percepção de um Novo Mundo cindido entre duas matrizes culturais, políticas e religiosas opostas: de um lado, uma América “anglo-saxônica” e, de outro, uma América “latina”.

A ascensão orleanista e as ideias saint-simonianas

O ano de 1830 constitui-se como um importante marco para a História da França. No contexto político, o país foi fortemente impactado pela Revolução de Julho, um movimento de características liberais e burguesas responsável por derrubar o governo da Restauração (1814-1830), então liderado pelo rei Carlos X de Bourbon. Seu resultado foi a instauração de um novo regime, a chamada “Monarquia de Julho” (1830-1848), encabeçado por Luís Filipe de Orléans, que passou a ser conhecido a partir de então como “Rei Burguês”⁵². O governo orleanista foi interpretado por personagens da época como, por exemplo, o historiador e político liberal francês François Guizot (1787-1874), como “uma revolução não revolucionária”, misto de ruptura e continuidade, que teria imposto à França, na perspectiva dos partidários de Luís Filipe, ao mesmo tempo, um regime de ordem e de liberdade⁵³.

Em termos político-ideológicos, esse período também coincidiu com o auge do chamado movimento saint-simoniano, corrente ideológica da qual Michel Chevalier foi importante seguidor⁵⁴. Doutrina bastante difundida na França, o saint-simonismo, categorizado por um célebre texto de Friedrich Engels como uma das diversas formas

⁵² Esse novo regime também foi chamado de Monarquia de Julho e vigorou até a Revolução de Fevereiro de 1848. Ver ROBERT, Hervé. *La monarchie de Juillet*. Paris: CNRS, 2017; e APRILE, Sylvie. “1830: une révolution et une monarchie au profit de quoi?”. In: *1815-1870: la Révolution inachevée*. Paris: Belin, 2014.

⁵³ Ver ROSANVALLON, Pierre. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1985, pp. 271.

⁵⁴ WALCH, Jean. *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*. Paris: Vrin, 1975.

do chamado “socialismo utópico” da primeira metade do século XIX⁵⁵, pode ser apontado, em linhas gerais, como fiador de princípios diversos e, muitas vezes, bastante ambíguos.

Conforme ressaltam autores como Antoine Picon, Nathalie Coilly, Phippe Régner e Pierre Musso, essa corrente ideológica baseada nas ideias de Claude-Henri de Rouvroy, o conde de Saint-Simon (1760-1825), foi vista, ao longo dos anos, tanto como precursora do socialismo, quanto como arauto de um capitalismo de viés mais estatizante. Da mesma forma, os saint-simonianos já foram descritos como os mais evidentes ancestrais das ideias de tecnocracia e meritocracia, mas também como alguns dos primeiros defensores da causa dos trabalhadores industriais mais pobres e também das mulheres. Resultado de um conjunto complexo de premissas, essa vertente político-intelectual tinha como eixos unificadores as concepções de divisão da sociedade entre setores produtivos e ociosos, em que estes últimos atuavam como parasitas e espoliadores dos demais, e a visão de que a indústria e o trabalho, de modo geral, se constituem como os elementos centrais da atividade humana. Seu lema, síntese das ideias expostas acima, era “à chacun selon sa capacité, et à chaque capacité selon ses œuvres [a cada um segundo sua capacidade, e a cada capacidade segundo suas obras]”⁵⁶.

Pode-se dizer que Saint-Simon elaborou suas reflexões sobre um mundo que acabara de vivenciar, desde o fim do século XVIII, na definição de Eric Hobsbawm, uma “dupla revolução”: uma política originada na França e outra econômica iniciada na Inglaterra, ambas de longo alcance e influência global⁵⁷. Na perspectiva do conde socialista, a despeito de sua importância, a Revolução Francesa, embora atacasse a organização política do Antigo Regime, não fora capaz de alterar sua organização econômica, única capaz de produzir transformações mais duradouras nas sociedades. Para Saint-Simon, o desenvolvimento histórico caminharia na direção da constituição de uma “sociedade industrial”, caracterizada pela ciência e pela paz, em contraposição à “sociedade feudal” ou “militar” que prevalecera até então. Segundo ele, essa nova era,

⁵⁵ Ver ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2005; e também RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁵⁶ Ver PICON, Antoine. *Les saint-simoniens: raison, imaginaire et utopie*. Paris: Belin, 2002; COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Christianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006; MUSSO, Pierre. *Saint-Simon et le saint-simonisme*. Paris: PUF, 1999; e, do mesmo autor, *La religion industrielle: monastère, manufacture, usine – une généalogie de l’entreprise*. Paris: Fayard, 2017.

⁵⁷ Para a “dupla revolução” da segunda metade do século XVIII na Europa, ver HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

quando se estendesse por todo o globo, anunciaria a realização de um grande projeto que os saint-simonianos costumavam chamar de “associação universal”⁵⁸. Essas ideias, bastante influentes, podem ser encontradas não somente nas obras de Michel Chevalier, mas também em pensadores sociais referenciais do século XIX como Auguste Comte, discípulo na juventude de Saint-Simon, e mesmo Karl Marx e Friedrich Engels, profundos conhecedores e leitores das obras do conde francês⁵⁹.

Em termos práticos, a École Polytechnique, maior centro de formação de engenheiros de Paris, onde estudou Chevalier, se constituiu como o principal local de difusão do saint-simonismo na França, especialmente em seu viés industrialista e tecnocrático⁶⁰. Os partidários dessa doutrina atuaram na defesa do desenvolvimento da indústria, dos meios de comunicação e de transporte não somente nesse país, mas também fora dele. Para além de sua participação na expansão do sistema ferroviário francês ao longo do século XIX, os saint-simonianos podem ser apontados entre os principais teóricos da construção de canais interoceânicos que visavam promover o contato dos europeus com o Extremo Oriente. Para os politécnicos saint-simonianos três eram as bases sobre as quais a nova sociedade industrial deveria se formar: a constituição de um sistema bancário para o fornecimento de crédito, o investimento no desenvolvimento dos transportes e a reforma do ensino com viés técnico e profissional⁶¹.

Após a morte de Saint-Simon em 1825, o saint-simonismo, sob a égide de Saint-Amant Bazard e, especialmente, de Barthélemy-Proper Enfantin, chamado por seus discípulos de *Le Père* [O Pai], passou a mesclar um discurso que evidenciava a doutrina industrial de seu criador com uma retórica que flertava com uma espécie de misticismo e messianismo: falava-se à época de um “Novo Cristianismo” e não raro havia referência ao grupo como “Igreja saint-simoniana”.

⁵⁸ Michel Chevalier, defensor desse projeto saint-simoniano, se posicionava, nesse sentido, nos termos das relações internacionais, a partir de uma perspectiva liberal herdeira das reflexões de Immanuel Kant que defendia em seus textos a obtenção de um período de “paz perpétua” se constituiria como resultado da vitória da razão. Ver KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Porto Alegre: L&PM, 2008. Para uma boa análise sobre o tema, ver RODRIGUES, Thiago. *Guerra e política nas relações internacionais*. São Paulo: Educ, 2010.

⁵⁹ WALCH, Jean. *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*. Paris: Vrin, 1975, pp. 84-91. Sobre o caráter etapista da doutrina saint-simoniana e sua influência especialmente sobre Comte, ver também MUSSO, *La religion industrielle*, op. cit., pp. 464-526. Sobre a importância do saint-simonismo no pensamento marxista, ver HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 34-41.

⁶⁰ Ver PICON, op. cit., pp. 102-112; e CALLOT, Jean-Pierre. “Les polytechniciens et l’aventure saint-simonienne”. *Bulletin de la Sabix*, n. 42, 2008, pp. 40-51.

⁶¹ WALCH, op. cit., pp. 89-90.

Particularmente no que se refere a Michel Chevalier, os anos iniciais da Monarquia de Julho coincidiram com sua entrada definitiva na vida pública francesa tanto em termos profissionais como no campo político.

Nascido em 13 de janeiro de 1806, filho de um funcionário público da cidade de Limoges, capital do departamento de Haute-Vienne, Chevalier ingressou, em 1823, na École Polytechnique, em Paris, especializando-se em engenharia de minas⁶². Após concluir seus estudos nessa instituição, manteve relação próxima a membros da administração pública francesa, como o engenheiro-chefe do setor de mineração M. Cousin-Courchamp e do diretor de pessoal M. de Cheppe, sendo nomeado, em 1830, engenheiro encarregado do departamento do Norte em Valenciennes, cargo do qual se licenciou em seguida⁶³.

É importante ressaltar que foi durante seu período de formação na École Polytechnique de Paris que Chevalier teve seus primeiros contatos com a doutrina saint-simoniana, tornando-se um ardoroso seguidor dos princípios pregados por Saint-Simon e constituindo-se como fiel escudeiro de Enfantin, de quem passou a ser, durante certo tempo, o discípulo predileto. Chamado por *Le Père* de “*le vieux voltairean* [o velho voltaireano]”⁶⁴, foi durante o início da década de 1830 um grande propagador dessas ideias, escrevendo diversos artigos no periódico *L’Organisateur* e, posteriormente, assumindo a direção do *Le Globe*, principal defensor dessas concepções durante esses anos.

Grande parte dos saint-simonianos manteve posição ambigua em relação à Monarquia de Julho e muitos passaram por isso a ser observados com atenção pelas autoridades orleanistas. Um episódio marcante desse contexto foi a organização, em 1832, de uma comunidade utópica desse grupo em Ménilmontant, nos arredores de Paris⁶⁵, que, mesmo tendo durado pouco tempo, resultou na prisão, em dezembro daquele ano, de Chevalier e de seu mestre Enfantin, na cadeia de Sainte-Pélagie⁶⁶. No cárcere, a relação entre *Le Père* e seu discípulo dileto se deteriorou, provocando um

⁶² Para várias das questões biográficas de Michel Chevalier tratadas nos parágrafos seguintes, sigo o já citado WALCH, *op. cit.*, pp. 11-82.

⁶³ *Ibidem*, pp. 14-15.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 17.

⁶⁵ À época da formação da comunidade utópica saint-simoniana em Ménilmontant, o distrito estava localizado fora das fronteiras da cidade de Paris. A região foi incorporada à capital francesa em 1859 como o 20eme. arrondissement. Sobre esse retiro dos saint-simonianos em Ménilmontant, ver PICON, Antoine. “L’utopie-spectacle d’Enfantin: de la retraite de Ménilmontant au procès et à ‘l’année de la Mère’”. In: COILLY & RÉGNIER, *op. cit.*, pp. 71-76.

⁶⁶ PICON, *Les saint-simoniens*, *op. cit.*, pp. 138-149.

rompimento definitivo entre o mestre e seu pupilo. Nas palavras de Jean Walch, “Michel Chevalier sentia a necessidade de se libertar da influência que Enfantin exercia sobre ele, de deixar a via da revolução social e da religião nova na qual ele estava engajado, e que lhe parecia agora utópica, para retornar a uma existência normal”⁶⁷.

Após ser libertado pelo rei Luís Filipe, Chevalier tornou-se redator do periódico orleanista *Journal des Débates* e buscou, com a ajuda de sua extensa lista de relações no funcionalismo público francês, reaproximação com o altos escalões da Monarquia de Julho, chegando a travar contato com autoridades importantes do governo como o Ministro do Interior e dos Trabalhos Públicos Adolphe Thiers.

Dada sua qualificada formação como engenheiro e seu interesse pelas redes de transporte e comunicação, foi perdoado pelos membros da elite governamental francesa e contemplado pelo Parlamento, sob as bençãos de Thiers, com uma quantia de quinhentos mil francos para empreender um estudo sobre as estradas de ferro e canais fluviais nos Estados Unidos. Essa bolsa resultou em sua viagem à república norte-americana, com escalas no México e em Cuba, realizada entre 1833 e 1835, e, conseqüentemente, em seu relato sobre a federação estadunidense *Lettres sur l'Amérique du Nord*, publicado em 1836, pela editora de Charles de Gosselin, a mesma que editara um ano antes o primeiro volume de *A democracia na América*, de Alexis de Tocqueville.

Publicado anteriormente e de maneira independente em periódicos de grande circulação como a *Revue des Deux Mondes* e, principalmente, o *Journal des Débats*, esse conjunto de cartas não foi o único resultado dessa viagem ao Novo Mundo. Após visitar diversas cidades estadunidenses⁶⁸, Chevalier elaborou também um vasto relatório sobre as redes de transporte e circulação norte-americanas, fruto da encomenda oficial do governo francês que o levou à América⁶⁹. Além disso, algumas de suas cartas sobre o México e sobre Cuba, a despeito de nunca terem sido editadas em um volume conjunto,

⁶⁷ WALCH, *op. cit.*, p. 33.

⁶⁸ De acordo com suas cartas, Michel Chevalier esteve nas seguintes cidades norte-americanas, em algumas das quais mais de uma vez: Nova York (Nova York), Filadélfia (Pensilvânia), Baltimore (Massachusetts), Richmond (Virgínia), Washington D.C., Charleston (Carolina do Sul), Lowell (Massachusetts), Boston (Massachusetts), Elmington (Virgínia), Pittsburg (Illinois), Louisville (Kentucky), Memphis (Tennessee), Natchez (Mississippi), Nova Orleans (Louisiana), Buffalo (Nova York), Lancaster (Pensilvânia), Sunbury (Pensilvânia), Johnstown (Pensilvânia), Bedford-Springs (Pensilvânia), Augusta (Georgia) e Albany (Nova York).

⁶⁹ CHEVALIER, Michel. *Histoire et description des voies de communication aux États-Unis et des travaux d'art que en dépendent*. Paris: Librairie de Chales Gosselin, 1841, 2 vols.

foram difundidas, de maneira avulsa, especialmente no *Journal des Débats*, entre 1837 e 1838.

Principal relato a ser analisado nesta primeira parte da tese, as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier, destacam-se, em termos formais, por serem estruturadas a partir do agrupamento de cartas temáticas, escritas presumivelmente entre novembro de 1833 e outubro de 1835, que podem ser lidas, a despeito de sua coerência quando tomadas em conjunto, de maneira independente umas das outras. Cada capítulo (ou *lettre*) de Chevalier se iniciava com a indicação do local e da data em que, supostamente, fora escrito, tratando de temas caros ao autor e indicando algumas de suas premissas a respeito de temas políticos, econômicos, culturais e sociais não somente referentes às sociedades do Novo Mundo, mas que também podiam servir de pretexto para a constituição de análises sobre temas mais globais ou questões especificamente francesas.

Alguns tópicos se sobressaíam em sua análise acerca da sociedade norte-americana: o papel dos bancos para o desenvolvimento econômico, a importância dos meios de comunicação e transporte para a riqueza da federação, o caráter conquistador e expansionista da jovem nação rumo ao Oeste, o industrialismo e a religiosidade de sua população e, como seu contemporâneo e compatriota Alexis de Tocqueville, as venturas e desventuras de sua democracia, apenas para citar algumas das questões mais relevantes que emergiam de sua escrita. Vale destacar ainda, sobre as *lettres* de Chevalier, que esse relato talvez seja mais mencionado na historiografia latino-americana e latino-americanista por sua introdução que por seu desenvolvimento. Isso porque, em suas páginas introdutórias, ocorre, possivelmente, pela primeira vez a utilização do adjetivo “latino” para caracterizar a América de colonização ibérica em contraposição à América “anglo-saxônica”⁷⁰.

Circulando entre o saint-simonismo e o orleanismo, Chevalier manteve por certo tempo uma posição ambígua em relação à Monarquia de Julho. Se antes de sua prisão, demonstrava reservas acerca do novo regime, durante sua viagem aos Estados Unidos passou a se posicionar de maneira bastante simpática ao governo.

Na principal obra que publicou antes de sua prisão em Sainte-Pélagie, *Politique industrielle et système de la Méditerranée* (1832), Chevalier concebia, por exemplo,

⁷⁰ Embora as caracterizações identitárias que podem ser associadas respectivamente a “latinos” e “anglo-saxões” sejam anteriores, com registros documentais já nos primeiros anos do século XIX, a utilização dos adjetivos “latino” e “anglo-saxão” só passou a se dar em relação às Américas, até onde esta pesquisa pode chegar, na década de 1830 com as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier.

uma contradição essencial na Monarquia de Julho, representada como desejosa na intimidade de uma *pax* industrial, algo então almejado pelos saint-simonianos, mas publicamente mantenedora de uma ordem que respondia aos interesses militares e feudais ainda herdeiros do Antigo Regime e da Restauração:

Há, pois, uma contradição manifesta entre a *prática* do governo e seu *pensamento* íntimo. Essa contradição se revela em cada traço de sua conduta, e a vida que leva o rei Luís Filipe é seu mais brilhante símbolo. Esse príncipe tem gostos que distinguem hoje a classe dos grandes industriais, e lhes impôs uma atitude quase feudal. Seu prazer é se ocupar *pacificamente* de seus negócios, sem comitiva e sem estrondo, com roupas burguesas e chapéu cinza, e nas cerimônias públicas nunca aparece de outro modo que equipado como general, espada ao lado, cercado de tropas de todas as armas. O príncipe que sabiamente conservou a paz enquanto em torno dele havia apenas o barulho da guerra [...], não sabe e não pode se mostrar aos povos senão metamorfoseado em soldado⁷¹.

Essa contradição se tornou, entretanto, menos manifesta nos textos de Chevalier com sua aproximação em relação às autoridades orleanistas após sua saída da prisão em 1832. Sob a proteção do governo no contexto de sua viagem ao Novo Mundo, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* passou a adotar uma postura obviamente mais favorável à Monarquia de Julho. Durante sua viagem aos Estados Unidos, chegou a comparar, por exemplo, de modo bastante simpático, o regime imposto pelos orleanistas em 1830 à Inglaterra nascida da Revolução Gloriosa, que derrubara do trono, em 1688-1689, a dinastia absolutista dos Stuart e implantara naquele país uma monarquia parlamentar:

Não é necessário abusar das aproximações históricas; mas, a menos que se fechem os olhos, é impossível não perceber uma analogia impressionante entre a situação da Inglaterra após a queda dos Stuarts, e aquela da França desde 1830. Entre os dois povos,

⁷¹ No original: “Il y a donc contradiction manifeste entre la *pratique* du gouvernement et sa *pensée* intime. Cette contradiction perce dans chaque trait de sa conduite, et la vie que mène le roi Louis-Philippe en est la plus éclatant symbole. Ce prince a les goûts qui distinguent aujourd'hui la classe des gros industriels, et on lui a imposé une attitude quasi-féodale. Son plaisir est de vaquer *pacifiquement* à ses affaires, sans suite et sans fracas, en habit bourgeois et en chapeau gris; et dans les cérémonies publiques il ne paraît jamais autrement qu'en tenue de général, l'épée au côté, entouré de troupes de toutes armes. Le prince qui a sagement tenu à conserver la paix pendant qu'autour de lui il n'était bruit que de guerre [...], ne sait et ne peut se montrer aux peuples que métamorphosé en soldat.”. CHEVALIER, Michel. *Politique industrielle et Système de la Méditerranée*. Paris: [s.e], 1832, p. 8.

há uma segurança profunda em suas liberdades, uma convicção íntima de que é uma conquista definitiva sobre a qual nem o governo nem qualquer corporação religiosa poderia interferir. É o mesmo desejo de ver as melhoras políticas se traduzirem em melhoras materiais e palpáveis, [e] a mesma boa vontade no governo para esclarecer esse desejo e realizá-lo⁷².

Incorporado às hostes do governo do rei Luís Filipe de Orléans, Michel Chevalier passou a representar, nesse sentido, a Monarquia de Julho como um momento importante de transformação na história francesa que implicaria um novo tempo de paz, liberdades políticas e avanços materiais. Em outras palavras, a mudança de regime na França em 1830 poderia significar, conforme o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, um momento propício para o avanço da “indústria” em seu país. Este, como será analisado nas próximas páginas, configura-se como um conceito-chave essencial para a constituição da doutrina saint-simoniana e, particularmente, do pensamento de Michel Chevalier.

A indústria como utopia

Assim como a Revolução Francesa (1789-1799), a chamada Revolução Industrial tem pautado as discussões e análises historiográficas há mais de uma centena de anos. Entretanto, como destaca o filósofo francês Pierre Musso, a história do que se convencionou a ser chamada de Revolução Industrial foi, durante muito tempo, analisada sob um viés bastante economicista e relacionado frequentemente a uma trajetória, muitas vezes linear e teleológica, do desenvolvimento das técnicas e tecnologias. De acordo com Musso, a “indústria” não deve ser compreendida unicamente por meio de suas transformações econômicas, mas também como uma narrativa sobre o presente e o futuro dos homens. Segundo ele, estaria se constituindo, grosso modo, ao menos desde a Baixa Idade Média, uma espécie de “religião industrial” capaz de associar o trabalho e a transformação da natureza à própria ideia de “salvação”

⁷² No original: “Il ne faut pas abuser des rapprochements historiques; mais, à moins de fermer les yeux, il est impossible de ne pas apercevoir une analogie frappante entre la situation de l'Angleterre après la chute des Stuarts, et celle de la France depuis 1830. Chez les deux peuples, c'est une sécurité profonde pour leurs libertés, une conviction intime que c'est une conquête bien définitive, sur laquelle ni le gouvernement ni aucune corporation religieuse ne pourraient empiéter. C'est le même désir de voir les améliorations politiques se traduire en améliorations matérielles et palpables, la même bonne volonté dans le gouvernement pour éclairer ce désir et le réaliser”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, p. 33.

da humanidade. Os “templos” dessa religião seriam sucessivamente, em sua concepção, os mosteiros medievais alicerçados sobre a premissa *ora e labora*, as manufaturas modernas e as fábricas contemporâneas. Nesse sentido, o conde de Saint-Simon e o próprio Michel Chevalier são apontados, por Musso como dois dos principais signatários e difusores dessa crença laica nas benesses do mundo industrial⁷³.

Uma boa maneira de iniciar a discussão acerca da ideia de “indústria” nas obras de Michel Chevalier, é, pois, retomar algumas das premissas deixadas pelo próprio Saint-Simon em uma obra bastante reveladora de sua doutrina: o *Catéchisme des industriels* (1825). Nesse texto, elaborado nos moldes de um catecismo católico, por meio de perguntas e respostas diretas, o autor, logo de início, apontava para aqueles que, em sua visão, constituíam os “industriais”:

P: O que é um industrial?

R: Um industrial é um homem que trabalha produzindo ou colocando ao alcance dos diferentes membros da sociedade, um ou mais meios materiais de satisfazer suas necessidades ou seus gostos físicos; assim, um cultivador que semeia o trigo, que cria aves e gado é um industrial; um carroceiro, um ferreiro, um serralheiro, um carpinteiro são industriais; um fabricante de sapatos, de chapéus, de telas, de lençóis, de cachemiras é igualmente um industrial; um negociante, um cargueiro, um marinheiro empregado nos navios mercantes são industriais. Todos os industriais reunidos trabalham produzindo e colocando ao alcance de todos os membros da sociedade, todos os meios materiais de satisfazer suas necessidades e seus gostos físicos, e formam três grandes classes chamadas de cultivadores, fabricantes e negociantes⁷⁴.

Segundo essa premissa, os industriais se constituiriam como os responsáveis pela produção ou pela disponibilização dos meios materiais necessários para sua existência nas sociedades humanas. Eram classificados por Saint-Simon em três grupos: os cultivadores, os fabricantes e os negociantes. Segundo o catecismo, esses setores que

⁷³ MUSSO, *La religion industrielle*, op. cit.

⁷⁴ No original: “D: Qu'est-ce qu'un industriel? / R: Un industriel est un homme qui travaille à produire ou à mettre à la portée des différents membres de la société, un ou plusieurs moyens matériels de satisfaire leurs besoins ou leurs goûts physiques; ainsi, un cultivateur qui sème du blé, qui élève des volailles, des bestiaux, est un industriel; un charron, un maréchal, un serrurier, un menuisier, sont des industriels; un fabricant de souliers, de chapeaux, de toiles, de draps, de cachemires, est également un industriel; un négociant, un roulier, un marin employé sur des vaisseaux marchands, sont des industriels. Tous les industriels réunis travaillent à produire et à mettre à la portée de tous les membres de la société, tous les moyens matériels de satisfaire leurs besoins ou leurs goûts physiques, et ils forment trois grandes classes qu'on appelle les cultivateurs, les fabricants et les négociants” SAINT-SIMON, Claude-Henri de. *Catéchisme des industriels*. Paris: Imprimerie de Sétier, 1825, pp. 1-2.

deveriam ocupar os primeiros lugares da sociedade estavam colocados em posição de inferioridade, já que a “fortuna pública” estaria concentrada nas mãos “dos nobres, dos militares, dos legisladores, dos rentistas e dos funcionários públicos”⁷⁵.

No mesmo sentido, veja-se, por exemplo, o verbete “indústria” presente na edição de 1835 do *Dictionnaire de l'Académie Française*, publicado um ano antes da primeira edição das *Lettres sur l'Amérique du Nord*:

INDÚSTRIA, s. f. Destreza endereçada a fazer algo [...].

Diz-se algumas vezes de uma profissão mecânica ou mercantil, de uma arte, de um ofício que se exerce para viver [...].

INDÚSTRIA, diz-se também das artes mecânicas e das manufaturas em geral, ordinariamente em oposição à agricultura [...]⁷⁶.

Embora ao longo dos dois últimos séculos, o conceito de “indústria” tenha sido, cada vez mais, associado, com o avanço da chamada Revolução Industrial, ao sistema de fábrica, é interessante perceber como, na primeira metade do século XIX, especialmente no discurso saint-simoniano, esse termo podia ser relacionado a qualquer atividade considerada produtiva, fosse ela artesanal, mecânica, manufatureira ou comercial. Saint-Simon, no excerto citado de seu *Catéchisme des industriels*, ligava a indústria inclusive à agricultura, em uma relação que também era permitida pelo primeiro significado de “industrie” do *Dictionnaire de l'Académie Française*: “ofício que se exerce para viver”.

Um boa forma de iniciar a discussão sobre os usos do conceito de “indústria” nos escritos de Michel Chevalier parece ser retomar brevemente a publicação *Politique industrielle et système de la Méditerranée* (1832), obra em que apresentou algumas de suas principais concepções sobre o que conceituava como “política industrial” e em que propunha a construção do que chamou de “sistema do Mediterrâneo”, ou seja, a interligação das regiões mediterrâneas por meio de um conjunto de estradas de ferro e canais.

⁷⁵ *Ibidem*, pp. 9-10.

⁷⁶ No original: “INDUSTRIE, s. f. Dextérité, adressé à faire quelque chose [...]. / Il se dit quelquefois d'Une profession mécanique ou mercantile, d'un art, d'un métier que l'on exerce pour vivre [...]. / INDUSTRIE, se dit aussi Des arts mécaniques et des manufactures en general, ordinairement par opposition'à l'agriculture [...]”. *Dictionnaire de l'Académie Française*. Paris: Imprimerie Fermin Didot Frères, 1835, tomo II, p. 30.

Entende-se aqui que a concepção saint-simoniana de “indústria”, chave para a compreensão dos textos de Chevalier, carregava uma profunda conotação utópica. De acordo com essa perspectiva, apenas o desenvolvimento industrial poderia prover um novo mundo marcado pelas benesses materiais para os homens e pela paz entre as nações. É possível afirmar, nesse sentido, que Chevalier não somente fazia parte do que Pierre Musso entendia como “religião industrial”⁷⁷, mas que, além disso, elaborou, em seu texto, o que poderia ser chamada de uma “utopia industrial”.

Em primeiro lugar, se faz necessária aqui uma breve discussão sobre a compreensão do conceito de “utopia” neste trabalho. Seguindo algumas pistas fornecidas por Bronislaw Baczko, é possível ressaltar uma ambiguidade imediata na origem grega do termo. Segundo ele, “utopia” poderia ser tanto “a região da felicidade e da perfeição” como “a região que não existe em parte alguma”. Para o que interessa à argumentação desta tese, tratando das utopias do século XIX, Baczko afirma:

Na primeira metade do século XIX, a grande massa de textos utópicos é constituída por livros, ensaios, jornais, etc., que expõem ‘sistemas’ de reformas sociais apoiados numa crítica mais ou menos radical da sociedade contemporânea, numa filosofia da história, numa reflexão religiosa ou ainda em análises econômicas. A continuidade relativamente às anteriores utopias é indiscutível; continua a tratar-se de representações de uma sociedade outra, coerente, transparente e harmoniosa, cujo projeto de fundação se encontra plenamente realizado nas imagens do cotidiano, povoados por homens novos que gozam de uma vida feliz e costumes regenerados. Contudo, a própria situação dessas ideias-imagens no espaço cultural e social sofreu uma profunda mutação. As utopias são agora avançadas como outras tantas soluções a aplicar, *hic et nunc*, a fim de responder à crise que aflige a sociedade e, designadamente, às consequências nefastas da urbanização crescente e da industrialização capitalista em pleno andamento. As representações da sociedade outra situam-se num futuro apresentado como estando ao alcance da mão. Futuro imaginado, decerto, mas de modo algum quimérico ou sustentado pelo discurso ficcional: o seu advento seria assegurado pela própria marcha da história, pelas suas “leis”, ou seja, outras tantas fórmulas para designar o Progresso cujo apogeu seria atingido com a utopia realizada⁷⁸.

⁷⁷ MUSSO, *La religion industrielle*, op. cit.

⁷⁸ Ver BACZKO, Bronislaw. “Utopia”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, vol. 5, pp. 347; 355-356. Ver ainda o clássico MANNHEIM, Karl. *Ideologia y utopia: introducción a la sociología del conocimiento*. 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1987; e o recente CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições SESC-SP, 2013. Um

Dessa forma, para Baczkó, diferentemente das utopias anteriores, muito fortemente alicerçadas sobre um discurso religioso ou associadas a lugares distantes e intangíveis, as da primeira metade de século XIX constituem-se como grandes projetos de reformas sociais e como respostas à dupla revolução das décadas finais do século XVIII. Em outras palavras, o discurso utópico não mirava mais nesse período a concepção de um plano ultraterreno ou afastado geograficamente de um país ideal, mas a de um futuro teoricamente palpável produzido pelas transformações materiais. No caso de Michel Chevalier em particular e dos saint-simonianos de maneira geral, resultava na exaltação das possibilidades apresentadas pela “indústria”.

Partindo de premissas muito similares, Antoine Picon destaca, em síntese, as mudanças operadas no discurso utópico entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX:

A utopia descrevia uma sociedade que tinha poucas chances de se realizar. O discurso utópico torna-se progressivamente reformador, mesmo revolucionário. A utopia não estava em lugar nenhum; ela se transforma em um programa destinado a ser aplicado em todo lugar. A utopia se inscrevia no presente; ela se volta doravante para um futuro próximo ou distante em direção ao qual a humanidade se encaminha inexoravelmente [...] Mais importante ainda que essas mudanças de registro espaço-temporal, a utopia conhece uma transformação profunda na relação que ela trava com a sociedade. De um gênero literário bastante confidencial, passa a movimentos mobilizadores de numerosos atores⁷⁹.

Nesse sentido, a utopia não se encontrava mais em um plano outro, estava, ao contrário, profundamente atrelada às condições materiais da existência. Dessa forma, a concepção saint-simoniana de “indústria”, chave para a compreensão dos textos de Chevalier, carregava uma profunda conotação utópica, compreendendo que apenas o

bom mapeamento das utopias na primeira metade do século XIX está em SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

⁷⁹ No original: “L’utopie décrivait une société ayant peu de chances de se réaliser. Le discours utopique devient progressivement réformateur, voire révolutionnaire. L’utopie était nulle part; elle se transforme en un programme destiné à s’appliquer en tout lieu. L’utopie s’écrivait au présent; elle se décline désormais dans un futur proche ou lointain vers lequel l’humanité s’achemine inexorablement [...]. Plus important encore que ces changements de registre spatio-temporel, l’utopie connaît une transformation profonde du rapport qu’elle entretient avec la société. D’un genre littéraire plutôt confidentiel, on passe à des mouvements mobilisant de nombreux acteurs.”. In: PICON, *Les saint-simoniens*, p. 25.

desenvolvimento industrial poderia prover um novo mundo. Para Chevalier, em síntese, não era a guerra, mas “a indústria é quem alimenta os impérios”⁸⁰.

Na constituição dessa “utopia industrial” saint-simoniana, pode-se afirmar ainda a utilização de uma retórica de inspiração claramente religiosa, que associava a formação de uma “sociedade industrial” a um futuro quase sacralizado dos homens. Essa concepção pode ser encontrada de maneira lapidar, por exemplo, nas palavras de Michel Chevalier em *Politique industrielle et système de la Méditerranée*. Segundo ele, “O tempo está próximo em que, segundo a promessa promulgada por Isaías, o ferro das lanças e das espadas se transformará em arado; pois o advento da indústria está escrito no horizonte”⁸¹.

Arauto de um discurso que, em grande medida, mesclava tópicos messiânicos (“O tempo está próximo”) e referências a profecias bíblicas (“promessa promulgada por Isaías”), Chevalier apontava, a partir de uma teoria da História de caráter etapista, para a constituição teleológica de um futuro industrial e utópico (“o advento da indústria está escrito no horizonte”) em substituição à sociedade militar e nobiliárquica em que ainda vivia (“o ferro das lanças e das espadas se transformará em arado”). Nos termos do autor, a “regeneração industrial”⁸² significaria a riqueza de todas as classes e a melhora da sociedade como um todo:

A atividade industrial enriquece todas as classes, tanto o milionário capitalista quanto o último dos aprendizes. Quando a indústria prospera, o operário ganha altos salários, o mestre realiza grandes benefícios. Quando a indústria prospera, o interesse dos capitais é menos elevado, mas o proprietário dos capitais está então seguro contra o sinistro da bancarrota, e para ele nada é mais essencial⁸³.

Mesclando retórica de origem religiosa, concepções acerca de projetos pragmáticos de infraestrutura e projeções sobre um futuro idealizado dos homens e

⁸⁰ No original: “l’industrie est la nourricière des empires”. CHEVALIER, Michel. *Politique industrielle et Système de la Méditerranée*. Paris: [s.e.], 1832, p. 8.

⁸¹ No original: “Le temps est proche où, selon la promesse promulguée par Isaïe, le fer des lances et des épées se transformera en socs de charrue; car l’avènement de l’industrie est écrit à l’horizon”. *Ibidem*, p. 22.

⁸² *Ibidem*, pp. 36 e 38.

⁸³ No original: “L’activité industrielle enrichit toutes les classes, aussi bien le capitaliste à millions que le dernier des apprentis. Quand l’industrie prospère, l’ouvrier gagne de grosses journées, le maître réalise de gros bénéfices. Quand l’industrie prospère, l’intérêt des capitaux est moins élevé, mais le propriétaire des capitaux est alors assuré contre le sinistre de la banqueroute, et pour lui rien n’est plus essentiel.”. *Ibidem*, p. 33.

povos, Michel Chevalier constituiu-se como um dos principais defensores de uma “utopia industrial” profundamente influente não somente em sua época, mas em períodos posteriores.

Por uma viagem industrial

Mesmo se destacando o caráter utópico da narrativa saint-simoniana acerca da “indústria”, deve-se ressaltar, mais uma vez, que tais concepções vinculavam-se necessariamente a aspectos materiais e transformações vivenciadas na produção, no trabalho e nas relações cotidianas.

Entre fins do século XVIII e inícios do século XIX, um novo elemento pode ser apontado, nesse sentido, como resultado essencial das transformações promovidas pela chamada Revolução Industrial: a intensificação do movimento de circulação de ideias, pessoas e mercadorias ao redor do globo, proporcionada, em grande medida, pela adoção do vapor como fonte de energia nos meios de transporte. Grande motor das mutações técnicas e econômicas que vicejaram, especificamente, na Grã-Bretanha, a partir da segunda metade do século XVIII, a utilização da termodinâmica que vinha sendo testada na Europa desde o fim do século XVII, desenvolveu-se com os experimentos de Thomas Newcomen (1664-1729), alcançando seu modelo mais conhecido com a máquina a vapor movida a carvão mineral, patenteada por James Watt (1736-1819), em 1769. O uso dessa tecnologia, inicialmente concebida para agilizar a produção nas indústrias têxteis inglesas, constituiu-se como peça central para as mudanças nos meios de transporte nas primeiras décadas do século XIX, com as primeiras estradas de ferro e canais fluviais, inicialmente na Inglaterra e, posteriormente, nos Estados Unidos e em algumas regiões da Europa ocidental⁸⁴.

Bastante instigado por essas importantes transformações, Michel Chevalier associava, em seus textos, a velocidade e a diminuição das distâncias promovidas pelo desenvolvimento das novas tecnologias de transporte não somente aos ganhos econômicos, mas ao estabelecimento também de liberdades políticas e da igualdade social. Essa discussão esteve presente, durante sua viagem às Américas, em suas *Lettres*

⁸⁴ Sobre a Revolução Industrial e o desenvolvimento da energia a vapor, ver o clássico LANDES, David S. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, especialmente pp. 98-110; ver também RIOUX, Jean-Pierre. *La révolution industrielle, 1770-1880*. Paris: Seuil, 1989.

sur l'Amérique du Nord. Em carta escrita em Nova Orléans, por exemplo, datada de janeiro de 1835, o viajante afirmava que:

Melhorar as comunicações, é, pois, trabalhar pela liberdade real, positiva e prática, é fazer todos os membros da família humana participarem da faculdade de percorrer e explorar o globo que lhes foi dado como patrimônio; é estender os privilégios ao maior número tanto e tão bem quanto seja possível fazer pelas leis de eleição. Eu diria mais, é fazer a igualdade e a democracia. Os meios de transporte aperfeiçoados tem por efeito reduzir as distâncias não somente de um ponto a outro, mas ainda de uma classe a outra. Lá onde o rico e o homem poderoso não viajam senão com uma pomposa comitiva, enquanto o pobre, que vai de sua vila à vila vizinha, arrastando-se solitariamente no meio da lama, da areia, das rochas e dos matagais, a palavra igualdade é uma mentira; a aristocracia aí é evidente⁸⁵.

A possibilidade de se deslocar com as facilidades proporcionadas pelo aperfeiçoamento dos transportes se configurava, portanto, como a síntese de uma concepção que defendia que o advento da democracia podia ser definido como essencialmente caudatário dos avanços da indústria⁸⁶. Na sequência do texto acima, Chevalier exemplificava essa relação da seguinte maneira:

Na Índia e na China, nos países maometanos, na Espanha meio árabe e em sua América, pouco importa que o país se chame república, império ou monarquia moderada. Lá, o cultivador ou o operário não pode ser tentado a se crer igual ao guerreiro, ao brahamine, ao mandarim, ao paxá ou ao nobre cujo cortejo o afasta ou o derruba. Apesar disso, vendo-o vir, ele se detém tomado de um temor respeitoso, e se inclina servilmente a sua passagem. Ao contrário, na Grã-Bretanha, a despeito dos privilégios magníficos e da opulência dos lordes, o *mechanic* e o trabalhador que podem ir ao trabalho pegar seu *ticket* para viajar na estrada de ferro, contanto que tenham alguns shillings em seu

⁸⁵ No original: “Améliorer les communications, c'est donc travailler à la liberté réelle, positive et pratique; c'est faire participer tous les membres de la famille humaine à la faculté de parcourir et d'exploiter le globe qui lui a été donné en patrimoine; c'est étendre les franchises du plus grand nombre autant et aussi bien qu'il est possible de le faire par des lois d'élection. Je dirai plus, c'est faire de l'égalité et de la démocratie. Des moyens de transport perfectionnés ont pour effet de réduire les distances non seulement d'un point à un autre, mais encore d'une classe à une autre classe. Là où le riche et l'homme puissant ne voyagent qu'avec une pompeuse escorte, tandis que le pauvre, qui va de son village au village voisin, se traîne solitairement au milieu de la boue, des sables, des rochers et des broussailles, le mot d'égalité est un mensonge; l'aristocratie y crève les yeux”. CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. II, pp. 3.

⁸⁶ Sobre os impactos da tecnologia a vapor nas viagens do século XIX, ver FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e relatos: representações e materialidades nos périplos latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018, pp. 147-168.

bolso, e que têm o direito, pagando, de estar sentado no mesmo carro, no mesmo banco, lado a lado, com o barão ou o duque e seus pares, sentem sua dignidade de homem, e compreendem, imediatamente, que entre a nobreza e eles não existe um abismo intransponível⁸⁷.

Na interpretação de Chevalier, portanto, quanto mais industrial fosse um país, mais democráticas seriam as suas relações sociais e menores os abismos entre as classes. Viajando pelos Estados Unidos, o autor voltava suas atenções à Inglaterra como exemplo de país em que a igualdade de condições poderia estar associada às possibilidades de circulação e mobilidade, em outras palavras, à própria ideia de viagem. Ao contrário, a Índia, a China, os “países maometanos”, a Espanha e a “sua América” seriam regiões que conjugariam, em seu atraso, maiores dificuldades para se viajar e uma maior desigualdade social. O avanço da modernidade e da indústria poderia ser sentido, dessa forma, pela própria facilidade de circulação pelo globo em meados do século XIX em comparação com épocas passadas: “Um dos pontos em que nossas sociedades modernas mais diferem das sociedades antigas é, sem dúvida, a facilidade das viagens. Viajar era possível outrora somente ao patricio. Para viajar, mesmo sendo filósofo, era preciso ser rico”⁸⁸. Viagem, indústria e democracia se constituíam, enfim, como ideias correlacionadas no texto de Chevalier.

É importante afirmar, entretanto, que a viagem não era entendida nas *Lettres sur l'Amérique du Nord* somente como fruto da indústria dadas as então recentes inovações técnicas que foram se estabelecendo no mundo ocidental desde a segunda metade do século XVIII, mas também como espaço para o seu aprendizado.

Grande parte das reflexões elaboradas pelo autor sobre o assunto pode ser encontrada nas duas primeiras cartas de sua obra, ambas escritas durante a sua estadia na Inglaterra. Antes de embarcar para os Estados Unidos, o engenheiro saint-simoniano

⁸⁷ No original: “Dans l'Inde et en Chine, dans les pays mahométahs, dans l'Espagne à demi arabe et dans son Amérique, peu importe que le pays s'appelle république, empire ou monarchie tempérée. Le cultivateur ou l'ouvrier ne peut y être tenté de se croire l'égal du guerrier, du brahmine, du mandarin, du pacha ou du noble dont le cortège l'éclaboussé ou le renverse. Malgré lui, le voyant venir, il s'arrête saisi d'une crainte respectueuse, et s'incline servilement à son passage. Au contraire, dans la Grande-Bretagne, en dépit des privilèges magnifiques et de l'opulence des lords, le mechanic et le laboureur qui peuvent aller au bureau prendre leur ticket pour voyager en chemin de fer, pourvu qu'ils aient quelques shellings dans leur poche, et qui ont le droit, en payant, d'être assis dans la même voiture, sur la même banquette, côte à côte avec le baronnet ou le duc et pair, sentent leur dignité d'homme, et comprennent, à toucher du doigt, qu'entre la noblesse et eux il n'existe pas d'abîme infranchissable”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. II, pp. 3.

⁸⁸ No original: “Un des points par lesquels nos sociétés modernes diffèrent le plus des sociétés antiques, est sans contredit la facilité des voyages. Voyager n'était possible autrefois qu'au patricien. Pour voyager alors, même en philosophe, il fallait être riche”. *Ibidem*, p. 1.

esteve em Londres e Liverpool, cidades que motivaram suas primeiras discussões. Assim como destacado nas citações do início do capítulo, a presença de Chevalier na Inglaterra teria representado para o autor uma reconfiguração de suas próprias impressões e perspectivas acerca da França, sua terra natal, marcando o reconhecimento, em seus textos, da importância de se “atravessar a fronteira” como forma não somente de reconhecer o “outro”, mas também a si mesmo. Mais que isso, a viagem, na interpretação do autor, poderia se constituir como importante veículo de instrução para os homens.

A primeira carta de seu livro de viagem sobre a América do Norte, intitulada “Le chemin de fer de Paris à Londres” [A estrada de ferro de Paris a Londres], ressaltava a necessidade da construção de uma estrada de ferro que facilitasse as comunicações, os contatos e a circulação de ideias, pessoas e mercadorias entre as cidades de Paris e Londres. Embora esse empreendimento pudesse promover, na visão de Chevalier, ganhos mútuos, os principais beneficiários dessa obra seriam os franceses que teriam, a partir de então, o privilégio de poderem aprender algo com o industrialismo inglês. Ressaltando a dicotomia entre o conhecimento teórico sobre o estrangeiro e o contato empírico com o outro, Chevalier afirmava a primazia deste último para a instrução dos homens e das sociedades. A indústria inglesa seria, portanto, mais bem apreendida pelos franceses quando estes “atravessassem a fronteira” e vissem, com seus próprios olhos, os avanços promovidos para além do Canal da Mancha:

O desenvolvimento industrial não é todo o desenvolvimento humano. Mas, a partir do século XIX, nenhum povo será admitido a se fazer contar no primeiro grupo das nações se não avançar na carreira industrial, se não souber produzir e trabalhar. Nenhum povo será poderoso se não for rico, e se enriquece somente pelo trabalho. Em termos de trabalho e de produção, nós temos muito a emprestar dos ingleses, e é um tipo de empréstimo que se faz pelos olhos melhor que pelo ouvido, pela observação melhor que pela leitura⁸⁹.

⁸⁹ No original: “Le développement industriel n'est pas tout le développement humain. Mais, à dater du dix-neuvième siècle, nul peuple ne sera admis à se faire compter au premier rang des nations s'il n'est avancé dans la carrière industrielle, s'il ne sait produire et travailler. Nul peuple ne sera puissant s'il n'est riche, et l'on ne s'enrichit plus que par le travail. En fait de travail et de production, nous avons beaucoup à emprunter aux Anglais, et c'est un genre d'emprunt qui se fait par les yeux mieux que par l'ouïe, par l'observation mieux que par la lecture.”. *Ibidem*, vol. I, p. 6.

A viagem torna-se importante no texto de Chevalier, posto que, para o autor, “ver” adquire uma conotação superior a “ouvir”. No aprendizado da indústria, a “observação” seria mais efetiva que a “leitura”, a “visão”, portanto, um sentido mais importante que a “audição”⁹⁰. Nas palavras das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, para além dos resultados econômicos, políticos e diplomáticos de um empreendimento como uma estrada de ferro ligando Paris a Londres, “é sobretudo como instrumento de educação que importa recomendá-la; [...] A indústria, dizia eu, se aprende particularmente pelos olhos”⁹¹. Atravessar a fronteira significaria educar, por meio dos olhos, os homens, introjetando-lhes, dessa forma, os valores da indústria⁹².

Uma leitura atenta dos relatos de Michel Chevalier demonstra a existência, em seus textos, de uma espécie de tipologia das viagens, a qual começava a ser formulada em suas cartas destinadas a discutir sua passagem pela Inglaterra. Em suas reflexões, o engenheiro saint-simoniano questionava os motivos que levavam determinados viajantes franceses a atravessar o Canal da Mancha e criticava a forma como realizavam suas peregrinações às terras britânicas. Segundo ele:

No pequeno número de franceses que tem visitado a Inglaterra, é ainda somente a minoria que tem feito a viagem para assuntos da indústria ou da ciência. A maior parte a empreendeu por curiosidade vaga, por prazer. O que eles têm procurado sobretudo é o pitoresco, o poético. Eles têm visitado as ruínas góticas, os monastérios e os castelos fortificados, a gruta de Fingal e os lagos da Escócia; eles têm admirado o traje dos *Highlanders*, os cavalos e os jóqueis dos grandes senhores, a tez rosada das mulheres. Eles têm percorrido um ou dois parques, atravessado as estufas quentes onde todas as plantas do universo estão reunidas, enfrentando o céu cinza da Grã-Bretanha. Eles passearam sob o acompanhamento de um sargento pelos arsenais militares quando puderam obter permissão. Eles têm passado em revista as jovens beldades dos bailes do Almack e as antiguidades da torre de Londres. Eles têm feito a viagem à Inglaterra como fariam à Itália ou à Suíça⁹³.

⁹⁰ Para uma hierarquização dos sentidos, especialmente a “visão” e a “audição” nos relatos de viagem, ver as sugestões de HARTOG, François. “O olho e o ouvido”. In: *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, pp. 290-335.

⁹¹ No original: “c’est surtout comme instrument d’éducation qu’il importe de le recommander; [...] L’industrie, disais-je, s’apprend particulièrement par les yeux” CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, vol. I, p. 9.

⁹² No original, em francês, a citação adquire ainda mais força dado o duplo sentido do verbo “apprendre”, cujo significado seria tanto “aprender” quanto “ensinar”.

⁹³ No original: “Dans le petit nombre des Français qui ont visité l’Angleterre, ce n’est encore que la minorité qui a fait le voyage pour affaires d’industrie ou de science. La plupart l’ont entrepris par curiosité vague, par partie de plaisir. Ce qu’ils ont cherché partout, c’est le pittoresque, le poétique. Ils ont visité les

O primeiro movimento do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, no excerto acima, é afirmar a pequena quantidade de viagens realizadas por franceses à Grã-Bretanha e, em seguida, questionar suas motivações. A crítica de Chevalier recaía, sobretudo, sobre aqueles que iam à Inglaterra como se fossem à Itália ou à Suíça, ou seja, iam à busca do pitoresco e do poético, quando deveriam ir em busca dos assuntos da indústria e da ciência. É possível notar a desqualificação dessas viagens, especialmente quando se recorda que, para Chevalier, atravessar o Canal da Mancha significava apreender e aprender, com os próprios olhos, os progressos da indústria que se davam naquele país. Essa concepção educativa se contrapunha, em sua interpretação, aos itinerários que vinham se fazendo até então, empreendidos unicamente pela curiosidade vaga e pelo prazer.

Essa argumentação exposta no relato ganhava, na sequência, contornos ainda mais radicais como se pode perceber no excerto abaixo:

Na Inglaterra, os monumentos e o pitoresco são somente acessórios, ao menos para aquele que vai procurar ali o que se deve demandar à Inglaterra. Se quiseses correr atrás do pitoresco, vai à Suíça; se tiveres a paixão pelos velhos edifícios, joga-te à Itália, corre às margens do Reno, passeia entre as naves de Flandres e da Bélgica; se não tiveres medo da peste e dos insetos repugnantes que estavam no Egito antes da cólera de Moisés, atravessa o Mediterrâneo, vai às margens do Nilo, ao Oriente, à Grécia; sobe as Pirâmides, senta-te no Parthenon, aos pés das colunas que viram Miltíades e Péricles; recolhe um pouco da terra santa pisoteada pelos Cipiões e que motivaram o sangue de César. Se necessitares de cidades monumentais, permanece no continente e percorre as capitais da Alemanha que seus reis embelezaram à vontade. Se amares os museus, se fores idólatra da pintura e da escultura, parte para a cidade eterna, ou vai ver o que nós deixamos de Murillo nas catedrais da Espanha. Se preferires as festas majestosas e as cerimônias solenes, toma uma diligência e dirige-te a São Petersburgo no dia em que o imperador passa em revista sua guarda; ou encontra-te em Roma durante a semana

ruines gothiques, des monastères et des chateaux forts, la grotte de Fingal et les lacs d'Écosse; ils ont admiré le costume des Highlanders, les chevaux et les jockeys des grands seigneurs, le teint rosé des femmes. Ils ont parcouru un ou deux parcs, traversé les serres chaudes où toutes les plantes de l'univers sont réunies, bravant le ciel gris de la Grande-Bretagne. Ils se sont promenés sous l'escorte d'un sergent dans les arsenaux militaires, quand ils ont pu en obtenir la permission. Ils ont passé en revue les jeunes beautés des bals d'Almack et les antiquailles de la tour de Londres. Ils ont fait le voyage d'Angleterre comme on ferait celui d'Italie ou de Suisse.” *Ibidem*, pp. 10-11.

santa, ou está lá quando o sucessor de São Pedro der sua benção ao universo; pois é ainda o mais imponente espetáculo que há no mundo⁹⁴.

Das duas citações reproduzidas acima, nasce imediatamente uma implicação inicial: a diferenciação essencial constituída pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* entre, de um lado, viagens que buscavam encontrar o pitoresco e o poético e, de outro, viagens que deveriam ter como objetivo o desenvolvimento e, acima de tudo, o aprendizado da indústria e das ciências. De acordo com a concepção de Chevalier, aquele que desejasse viajar à Inglaterra e estivesse procurando esse tipo de *gran tour*, estaria cometendo um grande equívoco. Cabe se perguntar aqui, o que o viajante teria que observar, segundo a visão do engenheiro saint-simoniano, durante sua permanência na Grã-Bretanha?

Aquele que pretende voltar satisfeito da Inglaterra deve ir visitá-la como a rainha da indústria. Deve ver a City mais que o *Regent's Park*, o palacete da Companhia das Índias mais que o castelo de Windsor, informar-se do Banco [da Inglaterra] antes que da [Catedral de] São Paulo, do *Clearing-House* mais que do *Somerset-Palace*; inquietar-se mais com as docas e a *Maison Commerciale* que com as armaduras deixadas na Torre. Deve se introduzir nas lojas e balcões, e correr às oficinas à espreita do gênio da Grã-Bretanha. Deve se furtar à magnífica hospitalidade das casas de campo inglesas, para ter mais tempo a consagrar às minas e às forjas que fornecem à indústria seu pão cotidiano, o carvão e o ferro. Deve se misturar a essa população operária tão robusta e tão ativa, tanto quanto à sociedade mais refinada dos salões da nobreza. Para mim, não encontro nada em Londres que me tenha parecido mais original e me tenha dado mais prazer que

⁹⁴ No original: “En Angleterre les monuments et le pittoresque ne sont que des accessoires, pour celui du moins qui va y chercher ce qu'on doit demander à l'Angleterre. Si vous courez après le pittoresque, allez en Suisse; si vous avez la passion des vieux édifices, jetez-vous en Italie, courez les bords du Rhin, promenez-vous parmi les neufs de la Flandre et de la Belgique; si vous n'avez pas peur de la peste et des insectes dégoûtants qui étaient en Égypte avant la colère de Moïse, traversez la Méditerranée, allez au bord du Nil, en Orient, en Grèce; vous grimpez sur les Pyramides, vous vous assoierez au Parthénon, au pied des colonnes qui virent Miltiade et Périclès; vous ramasserez un peu de la terre sacrée que foulèrent les Scipions et qui but le sang de César. S'il vous faut des cités monumentales, restez sur le continent et parcourez ces capitales d'Allemagne que leurs rois embellissent à l'envi. Si vous aimez les musées, si vous êtes idolâtre de peinture et de sculpture, partez pour la ville éternelle, ou allez voir ce que nous avons laissé de Murillo dans les cathédrales d'Espagne. Si vous préférez les fêtes majestueuses et les cérémonies solennelles, prenez une chaise de poste, et trouvez-vous à Saint-Pétersbourg le jour où l'empereur passe la revue de sa garde; ou rendez-vous à Rome pendant la semaine sainte, et soyez là quand le successeur de saint Pierre donne sa bénédiction à l'univers; car c'est encore le plus imposant spectacle qu'il y ait au monde.”. Aqui parece importante destacar uma opção de tradução. Chevalier se utiliza na maior parte da citação do imperativo na segunda pessoa do plural “vous” que em francês representa o tratamento formal. Preferiu-se aqui, para manter a formalidade e adaptar o texto ao português a segunda pessoa do singular “tu”. *Ibidem*, pp. 12-13.

um estabelecimento de vendas situado na *Old-Change*, cujas lojas continham vinte vezes mais mercadorias que a maior loja de Paris, e onde se fazem anualmente 45 milhões de negócios; e, sobretudo, que a cervejaria de Barclay, Perkins & Co., próxima à Ponte de Londres, cuja distribuição e ordem são mais curiosas ainda que sua vasta extensão⁹⁵.

Chevalier exaltava a modernidade industrial britânica. A Inglaterra que deveria ser visitada e conhecida, portanto, não era a dos parques, castelos medievais ou casas de campo aristocráticas, mas sim aquela que se tornara a “rainha da indústria”. As comparações que vinham se realizando até então, ao longo dessa argumentação, entre, de um lado, a viagem pitoresca e, de outro, a viagem industrial ganhavam novos contornos a bordo do trem que levava o autor ao porto de Liverpool, para dali partir à América, resultando, como se pode notar na citação abaixo, na sobrevalorização dessa modernidade industrial perante signos de uma tradição que poderia remontar ao passado clássico da Europa. Segundo ele:

O calçamento lançado sobre o pântano de Chat oferece, parece-me, tanto interesse quanto os cacos das vias romanas mais renomadas, mesmo da via Ápia. Há aqui tal coluna que, para servir de chaminé a uma máquina a vapor, não é menos, em suas proporções tão elegantes, que a coluna de Pompeu [...]; sem contar que ao ver os fragmentos de carvão inflamado que a máquina semeia em sua rota, se pode, sem custo à imaginação, persuadir-se que se está sendo levado por uma carruagem de fogo, que é de todos os veículos seguramente o mais poético⁹⁶.

⁹⁵ No original: “Celui qui tient à revenir satisfait d'Angleterre, doit aller la visiter comme la reine de l'industrie. Celui-là doit voir la Cité plus que Regent's Park, l'hotel de la Compagnie des Indes plutôt que le château de Windsor, s'informer de la Banque avant que de Saint-Paul, du Clearing-House plutôt que du Somerset-Palace; s'inquiéter plus des docks et de la Maison Commerciale que des armures déposées dans la Tour. Il doit s'introduire dans les magasins et les comptoirs, et courir les ateliers à l'affût du génie de la Grande-Bretagne. Il doit se dérober à la magnifique hospitalité des maisons de campagne anglaises, pour avoir plus de temps à consacrer aux mines et aux forges qui fournissent à l'industrie son pain quotidien, le charbon et le fer. Il doit se frotter à cette population ouvrière si robuste et si active, tout autant qu'à la société la plus raffinée des salons de la noblesse. Pour moi, je n'ai rien trouvé à Londres qui m'ait paru plus original et m'ait fait plus de plaisir qu'un établissement de vente situé dans Old-Change, dont les magasins contiennent vingt fois autant de marchandises que le plus grand magasin de Paris, et où il se fait annuellement pour 45 millions d'affaires; et surtout que la grande brasserie de Barclay, Perkins et Co. près du Pont-de-Londres, dont la distribution et l'ordre sont plus curieux encore que sa vaste étendue.” *Ibidem*, pp. 13-14.

⁹⁶ No original: “La chaussée lancée à travers le marais de Chat offre, il me semble, autant d'intérêt que les débris des voies romaines les plus renommées, de la voie Appienne elle-même. Il y a là telle colonne qui, pour servir de cheminée à une machine à vapeur, n'en est pas moins dans des proportions aussi élégantes peut-être que la colonne de Pompée [...]; sans compter qu'à voir les fragments de coke enflammé que la machine sème sur sa route, on peut, sans se mettre en frais d'imagination, se persuader qu'on est emporté par un char de feu, ce qui est assurément de toutes les voitures la plus poétique”. *Ibidem*, pp. 20-21.

A Inglaterra, símbolo de um futuro industrial, nada ficaria a dever, nesse sentido, às grandes referências legadas pelo passado europeu.

Como já foi dito, Michel Chevalier definia, em seu relato, a existência de dois tipos de viagem: de um lado, a que partiria em busca do que poderia ser chamado aqui de “tradicional”, abarcando a história e o passado do Velho Mundo, que incluiria não somente regiões “pitorescas” da Europa, mas também símbolos da Antiguidade como Egito e mesmo a Grécia que à época havia acabado de se tornar independente do Império Otomano; e, de outro, a que deveria procurar o aprendizado da “modernidade”, exemplificada pelos avanços industriais da Grã-Bretonha⁹⁷. Chevalier, que claramente demonstrava sua preferência por esse último tipo de viagem, afirmava: “Felizes os povos que, como a França e a Inglaterra, tiveram a força de sacudir o passado, e que, tranquilos sobre suas liberdades, se ocupam somente do futuro!”. Pelo contrário, infeliz o povo que se prendesse ao passado, pois “ele morrerá de consumpção, e não restará nele mais que ruínas, que poderão ser poéticas, mas que não serão menos ruínas”⁹⁸.

Dessa forma, analisadas as citações acima, podem ser ressaltadas, na construção do argumento do autor, em primeiro lugar, a crítica ao modo como as viagens francesas à Inglaterra vinham sendo feitas, e, em seguida, as concepções sobre como e por que deveriam ser feitas de modo diverso. Michel Chevalier, em seu relato, prescreve um método, sugere um itinerário e direciona o olhar dos futuros viajantes.

Pode-se dizer, de certa forma, que o olhar para a Inglaterra, proposto por Chevalier, deveria se voltar aos assuntos da indústria e, mais que isso, se preocupar especialmente com o aprendizado que a França deveria receber nesse campo em contato

⁹⁷ Utilizam-se no parágrafo dois conceitos bastante debatidos nas ciências humanas que se constituem na maior parte das vezes como pares opostos: “tradição” e “modernidade”. Ambos não se constituem como ideias naturais, mas como construções discursivas que ganham força no século XIX, pautadas em grande medida nas concepções ocidentais de progresso, e foram protagonistas nas ciências humanas durante o século XX, especialmente nos debates sobre a questão do “desenvolvimento”. Nesse sentido, entende-se aqui a “tradição”, mesmo quando “inventada”, como o pretensamente imutável, capaz de ligar, para o bem ou para o mal e frequentemente de maneira artificial, os homens ao passado. Por outro lado, a “modernidade”, termo bastante discutido e polêmico, poderia ser entendida aqui, de maneira bastante sucinta, como um percurso histórico marcado por transformações e mudanças que apontaria na direção do futuro. A utilização dos dois termos no texto são de minha inteira responsabilidade. Para essas questões, ver HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997; BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; e LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

⁹⁸ No original: “Heureux les peuples qui, comme la France et l'Angleterre, ont eu la force de secouer le passé, et qui, tranquilles sur leurs libertés, n'ont plus qu'à s'occuper de l'avenir!” e “il mourra de consomption, et il n'en restera plus que des ruines, qui pourront être poétiques, mais qui n'en seront pas moins des ruines”. Ambas as citações do parágrafo em CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, p. 18.

com os britânicos. Nesse sentido, atravessar o Canal da Mancha não significava unicamente mirar o “outro”, mas principalmente constituir uma reflexão sobre si próprio.

Não obstante, além da “utopia industrial” subjacente a suas interpretações a respeito das viagens explicitada nos textos de Michel Chevalier, um outro aspecto central de sua concepção de mundo deve ser destacado aqui: a defesa de uma concepção dialética da história e do desenvolvimento dos homens. É importante ressaltar que a compreensão de tais aspectos que subjaziam a produção intelectual do autor durante esses anos configura-se como essencial para desvendar suas interpretações sobre as Américas entre as décadas de 1830 e 1860.

A dialética das civilizações

Na primeira carta de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, escrita ainda em Londres, em fins de 1833, Michel Chevalier celebrava os sucessos da sociedade industrial e associava, de maneira curiosa, uma de suas mais proeminentes invenções, a pilha elétrica do italiano Alessandro Volta (1745-1827), à própria capacidade de desenvolvimento dos povos. Em suas palavras:

Entre todas as aquisições que, desde o fim do século passado, engrandeceram o domínio das ciências de observação, nenhuma abriu um campo mais vasto que a concepção de Volta sobre o desenvolvimento da eletricidade por contato e sobre seu movimento. Os fenômenos resultantes da comunicação de dois polos da pilha voltaica oferecem aos sábios uma mina inesgotável a explorar. Não há na ciência fato mais geral, pois basta que dois corpos quaisquer se toquem para que, reagindo um sobre o outro, eles formem uma pilha mais ou menos ativa [...]. Esse fato físico, material, tem uma analogia evidente na ordem moral. Quando se aproximam dois homens que até então haviam vivido distantes um do outro, desde que esses homens tenham alguma qualidade eminente, seu atrito produz inevitavelmente alguma faísca. Se em lugar de dois homens, os dois polos de sua pilha são dois povos, o resultado se alarga na proporção de um povo a um homem. Se os dois povos são a Inglaterra e a França, ou seja, as duas nações do universo mais ricas ainda em luzes e poder, essa espécie de fenômeno voltaico toma

uma intensidade prodigiosa. Ele talvez implica então nada menos que a saúde de uma civilização antiga ou o nascimento de uma nova civilização⁹⁹.

Como é possível perceber no excerto acima, a pilha voltaica funcionava, para Michel Chevalier, como uma espécie de metáfora de uma concepção de história que poderia ser chamada de dialética. Nela, os polos opostos se atrairiam, gerando energia e produzindo movimento e ação. Essa relação, válida, no texto do autor, para o invento de Volta, poderia ser aplicada também aos indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, o contato de dois povos diferentes, ou, em certa medida, opostos, resultaria no rejuvenescimento de sociedades em estado de convalescença ou no nascimento de novas civilizações. Mais que possível, a articulação entre duas nações ou formações sociais divergentes ou antagônicas era vista pelo viajante francês de maneira bastante positiva. Não somente quando se tratava de contatos entre a Inglaterra e a França, “as duas nações mais ricas do universo em luzes e poder”, conforme estabelecido no trecho destacado, mas em diversas outras situações. De acordo ainda com as teses do autor, uma nação que se concebesse a partir do confronto e da coexistência de duas naturezas distintas poderia ter, desde que uma delas não exercesse uma predominância absoluta e violenta sobre a outra, uma existência mais dinâmica.

É importante destacar que a associação construída pelo engenheiro saint-simoniano entre o progresso industrial e o desenvolvimento histórico dos povos em relação uns com os outros não era gratuita.

Os anos finais do século XVIII e, em grande medida, todo o século XIX, constituíram-se como um período da história global, e mais especificamente da história ocidental, marcado pela rapidez das transformações e pela velocidade das mudanças em termos econômicos, sociais, políticos e culturais¹⁰⁰. Marshall Berman localiza, nesse

⁹⁹ No original: “Parmi toutes les acquisitions que, depuis la fin du siècle dernier, ont agrandi le domaine des sciences d’observation, nulle n’a ouvert un champ plus vaste que la conception de Volta sur le développement d’électricité par contact et sur son mouvement. Les phénomènes résultant de la communication des deux pôles de la pile voltaïque offrent aux savants une mine inépuisable à exploiter. Il n’y a pas dans la science de fait plus général, puisqu’il suffit que deux corps quelconques se touchent pour que, réagissant l’un sur l’autre, ils forment une pile plus ou moins active [...]. Ce fait physique, matériel, a un analogue évident dans l’ordre moral. Lorsque vous rapprochez deux hommes que jusque là avaient vécu éloignés l’un de l’autre, pour peu que ces hommes aient quelque qualité éminent, leur frottement produit inévitablement quelque étincelle. Si au lieu des deux hommes, les deux poles de votre pile sont des peuples, le résultat s’élargit dans la proportion d’un peuple à un homme. Si les deux peuples sont l’Angleterre et la France, c’est-à-dire les deux nations de l’univers les plus riches encore en lumières et en puissance, cette espèce de phénomène voltaïque prend une intensité prodigieuse. Il n’implique alors rien moins peut-être que la salut d’une civilisation ancienne ou l’enfantement d’une nouvelle civilisation”. *Ibidem*, vol. I, pp. 2-3.

¹⁰⁰ Ver LANDES, *op. cit.*

período, o advento de uma nova fase do que chama de fenômeno da “modernidade”. Se em um primeiro momento, entre os séculos XVI e XVIII, os homens apenas estariam começando a experimentar os esboços de uma vida moderna, o quadro que se formou a partir da grande onda revolucionária iniciada no Ocidente em 1789, a despeito das permanências do Antigo Regime que perpassaram todo o século XIX, desencadeou o início de uma era de “explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política”. Nessa tensão oitocentista entre o velho e o novo, teriam se constituído as bases para a elaboração dos grandes projetos modernizadores da Época Contemporânea, gerando, no século XX, uma nova fase no processo da modernidade¹⁰¹.

A aceleração do tempo histórico, sob o impacto da “dupla revolução” – a Revolução Francesa e a Revolução Industrial Inglesa – ocorrida na segunda metade do século XVIII¹⁰², foi sentida não somente nos desdobramentos e nas práticas sociais, mas também na maneira como os homens que foram afetados direta ou indiretamente pelo impacto desses eventos passaram a perceber e conceber o mundo em que viviam. Em termos filosóficos e epistemológicos, a premissa dialética, definida sinteticamente como “o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”¹⁰³, passou a frequentar, em oposição – embora em relação – à metafísica predominante até então, a retórica intelectual da elite letrada ocidental: suas grandes expressões, nesse período, foram certamente os alemães Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e Karl Marx (1818-1883)¹⁰⁴.

Conforme importante mapeamento do historiador francês Antoine Picon, os saint-simonianos, além de retomarem, em suas obras, teóricos centrais do século XVII como o físico inglês Isaac Newton e o filósofo e matemático francês René Descartes, também eram profundos conhecedores da filosofia germânica produzida entre a segunda metade do século XVIII e do início do XIX, apresentando-se como leitores atentos de Immanuel Kant e do próprio Hegel¹⁰⁵. Como exemplo dessas referências, a comparação

¹⁰¹ Ver BERMAN, *op. cit.*, pp. 15-35. A citação do parágrafo está na página 16. No sentido oposto, mas não obstante complementar, ao se pensarem as permanências do Antigo Regime nas sociedades europeias do século XIX, ver MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁰² HOBBSAWM, *A era das revoluções*, *op. cit.*, p. 13.

¹⁰³ KONDER, Leandro. *O que é dialética*. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 8.

¹⁰⁴ Ver COLLINGWOOD, Robin G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1972, pp. 184-202; e também BORNHEIM, Gerd A. *Dialética: teoria práxis*. Porto Alegre: Globo; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

¹⁰⁵ PICON, *op. cit.*, 2002.

citada anteriormente entre a pilha de Volta e os homens e nações não deixa de ecoar, por exemplo, as relações construídas por Newton entre a humanidade e os fenômenos físicos. Ao mesmo tempo, a temática saint-simoniana da aplicabilidade prática das ciências especulativas já estava presente anteriormente nas reflexões de Descartes¹⁰⁶.

Além disso, a concepção do desenvolvimento humano como fruto do antagonismo já encontrava desenvolvimento, por exemplo, em *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784), de Immanuel Kant, segundo o qual: “o meio de que a natureza se serve para realizar o desenvolvimento de todas as suas disposições é o *antagonismo* delas na sociedade, na medida em que ele se torna ao fim a causa de uma ordem regulada por leis desta sociedade. Eu entendo aqui por antagonismo a *insociável sociabilidade* entre os homens”¹⁰⁷. Para além da concepção do antagonismo como motor da história em Kant, a dialética hegeliana também encontrou seus desdobramentos nos textos saint-simonianos e, especificamente, em Chevalier.

Primeiramente, é preciso destacar que, para Hegel, admirador, em sua juventude, da Revolução Francesa (1789-1799) e do governo de Napoleão Bonaparte (1799-1815), o desenvolvimento dialético da História não era concebido ainda a partir da análise das condições materiais de existência propriamente ditas, como depois foi feito por Marx, mas, nos termos do autor, no âmbito do Espírito. O motor desse processo seria a consciência da liberdade e de sua busca pelos homens. Parece importante ressaltar ainda o caráter progressivo, evolutivo e teleológico da filosofia da História de Hegel que, em termos políticos, por exemplo, entendia o estabelecimento do Estado como concretização do Espírito de um povo específico. A partir dessa perspectiva, o desenvolvimento histórico se daria em decorrência da afirmação de uma identidade ou condição inicial (tese) que carregaria dentro de si uma contradição capaz de expor sua própria negatividade (antítese), produzindo algo novo que, ao mesmo tempo, transformaria e conservaria a identidade ou condição inicial (síntese), dando vazio à produção de um novo processo dialético¹⁰⁸.

Não se pretende aqui fazer uma associação ou transposição direta entre a filosofia alemã do início do século XIX e a perspectiva histórica de Chevalier, mas, em outro sentido, apontar para a circulação de ideias existente na Europa durante esses anos

¹⁰⁶ DROLET, Michael. “Industry, Class and Society: A Historiographic Reinterpretation of Michel Chevalier”. *The English Historical Review*, Vol. 123, No. 504 (Oct., 2008), pp. 1249.

¹⁰⁷ KANT, Immanuel. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 8. Grifos no original.

¹⁰⁸ BORNHEIM, *op. cit.*, pp. 49-52.

e para o conhecimento que se constituía na França sobre os saberes produzidos na outra margem do Reno. É importante afirmar, por outro lado, que as concepções históricas que o viajante francês desenvolveu se alicerçavam, nessa perspectiva, sempre na existência de pares antagônicos que em contato deveriam produzir desdobramentos e desenvolvimentos. Dois deles se configuram como essenciais para a compreensão do ideário saint-simoniano em Michel Chevaleir: Ocidente/Oriente e Masculino/Feminino.

Em relação ao estabelecimento de uma dicotomia entre Ocidente e Oriente no século XIX, muito já se discutiu acerca da construção de imagens representativas dos “orientais” elaboradas pelos “ocidentais”, convencionalmente compreendidas por meio do conceito de “orientalismo”¹⁰⁹. É possível dizer que as formulações contidas a esse respeito nos textos saint-simonianos podem ser apontadas como bastante relevantes não somente para a formulação de um “orientalismo teórico” na França, mas, de maneira mais ampla, pelo estabelecimento de projetos políticos e econômicos pragmáticos para o Oriente.

Mesmo que houvesse a constituição de um imaginário sobre o Oriente desde a Antiguidade, foi somente no XVIII que começaram a se consolidar na França projetos de intervenção direta sobre a região. A tradução de Antoine Galland, no início do Setecentos, das *Mil e uma noites* e as Campanhas do Egito promovidas por Napoleão no contexto das Guerras da Revolução Francesa que buscaram construir um saber sobre o “outro” com objetivos pragmáticos de intervenção são marcos importantes para a consolidação desse percurso¹¹⁰. Em meio a esse contexto de transformação nas relações entre ocidentais e orientais, as ideias saint-simonianas podem ser compreendidas somente quando relacionadas a um momento histórico, o início do século XIX, em que um debate sobre a presença francesa no Oriente estava na ordem do dia.

Nos termos das distinções entre o “masculino” e o “feminino”, é importante ressaltar que foi também apenas a partir da segunda metade do século XVIII e especificamente durante o século XIX, por meio do que pode ser chamado de teoria do

¹⁰⁹ De acordo com clássico de Edward Said: “O Orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o “Ocidente”. Assim, um grande número de escritores, entre os quais poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas, e administradores imperiais têm aceitados a distinção básica entre o Leste e o Oeste como ponto de partida para teorias elaboradas, epopeias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, ‘mentalidade’, destino e assim por diante”. Ver SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 29.

¹¹⁰ SAID, *op. cit.*; YANG, Jae Hyuk. *L'Orient de Saint-Simon et des saint-simoniens: une étude du discours (1825-1840)*. Thèse (Doctorat d'Histoire). Paris: Université Paris VIII – Saint-Denis, 2012, pp. 161-162.

dimorfismo, que as diferenças biológicas entre homens e mulheres passaram a ser consideradas como essenciais. Até então, desde a Antiguidade, as percepções sobre a diversidade entre os corpos se davam por meio da concepção de uma matriz única dos seres humanos e eram explicadas pela variedade dos calores vitais e pelo grau de perfectibilidade corporal sempre com supremacia hierárquica dos homens, conferindo-lhes superioridade sociocultural e política. Com o Iluminismo e o protagonismo da biologia entre as ciências no século XIX, as divergências entre os sexos passaram a ser tomadas como anatômica e fisiologicamente radicais: o homem e a mulher não eram mais vistos como pertencentes a uma mesma base comum, mas, ao contrário, a duas naturezas completamente diferentes¹¹¹.

Embora não se configure como um dos objetivos principais deste trabalho, as concepções saint-simonianas a respeito dessas questões podem ser inseridas, de modo bastante consistente, nas discussões, cada vez mais importantes, no campo historiográfico, sobre as relações de gênero, tanto nos imaginários quanto nas práticas sociais¹¹². Nesse sentido, deve-se destacar que, ao mesmo tempo que o saint-simonismo representou, em sua época, um movimento que atraiu uma relevante participação feminina, também contribuiu para a formulação de identidades e estereótipos sobre os papéis de homens e mulheres, configurando-se como uma seara bastante promissora aos que partilham dessa linha de pesquisa¹¹³.

O saint-simonismo atribuiu, por exemplo, grande importância ao tema da “liberdade da mulher”, seja em termos propriamente práticos, seja em concepções um tanto místicas, estas últimas especialmente nas teorizações de *Le Père* Barthélemy-Proper Enfantin. Em relação ao primeiro aspecto, mulheres de todas as classes sociais como Marie-Reine Guindorf, Dèsirée Véret e Suzanne Voilquin se articularam em torno do discurso saint-simoniano e participaram, por exemplo, da redação das primeiras publicações *feministes* na França no século XIX como, por exemplo, *La femme libre* (1832) e *La tribune des femmes* (1832-1834). Sobre o segundo aspecto, em especial nas obras de Enfantin, concebia-se uma visão metafísica do feminino e a figura imaginária

¹¹¹ Ver LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001, pp. 13-19.

¹¹² Sobre os debates acadêmicos a respeito das relações de gênero na historiografia, ver FRANCO, Stella Maris Scatena. “Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas”. In: VILLAÇA, Mariana Martins & PRADO, Maria Lígia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas; Capes, 2015, pp. 36-51.

¹¹³ Ver DELVALLEZ, Sophie. “Les voix et voies de la liberté des femmes”. In: COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Christianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006.

da *Mère* (Mãe) que, “esposada” pelo *Père*, o próprio *Enfantin*, formaria com ele uma espécie de casal messiânico redentor da humanidade. Nessa visão místico-religiosa, a sociedade futura poderia ser apreendida na visão saint-simoniana somente por meio das díades Pai/Mãe, Homem/Mulher, Masculino/Feminino, que carregariam não somente as ideias de complementaridade e de diferenças essenciais entre os sexos, mas também de uma constituição de estereótipos e uma definição clara sobre seus respectivos papéis na sociedade¹¹⁴.

Atravessados pelas oposições Ocidente/Oriente e Masculino/Feminino, os textos saint-simonianos foram responsáveis por contribuir ainda para a difusão de um dos principais tópicos do discurso “orientalista” do século XIX: a feminização do Oriente. Particularmente forte na cultura imperial francesa, essa concepção esteve presente também em homens de letras de outras correntes ideológicas do quilate de Edgar Quinet, Gustave Flaubert e Gérard de Nerval, circulando fortemente nos meios literários, políticos e intelectuais do período. Ao defenderem essa perspectiva, atribuíam às regiões orientais características supostamente femininas como a passividade, a passionalidade e a sensualidade, em oposição ao caráter ativo e à racionalidade pretensamente masculinos do Ocidente¹¹⁵.

Construindo uma retórica formulada a partir dessas duas dicotomias essenciais, o líder saint-simoniano *Enfantin*, por exemplo, afirmava: “A LEI é a HARMONIA sem cessar PROGRESSISTA da *carne* e do *espírito*, da *indústria* e da *ciência*, do *Oriente* e do *Ocidente*, da *mulher* e do *homem*”¹¹⁶. Para *Le Père*, as ideias de “missão civilizadora” e “progresso da humanidade” resultariam na “comunhão” entre o Ocidente e o Oriente. Estava posta, em seus textos, uma associação, mais ou menos direta, entre a “masculinidade ocidental” e a “feminilidade oriental”.

A relação entre Ocidente e Oriente ocupou posição importante em textos do próprio Michel Chevalier anteriores a sua viagem à América. No já citado *Politique*

¹¹⁴ Ver FERRUTA, Paola. “L’utopie féministe saint-simonienne: perspectives de genre et vues architecturales autour de 1830”. *Esercizi Filosofici*, 2, 2007, pp. 222-239; VEAUUVY, Christiane. “Las sansimonianas y sus escritos”, *Lectora*, 14: 189-207, 2008; e YANG, *op. cit.*

¹¹⁵ Ver SAID, *op. cit.* Para as relações entre gênero e cultura imperial, ver McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. Sobre as associações Ocidente/Masculino e Oriente/Feminino e suas implicações nos discursos culturais, ver SHOHAT, Ella & STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Para um discussão mais teórica acerca da temática das diferenças entre o masculino e o feminino, ver BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

¹¹⁶ No original: “La LOI, c’est l’HARMONIE sans cesse PROGRESSIVE de la *chair* et de l’*esprit*, de l’*industrie* et de la *science*, de l’*Orient* et de l’*Occident*, de la *femme* et de l’*homme*”. ENFANTIN, Barthélemy-Prospère. *Religion saint-simonienne; Moral; Réunion général de la famille; Les trois familles*. Paris: A la Librairie Saint-Simonienne, 1832, p. 107.

industrielle et système de la Méditerranée, publicado em 1832, o autor afirmava a necessidade do estabelecimento da paz na Europa como condição para o “progresso” e a “emancipação dos povos”. Destacava também a reconciliação entre Ocidente e Oriente como meio a ser perseguido para a obtenção desse objetivo. Em um texto repleto de metáforas, o Mediterrâneo era visto como um espaço que deveria se tornar, de acordo com o argumento de Chevalier, o “leito nupcial” da “comunhão” entre o “Oriente-corpo” e o “Ocidente-espírito”¹¹⁷. Essa reunião deveria ser feita, em termos práticos, por meio de uma rede de estradas de ferro e canais ligando as diversas regiões ao redor do Mediterrâneo (o chamado “Sistema do Mediterrâneo”), o qual marcaria o início de uma era de “associação universal” e “regeneração moral” do globo. A metáfora do “leito nupcial” resultava na síntese de uma formulação que entendia a união e a associação entre os dois polos do mundo (o Oriente e o Ocidente) como sendo representada pelo casamento e por sua consumação no ato sexual.

Nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, tais ideias, centrais na retórica do engenheiro saint-simoniano, ganharam novos desenvolvimentos. Chevalier concebia, em seu texto, a partir dessas premissas básicas, uma teoria da história em que o “progresso” da civilização ocorreria sempre como resultado do embate dialético entre duas matrizes civilizacionais, sintetizadas pelas ideias de Ocidente e Oriente:

A história nos mostra que o progresso da humanidade se cumpriu no passado pela ação e a reação recíprocas de duas naturezas ou de duas raças quaisquer em harmonia, ou mais frequentemente rivais e inimigas. O fato mais geral da história da civilização a qual pertencemos é a luta do Oriente e do Ocidente, desde a expedição dos Argonautas e da guerra de Troia até a batalha de Lepanto e o cerco de Viena pelos Turcos [...]. Não é somente para fazer escoar rios de sangue que a Providência os tem precipitado uns contra os outros, europeus e asiáticos, gregos e persas, romanos, cartagineses e partos, mouros e cruzados, venezianos, poloneses e turcos. Entre o Oriente e o Ocidente, trocou-se outra coisa mais que somente golpes de espada¹¹⁸.

¹¹⁷ CHEVALIER, *Politique Industrielle et Système de la Méditerranée*, pp. 31 e 33.

¹¹⁸ No original: “L’histoire nous montre que le progrès de l’humanité s’est constamment accompli dans le passé par l’action et la réaction réciproques de deux natures ou de deux races quelquefois en harmonie, le plus souvent rivales et ennemies. Le fait le plus général de l’histoire de la civilisation à laquelle nous appartenons, est la lutte de l’Orient et de l’Occident, depuis l’expédition des Argonautes et la guerre de Troie jusqu’à la bataille de Lépante et le siège de Vienne par les Turcs [...]. Ce n’était pas seulement pour faire couler des fleuves de sang que la Providence a précipité les uns contre les autres, Européens et Asiatiques, Grecs et Perses, Romains, Carthaginois et Parthes, Maures et Croisés, Vénitiens, Polonais et Turcs. Entre l’Orient et l’Occident, il s’est échangé autre chose que des coups d’épée”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, pp. 117-118.

Pode-se notar, primeiramente, a existência de uma concepção sobre o progresso humano que se baseava na ideia da ação e da reação recíprocas de duas naturezas ou de duas “raças” como motores da história. Se, anteriormente, a pilha de Volta foi apresentada como metáfora do desenvolvimento dos povos, agora não há como não notar ecos da célebre Terceira Lei de Isaac Newton nos termos da “ação” e da “reação” como geradoras do movimento das sociedades e dos homens.

Além disso, não há também como não ler o excerto acima e desconsiderar a afirmação da “história da civilização” como resultado de “luta”; não a “luta de classes” como defendeu Karl Marx anos mais tarde, mas entre povos de natureza distinta, particularmente o Ocidente e o Oriente. Ressalte-se, nesse sentido, a construção de uma interpretação da história como dialética em Michel Chevalier, seja por meio das metáforas científico-tecnológicas (“polos opostos que em contato geram energia” ou “ação e reação recíprocas como produtoras de movimento”), seja por meio da visão do desenvolvimento humano como resultado de conflito (“a luta entre as civilizações como motor da história”). Nas palavras do autor:

Os grandes fenômenos da vida do gênero humano nos oferecem o espetáculo de duas naturezas reinando alternadamente uma sobre a outra, brilhando e se eclipsando alternadamente até o presente, mais frequentemente em guerra; se harmonizando algumas vezes e se animando sempre no contato de uma com a outra¹¹⁹.

Sobre o embate histórico travado há séculos entre o Ocidente e o Oriente, as duas civilizações, na concepção do autor, basilares para a constituição das sociedades espalhadas pelo globo terrestre, Chevalier ressaltava que grande parte das riquezas culturais e econômicas ocidentais eram, na realidade, resultado das “contribuições” orientais promovidas pelo conflito e do antagonismo secular entre esses dois grupos humanos. Em suas palavras:

Se querei saber, vós Ocidentais, o que ganhastes em contato com o Oriente, mesmo quando vos aproximastes dele somente com o ferro à mão, olhai em torno de vós: quase todas as árvores que enriquecem vossos campos, essa vinha que vos alegra o coração,

¹¹⁹ No original: “les grands phénomènes de la vie du genre humain nous offrent le spectacle de deux natures régnant tour a tour l’une sur l’autre, brillant et s’éclipsant tour a tour, jusqu’à présent le plus souvent en guerre; s’harmonisant quelquefois, et s’animant toujours au contact l’une de l’autre”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, vol. I, p. 181.

essa seda e esse algodão que adornam vossas casas e vossa gente, são os frutos da guerra do Oriente; o açúcar e o café, cuja cultura mudou a balança política do mundo, um fostes pegar dos orientais, o outro os árabes vos trouxeram quando eram senhores da Espanha. A bússola que deu à civilização um continente novo, e que assegurou o domínio do gênero humano sobre o elemento até então indômito do mar, foi o Oriente que vos deu. Vossas artes e vossas ciências são de origem oriental; a álgebra, foi um monge que roubou dela os segredos aos mouros da Espanha; vossa numeração, base de todos os progressos que têm realizado a contabilidade e a ciência administrativa, carrega o nome dos árabes. Vossa cavalaria, as Cruzadas a relacionam ao Oriente. Vosso cristianismo, que é o pai da Europa moderna, nunca teria existido se as legiões romanas, lançadas sobre o Oriente, não tivessem conquistado a Judeia que continha o seu germe, se o império romano não tivesse tido a escola de Alexandria onde esse germe pôde florescer, e se a Roma dos Césares não tivesse sido, para os sucessores de São Pedro, um pedestal elevado propositadamente para que eles dominassem o mundo¹²⁰.

Nessa abordagem, as riquezas, técnicas e invenções do Oriente não importavam em si, mas eram destacadas na medida em que se configuravam como relevantes para o desenvolvimento econômico e cultural das regiões ocidentais.

Antes de prosseguir com a argumentação, parece importante um breve aparte. O confronto entre os paradigmas ocidental e oriental constituiu-se como o eixo sobre o qual Michel Chevalier elaborou uma perspectiva mais geral sobre as diversas regiões do globo. A Europa se apresentava, em seus textos, como o espaço ocidental por excelência, enquanto as regiões do Magreb (noroeste da África) e do Levante (atualmente conhecido como Oriente Médio) eram caracterizadas como protótipos do modelo oriental. A América configurava-se, nessa visão, como a extensão mais evidente do primeiro grupo, enquanto o chamado Extremo Oriente não deixava de ser uma

¹²⁰ No original: “Si vous voulez savoir, vous Occidentaux, ce que vous avez gagné au contact de l'Orient, même lorsque vous ne l'avez approché que le fer à la main, regardez autour de vous: presque tous les arbres qui enrichissent vos champs, cette vigne qui vous réjouit le cœur, cette soie et ce coton qui parent vos maisons et vos personnes, ce sont des fruits de la guerre d'Orient; le sucre et le café dont la culture a changé la balance politique du monde, l'un vous êtes allés le prendre chez les Orientaux, l'autre les Arabes vous l'ont apporté chez vous lorsqu'ils étaient les maîtres de l'Espagne. La boussole qui a donné à la civilisation un continent nouveau, et qui a assuré la domination du genre humain sur l'élément jusqu'alors indompté de la mer, c'est l'Orient qui vous l'a donnée. Vos arts et vos sciences sont d'origine orientale; l'algèbre, c'est un moine qui en a dérobé le secret aux Maures d'Espagne; votre numération, base de tous les progrès qu'ont réalisés la comptabilité et la science administrative, elle porte le nom des Arabes. Votre chevalerie, les Croisés la rapportèrent d'Orient. Votre christianisme, qui est le père de l'Europe moderne, n'eût jamais existé si les légions romaines, lancées sur l'Orient, n'avaient conquis la Judée qui en renfermait le germe, si l'empire romain n'avait eu l'école d'Alexandrie où ce germe pût éclore, et si la Rome des Césars n'avait été, pour les successeurs de saint Pierre, un piedestal élevé tout exprès pour qu'ils dominassent l'Orient et l'Occident”. *Ibidem*, pp. 178-179.

espécie de prolongamento do segundo. Dentro dessa percepção histórica, o Mediterrâneo, em um primeiro momento, e o Atlântico, posteriormente, teriam sido os grandes palcos dialéticos do desenvolvimento das civilizações. Em meados da década de 1830, Chevalier entendia que a abertura dos grandes mercados consumidores da Ásia, particularmente a China e a Índia, anunciava o Pacífico como espaço privilegiado de um novo tempo de disputas e intercâmbios. Não era coincidência, portanto, como será discutido em capítulos posteriores, o engajamento do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* na defesa da construção de um canal interoceânico na América Ibérica, sob a batuta francesa, capaz de facilitar o acesso de seus conterrâneos aos grandes contingentes populacionais asiáticos. Isso porque a França deveria, nesse contexto, marcar posição em uma região já cobiçada à época por britânicos, norte-americanos e russos¹²¹.

Há, contudo, um sujeito oculto nesse globo terrestre desenhado por Michel Chevalier: a África subsaariana. Em contraposição ao Magreb, importante zona mediterrânea e espaço cobiçado nas teses do autor, os territórios ao sul do Saara eram frequentemente ignorados em seu texto. Configuravam-se ali como um não-lugar, nem Ocidente, nem Oriente, em uma escala civilizacional abaixo de ambos. O engenheiro francês inseria-se assim em uma tradição intelectual ocidental, da qual seu precursor Saint-Simon também fez parte¹²², que desconsiderava, mesmo em termo econômicos, a importância dos territórios e da população subsaariana. Parece importante frisar que, à época de Chevalier, convivia com essa obliteração quase que completa do continente nos circuitos ocidentais, uma percepção predominante de um território africano selvagem, habitado por povos preguiçosos e inaptos ao trabalho, que se encontravam ainda na “infância da humanidade”¹²³. Ambas as perspectivas caracterizavam-se tanto pela separação entre duas Áfricas, uma “branca” e outra “negra”, uma mais próxima da “civilização” e outra mais distante dela, quanto pelo apagamento das especificidades e da história desta última¹²⁴.

¹²¹ A preocupação de Michel Chevalier com o chamado Extremo Oriente pode ser depreendida no seguinte artigo escrito alguns anos após sua viagem às Américas: CHEVALIER, Michel. “L’Europe et la Chine”. *Revue des Deux Mondes*, période initiale, tome 23, 1840, pp. 209-255.

¹²² RÉGNIER, Philippe. “Du côté de chez Saint-Simon: question raciale, question sociale et question religieuse”. *Romantisme*, n. 130, vol. 4, 2005, pp. 23-37.

¹²³ Ver OLIVA, Anderson Ribeiro. “Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no Imaginário Ocidental”. *Em Tempo de Histórias*, v. 9, p. 90-114, 2005.

¹²⁴ Para uma boa introdução à discussão, ver HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à História Contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008, pp. 17-23.

De volta à interpretação dialética de Michel Chevalier, não era somente o confronto histórico entre ocidentais e orientais que cumpria uma função de motor para o desenvolvimento das sociedades humanas. Diversas épocas assistiram a embates marcantes entre duas naturezas distintas. Em seus exemplos históricos, Chevalier afirmava a história de Roma como uma sequência de guerras, seguidas de incorporações, alianças e “verdadeiros acasalamentos” [*véritables accouplements*] com relação aos sabinos, a Alba, aos latinos, a Cartago, até, finalmente, seu encontro com os gregos. Sobre este último, o engenheiro saint-simoniano afirmava: “Esse casamento das naturezas grega e romana fez o esplendor e a alegria da Roma imperial, e assegurou o repouso do mundo”¹²⁵. Especificamente sobre a história da Grécia Antiga, Chevalier entendia seu auge como resultado do balanceamento entre a “austera Lacedemônia” de Licurgo e Leônidas e a “brilhante Atenas” de Sólon, Aspásia e Alcebíades.

Note-se que, referindo-se a formações históricas que se desenvolveram a partir do choque de povos que possuíam naturezas distintas, Chevalier utilizou-se, mais uma vez, dos termos *accouplement* [acasalamento] e *mariage* [casamento], elaborando consequentemente uma associação explícita entre a “masculinidade” de algumas sociedades e a “feminilidade” de outras. Em suas palavras:

Permitam-me talvez insistir sobre as palavras das quais me servi, *acasalamento* e *casamento*, e dizer que se encontram nesses tipos rivais as qualidades respectivas do casal humano. Eles possuem respectivamente, um as qualidades do homem, outro aquelas da mulher; um tem a perseverança, a razão, o sangue frio; o outro é vivo e ardente, é dotado de uma imaginação brilhante. Um é sóbrio e austero, outro respira a elegância, a graça e a volúpia. O Ocidente é masculino em relação ao Oriente; assim como Roma em relação à Grécia, Esparta em relação à Atenas e a Inglaterra em relação à França. Até nossos dias, o tipo masculino quase sempre conquistou o outro; mas o tipo feminino educou o tipo masculino, e o subjugou por sua vez pelo gosto e as artes¹²⁶.

¹²⁵ No original: “Ce mariage des natures grecque et romaine fit la splendeur et la joie de Rome impériale, et assura le repos du monde”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, p. 180.

¹²⁶ No original: “Peut-être me sera-t-il permis d'insister sur les mots dont je me suis servi, *accouplement* et *mariage*, et de dire que l'on retrouve dans ces types rivaux les qualités respectives du couple humain. Ils possèdent respectivement, l'un les qualités de l'homme, l'autre celles de la femme; l'un a la persévérance, la raison, le sang-froid; l'autre est vif et ardent, il est doué d'une imagination brillante. L'un est sombre et austère, l'autre respire l'élégance, la grâce et la volupté. L'Occident est mâle par rapport à l'Orient; de même Rome par rapport à la Grèce, Sparte et l'Angleterre par rapport à Athènes et à la France. Jusqu'à nos jours, le type mâle a presque toujours couquis l'autre; mais le type féminin a policé le type mâle, et l'a subjugué à son tour par le goût et les arts”. *Ibidem*, pp. 418-419.

De acordo com essa concepção, estavam postos os estereótipos formulados pelo texto de Chevalier: o “masculino” e as “civilizações masculinas” seriam definidos pela racionalidade, pela ação prática e pela supremacia política, econômica e militar; enquanto o “feminino” e as “civilizações femininas” pela imaginação, pelas paixões e pela atividade cultural.

Dada a necessidade do confronto e das relações entre duas naturezas para o desenvolvimento histórico dos povos, pode-se dizer que Michel Chevalier entendia que a melhor forma possível para que a “feminina” França pudesse se renovar e avançar na corrida industrial se daria quando fosse posta em contato com a rica e “masculina” Inglaterra. Partindo de suas concepções sobre a “indústria” como regeneradora moral do mundo e embebido por uma perspectiva dialética da história e do desenvolvimento das sociedades, ao atravessar a fronteira e direcionar seu olhar para a Inglaterra, Michel Chevalier construía uma série de interpretações de seu país em relação com seu vizinho do norte. Entre dialéticas e dicotomias, pode-se dizer que, em grande medida, a contraposição, realizada pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, entre franceses e ingleses na Europa não deixa de ser um caminho possível para compreender a divisão do Novo Mundo entre “Duas Américas”.

Dialética no Canal da Mancha

A concepção de história de Michel Chevalier se conformava a partir de uma perspectiva que entendia os destinos do globo plenamente associados aos desígnios de franceses e ingleses. Mais que isso, que o desenvolvimento da indústria se constituiria a partir da relação, ao mesmo tempo, antagônica e complementar das duas nações. Logo de início, é possível dizer que não somente o presente e futuro da humanidade poderia ser fruto desse encontro, muitas vezes conflituoso, entre a França e a Inglaterra, mas a própria história da Europa apenas poderia ser compreendida, ao menos a partir da Idade Média, nesses termos:

Poder-se-ia mesmo dizer que a história da Europa, depois que os germânicos a conquistaram e foram aí se assentando, se resume naquela dos dois povos inglês e

francês, e que a maior parte dos progressos de nossa civilização foi ocasionada pela rivalidade desses ilustres atletas, ou por seu contato durante suas tréguas tão curtas¹²⁷.

Conforme discutido anteriormente, para Michel Chevalier, a Inglaterra se configurava como um espaço de aprendizado para a França, especialmente nos assuntos industriais. Esse contato deveria ser travado, em sua perspectiva, por intermédio dos meios de transporte desenvolvidos para esse fim como as estradas de ferro e os canais para navegação. O intercâmbio entre os dois países se apresentava como essencial, entre outras coisas, pela complementariedade entre os caracteres diversos das populações de origem francesa e inglesa. Em terras britânicas, às vésperas de partir para a América, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* concebia uma paradigmática formulação identitária nesse sentido. Embora longa, a reprodução da citação abaixo se configura como essencial para os objetivos deste trabalho:

É fácil reconhecer que as qualidades e os defeitos dominantes da França e da Inglaterra podem ser dispostos em séries paralelas em que os termos correspondentes seriam complementares uns aos outros. A Inglaterra brilha pelo gênio dos negócios, e pelas virtudes que o acompanham, o sangue frio, a economia, a precisão, o método, a perseverança. A parte da França é bem mais o gênio do gosto e das artes, com o ardor, a desordem, a ligeireza pródiga ao menos de tempo e palavras, a mobilidade de humor e a irregularidade de hábitos que distinguem os artistas. De um lado, a razão com sua marcha segura e sua frieza, o bom senso prosaico; de outro, a imaginação com sua brilhante audácia, mas também com sua ignorância da prática e dos fatos, seus desvios e seus passos em falso. Aqui, uma admirável energia para lutar contra a natureza e metamorfosear o aspecto material do globo; lá, uma atividade intelectual sem igual e o dom de aquecer com seu pensamento o coração do gênero humano. Na Inglaterra, os tesouros da indústria e as peças de ouro; na França, os tesouros das ideias, os bens da ciência, as torrentes de verve. Na orgulhosa Albion [nome céltico da Grã-Bretanha], costumes regradados, mas sóbrios, uma reserva dirigida até a insociabilidade; em nossa bela França, costumes fáceis até a licença, a alegria frequentemente irreverente dos velhos gauleses, uma desfaçatez expansiva que frisa a promiscuidade. De uma parte e de outra, uma enorme dose de orgulho. Entre nossos vizinhos, o orgulho calculista e ambicioso; o orgulho do homem de Estado e do mercador que se compraz somente com

¹²⁷ No original: “On pourrait de même dire que l’histoire de l’Europe, après que les Germains conquérants s’y furent assis, se résume dans celle des deux peuples anglais et français, et que la majeure partie des progrès de notre civilisation a été occasionnée par la rivalité de ces illustres athlètes, ou par leur frottement durant leurs trêves si courtes”. *Ibidem*, p. 181.

o poder e a riqueza; que quer para o país as conquistas de imensas colônias, todos os Gibraltares e todas as Santas Helenas, ninhos de águias de onde dominam todos os rios e todos os mares; para si a opulência, um jardim aristocrático, um assento na Câmara dos Lordes, uma tumba em Westminster. Entre nós, o orgulho vaidoso mas imaterial que saboreia os prazeres ideais; sede de aplausos para si mesmos, de glória para a pátria; que se contentaria com a admiração dos povos para a França; para si, castelos na Espanha, insígnias, patentes, um verso de Beranger como oração fúnebre; orgulho do ator em cena, do cavaleiro errante em campo fechado. Ao norte da Mancha, as populações que combinam a religião e o positivismo. Ao sul, uma raça ao mesmo tempo cética e entusiasta. Aqui, um profundo sentimento de ordem e hierarquia que se alia com um sentimento da dignidade humana exagerada até a altivez. Lá, um povo apaixonado pela igualdade, irritável, inquieto, turbulento, que, não obstante, é dócil, tornando-se até afável, confiante até a credulidade, fácil de magnetizar pelos lisonjeiros, e se deixando cair aos pés como um cadáver enquanto dure a letargia, que é inclinado à obsequiosidade mais cortesanesca. Entre os ingleses, o culto das tradições; entre os franceses, a paixão pela novidade; entre uns, o respeito à lei e a obediência ao homem, à condição que a lei será sua direção suprema; entre os outros, a idolatria dos grandes homens e a submissão às leis, desde que a espada de César lhes sirva de salvaguarda. De um lado, o povo soberano dos mares; de outro, o árbitro do continente: levantando-se sobre o universo quando lhes apraz, um alavancado pelo ouro, o outro unicamente pelo barulho de sua voz. Certamente, da efusão recíproca de dois povos assim feitos e assim posicionados no mundo, resultaria grandes efeitos para a causa geral da civilização, tanto quanto por sua própria melhora¹²⁸.

¹²⁸ No original: "Il est aisé de reconnaître que les qualités et les défauts dominantes de la France et de l'Angleterre peuvent être disposés en séries parallèles dont les termes correspondants seraient complémentaires l'un de l'autre. L'Angleterre brille par le génie des affaires, et par les vertus qui l'accompagnent, le sang-froid, l'économie, la précision, la méthode, la persévérance. Le lot de la France est bien plutôt le génie du goût et des arts, avec l'ardeur, l'abandon, la légèreté prodigue au moins de temps et de paroles, la mobilité d'humeur et l'irrégularité d'habitudes, que distinguent les artistes. D'un côté, la raison avec sa marche sûre et sa sécheresse, le bon sens avec son terre-à-terre; de l'autre, l'imagination avec son éclatant audace, mais aussi avec son ignorance de la pratique et des faits, ses écarts et ses faux pas. Ici, une admirable énergie pour lutter contre la nature et métamorphoser l'aspect matériel du globe; là une activité intellectuelle sans égale, et le don d'échauffer de sa pensée de le coeur du gendre humain. En Angleterre, des trésors d'industrie et des morceaux d'or; en France, les trésors d'idées, des puits de la science, des torrents de verve. Chez la fière Albion, des mœurs réglées, mais sombres, une réserve poussée jusqu'à l'insociabilité; dans notre belle France, des mœurs faciles jusqu'à la licence, la gaieté souvent grivoise des vieux Gaulois, un sans- façon expansif qui frise la promiscuité. De part et d'autre, une énorme dose d'orgueil. Chez nos voisins, l'orgueil calculateur et ambitieux; orgueil d'homme d'Etat et de marchand qui ne se repaît que de puissance et de richesse; qui veut pour le pays des conquêtes, d'immenses colonies, tous les Gibraltares et toutes les Saintes-Hélènes, nids d'aigles d'où l'on domine tous les rivages et toutes les mers; pour soi l'opulence, un parc aristocratique, un siège à la chambre des lords, une tombe à Westminster. Chez nous, l'orgueil vaniteux mais immatériel qui savoure d'idéales jouissances; soif d'applaudissements pour soi-même, de gloire pour la patrie; qui se contenterait pour la France de l'admiration des peuples; pour soi, de châteaux-en-Espagne, d'un ruban, d'une épaulette, d'un vers de

A citação acima é paradigmática e essencial para a argumentação deste trabalho. Em primeiro lugar, por se configurar como um texto exemplar do processo de construção de identidades. A retórica exposta no excerto constitui de modo cristalino não apenas uma definição identitária acerca dos franceses, mas sua caracterização a partir da alteridade em relação aos ingleses. Como afirma Maria Ligia Prado, identidade e alteridade, formam um par indissolúvel nesse tipo de discurso: a primeira só pode existir se vier acompanhada, de alguma maneira, da segunda¹²⁹. A própria escrita do parágrafo acima contribui para essa identificação, definindo uma oposição bastante clara entre o “aqui” e o “alhures”, elemento essencial nos textos identitários e, especificamente, em narrativas de viagem como a de Chevalier¹³⁰.

Na caracterização supracitada, pode ser definida, sinteticamente, uma contraposição entre uma Inglaterra prática, metódica e industrial e uma França apaixonada, irrequieta e intelectual. Nas entrelinhas da concepção do autor, entre uma Inglaterra “masculina” e uma França “feminina”. Diferentemente de construções identitárias elaboradas para subjugar, ofender ou diminuir o “outro” imaginado, a caracterização dos ingleses, formulada por Chevalier, é até, de certa forma, simpática e, mais que isso, tem por objetivo construir não uma dicotomia pura e simples entre os vizinhos do Canal da Mancha, mas de defender uma ideia de complementaridade um tanto conflituosa entre eles, bem ao sabor de sua concepção dialética da História. Entretanto, como será possível perceber adiante, essa complementaridade entre ingleses

Beranger pour oraison funebre; orgueil d'acteur sur la scene, de paladin en champ-clos. Au nord de la Manche, des populations qui combinent la religion et le positivisme, Au midi, une race a la foi sceptique et enthousiaste. Ici, un profond sentiment d'ordre et de hierarchie, qui s'allie avec un sentiment de la dignité humaine exagéré jusqu'a la morgue. Là, un peuple passionné d'égalité, irritable, inquiet, rémuant, qui néanmoins est docile, souvent jusqu'à en devenir débonnaire, confiant jusqu'à la credulite, aisé a magnetiser par des enjôleurs, et se laissant fouler aux pieds comme un cadavre tant que dure la lethargie, qui est enclin par moments a l'obsequiosité la plus courtisanesque. Chez les Anglais, le culte des traditions; chez les Francais, l'engouement pour la nouveauté. Parmi les uns, le respect à la loi, et l'obéissance à l'homme, à condition que la loi sera sa régie supreme; parmi les autres, l'idolatrie des grands hommes et la soumission aux lois, pourvu que l'épée de Cesar leur serve de sauvegarde. D'un côté, le peuple souverain des mers; de l'autre, l'arbitre du continent: soulevant l'univers quand il leur plait, l'un par son levier d'or, l'autre du seul bruit de sa voix. Certes, de l'épanchement reciproque de deux peuples ainsi faits et ainsi posés dans le monde, il resulterait de grands effets pour la cause generale de la civilisation, autant que pour leur amelioration propre”. *Ibidem*, pp. 3-6.

¹²⁹ PRADO, Maria Ligia Coelho. “Identidades latino-americanas”. In: AYALA MORA, Enrique e POSADA CARBÓ, Eduardo (org.). *Historia general de la América Latina. Vol. VII – Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación, 1870-1930*. 1. ed. Paris: UNESCO; Editorial Trotta, 2008.

¹³⁰ Ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1942), a viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 103.

e franceses era mais complexa nos textos de Chevalier do que a citação acima é capaz de apresentar.

Entre a concepção dialética e a construção de contraposições entre ingleses e franceses, é importante ressaltar que em diversos momentos do texto, a complementaridade entre esses dois povos se transformava, muitas vezes, em uma compreensão de que os ingleses estavam passos à frente dos franceses na marcha da civilização e do progresso. Na opinião de Chevalier, enquanto seus vizinhos do norte adotavam medidas para favorecer o seu desenvolvimento industrial, seus patrícios não conseguiam ainda avançar nesse campo:

Os ingleses não são somente melhores industriais que nós, mais hábeis comerciantes; eles possuem mais que nós essas qualidades que fazem com que após terem concebido belos planos, os executem, os levem a cabo. Os ingleses tem em sua natureza essa sagacidade prática e essa inflexível perseverança, em virtude do que nossas batalhas de gigantes da Revolução e do Império, nosso transbordante entusiasmo e devotamento, nossas incomparáveis vitórias, nossos triunfos incríveis resultaram nos tratados de Viena; ou seja em nossa humilhação, e na entronização da Grã-Bretanha ao topo da pirâmide europeia. Os ingleses sabem menos dizer que nós, mas eles sabem mais fazer. É assim que eles encontraram o meio de aumentar suas colônias enquanto todos os povos perdem as suas. O que lhes escapa no Ocidente, eles encontram no lado do Oriente em dobro. Eles possuem esse senso político, graças ao qual há três anos eles resolveram questões que pareciam que não se poderia tratar sem fazer tremer os fundamentos de granito sobre os quais repousa o solo da Grã-Bretanha, e sem enterrá-las no fundo do oceano. Eles consumaram sua Reforma, suprimiram o monopólio da Companhia das Índias, refizeram seu Banco, aboliram a escravidão. Durante esse tempo, nós giramos em torno de questões verdadeiramente secundárias de tarifas, sem tomar um partido. Nós não sabemos como acabar com os monopólios que são verdadeiramente grãos de areia em comparação aos privilégios colossais da Companhia das Índias Orientais; nós que demos ao mundo os tratados mais conclusivos em favor da liberdade do comércio!¹³¹

¹³¹ No original: “Les Anglais ne sont pas seulement meilleurs industriels que nous, plus habiles commercants; ils possèdent de plus que nous ces qualités qui font qu’après avoir conçu de beaux plans, on les exécute, on les mène à fin. Les Anglais ont dans leur nature cette sagacité pratique et cette inflexible perseverance, en vertu de quoi nos batailles de géants de la Revolution et de l’Empire, notre débordement d’enthousiasme et de dévouement, nos incomparables victoires, nos triomphes inouïs ont abouti aux traités de Vienne, c’est-à-dire à notre humiliation, et à l’intrônisation de la Grande-Bretagne au sommet de la pyramide européenne. Les Anglais ont moins de savoir-dire que nous, mais ils ont plus de savoir-faire. C’est ainsi qu’ils ont trouvé le moyen d’augmenter leurs colonies tandis que tous les peuples

É importante destacar que embora admirasse a indústria britânica, Chevalier demonstrava, cada vez mais, ao longo de suas cartas escritas na América, certo temor em relação aos avanços anglo-saxões. Dessa forma, embora as discussões travadas pelo autor tivessem como foco inicial o destaque à complementaridade necessária entre franceses e ingleses, sobressaía-se, em seus textos, em diversos momentos, uma grande preocupação a respeito dos destinos da França. O olhar em relação principalmente aos ingleses, mas também, de certa forma, aos norte-americanos, ganhava, nesse sentido, duas dimensões importantes a serem ressaltadas a partir das questões já expostas até aqui: em primeiro lugar, a necessidade de apreender as lições da indústria sempre que necessário, pois somente com o domínio dessa nova realidade técnico-científica seria possível manter posição de destaque nesse novo mundo que se constituía na primeira metade do século XIX; e, em segundo lugar, a despeito disso, defender que essas transformações industriais não deveriam se dar por meio de uma adesão ou cópia pura e simples dos paradigmas anglo-saxões, mas adequar-se às particularidades da cultura francesa.

Nas palavras do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*:

Na França, há mais de um século, nós estamos batalhando contra nós mesmos para nos despojar de nossa originalidade nacional. Nós ensaiamos nos fazer racionais sob o modelo do que nós cremos ser o tipo inglês, e, a nosso exemplo, os povos da Europa meridional se torturam para adotar um ar calculista e parlamentar. A imaginação é tratada como a louca da casa. Os nobres sentimentos, o entusiasmo, a exaltação cavaleiresca, o que fez a glória de nossa França, o que valeu à Espanha a metade do universo, tudo isso é desdenhado, é violado. As festas públicas e as cerimônias populares se tornaram a chacota dos espíritos fortes. Nós fazemos esforços incríveis para perder nosso espírito e coração, conforme as prescrições dos *Sangrados* da religião e da política. Em matéria de festas nacionais, temos colocado a população à mingua.

perdaient les leurs. Ce qui leur échappait à l'Occident, ils le retrouvaient du côté de l'Orient, au decuple. Ils possèdent ce sens politique, grâce auquel depuis trois ans ils ont résolu des questions qu'il semblait qu'on ne pourrait agiter sans ébranler les fondements de granite sur lesquels repose le sol de la Grande-Bretagne, et sans l'ensevelir au fond de l'Océan. Ils ont consommé leur Réforme; ils ont supprimé le monopole de la Compagnie des Indes; ils ont refait leur Banque; ils ont aboli l'esclavage. Pendant ce temps, nous sommes à tourner autour de questions vraiment secondaires de tarif, sans pouvoir prendre un parti. Nous ne savons comment en finir avec des monopoles qui sont vraiment des grains de sable en comparaison des privilèges colossaux de la Compagnie des Indes-Orientales; nous qui avons donné au monde les traités les plus concluants en faveur de la liberté du commerce!". In: CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, pp. 157-160. Chevalier refere-se na citação à Lei de Reforma de 1832, responsável por ampliar a participação eleitoral na Grã-Bretanha.

Para despojar nossa existência do último vestígio de gosto e arte, nós estimulamos a abnegação ao trocar a majestosa elegância dos costumes que emprestamos dos espanhóis quando eles davam o tom à Europa, pela apostasia dos Ingleses, que se podemos qualificá-la em uma palavra, está de acordo com o clima da Grã-Bretanha. Ocorre ainda que nós temos somente jogado como uma inútil bagagem nossos torneios, nossos jubileus, nossas festas religiosas e nosso luxuoso vestuário! Infelizmente, nós voltamos à fonte de toda poesia social e nacional, à religião, e nós quiséramos secá-la. Nossos costumes mantêm apenas um ligeiro vernis de sua graça tão exaltada. A política está abandonada ao positivismo mais árido. Isso faria desesperar o gênio nacional se, de tempos em tempos, os ímpetus e explosões revelassem não somente que dorme, mas que está morto, e que o fogo sagrado descansa sob as cinzas¹³².

Para Michel Chevalier, o incentivo para que se aprendesse com a industriosa Inglaterra vai ganhando contornos mais complexos ao longo de sua viagem aos Estados Unidos, produzindo uma retórica bastante afinada com uma concepção de apropriação de elementos alheios, somados, no entanto, à garantia de manutenção das características próprias. De acordo com o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o pensamento iluminista do século XVIII poderia servir como guia para os franceses assim como o protestantismo servia para os anglo-saxões. Ambos encaminhariam suas respectivas populações na direção da liberdade e do progresso, mantendo-se, entretanto, fiel aos seus caracteres nacionais específicos. Nas palavras do engenheiro saint-simoniano:

Certamente, a França e os povos da Europa meridional da qual ela é o corifeu, devem o reconhecimento à filosofia do século XVIII. É ela que foi nosso protestantismo, ou seja,

¹³² “En France, depuis plus d'un siècle, nous sommes à batailler contre nous-mêmes pour nous dépouiller de notre originalité nationale. Nous essayons de nous faire raisonnables sur le modèle de ce que nous croyons être le type anglais, et, à notre exemple, les peuples de l'Europe méridionale se torturent pour prendre un air calculateur et parlementaire. L'imagination est traitée comme la folle du logis. Les nobles sentiments, l'enthousiasme, l'exaltation chevaleresque, ce qui fit la gloire de notre France, ce qui valut à l'Espagne la moitié de l'univers, tout cela est dédaigné, est bafoué. Les fêtes publiques et les cérémonies populaires sont devenues la risée des esprits forts. Nous faisons des efforts inouïs pour nous amaigrir l'esprit et le coeur, conformément aux prescriptions des *Sangrados* de la religion et de la politique. En matière de fêtes nationales, nous avons mis les populations à la portion congrue. Pour dépouiller notre existence du dernier vestige de goût et d'art, nous avons poussé l'abnégation jusqu'à échanger la majestueuse élégance des costumes que nous avons empruntés aux Espagnols, lorsqu'ils donnaient le ton à l'Europe, contre la défroque des Anglais, que l'on peut qualifier d'un mot, c'est qu'elle est assortie au climat de la Grande-Bretagne. Passe encore si nous n'avions fait que jeter comme un inutile bagage nos tournois, nos carrousels, nos jubilé, nos fêtes religieuses et notre luxe vestiaire! Malheureusement, nous sommes remontés jusqu'à la source de toute poésie sociale et nationale, jusqu'à la religion, et nous avons voulu la tarir. Nos moeurs et nos coutumes retiennent à peine un léger vernis de leur grâce tant vantée. La politique est abandonnée au positivisme le plus aride. Ce serait à désespérer du génie national si, de temps à autre, des élans et des explosions ne révélaient qu'il sommeille, mais qu'il n'est pas mort, et que le feu sacré couve sous la cendre”. *Ibidem*, vol. II, pp. 187-188.

que exaltou entre nós o estandarte da liberdade, abriu a carreira ao espírito humano e constituiu a [nossa] personalidade¹³³.

É curioso notar que nas duas últimas citações reproduzidas acima, Michel Chevalier, ao tratar do “gênio nacional” francês, estende as definições para além das fronteiras de sua pátria em direção aos países da chamada Europa meridional. Mesmo sem citá-los todos nominalmente, depreende-se aqui que o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* esteja se referindo basicamente à Espanha, à Itália e, em menor escala, a Portugal, nações compreendidas pelo saint-simoniano como sendo dotadas de características similares às de sua terra natal. Entretanto, a despeito de seus traços compartilhados, é bastante interessante destacar como Chevalier compreendia, ao mesmo tempo, a existência de identidade entre tais países e uma clara hierarquia entre eles quando apresentados em ordem de importância e influência. A França não era somente, partindo dessa concepção, uma entre várias regiões católicas, afetadas pelas ideias iluministas, mas era o próprio “exemplo” e “corifeu” que deveria reger as demais.

As implicações das discussões levantadas acima são diversas. Primeiramente, a contraposição elaborada por Chevalier entre, de um lado, uma França católica, imersa no mundo das ideias e da imaginação e dotada de um certo *ethos* nobiliárquico e, de outro, uma Inglaterra protestante, positivista e dedicada ao mundo da prática e do trabalho parece bastante influente como princípio identitário não somente para esses dois países de maneira específica, mas ganha novos contornos à medida em que expandida para outras regiões. Quando aplicada à Europa como um todo seria responsável por promover um antagonismo entre a parte meridional do continente, liderada pelos franceses, e a porção setentrional, encabeçada pelos ingleses. Quando transposta para as Américas, conceberia a existência no Novo Mundo de duas partes culturalmente opostas.

É possível afirmar de maneira bastante segura a semelhança entre as caracterizações existentes acima de ingleses e franceses e as concepções identitárias presentes nas contraposições, ao menos desde o início do século XIX¹³⁴, entre as

¹³³ No original: “Certes, la France et les peuples de l'Europe méridionale dont elle est le coryphée, doivent de la reconnaissance à la philosophie du XVIII^e siècle. C'est elle qui a été notre protestantisme, c'est-à-dire qui a relevé chez nous l'étendard de la liberté, ouvert la carrière à l'esprit humain, et constitué la personnalité”. *Ibidem*, pp. 188.

¹³⁴ FRANCO, Stella Maris Scatena. “Latinos versus anglo-saxões: identidades em confronto nos relatos de viagem de hispano-americanos pelos Estados Unidos no século XIX”. *Almanack*, Guarulhos, n. 16, p. 39-79, Ago. 2017.

Américas anglo-saxônica e ibérica. Não parece mera coincidência que as definições de ingleses e franceses nas *Lettres sur l'Amérique du Nord* guardem tamanha semelhança com uma infinidade de textos identitários produzidos nas Américas nos últimos duzentos anos, dos quais o mais evidente é possivelmente o *Ariel* (1900), do uruguaio José Enrique Rodó¹³⁵, em que a idealista América ibérica e os materialistas Estados Unidos teriam seus equivalentes na França “arielista” e na Inglaterra “calibanesca” pintadas por Michel Chevalier.

Outro aspecto a ser destacado nos textos acima é a constituição de um discurso “francocêntrico” em Michel Chevalier¹³⁶. Como já discutido anteriormente na introdução, essa premissa, presente nos textos do autor carregava consigo duas características relacionadas entre si: em primeiro lugar, a percepção acerca da ascensão econômica das nações anglo-saxônicas e a afirmação de que os franceses deveriam se posicionar para ocupar um lugar de destaque nas novas configurações impostas pelo mundo industrial; e, em segundo lugar, na eleição de zonas de influência em que sua ascendência poderia exercida, seja por determinação geográfica, como, por exemplo, em relação aos países que margeavam o Mar Mediterrâneo, seja em regiões caracterizadas por similaridades culturais como os países da Europa meridional e da América Ibérica.

Dessa maneira, a dialética das civilizações concebida por Chevalier pode ser compreendida não somente como uma visão específica do desenvolvimento da história e das sociedades, mas também como projeto de atuação geopolítica. Pode-se dizer que, de certa forma, o imperativo que defendia a convivência e a complementariedade de duas naturezas diversas ou opostas como fator de desenvolvimento, deveria impor não somente impossibilidade do domínio exclusivo de uma única “raça” sobre o globo, mas também a necessidade de atuação dos povos que representassem sua contrapartida nos termos da cultura, da política e da religião. Nesse sentido, pode-se concluir que as formulações do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* sintetizavam a candidatura francesa para o posto, antagonizando com as populações anglo-saxônicas.

Por outro lado, as comparações entre os “gênios nacionais” da França e da Inglaterra carregavam outros significados, especialmente quando consideradas as concepções industriais de Michel Chevalier. As divergentes características entre os

¹³⁵ Ver, entre outros, MONTEIRO, Pedro Meira. “As raízes do Brasil no espelho de Próspero”. *Novos Estudos Cebrap*, 83, março de 2009, pp. 159-182. Discuti essas questões em SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. São Paulo: Intermeios, 2016, pp. 66-75.

¹³⁶ Ver PRADO, Maria Ligia Coelho. “A pena e a espada: a *Revue des Deux Mondes* e a intervenção francesa no México”. *Vária história*, 2014, vol. 30, n. 54, pp. 618.

vizinhos do Canal da Mancha não significavam, como no caso daquelas entre Ocidente e Oriente, a necessária conquista da “feminina” França pela “masculina” Inglaterra, mas a complementaridade entre essas naturezas distintas. A afirmação do autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, segundo a qual a predominância absoluta de uma sobre a outra seria prejudicial para o desenvolvimento das civilizações, é sintomática a esse respeito. Conforme já ressaltado acima, essa concepção poderia ser lida como uma defesa da necessidade de os franceses se apresentarem como arautos de uma civilização alternativa à proposta pelos anglo-saxões, baseada em características culturais, políticas e religiosas específicas. Em outras palavras, defendia-se que a França atuasse como “exemplo” e “corifeu” de regiões como a Europa meridional, a América Ibérica e, certamente, o Mediterrâneo muçulmano.

Como será possível perceber no capítulo seguinte, os antagonismo e complementaridades existentes nas formulações de Michel Chevalier sobre a Inglaterra ecoavam também em suas representações sobre os Estados Unidos. Pode-se dizer que o relato sobre a república norte-americana não deixava de funcionar como uma espécie de espelho que deveria refletir projeções, para além das Américas, relativas aos assuntos particulares da própria França.

Capítulo 2
O AVESSE DA EUROPA:
Escravidão e democracia nos Estados Unidos

Frontispício de CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin e Cie., 1836, vol. II.

Em uma palavra, a América do Norte é a Europa de cabeça para baixo e os pés para o alto.

Michel Chevalier, *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836).

Eles [os Estados Unidos] possuem pois, no mais alto grau, as vantagens da democracia, e têm também dela os inseparáveis defeitos; mas, entre eles, se há matéria de censura, há ainda mais motivos de louvor. Há aqui muito a colher para o europeu que vem aí procurar, não motivos de sátira, de crítica ou de sarcasmo [...], mas fatos positivos que possam ser imitados em nossos velhos países, com todas as modificações que exigem dados completamente diferentes dos dados americanos.

Ibidem.

Lições do jovem colosso

Assim como no capítulo anterior, um bom ponto de partida para a discussão que se pretende realizar nesta seção do trabalho parece ser a carta escrita por Michel Chevalier na Filadélfia, no Estado da Pensilvânia, em 24 de abril de 1834, sobre qual seria “o primeiro povo do mundo”. Nesse texto, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* analisava, como ressaltado anteriormente, quais seriam os fatores capazes de tornar uma nação hegemônica sobre o universo. Em sua argumentação, a primazia de um país sobre os demais não estava dada de modo indelével, mas se constituía, ao contrário, como algo mutável historicamente. Nessa perspectiva, assim como a Espanha de Carlos V havia sido a senhora do mundo no século XVI, França e Inglaterra dividiriam, à época de Chevalier, o predomínio sobre o globo, a primeira afiançada por seu brilhantismo teórico e a segunda por sua prática industrial. De acordo com o engenheiro saint-simoniano, entretanto, o futuro talvez pudesse estar reservado a dois “jovens colossos” que já se anunciavam, na primeira metade do século XIX, como pretendentes ao posto: os Estados Unidos e a Rússia.

Opostos em termos de organização política, os primeiros democráticos e a segunda despótica, estes países poderiam se apresentar como um horizonte possível do porvir das civilizações. Nas palavras do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*:

Quem pode dizer que as duas figuras que hoje se erguem nas duas pontas do horizonte, a primeira no oriente, um pé sobre Moscou e outro pronto a se colocar sobre Constantinopla; a segunda em direção ao poente, meio escondida ainda pelas imensas florestas do Novo Mundo, e cujos membros alongados se estendem das embocaduras do São Lourenço às do Mississipi; quem pode dizer que esses jovens colossos que se olham de uma margem a outra do Atlântico, e que se tocam sobre as costas do Oceano Pacífico, não repartirão logo o domínio do Universo?¹³⁷

Apenas como fator de comparação, parece importante destacar que a percepção de uma possível ascensão dos Estados Unidos e da Rússia na primeira metade do século XIX não esteve restrita a Michel Chevalier, mas constituiu-se como um tópico bastante recorrente nos meios letrados franceses coevos, fazendo-se presente, por exemplo, em um dos autores mais relevantes do período, o aristocrata Alexis de Tocqueville (1805-1859). Personagem ao qual este capítulo recorrerá em alguns momentos da argumentação, Tocqueville, no clássico *A democracia na América* (1835-1840), cuja primeira edição havia sido publicada um ano antes das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, apontava também para os Estados Unidos e para a Rússia como candidatos no futuro à hegemonia do globo. Na abordagem tocquevilleana:

Há hoje na Terra dois grandes povos que, partindo de pontos diferentes, parecem avançar rumo ao mesmo objetivo: os russos e os anglo-americanos. Ambos cresceram na obscuridade e, enquanto os olhares dos homens estavam ocupados em outras partes, colocaram-se de repente na linha de frente das nações, e o mundo tomou conhecimento quase ao mesmo tempo de seu nascimento e de sua grandeza¹³⁸.

Para além das caracterizações de Michel Chevalier e Alexis de Tocqueville sobre os Estados Unidos e a Rússia que poderiam soar proféticas em relação à Guerra

¹³⁷ No original: “Qui peut dire que les deux grandes figures qui aujourd’hui se dressent aux deux bouts de l’horizon, la première à l’orient, un pied sur Moscou et l’autre prêt à se poser sur Constantinople; la seconde vers le couchant, à demi cachée encore par les immenses forêts du Nouveau-Monde, et dont les membres allongés s’étendent des bouches du Saint-Laurent à celles du Mississipi; qui peut dire que ces deux jeunes colosses qui se regardent d’un bord à l’autre de l’Atlantique, et se touchent sur les rivages de l’Ocean Pacifique, ne se partageront pas bientôt la domination de l’Univers?”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin e Cie., 1836, vol. I, p. 154.

¹³⁸ TOCQUEVILLE, Alexis de, *A democracia na América: leis e costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, vol. I, p. 476. Além de Chevalier e Tocqueville, pode-se afirmar uma presença dessa temática em outros autores franceses. Nesse sentido, ver ADAMOVSKY, Ezequiel. “El paralelo Rusia/Estados Unidos en Francia y la formación de una identidad ‘occidental’: usos políticos tempranos, de Le Trosne a Tocqueville y Beaumont”. *Prismas: Revista de historia intelectual*, n. 13, 2009, pp. 17-32.

Fria da segunda metade do século XX, o que parece ser importante destacar aqui é a perspectiva de homens da elite letrada francesa em relação a esses dois países. Como possíveis indicadores do futuro dos homens e candidatos ao domínio do Universo, norte-americanos e russos forneceriam, a partir dessa interpretação, pistas sobre o porvir das civilizações humanas e lições que poderiam ser aprendidas pelos franceses.

No que se refere à Rússia, pode-se dizer sucintamente que a império czarista se apresentava, nos textos de Michel Chevalier, juntamente com os Estados Unidos, como a principal novidade na geopolítica da primeira metade do século XIX. Como será discutido em outro capítulo, a nação eslava constituía-se, nesse período, como um elemento importante, no tabuleiro das disputas globais em relação às regiões banhadas pelo Oceano Pacífico, particularmente à China, rivalizando, dessa forma, tanto com os anglo-saxões (britânicos e norte-americanos), como com os próprios franceses.

Sobre os norte-americanos, Michel Chevalier os classificava como “os mais empreendedores dos homens e a mais ambiciosa das nações”¹³⁹, apontando para seu caráter industrioso e para as possibilidades que uma viagem aos Estados Unidos poderia proporcionar ao seu país.

É importante ressaltar aqui que embora a existência de um entusiasmo em relação aos Estados Unidos remeta ao Iluminismo e às décadas finais do século XVIII¹⁴⁰, os primeiros anos do Oitocentos parecem evidenciar um interesse renovado dos franceses pela jovem república norte-americana. Como bem demonstrou o historiador François Hartog, a curiosidade e o desejo de saber mais sobre a então peculiar federação conheceu, nas primeiras décadas do século XIX, uma transformação importante, perceptível principalmente nos relatos dos viajantes europeus que foram ao país à época. Segundo Hartog, se, em um primeiro momento, buscava-se encontrar, ao atravessar o Atlântico, uma “América selvagem” que servisse de refúgio para uma Europa em meio ao turbilhão revolucionário iniciado em 1789, passava-se, nos anos

¹³⁹ No original: “les plus entreprenants des hommes et la plus ambitieuse des nations”. *Ibidem*, p. 155.

¹⁴⁰ Ver, por exemplo, DARNTON, Robert. “O entusiasmo pela América: Condorcet e Brissot”. In: *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 138-157. Entretanto, parece importante destacar que nem todas as descrições a respeito das Américas durante o Iluminismo eram positivas como nos lembra GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo: história de uma polémica, 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. Para as perspectivas sobre os Estados Unidos na França na primeira metade do século XIX, ver RÉMOND, René. *Les États-Unis devant l'opinion française, 1815-1852*. Paris: Armand Colin, 1962.

seguintes, a compreender essa parte específica do Novo Mundo como uma espécie de “laboratório” capaz de evidenciar aspectos indicativos sobre o futuro dos homens¹⁴¹.

Nessa perspectiva, diversos franceses procuraram, em meados do século XIX, conhecer os Estados Unidos com o intuito de compreender o avanço de sua indústria e de suas instituições. Os primeiros anos da Monarquia de Julho (1830-1848) destacaram-se, nesse contexto, não somente pela realização de viagens à república norte-americana, mas particularmente pelo envio ao país de emissários oficiais do governo francês ao Novo Mundo. Em termos econômicos, chamava a atenção dos europeus o rápido crescimento da jovem nação, seu precoce expansionismo, seus investimentos em meios de transporte e em fábricas e seu incentivo à livre iniciativa. No campo político, ressaltava-se a conjugação, a despeito da permanência da escravidão, temática essencial para a compreensão dos Estados Unidos do período, dos princípios da igualdade, da liberdade e da ordem, particularmente na relação entre os homens brancos.

Para um país como a França que havia vivenciado uma sucessão de formas de governo e vários regimes políticos entre 1789 e 1830¹⁴² e que desejava competir economicamente no novo mundo industrial que se avizinhava, a república norte-americana se configurava como um campo de estudos lapidar a ser desbravado por seus letrados. Particularmente, na década de 1830, além do périplo de Michel Chevalier que buscava conhecer os meios de transportes e as obras públicas nos Estados Unidos, obteve grande reputação a célebre viagem do já citado Alexis de Tocqueville que, juntamente com seu amigo Gustave de Beaumont, procurava analisar, sob o financiamento do governo francês, o sistema penitenciário norte-americano. Este último percurso por terras do Novo Mundo resultou, como se sabe, na escrita do hoje clássico *A democracia na América* (1835-1840), a paradigmática análise tocquevilleana sobre as instituições políticas dos Estados Unidos.

Retomando a análise presente nas *Lettres sur l'Amérique du Nord* sobre a república estadunidense, Michel Chevalier afirmava ser necessário tirar lições das

¹⁴¹ Ver HARTOG, François. “Chateaubriand: entre o antigo e o novo regime de historicidade”. In: *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, pp. 93-129.

¹⁴² Modesto Florenzano, em sua discussão sobre a formação dos Estados modernos no Ocidente, classifica a França como “laboratório político onde todas as constituições foram experimentadas” entre os séculos XVI e XIX. Ver FLORENZANO, Modesto. “Sobre as origens e o desenvolvimento do Estado moderno no Ocidente”. *Lua Nova*, São Paulo, n. 71, pp. 11-39, 2007. Para Pierre Rosanvallon, se a França se constitui como laboratório de sistemas políticos entre 1789 e 1814, a partir da Restauração, entre 1814 e 1848, se constitui como laboratório do pensamento político liberal. Ver ROSANVALLON, Pierre. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1985, pp. 11-31.

peculiaridades norte-americanas, respeitando, entretanto, as especificidades europeias. Em suas palavras:

Eles [os Estados Unidos] possuem pois, no mais alto grau, as vantagens da democracia, e têm também dela os inseparáveis defeitos; mas, entre eles, se há matéria de censura, há ainda mais motivos de louvor. Há aqui muito a colher para o europeu que vem aí procurar, não motivos de sátira, de crítica ou de sarcasmo [...], mas fatos positivos que possam ser imitados em nossos velhos países, com todas as modificações que exigem dados completamente diferentes dos dados americanos¹⁴³.

Entre as características que mais o impressionaram durante sua viagem, especialmente nos Estados do Norte dos Estados Unidos, a despeito da escravidão que vigorava no país, estava a questão da abundância generalizada da população branca e a imperceptível desigualdade social entre esse grupo específico. Sobre esse assunto, o autor declarava que: “Após essas simples observações, parece natural pensar que há espaço para retirar do estudo desse país preciosas indicações para a solução da grande questão que agita a Europa, que é a melhora da sorte do maior número”¹⁴⁴.

Apontadas essas concepções iniciais: qual seria o significado da viagem aos Estados Unidos para Michel Chevalier? Para responder essa questão, é importante destacar a associação realizada pelo autor entre a república norte-americana e o futuro dos homens e, nesse sentido, a utilização dos termos “colher”, “imitar”, “observar” e “estudar”.

A democracia americana era vista pelo viajante como lugar que apresentaria indicações sobre o porvir, capaz de “ensinar” lições à Europa. O percurso dos letrados do Velho Mundo pelos Estados Unidos, de acordo com essa abordagem, seria significativo, de certa forma, de uma dialética das viagens em que o itinerário e o contato com o “outro” ofereceria “lições” que, adaptadas, poderiam ser “imitadas” desde que o viajante fosse, acima de tudo, “estudioso”, capaz de retirar dali “preciosas indicações” para a transformação das nacionalidades europeias. O “jovem colosso”

¹⁴³ No original: “Ils possèdent donc au plus haut degré les avantages de la démocratie, et ils en ont aussi les inséparables défauts; mais, chez eux, s’il y a matière à blâme, il y a encore plus sujet à louange. Il y a ici beaucoup à moissonner pour l’Européen qui y est venu chercher, non des sujets de satire, de critique ou de sarcasme [...], mais des faits positifs qui puissent être imités dans nos vieux pays, avec toutes les modifications qu’exigent des données complètement différentes des données américaines.”. CHEVALIER, *op. cit.*, p. 155-156.

¹⁴⁴ No original: “D’après ces simples observations, il paraît naturel de penser qu’il y a lieu de retirer de l’étude de ce pays de précieuses indications pour la solution de la grande question qui agite l’Europe, celle de l’amélioration du sort du plus grand nombre”. *Ibidem*, p. 160.

americano apontava, portanto, na interpretação do autor, para o futuro e tinha algo a ensinar aos velhos países europeus. Na visão de Chevalier:

Nós nunca seremos feitos à [maneira] Americana; eu suponho mesmo que não está longe o tempo em que os Americanos se transformarão, até certo ponto, em nossa direção; mas não poderíamos nós, não deveríamos nós modificar também nossas ideias, até certo ponto, a partir da sua experiência?¹⁴⁵

Viajar para os Estados Unidos significava, dessa maneira, buscar caminhos que pudessem ser trilhados, em certa medida, pelo Velho Continente. Mirar a república norte-americana não deixava também de configurar-se como uma tentativa de enxergar os destinos futuros da própria Europa.

Pode-se dizer, nesse sentido, que a narrativa de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos pautava-se, de certa forma, por uma espécie de retórica do espelhamento. Seguindo as pistas deixadas por autores como Richard Morse e François Hartog, seria possível afirmar que, nos relatos do engenheiro saint-simoniano, a república norte-americana funcionaria como um espelho invertido da Europa, de maneira geral, e da França, em particular, capaz de revelar suas vicissitudes e, ao mesmo tempo, refletir suas possibilidades futuras¹⁴⁶. Dessa maneira, olhar para a república norte-americana significava aprender com a sua indústria e sua organização social e, no limite, projetar a realidade europeia e, mais especificamente, francesa nas situações lá observadas com o objetivo de apropriar-se de boas ideias, adaptando-as, entretanto, às especificidades do Velho Mundo.

Apresentadas essas questões iniciais, este capítulo tem por objetivo analisar alguns aspectos da visão construída por Michel Chevalier sobre os Estados Unidos, durante sua viagem realizada àquele país entre fins de 1833 e 1835, em especial suas concepções acerca da democracia existente ali e de sua convivência com a escravidão.

Esses dois tópicos da sociedade norte-americana se constituíam para os viajantes europeus que aportavam no Novo Mundo como características peculiares desse país em relação à Europa, provocando necessariamente reflexões não somente sobre como tais

¹⁴⁵ No original: “Nous ne serons jamais faits à l’Américaine; je suppose même que le temps n’est pas loin où les Américains se transformeront jusqu’à un certain point dans notre sens; mais ne pourrions-nous, ne devrions-nous pas modifier aussi nos idées jusqu’à un certain point d’après leur expérience?”. *Ibidem*, vol. II, pp. 145-146.

¹⁴⁶ Ver MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 13; e HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 41.

práticas se davam no país visitado, mas também sobre como poderiam se fazer sentir direta ou indiretamente nos países do Velho Continente. Por um lado, a temática da escravidão se apresentava como uma questão candente do período, cujo interesse mantinha-se ainda vigente, por exemplo, nos letrados francófonos, entre outras coisas, por sua permanência nas colônias francesas do Caribe, especialmente na Martinica e em Guadalupe. Por outro, a democracia norte-americana, tal como havia ressaltado Tocqueville, apresentava-se à Europa, após décadas de revoluções, guerras e conflitos sociais, como um esboço possível do futuro dos países da região. Defrontar-se com a escravidão e a democracia nos Estados Unidos não deixava de significar, dessa forma, discutir, sob uma perspectiva europeia e, particularmente, francesa, os legados do passado e as possibilidades do futuro no Velho Mundo.

Parece importante, entretanto, antes de debruçar-se com mais vagar sobre essas duas questões, discutir a construção de uma dialética e de uma “geografia imaginativa”¹⁴⁷ do território norte-americano nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, a partir das divisões da federação entre as regiões Norte, Sul e Oeste. Compreende-se aqui, primeiramente, que a descrição de Michel Chevalier sobre a geografia dos Estados Unidos apresentava-se como uma expressão paradigmática de sua concepção dialética sobre o desenvolvimento das sociedades humanas. Em segundo lugar, que a análise acerca das representações territoriais em relação à jovem républica configurava-se como essencial para a discussão em torno das temáticas da democracia e da escravidão na América do Norte.

A dialética norte-americana

Conforme discutido no capítulo anterior, Michel Chevalier compreendia o desenvolvimento das sociedades humanas por meio de uma perspectiva dialética. Segundo ele, os indivíduos, povos e nações apenas poderiam avançar se colocados em contato com congêneres de características opostas e, ao mesmo tempo, complementares a suas próprias. Definia, nesse sentido, que divergências específicas entre grupos sociais poderiam ser equiparadas às diferenças existentes entre homens e mulheres. Dessa forma, entendia que os movimentos da história se apresentavam como resultados de grandes confrontos entre entes com caracteres masculinos e femininos. Partindo dessa

¹⁴⁷ Ver SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

argumentação, as relações dialéticas, tais como expostas acima, eram representadas, muitas vezes, por meio de metáforas vinculadas, particularmente, ao casamento e ao ato sexual¹⁴⁸.

Nesse sentido, partindo da formulação que concebia as formações sociais por meio de características masculinas e femininas, Chevalier afirmava que essa dualidade não se daria somente entre nações ou unidades culturais diferentes, mas que poderia coexistir dentro de um mesmo país. Mais que isso, em sua concepção, quando houvesse dentro de uma única e mesma nacionalidade, esses antagonismos poderiam se constituir como fator de desenvolvimento e progresso. Metaforicamente, os povos compostos por um “duplo tipo” eram comparados, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, aos casados e os constituídos por “um único tipo”, aos solteiros. Segundo o autor:

Não é pouca vantagem para um povo ter em si dois tipos de fisionomia característica, quando elas se harmonizam no seio de uma nacionalidade comum. Uma nação em que todos os indivíduos podem se reportar a um tipo único é entre os povos o que é o solteiro entre os indivíduos. É um tipo de solitário; sua vida é monótona. As mais vivas e as mais dotadas faculdades da natureza humana adormecem nele. Ele permanece imóvel; nada o impulsiona em direção ao progresso¹⁴⁹.

Na sequência da citação acima, Michel Chevalier afirmava em contrapartida que:

Um povo de duplo tipo, quando nenhum deles tem sobre o outro uma ampla predominância, goza, ao contrário, de uma existência completa; sua vida é uma troca perpétua de sensações e de ideias como é aquela de um casal. Tem o dom da fecundidade. Reproduz-se e regenera-se a si mesmo. Alternadamente cada uma das duas naturezas se agita e repousa, sem que esteja nunca inativa. Sucessivamente cada uma adquire a superioridade e sofre a do outro; assim, segundo as circunstâncias diversas, tem recurso a diversas virtudes. As duas naturezas se apoiam e se mantêm atentas; elas

¹⁴⁸ Ver Capítulo 1.

¹⁴⁹ No original: “Ce n’est pas un mince avantage pour un peuple que d’avoir en soi deux types à physionomie caractérisée, lorsqu’ils s’harmonisent au sein d’une nationalité commune. Une nation dont tous les individus peuvent se rapporter à un type unique, est parmi les peuples ce qu’est le célibataire parmi les individus. C’est une sorte de solitaire; sa vie est monotone, Les plus vives et les plus donées facultés de la nature humaine sommeillent en lui. Il reste immobile; rien ne l’aiguillonne vers le progrès [...]”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, op. cit., pp. 176-177.

se excitam uma à outra e, graças a essa emulação salutar, o povo que as tem em seu seio espera altos destinos¹⁵⁰.

Mapa 1: Estados Unidos (1834-1836)

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/5d/United_States_1834-1836-03.png/640px-United_States_1834-1836-03.png

Como consequência dessa argumentação, em uma das cartas do primeiro volume de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, datada de maio de 1834, e situada na cidade de Charleston, na Carolina do Sul, a questão da dupla natureza da federação norte-americana era anunciada já em seu título “L’Yankee et le Virginien”. De acordo com o autor, o “ianque” e o “virginiano” se constituíam como os dois tipos mais característicos da sociedade estadunidense, sintetizando os elementos definidores, respectivamente, dos Estados do Norte e do Sul, formando, em termos dialéticos, a tese e a antítese constituintes dos Estados Unidos da primeira metade do século XIX.

¹⁵⁰ No original: “Un peuple à double type, lorsque aucun d’eux n’a sur l’autre une crasante prédominance, jouit, au contraire, d’une existence complète; sa vie est un perpétuel échange de sensations et d’idées comme l’est celle d’un couple. Il a le don de la fécondité. Il se reproduit et se régénère lui-même. Alternativement chacune des deux natures agit et se repose, sans qu’il soit jamais inactif. Tour à tour chacune acquiert la supériorité et subit celle de l’autre; ainsi, selon les circonstances diverses, il a la ressource de diverses vertus. Les deux natures s’appuient et se tiennent mutuellement en haleine; elles s’excitent l’une l’autre, et, grâce à cette émulation salubre, le peuple qui les porte en son sein atteint de hautes destinées”. *Ibidem*, p. 177.

Como explicou o próprio Chevalier em nota no início da carta, “ianque” era o termo pelo qual eram conhecidos os habitantes dos seis Estados da chamada Nova Inglaterra (Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Rhode Island e Connecticut), no nordeste da federação¹⁵¹. Utilizado, inicialmente, em tom de zombaria, a denominação fora adotada pelos próprios habitantes da região, podendo ser considerada, de acordo com o relato, popular já à época da viagem de Chevalier. Segundo o viajante francês, os *Yankees* haviam construído “repúblicas verdadeiramente democráticas”, especialmente por sua organização agrícola centrada na pequena propriedade, por não basearem sua produção econômica na mão-de-obra escrava e por constituírem, de acordo com o autor, uma vida social e política baseada na existência de uma “igualdade de fato”¹⁵². Na definição de Chevalier:

O ianque [...] é reservado, concentrado e desafiador; seu humor é pensativo e taciturno, mas uniforme; sua roupa é sem graça, mas modesta e, entretanto, sem baixeza; sua abordagem é fria, e frequentemente pouco atenciosa; suas ideias são estreitas, mas práticas; ele tem o sentimento do que é conveniente, não tem do que é grandioso. Não tem o menor traço de disposição cavalheiresca, e, no entanto, é aventureiro; se alegra na vida errante. Tem uma imaginação ativa que cria concepções originais, que se chamam aqui de *Yankee notions*, que não são poesia, são bizarrices. O ianque é a formiga trabalhadora; é industrioso e sóbrio; é econômico¹⁵³.

O ianque representado por Chevalier como industrioso e econômico, associado à formiga trabalhadora da fábula de Esopo, constituía-se como o par oposto do outro tipo formador da nacionalidade norte-americana: o virginiano. Ao contrário do cidadão da Nova Inglaterra, o virginiano, protótipo do homem sulista, teria edificado repúblicas aristocráticas, escravistas e baseadas na grande propriedade, especialmente voltadas para o cultivo do algodão. Os filhos do Sul apresentavam, em contraste com os nortistas, caracteres de uma gentileza aristocrática, bem como da ausência da indústria própria do Norte. Nas palavras de Chevalier:

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 161.

¹⁵² *Ibidem*, pp. 162-163.

¹⁵³ No original: “L’Yankée [...] est réservé, concentré, défiant; son humeur est pensive et sombre, mais uniforme; sa tenue est sans grâce, mais modeste et cependant sans bassesse; son abord est froid, souvent peu prévenant; ses idées sont étroites, mais pratiques; il a le sentiment de ce qui est convenable, il ne l’a pas de ce qui est grandiose. Il n’a pas le moindre brin de disposition chevaleresque, et pourtant il est aventureux; il se plaît dans la vie errante, Il a une imagination active qui enfante des conceptions originales, qu’on appelle ici des *Yankee notions*; ce n’est pas de la poésie, c’est de la bizarrerie. L’Yankee est la fourmi travailleuse; il est industrieux et sobre; il est économe”. *Ibidem*, pp. 169-170.

O virginiano de raça pura é aberto, cordial, expansivo; tem a cortesia nas maneiras, a nobreza nos sentimentos, a grandeza nas ideias; é o digno descendente do *gentleman* inglês. Cercado desde a infância de escravos que o apartam de todo trabalho manual, é pouco ativo, é mesmo preguiçoso. É generoso e pródigo; em torno dele [...] reina a abundância. Quando a colheita do algodão foi boa e os preços estão firmes, ele chama a todos e a cada um, salvo, não obstante, seus escravos de campo, a congratular-se de sua opulência, sem muito se inquietar de como será a próxima colheita. Praticar a hospitalidade é para ele um dever, um prazer, uma felicidade [...]. Ele ama as instituições de seu país, e, no entanto, mostra com satisfação ao estrangeiro a prataria da família, cujos braços, meio apagados pelo tempo, atestam que ele descende dos primeiros colonos, e que seus ancestrais eram pessoas de boa casa na Inglaterra [...]. Dotado de uma mente ardente e de um coração caloroso, é da talha da qual são feitos os grandes oradores. Ele se dá melhor comandando os homens que domando a natureza e controlando o solo. Quando possui uma certa dose de espírito de ordem e eu não direi de vontade (disso ele é bem provido), mas dessa perseverança ativa tão comum entre seus irmãos do Norte, reúne todos os requisitos para se tornar um homem de Estado superior¹⁵⁴.

Comparativamente, de acordo com a interpretação de Chevalier, a despeito da aproximação que promovia entre o virginiano e o *gentleman* inglês, o Estado da Virginia, paradigma sulista, guardaria semelhanças com a França, enquanto a Nova Inglaterra estaria mais vinculada aos modos britânicos e à sociedade industrial que vinha sendo edificada naquele país desde o século XVIII. Segundo Chevalier:

As populações do Norte e as do Sul diferem umas das outras em muitos aspectos. Reconhece-se, até certo ponto, entre os Estados do Norte e os do Sul as mesmas

¹⁵⁴ No original: “Le Virginien de race pure est ouvert, cordial, expansif; il a de la courtoisie dans les manières, de la noblesse dans les sentiments, de la grandeur dans les idées: il est le digne descendant du gentleman anglais. Entouré dès l’enfance d’esclaves qui lui épargnent tout travail manuel, il est peu actif, il est même paresseux. Il est généreux et prodigue; autour de lui [...] regne la profusion. Quand la récolte de coton a été bonne et que les prix sont fermes, il appelle tous et chacun, sauf cependant ses esclaves des champs, a jouir de son opulence, sans beaucoup s’inquiéter de ce que sera la récolte prochaine. Pratiquer l’hospitalité est pour lui un devoir, un plaisir, un bonheur [...]. Il aime les institutions de son pays, et cependant il montre avec satisfaction à l’étranger l’argenterie de famille, dont les armoiries, à demi effacées par le temps, attestent qu’il descend des premiers colons, et que ses ancêtres étaient gens de bonne maison en Angleterre [...]. Doué d’une tête ardente et d’un cœur chaleureux, il est du bois dont on fait les grands orateurs. Il s’entend mieux à commander aux hommes qu’à dompter la nature et à maîtriser le sol. Lorsqu’il possède une certaine dose d’esprit d’ordre et, je ne dirai pas de volonté (il en est bien pourvu), mais de cette persévérance active si commune parmi ses frères du Nord, il réunit tout ce qui est requis pour devenir un homme d’État supérieur”. *Ibidem*, pp. 167-169.

analogias e os mesmos contrastes que entre a França e a Inglaterra. O Sul carrega, como a França, qualidades brilhantes; o Norte, como a Inglaterra, qualidades sólidas. As grandes ideias vêm mais do Sul; a boa execução, do Norte. O Norte é dotado da perseverança inglesa, dessa perseverança empenhada e condição para o sucesso. O Sul é, como nós, móvel e fácil de se desencorajar, todo ardor no começo de uma empresa, e todo desconcerto quando um obstáculo imprevisto vem parar seu curso¹⁵⁵.

Essa analogia exposta por Chevalier entre a França das ideias, do brilho e da ausência de iniciativa, por um lado, e a Inglaterra da prática e da perseverança, por outro, era ilustrada por uma nota de rodapé em que o autor descrevia uma conversa que tivera com um francês anônimo estabelecido na Virginia. Quando questionado pelo viajante sobre a preferência por viver no Sul, enquanto a maior parte das oportunidades de negócios estava no Norte, seu patrício respondera que sua decisão fora tomada, pois “os virginianos são os franceses da América”¹⁵⁶.

Note-se, nesse sentido, que ao discutir as “duas naturezas” dos Estados Unidos e compará-las, de certa forma, aos antagonismos entre Inglaterra e França, utilizando-se, mais uma vez, da analogia entre os caracteres “masculinos” e “femininos” específicos de cada sociedade, Michel Chevalier afirmava a necessidade e a importância dessa contradição entre as partes da federação norte-americana como condição para o desenvolvimento nacional daquele país. A defesa dessa complementaridade entre dois pólos tão distintos em termos de costumes e projetos não era gratuita no relato do viajante francês e explicitava, de certa forma, um quadro em que fissuras entre “ianques” e “virginianos”, particularmente no que dizia respeito à temática da escravidão, poderiam colocar em risco a unidade estadunidense.

O impasse escravista

É importante destacar que não era mera coincidência o fato de que Michel Chevalier tenha tratado das diferenças entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos em uma

¹⁵⁵ No original: “Les populations du Nord et celles du Midi diffèrent les unes des autres à bien des égards. On reconnaît, jusqu’à un certain point, entre les États du Nord et ceux du Midi les mêmes analogies et les mêmes contrastes qu’entre la France et l’Angleterre. Le Midi l’emporte, comme la France, par les qualités brillantes; le Nord, comme l’Angleterre, par les qualités solides. Les grandes idées viennent plutôt du Midi; la bonne exécution est plutôt le fait du Nord. Le Nord est doué de la persévérance anglaise, de cette persévérance gage et condition du succès. Le Midi est, comme nous, mobile et facile à décourager; tout ardeur au commencement d’une entreprise, et tout déconcerté quand un obstacle imprévu vient en arrêter le cours.”. *Ibidem*, pp. 247-248.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 247.

carta escrita na Carolina do Sul, Estado frequentemente considerado como o mais radical defensor da escravidão e das práticas senhoriais entre as unidades federativas sulistas¹⁵⁷. Merece ser ressaltado, nesse sentido, que o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* visitara a região em um quadro de bastante tensão que vinha se prolongando desde, pelo menos, o início do século XIX e que se acentuara no início da década de 1830 entre um Norte majoritariamente antiescravista e um Sul predominantemente defensor do cativo. Essas disputas que atravessaram as primeiras décadas do século XIX, culminariam, como se sabe, na Guerra Civil Norte-americana ou Guerra de Secessão (1861-1865), vencida pelos nortistas e que resultou no fim da escravidão nos Estados Unidos.

Embora este trabalho não tenha por objetivo central analisar a fundo a questão da escravidão naquele país, não há como não mencionar, ao tratar das rivalidades entre o Norte e o Sul em meados do século XIX, algumas diretrizes para se adentrar ao debate acerca de tal temática¹⁵⁸. Primeiramente, parece importante destacar que as inflexões historiográficas que acompanharam as abordagens a respeito da prática do cativo na federação norte-americana estiveram, como sempre ocorre na produção acadêmica, vinculadas tanto às ondas de interpretação teórica de circulação internacional, quanto às particularidades relativas a tensões políticas, sociais e raciais essencialmente locais.

De acordo com Edward E. Baptist, a primeira onda de explicações propriamente acadêmicas nos Estados Unidos sobre essa questão teria começado a se desenvolver ainda em fins do século XIX e perdurado até por volta da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo ele, passado o período da Reconstrução (1865-1877), capitaneado pelos vitoriosos nortistas e pelo Partido Republicano, após o fim da Guerra de Secessão¹⁵⁹, as elites sulistas teriam iniciado um processo de reabilitação da escravidão, inclusive como forma de justificar o processo então em curso de segregação das populações negras nos diversos Estados da federação, particularmente no Sul, sintetizadas pelas chamadas Leis Jim Crow¹⁶⁰. Em linhas gerais, defendiam que tal

¹⁵⁷ Ver, entre outros, FORD, Lacy K. *Origins of Southern Radicalism: the South Carolina upcountry, 1800-1860*. Nova York: Oxford University Press, 1988.

¹⁵⁸ Sigo aqui, em grande medida, o competente balanço historiográfico presente em BAPTIST, Edward E. “Seres humanos escravizados como sinédoque histórica: imaginando o futuro dos Estados Unidos a partir de seu passado”. In: MARQUESE, Rafael & SALLES, Ricardo (orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 261-319.

¹⁵⁹ Sobre o período da Reconstrução (1865-1877), ver o clássico FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. Nova York: Harper & Row, 1988.

¹⁶⁰ As chamadas Leis Jim Crow se caracterizaram pelas diversas formas de segregação entre brancos e negros nos Estados do Sul dos Estados Unidos, principalmente em espaços públicos e escolas. Sobre a

prática, além de ineficiente e pouco lucrativa, configurava-se, na realidade, como um ato humanitário e benigno, capaz de tirar as populações de descendência africana de sua selvageria e de sua barbárie original. Além de obter grande alcance no senso comum e ser fartamente difundida pela indústria cultural nascente¹⁶¹, essa interpretação, essencialmente racista, teve presença hegemônica na academia no período, evidenciada pela influência de seu principal expoente, Ulrich B. Phillips, na produção erudita de sua época¹⁶².

Paralelamente a esse movimento hegemônico, começavam a circular, ainda na primeira metade do século XX, principalmente da pena de acadêmicos e ativistas negros, visões divergentes sobre esse processo. Destacou-se, nessa linha, por exemplo, o militante afro-americano e importante ideólogo do pan-africanismo W. E. B. Dubois, autor, entre outros livros e artigos, de *Black Reconstruction in America* (1935)¹⁶³. Ao lado de intelectuais afro-descendentes caribenhos como C. L. R. James e, principalmente, Eric Williams, responsáveis pela escrita, respectivamente, dos hoje clássicos *Os jacobinos negros* (1935) e *Capitalismo e escravidão* (1944)¹⁶⁴, contribuiu, entre outras coisas, para a renovação dos estudos sobre a escravidão nas Américas ao associá-la, de maneira original, ao desenvolvimento do capitalismo ocidental.

Em perspectiva também crítica às interpretações racistas que defenderam a escravidão nos meios acadêmicos até meados do século XX, pode ser mencionado o historiador Kenneth M. Stamp que, debatendo diretamente com Phillips, destacou, no hoje clássico *The peculiar institution* (1956), a violência contra os escravizados, além de algumas formas de resistência¹⁶⁵. Nas décadas seguintes, diversos autores, dialogando com as mais variadas perspectivas analíticas, prosseguiram arejando as abordagens sobre a temática: David Brion Davis no campo das ideias e Eugene Genovese no campo de um marxismo renovado se constituíram, por exemplo, como

questão, ver WOODWARD, Corner Vann. *The strange career of Jim Crow*. New York: Oxford University Press, 1974.

¹⁶¹ Veja-se, no caso do cinema, as abordagens sobre a temática da escravidão em dois dos maiores clássicos cinematográficos de todos os tempos produzidos, na primeira metade do século XX, sob o signo dessa interpretação: *O nascimento de uma nação* (1915), dirigido por D. W. Griffith, e *...E o vento levou* (1939), produção de David O. Selznick, vencedora de onze Oscars.

¹⁶² Ver, do autor, entre outros, PHILLIPS, Ulrich B. "The central theme of Southern History". *American Historical Review*, n. 34, vol. 1, 1928, pp. 30-34.

¹⁶³ DUBOIS, W. E. B. *Black Reconstruction in America*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

¹⁶⁴ Ambos os autores foram traduzidos no Brasil: JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros*. São Paulo: Boitempo, 2000; e WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁶⁵ STAMPP, Kenneth. *The peculiar institution: Slavery in the Antebellum South*. New York: Vintage Books, 1989.

nomes essenciais nesse processo nas décadas de 1960 e 1970¹⁶⁶. Por outro lado, na contramão dos estudos de história social, predominantes no período, Robert Fogel e Stanley Engerman, em seu mais famoso livro *Time on the cross* (1974), enveredaram por uma polêmica abordagem sobre a escravidão alicerçada sobre métodos quantitativos: a cliometria. Para além de suas conclusões duvidosas, essa obra foi acusada, por diversos historiadores, de transformar a violenta experiência do cativo em uma planilha repleta de números frios que, muitas vezes, se mostravam incapazes de dar conta de uma realidade tão complexa¹⁶⁷.

A partir da década de 1980, duas tendências, de certa forma, antagônicas, embora, em alguma medida, complementares, têm pautado os estudos sobre a escravidão nos Estados Unidos. De um lado, destacam-se trabalhos nascidos no contexto da chamada crise dos paradigmas, marcada pela ascensão do pós-estruturalismo, pela virada linguística e pelo declínio dos grandes modelos explicativos. Seus herdeiros se vinculam hoje, em grande medida, a pesquisas de caráter identitário, debruçando-se sobre tópicos como, por exemplo, raça e gênero¹⁶⁸. De outro, tentativas de restabelecer um lastro entre questões particulares relacionadas às práticas locais e dinâmicas estruturais mais amplas, retomando, entre outras coisas, as imbricações, por um tempo relegadas a um segundo plano na historiografia, entre escravidão e capitalismo. Nessa seara, ganha relevo, não somente entre os estadunidenses, mas também entre os pesquisadores brasileiros dedicados à questão, a tese da chamada “segunda escravidão”.

Contrariando a premissa clássica que afirmava o século XIX como um período marcado pelo fim gradual da escravidão, resquício, em tempos de formação do Estado Nacional, de um passado colonial, entendem, os defensores dessa tese, enunciada por Dale Tomich pela primeira vez em 1988, haver uma reconfiguração do escravismo, entre fins do século XVIII e inícios do XIX, sob novas bases estreitamente relacionadas ao capitalismo industrial que estava se consolidando. Entre outras razões, a demanda

¹⁶⁶ Dos autores, foram publicados no Brasil DAVIS, David Brion. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; GENOVESE, Eugene. *O mundo dos senhores de escravos: dois ensaios de interpretação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; do mesmo autor, *Da rebelião à revolução*. São Paulo: Global, 1983; e ainda, *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹⁶⁷ Ver FOGEL, Robert & ENGERMAN, Stanley. *Time on the cross: the economics of American negro slavery*. Nova York: Norton, 1995.

¹⁶⁸ Ver, nesse sentido, WEINSTEIN, Barbara. “A pesquisa sobre identidade e cidadania nos Estados Unidos: da Nova História Social à Nova História Cultural”. *Revista Brasileira de História*, vol. 18, n. 35, São Paulo, 1998, pp. 227-246.

dos mercados internacionais por produtos primários como açúcar, algodão e café teriam proporcionado uma reorganização das *plantations* escravistas na ilha de Cuba, ainda pertencente ao Império Espanhol, no Sudeste brasileiro e no Sul dos Estados Unidos, promovendo uma forma de cativeiro plenamente vinculada aos efeitos da Revolução Industrial, que se diferenciava, portanto, daquela que havia sido instituído anteriormente, entre os séculos XVI e XVIII. Por esse prisma, tomado sempre como “século antiescravista”, o Oitocentos teria vivenciado, ao contrário, o apogeu da escravidão¹⁶⁹.

Particularmente, sobre a configuração de um novo modelo escravista na América no Norte nesse período, algumas considerações necessitam ser feitas. Em primeiro lugar, em termos econômicos, os Estados Unidos, em particular a parte sulista de seu território, passaram a se constituir como um centro essencial para a produção de algodão voltada para o mercado internacional, especialmente após a invenção do descaroçador automático por Eli Whitney em 1791. A despeito de problemas no início do século XIX, vinculados, em termos técnicos, ao aprendizado das recém-adotadas formas de cultivo e, no contexto internacional, aos turbulentos anos iniciais da nova centúria, marcados pelas guerras napoleônicas e pelo conflito militar entre os norte-americanos e a Inglaterra (1812-1815), a *plantation* algodeira se tornou predominante nos Estados meridionais particularmente após 1815. O aumento da produção de algodão veio acompanhada não somente da ampliação da utilização da mão-de-obra escravizada, mas coincidiu também com o início da expansão em direção às terras do Oeste¹⁷⁰.

Embora as retóricas escravista e antiescravista convivessem no debate político e intelectual norte-americano desde o processo de formação do Estado nacional em fins do século XVIII, seria possível afirmar que foi apenas com a Crise do Missouri, iniciada em 1819, que ficaram evidentes algumas das divisões mais profundas entre as grandes

¹⁶⁹ TOMICH, Dale. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 82. Além de Tomich, ver também os artigos publicados em língua portuguesa do historiador norte-americano Edward E. Baptist, “A Segunda Escravidão e a Primeira República Americana”. *Almanack*, Guarulhos, n.05, 1º semestre de 2013, pp.5-41. A historiografia brasileira tem produzido trabalhos interessantes em diálogo com essas teses, especialmente em trabalhos de viés comparativo. Ver, por exemplo, MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; e PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2015. Destaque-se também a coletânea recente dedicada à temática, com abordagens historiográficas sobre Brasil, Cuba e Estados Unidos, MARQUESE, Rafael & SALLES, Ricardo (orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹⁷⁰ BAPTIST, “A Segunda Escravidão e a Primeira República Americana”, op. cit., pp.5-41.

regiões do país¹⁷¹. Em linhas gerais, pode-se dizer que a querela entre os dois pólos da federação sintetizava-se, nesse contexto, no debate sobre a aceitação ou não de novos Estados que permitissem o cativeiro, dada a expansão territorial que, naquele momento, começava a se intensificar em direção ao Oeste. Como a incorporação de cada nova unidade federativa significava, entre outras coisas, também mudanças na configuração política do Congresso, a admissão ou não desses territórios poderia traduzir-se em desequilíbrio entre as bancadas parlamentares do Norte e do Sul, ou seja, entre grupos defensores respectivamente da abolição e da escravidão¹⁷².

Na primeira metade de década de 1830, período em que Michel Chevalier esteve nos Estados Unidos, o país vivenciava mais um momento de acirramento das relações entre os Estados setentrionais e meridionais. Dois eventos ocorridos em 1831 marcaram, nesse sentido, profundamente o imaginário dos dois lados em disputa: o aparecimento do periódico *The Liberator*, de William Garrison, considerado um marco no movimento abolicionista norte-americano, e a rebelião de Nat Turner ocorrida em Southampton, na Virgínia, responsável pela morte de dezenas de brancos e que gerou profundas reações contra os negros por parte das elites senhoriais sulistas. Durante esses anos, o debate político e, especialmente, a retórica em favor da escravidão conheceram uma importante inflexão. Em meio a certa sofisticação da argumentação em prol do cativeiro, os letrados do Sul passaram a defender o escravismo não mais como um “mal necessário”

¹⁷¹ A Crise do Missouri pode ser diretamente relacionada ao início do processo de expansão em direção ao Oeste. Em linhas gerais, para além da conquista territorial, tratava-se também da difusão dos modelos sociais e econômicos do Norte antiescravista e do Sul escravista para além dos Montes Apalaches. É importante ressaltar que a constituição de novas unidades federativas interferia diretamente na representação parlamentar no Congresso, podendo fazer com que a balança a respeito da questão do cativeiro pudesse pender para um lado ou para o outro. Especificamente em relação ao Missouri, a região, ocupada por proprietários escravistas desde a compra da Louisiana por Thomas Jefferson, em 1803, pretendia, em requisição feita em 1819, ser considerada como um Estado, mantendo suas práticas escravocratas. Contrapuseram-se, nesse sentido, a uma proposta de emenda à Constituição feita pelo deputado nova-iorquino James Tallmadge Jr., que solicitava que territórios praticantes do cativeiro não pudessem ser aceitos como novos Estados. Os líderes dos Estados meridionais voltaram-se de maneira ferrenha contra a proposta de Tallmadge ameaçando inclusive o rompimento dos laços federativos. Após muitos debates, as autoridades norte-americanas aprovaram o chamado Compromisso do Missouri, em que o novo Estado seria incorporado à União em paralelo com o não escravista Maine, recém-emancipado de Massachusetts, com o objetivo manter o equilíbrio entre os dois pólos. Além disso, ficava proibido, pelo acordo firmado, o estabelecimento de novos Estados escravistas ao norte do Missouri. A principal referência da historiografia norte-americana sobre esse processo é MOORE, Glover. *The Missouri controversy, 1819-1821*. Lexington: University of Kentucky Press, 1966.

¹⁷² Ver EGERTON, Douglas. “Slavery and the Union, 1789-1833”. In: FORD, Lacy K. (org.). *A companion to the Civil War and Reconstruction*. Malden: Blackwell, 2005.

como era feito até então, mas como uma prática essencialmente benéfica e desejável, inclusive para a salvação e civilização dos afro-americanos¹⁷³.

É importante destacar que Michel Chevalier esteve na Carolina do Sul pouco depois da eclosão de uma outra contenda, desta vez envolvendo esse Estado sulista e o governo da União: a chamada Crise da Nulificação (1832). Considerado o maior conflito entre as unidades da federação e o poder central nos Estados Unidos antes da Guerra de Secessão (1861-1865), a Crise da Nulificação nasceu de um questionamento, por parte das elites escravistas da Carolina do Sul, em relação às tarifas alfandegárias que vinham sendo impostas por Washington, D.C., desde fins da década de 1820¹⁷⁴.

É importante destacar, nesse sentido, que, em 1828, ainda sob a presidência de John Quincy Adams (1825-1829), foram estabelecidos pesados impostos sobre os bens importados com o objetivo de favorecer a produção industrial doméstica, beneficiando os Estados setentrionais e prejudicando os meridionais, bastante vinculados economicamente aos mercados internacionais e, particularmente, à Grã-Bretanha. Essa medida gerou intensos protestos de políticos e proprietários do Estado sulista, causando inclusive a reação do vice-presidente sul-corolinense John C. Calhoun, responsável pelo panfleto *Exposition and protest* (1828) que, retomando argumentos de Thomas Jefferson e James Madison, afirmava a possibilidade das unidades federativas anularem decretos promulgados pela União considerados inconstitucionais.

A Crise da Nulificação eclodiu, ironicamente, poucos anos depois, após a revisão das taxas já sob o mandato presidencial de Andrew Jackson (1829-1837). Embora reconsiderasse as tarifas sobre diversos produtos primários como o café do Brasil, por exemplo, a proposta jacksoniana mantinha altos os custos de importação de produtos manufaturados, especialmente aqueles feitos com ferro e algodão, aguçando a insatisfação da Carolina do Sul. Após uma convenção na cidade de Colúmbia, os poderes locais definiram a anulação das tarifas, ameaçando a secessão em caso de recusa do Congresso nacional. Em meio uma série de pronunciamentos advindos dos dois lados da contenda, Jackson enviou tropas para as proximidades do Estado sulista, desafiando a decisão estadual. Em um quadro mais geral, a despeito de terem cogitado

¹⁷³ HUDSON, Larry. "Slavery and the Old South". In: FORD, *A companion to the Civil War and Reconstruction*, op. cit.; ver também ver também IZECKSOHN, Vitor. "Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão". *Topoi*, Rio de Janeiro, 2003, vol. 4, n. 6, p. 57.

¹⁷⁴ Sobre a Nulificação, adoto as linhas gerais apontadas por FREEHLING, William W. *The road to disunion: secessionists at bay, 1776-1854*. New York: Oxford University Press, 2007; e, do mesmo autor, "Introduction". In: *The Nullification Era: a documentary record*. Nova York: Harper and Row, 1967.

unir-se aos sul-carolinenses, Virgínia e Georgia mantiveram-se neutros, enquanto as demais unidades federativas permaneceram ao lado do governo central. Isolada, a Carolina do Sul capitulou não sem assistir à publicação de uma nova legislação que previa cortes graduais nas aduanas até 1842. Mesmo após a pacificação dos partidos, mantinha-se a sensação, em meados da década de 1830, que uma divisão da república se configurava como algo possível.

Michel Chevalier repercutiu, em seu relato, a questão da Nulificação, vislumbrando nesse evento as sementes de uma possível secessão da federação norte-americana. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* entendia, entretanto, como já ressaltado anteriormente, que a força dos Estados Unidos vinha de seu conjunto, de sua união e da complementaridade dialética entre suas “duas naturezas”. Em sua visão, se houvesse uma divisão radical de seu território, o país perderia muito de sua importância no cenário mundial. Nas palavras do autor: “A união faz a força. A América do Norte, fragmentada em pedaços hostis uns em relação aos outros, não pesaria mais na balança do mundo que as pobres repúblicas da América do Sul”¹⁷⁵.

Embora as atenções de Chevalier estivessem mais voltadas para outras temáticas como, por exemplo, a estrutura bancária e as redes de transporte existentes no país, a questão da escravidão não deixou de ser discutida pelo autor em seus relatos produzidos nas Américas. Em suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o viajante francês apresentava sobre o tema um posicionamento bastante difundido no período entre as elites letradas ocidentais¹⁷⁶. Embora considerasse o cativo como algo profundamente negativo e nocivo, especialmente em termos morais, afirmava a impossibilidade de uma emancipação imediata dos afro-americanos. Mesmo não podendo ser acusado de defensor direto da escravidão, pode-se dizer certamente que Chevalier apresentava-se como alguém bastante tolerante em relação a ela.

A temática da manutenção ou abolição do trabalho cativo ganhava força nas reflexões do viajante não somente por conta das tensões explícitas entre os Estados do Norte e do Sul, nas quais mesmo quando destacava-se a questão aduaneira, subjazia o problema da escravidão, mas também por conta da então recente aprovação por parte do Parlamento britânico do Abolition Act (1833), que decretava o fim do cativo em suas

¹⁷⁵ No original: “L’union fait la force. L’Amérique du Nord, morcelée en lambeaux hostiles les uns aux autres, ne pèserait guère plus dans la balance du monde que les pauvres républiques de l’Amérique du Sud”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, op. cit., vol. I, p. 146.

¹⁷⁶ Sobre o pensamento abolicionista no século XIX, ver AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

colônias, pressionando as demais regiões escravistas das Américas a se posicionarem nesse sentido¹⁷⁷.

Bastante crítico em relação às violências sofridas pelas populações negras “indefesas”, escravas ou libertas, no Norte e no Sul, Chevalier demonstrava certo pesar também ao perceber a expansão do trabalho de braços escravizados pelos territórios conquistados no Oeste:

Uma tolerância cega, ou logo uma desesperadora impotência da parte dos governantes, um deplorável egoísmo da parte dos governados deixaram essa peste se enraizar sobre uma terra onde nenhuma necessidade a invocava. Quem pode dizer quando e como, e com quais dores será possível extirpá-la?¹⁷⁸

Segundo Michel Chevalier, não obstante o discurso abolicionista estivesse bastante presente no Norte, o preconceito contra os afro-americanos se configurava como tão grande ou até maior nele que nos estados escravistas. Em sua perspectiva, mesmo entre os críticos do cativo, havia uma concepção que entendia os negros como homens inferiores e que se posicionava contra a assimilação dessas populações ao status de cidadãos. Nesse sentido, segundo ele, enquanto na Europa havia negros ocupando “posições elevadas”, na república norte-americana isso não ocorria.

Dois exemplos existentes no relato de Chevalier procuravam evidenciar a desigualdade das relações entre brancos e negros no Norte do país. No primeiro, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* descrevia o caso de um raro “homem de cor” de posses da Filadélfia que convidara para um jantar em sua casa alguns brancos. Mesmo sendo o dono da residência, não participou do festim à mesa, servindo os comensais como se fosse um empregado do domicílio. No segundo caso, Chevalier narrava uma situação em que, em Massachusetts, um homem negro processara judicialmente o capitão de um navio a vapor que não permitira que sua esposa entrasse em uma região da embarcação dedicada às mulheres (*ladies' cabin*). Nessa petição, demandava que aos afro-americanos livres fossem reconhecidos os mesmos direitos que aos brancos. Segundo o relato, embora tenha vencido em primeira instância, o impetrante viu os

¹⁷⁷ Ver DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

¹⁷⁸ No original: “Un laisser-aller aveugle, ou plutôt une désespérante impuissance de la part des gouvernants, un déplorable égoïsme de la part des gouvernés ont laissé cette peste s'enraciner sur une terre où aucune nécessité ne l'appelait. Qui peut dire quand et comment, et avec quelles douleurs il sera possible de l'en extirper?”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, op. cit., p. 322.

tribunais darem razão ao capitão, ao final do processo, na corte de apelação, sendo derrotado em sua requisição¹⁷⁹. Conforme Michel Chevalier, seria possível afirmar que a despeito das posições hegemônicas distintas, respectivamente, do Norte e do Sul acerca da temática da escravidão, as práticas políticas e sociais de ambas as regiões do país se apresentavam como profundamente refratárias à incorporação dos negros à cidadania, mesmo quando estes eram homens livres.

Conforme o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, tal tratamento era concedido, particularmente nos Estados setentrionais, não somente aos afro-americanos, mas também aos negros estrangeiros que fossem ao país. De acordo com Chevalier, além de não se permitirem emissários oficiais do Haiti nos Estados Unidos, ao contrário do que ocorria, por exemplo, na França, os negros provenientes do exterior eram, sem exceção, mal recebidos ao aportarem no Norte. Segundo o viajante, um jovem haitiano de posses, educado na França, fora recusado em todos os hotéis de Nova York e não pôde entrar em um teatro da cidade mesmo tendo o dinheiro do ingresso. Por fim, foi mandado de volta a sua pátria sem que tivesse conseguido sequer se comunicar com alguém nos Estados Unidos¹⁸⁰.

Entretanto, é importante afirmar que, em sua concepção, a libertação imediata dos afro-americanos não parecia a decisão mais acertada a ser tomada pelas autoridades norte-americanas. Em Elmington, na Virgínia, em 24 de agosto de 1834, Chevalier escrevia:

Em nossos dias, a escravidão é um flagelo para todos os países em que ela existe. Nos Estados Unidos, no Sul como no Norte, estão convencidos disso; mas como colocar um fim nela? A sangrenta experiência em Saint-Domingue e os tristes resultados que ela produziu aos próprios negros não encoraja uma emancipação imediata. O grande ensaio que o governo inglês acaba de tentar em suas colônias não está tão avançado para que se possa tirar dele alguma luz. As colônias inglesas possuem por sua parte somente um terço dos escravos existentes hoje na União. E uma vez que se tenha libertado os escravos, o que se fará deles? Essa última questão é a mais embaraçosa de todas para aquele que sabe o quanto a condição dos homens de cor livres é miserável nos Estados Unidos. Por outro lado, à medida que o tempo corre, as dificuldades se agravam, e os Estados do Sul se veem ou se creem obrigados a adotar em relação à população negra

¹⁷⁹ *Ibidem*, pp. 279-280.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 279.

medidas legislativas em favor das quais se pode invocar sua a necessidade, mas que são de uma dureza excessiva¹⁸¹.

Em outras palavras, considerando-se o temor da eclosão de rebeliões negras como as ocorridas em Saint-Domingue (1791-1804) e sem ter conclusões ainda claras sobre a então recente abolição da escravidão nas colônias britânicas, Michel Chevalier posicionava-se de modo complacente em relação a tais práticas nos Estados Unidos. Na concepção do viajante, conforme exposto em uma carta redigida em Augusta, na Georgia, datada de 3 de setembro de 1835, dois fatores se apresentavam como complicadores desse processo emancipacionista: um de ordem material e econômica e outro de ordem moral:

A libertação do negro compreende aqui duas medidas: uma material, ou seja, a alforria do senhor; esta seria fácil se fosse oferecida aos proprietários uma indenização suficiente, e o país fosse bastante rico para provê-la; a outra, moral, consistindo no reconhecimento real dos direitos do negro, em sua admissão gradual aos privilégios pessoais do branco, encontrará insuperáveis obstáculos no Norte como no Sul, e produzirá talvez mais repugnâncias no Norte que no Sul¹⁸².

Ainda que não pactuassem plenamente com o regime escravista norte-americano, Chevalier podia ser considerado, quando muito, partidário de uma abolição gradual do sistema. Entendia que antes de conhecer a liberdade, os cativos deveriam ter acesso a uma série de valores morais que pudessem fazê-los conviver bem com os brancos. Degenerado pela opressão do trabalho forçado em especial nas lavouras e casas

¹⁸¹ No original: “De nos jours, l’esclavage est un fléau pour tous les pays où il existe. Aux États-Unis, dans le Sud comme dans le Nord, on en est convaincu; mais comment y mettre fin? La sanglante expérience de Saint-Domingue et les tristes résultats qu’elle a produits pour la majorité des Noirs eux memes, n’encouragent pas à une émancipation immédiate. L’essai en grand que le gouvernement anglais vient de tenter dans ses colonies n’est pas assez avancé pour qu’on puisse en tirer aucune lumière. Les colonies anglaises ne renferment d’ailleurs que le tiers des esclaves existant aujourd’hui dans l’Union. Et une fois qu’on aurait affranchi les esclaves, qu’en ferait-on? Cette dernière question est la plus embarrassante de toutes pour celui qui sait combien la condition des hommes de couleur libres est misérable aux États-Unis. D’un autre côté, à mesure que le temps marche, les difficultés s’aggravent, et les États du Sud se voient ou se croient obligés d’adopter au sujet de la population noire des mesures législatives en faveur desquelles on peut invoquer la nécessité, mais qui n’en sont pas moins d’une dureté excessive.”. *Ibidem*, pp. 253-254.

¹⁸² No original: “L’affranchissement du noir comprend ici deux mesures: l’une matérielle, c’est-à-dire la manumission du maître; celle-ci serait facile si l’on offrait aux propriétaires une indemnité suffisante, et le pays serait assez riche pour y subvenir; l’autre, toute morale, consistant dans la reconnaissance réelle des droits du noir, dans son admission graduée aux privilèges personnels du blanc, rencontrera d’insurmontables obstacles au Nord comme au Sud, et soulèvera peut-être plus de répugnances au Nord qu’au Sud”. *Ibidem*, vol. II, p. 282.

senhoriais do Sul, o escravizado, para que pudesse conhecer sua emancipação, na concepção do viajante francês, deveria ser “iniciado à dignidade e aos deveres do homem”, de modo que tivesse a possibilidade de se tornar um bom trabalhador, um bom filho, um bom esposo e um bom pai, agindo de forma proveitosa para a sociedade e para ele próprio. Segundo ele:

O principal obstáculo à libertação dos negros é também de ordem moral no que concerne ao escravo. Para que possa ser admitido à liberdade é preciso que seja iniciado à dignidade e aos deveres do homem, que trabalhe para pagar seu tributo à sociedade e para manter honradamente sua existência e a dos seus, que se dobre a obedecer de outra forma que sob a ameaça do chicote. É preciso que tenha nele os sentimentos constitutivos da personalidade, e antes de tudo, aquele da família; é preciso que queira e saiba ser filho, esposo e pai. Há direitos imprescritíveis à liberdade somente para quem está pronto para atuar em proveito da sociedade e de si próprio¹⁸³.

Na visão de Michel Chevalier, destacava-se ainda um ponto em relação à escravidão nos Estados Unidos: a comparação bastante comum no século XIX, inclusive muito presente também na retórica dos defensores da escravidão no Brasil, entre as condições de vida dos escravizados nas Américas e as das classes subalternas europeias. Colocando em paralelo as condições de vida da população cativa de origem africana no Novo Mundo e do camponês europeu, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava que:

É justo dizer que se nos Estados Unidos os escravos são degradados intelectualmente e moralmente, eles são tratados com humanidade sob o aspecto material. Os escravos aqui são menos sobrecarregados de trabalho, mais bem alimentados e mais bem tratados que a maior parte dos camponeses da Europa. Seu estado de bem-estar é atestado pela rapidez com que sua raça prolifera¹⁸⁴.

¹⁸³ No original: “Le principal obstacle à l'affranchissement des noirs est aussi de l'ordre moral en ce qui concerne l'esclave. Pour qu'il puisse être admis à la liberté, il faut qu'il soit initié à la dignité et aux devoirs de l'homme, qu'il travaille pour payer son tribut à la société et pour maintenir honorablement son existence et celle des siens, qu'il se plie à obéir autrement que sous la menace du fouet. Il faut qu'il porte en lui les sentiments constitutifs de la personnalité, et avant tout, celui de la famille; il faut qu'il veuille et sache être fils, époux et père. Il n'y a de droits imprescriptibles à la liberté que pour qui est en mesure d'en jouir avec profit pour la société et pour lui même”. *Ibidem*, vol. I, pp. 282-283.

¹⁸⁴ No original: “Il est juste de dire que si aux États-Unis les esclaves sont dégradés intellectuellement et moralement, ils sont traités avec humanité sous le rapport matériel. Les esclaves ici sont moins surchargés de travail, mieux nourris et mieux soignés que la plupart des paysans d'Europe. Leur état de bien-être est attesté par la rapidité avec laquelle leur race pullule.”. *Ibidem*, p. 441.

A dureza e o violência do trabalho escravo presente na crítica dos abolicionistas europeus e norte-americanos eram relativizadas no discurso de Michel Chevalier. Ao comparar o tratamento dado ao escravizado negro ao concedido ao camponês europeu, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* se aproximava, mais uma vez, da tese da emancipação gradual dos cativos, compreendendo que a liberdade não significaria necessariamente melhores condições de vida. Desse modo, o letrado francês entendia, em primeiro lugar, que a alforria apenas deveria ser concedida quando a população cativa estivesse preparada para tanto. Em consequência dessa tese, a libertação imediata significaria, em sua visão, colocar a república em um estado de desordem social. A citação a seguir talvez seja capaz de sintetizar a constituição de uma visão tolerante e gradualista do viajante a respeito da escravidão nas Américas: “A escravidão, tão odiosa quanto ela possa ser, é, no entanto, uma forma de ordem social; ela deve ser conservada lá onde toda outra forma melhor fosse impossível; ela deve desaparecer lá onde o inferior está maduro para uma condição mais favorável”¹⁸⁵.

É importante ressaltar, portanto, a partir da análise do relato de Michel Chevalier, que a despeito das divergências políticas existentes entre o Norte e o Sul acerca da questão da escravidão, ambas as regiões se caracterizariam pela exclusão das populações afro-descendentes das práticas relacionadas à cidadania. Paradoxalmente, na perspectiva do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o rebaixamento e degeneração moral resultante da condição de escravizado, seriam, no limite, os responsáveis imediatos pela manutenção do cativeiro. Em outras palavras, por meio dessa visão, tornar o homem escravo era fazê-lo se transformar em alguém incapaz de exercer sua própria liberdade, o que resultaria, ironicamente, em uma continuidade indefinida dessa prática.

Apontadas essas diversas questões, não há como subestimar a temática escravidão nos debates políticos, econômicos, sociais e culturais nos Estados Unidos da primeira metade do século XIX, em especial, para a compreensão das relações entre o Norte e o Sul da república durante esses anos. Entretanto, não há no relato de Michel Chevalier, como desconsiderar um terceiro elemento essencial em sua concepção espacial da federação estadunidense: o Oeste, síntese da “geografia imaginativa”

¹⁸⁵ No original: “L’esclavage, si odieux qu’il puisse être, est cependant une forme d’ordre social; il doit être conservé là où toute autre forme meilleure serait impossible; il doit disparaître là où l’inférieur est mûr pour une plus favorable condition”. *Ibidem*, vol. II, p. 283.

construída pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* durante sua viagem à república americana.

O Oeste e a geografia imaginativa norte-americana

Edward Said, no clássico *Orientalismo*, publicado originalmente em 1978, cunhou o conceito de “geografia imaginativa” para se referir a um dos processos essenciais na construção do Oriente pelo Ocidente na época contemporânea: a utilização de categorias geográficas como balizas imaginárias para definições culturais e identitárias¹⁸⁶. Mesmo com seus quarenta anos completados em 2018, o termo ainda parece bastante eficaz para compreender o processo de construção de identidades, especialmente quando se analisam relatos de viagem.

Os textos de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos oferecem, nesse sentido, um bom exemplo acerca da elaboração de uma “geografia imaginativa”. Norte e Sul, tese e antítese da dialética constitutiva da república norte-americana, não eram, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, somente categorias geográficas, mas grandes entidades culturais, portadoras de modelos sociais paradigmáticos. A análise construída pelo viajante, não obstante, não se restringia, como em qualquer processo de constituição de uma “geografia imaginativa”, a uma perspectiva exclusiva sobre o “outro”, mas em uma projeção acerca de questões inerentes ao próprio observador. Por exemplo, pode-se afirmar o espelhamento das divergências culturais, comportamentais e identitárias de britânicos e franceses nas “duas naturezas” formativas da nacionalidade norte-americana, respectivamente o Norte e o Sul. Indo mais adiante, ao defender a complementaridade entre os Estados setentrionais e meridionais da federação, diversos em seus estilos de vida, costumes, ideias e organização econômica, como essencial para o fortalecimento dos Estados Unidos, Michel Chevalier não deixava de estar pregando a aproximação e o intercâmbio entre franceses e ingleses como fator de desenvolvimento econômico e intelectual de ambos os países.

Na constituição dessa “geografia imaginativa” dos Estados Unidos, não foram apenas o Norte e o Sul que tiveram seus papéis destacados no relato. Se essas duas regiões configuravam-se, na interpretação do autor, como a tese e a antítese da formação nacional norte-americana, Chevalier apontava para o surgimento de um

¹⁸⁶ SAID, *op. cit.*

terceiro tipo constituinte da federação que, nascido da expansão promovida por “ianques” e “virginianos”, atuaria, bem ao sabor de sua concepção dialética, como a síntese desses dois caracteres e estaria destinado a superá-los em poder e riquezas: o Oeste. Na “dialética das civilizações” proposta pelo viajante, sociedades dinâmicas se constituiriam não somente quando formadas por dois tipos básicos e antagônicos, mas também seriam capazes de comportar, como resultado dessas interações, o advento de um terceiro elemento. Nas palavras do autor:

A dualidade não é [...] o único modo segundo o qual uma sociedade pode ser constituída solidamente e elasticamente ao mesmo tempo. Quando um terceiro tipo, cuja superioridade é aceita pelos dois outros, ou que partilha bastante da natureza de um e de outro para lhes servir de laço e de intermediário vem se colocar entre eles, isso resulta em uma vigorosa organização social. Pois então a harmonia entre os dois tipos primitivos cessa de ser uma abstração; torna-se de carne e osso, é claramente e poderosamente personificada¹⁸⁷.

Na história norte-americana, esse novo elemento interposto entre o Norte e o Sul era, como destacado anteriormente, o Oeste. Na primeira metade da década 1830, os Estados Unidos já vivenciavam um processo de expansão, havendo cruzado o limite dos Montes Apalaches e fincando sua presença nas margens do Rio Mississippi. Os dois mandatos de Andrew Jackson como presidente da república, entre 1829 e 1837, acentuaram ainda mais esse processo, não somente por seu entusiasmo e ações políticas em relação à conquista de novos territórios, mas também por ser o primeiro chefe do poder executivo norte-americano a ter suas raízes vinculadas ao Oeste: nascido em uma “região de fronteira” entre a Carolina do Norte e a Carolina do Sul, estabelecera-se ainda jovem no novo Estado do Tennessee¹⁸⁸. Os debates em torno da ocupação de novas terras para a federação estavam, portanto, à época da viagem de Chevalier, na ordem do dia.

¹⁸⁷ No original: “La dualité n'est cependant pas le seul mode suivant lequel une société puisse être constituée solidement et élastiquement tout à la fois. Lorsqu'un troisième type, dont la supériorité est admise des deux autres, ou qui partage assez de la nature de l'un et de l'autre pour leur servir de lien et d'intermédiaire, vient se poser entre eux, il en résulte une vigoureuse organisation sociale. Car alors l'harmonie entre les deux types primitifs a cessé d'être une abstraction; elle a pris chair et os, elle s'est nettement et puissamment personnifiée”. CHEVALIER, vol. I, *op. cit.*, p. 182.

¹⁸⁸ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. São Paulo: Edusp, 2018.

Segundo o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, os americanos saídos do Leste estavam destinados a “formar esse terceiro tipo americano, aquele do Oeste, tipo cujos contornos são ainda confusos como seu futuro, mas que todos os dias desenha mais claramente suas formas atléticas e suas pretensões ambiciosas, e que parece destinado a dominar os outros dois”¹⁸⁹. Nesse processo, haveria certa preeminência do industrioso “ianque”, o qual atuaria, conforme Chevalier, como “árbitro dos usos e costumes”¹⁹⁰. Entretanto, se a União fosse capaz de superar suas dissensões internas e se mantivesse federada, os caracteres virginianos alcançariam, segundo ele, cada vez mais destaque no novo tipo que estava se constituindo no Oeste. Chevalier sublinhava da seguinte maneira os aspectos característicos desse novo homem que se formava nos territórios conquistados para além dos Montes Apalaches:

Esse homem do Oeste é rude, mas não é raivoso. É suscetível, orgulhoso de si mesmo, orgulhoso de seu país, ele o é excessivamente, mas sem auto-satisfação e sem afetação. Afaste o envoltório de vaidade e egoísmo, e encontrará nele um bom fundo de prestimosidade e mesmo de generosidade. É um grande calculista e, no entanto, não é frio; é capaz de entusiasmo. Ama o dinheiro com paixão e não é ávaro, é frequentemente pródigo. É brusco e rígido, pois não teve tempo de adoçar sua voz e flexibilizar seu gesto. Se é grosseiro, não é que se compraza da grosseria; ele aspira a tornar-se um homem de boa companhia e já quer se passar por tal; mas ocupou-se mais de cultivar a terra que de cultivar-se a si mesmo¹⁹¹.

Em tom profético, Chevalier via no Oeste o futuro da América do Norte, síntese da nação capaz de superar a tradicional divisão entre o Norte e o Sul:

¹⁸⁹ No original: “former ce troisième type américain, celui de l'Ouest, type dont les contours sont confus encore comme son avenir, mais qui tous les jours dessine plus nettement ses formes athlétiques et ses prétentions ambitieuses, et qui semble destiné à dominer les deux autres”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, *op. cit.*, p. 167.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 175.

¹⁹¹ No original: “Cet homme de l'Ouest est rude, mais il n'est point hargneux. Il est susceptible, fier de lui-même, fier de son pays, il l'est à l'excès, mais il l'est sans fatuité et sans affectation. Écartez l'enveloppe de vanité et d'égoïsme, et vous trouverez chez lui un bon fonds d'obligeance et même de générosité. Il est grand calculateur, et cependant il n'est point froid; il est capable d'enthousiasme. Il aime l'argent de passion, et il n'est point avare, il est souvent prodigue. Il est brusque et raide, parce qu'il n'a pas eu le temps d'adoucir sa voix et d'assouplir son geste. S'il est grossier, ce n'est pas qu'il se complaise dans la grossièreté; il aspire à devenir un homme de bonne compagnie, et voudrait déjà passer pour tel; mais il a dû beaucoup plus s'occuper de cultiver la terre que de se cultiver lui-même”. *Ibidem*, vol. II, pp. 17-18.

Essa porção dos Estados Unidos, que era somente uma solidão quando foi declarada a Independência, e com a qual ninguém sonhava quando se estabeleceu a capital em Washington, vai se encontrar, no próximo recenseamento, a mais poderosa das três seções territoriais da União. Em pouco tempo, sozinha, ela ultrapassará as duas outras; ela terá maioria no Congresso; ela governará o Novo Mundo. Já a antiga divisão, em Norte e Sul, parece próxima de ser somente secundária. Dir-se-ia que a divisão principal deve ser logo aquela do Leste e do Oeste¹⁹².

Está posta no excerto acima uma formulação, alicerçada sobre uma concepção dialética da história, segundo a qual a geografia e os modelos sociais norte-americanos carregariam em si duas naturezas distintas, o Norte e o Sul, tese e antítese, que, ao interagirem e se complementarem, seriam capazes de produzir uma síntese nacional: o Oeste. Se o “ianque” e o “virginiano”, representantes paradigmáticos dos dois pólos constitutivos dos Estados Unidos, podem ser considerados os dois elementos básicos da formação da nação, o Oeste, originário desses dois troncos, congregava em si a esperança do futuro norte-americano, conduzindo a república, possivelmente, a uma nova dialética nacional, dessa vez entre o Leste e o Oeste dos Estados Unidos.

Pode-se, por meio dessa interpretação, conceber, de certa maneira, uma possível relação entre a exaltação de Michel Chevalier a respeito da expansão para o Oeste e a célebre tese instituída no final do século XIX pelo historiador norte-americano Frederick Jackson Turner (1861-1932) acerca da centralidade da “fronteira” para a História norte-americana. Se para o autor francês, a interação dialética entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos convergiria para a constituição de uma síntese nacional no Oeste, para Turner esse seria essencialmente o sentido da história americana. A busca por “terras virgens”, a luta contra a “natureza selvagem” e o pretense igualitarismo econômico e político entre os *farmers* se constituiriam, em alguma medida, como pilares da democracia norte-americana em ambas as abordagens¹⁹³.

¹⁹² No original: “Cette portion des États-Unis, qui n'était qu'une solitude quand fut déclarée l'Indépendance, et à laquelle personne ne songeait quand on établissait la capitale à Washington, va se trouver, au prochain recensement, la plus puissante des trois sections territoriales de l'Union. Dans peu, à elle seule, elle dépassera les deux autres; elle aura la majorité au Congrès; elle gouvernera le Nouveau-Monde. Déjà l'ancienne division, en Nord et Sud, semble près de n'être plus que secondaire. On dirait que la division principale doit être bientôt celle d'Est et Ouest.”. *Ibidem*, p. 27.

¹⁹³ Ver TURNER, Frederick Jackson. “O significado da fronteira na História Americana”. In: KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste Americano: quatro ensaios de História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2004. Sobre a historiografia em torno do Oeste norte-americano, ver ÁVILA, Arthur Lima de. “O Oeste historiográfico norte-americano: a *Frontier Thesis* vs. a *New Western History*”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, jan/dez. 2005, pp. 369-413.

Parece importante ressaltar ainda que essa perspectiva vem, de certa forma, estruturando, nos últimos duzentos anos, a construção de uma certa mitologia da nação, alicerçada sobre uma linguagem expansionista vinculada ao chamado Destino Manifesto e difundida de inúmeras maneiras e por variados meios, especialmente pela produção intelectual e artística e pela indústria cultural daquele país. O Oeste apresenta-se, nesse sentido, como um espaço imaginário representativo da grandeza reservada pela Providência aos Estados Unidos. O *wilderness* norte-americano foi descrito por intelectuais, pintores e poetas como um novo Éden e seus desbravadores encarnavam o próprio Adão no Novo Mundo¹⁹⁴.

Tratando das relações entre a conquista do Oeste e as características democráticas da sociedade norte-americana, Michel Chevalier afirmava:

É que no Oeste há uma igualdade que não é uma igualdade de piada, uma igualdade no papel. Todo homem que tem sobre os ombros uma veste mediocrementemente própria sobre si é um *gentleman*; todo *gentleman* vale ali o mesmo que o outro e não supõe que deva se incomodar com seu igual. Ele se ocupa dele mesmo e, de modo nenhum, do outro; ele não espera nada a respeito de seu vizinho, e não supõe que aquele possa desejar dele a menor atenção¹⁹⁵.

Para o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a possibilidade da conquista de novas terras mesclaria, dessa forma, a intersecção entre democracia e individualismo. Proclamava-se, nesse relato, em razão da marcha rumo ao Oeste, tal como seria descrito por Frederick Jackson Turner algumas décadas depois, a ascensão de uma república de homens brancos livres e iguais entre si, conquistadores de “terras virgens”, preocupados com seus próprios assuntos e com sua própria ascensão social.

É preciso ressaltar que, assim como nas obras de seu contemporâneo Alexis de Tocqueville, a análise sobre a temática da democracia se apresentava como essencial

¹⁹⁴ Sobre a mitologia do Oeste como formador da nacionalidade norte-americana, ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções – Oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: Edusf, 2000; LEWIS, R. W. B. *American Adam: innocence, tragedy and tradition in the nineteenth century*. Chicago: University of Chicago Press, 1975; e PRADO, Maria Lígia Coelho. “Natureza e identidade nacional nas Américas”. In: *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

¹⁹⁵ No original: “C'est que dans l'Ouest il y a une égalité qui n'est pas de l'égalité pour rire, de l'égalité sur le papier. Tout homme qui a sur les épaules un habit médiocrement propre y est un *gentleman*; tout *gentleman* en vaut un autre, et ne suppose pas qu'il doive se gêner pour son égal. Il s'occupe de lui-même et nullement d'autrui; il n'attend aucun égard de son voisin, et ne soupçonne pas que celui-ci puisse désirer de lui la moindre attention”. CHEVALIER, vol. II, *op. cit.*, pp. 17.

nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Embora essa questão não exercesse o mesmo protagonismo que adquirira no clássico tocquevilleano, funcionava como um dos pilares da compreensão de Chevalier sobre os Estados Unidos, contribuindo de maneira bastante destacada para suas reflexões sobre as questões políticas de uma França marcada pela Revolução de 1789 e pela sucessão dos mais variados regimes de governo. Bem como em Tocqueville, a discussão existente em seus textos sobre os modelos políticos constituintes da república americana não deixava assim de resultar em uma tentativa de interpretação das transformações vivenciadas durante esses anos na Europa e apontar aos franceses possíveis caminhos para a recém-estabelecida Monarquia de Julho.

A democracia na América

Antes de discutir de maneira particular a temática da democracia nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier, é importante destacar que não há como tratar dessa questão nos Estados Unidos na primeira década do século XIX sem ao menos mencionar Alexis de Tocqueville e o seu paradigmático *A democracia na América*, publicado em dois volumes, respectivamente em 1835 e 1840. Analisada frequentemente como um tratado da ciência política, a obra tocquevilliana não deixa de se configurar como produto – certamente o mais importante – de sua viagem à América. Entretanto, é preciso ressaltar que, a despeito da celebridade alcançada por esse livro, outros trabalhos também resultaram do périplo realizado por Tocqueville e Gustave de Beaumont ao Novo Mundo. Ambos publicaram em conjunto, em 1833, atendendo ao objetivo oficial da viagem que os levou à América, o relatório *Du système pénitentiaire aux États-Unis et de son application en France*, com os dados levantados sobre a questão das penitenciárias e colônias penais norte-americanas¹⁹⁶. Além disso, produzindo também a partir desse itinerário, Beaumont foi responsável individualmente pela escrita de *Marie ou de l'esclavage*, obra editada em 1835, que, nos interstícios do relato documental e da ficção, procurou discutir o problema da escravidão nos Estados Unidos¹⁹⁷.

¹⁹⁶ BEAUMONT, Gustave de & TOCQUEVILLE, Alexis de. *Du système pénitentiaire aux États-Unis et de son application en France*. Paris: H. Fournier Jeune Libraire, 1833.

¹⁹⁷ BEAUMONT, Gustave. *Marie ou de l'esclavage: tableau de mœurs américains*. Paris: Libraire de Charles Gosselin, 1835, 2 vols.

De acordo com seu companheiro de périplo Gustave de Beaumont, embora houvesse viajado ao Novo Mundo sob outro pretexto, Alexis de Tocqueville alimentava desde sua juventude, a curiosidade de conhecer a originalidade do sistema político e das instituições norte-americanas¹⁹⁸. Membro da elite aristocrática de seu país, o jovem Tocqueville foi profundamente impactado pelos desdobramentos da Revolução Francesa que vinham afetando diretamente sua família desde fins do século XVIII. Constituiu assim suas concepções sob uma perspectiva que compreendia a existência de uma marcha irreversível da História na direção de sociedades cada vez mais pautadas pela “democracia” ou, em seus termos, pela “igualdade de condições”. Fatalista, Tocqueville via essa nova forma de organização política e social como inexorável, mas, ao mesmo tempo, como passível de ser moderada, não mais especificamente pela nobreza definida pelo nascimento, mas pela aristocracia dos mais bem preparados. Por outro lado, se radicalizada, a democracia poderia facilmente conduzir os territórios por ela governados para uma “tirania da maioria”¹⁹⁹.

Embora menos analisadas pela literatura acadêmica, as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier, têm sido recentemente retomadas pela historiografia preocupada com essa temática. Autores como Michael Drolet e Jeremy Jennings, buscando recuperar a interpretação do autor saint-simoniano sobre a questão da democracia nos Estados Unidos, vêm destacando, nos últimos anos, uma certa obliteração desse relato diante do tratado político de Tocqueville²⁰⁰. De acordo com Jennings, para se compreender esse eclipsamento dos textos de Chevalier em relação ao seu contemporâneo mais famoso, é preciso, em primeiro lugar, atentar para as diferentes naturezas das duas obras. Segundo ele, enquanto *A democracia na América* foi escrita somente após o retorno de seu autor à França, resultando em uma reflexão mais maturada e densa sobre os costumes e instituições estadunidenses, as cartas de

¹⁹⁸ BEAUMONT, Gustave. “Introdução”. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *Viagem aos Estados Unidos*. São Paulo: Hedra, 2010, p. 20.

¹⁹⁹ Ver FURET, François. “O sistema conceptual de *A democracia na América*”. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. XI-XLIX; JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; IUPERJ, 2005, pp. 40-50; QUIRINO, Célia Galvão. “Tocqueville: a realidade da democracia e a liberdade ideal”. In: QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Cláudio & BRANDÃO, Gildo Marçal (orgs.). *Clássicos do pensamento político*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004; e FLORENZANO, Modesto. “Tocqueville diante da Democracia e da Revolução”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, vol. 65, 1999, p. 25-55.

²⁰⁰ Ver DROLET, Michael. “Industry, Class and Society: A Historiographic Reinterpretation of Michel Chevalier”. *The English Historical Review*, Vol. 123, No. 504 (Oct., 2008), pp. 1229-1271; e JENNINGS, Jeremy. “Democracy before Tocqueville: Michel Chevalier’s America”. *The Review of Politics*, n. 68, 2006, pp. 398-427.

Chevalier foram redigidas no calor da hora, publicadas quase que simultaneamente no *Journal des Débats*, resultando em descrições mais livres e, ao mesmo tempo, bastante vinculadas às circunstâncias específicas vivenciadas ao longo da viagem. Em contrapartida, Chevalier teria destacado, em suas obras, aspectos que tiveram menor relevância no tratado de Tocqueville, particularmente os assuntos econômicos, possivelmente menos instigantes ao público da época que as temáticas políticas abordadas em *A democracia na América*, por exemplo. Ainda na perspectiva de Jennings, a despeito das divergências que possuem, ambas as obras guardam paralelos e podem ser vistas não como antagônicas, mas como complementares para aqueles que procuram compreender os diversos aspectos da sociedade, da política, da economia e da cultura dos Estados Unidos na primeira metade do século XIX²⁰¹. Além dessas questões, pode-se inferir também que a posterior participação de Chevalier no demonizado governo de Napoleão III, principalmente após sua queda, em 1870, pode ter contribuído, de certa forma, para um menor interesse por sua obra nos anos que se seguiram ao fim do Segundo Império.

Parece importante realçar ainda que, embora possivelmente não tenha tido acesso a *A democracia na América* durante sua viagem aos Estados Unidos, Chevalier tomou conhecimento do tratado de Tocqueville na França antes da publicação das *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Isso porque, no relato do engenheiro saint-simoniano, o aristocrata era referenciado em uma nota de rodapé em uma de suas últimas cartas no país dos “ianques”. Nas palavras de Chevalier:

É impossível falar da democracia americana sem citar a obra recente do Sr. de Tocqueville. Eu a indico aqueles que desejam conhecer em detalhe os aspectos e os instintos dessa democracia, o império que ela exerce sobre a burguesia, assim como as leis pelas quais ela realizou e consolidou esse império²⁰².

Para além da menção a *A democracia na América*, note-se também, na citação acima, que o conceito de “democracia” mobilizado por Chevalier com o objetivo de citar a então recente obra de Tocqueville deixava subentendida uma concepção sobre o termo que perpassava, como será discutido com mais vagar nas próximas páginas, todo

²⁰¹ JENNINGS, *op. cit.*, pp. 398-402.

²⁰² No original: “Il est impossible de parler de la démocratie américaine sans citer l'ouvrage récent de M. de Tocqueville. J'y renvoie ceux qui désirent connaître en détail les allures et les instincts de cette démocratie, l'empire qu'elle exerce sur la bourgeoisie, ainsi que les lois par lesquelles elle a constaté et affermi cet empire”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. II, *op. cit.*, p. 420.

o seu relato: para o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, “democracia” não se configurava somente como uma forma de organização social e política, mas também como a delimitação de uma classe social específica.

Antes, entretanto, de promover essa análise, é preciso destacar que não era coincidência que a abordagem dessa temática tenha mobilizado de forma tão contundente a preocupação dos dois viajantes que estiveram nos Estados Unidos do início da década de 1830. Isso porque, nesse período, a temática da democracia estava na ordem do dia dos debates políticos norte-americanos, em grande medida, pela mobilização desse conceito durante o mandato presidencial de Andrew Jackson (1829-1837). Considerado um dos dirigentes da república norte-americana mais destacados do século XIX, Jackson, representado no relato de Michel Chevalier, como uma espécie de personificação da democracia norte-americana, mereceu, como será discutido a seguir, um lugar privilegiado em sua interpretação sobre a política dos Estados Unidos na década de 1830.

A democracia jacksoniana

Presidente norte-americano dos mais importantes do século XIX, Andrew Jackson constitui-se como um dos personagens essenciais das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier. Conhecido, antes de sua eleição, por atuar de maneira decisiva como militar na chamada Guerra de 1812 contra a Inglaterra²⁰³, por submeter os indígenas da Flórida às autoridades norte-americanas, por se apresentar como grande incentivador da, muitas vezes, violenta expansão norte-americana em direção ao Oeste e por se definir como o grande arauto de uma democracia que privilegiasse o “homem branco comum”, o então presidente dos Estados Unidos, também conhecido à época pela alcunha de *the Old Hickory* (“a velha nogueira”), personificava, de certa maneira, nesse relato, as ambiguidades da democracia que se consolidava naquele país²⁰⁴. Para se

²⁰³ A Guerra de 1812 contra a Inglaterra, ocorrida durante o governo de James Madison (1809-1817), foi resultado, entre outras coisas, da reação norte-americana aos ataques britânicos a navios norte-americanos durante os conflitos entre a Grã-Bretanha e a França no contexto das Guerras Napoleônicas (1804-1815).

²⁰⁴ A relevância desse líder político pode ser apreendida, em certa medida, pela relação entre seu nome e conceitos referentes à história norte-americana como, por exemplo, o de “democracia jacksoniana”. Da mesma forma, pode-se constatar que os anos que circundaram seu governo são ainda hoje frequentemente tratados na historiografia como “A Era de Jackson”. Ver, entre outros, SCHLESINGER JR., Arthur M. *The age of Jackson*. Boston: Little, Brown and Company, 1946; MEYERS, Marvin. *The Jacksonian persuasion: politics & belief*. Stanford: Stanford University Press, 1957; SELLERS, Chales. *The market revolution: jacksonian America, 1815-1846*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.

eleger presidente, Jackson se beneficiou de inúmeras transformações vivenciadas pelos Estados Unidos na década de 1820, impondo, em 1828, uma contundente derrota ao então presidente John Quincy Adams que tentava a reeleição. A ascensão do general vinculava-se naquele momento historicamente a um discurso caracterizado pela defesa da “democracia” e do governo do “homem comum”²⁰⁵.

De acordo com Richard Hofstadter, a eleição de Jackson não se constituiu, entretanto, como marco inicial de um modelo “democrático” nos Estados Unidos, mas foi, ao contrário, o produto das novas condições que vinham se apresentando ao país, particularmente na década de 1820. Entre as várias mudanças perceptíveis naquele período destacava-se, em especial, a adoção do sufrágio universal entre os homens brancos em vários dos novos Estados do Oeste. Para se ter uma ideia da rápida ampliação da participação de eleitores nos Estados Unidos, enquanto nas eleições de 1824 votaram apenas 355 mil homens, no pleito em que Andrew Jackson foi o vitorioso, em 1828, por volta de 1 milhão e 155 mil cidadãos do sexo masculino foram às urnas. Além disso, a república norte-americana vinha conhecendo importantes transformações, particularmente na indústria e nos meios de transporte, proporcionando novas oportunidades na atividade econômica, além de perspectivas bastante promissoras de ascensão social com a expansão rumo ao Oeste²⁰⁶.

Entre os eventos simbólicos desse novo tempo “democrático” anunciado pela eleição de Jackson esteve, por exemplo, o dia de sua posse, quando a Casa Branca se abriu literalmente para o ingresso do “homem comum”. Nessa data, não somente poderosos ou membros da elite puderam saudar o presidente eleito, mas também grupos populares tiveram sua entrada permitida na cerimônia que inaugurava o novo governo. Passava-se, dessa forma, a esses novos atores da política norte-americana, a mensagem de que a residência presidencial estaria aberta a todos, desde que obviamente fossem brancos e do sexo masculino²⁰⁷.

Politicamente, a ascensão de Jackson também revelou-se, além de todos esses aspectos, um novo marco no sistema partidário norte-americano. É importante destacar, antes de se discutir especificamente as transformações ocorridas a partir das eleições de 1828, que, até então, as disputas pelo poder nos Estados Unidos se polarizavam, em

²⁰⁵ JUNQUEIRA, *Estados Unidos*, op. cit.

²⁰⁶ HOFSTADTER, Richard. *The American political tradition*. Nova York: Vintage Books, 1974, pp. 50-57.

²⁰⁷ Ver, por exemplo, SELLERS, Charles; MAY, Henry & McMILLEN, Neil R. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 138; e JUNQUEIRA, *Estados Unidos*, op. cit.

linhas gerais, entre, de um lado, os “federalistas”, defensores de um governo mais centralizado e do desenvolvimento do comércio e da indústria, e, de outro, os “republicanos-democráticos” de matriz jeffersoniana, simpáticos à agricultura, ao auto-governo e a um pretenso igualitarismo entre os pequenos proprietários rurais. No novo contexto proporcionado pelas recentes configurações sociais e políticas da década de 1820, o surgimento do Partido Democrata de Andrew Jackson passou a pautar a política norte-americana essencialmente pelo antagonismo entre jacksonianos e antijacksonianos. Curiosamente, embora mais próximo da herança republicano-democrática, o novo presidente mesclava em seu discurso e em suas práticas políticas importantes aspectos das duas correntes hegemônicas anteriores. Embora seu entusiasmo pelo Oeste o fizesse um grande arauto da república dos homens brancos comuns e dos pequenos proprietários, aproximando-o da utopia agrícola de Thomas Jefferson, mostrava-se, não obstante, um dirigente bastante centralizador. Para Alexis de Tocqueville, por exemplo, Jackson seria, em síntese, “*federal por gosto e republicano por cálculo*”²⁰⁸.

Hegemônico até a Guerra de Secessão (1861-1865), o Partido Democrata de matriz jacksoniana tinha como sua base de apoio setores sociais heterogêneos que englobavam trabalhadores urbanos, imigrantes e fazendeiros. Além disso, a despeito do caráter centralizador de seu líder, pregava o *laissez-faire*, ignorava o problema da escravidão e afigurava-se essencialmente como defensor dos homens brancos. Os antijacksonianos se concentravam, em contrapartida, no Partido Whig. Em geral, fazendeiros e industriais do Norte e do Sul, defendiam uma participação mais ativa do Estado nos assuntos econômicos, tarifas protecionistas e intervenção em questões sociais como a educação pública e a defesa de leis contra o alcoolismo. A despeito de suas diferenças, ambos os partidos representavam ainda uma nova fase das disputas eleitorais nos Estados Unidos por marcarem a ascensão ao poder dos chamados “políticos profissionais” e de burocracias partidárias mais organizadas em lugar dos membros de uma elite agrária mais tradicional que havia governado o país na fase anterior²⁰⁹.

Além disso, o governo de Jackson também se caracterizou, como já foi destacado anteriormente, por ações que mesclavam a expansão em direção ao Oeste

²⁰⁸ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 452.

²⁰⁹ Sobre o segundo sistema partidário nos Estados Unidos, ver IZECKSOHN, *op. cit.*, pp. 58-61.

com uma política bastante agressiva em relação às populações nativas. O presidente democrata, como a maior parte dos defensores do expansionismo norte-americano, exaltava, em linhas gerais, a conquista de novos territórios, o individualismo e a figura do *self-made-man*. O indígena, nessa perspectiva, era visto como selvagem e empecilho para o desenvolvimento do país, devendo, portanto, ser expulso de terras que poderiam ser aproveitadas pelos homens brancos. Dessa forma, Jackson foi responsável, por exemplo, pela assinatura, em 1830, do Indian Removal Act, que previa a remoção forçada dessas populações para territórios além do Rio Mississippi. Marcadas pela violência, as migrações compulsórias em direção ao chamado Território Indígena, localizado no atual Estado de Oklahoma, ficaram conhecidas por essa razão como *Trial of Tears* (Trilha das Lágrimas), denominação que receberam das populações Cherokee que foram obrigadas a abandonar suas terras na Georgia e seguir para as novas reservas determinadas pelo governo federal. Conforme Mary Anne Junqueira, em menos de dez anos, 17 mil indígenas foram removidos. Destes, por volta de 4 mil morreram no percurso e muitos tiveram dificuldades de adaptação nas novas regiões²¹⁰.

Diferente de outras temáticas, a discussão sobre a questão indígena nos Estados Unidos, embora estivesse superficialmente presente, não mereceu grande destaque nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Em contrapartida, Michel Chevalier reservou diversas páginas à exposição de suas concepções sobre o governo de Andrew Jackson e à temática da democracia nos Estados Unidos.

É possível afirmar que as descrições de Michel Chevalier sobre *The Old Hickory* podem ser divididas, ao longo das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, em dois momentos. Em suas primeiras cartas, embora houvesse determinados pontos de discórdia entre as concepções políticas e econômicas do presidente dos Estados Unidos e as do viajante francês, especialmente, como será possível discutir no próximo capítulo, a respeito da questão dos bancos, era perceptível, nesses textos do engenheiro saint-simoniano sobre a federação norte-americana, uma certa ambiguidade que transitava entre a crítica e a admiração em relação à figura do líder democrata. Descrevendo o personagem, em um momento inicial do relato, Chevalier apontava, por exemplo, que “os sucessos militares do general Jackson, sua probidade, seu caráter firme até a obstinação, sua rigidez de

²¹⁰ JUNQUEIRA, *Estados Unidos*, op. cit.

barra de ferro, lhe valeram uma popularidade imensa”²¹¹. Além disso, caracterizava “o velho general” como “firme, ágil, audacioso, enérgico”²¹² e como “um homem bravo, zeloso pelo bem da pátria, mas muito ágil em relação aos seus oponentes”²¹³.

A despeito desses comentários, que mesmo quando críticos, estavam pontuados de respeito em relação a *the Old Hickory*, pode-se notar, a partir de sua carta do dia 15 de dezembro de 1834, escrita em Louisville, no Kentucky, e intitulada, não coincidentemente de “Le président Jackson”, uma mudança no tom de Chevalier em suas descrições sobre o governante norte-americano²¹⁴. Isso se devia, como a própria carta deixava entrever, à Mensagem Anual ao Congresso, proferida por Jackson, em 02 de dezembro de 1834. Nesse discurso, após destacar as boas relações da política externa norte-americana com diversos países da Europa e das Américas, ressaltava o descumprimento por parte dos franceses de acordos diplomáticos com os Estados Unidos, realizados anos antes. Segundo o velho general, o governo norte-americano teria negociado, ainda à época da Restauração borbônica na França (1814-1830), uma indenização em compensação aos ataques promovidos a navios e propriedades estadunidenses no início do século, em particular durante as Guerras Napoleônicas. Tais acordos não vinham sendo cumpridos sob a administração de Luís Filipe de Orléans, resultando na insatisfação dos dirigentes norte-americanos. O presidente exigia nessa mensagem, portanto, o cumprimento dos tratados firmados pelo governo anterior e ameaçava em resposta a taxação de produtos importados da França²¹⁵.

De acordo com Michel Chevalier, embora houvesse certa pressão da imprensa para que houvesse uma postura enérgica por parte do presidente a esse respeito, a Mensagem de Jackson, imprudentemente, teria ultrapassado todas as expectativas mesmo daqueles que esperavam uma atitude mais altaneira do governante. Para o viajante, se tal discurso tivesse sido proveniente da pena de algum dos presidentes anteriores, de Washington a Quincy Adams, ele teria sido considerado necessariamente como a expressão dos sentimentos da maior parte do povo norte-americano, dada a

²¹¹ No original: “Les succès militaires du général Jackson, sa probité, son caractère ferme jusqu'à l'entêtement, sa rigidité de barre de fer, lui ont valu une popularité immense”. CHEVALIER, vol. I, *op. cit.*, pp. 66-67.

²¹² No original: “Le vieux general est ferme, prompt, hardi, enérgique”. *Ibidem*, p. 138.

²¹³ No original: “homme brave, zélé pour le bien de la patrie, mais trop prompt envers ses contradicteurs”. *Ibidem*, p. 38.

²¹⁴ *Ibidem*, pp. 291.

²¹⁵ Ver JACKSON, Andrew. “Message to Congress communicated December 2, 1834”. In: JACKSON, Andrew. *Annual Messages, Veto Messages, Protest & C. of Andrew Jackson, president of United States*. 2 ed. Baltimore: Edward J. Coale & Co., 1835, pp. 203-230.

ponderação e cautela com que teriam refletido sobre a temática, debatendo-a com os notáveis da nação e analisando-a profundamente antes de desafiar seu mais antigo aliado no Velho Mundo. Com Jackson, entretanto, a situação havia se transformado.

Segundo Chevalier, mesmo que, durante seu primeiro mandato, Jackson tivesse procurado se manter moderado, paciente e calmo como previa a etiqueta de seu cargo, aos poucos ia revelando seu caráter aventureiro, intrépido, inquieto, obstinado e orgulhoso. Na interpretação do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, paulatinamente o presidente começava a dar vazão aos seus “apetites belicosos”, mantidos sob controle nos anos anteriores. Próximo de completar 70 anos de idade, Jackson em vez de procurar o repouso, parecia ter a necessidade de novos perigos e novas fadigas. Possuído, nas palavras do engenheiro saint-simoniano, pelo “demônio da guerra”, o líder do Partido Democrata direcionava, naquele momento, seu arsenal para a França.

Na perspectiva de Chevalier, Jackson pecava, nesse contexto, por mobilizar as massas em prol de suas paixões pessoais. Por conta de seus atos mais exaltados, o presidente havia sido, segundo esse relato, abandonado pelas “classes esclarecidas”. Entretanto, isso não parecia preocupar Jackson. Para o líder do poder executivo dos Estados Unidos, era o apoio dos setores mais populares que importavam de fato na democracia. Nas palavras do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*: “O general Jackson perdeu, na verdade, a maior parte dos amigos que lhe restavam ainda nas classes esclarecidas e entre os comerciantes; mas pouco lhe importam alguns indivíduos, tão eminentes quanto possam ser; em virtude do sufrágio universal, é o número que domina aqui”²¹⁶.

É possível afirmar que, a despeito de suas análises sobre a presidência de Andrew Jackson durante a viagem aos Estados Unidos, foi somente após sua volta à França que Michel Chevalier realizou um balanço definitivo sobre o seu mandato presidencial. Às vésperas das eleições de 1836, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* publicou, na *Revue des Deux Mondes*, um artigo em que discutia o governo jacksoniano e as perspectivas para o pleito a ser realizado em novembro daquele ano. Destacando o favoritismo, posteriormente confirmado, do candidato da situação, o vice-presidente nova-iorquino Martin Van Buren (1782-1862), e as indefinições existentes

²¹⁶ No original: “Le général Jackson a perdu, à la vérité, la plupart des amis qui lui restaient encore dans les classes éclairées et parmi les commerçants; mais peu lui importent quelques individus, si éminents qu'ils puissent être; en vertu du suffrage universel, c'est le nombre qui domine ici.”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique*, vol. I, op. cit., p. 300.

entre os membros da oposição, o texto, como não podia ser diferente, tinha na figura de Jackson seu protagonista. Reconstruindo sua trajetória biográfica, Chevalier não se furtou também a analisar diversas questões candentes dos oito anos em que o general esteve no poder, associando, frequentemente, as ações do presidente às próprias características da democracia norte-americana. Nas palavras de engenheiro francês: “o general Jackson, cujo poder expira, é um dos mais surpreendentes produtos das instituições que regem a América do Norte”²¹⁷.

Ao tratar das vitórias do presidente Jackson em termos da política externa, inclusive em relação ao desafio lançado aos franceses na Mensagem ao Congresso de 1834, Chevalier discutia como o chefe do poder executivo norte-americano era capaz de personificar um “patriotismo democrático” que, embora fosse “pleno de fervor”, tinha algo de “rude”, quando não de “selvagem”. Caracterizando a democracia norte-americana como exigente, altaneira e imperiosa, o autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord* qualificava seu líder máximo como alguém dotado de “todos os instintos da democracia americana” e, além disso, sempre disposto a demonstrar a superioridade de seu sistema de governo sobre os modelos dominantes na Europa. Nas palavras de Michel Chevalier:

O general Jackson carrega nele todos os instintos da democracia americana. Ele está comprometido com ela como o doge de Veneza estava com o mar. Ele é orgulhoso dos prodigiosos desenvolvimentos de seu país; ele nunca deixa em suas mensagens de citar a *unexampled prosperity* e a *unparalleled energy* do povo da União. A maior alegria de seu coração é rebaixar o princípio monárquico e as antigas potências²¹⁸.

Na perspectiva de Chevalier, a despeito de sua rica e heroica história como militar, Jackson teria legado aos Estados Unidos uma herança funesta, marcada pela submissão da lei às vontades mais imediatas e pela predominância do personalismo na política de seu país. Sobre o primeiro aspecto, destacava que a ascensão do general

²¹⁷ No original: “Le général Jackson, dont la puissance expire, est l’un des plus étonnans produits des institutions qui régissent l’Amérique du Nord”. CHEVALIER, Michel. “Présidence du général Jackson et choix de son successeur”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, tome 8, 1836, p. 129.

²¹⁸ No original: “Le général Jackson porte en lui tous les instincts de la démocratie américaine. Il lui est fiancé comme le doge de Venise l’était à la mer. Il est fier des prodigieux développemens de son pays ; il ne manque jamais dans ses messages de citer l’*unexampled prosperity* et l’*unparalleled energy* du peuple de l’Union. La plus grande joie de son cœur est d’abaisser le principe monarchique et les anciennes puissances”. *Ibidem*, p. 151.

representava uma profunda transformação na relação entre os interesses republicanos e o respeito à lei na federação norte-americana. Em suas palavras:

Seu advento à presidência foi um encorajamento ao desprezo à lei. Embuído de doutrinas ultra-democráticas, homem de sentimento mais que de raciocínio, ele tem sempre agido e falado sob a influência dessa ideia, que o presente, o interesse imediato do povo, deveria unicamente guiar sua conduta; que as leis e os precedentes apenas viriam em segundo ou em terceiro lugar. É uma tese que, filosoficamente, é sustentável. Mas somente há república por meio das leis, dos usos, dos precedentes. O general tem, pois, rejeitado em bloco todas as tradições de seus ilustres predecessores; ele destruiu o modelo de vida que eles haviam adotado²¹⁹.

Algumas questões merecem ser destacadas na citação acima. Primeiramente, a caracterização de Andrew Jackson como um personagem detentor de ideias “ultrademocráticas”, mais vinculado ao “sentimento” que ao “raciocínio”. Está implícita nessa definição não somente uma descrição particular do presidente, mas também uma concepção acerca do próprio modelo democrático, entendido como menos racional e essencialmente movido pelas paixões e desejos imediatistas das massas populares. Dito de outro modo, concebe-se, no texto de Chevalier, uma perspectiva que compreendia que em um regime no qual os desígnios populares devessem ser rapidamente e de qualquer modo atendidos, o respeito à lei estaria em perigo. Dessa definição, decorre uma segunda interpretação relacionada ao excerto acima: a incompatibilidade entre as ideias “ultrademocráticas”, marcadas pela passionalidade, e a “república”, concebida como uma forma de governo racional pautada pelo respeito às leis. Em outras palavras, pode-se depreender das concepções de Chevalier que um governo guiado pelos desejos da “democracia” nem sempre seria capaz de encontrar a virtude e a ação em prol do “bem comum” que seriam teoricamente características da “república”,²²⁰.

²¹⁹ No original: “Son avènement à la présidence a été un encouragement au mépris de la loi. Imbu des doctrines ultra-démocratiques, homme de sentiment plus que de raisonnement, il a toujours agi et parlé sous l’influence de cette idée, que le bien présent, l’intérêt immédiat du peuple, devaient seuls guider sa conduite ; que les lois et les précédents ne venaient qu’en seconde ou en troisième ligne. C’est une thèse qui, philosophiquement, est soutenable. Mais il n’y a de république qu’au moyen des lois, des usages, des précédents. Le général a donc rejeté en bloc toutes les traditions de ses illustres prédécesseurs ; il a brisé le cadre de vie, qu’ils avaient adopté”. *Ibidem*, p. 154.

²²⁰ Embora ocorra, muitas vezes, a associação entre os conceitos de “democracia” e “república”, parece importante destacar que, em sua origem, os dois termos se evidenciam como historicamente divergentes. Enquanto “Democracia” se constituía, por exemplo, na filosofia de Aristóteles, por exemplo, como a forma degenerada da “Politeia”, ou seja, evidenciava-se como um desdobramento ruim do governo da maioria ou de muitos, “República”, por sua vez, era, muitas vezes, entendida como governo que

Outro aspecto ressaltado negativamente na abordagem do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* sobre o mandato de Andrew Jackson era, como destacado anteriormente, o personalismo de seu governo, sintetizado, entre outras coisas, pela própria imbricação entre o nome do presidente, seu partido (*jackson-party*) e seus partidários (*jackson-men*). Retomando a ideia de que o respeito à lei deveria estar acima da submissão aos grandes homens, Chevalier afirmava, primeiramente, que enquanto “o amor à lei não pode entranhar nenhum excesso, o amor a um homem pode precipitar os seres fracos nos desvios mais funestos”. E acrescentava, na sequência, que “nas repúblicas, os grandes homens são perigosos”²²¹. Nas palavras do artigo da *Revue des Deux Mondes*, mais uma vez, Jackson teria sido o responsável pela transformação dos costumes nacionais e pela submissão das massas aos interesses do governante:

Se os soldados da Independência tivessem sido qualificados de homens de Washington, eles teriam respondido com indignação que não eram gente de ninguém, que eram homens de seu país. Hoje há os *jackson-men* e um *jackson-party*. Diz-se de si mesmo que se é um *jackson-man*, um completo *jackson-man* (*thorough jackson-man*); ninguém fica chocado com essas expressões. Cansou-se, com o general Jackson, de todas as fórmulas de adulação asiática. Ele é o maior e o melhor dos homens (*the greatest and the best*), o herói de duas guerras, o maior capitão dos tempos passados, presentes e mesmo futuros, o *rochedo dos séculos* das sagradas Escrituras [...]. A democracia, vendo homens renomados por sua inteligência se prostrar assim diante do general, foi mais longe que eles. Não há limite à influência do general sobre a massa democrática; para ela, ele é infalível²²².

privilegiaria o “bem comum”, mesmo sendo utilizada, possivelmente até meados do século XVI, também como sinônimo de constituição política ou Estado. As Revoluções Inglesas do século XVII (1640-1689), trouxeram a reflexão sobre a República a um outro patamar, cuja influência se sentiu nas duas grandes revoluções políticas do século XVIII: a Norte-Americana (1776) e a Francesa (1789). Ver, por exemplo, FLORENZANO, Modesto. “República (na segunda metade do século XVIII – História) e Republicanismo (na segunda metade do século XX – Historiografia). *Clio* (Lisboa), v. 14-15, p. 33-52, 2006.

²²¹ No original: “L’amour de la loi ne peut entraîner à aucun excès, l’amour d’un homme peut précipiter des êtres faibles dans les plus funestes écarts” e “Dans les républiques, les grands hommes sont dangereux”. CHEVALIER, “Présidence du général Jackson...”, *op. cit.*, p. 156.

²²² No original: “Si l’on eût qualifié les soldats de l’Indépendance d’hommes de Washington, ils eussent répondu avec indignation qu’ils n’étaient les gens de personne, qu’ils étaient les hommes de leur pays. Aujourd’hui il y a des *jackson-men* et un *jackson-party*. On dit soi-même qu’on est un *jackson-man*, un *jackson-man* quand même (*thorough jackson-man*) ; personne n’est choqué de ces expressions. On a épuisé, avec le général Jackson, toutes les formules de l’adulation asiatique. Il est le plus grand et le meilleur des hommes (*the greatest and the best*), le héros des deux guerres, le plus grand capitaine des temps, passés, présents et même futurs, le *rocher des siècles* des saintes Écritures. [...] La démocratie, voyant des hommes renommés par leur intelligence se prosterner ainsi devant le général, a enchéri sur eux. Il n’y a pas de limite à l’influence du général sur la masse démocratique ; pour elle, il est infallible”. *Ibidem*, p. 156.

Chevalier completava ainda que: “após o imperador da Rússia, o general Jackson é o soberano que possui mais poder sobre seu povo”²²³.

Ironicamente, mais uma vez, os dois países que poderiam oferecer lições sobre o futuro da Europa, os Estados Unidos e a Rússia, em seus modelos opostos de organização social e política, respectivamente a democracia e o despotismo, eram representados como os responsáveis por transformar seus líderes políticos nos soberanos mais poderosos do mundo. Particularmente, sobre a república norte-americana, destacava-se, no texto do analista francês, a constituição nos Estados Unidos de uma espécie de “personalismo democrático”. Embora a análise de Alexis de Tocqueville sobre Andrew Jackson, em *A democracia na América*, não compreendesse o general como alguém que pudesse representar um perigo de centralização política à federação, não deixa de ecoar, no texto de Chevalier, a tese tocquevilleana da degeneração do poder democrático em uma “tirania da maioria”, no caso estadunidense, personificada pela liderança do general Jackson.

A despeito de algumas qualidades que atribuía à democracia, particularmente, como discutido no início deste capítulo, a existência de uma igualdade e de uma abundância generalizada entre os homens brancos, Michel Chevalier sintetizava sua concepção sobre esse modelo político, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, como o avesso da ponderação, do cálculo e da racionalidade. Caracterizava-se, ao contrário, pela passionalidade, pelo exagero e pela virulência tanto contra seus opositores como a favor de seus ídolos. Nas palavras do engenheiro saint-simoniano:

Em todos os lugares a democracia tem pouca doçura na voz, pouca flexibilidade nas formas; ela se entende pouco com os cuidados e os desvios; ela está sujeita a confundir a moderação com a fraqueza, a violência com o heroísmo. Pouco hábil a se controlar, ela se entrega aos seus amigos sem reserva e se faz de ídolos que ela incensa; ela exprime rudemente, em tom de ameaça e de cólera, suas queixas e suas suspeitas contra aqueles de quem ela crê ter do que se lamentar²²⁴.

²²³ No original: “Après l’empereur de Russie, le général Jackson est le souverain qui possède le plus de pouvoir sur son peuple”. *Ibidem*, p. 156.

²²⁴ No original: “En tous lieux la démocratie a peu de douceur dans la voix, peu de souplesse dans les formes; elle s’entend peu aux ménagements et aux détours; elle est sujette à confondre la modération avec la faiblesse, la violence avec l’héroïsme. Peu habile à se maîtriser, elle se livre à ses amis sans réserve et se fait des idoles qu’elle encense; elle exprime rudement, du ton de la menace et de la colère, ses griefs et ses soupçons contre ceux dont elle croit avoir à se plaindre”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, *op. cit.*, pp. 309-310.

É importante afirmar, nesse sentido, que *the Old Hickory* constituía-se, sem sombra de dúvida, na análise de Michel Chevalier, como a personificação dessa democracia norte-americana, que, por seus instintos e por sua passionalidade, afastava-se, de certa forma, da própria ideia de república. Valeria a pena, nesse sentido, como um último movimento deste capítulo compreender como o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* entendia o modelo democrático dos Estados Unidos, discutindo, particularmente, como o viajante o posicionava em relação ao quadro político vivenciado pela Europa no período.

Assim como Tocqueville discutiu a democracia na jovem federação com o objetivo de refletir sobre as questões específicas da política do Velho Mundo, subvertida pelo turbilhão iniciado com a Revolução Francesa, Michel Chevalier não deixava de olhar para os Estados Unidos, projetando-o como uma espécie de “espelho invertido” da situação europeia de sua época.

Para além da comparação com as sociedades do outro lado do Atlântico, não há como encerrar este capítulo em que se buscou, entre outras coisas, analisar a visão do engenheiro saint-simoniano a respeito da democracia norte-americana, sem apontar também para uma contradição evidente que não deixou de ser apontada por Michel Chevalier nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*: se entre os homens brancos se afirmava a existência de uma democracia de fato, esta se dava, muitas vezes, às custas de uma desigualdade fundamental proporcionada pelos efeitos do sistema escravista.

A democracia dos homens brancos

Como discutido anteriormente, a análise sobre a democracia nos Estados Unidos, tanto em Tocqueville como em Chevalier, não deixava de manter seu olhar também voltado para a situação europeia da primeira metade do século XIX. Ao pisar na federação norte-americana, a comparação com o Velho Mundo era inevitável, dadas as diferenças explícitas entre seus respectivos sistemas políticos e suas formas particulares de organização social. Ao destacar, por exemplo, o pretenso radicalismo do modelo existente na América do Norte, a referência àqueles que lutavam em prol da república na Europa ficava evidente nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Segundo Chevalier: “Na política, o radicalismo está aqui à moda: a palavra democracia, que

alhures daria medo mesmo aos republicanos, é aqui buscada, saudada com aclamações”²²⁵.

De acordo com o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, ir aos Estados Unidos era perceber o quanto as ideias e as perspectivas aristocráticas estavam ainda, a despeito da onda revolucionária iniciada na França em 1789, intrinsecamente entranhadas nos costumes europeus, mesmo entre aqueles que se pretendiam opositores a essas concepções. Ao se deparar com uma democracia “radical”, presente cotidianamente em todos os aspectos da vida social dos norte-americanos, o viajante europeu terminaria por se descobrir, muitas vezes surpreso, como alguém profundamente impregnado pelos ideais aristocráticos do Velho Mundo. Segundo Chevalier:

A sociedade europeia, em Londres e em Paris como em São Petesburgo, na república helvética como no império da Áustria, é aristocrática, nesse sentido que ainda hoje, mesmo após as grandes mudanças advindas há cinquenta anos, ela repousa de uma maneira mais ou menos predominante sobre o princípio da desigualdade e da hierarquia. A sociedade americana é essencial e radicalmente uma democracia, não de palavras, mas de coisas. Nos Estados Unidos, o espírito democrático está infiltrado em todos os hábitos nacionais, em todos os costumes da vida. Ele cerca, ele importuna por todos os póros o estrangeiro que não supunha, antes de desembarcar, a qual ponto a educação europeia havia impregnado de aristocracia sua fibra e seus nervos²²⁶.

É curioso notar como um saint-simoniano como Michel Chevalier, grande crítico da nobreza ociosa e da lógica militar do Antigo Regime, era capaz de descobrir-se, portanto, em sua viagem aos Estados Unidos, como alguém impregnado, em suas “fibras” e “nervos”, por um senso “aristocrático”, resultante de sua “educação europeia”. Em outras palavras, pode-se dizer que, na perspectiva do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o “radicalismo” da democracia poderia provocar incômodo

²²⁵ No original: “En politique, le radicalisme est ici à la mode: le mot de démocratie, qui ailleurs ferait peur même à des republicans, est ici recherche, salué d’acclamations”. *Ibidem*, pp. 159-160.

²²⁶ No original: “La société européenne, à Londres et à Paris comme à Saint-Petersbourg, dans la république helvétique comme dans l’empire d’Autriche, est aristocratique, en ce sens qu’aujourd’hui encore, même après les grands changements survenus depuis cinquante ans, elle repose d’une manière plus ou moins prédominante sur le principe d’inégalité ou de hiérarchie. La société américaine est essentiellement et radicalement une démocratie, non de mots, mais de choses. Aux Etats-Unis l’esprit démocratique s’est infiltré dans toutes les habitudes nationales, dans tous les usages de la vie. Il assiège, il importune par tous les pores l’étranger qui ne soupçonnait pas, avant de débarquer, à quel point l’éducation européenne avait impregné d’aristocratie sa fibre et ses nerfs”. *Ibidem*, pp. 309-310.

mesmo a um francês não reacionário e acostumado às inflexões políticas vivenciadas por décadas no Velho Continente.

Essa tensão provocada pela democracia norte-americana ao viajante europeu resultava, entre outras coisas, em uma reflexão sobre a diferença entre os significados da “opinião pública” nos dois lados do Atlântico.

É importante destacar, antes de discutir a perspectiva do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, que esse conceito tem se constituído nas Ciências Humanas como essencial para a compreensão do processo da modernidade capitalista no Ocidente. Associada, em grande medida, à ideia de “esfera pública”, cristalizada pela clássica análise do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, estaria relacionado, nessa abordagem, a um espaço destinado ao debate público autônomo, fora do controle do Estado, que teria se constituído a partir da ascensão política e econômica da burguesia europeia. Presente na imprensa, nos circuitos literários, nos salões, etc., não estaria vinculado nem à corte, domínio do poder político, e nem ao povo, considerado por esses setores como incapaz do debate crítico²²⁷.

Embora se configurem como categorias mais complexas que na definição acima, inclusive por não serem, na maior parte das vezes, exclusivamente burguesas, o “espaço público” e ainda a “opinião pública” faziam ecoar, no texto de Michel Chevalier, uma discussão que remetia aos debates acerca da participação política existentes nas décadas anteriores a sua viagem aos Estados Unidos e, especificamente, ao Iluminismo. Como bem sintetizou Roger Chartier, a ideia de “público”, no debate ilustrado do século XVIII, não se confundia com uma concepção de “povo”, mas referia-se, em contrapartida, às chamadas “classes esclarecidas”, aos letrados, participantes dos circuitos literários, frequentadores dos salões, dotados do poder da palavra, particularmente da palavra escrita. Nessa perspectiva, esses grupos seriam autorizados, por se configurarem como portadores da “razão”, a participar do debate político, ao contrário das “multidões” populares que, não bastasse sua pretensa “ignorância”, se deixavam guiar, na visão das classes iluminadas, mais facilmente pelas paixões e pelo instinto²²⁸.

Ressoando essas discussões, enraizadas no século anterior e persistentes na década de 1830, Chevalier afirmava em seu relato que:

²²⁷ Ver HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigação sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

²²⁸ CHARTIER, Roger. *As origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009, pp. 49-72.

A opinião pública não tem aqui os mesmos árbitros que em nossas sociedades europeias: o que se chama na Europa de opinião pública é a opinião geralmente afeiçoada entre as classes burguesas e as classes nobres, onde ainda persiste uma nobreza; é aquela dos negociantes, dos manufatureiros, dos letrados, dos homens de estudo e de negócios, daqueles que tendo recebido de seus pais uma existência assegurada, consagram seu tempo às artes, às letras ou às ciências, e frequentemente também, por infelicidade, ao ócio. Eis o mundo que, na Europa, regula a opinião. É ele que senta-se às Câmaras, ocupa os empregos e dirige os órgãos mais influentes da imprensa. É um mundo polido e culto, habituado a se conter, em guarda contra o entusiasmo, mais inclinado ao ceticismo que à exaltação; a quem todo extremo violento repugna, que toda grosseria revolta; amam, frequentemente em excesso, a moderação, as meias medidas e os termos médios²²⁹.

Em contraposição, a “opinião pública” nos Estados Unidos, como uma espécie de “Europa de cabeça para baixo”, conforme a curiosa definição das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, era a representação das vontades de categorias sociais que, no Velho Continente, sequer eram levados em consideração pelas “classes esclarecidas”. Nas palavras de Chevalier:

A massa que na Europa está habituada a carregar o fardo e a receber a lei, aqui colocou o fardo sobre as costas das classes esclarecidas e educadas, que são entre nós as classes superiores e fazem a lei à sua vontade. O *farmer* e o *mechanic* são os senhores do Novo Mundo; a opinião pública é a *sua* opinião; a vontade pública é a *sua* vontade; o Presidente é o *seu* eleito, *seu* mandatário, *seu* servidor (*servant*). Se é verdade que as classes depositárias do poder na Europa tenham se mostrado muito dispostas a usá-lo em seu proveito, sem consultar os interesses e os desejos da multidão que se agita abaixo delas, é preciso reconhecer que na América, as classes que têm o cetro não são

²²⁹ No original: “L’opinion publique n’a pas ici les memes arbitres que dans nos sociétés européennes: ce qu’on appelle en Europe l’opinion publique, c’est l’opinion généralement accréditée parmi les classes bourgeoises et les classes nobles, là où il reste une noblesse; c’est celle des négociants, des manufacturiers, des savants, des hommes d’étude et d’affaires, de ceux qui, ayant reçu de leurs pères une existence assurée, consacrent leur temps aux arts, aux lettres ou aux sciences, et souvent aussi, par malheur, à l’oisiveté. Voilà le monde qui, en Europe, règle l’opinion. C’est lui qui siège aux Chambres, occupe les emplois, et dirige les organes les plus influents de la presse. C’est un monde poli et cultivé, habitué à se contenir, en garde contre l’enthousiasme, plus enclin au scepticisme qu’à l’exaltation; a qui toute extrémité violente repugne, que toute grossièreté revolte; aimant, souvent à l’excès, la moderation, les demi-mesures et les termes moyens”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, vol. I, *op. cit.*, pp. 306-307.

mais isentas de egoísmo e têm menos dificuldade de disfarçar. Em uma palavra, a América do Norte é a Europa de cabeça para baixo e os pés para o alto.²³⁰

Em outro momento de seu relato sobre os Estados Unidos, Chevalier apresentava, acerca da democracia, uma definição complementar:

Aqui [...], é simples à democracia fazer duramente a lei aos capitalistas, aos fabricantes e aos negociantes. Ela possui ao mesmo tempo a força física e o poder político. A burguesia não lhe inspira nem temor nem respeito. O equilíbrio está completamente rompido. Há garantia nos Estados Unidos contra os caprichos populares apenas no bom senso do povo mais bem informado. É preciso dizer que aqui esse bom senso é admirável na massa; mas ele não é infalível. A autocracia popular é fácil de se enganar pelos aduladores como toda outra autocracia²³¹.

Embora concebesse certo bom senso na massa popular norte-americana, Chevalier preferia confiar principalmente nas classes “mais bem informadas” do país, menos suscetíveis, segundo ele, aos perigos da “autocracia popular”. Note-se, em primeiro lugar, a recorrência de uma oposição nos Estados Unidos, de acordo com as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, entre, de um lado, os setores mais “esclarecidos” ou mais “bem informados” da sociedade e, de outros, as “massas” ou “multidões” democráticas. Acerca dos primeiros, eram, de maneira bastante evidente, denominados a partir de critérios que remetiam a uma herança iluminista: eram banhados pelas luzes da razão e, por meio da cultura letrada, recebiam os saberes necessários para poder julgar com mais ponderação os fatos da política nacional. Sobre os segundos, não tinham rosto, eram mais imediatistas, egoístas e movidos pelos sentimentos, mais que pela racionalidade. Constituíam-se, nesse contexto, como imagem e semelhança do governo

²³⁰ No original: “La masse, qui en Europe est habituée à porter le bât et à recevoir la loi, ici a mis le bât sur les épaules des classes éclairées et policées, qui sont chez nous les classes supérieures, et fait la loi à son tour. Le *farmer* et le *mechanic* sont les seigneurs du Nouveau-Monde; l'opinion publique, c'est *leur* opinion; la volonté publique, c'est *leur* volonté; le Président est *leur* élu, *leur* mandataire, *leur* serviteur (*servant*). S'il est vrai que les classes dépositaires du pouvoir en Europe se soient montrées trop disposées à en user à leur profit, sans consulter les intérêts et les vœux de la foule qui s'agite au-dessous d'elles, il faut reconnaître qu'en Amérique les classes qui tiennent le sceptre ne sont pas plus exemptes d'egoïsme, et qu'elles prennent moins de peine pour le déguiser. En un mot, l'Amérique du Nord, c'est l'Europe la tête en bas et les pieds en haut”. *Ibidem*, pp. 307-308. Grifos no texto original.

²³¹ No original: “Ici [...], il est tout simple que la démocratie fasse durement la loi aux capitalistes, aux fabricants et aux négociants. Elle possède à la fois la force physique et le pouvoir politique. La bourgeoisie ne lui inspire ni crainte ni respect. L'équilibre est tout-à-fait rompu. Il n'y a de garantie aux Etats-Unis contre les caprices populaires que dans le bon sens du peuple mieux informé. Il faut dire qu'ici ce bon sens est admirable en masse; mais il n'est pas infallible. L'autocratie populaire est facile à égarer par les flatteurs comme toute autre autocratie”. *Ibidem*, pp. 54-55.

que, em todos os sentidos, a representava naquele momento: era, portanto, o espelho de seu mais importante líder, o presidente democrata Andrew Jackson.

Chama a atenção, não obstante, um segundo aspecto no excerto acima. Ao tratar das classes sociais existentes nos Estados do Norte da federação no contexto de sua viagem, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava que:

Nos Estados do Norte da União americana, a sociedade é muito menos complexa que na França. Fazendo abstração da casta dos homens de cor, há somente duas classes: a burguesia e a democracia [...].

A burguesia se compõe aí dos industriais, dos comerciantes, dos advogados, dos médicos. Os agricultores não estão nessas esferas em número apreciável, não mais que os homens devotados exclusivamente à cultura das ciências, das letras e das artes.

A democracia compreende os *farmers* e os *mechanics*, os cultivadores e os artesãos. Em geral, o cultivador é o proprietário de sua terra²³².

Para Michel Chevalier, a democracia não era somente um tipo de cultura política ou de organização da sociedade, mas tratava-se também de uma classe social específica oposta, no caso norte-americano, à burguesia. Em outras palavras, a “democracia” remeteria não somente a um modelo político em que o poder é exercido pela maioria, mas a uma massa de *farmers* e *mechanics*, pequenos agricultores e artesãos, cuja influência se fazia sentir intensamente na vida política nacional.

A despeito dessa definição mais geral, uma evidente fissura se deixava entrever nesse sólido edifício social descrito por Michel Chevalier. Em meio a essa sociedade de classes dominante nos Estados do Norte, em que a burguesia e a democracia disputariam espaço político, mantinha-se viva uma “casta de homens de cor”. Mesmo sem partilhar das mesmas condições de vida dos trabalhadores escravizados das *plantations* algodoeiras do Sul, os negros nortistas não participavam dessa efusão democrática da década de 1830, pertencendo a uma subcategoria social, excluída dos direitos da cidadania e da participação política. Nos Estados meridionais, onde a escravidão ainda vigorava com força, as relações sociais resultantes da prática do

²³² No original: “Dans les États du Nord de l'Union américaine, la société est beaucoup moins complexe qu'en France. En faisant abstraction de la caste des gens de couleur, il n'y existe que deux classes: la bourgeoisie et la démocratie [...]. // La bourgeoisie s'y compose d'industriels, de commerçants, d'avocats, de médecins. Les agriculteurs ne sont pas dans ses rangs en nombre appréciable, non plus que les hommes voués exclusivement à la culture des sciences, des lettres et des arts. // La démocratie comprend les *farmers* et les *mechanics*, les cultivateurs et les artisans. En général, le cultivateur est le propriétaire de sa terre”. *Ibidem*, vol. II, pp. 354-355.

cativeiro alicerçavam-se, nas palavras de Chevalier, nessa espécie de “pedestal” da “democracia branca”:

Nos Estados do Sul, a democracia branca tem um pedestal, a escravidão. Para se sentir alta, ela não tem a necessidade de rebaixar continuamente a burguesia; ela exerce sua autoridade por baixo e sonha menos em atacar o que está acima dela. No Sul, a sociedade se divide em mestres e escravos; a distinção da burguesia e da democracia é ali secundária, hoje sobretudo, quando a condição inquietante dos negros obriga todos os brancos a permanecerem unidos²³³.

A escravidão constituía-se, particularmente nos Estados do Sul, tomando aqui as palavras do próprio Michel Chevalier mencionadas anteriormente, como um fator de “ordem social”. Mesmo em regiões não baseadas nas práticas escravistas, seus resquícios não deixavam de representar também um “pedestal” que garantiria a unidade da população branca, a despeito de sua condição social, diante de um “perigo” maior, representado, em todas as regiões do país, por uma “casta” de homens, fossem eles cativos ou livres. Se entre os brancos, chamava a atenção a quase inexistente clivagem social, na relação destes com a população negra, abria-se um profundo fosso, em que as ideias de liberdade e igualdade só faziam sentido para alguns grupos sociais a partir de uma lógica racalista. Nesse sentido, conforme o viajante, a democracia nos Estados Unidos “desfaz todas as diferenças, salvo as diferenças de cor; pois aqui uma nuance na pele coloca entre dois homens mais distância que em qualquer outro país do mundo²³⁴”.

A despeito dessa situação peculiar, buscavam-se nos Estados Unidos lições que pudessem servir às sociedades europeias, particularmente por meio da compreensão de sua organização social, de suas instituições políticas e de seu desenvolvimento econômico. Na concepção de Michel Chevalier, destacava-se como um aspecto a ser estudado, pelos letrados do Velho Mundo, a abundância generalizada entre os brancos, mesmo em um contexto marcado pelos efeitos do sistema escravista. Como será discutido no próximo capítulo, foram nos costumes voltados ao trabalho e no caráter industrial dos norte-americanos que Michel Chevalier buscou inspiração para uma

²³³ No original: “Dans les États du Sud, la démocratie blanche a un piédestal, l’esclavage. Pour se sentir haut, elle n’a pas besoin de rabaisser continuellement la bourgeoisie; elle exerce son autorité par en bas, et songe moins à attaquer ce qui est au-dessus d’elle. Au Sud, la société se divise en maîtres et en esclaves; la distinction de bourgeoisie et de démocratie y est secondaire, aujourd’hui surtout que la condition inquiétante des noirs oblige tous les blancs à rester unis”. *Ibidem*, p. 375.

²³⁴ No original: “Il a effacé toutes les différences, sauf les différences de couleur; car ici une nuance dans la peau met entre deux hommes plus de distance qu’en tout autre pays du monde”. *Ibidem*, p. 309.

reflexão mais acurada sobre como promover melhorias econômicas e sociais da França. Se em *A democracia da América*, de Tocqueville, os Estados Unidos se apresentavam como um laboratório político que evidenciava a constituição na América de uma sociedade, ao mesmo tempo, democrática e ordeira, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a federação norte-americana representava uma espécie de laboratório industrial, capaz de apontar para novas direções a serem tomadas pelos europeus no campo econômico.

Capítulo 3
O LABORATÓRIO DA MODERNIDADE:
A indústria norte-americana

Frontispício de CHEVALIER, Michel. *Histoire et description des voies de communication aux États-Unis et des travaux d'art que en dépendent*. Paris: Librairie de Chales Gosselin, 1841, 2 vols.

Uma semelhante organização é incomparável para um povo pioneiro. Sem essa febre de trabalho, sem essa tensão perpétua do espírito em direção às empresas úteis e as especulações; sem essa indiferença pelos prazeres, sem essas ideias políticas e religiosas que reprimem imperiosamente todas as paixões para as quais a meta não é trabalhar, produzir, ganhar, acreditar-se-ia que os Americanos teriam cumprido suas proezas industriais?

Michel Chevalier, *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836).

A especulação e os negócios, o trabalho e a ação, eis, pois, sob diversas formas, a especialidade que os Americanos escolheram e à qual eles se devotam com um ardor que mantém com obstinação. Era a que eles deveriam adotar, a que lhes havia atribuído o dedo da Providência, para que a civilização fosse, com o menor atraso possível, colocada em posse de um continente.

Ibidem.

Um laboratório no Novo Mundo

Conforme discutido no capítulo anterior, pode-se notar, nas primeiras décadas do século XIX, uma importante transformação na maneira como os Estados Unidos eram representados pelos letrados do Velho Continente, em particular pelos franceses. Se em relatos de fins do século XVIII, buscava-se no Novo Mundo um “refúgio” em relação à turbulenta Europa pós-Revolução Francesa (1789-1799), ao longo dos anos que se seguiram, passou-se a conceber paulatinamente a jovem república como signo de um “mundo novo” que se anunciava no horizonte. Laboratório em que práticas que seriam indicativas do futuro dos homens estariam sendo experimentadas, a América do Norte deveria ser observada com bastante atenção pelos estrangeiros que lá se aventurassem²³⁵.

Como também já foi destacado anteriormente, um viajante como Alexis de Tocqueville, por exemplo, procurou encontrar, nos Estados Unidos, pistas para o futuro

²³⁵ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pp. 93-130.

político do Velho Continente. Embora se debruçasse sobre a temática da democracia na América, era, em grande medida, a ascensão de uma pretensa sociedade marcada pela “igualdade de condições” na Europa que perturbava o aristocrata. Da mesma maneira, partindo de premissas diferentes das de Tocqueville, Michel Chevalier, formado na doutrina saint-simoniana e preocupado particularmente com as questões econômicas, buscava, no Novo Mundo, indícios que pudessem contribuir para o desenvolvimento industrial europeu e, conseqüentemente, em suas próprias palavras, para a melhoria das condições de vida do maior número de pessoas. Parece importante realçar, de maneira complementar, que, na Europa, a ascensão das massas ao mundo da política e o desenvolvimento econômico proporcionado pelas fábricas movidas a vapor da Revolução Industrial vieram acompanhados também de um processo de crescimento desordenando das grandes cidades e, conseqüentemente, de uma grande concentração de pobreza nas zonas urbanas, constituindo-se como um problema central a ser debatido pelas classes letradas europeias do século XIX²³⁶.

Embora essa discussão pontuasse praticamente todas as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, uma carta de Michel Chevalier, em especial, evidenciava não somente a compreensão do autor sobre a temática nos Estados Unidos, mas procurava apontar soluções para o assunto na França. Datada do dia 01 de setembro de 1835 e escrita possivelmente na cidade de Charleston, na Carolina do Sul, a *lettre* “Amélioration sociale” debruçava-se de maneira particular sobre essa questão. Seu primeiro movimento era, em linhas gerais, destacar as melhores condições de vida na América do Norte de classes tradicionalmente subjugadas no Velho Continente, em especial os operários, os camponeses e as mulheres. Sobre os dois primeiros grupos, iniciava esse texto, afirmando que:

A América do Norte é um país de benção para o operário e o camponês. Que contraste entre nossa Europa e esta América! Em Nova York, após meu desembarque, eu acreditava que todos os dias eram domingos, porque toda a população que se apressa na *Broadway* me parecia todos os dias endomingada. Nada desses rostos murchos pelas privações ou pelos miasmas de Paris; nada que parecesse com nossos miseráveis lamacentos, com a casta de nossos trapeiros e de nossos mercadores ao ar livre. Todo

²³⁶ Para o caso de Paris, ver, entre outros, o clássico CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris: Hachette, 1984.

homem estava quentemente envolvido em seu sobretudo; toda mulher tinha seu manto e seu chapéu do último gosto de Paris²³⁷.

Particularmente, sobre as mulheres, Chevalier afirmava que sua condição, de maneira geral, nos Estados Unidos, assemelhava-se a das pertencentes às classes burguesas na Inglaterra, embora “com mais liberdade ainda antes do casamento e mais dependência depois”²³⁸. Parece importante ressaltar, nesse ponto, que o engenheiro saint-simoniano concebia, em alguns momentos de seu relato, descrições e interpretações, até certo ponto, contraditórias sobre a questão feminina na república norte-americana. Após destacar, por exemplo, no primeiro volume de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a forte presença de operárias na Nova Inglaterra, especificamente nas manufaturas de tecidos que visitara em Lowell, no Estado de Massachusetts²³⁹, ressaltava, no segundo tomo de sua obra, ao contrário, sua quase exclusão dos mundos do trabalho na América do Norte em comparação com a Europa. Desconsiderando aspectos discutidos anteriormente em seu próprio relato, associava uma melhor condição de vida das mulheres norte-americanas à sua maior vinculação ao espaço doméstico e à sua pouca participação em ofícios considerados incompatíveis com sua compleição física e suas maneiras pretensamente “delicadas”:

O salário do homem bastando à subsistência e à manutenção de sua família, a mulher não tem outros trabalhos que os domésticos, vantagem maior ainda para seus filhos que para ela. É hoje uma regra sem exceção entre os Anglo-americanos, que a mulher esteja isenta de toda tarefa rude, e, por exemplo, que nunca uma mulher tome parte nos trabalhos dos campos e que não arraste fardos. Assim livre de ocupações incompatíveis com sua constituição delicada, a mulher foi libertada também dessa repulsiva feiúra e dessa grosseria de compleição que a pobreza e a fadiga lhe afligem em todos os outros lugares. Toda mulher aqui tem os traços tanto quanto a postura de uma dama. Toda

²³⁷ No original: “L'Amérique du Nord est un pays de bénédiction pour l'ouvrier et le paysan. Quel contraste entre notre Europe et cette Amérique! A New-York, après mon débarquement, je croyais que tous les jours étaient des dimanches, parce que toute la population qui se presse dans *Broadway* me semblait tous les jours endimanchée. Point de ces visages flétris par les privations ou par les miasmes de Paris; rien qui ressemblât à nos misérables boueux, à la caste de nos chiffonniers et de nos marchandes en plein vent. Tout homme était chaudement enveloppé dans son surtout; toute femme avait son manteau et son chapeau au dernier goût de Paris”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin e Cie., 1836, vol. II, p. 225.

²³⁸ No original: “avec plus de liberté encore avant le mariage et plus de dépendance après”. *Ibidem*, p. 226.

²³⁹ Segundo Michel Chevalier, cinco sextos dos trabalhadores dessas fábricas eram mulheres. *Ibidem*, vol. I, pp. 226-227.

mulher aqui é qualificada de *lady*, e se esforça para parecer como tal. Vós procurareis em vão entre os Anglo-americanos, desde a embocadura do São Lourenço até a do Mississipi, um desses seres repulsivos que são femininos apenas pela fisiologia, e em que todas as nossas cidades abundam, ou uma dessas megeras sem graça que povoam nossos mercados e três quartos de nossos campos. Vós não encontrareis o primeiro tipo em nenhuma parte, exceto entre os negros e entre os índios; vós descobrireis o segundo somente entre os franceses do Canadá ou os alemães da Pensilvânia; pois, entre uns e outros, a mulher trabalha ao menos tanto quanto o homem. É uma dessas glórias da raça inglesa de ter em todos os lugares, tanto quanto possível e progressivamente, interpretado a superioridade do homem sobre a mulher, reservando ao homem o monopólio de todos os trabalhos penosos. Um país em que as mulheres são assim tratadas oferece verdadeiramente o aspecto de um novo mundo e de um mundo melhor²⁴⁰.

Embora não seja o objetivo deste capítulo se aprofundar sobre temáticas relacionadas às questões de gênero ou à história das mulheres, já muito bem sintetizadas recentemente por Stella Maris Scatena Franco²⁴¹, parece importante destacar um certo alinhamento de Michel Chevalier a vertentes importantes da elite letrada europeia do século XIX que buscavam construir uma cisão entre os espaços público e privado e as tarefas destinadas especificamente a homens e mulheres. A despeito de localizar no Velho Continente a presença de uma forte atuação feminina nos mundos do trabalho, o discurso do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* flertava com uma retórica intensificada no contexto da Revolução Industrial que defendia uma divisão

²⁴⁰ No original: “Le salaire de l’homme suffisant à la subsistance et à l’entretien de sa famille, la femme n’a d’autres travaux que ceux du ménage, avantage plus grand encore pour ses enfants que pour elle. C’est aujourd’hui une règle sans exception parmi les Anglo-Américains, que la femme soit exemptée de toute tâche rude, et, par exemple, que jamais une femme ne prenne part aux labeurs des champs et ne traîne de fardeaux. Ainsi affranchie d’occupations incompatibles avec sa constitution délicate, la femme a été affranchie aussi de cette repoussante laideur et de cette grossièreté de complexion que la pauvreté et la fatigue lui infligent partout ailleurs. Toute femme ici a les traits aussi-bien que la mise d’une dame. Toute femme ici est qualifiée de *lady*, et s’efforce de paraître telle. Vous cherchiez vainement parmi les Anglo-Américains, depuis l’embouchure du Saint-Laurent jusqu’à celle du Mississipi, un de ces êtres repoussants qui ne sont féminins que pour les physiologistes, et dont toutes nos villes abondent, ou une de ces disgracieuses viragos qui peuplent nos halles et les trois quarts de nos campagnes. Vous ne rencontreriez le premier type nulle part, excepté parmi les noirs, et parmi les Indiens; vous ne découvririez le second que parmi les Français du Canada ou les Allemands de Pensylvanie; car, chez les uns et les autres, la femme travaille au moins autant que l’homme. C’est une des gloires de la race anglaise d’avoir partout, autant que possible et de plus en plus, interprété la supériorité de l’homme sur la femme, en réservant à l’homme le monopole de tous les travaux pénibles. Un pays où les femmes sont ainsi traitées offre vraiment l’aspect d’un nouveau monde et d’un monde meilleur”. *Ibidem*, vol. II, pp. 226-227.

²⁴¹ FRANCO, Stella Maris Scatena. “Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas”. In: VILLAÇA, Mariana Martins; PRADO, Maria Ligia Coelho. (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 36-51.

pretensamente natural que destinasse os trabalhos assalariados e a produção capitalista, bem como os negócios e a política de maneira geral aos homens, e os serviços domésticos, o governo da casa e a educação dos filhos às mulheres²⁴². Entende-se aqui que defender um hipotético exemplo norte-americano, baseado em supostas superioridades ou inferioridades de homens e mulheres, significava, de certa forma, apontar para um modelo social que reservasse a cada sexo um papel específico na sociedade. Para Michel Chevalier, ao masculino estaria destinado o público; ao feminino, o privado.

Voltando à discussão inicial, Michel Chevalier destacava ainda como beneficiários dessa pretensa abundância generalizada nos Estados Unidos também os imigrantes. Sobre os europeus pobres que cruzavam o Atlântico em busca de melhores condições de vida, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* destacava a quantidade e o baixo valor das terras existentes no Oeste, além dos ótimos salários pagos nas grandes cidades. Na visão do engenheiro saint-simoniano, “o tio Sam ama os imigrantes”²⁴³.

Tratando, particularmente, dos irlandeses que vinham aos Estados Unidos, à época, em grande número, Chevalier afirmava que:

Os irlandeses que provocariam um duelo de socos com qualquer um que colocasse em dúvida diante deles que sua ilha de Erin [Irlanda] fosse um paraíso terrestre, e que cantando com entusiasmo, sob a inspiração do whiskey, a glória dessa *pérola dos mares*, deixaram-na rumo aos Estados Unidos [...]. Em sua chegada, eles nem acreditam em seus olhos; eles se tocam para saber se eles não estão sob a influência decepcionante de um sortilégio. Eles não ousam descrever, em suas cartas a seus amigos da Europa, os veios de mel e leite que regam essa terra prometida²⁴⁴.

Embora não seja ainda o momento de realizar essa discussão, o que será feito mais adiante, não há como não destacar no excerto acima a utilização de uma retórica

²⁴² Para uma discussão sobre as oposições entre o público e o privado na história das mulheres no século XIX, ver, entre outros, PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Para uma discussão mais teórica acerca da temática das diferenças entre o “masculino” e o “feminino”, ver BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

²⁴³ No original: “L'oncle Sam aime les émigrants.”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, p. 228.

²⁴⁴ No original: “Les Irlandais, qui provoqueraient en duel à coups de poing quiconque révoquerait en doute devant eux que leur île d'Erin soit un paradis terrestre, et qui chantent avec transport, sous l'inspiration du whiskey, la gloire de cette *perle des mers*, la quittent pour les États-Unis [...]. À leur arrivée, ils n'en croient pas leurs yeux; ils se tâtent pour savoir s'ils ne sont pas sous l'influence décevante d'un sortilège. Ils n'osent pas décrire, dans leurs lettres à leurs amis d'Europe, les ruisseaux de miel et de lait dont est arrosée cette terre promise”. *Ibidem*, pp. 228-229.

claramente religiosa e providencialista em sua descrição a respeito das perspectivas que um imigrante poderia ter sobre os Estados Unidos nesse período: ao atravessar o Oceano em direção ao Novo Mundo, os europeus mais pobres poderiam, como os hebreus que fugiram do Egito, encontrar na América do Norte, segundo Michel Chevalier, sua própria Canaã, uma “terra prometida” onde jorraria leite e mel. Como será analisado posteriormente, tal perspectiva não se constituía como um elemento original do texto do autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, mas fazia parte de uma retórica identitária específica existente no país que considerava os norte-americanos um povo eleito por Deus, designado a cumprir altos destinos na terra²⁴⁵.

Além dos camponeses, operários, mulheres e imigrantes, outro setor social também destacado por Chevalier como signo das melhores condições de vida dos Estados Unidos em comparação com a Europa era, curiosamente, o dos escravizados. Como já discutido no capítulo anterior, ao serem contrastados com os camponeses europeus, eram concebidos como seres que, a despeito de seu aviltamento moral derivado do cativeiro, possuíam condições de vida dignas em termos materiais, o que se evidenciava, na visão do viajante, pela menor mortalidade de sua prole em relação aos trabalhadores rurais do Velho Continente:

Aqui mesmo, onde o operário das cidades e o cultivador dos campos, em lugar de serem, como no Norte, os soberanos do país, são somente escravos, há mais abundância, mais conforto material para as classes laboriosas, que entre nós. Assim a população negra rebenta mais aqui que, entre nós, o faz a população dos campos. Nosso camponês faz tantos filhos quanto o negro da Carolina e da Virgínia; mas, entre nós, a morte, que a miséria leva pela mão, é ativa a repousar esses braços que gostariam de fazer concorrência ao de seus pais, e a fechar para sempre essas bocas que demandam o pão que seus parentes não podem lhes dar²⁴⁶.

²⁴⁵ Ver, entre outros, BERCOVICH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Madison: University of Wisconsin Press, 1978; e AZEVEDO, Cecília. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Tempo*, Niterói-RJ, vol. 6, núm. 11, jul./2001, pp. 111-129.

²⁴⁶ No original: “Ici même, où l’ouvrier des villes et le cultivateur des champs, au lieu d’être, comme au Nord, les souverains du pays, ne sont que des esclaves, il y a plus d’abondance, plus de confort matériel, pour les classes laborieuses, qu’il n’y en a chez nous. Aussi la population noire pullule-t-elle plus ici que ne le fait chez nous la population des campagnes. Notre paysan fait autant d’enfants que le noir de la Caroline et de la Virginie; mais chez nous la mort, que la misère amène par la main, est active à repousser ces bras qui voudraient faire concurrence à ceux de leurs pères, et à fermer pour toujours ces bouches qui demandent du pain que leurs parents ne peuvent leur donner”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, p. 229.

A partir das descrições de Michel Chevalier, algumas considerações merecem ser feitas. Em primeiro lugar, parece importante notar a função essencial ocupada pela comparação nas citações acima. Elemento estruturante dos relatos de viagem de maneira geral²⁴⁷, a contraposição entre dois quadros divergentes resultava, nos textos de Michel Chevalier, na exaltação de uma realidade particular nos Estados Unidos, realçando seus pontos supostamente positivos, ao mesmo tempo em que sustentava aspectos problemáticos, também provavelmente acentuados, da situação europeia.

Como já foi ressaltado no capítulo anterior, a república norte-americana constituía-se, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, como uma espécie de espelho para o Velho Continente, evidenciando seus pretensos defeitos e qualidades e refletindo seus próprios dilemas. Pode-se dizer que, de certa maneira, destacar essa clivagem entre a Europa e o seu avesso do Novo Mundo não significava propor necessariamente a superioridade de uma das duas partes, mas, ao contrário, inspirar-se nos exemplos bem sucedidos do outro, para realizar suas próprias reformas. Em outras palavras, a descrição, talvez com tintas exageradas, das condições de vida superiores a das classes subalternas europeias de operários, camponeses, mulheres, imigrantes e até escravos norte-americanos não eram gratuitas, mas representavam o desejo de Michel Chevalier de, apropriando-se de pretensas características do país que visitava, sugerir novas formas de organização social, política e econômica para seu próprio continente e, em particular, para sua terra natal.

Este capítulo buscará compreender esses dois movimentos do texto de Chevalier. Inicialmente, conceber a formulação de uma visão sobre os Estados Unidos não somente como uma espécie de laboratório industrial, mas também social, discutindo as causas atribuídas pelo viajante francês ao êxito econômico e às boas condições de vida que a jovem república supostamente vinha apresentando até então.

Para melhor compreender esse ponto, parece importante frisar que, na interpretação do autor, como será discutido ao longo das próximas páginas, a indústria norte-americana se estruturaria, ao mesmo tempo, sobre elementos de ordem e mobilidade. Sobre o primeiro aspecto, ressaltavam-se, por exemplo os valores associados ao protestantismo como motores de incentivo ao trabalho e, conseqüentemente, à indústria. A respeito do segundo ponto, atribuía-se, no relato, uma grande importância aos meios de transportes e ao sistema bancário como fatores de

²⁴⁷ Ver, por exemplo, JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1942), a viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 103.

avanço econômico. Tais características da federação se apresentavam, além disso, como motes para uma reflexão sobre questões específicas da Europa e, particularmente, da França. Mais que isso, buscava-se discutir como a experiência norte-americana poderia inspirar a constituição de novos caminhos para o desenvolvimento econômico do Velho Continente. Os Estados Unidos eram representados, dessa forma, tanto como um grande laboratório da modernidade a ser estudado pelas nações europeias, como um espaço por vezes utópico das realizações industriais.

A ética protestante e o espírito do capitalismo

Entre os muitos aspectos que podem ser apreendidos das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, é preciso destacar, nesse relato, a construção de uma relação direta entre as transformações da fé religiosa instauradas nos tempos de Lutero e Calvino e os avanços materiais das sociedades que aderiram a essas novas doutrinas cristãs. Na perspectiva de Michel Chevalier, fomentada, em alguns lugares, pelas Reformas Protestantes do século XVI, a “sociedade industrial” imaginada pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* deveria estar alicerçada sobre o trabalho e resultar na abundância e na multiplicação das riquezas que beneficiaria, conforme essa concepção, cada vez mais, um maior número de pessoas. De acordo com o engenheiro saint-simoniano:

A grande revolução que está em curso há trezentos anos e que mudou a fé religiosa de uma parte do mundo, chegou enfim, pela política e pela filosofia, à França, após lhe ter escapado nos tempos de Lutero e Calvino. A reforma, se estendendo progressivamente, invadiu o aspecto material da sociedade. O trabalho sob todas as formas, fecundado pela revolução intelectual, vai enfim trazer, em abundância e para todos, os frutos que dera outrora apenas a um pequeno número e para uma imperceptível minoria. O círculo da riqueza vai se alargar dez vezes, o da abundância, cem. Basta abrir os olhos para ver vindo dos quatro pontos cardiais uma nova ordem de coisas, em que a agricultura, as manufaturas e o comércio, infinitamente mais ativos e mais harmonizados como não podiam supor nossos pais, serão também infinitamente mais produtivos, e em que uma repartição mais equitativa dos produtos chamará a imensa maioria, senão a totalidade do gênero humano, às alegrias do consumo²⁴⁸.

²⁴⁸ No original: “La grande révolution, qui est en train depuis trois cents ans et qui a changé la foi religieuse d’une partie du monde, a saisi enfin, par la politique et la philosophie, la France, qui lui avait échappé du temps de Luther et de Calvin. La réforme, s’étendant de plus en plus, a envahi l’aspect matériel de la société. Le travail sous toutes les formes, fécondé par la révolution intellectuelle, va enfin

Tópos central de grande parte das interpretações sobre a história, a política, a cultura e a economia dos Estados Unidos, o protestantismo não se configura nesse espaço somente como uma simples vertente da religião cristã no mundo ocidental, mas atua, essencialmente, como um dos fundamentos de sua identidade nacional norte-americana. Como já destacaram diversos autores, a religião ocupou historicamente um papel central na vida política norte-americana, constituindo-se até hoje como um elemento onipresente no debate público e nos embates sociais existentes naquele país²⁴⁹.

No que concerne aos interesses desta pesquisa, é preciso destacar que a presença das igrejas reformadas na América do Norte desde o período colonial também suscitou de maneira bastante incisiva uma interpretação sobre as relações entre religiosidade e desenvolvimento econômico. Em síntese, o protestantismo foi concebido como uma das raízes mais relevantes do avanço capitalista em determinadas regiões do globo, entre as quais os Estados Unidos. É possível afirmar que a versão mais célebre dessa tese pode ser encontrada no clássico *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*, do sociólogo alemão Max Weber, publicado pela primeira vez em duas partes, respectivamente em 1904 e 1905, nas páginas da revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*²⁵⁰.

Para os objetivos deste capítulo, parece relevante mencionar aqui que o sociólogo alemão viajou aos Estados Unidos entre a publicação das duas partes de sua monografia. Entre as regiões visitadas, esteve em cidades importantes como Nova York e Chicago. Além disso, ministrou conferências na Exposição Universal de 1904, em Saint-Louis, no Missouri, conheceu a reserva indígena de Oklahoma e, em Atlanta, na Geórgia, foi apresentado ao militante negro W. E. B. Dubois. Para autores como

porter, en abondance et pour tous, les fruits qu’il ne donnait autrefois qu’en petit nombre et pour une imperceptible minorité. Le cercle de la richesse va s’élargir au décuple, celui de l’aisance au centuple. Il suffit d’ouvrir les yeux pour voir venir des quatre points cardinaux un nouvel ordre de choses, où l’agriculture, les manufactures et le commerce, infiniment plus actifs et mieux combinés que ne pouvaient le supposer nos pères, seront aussi infiniment plus productifs, et où une répartition plus équitable des produits appellera l’immense majorité, sinon la totalité du genre humain, aux joies de la consommation”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, pp. 155-156.

²⁴⁹ Além de BERCOVICH, *op. cit.*, ver a coletânea de fôlego NOLL, Mark A. (org.). *Religion and American politics: from the colonial period to 1980s*. Nova York: Oxford University Press, 1990. Em língua portuguesa, ver AZEVEDO, *op. cit.*, pp. 111-129; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas*. São Paulo: Paz e Terra, 2009; e SCHUMWAY, Nicolás. “Estados Unidos da América: alegorias sobre o apocalipse nos discursos sobre a nação”. In: PRADO, Maria Lígia Coelho & VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *A margem dos 500 anos: reflexões irreverentes*. São Paulo: Edusp, 2002, pp. 219-232.

²⁵⁰ Obra traduzida e publicada em diversas edições em língua portuguesa. Utiliza-se aqui a seguinte edição: WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Gangolf Hübinger e Lawrence Scaff, a viagem aos Estados Unidos configurou-se como essencial para a redação da segunda parte do futuro clássico, pois na república norte-americana, fortemente vinculada ao protestantismo e à ética do trabalho, o sociólogo alemão teria presenciado o que considerou uma demonstração prática de como “as ideias se tornam efetivas na história”²⁵¹.

Em linhas gerais, pode-se dizer que Weber, contrapondo-se a uma perspectiva essencialmente materialista, afirmava a existência de uma vinculação entre os valores protestantes e o desenvolvimento do capitalismo. Para o sociólogo alemão, a defesa do ascetismo intramundano, em contraposição ao ascetismo monástico católico, teria sido possivelmente a maior novidade da pregação das igrejas reformadas, especialmente por aquelas inspiradas pelo calvinismo. Seu principal resultado fora, nesse sentido, a constituição de um modo de vida pautado pelo individualismo, por uma relação entre as ideias de profissão e vocação e pela centralidade do trabalho no cotidiano de seus prosélitos. Não se tratava para esses grupos, como no catolicismo, de transformar a labuta diária em uma forma de obter a salvação, mas, ao contrário, sob a argumentação da predestinação divina, de evidenciar na Terra sua condição de escolhidos. Premissas como a não condenação do lucro, a defesa de uma vida sóbria e a concepção da prática do ofício como a melhor forma de glorificar a Deus entre os homens teriam servido de combustíveis para uma consolidação mais orgânica do capitalismo nas regiões influenciadas pelo protestantismo calvinista, entre as quais a Nova Inglaterra, um dos berços fundadores dos Estados Unidos. Agindo sob a influência desses princípios, os seguidores dessas vertentes religiosas eram comparados por Weber, principalmente, aos países culturalmente mais vinculados ao catolicismo e a setores do protestantismo menos radicais em relação à prática do ascetismo intramundano como, por exemplo, o luteranismo e o anglicanismo²⁵².

Ao analisar aqui a construção de uma retórica que procurava relacionar a ascensão das igrejas reformadas e o desenvolvimento econômico capitalista, não é o objetivo deste trabalho apontar as diversas críticas já recebidas nestes mais de cem anos pela clássica tese weberiana²⁵³, mas, por outro lado, discutir o poder e a permanência

²⁵¹ Sobre a viagem de Max Weber aos Estados Unidos, ver HÜBINGER, Gangolf. “Max Weber e a história cultural da modernidade”. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 24, n. 1, pp. 119-136; e SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

²⁵² WEBER, *op. cit.*, pp. 29-167.

²⁵³ Para algumas das críticas às teses weberianas, ver o balanço existente em MUSSO, Pierre. *La religion industrielle: monastère, manufacture, usine – une généalogie de l’entreprise*. Paris: Fayard, 2017, pp. 243-257.

dessa visão ao longo do tempo. Não se pode deixar de mencionar, por exemplo, que a contraposição praticada por Weber entre, de um lado, o protestantismo de raiz calvinista e, de outro, o catolicismo, foi apropriada recorrentemente, no Brasil, nas ciências humanas do século XX. Intelectuais brasileiros e brasilianistas a adotaram, muitas vezes, como fundamento teórico para interpretações históricas e sociológicas do país e, de certa forma, da América Latina como um todo, em contraposição aos Estados Unidos. Autores paradigmáticos como Sérgio Buarque de Holanda ou o norte-americano Richard Morse carregavam, por exemplo, de maneira subjacente, em seus argumentos e conclusões, ecos da clássica bifurcação weberiana²⁵⁴.

É imperativo destacar, entretanto, que Weber, embora tenha sido o principal cristizador dessa tese nas humanidades, em especial na sociologia, não a concebeu como uma peça completamente original. Pode-se dizer, em outro sentido, que o cientista social alemão foi um dos principais responsáveis por fornecer arcabouço teórico a uma concepção presente na retórica letrada ocidental ao menos desde o início do século XIX, não somente na Europa e nos Estados Unidos, mas também na América Latina²⁵⁵. As *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier, apresentam-se, dessa maneira, como um exemplo paradigmático de um relato de viagem escrito ainda na primeira metade do século XIX em que o caráter protestante da população norte-americana estaria essencialmente vinculado ao seu desenvolvimento econômico²⁵⁶.

Diferentemente de outros teóricos dos séculos XVIII e XIX que defendiam uma laicidade plena e combatiam as diversas formas de profissão espiritual, Michel Chevalier pode ser relacionado a uma corrente de pensadores e letrados que se posicionavam em favor da preservação de um sentimento religioso no mundo ocidental. Formado sob os preceitos saint-simonianos, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, bem como diversos outros seguidores do conde de Saint-Simon, afirmavam o valor da manutenção desses elementos como forma de regular e promover o ordenamento moral

²⁵⁴ Ver, nesse sentido, principalmente, HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; e MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Para uma associação entre as teses weberianas e as obras desses dois autores, ver, entre outros, MONTEIRO, Pedro Meira. “As raízes do Brasil no espelho de Próspero”. *Novos Estudos Cebrap*, 83, março de 2009, pp. 159-182.

²⁵⁵ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e relatos: representações e materialidade nos periplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018, pp. 190 e segs.

²⁵⁶ O parentesco entre a abordagem de Michel Chevalier e o clássico de Weber já foi mencionado anteriormente por KITTLER, Juraj. “Michel Chevalier and the Saint-Simonian legacy: early roots of modern cross-national comparative communication research”. *The International Communication Gazette*, 2014, vol. 76, n. 33, pp. 296-315.

das sociedades. Não necessariamente pactuando com as igrejas tradicionais, muitos desses discípulos propunham uma nova forma de organização religiosa, pautada pela crença na ciência, no progresso, nas técnicas e nos avanços terrenos dos homens. Não por acaso, a Religião da Humanidade, a mais famosa tentativa de implementação desse novo paradigma, em todo o século XIX, tenha sido defendida por um ex-secretário de Saint-Simon, o criador do positivismo Auguste Comte²⁵⁷.

Como um dos grandes arautos dessa guinada em favor de uma nova vertente que pudesse pautar os discursos religiosos, o próprio Saint-Simon, em algumas obras escritas no fim de sua vida, como *Du système industriel* (1821), *Le catéchisme des industriels* (1823) e a inacabada *Nouveau Christianisme* (1825), traçou as linhas gerais do que seria sua proposta, enunciada no título de seu último livro, de um “novo cristianismo”. Em sua concepção, as transformações sociais que vinham ocorrendo desde fins do século XVIII seriam signos da ascensão messiânica de uma nova “sociedade industrial”, da qual ele próprio seria o principal mensageiro. De acordo com Saint-Simon, aproximava-se o tempo em que deveria ocorrer uma “revolução”, a ser conduzida pelos princípios da Indústria, que atingiria todos os povos da Terra. Como resultado do advento dessa nova era, a Humanidade, obedecendo as leis do progresso, viveria feliz e em paz indefinidamente. Esse “novo cristianismo” depuraria o “velho” de seus vícios, atuando como elemento regenerador da sociedade. Nesse regime social a ser constituído, enquanto o poder temporal deveria ser exercido pelos industriais, o poder espiritual deveria ficar a cargo dos cientistas²⁵⁸.

Mesmo após a morte de Saint-Simon, tais ideias permaneceram vivas, não somente na Religião da Humanidade de Comte, mas também em seus herdeiros intelectuais mais fieis, os saint-simonianos, entre os quais se enquadrava o próprio Michel Chevalier. Os discípulos do conde francês entendiam, em linhas gerais, desenvolvendo as concepções de seu mestre, especialmente na obra coletiva *Doctrine de Saint-Simon* (1830), que o “novo cristianismo” proposto pelo grupo deveria configurar-se como uma espécie de restauração da unidade entre a religião e a política, o poder espiritual e o temporal e a Ciência e a Indústria sob uma perspectiva renovada. Tratava-se, de certa forma, para esses homens, de, ao mesmo tempo, laicizar o sagrado e sacralizar o laico²⁵⁹.

²⁵⁷ MUSSO, *op. cit.*, pp. 459 e segs.

²⁵⁸ *Ibidem*, pp. 498-499.

²⁵⁹ *Ibidem*, pp. 534 e segs.

Envolvido por essas questões, Michel Chevalier, durante sua viagem aos Estados Unidos, dava um novo tom a essa problemática. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não somente estabelecia a importância da “religião industrial” que pautava seu relato, mas também evidenciava, diferentemente de outros autores inspirados pela obra de Saint-Simon, o valor das doutrinas tradicionais como fator essencial para o ordenamento moral, a coesão social e o desenvolvimento das nações. Dessa maneira, em sociedades cada vez mais transformadas pela ascensão de novas classes ao mundo da política, apenas a presença de um sentimento religioso poderia servir de amálgama para a manutenção dos laços sociais. Para Michel Chevalier, a religião não se consituía, portanto, unicamente como uma escolha subjetiva do indivíduo, mas como um imperativo político:

A essa força dissolvente [a participação política de um número cada vez maior de pessoas], que aumenta em lugar de diminuir, em razão do número crescente de indivíduos admitidos à influência política, é indispensável opor elementos de coesão dotados de uma atividade e de uma intensidades iguais. É por isso que para o futuro, assim como [havia sido] para o passado, a existência de uma sociedade implica uma religião. Mesmo que a religião não respondesse às mais delicadas e mais vivazes liberdades do coração humano; mesmo que ela não oferecesse à imaginação um campo imenso em que ela pudesse circular sem perigo; mesmo que ela não fosse indispensável à paz da consciência e à harmonia da família, não seria possível passar sem ela, pois ela é também uma necessidade política. Teve razão quem disse que se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo²⁶⁰.

Concordando com a célebre assertiva do filósofo iluminista Voltaire (“*si Dieu n’existait pas, il faudrait l’inventer*”), Michel Chevalier, de maneira bastante pragmática, entendia, portanto, a religião como uma necessidade política, particularmente por atuar como fator de coesão e ordenamento social. Não recusava, dessa forma, o catolicismo como elemento importante para a França, bem como

²⁶⁰ No original: “A cette force dissolvante, qui augmente au lieu de diminuer, en raison du nombre croissant de individus admis à l’influence politique, il est indispensable d’opposer des éléments de cohésion doués d’une activité et d’une intensité égales. C’est pour cela que pour l’avenir, tout comme pour le passé, l’existence d’une société implique une religion. Lors même que la religion ne répondrait pas aux libres les plus délicates et les plus vivaces du cœur humain, lors même qu’elle n’offrirait pas à l’imagination un champ immense où celle-ci puisse circuler sans péril; lors même qu’elle ne serait pas indispensable à la paix de la conscience et à l’harmonie de la famille, il ne serait pas possible de se passer d’elle, car elle est aussi une nécessité politique. On a eu raison de dire que si Dieu n’existait pas, il faudrait l’inventer”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, p. 327.

destacava a profunda correlação entre o rápido avanço econômico dos Estados Unidos e o protestantismo enraizado naquele país. Ao fazer esse movimento, não afirmava a existência de uma única forma de organização capaz de favorecer a valorização do trabalho, mas defendia que cada nação deveria se guiar por seus próprios valores, respeitando suas peculiaridades, especialmente as religiosas.

Embora não se voltasse contra as formas hierárquicas de organização social, mais vinculadas aos países de formação católica como o seu, defendia que o protestantismo favorecia determinados valores associados não somente ao desenvolvimento do trabalho, mas também à democracia e à liberdade. Defendia, nesse sentido, que “entre o povo dos Estados Unidos, descendente da raça inglesa, e imbuído do protestantismo até a medula dos ossos, o princípio de independência, de individualismo, de concorrência, enfim, devia ser bem-sucedido”²⁶¹.

Historicamente, Michel Chevalier localizava na formação da Nova Inglaterra, nascida a partir da chegada dos “peregrinos” (*pilgrim fathers*), fugitivos das perseguições religiosas que haviam ocorrido na Grã-Bretanha entre os séculos XVI e XVII, as origens de uma sociedade democrática. A organização política norte-americana, tal como se constituía no início do século XIX, seria resultado, nessa argumentação, principalmente da defesa da liberdade de culto promovida ainda durante o período colonial. Segundo Chevalier, “quando o ianque veio se estabelecer na América, não foi para criar ali um império, foi para estabelecer ali sua igreja”²⁶².

Para um viajante e observador arguto, coevo a Chevalier, como Alexis de Tocqueville, por exemplo, ao fugirem das perseguições religiosas que tiveram palco na Europa séculos antes, os “peregrinos” tomados pelo desejo de liberdade e pela valorização da auto-consciência individual teriam lançado as bases da política republicana e democrática nascida pós-Independência. Nas palavras do aristocrata francês:

A maior parte da América inglesa foi povoada por homens que, depois de terem se furtado à autoridade do papa, não se haviam submetido a nenhuma supremacia religiosa; eles levavam pois ao novo mundo um cristianismo que eu não poderia pintar melhor do que chamando-o democrático e republicano. Isso favorecerá singularmente o

²⁶¹ No original: “Avec le peuple des États-Unis, rejeton de la race anglaise, et imbu de protestantisme jusqu’à la moelle des os, le principe d’indépendance, d’individualisme, de concurrence enfin, devait réussir”. *Ibidem*, pp. 124-125.

²⁶² No original: “Lorsque l’Yankée vint s’établir en Amérique, ce ne fut pas pour y créer un empire, ce fut pour y établir son église”. *Ibidem*, p. 218.

estabelecimento da república e da democracia nos negócios. Desde o princípio, a política e a religião estavam de acordo, e desde então não deixaram de estar²⁶³.

Seguindo uma perspectiva similar à adotada no excerto acima por Tocqueville, Michel Chevalier afirmava que:

Aqui [nos Estados Unidos], a religião presidiu a exaltação das classes inferiores. O movimento democrático dos Estados Unidos tem seu ponto de partida no puritanismo. Os Puritanos vieram à América, não para procurar ouro, não para conquistar províncias, mas para fundar uma igreja sobre o princípio da igualdade primitiva. Eles eram os novos *Judeus*, como eu disse. Eles queriam se governar sob as leis de Moisés. Em sua origem, eles absorveram completamente a cidade na igreja; eles se dividiram em congregações religiosas, em que todos os chefes de família eram iguais, conforme à lei mosaica, que eram presididos pelos anciãos (*elders*) e pelos santos, e em que todas as distinções terrestres eram umas abolidas, outras tomadas por nada. Um de seus primeiros sonhos era fundar sob a inspiração de suas crenças, escolas em que todas as crianças seriam ensinadas em conjunto e da mesma maneira. Mesmo que desigualmente ricos, eles adotaram a mesma vida. Os trabalhos materiais, os quais foram obrigados a fazer em comum para se defender da fome e dos selvagens, fortaleceram seus hábitos e seus sentimentos de igualdade. Ora, é a Nova Inglaterra, exclusivamente habitada pelos filhos dos Puritanos, e onde suas tradições e sua fé foram conservadas intactas, que foi e é ainda o lar da democracia americana²⁶⁴.

É importante destacar que, ao promover o amálgama entre a Cidade e a Igreja, o protestantismo teria se constituído não somente como o alicerce sobre o qual teria sido

²⁶³ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 338.

²⁶⁴ No original: “Ici, la religion a présidé à l’exaltation des classes inférieures. Le mouvement démocratique des États-Unis a son point de départ dans le puritanisme. Les Puritains vinrent en Amérique, non pour chercher de l’or, non pour conquérir des provinces, mais pour fonder une église sur le principe de l’égalité primitive. Ils étaient de nouveaux *Juifs*, comme je l’ai dit. Ils voulaient se gouverner d’après les lois de Moïse. Dans l’origine, ils absorbèrent complètement la cité dans l’église; ils se partagèrent en congrégations religieuses, où tous les chefs de famille étaient égaux, conformément à la loi mosaïque, qui étaient présidées par les anciens (*elders*) et par les saints, et où toutes les distinctions terrestres étaient, les unes abolies, les autres comptées pour rien. Un de leurs premiers soins fut de fonder, sous l’inspiration de leurs croyances, des écoles où tous les enfants étaient élevés ensemble et de la même manière. Quoique inégalement riches, ils adoptèrent tous la même vie. Les travaux matériels auxquels ils furent obligés de se livrer en commun pour se défendre de la faim et des sauvages, fortifièrent leurs habitudes et leurs sentiments d’égalité. Or, c’est la Nouvelle-Angleterre, exclusivement habitée par les fils des Puritains, et où leurs traditions et leur foi se sont conservées intactes, qui a été et qui est encore le foyer de la démocratie américaine”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, pp. 289-290.

edificada a democracia norte-americana, mas também teria contribuído para a formação de uma sociedade completamente voltada ao mundo do trabalho.

Antes de se debruçar com mais vagar sobre a interpretação de Michel Chevalier a respeito das relações entre protestantismo e desenvolvimento econômico na jovem república, parece importante destacar que, mesmo considerando a presença das igrejas protestantes na América do Norte desde o século XVII, costuma-se conceber a primeira metade do Oitocentos como um período marcado por um intenso revivalismo religioso nos Estados Unidos. Funcionando, em certa medida, como uma resposta calvinista ao iluminismo e a uma parte das ideias liberais, em especial às vinculadas a uma maior liberdade de costumes, constituiu-se como um processo vasto que mobilizou uma gama de pregadores e teólogos das diversas regiões do país, resultando em um movimento de feições que podiam variar de acordo com cada seção específica do território norte-americano. Nas regiões de fronteira e no sul do país, difundiram-se, por exemplo, práticas mais emotivas que enfatizavam os sentimentos de piedade e moralidade individual. Na Nova Inglaterra, realizavam-se, por outro lado, cultos mais contidos, alicerçados fortemente nas tradições puritanas. Entre esses últimos, defendiam-se, além disso, reformas sociais que fossem capazes de extirpar os “pecados coletivos” da sociedade norte-americana como o alcoolismo e, para alguns setores do protestantismo, também a escravidão²⁶⁵.

Tomado, muitas vezes, como uma resposta aos valores da ciência, do progresso e de um mundo mecanizado nascente, esse revivalismo religioso do início do século XIX era, não obstante, interpretado por Michel Chevalier de outro modo. Para o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, esse fenômeno não devia ser concebido como um sintoma das novas condições materiais e, conseqüentemente, ideológicas promovidas pelas transformações das práticas capitalistas nos Estados Unidos, mas, ao contrário, constituía-se, possivelmente como uma das causas fundamentais de seu desenvolvimento.

Parece importante destacar que, na “utopia industrial” concebida por Michel Chevalier, o trabalho ocupava, como já destacado anteriormente, um papel protagonista nos Estados Unidos. Concebidos como pessoas apaixonadas pelo trabalho, voltadas ao

²⁶⁵ Ver MURRIN, John M. “Religion and politics in America from the first settlements to the Civil War”. In: NOLL, Mark A. (org.). *Religion and American politics: from the colonial period to 1980s*. Nova York: Oxford University Press, 1990.

comércio, à agricultura e, mais recentemente, às manufaturas, os norte-americanos despertavam a admiração e a curiosidade do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*:

O americano é um trabalhador-modelo. Os Estados Unidos não são uma segunda edição da república romana ou grega; é uma colossal casa de comércio, que tem uma fazenda de cereais no Noroeste, uma fazenda de algodão, de arroz e de tabaco no Sul; que possui engenhos, oficinas de salga e começa a ter belas manufaturas; que em seus portos do Nordeste guarnece de excelentes navios bem construídos e mais bem equipados, com os quais empreende os transportes para a consideração de todo o universo e especula sobre as necessidades de todos os povos. Todo Americano tem a paixão do trabalho e tem mil meios de satisfazê-la²⁶⁶.

Sobre esse aspecto, Michel Chevalier, evocando algumas questões que viriam a se tornar essenciais posteriormente em Weber, destacava, por exemplo, a centralidade da ideia de profissão entre os norte-americanos. Nascida de uma concepção protestante que associava trabalho, vocação e glorificação a Deus na Terra, essa premissa atribuía ao ofício um papel essencial na vida cotidiana e considerava a ociosidade como uma prática a ser combatida. Contrapondo as ideias de profissão e ociosidade nos Estados Unidos, Chevalier entendia que:

O Americano é educado nessa ideia, de que ele terá uma situação, que ele será agricultor, artesão, manufatureiro, comerciante, especulador, médico, homem de lei ou de igreja, talvez tudo isso sucessivamente, e que, se é ativo e inteligente, ele chegará à opulência. Ele não se concebe sem profissão, mesmo que ele pertença a uma família rica, pois ele não vê ociosos em torno dele. O ocioso é uma variedade da espécie que o homem do Norte, o ianque, não supõe a existência; pois ele sabe que, rico hoje, seu pai poderá estar arruinado amanhã²⁶⁷.

²⁶⁶ No original: "L'Américain est un travailleur-modèle. Les États-Unis ne sont pas une seconde édition de la république romaine ou grecque; c'est une colossale maison de commerce, qui tient une ferme à céréales dans le Nord-Ouest, une ferme à coton, à riz et à tabac, dans le Sud; qui possède des sucreries, des ateliers de salaisons et de beaux commencements de manufactures; qui a ses ports du Nord-Est garnis d'excellents navires bien construits et mieux montés encore, avec lesquels elle entreprend les transports pour le compte de tout l'univers, et spéculé sur les besoins de tous les peuples. Tout Américain a la passion du travail et a mille moyens de la satisfaire". CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, pp. 233-235.

²⁶⁷ No original: "L'Américain est élevé dans cette idée, qu'il aura un état, qu'il sera agriculteur, artisan, manufacturier, commerçant, spéculateur, médecin, homme de loi ou d'église, peut-être tout cela successivement, et que, s'il est actif et intelligent, il arrivera à l'opulence. Il ne se conçoit pas sans profession, lors même qu'il appartient à une famille riche, car il ne voit point de gens de loisir autour de lui. L'homme de loisir est une variété de l'espèce humaine dont l'homme du Nord, l'Yankée, ne

A esse respeito, em determinado momento de seu relato, observando, particularmente, as práticas sociais da industriosa cidade de Cincinnati, no Estado de Ohio, Michel Chevalier afirmava a existência de perseguições políticas e religiosas não somente contra os “ociosos”, mas também contra aqueles que demonstravam necessitar de distrações cotidianas para suportar uma vida completamente voltada ao trabalho. Segundo o viajante, apresentavam-se a essas pessoas, nesse contexto, basicamente três opções: adaptar-se ao modo de vida imposto nesses lugares, fugir para a Europa ou procurar, para viver, regiões menos rígidas nos próprios Estados Unidos, particularmente algumas cidades do litoral como, por exemplo, Nova York, Filadélfia ou Nova Orleans.

Segundo Chevalier, mesmo aqueles que possuíam rendas suficientes para sobreviver mantinham seu devotamento ao trabalho, pois não havia como não seguir a norma preponderante da sociedade norte-americana sem sofrer algum tipo vigilância²⁶⁸. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* destacava, nesse sentido, o papel essencial desempenhado pelas associações filantrópicas e religiosas para a manutenção desses costumes:

Em todos os Estados Unidos, lá onde não há escravidão, e fora de algumas grandes cidades do litoral, existe em relação aos ociosos, uma vigilância rigorosa que obriga àqueles a quem esse gênero de vida poderia seduzir, a entrar na linha comum, e a trabalhar ao menos até a idade em que o repouso é indispensável ao homem. A opinião pública é vigilante para reprimir tudo o que poderia aclimatar hábitos de dissipação mesmo muito inocentes, e tornar tolerável a vida de lazer. Sociedades filantrópicas e religiosas, institutos sob nomes diversos, se encarregam de reforçar as tomadas de opinião. Sentinelas vigilantes, eles têm à mão a estrita observância das austeridades, ou, se quiser, dos entediados domingos, com a repressão ao alcoolismo, com a extirpação da paixão pelo jogo, que, em um povo devotado ao *make money*, poderia, se ela se expandisse, fazer terríveis estragos. Essas sociedades e esses comitês perseguem sua tarefa com uma perseverança mais que britânica e algumas vezes com um fanatismo puritano²⁶⁹.

soupçonne pas l'existence; puis il sait que, riche aujourd'hui, son père pourra être ruiné demain”. *Ibidem*, pp. 117-118.

²⁶⁸ *Ibidem*, vol. I, pp. 340-341.

²⁶⁹ No original: “Partout aux États-Unis, là où il n'y a point d'esclavage, et hors de quelques grandes villes du littoral, il existe, à l'égard des gens de loisir, une surveillance rigoureuse qui oblige ceux que ce genre de vie pourrait séduire, à rentrer dans la ligne commune, et à travailler au moins jusqu'à l'âge où le

Note-se que tais “sociedades filantrópicas e religiosas”, “sentinelas vigilantes” dos costumes, que atuavam, muitas vezes, com “fanatismo puritano”, não somente agiam em favor da constituição de uma sociedade plenamente voltada ao mundo do trabalho como forma de glorificação a Deus, mas constituíam-se como adversárias privilegiadas do ócio, arbitrando as práticas sociais e perseguindo o que consideravam ser elementos de dissolução moral como o álcool e o jogo. Guardiãs da “estrita observância das austeridades”, esses comitês serviam, entre outras coisas, como destacava o próprio Chevalier, como protetoras dos “entediantes domingos”, marcados pela reclusão e pela recusa às distrações pueris.

Característica que chamou a atenção de diversos viajantes, europeus ou latino-americanos²⁷⁰ que estiveram nos Estados Unidos em meados do século XIX, a vida cotidiana dos norte-americanos no primeiro dia da semana era exemplar a esse respeito. Segundo o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, “nada é mais lúgubre que o sétimo dia [sic] nesse país”. Obrigado a “abster-se de todo divertimento, de toda distração, música, cartas, dados ou bilhar, sob a pena de sacrilégio”, só restaria ao ascético estadunidense esperar o início da semana para retomar sua vida. Tratando da questão com uma pitada de sarcasmo, o viajante francês entendia que “após semelhante domingo, o trabalho da segunda-feira é um passatempo delicioso”²⁷¹.

De acordo com o relato do engenheiro saint-simoniano, os norte-americanos, ao contrário de povos de outras nacionalidades, não somente não vaticinavam contra a promoção e o cumprimento regular dessas medidas, mas, ao contrário, se submetiam a elas, na maior parte das vezes, de bom grado e sem murmurar. Em síntese, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava sobre os norte-americanos que:

repos est indispensable à l'homme. L'opinion publique est aux aguets pour refouler tout ce qui pourrait acclimater sur le sol des habitudes de dissipation même fort innocentes, et rendre tolérable la vie de loisir. Des sociétés philanthropiques et religieuses, institues sous des noms divers, se chargent de renforcer les arrêts de l'opinion. Sentinelles vigilantes, elles tiennent la main à la stricte observation des austerités, ou, si vous voulez, des ennuis du dimanche, à la repression de l'ivrognerie, à l'extirpation de la passion du jeu, qui, chez un peuple dévoué au *make money*, pourrait, si elle se repandait, faire d'affreux ravages. Ces sociétés et ces comités poursuivent leur tâche avec une persévérance plus que britannique, et quelque fois avec un fanatisme puritain”. *Ibidem*, p. 342.

²⁷⁰ FRANCO, *Viagens e relatos*, op. cit., p. 195-197.

²⁷¹ No original: “s'abstenir de tout amusement, de toute distraction, musique, cartes, dés ou billard, sous peine de sacrilège”; “Rien n'est donc plus lugubre que le septième jour dans ce pays”; “Auprès d'un pareil dimanche, le travail du lundi est un passe-temps délicieux”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, pp. 118-119.

Os hábitos [dos norte-americanos] são aqueles de um povo exclusivamente trabalhador. Desde o momento em que se levanta, o Americano está no trabalho. Ele se absorve nele até a hora do sono. Ele não permite que os prazeres o venham distrair; apenas os negócios públicos tem o direito de retirá-lo alguns momentos de seus negócios privados. O instante da refeição não é para ele um repouso em que ele abstrai seu cérebro fatigado no seio de uma doce intimidade. Não é nada mais que uma desagradável interrupção em sua tarefa; interrupção que ele aceita, porque é inevitável, mas que ele resume o quanto for possível. Se a política não reclama, à noite, sua atenção; se não é convocado à nenhuma deliberação, à nenhuma prece, permanece em casa, pensativo e olhos fixos, recapitulando as operações do dia, ou preparando as do dia seguinte²⁷².

Ocupados por um cotidiano voltado para o trabalho, sem distrações ou divertimentos, mesmo em seus dias de folga, e plenamente envolvidos pela moral puritana, os habitantes dos Estados Unidos teriam, na descrição de Michel Chevalier, “todas suas faculdades admirável e energicamente combinadas para a produção”²⁷³.

Mesmo que não seja o principal objetivo deste trabalho, parece importante destacar aqui uma relação evidente entre as descrições e concepções de Michel Chevalier sobre a sociedade norte-americana e as teses fundamentais defendidas por Max Weber em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Os excertos acima não deixam de funcionar, de certa forma, como exemplos daquilo que Weber conceituou, em sua obra clássica, como “ascese intramundana”. Em linhas gerais, ambos descreveram os protestantes de linhagem puritana como defensores de um cotidiano completamente voltado ao mundo do trabalho, compreendido, ao mesmo tempo, como vocação, indício de predestinação e melhor forma de se glorificar a Deus na Terra. Esse comportamento vinha acompanhado, além disso, da recusa de toda e qualquer forma de distração e prazer²⁷⁴.

Mesmo demonstrando certo estranhamento em relação aos costumes nos Estados Unidos, pode-se dizer que Michel Chevalier acalentava uma grande admiração pelos

²⁷² No original: “Les habitudes sont celles d’un peuple exclusivement travailleur. Du moment où il se lève, l’Américain est au travail. Il s’y absorbe jusqu’à l’heure du sommeil. Il ne permet point aux plaisirs de venir l’en distraire; les affaires publiques seules ont le droit d’enlever quelques moments à ses affaires privées. L’instant des repas n’est point pour lui un délassement où il retrempe son cerveau fatigué, au sein d’une intimité douce. Ce n’est rien de plus qu’une désagréable interruption à sa besogne; interruption qu’il accepte, parce qu’elle est inévitable, mais qu’il abrège le plus possible. Si la politique ne réclame point, le soir, son attention; s’il n’est convoqué à aucune délibération, à aucune prière, il reste chez lui, pensif et l’oeil fixe, récapitulant les opérations du jour, ou préparant celles du lendemain”. *Ibidem*, pp. 118.

²⁷³ *Ibidem*, vol. I, p. 343.

²⁷⁴ WEBER, *op. cit.*

norte-americanos, afirmando uma profunda relação entre seu modo de vida específico, sua organização social e suas “proezas industriais”. Segundo ele:

Uma semelhante organização é incomparável para um povo pioneiro. Sem essa febre de trabalho, sem essa tensão perpétua do espírito em direção às empresas úteis e as especulações; sem essa indiferença pelos prazeres, sem essas ideias políticas e religiosas que reprimem imperiosamente todas as paixões para as quais a meta não é trabalhar, produzir, ganhar, acreditar-se-ia que os Americanos teriam cumprido suas proezas industriais? Com um outro sistema menos exclusivo para a produção, eles estariam talvez ainda projetando transpor os [Montes] Allegheny. Em lugar de ter diante deles desbravado, aberto, atravessado por rotas, semeado de fazendas, de vilas e de cidades, esse domínio do Oeste, imenso em extensão e em fecundidade, eles estariam reduzidos talvez ainda à parte de terra arenosa que se estende ao longo do Atlântico²⁷⁵.

Pode-se dizer que, na concepção de Michel Chevalier, a “febre de trabalho” e as “ideias políticas e religiosas” predominantes nos Estados Unidos direcionavam todas as energias, ou, para utilizar um termo weberiano, todo o “espírito” do país, no sentido das “empresas úteis”, reprimindo quaisquer “paixões” que pudessem desviá-los do sentido da produção e do ganho. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava, dessa forma, uma relação intrínseca entre os costumes dos norte-americanos, guiados, em grande medida, pela moral protestante, e o rápido avanço industrial da federação.

Como uma espécie de laboratório da modernidade, o país da América do Norte se configurava, nesse sentido, como um paradigma a ser analisado com bastante cuidado e atenção pelos observadores do Velho Continente, em especial por aqueles preocupados com o porvir da humanidade. Partindo dessa premissa, é curioso notar, ainda no se refere às relações entre religião e desenvolvimento industrial nos Estados Unidos, a incorporação no discurso de Michel Chevalier de aspectos que associavam a predestinação divina, eixo articulador da doutrina puritana, aos destinos nacionais norte-americanos.

²⁷⁵ No original: “Une organisation semblable est incomparable pour un peuple pionnier. Sans cette fièvre de travail, sans cette tension perpétuelle de l'esprit vers les entreprises utiles et les speculations; sans cette indifférence pour les plaisirs, sans ces idées politiques et religieuses qui repriment imperieusement toutes les passions dont le but n'est pas de travailler, de produire, de gagner, croit-on que les Americains eussent accompli leurs prouesses industrielles? Avec un autre système moins exclusif pour la production, ils en seraient peut-être encore a projeter de franchir les Alleghanys. Au lieu d'avoir devant eux defriché, ouvert, sillonné de routes, semé de fermes, de villages et de villes, ce domaine de l'Ouest, immense en etendue et en fecondité, ils seraient encore reduits peut-être à la bande de terre sablonneuse qui s'étend le long de l'Atlantique”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. I, p. 344.

Assim como fez durante sua passagem pela Inglaterra, o engenheiro saint-simoniano defendia a realização de viagens aos Estados Unidos que privilegiassem não o itinerário pitoresco, mas os interesses industriais. De acordo com essa concepção, em vez de ser realizada por turistas descompromissados, os périplos ao país da América do Norte deveriam ser completados principalmente por aqueles que conferissem “algum valor aos interesses do futuro”. A esse respeito, vaticinava que os estrangeiros que fossem à industriosa república deveriam estar atentos, entre outras coisas, à sua capacidade de cumprir “a missão que lhes confiou a Providência, missão de povo pioneiro e desbravador”. Concluía, dessa forma, que os norte-americanos, indivíduos completamente voltados ao trabalho, à produção, ao ganho e consequentemente, à indústria, “certamente merecerão o reconhecimento da posteridade [...] para a qual eles preparam, com tanta energia e sagacidade, um cotidiano de abundância; uma terra prometida”²⁷⁶.

No mesmo sentido das assertivas acima, ao discutir o caráter da “liberdade” entre os norte-americanos, Michel Chevalier declarava que:

A liberdade americana não é uma liberdade mística, indefinida; é uma liberdade especial, em relação com o gênio especial do povo e seu destino especial; é uma liberdade de trabalho e de locomoção que o Americano aproveita para se expandir sobre o imenso território que lhe deu a Providência, dando a ele valor²⁷⁷.

Sobre os negócios e o trabalho, afirmava ainda que:

A especulação e os negócios, o trabalho e a ação, eis, pois, sob diversas formas, a especialidade que os Americanos escolheram e à qual eles se devotam com um ardor que mantém com obstinação. Era a que eles deveriam adotar, a que lhes havia atribuído o dedo da Providência, para que a civilização fosse, com o menor atraso possível, colocada em posse de um continente²⁷⁸.

²⁷⁶ No original: “ils sont certains de mériter la reconnaissance de la postérité [...] pour laquelle ils preparent, avec tant d'énergie et de sagacité, un séjour d'abondance; une terre promise”; “la mission que leur a confiée la Providence, mission de peuple pionnier et défricheur”; “quiconque attaché quelque prix aux interets de l'avenir”. *Ibidem*, pp. 344-345.

²⁷⁷ No original: “Mais la liberté américaine n'est pas une liberté mystique, indéfinie; c'est une liberté spéciale, en rapport avec le génie spécial du peuple et sa destination spéciale; c'est une liberté de travail et de locomotion, dont l'Américain profite pour se répandre sur l'immense territoire que lui a donné la Providence, et pour le mettre en valeur”. *Ibidem*, vol. II, p. 203.

²⁷⁸ No original: “La spéculation et les affaires, le travail et l'action, voilà donc, sous diverses formes, la spécialité que les Américains ont choisie et à laquelle ils se vouent avec une ardeur qui tient de l'acharnement. C'était celle qu'ils devaient adopter, celle que leur avait assignée le doigt de la Providence,

Nessa retórica, o “futuro” dos Estados Unidos desenhava-se praticamente como “destino”, resultado de um desígnio estabelecido previamente pela “Providência”. A América do Norte era, enfim, a “Terra Prometida” onde jorrava leite e mel, paraíso dos homens trabalhadores e religiosos comprometidos com a causa da indústria.

A esse respeito, parece importante sublinhar, em primeiro lugar, a percepção, existente nos textos de Michel Chevalier, de que os Estados Unidos apresentavam-se, já naquele momento, não somente como candidatos a ocupar um lugar de destaque entre as diversas nações do mundo, mas configuravam-se, de maneira geral, como um laboratório privilegiado para a realização de experiências políticas e econômicas capazes de anunciar os caminhos da modernidade. Em outras palavras, a viagem ao país dos ianques não deixava de representar, para muitos europeus, uma forma de apreender as possibilidades de futuro que se apresentavam à humanidade em meados do século XIX²⁷⁹.

Em segundo lugar, é fundamental ressaltar a presença, no relato de Michel Chevalier, de uma retórica que flertava, ao mesmo tempo, com aspectos míticos da construção de uma identidade nacional norte-americana e com perspectivas utópicas defendidas pelo saint-simonismo. Mesclando essas duas referências básicas, Chevalier reproduzia, em seus textos, concepções que compreendiam os Estados Unidos como uma espécie de “Terra Prometida”, destinada a cumprir no mundo uma “missão” ou, nas palavras do próprio autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, um “destino”. Esse discurso, capaz de ampliar o escopo da tese da predestinação divina do plano individual para o nacional, ia além da pregação da salvação pessoal, afirmando os estadunidenses como um “povo eleito”²⁸⁰. Sobre esse aspecto, não se deve esquecer, entre outras coisas, a profunda relação entre tais ideias e a doutrina do “Destino Manifesto”, que concebia a predestinação dos Estados Unidos ao domínio sobre toda a América do Norte, justificando, no século XIX, sua expansão em direção ao Oceano Pacífico²⁸¹. Ao mesmo tempo, sob uma perspectiva saint-simoniana e utópica, a república norte-americana

afin que la civilisation fût, dans le plus bref délai possible, mise en possession d'un continent”. *Ibidem*, pp. 108-109.

²⁷⁹ Além de HARTOG, *op. cit.*, pp. 93-130, são relevantes as reflexões sobre a historicidade e multiplicidade acerca das perspectivas de futuro presentes em KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

²⁸⁰ Ver, nesse sentido, BERCOVICH, *op. cit.*

²⁸¹ Além de JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. São Paulo: Edusp, 2018, ver o clássico WEINBERG, Albert K. *Destino manifesto: el expansionismo nacionalista en la historia norteamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1965.

configurava-se também como espécie de “paraíso industrial” habitado por homens trabalhadores, religiosos e promotores de um novo modelo social²⁸².

Pode-se dizer, portanto, que, ao conferir importância central ao protestantismo e ao defender o ideal saint-simoniano, evidenciava-se, nos textos de Michel Chevalier, uma profunda relação entre o industrialismo e o providencialismo na compreensão do desenvolvimento econômico dos Estados Unidos, resultando em um discurso no qual as concepções socio-econômicas, as utopias e os mitos se mostravam como elementos intrinsecamente vinculados.

Antes de prosseguir com a argumentação, é preciso mencionar que Michel Chevalier não deixou grandes indícios sobre que referências foram utilizadas para a construção de suas representações sobre os Estados Unidos, em particular em suas perspectivas acerca do desenvolvimento naquele país de uma sociedade protestante e industrial. É provável, entretanto, que o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* tivesse contato, já na década de 1830, com os célebres escritos de Benjamin Franklin que incentivavam, na federação norte-americana, a constituição de uma vida voltada ao trabalho, à economia e à contenção dos costumes, e que inspiraram, décadas depois, o próprio Weber. A visita do engenheiro saint-simoniano às manufaturas de Lowell, em Massachussts, no início de 1835 pode oferecer uma pista nesse sentido.

Ao tratar do modo de vida na região, Chevalier afirmava que seus habitantes “escolheram Franklin como patrono de sua cidade, e o discurso do *bom homem Ricardo* como quinto evangelho”²⁸³. O engenheiro saint-simoniano fazia referência, nesse excerto, à doutrina ascética difundida pelo autor norte-americano, explicitada principalmente por meio dos *Poor Richard's Almanacks*, panfletos publicados anualmente, entre 1732 e 1758, por Benjamin Franklin, assinados sob o pseudônimo de Richard Saunders ou “Poor Richard”. É sempre importante lembrar que tais escritos foram tomados, muitas vezes, como uma espécie de síntese de um *ethos* próprio dos norte-americanos, caracterizados, nessa tipificação, pelo comedimento, pela valorização das atividades úteis e pela recusa ao ócio. Os textos de Franklin se apresetariam, na perspectiva do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, praticamente como um “evangelho” para os industriais norte-americanos.

²⁸² Ver MUSSO, *op. cit.*

²⁸³ No original: “ont choisi Franklin pour le patron de leur cité, et le discours du *bonhomme Richard* pour cinquieme evangile”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, *op. cit.*, vol. I, p. 332. Embora no original em inglês o personagem seja “poor Richard”, opta-se aqui por “bom homem Richard”, não somente pelo fato da tradução francesa ser “bonhomme Richard”, mas porque nas versões existentes no Brasil do século XIX dos textos de Franklin, adota-se “bom homem Richard”.

Para além dessas questões, Michel Chevalier, autor de um “Avant-propos” bastante sucinto à *Conseils pour faire fortune: avis d'un veil ouvrier à un jeune ouvrier, et La science du bonhomme Richard*, de Franklin, publicado, na França, em 1848²⁸⁴, não deixou de tratar de outros temas bastante caros ao projeto industrialista saint-simoniano nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. De modo particular, em suas cartas, ressaltou dois elementos que considerava centrais para o desenvolvimento industrial de qualquer nação de sua época: os meios de transporte e os bancos.

Os imperativos da nova ordem

Conforme já ressaltado no primeiro capítulo deste trabalho, o conde Claude-Henri de Saint-Simon e os seus discípulos saint-simonianos concebiam que, após atravessar o processo da Revolução Francesa e as transformações técnicas, econômicas e sociais promovidas pela chamada Revolução Industrial, o gênero humano estaria destinado a vivenciar um grande processo de transição de uma sociedade até então voltada a interesses “militares” e “feudais” para uma nova ordem caracterizada pelo predomínio dos desígnios “industriais”²⁸⁵.

Amparado por tais discussões, Michel Chevalier não deixava, como muitos de sua época, de defender uma perspectiva progressiva, etapista e evolucionista da história. Já presente, por exemplo, em textos de Vico e Montesquieu, na primeira metade do século XVIII, esse tipo de visão sobre o desenvolvimento das sociedades humanas pode ser considerado predominante no século XIX, alicerçando ideologias tão diversas quanto o liberalismo e o socialismo e constituindo-se como base para defensores de posições tão variadas como Saint-Simon, Auguste Comte ou Karl Marx. Coincidiam nesses autores e nessas vertentes intelectuais, não mais uma concepção escatológica, pautada por uma ideia de salvação ou condenação celestial, mas sim a visão de uma remissão terrena que obedeceria a leis históricas e naturais e estaria fadada a se impor por meio da ação humana²⁸⁶. Ao afirmar o fim de uma ordem “militar” e a ascensão de um período “industrial”, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, crente no progresso do gênero humano e na evolução das sociedades por meio da superação de

²⁸⁴ Ver FRANKLIN, Benjamin. *Conseils pour faire fortune: avis d'un veil ouvrier à un jeune ouvrier, et La science du bonhomme Richard*. Paris: Jules Renouard et Cie., 1848.

²⁸⁵ MUSSO, *op. cit.*, pp. 477-499.

²⁸⁶ Ver sobre essa temática, entre outros, CARDOSO, Ciro Flamarion. “Panorama da historiografia ocidental (até aproximadamente 1930)”. In: *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: Edusc, 2005.

etapas de desenvolvimento, se inseria de maneira bastante coerente no escopo intelectual de sua época.

Como tem sido discutido até aqui neste trabalho, Michel Chevalier, balizando suas teses sobre uma lógica saint-simoniana, concebia, a partir dessa perspectiva, o trabalho como a única maneira possível de atingir avanços econômicos e sociais. Não se tratava, para o engenheiro francês, unicamente de um meio de aprimoramento das técnicas e de geração de riquezas, mas também da promoção de melhores condições de vida a todos os homens:

Tudo o que desenvolve o trabalho está em harmonia perfeita com a tendência atual de todos os bons espíritos. O trabalho é um admirável instrumento de concórdia, pois todos os interesses se encontram bem na prosperidade da indústria e dos negócios. Ele é a fonte pura e legítima da fortuna pública e privada. Apenas o trabalho cria riquezas novas; apenas ele tem o poder de socorrer aquele que tem necessidade, sem empobrecer aquele que goza do necessário, e mesmo sem reduzir a brilhante existência daquele que vive no fausto; de dar, ao mesmo tempo, a opulência a alguns, a abastança a um grande número, a comida na mesa a todos²⁸⁷.

De acordo com Chevalier, a “nova ordem de coisas” que vinha se constituindo, com base no trabalho humano, poderia ser facilmente notada, por exemplo, por meio do desaparecimento paulatino de hábitos e práticas nobiliárquicos e por sua substituição por padrões vinculados a uma nova era:

Ninguém hoje embalsama pássaros sagrados; ninguém faz o leito do boi Apis. Não se deseja mais tornar-se Protovestiário, nem Fidalgo de câmara; e do jeito que vão as coisas na Inglaterra, já não se crê mais que desejar-se-á ainda por muito tempo tornar-se *Groom of the stole* [oficial real]. Não há mais Condestáveis, nem grandes vassalos, nem corajosos cavaleiros, nem Pares de França no antigo sentido da palavra. A aristocracia francesa, tão brilhante ainda há cinquenta anos, desapareceu como uma colheita ceifada. Os solares dos antigos heróis tornaram-se fábricas; os conventos se modificaram em fiações, e já vi naves góticas do melhor estilo transformadas em ateliês e lojas de

²⁸⁷ No original: “Tout ce qui développe le travail est en harmonie parfaite avec la tendance actuelle de tous les bons esprits. Le travail est un admirable instrument de concorde, car tous les intérêts se trouvent bien de la prospérité de l’industrie et des affaires. Il est la source pure et légitime de la fortune publique et privée. Le travail seul crée des richesses nouvelles; lui seul a donc puissance de secourir celui qui a besoin, sans appauvrir celui qui jouit du nécessaire, et même sans réduire la brillante existence de celui qui vit dans le faste; de donner à la fois l’opulence à quelques uns, à un grand nombre l’aisance, à tous cette poule au pot”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. II, p. 233.

forragem. Nossos bravos soldados se metamorfosearam em pacíficos cantoneiros abrindo rotas estratégicas²⁸⁸.

Segundo Michel Chevalier, o antagonismo entre os modelos sociais “militar” e “industrial” configurava-se, de certa forma, como a contraposição entre os paradigmas, respectivamente, da destruição e da morte, por um lado, e da construção e da produção, por outro:

Um campo de batalha pode excitar o terror ou entusiasmo febril, a piedade ou o horror; mas a força do homem aplicada a produzir é mais majestosa que a força do homem aplicada a destruir e a matar. As pirâmides ou os templos de dimensões colossais de Tebas, o Coliseu ou a São Pedro de Roma revelam mais grandeza que um campo de batalha coberto de mortos e detritos, mesmo que fossem espalhados trezentos mil cadáveres, como nessas duas grandes batalhas em que nossos pais, sob Meroveu e sob Carlos Martel, detiveram as frotas dos bárbaros e salvaram o mundo ocidental das invasões do Oriente²⁸⁹.

Michel Chevalier profetizava que, ao substituir a lógica militar, “a indústria, ou seja, a arte de criar a riqueza, multiplicar o bem-estar e embelezar o mundo, morada do gênero humano, irá daqui em diante superar a arte de matar e destruir”. E completava, com uma retórica quase triunfante, que, nessa nova ordem que vinha se estabelecendo desde a segunda metade do século XVIII, “a espada cessa de ser o primeiro símbolo do poder”²⁹⁰.

²⁸⁸ No original: “Personne aujourd’hui n’embaume les oiseaux sacrés; personne ne fait la litière au boeuf Apis. On n’intrigue plus pour devenir Protovestiaire, ni Gentilhomme de la chambre; et du train dont vont les choses en Angleterre, je ne crois pas que l’on intrigue encore long-temps pour devenir *Groom of the stole*. Il n’y a plus de Connetables, ni de grands vassaux, ni de preux chevaliers, ni de Pairs de France dans le sens antique du mot. L’aristocratie française, si brillante encore il y a cinquante ans, a disparu comme une moisson qu’on fauche. Les manoirs des anciens heros sont devenus des fabriques; les convents se sont changés en filatures, et j’ai vu des nefs gothiques du meilleur style transformées en ateliers ou en magasins à fourrages. Nos braves soldats se métamorphosent en pacifiques cantonniers, et ouvrent des routes stratégiques”. *Ibidem*, vol. I, pp. 110-111.

²⁸⁹ No original: “Un champ de bataille peut exciter l’effroi ou un enthousiasme fébrile, la pitié ou l’horreur; mais la force de l’homme appliquée à produire est plus majestueuse que la force de l’homme appliquée à détruire et à tuer. Les pyramides ou les temples à dimensions colossales de Thèbes, le Colysée ou Saint-Pierre de Rome revelent plus de grandeur qu’un champ de bataille couvert de morts et de débris, fut-il jonché de trois cent mille cadavres, comme dans ces deux grandes batailles où nos pères, sous Merovée et sous Charles-Martel, arrêterent le flot des barbares, et sauverent le monde occidental des empiètements de l’Orient”. *Ibidem*, pp. 221-222.

²⁹⁰ No original: “L’industrie, c’est-à-dire l’art de créer la richesse, de multiplier le bien-être et d’embellir le globe demeure du genre humain, passera désormais avant l’art de tuer et de détruire. L’épée cesse d’être le premier symbole du pouvoir”. *Ibidem*, vol. II, p. 330.

Parece importante destacar que, ao defender a primazia da “indústria” sobre a “espada”, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não deixava de apresentar uma visão específica sobre a maneira como deveriam funcionar os governos nessa nova era.

Formado em uma perspectiva saint-simoniana, Chevalier concebia uma clara imbricação entre a atividade econômica e a ação política. Embora acreditasse na liberdade dos mercados e nos benefícios da livre circulação de pessoas e mercadorias ao redor do globo, aproximando-se assim dos teóricos da Economia Política, não deixava de apontar a importância fundamental de medidas governamentais para o estabelecimento de uma sociedade industrial. Entretanto, em sua visão, as autoridades públicas deveriam estar em sintonia com a “nova ordem” que se avizinhava, atuando não mais como entidades repressivas, promotoras de guerras e conflitos, mas como fomentadoras das capacidades industriais humanas:

A autoridade pública exerceria então as funções diretrizes conforme as tendências das populações. Ela presidiria os fatos mais importantes de sua atividade; ela mereceria realmente então o nome de governo; ela possuiria um novo modo de ação coercitiva e repressiva, que é o único compatível com os progressos do espírito e da liberdade. Em lugar de ter agido sobre o corpo e sobre o sangue, ela teria agido sobre o trabalho e sobre a bolsa do homem. Um novo grau de inviolabilidade seria alcançado à personalidade humana, sem que a ordem social cessasse de ser suficientemente garantida.

Aí, enfim, o advento político da indústria estaria consumado. Em lugar de ser uma causa de instabilidade, uma vez assegurado seu posto e firme em seu assento, a indústria ocuparia constantemente, na medida que lhe é própria, um papel conservador²⁹¹.

Seria possível afirmar, dessa forma, que, ocupando um papel importante nas atividades industriais, os governos poderiam fazer da “indústria”, em vez de causa unicamente de instabilidade, um elemento de conservação e ordem social. Não se estabelecendo unicamente por meio de fundamentos econômicos, a construção de uma

²⁹¹ No original: “L’autorité publique exercerait alors des fonctions directrices conformes aux tendances des populations. Elle présiderait aux faits les plus importants de leur activité; elle mériterait réellement alors le nom de gouvernement; elle posséderait un nouveau mode d’action coercitif et répressif, qui est le seul compatible avec les progrès de l’esprit de liberté. Au lieu d’avoir prise sur le corps et sur le sang, elle aurait prise sur le travail et sur la bourse de l’homme. Un nouveau degré d’inviolabilité serait acquis à la personnalité humaine, sans que l’ordre social cessât d’être suffisamment garanti. // Par là enfin, l’avènement politique de l’industrie serait consommé. Au lieu d’être une cause d’instabilité, une fois assurée de son rang et affermie dans son assiette, l’industrie remplirait constamment, dans la mesure qui lui est propre, un rôle conservateur”. *Ibidem*, pp. 331-332.

sociedade industrial se constituiria, em suma, como uma ação essencialmente política. Dessa forma, ao defender a substituição do exercício de um poder voltado para as práticas militares por um modelo de governo pautado pelos valores da indústria, Michel Chevalier terminava por apontar quais seriam as principais atribuições do Estado nessa nova ordem:

É que, com efeito, ao mesmo tempo que se tiram os governos, é preciso que eles sejam repostos. A guerra não é mais o principal objetivo da atividade declarada dos povos; o emprego da força bruta é cada vez menos necessário à conservação da sociedade; reduzamos, pois, sucessivamente com uma mão segura aquelas prerrogativas da autoridade que lhe dão a característica exclusivamente guerreira e que colocam nossa vida e nossa liberdade aos cuidados de seus agentes armados! Como a indústria ocupa um lugar cada vez maior na existência individual e pública das nações, façamo-na cada vez mais entrar no círculo da ação governamental, posicionando entre as atribuições do governo as três impulsoras do movimento industrial, os bancos, as vias de comunicação e as escolas; à condição, bem entendida, que o governo esteja na medida de usar para o bem geral do direito novo do qual se investiria em troca do direito antigo do qual seria destituído²⁹².

Dotado de novas prerrogativas, os governos se constituiriam, portanto, como responsáveis por fomentar as atividades industriais, especialmente por meio do investimento em três setores principais: o bancos, as vias de comunicação (estradas, ferrovias, canais, etc.) e as escolas. De acordo com Chevalier, tais elementos deveriam ser “instrumentos do governo”, sobre os quais haveria “muitos inconvenientes em deixar completamente fora do círculo de influência dos poderes públicos”. Defendendo, portanto, uma atuação pública em áreas consideradas estratégicas ao desenvolvimento industrial, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não deixava, entretanto, de fazer um aceno aos teóricos da Economia Política, afirmando, como uma espécie de ressalva,

²⁹² No original: “C’est qu’en effet, en même temps que l’on ôte aux gouvernements, il faut leur donner. La guerre n’est plus le principal but de l’activité avouée des peuples; l’emploi de la force brutale est de moins en moins nécessaire à la conservation de la société; réduisons donc successivement d’une main sûre celles des prérogatives de l’autorité qui lui donnent le caractère exclusivement guerrier, et qui mettent notre vie et notre liberté à la discrétion de ses agents armés! Puisque l’industrie occupe une place de plus en plus grande dans l’existence individuelle et publique des nations, faisons-là de plus en plus entrer dans le cercle de l’action gouvernementale, en classant parmi les attributions du gouvernement les trois ressorts du mouvement industriel, les banques, les voies de communication et les écoles; à condition, bien entendu, que le gouvernement soit en mesure d’user pour le bien général du droit nouveau dont on l’investirait en échange du droit ancien dont il se serait démis”. *Ibidem*, pp. 330-331.

que os governos teriam “somente que incorporá-los parcialmente de maneira a não sufocar o espírito de empresa individual”²⁹³.

Desses três imperativos essenciais para o desenvolvimento industrial, o que obteve menos espaço no relato de Michel Chevalier foi a temática da “educação popular”. Ao discutir a questão nos Estados Unidos, o engenheiro saint-simoniano afirmava que ao contrário do Sul escravista onde o único aprendizado possível era o braçal, no Norte, a lei oferecia generosamente o ensino às classes operárias. Segundo ele, as escolas primárias dessa região não eram, entretanto, muito diferentes das existentes na França, apesar de serem mais “positivas”, no sentido de “empíricas”, e “com literatura e idealismo de menos, com algumas noções econômicas e comerciais a mais”²⁹⁴. O que chamava a atenção do viajante, contudo, era que os norte-americanos não precisavam de fato de uma educação popular de viés industrial em seu país, pois a instrução nesse sentido era dada por seu próprio cotidiano, “na casa paterna, nas assembleias, na praça pública, durante todos os atos da vida”²⁹⁵.

Segundo Chevalier, ao contrário dos norte-americanos, os franceses, quando industriais, o seriam por necessidade e não por gosto. Precisariam, portanto, aprender as diretrizes básicas desse modelo de sociedade na escola. Em sua visão, os dois paradigmas educacionais existentes em seu país à época, o religioso e o iluminista, não eram capazes de dar conta das necessidades materiais e do desenvolvimento econômico exigido no período. Embora ambos contivessem elementos desejáveis ao ensino, o primeiro por exaltar os princípios da moral e o segundo os da ciência, se apresentavam como incapazes de fornecer uma formação voltada ao trabalho. O ensino ideal na perspectiva do engenheiro saint-simoniano era caracterizado da seguinte maneira:

A educação popular deve ser, antes de tudo, moral, pois, sem moral, não há sociedade [...]. Depois, ela deve ser especialmente industrial e prática. Se se admite que o trabalho industrial, sob seus diversos aspectos, agricultura, fábricas, negócios, seja a meta normal da atividade material das sociedades modernas, é preciso admitir também que a educação do povo deve ser uma educação industrial, uma educação de trabalho. É

²⁹³ No original: “Les banques, les voies de communication et les écoles, sont des instruments de gouvernement qu’il y a beaucoup d’inconvénients à laisser complètement en dehors du cercle de l’influence des pouvoirs publics; il n’en a pas à les y incorporer partiellement, de manière à ne point étouffer l’esprit d’entreprise individuelle”. *Ibidem*, p. 331.

²⁹⁴ No original: “avec de la littérature et de l’idéologie de moins, avec quelques notions économiques et commerciales de plus”. *Ibidem*, p. 237.

²⁹⁵ No original: “à la maison paternelle, dans les assemblées, sur la place publique, à tous les instants, pendant tous les actes de la vie”. *Ibidem*, p. 237.

preciso exercitar seus braços ao menos tanto quanto seu espírito, fortificar seus músculos mais ainda que aguçar seu idealismo. É preciso desenvolver sua inteligência com certeza, porque é ela que regula o movimento de seus braços e as funções de seus músculos; mas é preciso dirigi-la na direção do trabalho, e não na direção da literatura, da filosofia e da política. O povo é, em sua condição, trabalhador, e não literato, filósofo ou publicista²⁹⁶.

Para além das concepções educacionais de Michel Chevalier, é preciso também destacar, neste capítulo, as duas temáticas em relação as quais o engenheiro saint-simoniano mais se debruçou em sua viagem aos Estados Unidos: os meios de transporte e os bancos. É importante ressaltar, nesse sentido, que a preocupação com essas temáticas estava presente nos trabalhos de Michel Chevalier antes mesmo de sua ida às Américas. Por exemplo, em *Politique industrielle et système de la Méditerranée*, sua principal obra anterior ao seu embarque em direção ao Novo Mundo, o engenheiro saint-simoniano afirmava que:

A indústria, abstração feita dos industriais, se compõe de centros de produção unidos entre eles por um laço relativamente *material*, ou seja, pelas vias de transporte, e por um laço relativamente *espiritual*, ou seja, pelos bancos [...]. Há estreitas relações entre a rede de bancos e a rede de linhas de transporte, que um dos dois sendo traçado de maneira mais conveniente à melhor exploração do globo, o outro se encontra por isso mesmo paralelamente determinado em seus elementos essenciais²⁹⁷.

Na concepção de Chevalier, as vias de transporte e os bancos estavam não somente intrinsecamente ligados ao desenvolvimento da sociedade industrial, mas

²⁹⁶ No original: “L'éducation populaire doit être avant tout morale, car, sans morale, point de société. Il faut que l'art y ait sa place, puisque l'art est aux principes de la morale ce que la forme est à l'idée, et le peuple ne saisit bien que les formes. Puis elle doit être spécialement industrielle et pratique. Si l'on admet que le travail industriel, sous ses divers aspects, agriculture, fabriques, négoce, soit le but normal de l'activité matérielle des sociétés modernes, il faut admettre aussi que l'éducation du peuple doit être une éducation industrielle, une éducation de travail. Il faut exercer ses bras au moins autant que son esprit, fortifier ses muscles plus encore qu'aiguiser son idéalité. Il faut développer son intelligence à coup sûr, puisque c'est elle qui règle le mouvement de ses bras et le jeu de ses muscles; mais il faut la diriger vers le travail, et non vers la littérature, la philosophie et la politique. Le peuple est travailleur de son état, et non littérateur, philosophe ou publiciste”. *Ibidem*, pp. 239-240.

²⁹⁷ No original: “L'industrie, abstraction faite des industriels, se compose de centres de production unis entre eux par un lien relativement matériel, c'est-à-dire par des voies de transport, et par un lien relativement spirituel, c'est-à-dire par des banques [...]. Il y a de si étroites relations entre le réseau des banques et le réseau des lignes de transport, que l'un des deux étant tracé avec la figure la plus convenable à la meilleure exploitation du globe, l'autre se trouve par cela même pareillement déterminé dans ses éléments essentiels.”. CHEVALIER, Michel. *Politique industrielle et Système de la Méditerranée*. Paris: [s.e], 1832, p. 131.

umbilicalmente vinculados entre si. Na perspectiva dialética defendida em *Politique industrielle e système de la Méditerranée*, a grande obra industrial anunciada pelos saint-simonianos apenas se concretizaria pela junção entre os meios de transporte, elemento “material”, capaz de corporificar as circulações de pessoas e mercadorias em um mundo plenamente voltado ao trabalho, e os bancos, elemento “espiritual” capaz de alimentar com o sopro do crédito a alma da indústria.

As vias de transporte e os bancos se configuravam, segundo Michel Chevalier, como componentes centrais para o advento de uma nova ordem industrial no século XIX. Em linhas gerais, pode-se perceber no tratamento dessas questões, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, um duplo movimento. Por um lado, a descrição e o estudo do desenvolvimento desses fundamentos da indústria nos Estados Unidos. Por outro, a reflexão sobre como tais questões deveriam se dar na Europa e, de maneira particular, na França. Ao espelhar a realidade do Novo Mundo em seus projetos para o Velho Continente, o engenheiro saint-simoniano, por meio de suas experiências vivenciadas no laboratório norte-americano, construía hipóteses e tirava conclusões sobre o presente e o futuro da nova ordem industrial.

A máquina no jardim

Embora ainda não se constituísse efetivamente como uma grande potência mundial à época da viagem de Michel Chevalier, os Estados Unidos da primeira metade do século XIX se apresentavam como um grande fenômeno político e econômico diante do olhar estrangeiro, em especial, do europeu. Guardadas as suas respectivas particularidades, Norte, Sul e Oeste vivenciavam um período de relevante crescimento econômico. Vinculando-se a esse processo, espalhavam-se por todo o país projetos de vias de transporte capazes de interligar os vários pontos do território da federação que, naquele momento, já ultrapara os limites dos Montes Allegheny, alcançando, em maior ou menor escala, as duas margens dos rios Ohio e Mississippi²⁹⁸.

Antes de seguir as interpretações de Michel Chevalier acerca da temática da circulação de pessoas e mercadorias por intermédio principalmente dos canais fluviais e das ferrovias que começavam a cortar o país, é preciso dizer que a expansão econômica

²⁹⁸ Para uma visão geral da constituição das vias de transporte nos Estados Unidos da primeira metade do século XIX, ver FISHLOW, Albert. *American railroads and the transformation of the Antebellum economy*. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

e, particularmente, industrial nos Estados Unidos de então produziu intensos debates entre as elites letradas norte-americanas e europeias. Ao mesmo tempo em que muitos, como o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, defendiam a interferência direta do homem sobre a natureza como fonte de desenvolvimento e civilização, outros romantizavam o meio natural ou o *wilderness* como o verdadeiro ideal ser perseguido pelos habitantes da federação²⁹⁹. Entre os dois extremos, pode-se afirmar que a maior parte dos norte-americanos não rejeitava as invenções mais recentes e as transformações promovidas pela indústria, pois considerava que as novas máquinas e as técnicas poderiam servir para melhorar cotidianamente suas vidas e abrir caminhos até então intransponíveis, possibilitando seu estabelecimento em regiões outrora consideradas inhóspitas. Parece, no entanto, importante frisar que, da perspectiva dos europeus, tanto entre os defensores da “máquina”, como entre aqueles do “jardim”, a imagem do território dos Estados Unidos como um espaço de redenção, natural ou industrial, se apresentava um tópico como recorrente³⁰⁰.

Entusiasta da navegação a vapor e das ferrovias, Michel Chevalier considerava a adoção dessas novas tecnologias como a consolidação de um processo de submissão da natureza pelo homem. Em sua perspectiva, as estradas de ferro atuariam, nesse sentido, como sínteses lapidares desse processo:

O poder do homem é também, como aquele de Deus, não menos visível nas pequenas coisas que nas grandes. Não há nada, na ordem material, da qual nossa espécie está mais no direito de se glorificar que as invenções mecânicas, por meio das quais doma o vigor desordenado da natureza, ou desenvolve nela energia latente. Com a ajuda da mecânica, ele, ser fraco e franzino, estendendo sua mão sobre a imensidão do Mundo, toma posse das torrentes, dos ventos enlouquecidos, do fluxo e do refluxo do mar. Dela, ele extrai do fundo das entranhas da terra os combustíveis e os metais que estavam nela enterrados, e doma os rios subterrâneos que lutam com ele. Dela, ele faz cada gota de

²⁹⁹ Dois bons exemplos dessa idealização da natureza dos Estados Unidos no século XIX. O primeiro, Henry David Thoreau (1817-1862), importante publicista e letrado norte-americano, que aos 27 anos abandonou o Estado de Massachussets, onde vivia para vivenciar o cotidiano do *wilderness*. Relatou essa experiência, em THOREAU, Henry David. *Walden ou A vida nos bosques*. Porto Alegre: LP&M, 2012. Além desse exemplo, podem ser destacados como promotores e idealizadores da natureza os pintores da chamada Escola do Rio Hudson, como demonstrou PRADO, Maria Lígia Coelho. “Natureza e identidade nacional nas Américas”. In: *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004. Sobre o *wilderness* como fator de identidade nacional norte-americana, ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções – Oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: Edusf, 2000.

³⁰⁰ A esse respeito, ver, principalmente, MARX, Leo. *The machine in the garden: technology and pastoral ideal in America*. Nova York: Oxford University Press, 1964.

água um reservatório de vapor, ou seja um armazém de força, e ele transforma assim, esse Mundo, próximo do qual ele parece somente um átomo, em um servidor laborioso, infatigável, submisso, que faz a parte mais rude da labuta sob a vigilância do mestre. Há algo que inspira uma mais alta ideia de poder do homem que a máquina a vapor sob a forma que ele lhe deu para aplicar ao transporte sobre as estradas de ferro? É mais que uma máquina; é quase um ser. Ela marcha, ela corre como um cavalo com o ventre na terra. Bem mais, ela respira; o vapor que sai periodicamente dos cilindros, e que se condensa em uma fumaça branca, parece verdadeiramente ums sopro precipitado de um cavalo de corrida. Uma máquina a vapor tem um aparelho respiratório completo que funciona, como o nosso, por expansão e compressão; lhe falta somente um sistema de circulação para ter vida³⁰¹.

Grande defensor da “máquina” em detrimento do “jardim”, Michel Chevalier dedicou as duas primeiras cartas do segundo volume de sua obra ao motivo principal que o levou aos Estados Unidos: a expansão dos meios de transporte que vinha ocorrendo de maneira bastante acelerada na industriosa república no início do século XIX. Na primeira, “Les bateaux à vapeur de l’Ouest” (Nova Orleans, 8 de janeiro de 1835), dedicava-se aos canais fluviais e à circulação de barcos a vapor no país. Na segunda, “Les voies de communication” (Buffalo, Nova York, 8 de julho de 1835), destacava além dos canais, as primeiras ferrovias que começavam a cortar o território da federação. Embora bastante informativas, as descrições acerca dessas temáticas foram ainda mais bem detalhadas posteriormente, em mais de mil páginas, no relatório oficial que publicou em 1840 com os resultados de suas pesquisas na América³⁰².

³⁰¹ No original: “La puissance de l’homme est aussi, comme celle de Dieu, non moins visible dans les petites choses que dans les grandes. Il n’y a rien, dans l’ordre matériel, dont notre espèce soit en droit de se glorifier plus que des inventions mécaniques, au moyen desquelles l’homme dompte la vigueur desordonnée de la nature, ou en développe l’énergie latente. à l’aide de la mécanique, lui, être faible et chetif, étendant la main sur l’immensité du Monde, il prend possession des torrents, des vents déchainés, du flux et du reflux de la mer. Par elle, il extrait du fond des entrailles de la terre les combustibles et les métaux qui y étaient enfouis, et dompte les fleuves souterrains qui les lui disputent. Par elle, il fait de chaque goutte d’eau un réservoir de vapeur, c’est-à-dire un magasin de force, et il le transforme ainsi, ce Monde, près duquel il ne paraît qu’un atome, en un serviteur laborieux, infatigable, soumis, qui fait la plus rude part de la besogne sous la surveillance du maître. Y a-t-il rien qui inspire une plus haute idée du pouvoir de l’homme que la machine à vapeur sous la forme qu’on lui a donnée pour l’appliquer au transport sur les chemins de fer? C’est plus qu’une machine; c’est presque un être. Cela marche, cela court comme un cheval ventre à terre. Bien plus, cela respire; la vapeur qui sort périodiquement des cylindres, et qui se condense en une fumée blanche, ressemble véritablement au souffle précipité d’un cheval de course. Une machine à vapeur a un appareil respiratoire complet qui fonctionne, comme le notre, par expansion et compression; il ne lui manque qu’un système de circulation pour avoir de la vie”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, vol. I, pp. 222-223.

³⁰² CHEVALIER, Michel. *Histoire et description des voies de communication aux États-Unis et des travaux d’art que en dépendent*. Paris: Librairie de Chales Gosselin, 1841, 2 vols.

Como um primeiro ponto da discussão, vale mencionar que a carta “Les voies de communication” iniciava-se com uma descrição bastante geral do território norte-americano baseada na clássica divisão entre Norte e Sul. Para além das já sabidas percepções acerca das duas regiões³⁰³, Michel Chevalier apontava, em seu relato, para alguns marcos relevantes em relação à constituição das vias de transporte nos Estados Unidos. Em primeiro lugar, seccionava a federação em dois grandes complexos fluviais: o Vale do São Lourenço e os Grandes Lagos ao Norte e o Vale do Mississipi ao Sul. Além disso, apresentava Nova York e Nova Orleans como centros comerciais e pólos de atração automáticos de cada um desses dois espaços respectivamente. As duas cidades se configuravam, em suas palavras, “como os dois pulmões desse grande corpo, como os dois pólos galvânicos do sistema”³⁰⁴.

Dentro desse quadro geral, esboçavam-se, na visão de Michel Chavalier, três condições essenciais que os projetos de circulação entre as diversas paragens norte-americanas deveriam cumprir: a ligação do litoral atlântico às regiões a oeste dos Allegheny o estabelecimento de conexões entre os Vales do São Lourenço e do Mississipi e a interligação entre as duas cidades-pólo da federação, Nova York ao Norte e Nova Orleans ao Sul³⁰⁵.

Em diálogo com essas definições, Michel Chevalier afirmava, em primeiro lugar, a existência à época de sua viagem, de uma extensa rede de transporte fluvial ligando o Oeste às principais cidades do Leste, em particular Boston, Nova York, Filadélfia, Baltimore, Richmond e Charleston. Nesse processo, a adoção da navegação a vapor nos rios norte-americanos se apresentava como fundamental. Segundo o viajante francês, a incorporação dessa tecnologia teria barateado e encurtado o tempo de circulação ao longo do território da federação. Da primeira viagem a vapor realizada, em 1811, por Robert Fulton, entre Pittsburg, na Pensilvânia, e Nova Orleans, na Louisiana, muitas transformações haviam se passado até sua consolidação definitiva após 1825. No momento de seu périplo, Chevalier contava a existência de centenas de embarcações, facilitando o trânsito pelo país e atuando em práticas comerciais bastante vultosas, entre as quais incluía-se o tráfico interno de escravos. No início da década de 1830, as ferrovias buscavam também se colocar como alternativas ao transporte fluvial. Desde que, em 1827, a companhia Baltimore & Ohio Railroad propôs a construção de

³⁰³ Ver a esse respeito o capítulo 2 desta tese.

³⁰⁴ No original: “comme les deux poumons de ce grand corps, comme les deux pôles galvaniques du système”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, vol. II, p. 32.

³⁰⁵ *Ibidem*, pp. 33-34.

uma estrada de ferro interligando a capital do Estado de Maryland ao Oeste, esse modelo de vias de transporte iniciou também um processo de rápida expansão³⁰⁶.

Como se pode perceber no excerto abaixo, Michel Chevalier mostrava-se bastante encantado com o desenvolvimento dos transportes nos Estados Unidos. Segundo ele:

É um belo espetáculo aquele de um jovem povo executor que, no curto espaço de uma quinzena de anos, com uma massa de vias de comunicação, causou espanto nos mais poderosos impérios da Europa, com população tripla ou quadrupla. O que a prosperidade pública ganhou e continuará a ganhar com isso, é incalculável³⁰⁷.

A despeito das tantas descrições entusiásticas, em suas cartas, sobre as vias de comunicação dos Estados Unidos, as *Lettres sur l'Amérique du Nord* não evidenciavam somente aspectos positivos no transporte envolvendo, particularmente, os barcos a vapor. Relatavam-se também, à época de sua viagem, inúmeros acidentes e a recorrência de explosões nas embarcações. Mesmo apresentando essas informações, o autor das *Lettres sur l'Amérique* rechaçava a possibilidade de restrições no trânsito dos *steamboats* e afirmava ser essencial a continuidade desses serviços mesmo com a frequência dos incidentes:

O essencial não é salvar alguns indivíduos, mesmo algumas centenas; o essencial, em relação aos *steamboats*, é que haja muitos deles; sólidos ou não, bem ou mal comandados, pouco importa se vão rápido ou devagar. Essa circulação dos *steamboats* é tão necessária ao Oeste quanto a circulação do sangue é ao organismo humano. Há que se ter cuidado com quaisquer regulamentos e restrições. O tempo ainda não chegou; veremos mais tarde³⁰⁸.

Mais importante que os impactos na vida dos indivíduos, era, na visão de Michel Chevalier, a marcha inoxidável da indústria. Em seu relato, a circulação por intermédio

³⁰⁶ *Ibidem*, pp. 8-9.

³⁰⁷ No original: "C'est un beau spectacle que celui d'un jeune peuple exécutant, dans le court espace d'une quinzaine d'années, une masse de communications dont les plus puissants empires de l'Europe, avec une population triple et quadruple, se fussent effrayés. Ce que la prospérité publique y a gagné et continuera à y gagner, est incalculable". *Ibidem*, pp. 104-105.

³⁰⁸ No original: "L'essentiel n'est point de sauver quelques individus, même quelques centaines; l'essentiel, en fait de *steamboats*, c'est qu'il y en ait beaucoup; solides ou non, bien ou mal commandés, peu importe s'ils vont vite et à bon marché. Cette circulation des *steamboats* est aussi nécessaire à l'Ouest que l'est la circulation du sang à l'organisme humain. On se garde bien de la gêner par des règlements ou des restrictions quelconques. Le temps n'est pas encore venu; l'on verra plus tard". *Ibidem*, p. 25.

das vias de transporte, independentemente se fossem elas fluviais, vicinais ou ferroviárias, era comparada à circulação do sangue no organismo humano, ou seja, tratava-se como aspecto essencial não para a sobrevivência de qualquer pessoa em particular, mas para o bom funcionamento do organismo industrial. Dito de outro modo, se as vias de comunicação parassem de funcionar, o corpo da federação poderia perecer.

Na mais longa e detalhada de todas as cartas das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, “Les voies de communication”, Michel Chevalier apontava para os principais canais e estradas de ferro que cortavam a federação, dividindo-os em alguns grandes sistemas. Destacava, nesse sentido, as formas de transporte entre o Leste e o Oeste; as circulações interligando os Vales do São Lourenço e do Mississipi; as comunicações no litoral atlântico e as redes, destacadamente ferroviárias, existentes ao redor de suas grandes metrópoles como Boston, Nova York, Filadélfia, Baltimore, Charleston e, no Golfo do México, Nova Orleans. Segundo ele, nesse período, “os Americanos colocaram estradas de ferro na água, nas entranhas da terra, suspenderam-nas no ar”³⁰⁹.

O estabelecimento paulatino de vias de comunicação nos Estados Unidos conspirava, entre outras coisas, em favor de um amplo processo de integração do território da federação, capaz de vincular grandes e pequenas cidade de todas as regiões do país. De acordo com Chevalier:

Assim o impulso foi dado; o movimento vai sempre se acelerando; o território se abre em todas as partes. Se eu quisesse citar as estradas de ferro que se estudam agora, que estão autorizadas ou vão ser pelas legislaturas, para as quais as subscrições foram cumpridas ou vão se iniciar, seria preciso nomear todas as cidades da União. Uma cidade de dez mil almas que não tem sua estrada de ferro vê a si mesma com esse sentimento de vergonha que apavorou nossos primeiros pais no paraíso terrestre, quando, após terem provado o fruto da árvore da ciência, perceberam que estavam nus³¹⁰.

³⁰⁹ No original: “Les Américains ont mis des chemins de fer dans l’eau, dans les entrailles de la terre, ils en ont accroché en l’air”. *Ibidem*, vol. I, pp. 117-118.

³¹⁰ No original: “Ainsi l’impulsion est donnée; le mouvement va toujours s’accélérant; le territoire se perce de toutes parts. Si je voulais citer tous les chemins de fer qui s’étudient maintenant, qui sont autorisés ou vont l’être par les législatures, pour lesquels des souscriptions ont été remplies ou vont s’ouvrir, il me faudrait nommer toutes les villes de l’Union. Une ville de dix mille âmes qui n’a pas son chemin de fer se regarde elle-même avec ce sentiment de honte qu’éprouvèrent nos premiers parents dans le paradis terrestre, lorsque, après avoir goûté le fruit de l’arbre de la science, ils s’aperçurent qu’ils étaient nus”. *Ibidem*, vol. II, pp. 94-95.

Para além de questões mais facilmente palpáveis relacionadas à infraestrutura da federação, interligar todas as partes da república por intermédio dos meios de transporte não deixava de se apresentar também, na perspectiva de Michel Chevalier, como uma forma de diminuir as distâncias entre as diversas classes sociais e como um antídoto capaz de evitar a possível desintegração que rondava o país. Segundo ele:

Quando Nova York não estiver mais que a seis ou oito dias de Nova Orleães, não somente para uma classe rica, viajando segundo um modo privilegiado, mas para todo burguês, todo operário, não haverá mais separação possível. As grandes distâncias terão desaparecido, e esse colosso, dez vezes mais vasto que a França, manterá sua unidade sem esforço³¹¹.

Para além da questão dos meios de transporte, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* dedicou também em seu trabalho um espaço bastante considerável à temática dos bancos. Conforme discutido anteriormente, ambos eram concebidos como elementos essenciais e inseparáveis na constituição das novas sociedades industriais que se anunciavam utopicamente na retórica saint-simoniana.

A espada e a bolsa

Coincidentemente, a viagem de Michel Chevalier aos Estados Unidos ocorreu de modo concomitante com os desdobramentos de uma grande crise envolvendo o governo do presidente Andrew Jackson (1829-1837) e o sistema bancário norte-americano, em particular o Second Bank of the United States, instituição privada, mas profundamente vinculada às movimentações econômicas do Estado. Conforme discutido no capítulo anterior, o general Jackson era visto pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* como uma espécie de demagogo que sabia muito bem mobilizar as paixões da democracia norte-americana. No relato de Michel Chevalier, a *Bank War* (Guerra do Banco), denominação pela qual a contenda ficou conhecida na história dos Estados Unidos, se configurava como uma expressão exemplar dessa face específica do governo do general Jackson.

³¹¹ No original: “Lorsque New-York ne sera plus qu'à six ou huit jours de la Nouvelle-Orléans, non seulement pour une classe riche, voyageant suivant un mode privilégié, mais pour tout bourgeois, pour tout ouvrier, il n'y aura plus de séparation possible. Les grandes distances auront disparu, et ce colosse, dix fois plus vaste que la France, maintiendra son unité sans effort”. *Ibidem*, vol. I, p. 105.

Antes de prosseguir com a análise, parece importante frisar que a existência de um banco federal nos Estados Unidos, entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do XIX, estava longe de ser um consenso entre as elites políticas do país. Em meio às disputas entre federalistas e antifederalistas que caracterizaram o início do processo de construção do Estado nacional³¹², a temática da existência de uma instituição capaz de regulamentar e ampliar o sistema crédito em todo o território da federação gerava profundas divergências.

Em 1791, o First Bank of the United States, criado sob o signo federalista, sob a gestão de Alexander Hamilton na secretaria do Tesouro, sofreu, por exemplo, grande oposição de políticos importantes da geração de líderes do movimento de Independência que dirigiu o país nas primeiras décadas após a emancipação como Thomas Jefferson e James Madison. O argumento contrário à existência da instituição financeira se baseava na concepção de inconstitucionalidade de um banco que abrangesse todo o território nacional, interferindo assim na autonomia dos Estados. Além disso, considerava-se que uma entidade desse calibre poderia prejudicar o “homem comum” norte-americano e beneficiar especuladores. Essa primeira experiência durou somente até 1811, quando sua licença de funcionamento não foi renovada pelo governo federal³¹³.

Cinco anos depois, em 1816, concebeu-se uma segunda tentativa de estabelecimento de banco de caráter federal no país: o Second Bank of the United States ou apenas Bank of the United States (B.U.S.), criado, curiosamente, sob o governo de James Madison, um dos grandes opositores da primeira empreitada. Nos primeiros anos de sua existência, entretanto, esse banco, constituído como uma entidade privada, mas com participação acionária do governo central, pouco fez para regulamentar o crédito nos Estados Unidos, permanecendo o sistema bastante desorganizado até a ascensão do financista pensilvaniano Nicolas Biddle à sua direção em 1819. A nova gestão controlou a oferta de empréstimos dos bancos menores, atraiu investidores estrangeiros e assumiu uma parte considerável da oferta de crédito no país.

Ao mesmo tempo em que se tornou uma instituição essencial para o funcionamento da economia norte-americana, o B.U.S. continuava a gerar fortes resistências sob argumentos bastantes similares aos que foram responsáveis pelo

³¹² Sobre as divergências entre federalistas e antifederalistas, ou seja, entre aqueles que desejavam uma estrutura governamental, respectivamente, mais ou menos centralizada, ver JUNQUEIRA, *Estados Unidos*, op. cit.

³¹³ Sigo aqui os passos de HAMMOND, Bray. *Banks and politics in America: from the Revolution to the Civil War*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

fechamento do First Bank of the United States em 1811: o perigo que representava à autonomia dos Estados e o privilégio que reservaria aos grandes mercadores e especuladores em detrimento do “homem comum”. Tratava-se, entre as décadas de 1820 e 1830, de uma entidade bastante impopular, em particular à época do governo de Andrew Jackson.

O embate entre os jacksonianos e o B.U.S., comandado, ainda no início da década de 1830, por Nicolas Biddle, iniciou-se em julho de 1832, quando o presidente da república do Partido Democrata anunciou que não renovaria a licença de funcionamento do Banco que expiraria em 1836. Segundo Jackson, seu governo tinha a obrigação de proteger os lavradores, os operários e os trabalhadores em geral dos interesses egoístas das elites financeiras representadas pela entidade. Em seus discursos, responsabilizava a atuação dos financistas pelo endividamento e pela penúria vivenciada pelos mais humildes e defendia o fim dos privilégios aos especuladores. A desconfiança existente em relação ao B.U.S. foi canalizada com êxito pelo general no contexto de sua campanha pela reeleição, em 1832, contra Henry Clay, partidário do Banco. Sua vitória significativa no pleito daquele ano representou um duro golpe ao funcionamento da instituição. Reeleito, Jackson retirou os depósitos federais do B.U.S. e distribuiu-os por bancos menores do Sul e do Oeste. Além disso, sustentado por uma grande popularidade entre as classes populares brancas, travou, no Congresso, intensas batalhas para retirar poderes da entidade e combater sua influência sobre a economia do país. De fato, o Second Bank of the United States não teve sua licença renovada e deixou a alçada federal em 1836, estabelecendo-se exclusivamente no Estado da Pensilvânia³¹⁴.

Durante sua estadia em terras norte-americanas, Michel Chevalier tomou partido do B.U.S. em relação às investidas governo de Andrew Jackson contra a instituição financeira. Isso porque considerava o Banco dos Estados Unidos “mais essencial à prosperidade do país que o poder executivo tal como ele existe”³¹⁵. Em primeiro lugar, buscando explicações para a contenda, entendia que grande parte dessas rivalidades se davam, em certa medida, pela pouca influência que o presidente da república tinha sobre os assuntos do Banco, inclusive no que se referia à nomeação de seus diretores. Isso ocorria porque “é aceito nos Estados Unidos que a espada e a bolsa (*sword and*

³¹⁴ Sobre os aspectos econômicos do governo Andrew Jackson e, em particular, sobre a temática dos bancos, ver SELLERS, Charles. *The market revolution: jacksonian America, 1815-1846*. Nova York: Oxford University Press, 1991; e TEMIN, Peter. *The jacksonian economy*. Nova York: W. W. Norton, 1969.

³¹⁵ No original: “La Banque des États-Unis est plus essentielle à la prosperité du pays que le pouvoir executif tel qu’il existe”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, vol. I, p. 105.

purse) não devem estar nas mesmas mãos”³¹⁶. Segundo ele, essa situação desagradava imensamente os jacksonianos:

O axioma americano que proíbe a reunião na mesma mão da bolsa e da espada, se opõe a que o presidente dos Estados Unidos exerça uma notável influência sobre a nomeação do presidente do Banco. No entanto, eu estou convencido que o partido democrático não querará ouvir falar de nenhum Banco no governo no qual não possa intervir³¹⁷.

Michel Chevalier compreendia que as disputas existentes no país da América do Norte entre o general Jackson e o Banco não deixavam de se apresentar, até certo ponto, como um mais um capítulo do antagonismo, bastante presente no século XIX, entre, de um lado, os decadentes interesses “militares”, aos quais o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* também acrescentava os interesses “jurídicos” ou “bacharelescos” e, de outro, os ascendentes interesses “industriais”. Nesse jogo de poder, enquanto os primeiros buscavam conservar seu predomínio político mobilizando as massas democráticas em favor dos seus próprios desígnios, os últimos, levantando a bandeira do progresso e do avanço econômico, desejavam começar a ocupar seu espaço no âmbito dos “negócios públicos”. Fiel da balança nesse processo político, a “multidão”, naquele momento “manipulada” pelos interesses militares e bacharelescos, abraçaria futuramente, conforme desejava Chevalier, os interesses industriais ao perceber que com estes teria mais a ganhar que com aqueles:

O que se passa nos Estados Unidos é uma luta em que os combatentes são, de um lado, o interesse militar e o interesse jurídico que até aqui dividiam o domínio dos negócios públicos, e, de outro, o interesse financeiro que reclama dele sua parte. Os dois primeiros estão em coalizão contra o último para expulá-lo do local. Eles conseguiram agitar momentaneamente a multidão contra ele; mas eles falharão ao fim, porque a multidão tem mais a ganhar com este que com aqueles³¹⁸.

³¹⁶ No original: “Il est admis aux États-Unis que l'épée et la bourse (*sword and purse*) ne doivent pas être dans les memes mains”. *Ibidem*, p. 131.

³¹⁷ No original: “L'axiome américain qui interdit la réunion dans la même main de la bourse et de l'épée, s'oppose à ce que le Président des États-Unis exerce une notable influence sur la nomination du président de la Banque. Cependant, je suis persuadé que le parti démocratique ne voudra entendre parler d'aucune Banque dans le gouvernement de laquelle il ne pourrait intervenir”. *Ibidem*, p. 135.

³¹⁸ No original: “De ce point de vue, on peut dire que ce qui se passe aux États-Unis est une lutte où les combattants sont d'un côté l'interet militaire et l'interet avocat qui jusqu'ici s'étaient partagé le domaine des affaires publiques, et de l'autre, l'interet financier qui en reclame sa part. Les deux premiers se sont coalisés contre le dernier pour l'écarter de la place. Ils sont parvenus à ameuter momentanément contre

Bastante etapista e evolucionista, como mostra a citação acima, Michel Chevalier se posicionava, nesse mesmo sentido, contrariamente àqueles que criticavam, nos Estados Unidos, a chamada “aristocracia dos vis metais”. Em sua visão, diferentemente do que o ocorria na Europa, acostumada ao predomínio histórico de uma nobreza definida pelo nascimento, a legitimação da hegemonia das classes dominantes na América do Norte não se daria por meio do sangue, mas dos vínculos com o trabalho e a indústria. Mesmo com seus defeitos evidentes, ser governado por essa nova elite seria, nessa interpretação, melhor que submeter-se ao domínio tradicional dos militares e dos bacharéis:

É bem fácil pregar contra a aristocracia de escudos e contra esses vis metais que se chamam ouro e prata. No entanto, não crede vós que esses vis metais cessaram de ser vis desde que estão nas mãos daqueles que possuem o fruto do trabalho e da indústria? Se há um país no mundo em que é irracional reclamar contra a aristocracia de escudos e contra os vis metais, é este [Estados Unidos]. Pois aqui bem mais que em todos os outros lugares todo mundo tem uma profissão; qualquer um que tem capitais, os valoriza, e sucede de lhes fazer crescer e mesmo de conservá-los apenas por meio de muita atividade e vigilância. Por conseguinte, a riqueza de um homem está ali muito geralmente relacionada à sua importância, e mesmo sua capacidade agrícola, manufatureira ou comercial. Os negociantes têm seus defeitos; eles são inclinados a pesar tudo em sua balança em dobro; seria preciso queixar-se de um povo que fosse governado somente pelos mercadores. Mas um povo que fosse governado somente por militares ou por advogados não seria nem mais feliz, nem mais livre³¹⁹.

Em sua perspectiva econômica, Michel Chevalier concebia o sistema de crédito dos Estados Unidos como o grande responsável pelo estado de prosperidade da

lui la multitude; mais ils echoueront à la fin, parce que la multitude a plus a gagner avec lui qu'avec eux”. *Ibidem*, p. 107.

³¹⁹ No original: “Il est bien facile de perorer contre l’aristocratie des écus et contre ces vils métaux qu’on appelle or et argent. Pourtant, ne croyez-vous pas que ces vils métaux ont cesse d’être vils depuis qu’ils sont, entre les mains de ceux qui les possèdent, le fruit du travail et de l’industrie? S’il est un pays au monde où il soit deraisonnable de declamer contre l’aristocratie des écus et contre les vils métaux, c’est celui-ci. Car ici bien plus que partout ailleurs tout le monde a une profession; quiconque a des capitaux, les fait valoir, et ne parvient à les accroître et même à les conserver que moyennant beaucoup d’activité et de vigilance. Par conséquent, la richesse d’un homme y est assez généralement en rapport avec son importance, et même sa capacité agricole, manufacturière ou commerciale. Les negotiants ont leurs défauts; ils sont enclins a peser tout dans leur balance à doublons; il faudrait plaindre un peuple qui ne serait gouverné que par des marchands. Mais un peuple qui ne serait gouverne que par des militaires ou que par des avocats ne serait ni plus heureux, ni plus libre”. *Ibidem*, pp. 108-109.

federação norte-americana, atribuindo diretamente a expansão rumo ao Oeste, por exemplo, às possibilidades de financiamento existentes no país:

Ora, o crédito é o primeiro elemento da prosperidade dos Estados Unidos: eles vivem de crédito. Sem crédito, essas cidades populosas que nascem de todos lados por encantamento, esses ricos Estados que se encontram longe do Atlântico, a Oeste dos [Montes] Allegheny, ao longo do Ohio e do Mississipi, seriam ainda apenas florestas selvagens ou pântanos sem fundo³²⁰.

Nesse quadro de “utopia industrial” desenhado, muitas vezes, em suas descrições sobre os Estados Unidos, Michel Chevalier atribuía à existência de um sistema de crédito forte todos os grandes avanços industriais obtidos pela federação norte-americana desde sua independência. O engenheiro francês considerava que, além de beneficiar todas as classes, inclusive as que não reconheciam esses ganhos e gritavam contra o *Banking-system* ao lado de Jackson, os meios de financiamento presentes na república da América do Norte eram responsáveis por intensificar também o caráter empreendedor de sua população. Alimentando, em seus textos, a mitologia já tão difundida do *self-made-man* norte-americano, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava que:

Os bancos serviram aos Americanos de alavanca para instralar entre eles, em proveito de todas as classes, a agricultura e a indústria da Europa, e para cobrir seu solo de rotas, canais, fábricas, escolas, templos, e, em uma palavra, de tudo o que constitui a civilização. Sem os bancos, o cultivador não teria nem os primeiros avanços, nem os instrumentos necessários ao desbravamento de sua fazenda; e se o sistema de crédito permitiu a agiotagem, ele permitiu também, indiretamente é verdade, comprar à razão de dois ou três dólares o acre, e valorizar as terras que custam agora em suas mãos, dele agricultor, dez ou mesmo cem vezes mais. Os *mechanics* que acusam o *Banking-System* esquecem que eles devem a ele essa atividade industrial que paga seu salário a 6 e a 10 fr. por dia. Eles esquecem que é ele que lhes fornece o meio, do qual muitos entre eles se aproveitam, para se elevarem à abastança ou à riqueza; pois aqui todo homem

³²⁰ No original: “Or le crédit est le premier element de la prospérité des États-Unis: ils vivent de crédit. Sans le crédit, ces villes peuplées qui naissent de tous côtés par enchantement, ces riches États que l’on rencontre loin de l’Atlantique, à l’ouest des Alleghanys, le long de l’Ohio et du Mississipi, ne seraient encore que des forêts sauvages ou des marais sans fond”. *Ibidem*, p. 40.

empreendedor que apresenta garantias morais está certo de encontrar crédito; e a partir daí depende apenas dele para chegar à fortuna³²¹.

Fator de civilização e incentivo ao empreendedorismo, o crédito seria o grande responsável por instituir a indústria e promover a abastança e a riqueza da população. Afirmar sua existência e o seu bom funcionamento significava, na perspectiva de Michel Chevalier, atribuir, de certa forma, a conquista da fortuna a uma escolha essencialmente individual. De acordo com essa visão, nem a “agiotagem” desabonaria as vantagens das redes de financiamento dos Estados Unidos. Pelo contrário, em sua interpretação, além de contribuir para o desenvolvimento da república, a especulação estaria vinculada fortemente à própria cultura norte-americana. Tolhidos em outros aspectos, os habitantes da federação encontrariam nos negócios uma fonte inesgotável de emoções e prazeres:

A maior parte dessas especulações são imprudentes, muitas são loucas. A alta de hoje pode e deve ser seguida de uma crise amanhã. Grandes fortunas e em grande número saíram da terra desde a primavera; outras retornaram a ela talvez antes da queda das folhas. O Americano não se inquieta por isso. Para fazer vibrar sua fibra robusta, ele necessita de sensações violentas. A opinião pública e o púlpito interditam com sua organização vigorosa as satisfações sensuais, o vinho, as mulheres, o emprego de um luxo principesco; as cartas e os dados lhe são proibidos; o Americano reclama, pois, aos negócios as emoções fortes de que ele tem a necessidade para se sentir vivo. Ele se aventura deliciosamente sobre o mar movimentado das especulações. Um dia a onda o leva para as nuvens; ele saboreia rapidamente esse instante de triunfo. No dia seguinte, desaparece no fio da navalha; ele não se inquieta por isso; espera com fleuma, e se consola na espera de um futuro melhor. E, de qualquer maneira, enquanto se especula, uns enriquecem e outros se arruinam, os bancos nascem e distribuem o crédito, as estradas de ferro e os canais se desenvolvem, os barcos a vapor se lançam de seus

³²¹ No original: “Les banques ont servi aux Américains de levier pour installer chez eux au profit de toutes les classes, l’agriculture et l’industrie de l’Europe, et pour couvrir leur sol de routes, de canaux, d’usines, d’écoles, de temples, et en un mot, de tout ce qui constitue la civilisation. Sans les banques, le cultivateur n’aurait eu ni les premières avances, ni les instruments nécessaires au défrichement de sa ferme; et si le système de crédit a permis l’agiotage, il lui a permis, à lui aussi, indirectement il est vrai, d’acheter à raison de deux ou de trois dollars l’acre, et de mettre en valeur des terres qui valent maintenant entre ses mains, à lui fermier, le décuple ou même le centuple. Les *mechanics* qui accusent le *Banking-System* oublient qu’ils lui doivent cette activité industrielle qui porte leur salaire à 6 et à 10 fr. par jour. Ils oublient que c’est lui qui leur fournit le moyen, dont beaucoup d’entre eux profitent, de s’élever à l’aisance ou à la richesse; car ici tout homme entreprenant qui présente des garanties morales est sur de trouver du crédit, et dès lors il ne dépend que de lui d’arriver à la fortune”. *Ibidem*, pp. 48-49.

canteiros sobre os rios, sobre os lagos, sobre o Oceano; a carreira vai sempre se alargando para os especuladores, para as estradas de ferro, os canais, os barcos a vapor e os bancos. Alguns indivíduos perdem, mas o país ganha; o país é povoado, desbravado, desenvolvido, o país marcha. *Go ahead!*³²²

A citação acima apresenta algumas questões interessantes a serem discutidas. Um primeiro aspecto a ser destacado é a construção de uma abordagem positiva sobre a especulação. A riqueza efêmera, o empobrecimento repentino ou, em outras palavras, a instabilidade da fortuna dos indivíduos, não teriam, portanto, qualquer significado negativo diante da atividade e do desenvolvimento econômico produzido por essas oscilações financeiras. Em síntese, o cumprimento da promessa de estabelecimento de uma sociedade industrial compensaria, nessa visão, eventuais fracassos em transações particulares. Para além disso, Michel Chevalier apontava claramente para uma espécie de fenômeno produzido no comportamento cotidiano dos norte-americanos: tolhidos em seus prazeres pela vigilância protestante, deixavam-se perder nas emoções proporcionadas pelas instabilidades econômicas. Vinculado a essas conclusões, um outro ponto parece importante: a sensação de movimento existente no excerto. Ao contrário das monótonas caracterizações da ascética vida privada do protestante norte-americano, as descrições acerca de sua atividade econômica são sempre dinâmicas, instáveis e móveis. Os meios de transporte seriam, nesse sentido, sua materialização mais evidente.

Em relação à *Bank War*, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a despeito de suas ressalvas a Andrew Jackson, acreditava em um breve desfecho para a contenda. Em sua visão, resultaria desses conflituosos eventos o estabelecimento de um novo e depurado sistema bancário capaz de fazer com que o “jovem” povo norte-americano

³²² No original: “La plupart de ces spéculations sont imprudentes, plusieurs sont folles. La hausse d'aujourd'hui peut et doit être suivie d'une crise demain. De grandes fortunes et en grand nombre sont sorties de terre depuis le printemps; d'autres y rentreront peut-être avant la chute des feuilles. L'Américain ne s'en inquiète pas. Pour chatouiller sa fibre robuste, il lui faut des sensations violentes. L'opinion publique et la chaire interdisent à son organisation vigoureuse les satisfactions sensuelles, le vin, les femmes, le déploiement d'un luxe princier; les cartes et les dés lui sont défendus; l'Américain demande donc aux affaires les émotions fortes dont il a besoin pour se sentir vivre. Il s'aventure avec délices sur la mer mouvante des spéculations. Un jour, la vague le pousse jusqu'aux nues; il savoure à la hâte cet instant de triomphe. Le lendemain il disparaît entre les crêtes de la lame; il ne s'en trouble pas; il attend avec flegme, et se console dans l'espoir d'un meilleur avenir. Et d'ailleurs, pendant qu'on spéculé, que les uns s'enrichissent et que les autres se ruinent, les banques naissent et distribuent le crédit, les chemins de fer et les canaux se déroulent, les bateaux à vapeur se lancent de leurs chantiers sur les fleuves, sur les lacs, sur l'Océan; la carrière va toujours s'élargissant pour les spéculateurs, pour les chemins de fer, les canaux, les bateaux à vapeur et les banques. Quelques individus perdent, mais le pays gagne; le pays se peuple, se défriche, se développe, le pays marche. *Go ahead!*”. *Ibidem*, vol. II, pp. 167-168.

pudesse cumprir sua “missão” de “conquistar” um mundo novo em meio às florestas do Novo Mundo. Os Estados Unidos apresentavam-se, nessa seara, mais uma vez, como um bom exemplo a ser seguido pelos europeus:

O povo americano é um jovem povo que tem uma missão; não tem nada menos que um mundo a conquistar sobre suas florestas selvagens, suas panteras e seus ursos. Ele marcha a passos largos em direção ao seu futuro; pois ele não tem, como os povos da Europa, o fardo de um pesado passado sobre suas costas. Ele poderá permanecer preso algum tempo na crise atual; mas ele sairá dela são e salvo, mais robusto que quando entrou. Ele sairá dela com mais recursos, com um sistema de bancos depurado, e mesmo, segundo toda a aparência, com um Banco nacional aperfeiçoado. Possam os povos do continente europeu não esperar por muito tempo instituições que têm tão poderosamente ajudado a Inglaterra e os Estados Unidos no curso de seus progressos materiais!³²³

Em um movimento típico de seu relato, Michel Chevalier, ao discutir a questão dos bancos nos Estados Unidos, espelhava, naquele contexto, a situação da França. Ao refletir sobre a condição das instituições de crédito em sua terra natal, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* apresentava, em primeiro lugar, a posição de desvantagem que seu país ocupava comparativamente às nações anglo-saxônicas dos dois lados do Atlântico:

Não tenhamos ilusões; será preciso muito tempo antes que nós gozemos na França de um sistema de crédito tão extenso quanto aquele que existe nos Estados Unidos ou na Inglaterra. Nós estamos, a esse respeito, na barbárie. Nós poderemos passar disso a um regime aperfeiçoado somente por uma revolução no conjunto de nossas ideias e de nossos hábitos industriais, e até certo ponto, em nossos costumes nacionais³²⁴.

³²³ No original: “Le peuple américain est un jeune peuple qui a une mission; ce n’est rien moins qu’un monde à conquérir sur les forêts sauvages, sur les panthères et sur les ours. Il marche à grands pas vers son avenir; car il n’a pas, comme les peuples d’Europe, le fardeau d’un lourd passé sur les épaules. Il pourra rester engagé quelque temps dans la crise actuelle; mais il en sortira sain et sauf, plus robuste qu’il n’y est entré. Il en sortira avec des ressources de plus, avec un système de banques épure, et même, selon toute apparence, avec une Banque nationale perfectionnée. Puissent les peuples du continent européen ne pas attendre long-temps des institutions qui ont si puissamment aidé l’Angleterre et les États-Unis dans le cours de leurs progrès matériels!”. *Ibidem*, vol. I, pp. 92-93

³²⁴ No original: “Ne nous faisons pas illusion; il faudra beaucoup de temps avant que nous jouissions en France d’un système de crédit aussi étendu que celui qui existe aux États-Unis ou en Angleterre. Nous sommes, à cet égard, dans la barbarie. Nous ne pouvons passer de là à un régime perfectionné que par une révolution dans l’ensemble de nos idées et de nos habitudes industrielles, et jusques à un certain point, dans nos mœurs nationales”. *Ibidem*, pp. 249-250.

Após destacar o estado de “barbárie” em que vivia a França nesse campo, em comparação aos países anglo-saxões, Michel Chevalier avaliava o que poderia ser feito para que sua terra natal pudesse superar essa situação de desvantagem. É importante ressaltar que, para o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, sua pátria não deveria adotar acriticamente os costumes bem-sucedidos de britânicos e norte-americanos, mas inspirar-se em suas experiências e adaptá-las aos seus próprios hábitos nacionais. Dessa maneira, não haveria como os franceses, diferentemente, portanto, do que vinham fazendo as populações que observara nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, acostumadas com uma presença muito forte de banqueiros privados, prescindir de uma participação efetiva do Estado na constituição de seu próprio sistema de crédito:

Seria, pois, muita presunção desejar, desde o presente, fixar, por exemplo, com alguma precisão o que seriam entre nós as instituições de crédito. Eu creio, contudo, racional dizer que, para estar em harmonia com nosso caráter e nossas aptidões, elas deverão na França, em sua organização se apoiar no governo, combinar sua ação com a dele, serem, em uma palavra, instituições públicas³²⁵.

Em outras palavras, ao contrário do que ocorria nos Estados Unidos, Michel Chevalier sustentava que não haveria como, em seu país, a “espada” e a “bolsa” ficarem em mãos distintas. Espelhando-se, pois, nos países anglo-saxões, o autor da *Lettres sur l'Amérique du Nord* via a realidade da França pelo avesso. O engenheiro saint-simoniano contrapunha, dessa forma, a força das iniciativas privadas norte-americana e britânica, à fraqueza de sua terra natal nesse aspecto. Em sua perspectiva, somente por meio de instituições públicas mais robustas, a França poderia se tornar, enfim, uma nação industrial.

Em contraposição a uma paralisia industrial demonstrada pelos franceses, Michel Chevalier via os norte-americanos, por outro lado, marchando em direção ao futuro sem os “pesados fardos” do passado europeu. A atuação desses “desbravadores” da América do Norte, especuladores incorrigíveis, não deixavam de representar, nesse sentido, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, uma ode ao movimento e à indústria.

³²⁵ No original: “Il y aurait donc beaucoup de présomption à vouloir dès à présent fixer, par exemple, avec quelque précision, ce que seront chez nous les institutions de crédit. Je crois néanmoins raisonnable de dire que, pour être en harmonie avec notre caractère et nos aptitudes, elles devront en France, dans leur organisation, s'appuyer sur le gouvernement, combiner leur action avec la sienne, être en un mot des institutions publiques”. *Ibidem*, p. 251.

Articulada por um amplo sistema de crédito, a “utopia industrial” de Michel Chevalier se concretizava, de certa forma, na América, com o estabelecimento de estradas, ferrovias e canais que se espalhavam com muita rapidez pelo território da federação. Nesse laboratório da modernidade que eram os Estados Unidos na primeira metade do século XIX, muito se construía, mas muito também se desfazia com certa facilidade. Movimento, deslocamento e instabilidade talvez fossem palavras capazes de sintetizar as transformações vivenciadas pela federação à época. Antecipando a célebre assertiva do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), de Karl Marx e Fredrich Engels, tudo o que era sólido parecia se desmanchar no ar nos Estados Unidos da década de 1830.

Ordem e movimento no laboratório da modernidade

A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção; portanto, as relações de produção; e assim o conjunto das relações sociais. Ao contrário, a manutenção inalterada do antigo modo de produção foi a condição precípua de existência de todas as classes industriais do passado. O revolucionamento permanente da produção, o abalo contínuo de todas as categorias sociais, a insegurança e a agitação sempiternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações imutáveis e esclerosadas, com seu cortejo de representações vetustas e veneráveis dissolvem-se; as recém-constituídas corrompem-se antes de tomarem consistência. Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas³²⁶.

O trecho acima, um dos mais conhecidos do *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848, por Marx e Engels, constitui-se como uma peça retórica primorosa. De acordo com Marshall Berman, cujo título de sua principal obra foi diretamente inspirado pela passagem transcrita, esse libelo à revolução é capaz de exprimir como poucas obras as contradições do fenômeno da “modernidade” no século XIX. Apenas para se aproximar mais dos significados do conceito, o intelectual norte-americano sugeria que para além de um momento específico da história, a “modernidade” se constituiria como um conjunto de experiências vivenciadas pelos seres humanos. Segundo Berman, ela “nos despeja a todos num turbilhão permanente de desintegração e mudança, de luta e

³²⁶ MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: LP&M, 2001, pp. 28-29.

contradição, de ambiguidade e angústia”. Em sua visão, “ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’”³²⁷.

Em linhas gerais, na perspectiva de Berman, o “longo século XIX”, para se utilizar aqui de uma definição de Eric Hobsbawm³²⁸, se constituiria como a segunda grande fase da “modernidade”. Nessa concepção, o século de Marx e Chevalier estaria posicionado entre, de um lado, o período compreendido entre inícios do século XVI e fins do XVIII, quando os homens estariam começando a vivenciar os efeitos da vida moderna; e, de outro, o século XX (e agora também o XXI), em que o fenômeno teria se consolidado e abarcado o mundo inteiro. Especificamente, sobre o século XIX, Berman afirmava que:

Com a Revolução Francesa e suas reverberações, ganha vida, de maneira abrupta e dramática, um grande e moderno público. Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização³²⁹.

Em seu belíssimo capítulo sobre o *Manifesto*, o estudioso norte-americano procurou transcender uma leitura ortodoxa do panfleto marxista, destacando nele, entre outras coisas, seu valor estético e sua veia essencialmente modernista. Berman apontava em Marx, não somente o desejo de superação da burguesia, mas também uma atitude de estupefação diante de sua indústria, de sua “revolução permanente” dos “meios de produção” e de seu papel na destruição da velha ordem e na transformação do mundo. Nesse concepção, a burguesia iria, cedo ou tarde, também “desmanchar”, não obstante, pelas próprias condições que havia sedimentado. Dialeticamente, embora pregasse sua destruição, Marx não deixava de associá-la à atividade, à mudança, à transformação e à criação de coisas novas. Em suma, à própria revolução³³⁰.

³²⁷ Ver BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 15.

³²⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 23.

³²⁹ BERMAN, *op. cit.*, p. 16.

³³⁰ *Ibidem*, pp. 85-126.

Embora divergissem em seus argumentos e conclusões, o *Manifesto*, de Marx e Engels, e as *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier, constituem-se como fontes do século XIX que exprimem com bastante força uma sensação de “modernidade”. O movimento, a contradição e a instabilidade dos novos tempos industriais tão presentes no famoso panfleto marxista, já podiam ser experimentados, anos antes, no relato do engenheiro francês sobre a América do Norte:

Se o movimento e a rápida sucessão das sensações e das ideias constituem a vida, aqui vive-se isso aos centuplo; tudo é circulação, tudo é mobilidade e agitação fremente. As experiências sucedem as experiências; as empresas, as empresas. A riqueza e a pobreza se seguem na trilha e se desalojam alternadamente. Enquanto os grandes homens do hoje destronam aqueles da véspera, eles estão já meio derrubados pelos grandes homens do dia seguinte. As fortunas duram uma estação; as reputações, a duração de um relâmpago. Uma irresistível corrente entranha tudo, mói tudo, e restaura tudo sob formas novas. Os homens mudam de casa, de clima, de ofício, de condição, de partido, de seita; os Estados mudam de leis, de magistrados, de constituição. O solo ele mesmo, ou ao menos os edifícios, participam da instabilidade universal. A existência de uma ordem social ao seio desse turbilhão parece um prodígio, uma anomalia inexplicável³³¹.

Movimento, rapidez, circulação, mobilidade, agitação, mudança, instabilidade. Os Estados Unidos que haviam sido um laboratório da política democrática para Tocqueville, se apresentam como um laboratório da indústria e, certamente, da própria modernidade para Michel Chevalier. Entretanto, um ponto merece ser ressaltado no excerto acima: a despeito de tantas transformações econômicas e mesmo da adoção, muitas vezes, de uma retórica política agressiva, em especial, na presidência de Andrew Jackson, a ordem social parecia permanecer intacta. Diferentemente da utopia revolucionária de Marx, a utopia industrial de Chevalier, embora dialética e sujeita a instabilidades econômicas de todo tipo, se cumpriria não com a luta, mas com a integração pacífica entre as classes sob o signo da ordem.

³³¹ No original: “Si le mouvement et la rapide succession des sensations et des idées constituent la vie, ici l'on vit au centuple; tout est circulation, tout est mobilité et agitation frémissante. Aux expériences succèdent les expériences; aux entreprises, les entreprises. La richesse et la pauvreté se suivent à la piste et se délogent tour à tour. Pendant que les grands hommes du jour détrônent ceux de la veille, ils sont déjà à demi renversés par les grands hommes du lendemain. Les fortunes durent une saison; les réputations, la durée d'un éclair. Un irrésistible courant entraîne tout, broie tout, et remet tout sous des formes nouvelles. Les hommes changent de maison, de climat, de métier, de condition, de parti, de secte; les États changent de lois, de magistrats, de constitution. Le sol lui-même, ou tout au moins les édifices, participent à l'instabilité universelle. L'existence d'un ordre social au sein de ce tourbillon semble un prodige, une anomalie inexplicable”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. II, pp. 168-170.

Artífice dessa modernidade que se estabelecia no Novo Mundo, o “Americano” se configurava como o protótipo dessa sociedade em perene mudança: era o mecânico sempre disposto a trocar de ofício, o inventor de máquinas capazes de agilizar a produção, o empreendedor de grandes projetos, o especulador destemido, o homem sem raízes e sem medo de migrar, e assim por diante. Na descrição de Michel Chevalier:

Alto, delgado e limpo em sua medida, o Americano parece construído expressamente para o trabalho material. Não há igual para agilizar a labuta. Ninguém assimila mais facilmente uma prática nova; está sempre pronto a modificar seus procedimentos e suas ferramentas, ou a mudar de ofício. Ele é mecânico em sua alma [...] Não há camponês de Connecticut ou de Massachusetts que não tenha inventado sua máquina. Não há homem um pouco considerável que não tenha seu projeto de estrada de ferro, seu plano de vila ou de cidade, ou que não se alimente *in petto* alguma grande especulação sobre as terras do Rio Vermelho, ou sobre os terrenos de algodão de Yazoo ou do Texas, ou sobre os campos de trigo de Illinois. Colonizador por excelência, o Americano-típico, aquele que não é mais ou menos europeizado, o Ianque puro, em uma palavra, não é somente um trabalhador, é um trabalhador ambulante. Ele não tem raízes no solo; ele é estranho ao culto da terra natal e da casa paterna; ele está sempre com ânimo para migrar, sempre pronto a partir, com o primeiro barco a vapor que passar, mesmo de lugares em que mal se instalou. Ele é devorado pelo desejo de locomoção; ele não se mantém em um lugar; é preciso que ele vá e venha, que ele agite seus membros e mantenha seus músculos respirando³³².

Colonizador, trabalhador ambulante, sem raízes fincadas no solo e devorado pelo desejo de locomoção, o “moderno” norte-americano se caracterizava, no relato de Chevalier, por mesclar tais características a um instinto de mercador. Por não ter apego ao passado, seria capaz de enxergar em qualquer bem uma mercadoria. Mirando o

³³² No original: “Haut, mince et dégagé dans sa taille, l'Américain semble bâti tout exprès pour le travail matériel. Il n'a pas son pareil pour aller vite en besogne. Nul ne s'assimile plus aisément une pratique nouvelle; il est toujours prêt à modifier ses procédés ou ses outils, ou à changer de métier. Il est mécanicien dans l'âme [...]. Il n'y a pas de paysan du Connecticut ou du Massachusetts qui n'ait inventé sa machine. Il n'y a pas d'homme un peu considérable qui n'ait son projet de chemin de fer, son plan de village ou de ville, ou qui ne nourrisse *in petto* quelque grande spéculation sur les terres inondées de la Rivière Rouge, ou sur les terrains à coton de l'Yazoo ou du Texas, ou sur les champs à blé de l'Illinois. Colonisateur par excellence, l'Américain-type, celui qui n'est pas plus ou moins européenisé, l'Yankée pur, en un mot, n'est pas seulement travailleur, c'est un travailleur ambulante. Il n'a point de racines dans le sol; il est étranger au culte de la terre natale et de la maison paternelle; il est toujours en humeur d'émigrer, toujours prêt à partir, avec le premier bateau à vapeur qui passera, des lieux même où il est installé à peine. Il est dévoré du besoin de locomotion; il ne tient pas en place; il faut qu'il aille et qu'il vienne, qu'il agite ses membres et tienne ses muscles en haleine”. *Ibidem*, pp. 120-122.

mundo por meio de uma espécie de empirismo não muito complexo, não era capaz de ver poesia na natureza. O mundo natural se apresentava a ele, na maior parte das vezes, como espaço de realização da indústria:

É certo que os Americanos são o exagero dos Ingleses, que Napoleão chamava um povo mercador. O Americano está sempre comercializando [...]. Tudo o que ele vê é, em seu espírito, mercadoria. A poesia, das localidades e dos objetos materiais, que cobre de um verniz religioso os lugares e as coisas, e os protege contra os negócios, não existe para ele. O campanário de sua vila não é nada mais que um outro campanário, e, em termos de campanário, para ele, o mais belo, é o mais novo, o mais recentemente pintado de branco e verde. Para ele, uma cascata, é uma água motriz que serve sua roda hidráulica, um *water-power*; um velho edifício, é uma carreira de materiais, ferro, pedras e tijolos, que ele explora sem remorsos. O ianque venderá a casa de seu pai, como [se fossem] roupas velhas, galões velhos. Está em seu destino de pioneiro não se prender a nenhum lugar, a nenhum edifício, a nenhum objeto, a nenhuma pessoa, exceto a sua mulher, a quem está indissolivelmente ligado, noite e dia, desde o momento do casamento até que a morte a separe dele³³³.

Mais uma vez, a despeito da instabilidade predominante, destaca-se no excerto acima a manutenção de um fator de ordem social: o casamento. Da mesma forma, de acordo com Michel Chevalier, ao se tornarem proprietários de um pedaço de terra, se apresentavam como essencialmente conservadores dele. Segundo o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, os norte-americanos “são particularmente conservadores da propriedade da terra, seja pela reminiscência das leis feudais da mãe-pátria [Europa], seja também porque deveria se conservar algum elemento estável em meio à instabilidade de toda coisa”³³⁴.

³³³ No original: “Il est certain que les Américains sont l'exagération des Anglais, que Napoléon appelait un peuple marchand [...]. Il en a toujours un qu'il vient d'entamer, un autre qu'il vient de conclure, et deux ou trois qu'il rumine. Tout ce qu'il a, tout ce qu'il voit, est, dans son esprit, marchandise. La poésie, des localités et des objets matériels, qui couvre d'un vernis religieux les lieux et les choses, et les protège contre le négoce, n'existe pas pour lui. Le clocher de son village ne lui est rien de plus qu'un autre clocher, et, en fait de clocher; pour lui, le plus beau, c'est le plus neuf, le plus fraîchement peint en blanc et en vert. Pour lui une cascade, c'est de l'eau motrice qui attend sa roue hydraulique, un *water-power*; un vieil édifice, c'est une carrière de matériaux, fer, pierres et briques, qu'il exploite sans remords. L'Yankée vendra la maison de son père, comme de vieux habits, vieux galons. Il est dans sa destination de pionnier de ne s'attacher à aucun lieu, à aucun édifice, à aucun objet, à aucune personne, excepté à sa femme, à qui il est indissolublement lié, la nuit et le jour, depuis le moment du mariage jusqu'à ce que la mort l'en sépare”. *Ibidem*, pp. 142-143.

³³⁴ No original: “Elles sont particulièrement conservatrices de la propriété foncière, soit par reminiscence des lois féodales de la mère-patrie, soit aussi parce que l'on a tenu à conserver quelque élément stable au milieu de l'instabilité de toute chose”. *Ibidem*, p. 115.

Dialeticamente, não deixava de haver algo minimamente sólido nessa sociedade em processo de desmanche contínuo. Em outras palavras, a admiração de Michel Chevalier em relação aos Estados Unidos não se dava somente por sua capacidade de mobilidade, mas especialmente pela conjugação entre as características industriais e a ordem social.

Pode-se destacar, a esse respeito, a profunda relação construída pelo engenheiro saint-simoniano entre a indústria e o protestantismo. Elementos complementares do ser norte-americano nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, conferiam um caráter complexo e essencialmente contraditório ao processo de construção da alteridade dos anglo-saxões do Novo Mundo. Representavam, nas cartas, ao mesmo tempo, o desejo do que se queria para a França e sua impossibilidade completa de emulação; a instabilidade e a estabilidade; o movimento e o recolhimento; a busca pelo prazer e sua recusa; a especulação desordenada e o respeito à ordem social. Nos Estados Unidos, a modernidade industrial parecia se conjugar, de certa forma, com a tradição protestante.

Comparando sua França natal com os industriais britânicos e norte-americanos, Michel Chevalier ensaiava, de maneira geral, como se procurou discutir nos três primeiros capítulos desta tese, alguns esboços da construção de alteridades entre “latinos” e “anglo-saxões”. Concluída essa primeira parte do trabalho, a análise se encaminhará em um outro sentido. Os problemas principais que se colocarão na sequência desta tese serão, em linhas gerais, como os países da América de colonização ibérica se apresentavam nessa configuração identitária nos textos de Michel Chevalier? Como a França se posicionava diante dessas nações nesses escritos? Como essas regiões eram representadas em relação aos países anglo-saxões, em especial aos Estados Unidos?

PARTE 2

SONHOS IMPERIAIS

MONZIÈS, Louis. “Michel Chevalier”. In: *École Polytechnique: livre du centenaire, 1794-1894*. Paris: Gauthier-Villars, 1895.

Seria preciso concluir disso que uma das condições para a ordem e para o bem estar desse país, para nossa nobre França, consistiria em espalhar essa juventude ardente sobre o mundo em nome da ciência e das artes, quando não para fundar novos impérios?

Michel Chevalier, *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836).

Nós não devemos proceder nem como os espanhóis, nem como os ingleses, mas nós devemos emprestar de uns e de outros; ou logo talvez, usando a nobre faculdade de iniciativa que nós temos tão frequentemente exercido para o progresso do gênero humano, mostrar a uns e a outros as vias da solução definitiva.

Michel Chevalier, “L’esclavage aux Antilles” (1838).

John Smith em Argel

Escrita em Richmond, no Estado da Virgínia, presumivelmente no dia 15 de maio de 1834, “Le capitain John Smith” é, sem dúvida, uma das cartas mais *sui generis*, dentre as diversas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Ao mesmo tempo, trata-se, curiosamente, de um dos capítulos que melhor sintetiza o espírito dessa obra de Michel Chevalier.

“Le capitain John Smith” se distanciava, tanto em termos formais, quanto em sua proposta temática, das demais *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Se nos demais capítulos do relato, Chevalier se dedicava principalmente a descrever e analisar práticas, costumes e características dos norte-americanos, nessa seção específica de sua publicação, o autor apontava seu escrito na direção de uma narrativa biográfica. Após começar a tratar, em seus primeiros textos, de questões envolvendo as relações entre Inglaterra e França e discutido, a respeito dos Estados Unidos, tópicos sobre os bancos, a democracia e os meios de transporte, o engenheiro saint-simoniano reservou algumas páginas a um curioso personagem dos primeiros tempos da colonização britânica na América do Norte: o capitão John Smith.

Nascido em 1579, em Willoughby, no condado de Lincoln, na Inglaterra, John Smith configurava-se, segundo a narrativa de Michel Chevalier, como um personagem aventureiro desde a infância e a adolescência. De acordo com o autor das *Lettres sur*

l'Amérique du Nord, após trabalhar como aprendiz de um negociante e, em seguida, na comitiva de um jovem *lord*, engajou-se no exército holandês, atuando como militar por cerca de quatro anos. Depois de tal empreitada, foi à Escócia e, posteriormente, retornou à sua terra natal, onde recebeu parte da herança de seu pai. Com meios para viajar, passou pela França e pela Itália rumo ao Oriente, voluntariando-se ali para combater os Turco Otomanos, sob as ordens do Sacro-Império Romano Germânico. Após ter participado de inúmeros combates e ser alçado ao posto de capitão, foi salvo da morte, em um campo de batalha, pelos soldados inimigos, sendo vendido como escravo para um pachá turco. Enviado como cativo para a capital otomana Constantinopla, conseguiu escapar e, após diversos contratempos, retornar à Inglaterra, passando antes, pela Alemanha, pela França, pela Espanha e pelo Marrocos³³⁵.

Ao voltar à sua Grã-Bretanha natal, engajou-se, conforme as informações de Chevalier, em uma expedição que partiu para a América no dia 19 de dezembro de 1606. Cercado, durante sua viagem por “homens medíocres”, teria sido acusado injustamente de tramar contra o rei. Ao chegar ao Novo Mundo, aportando na baía de Chesapeake, em 26 de abril do ano seguinte, contribuiu para a fundação, em 13 de maio, da colônia de Jamestown e para o início do povoamento britânico na região que se tornaria o futuro Estado da Virgínia.

Descrito sob uma forma um tanto romanesca e idealizada nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, John Smith era representado como uma figura desprezada pelos demais colonos ingleses e temida pelas populações indígenas locais. Dotado, segundo Chevalier, da “sabedoria da serpente” e do “vigor do leopardo”, era capaz de lutar, com valentia, sozinho e com uma flecha cravada em sua coxa, contra mais de duzentos nativos e quase sair vencedor da contenda. Comparando-o a um célebre herói da mitologia grega, o viajante francês afirmava que “os grandes feitos do capitão John Smith são tão numerosos e tão surpreendentes quanto aqueles de Hércules”³³⁶.

Segundo Chevalier, “a coragem de Smith, sua força física e a fecundidade de seu espírito faziam com que os índios o vissem como um homem extraordinário, como um ser sobre-humano”³³⁷. Preso, em fins de 1607, por grupos autóctones liderados pelo guerreiro Opechancanough, John Smith foi levado como um troféu às vistas dos demais

³³⁵ CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin et Cie., 1836, vol. I, pp. 188-193.

³³⁶ No original: “Les hauts faits du capitaine John Smith sont aussi nombreux et aussi étonnants que ceux d'Hercule”. *Ibidem*, p. 202.

³³⁷ No original: “Le courage de Smith, sa force physique et la fécondité de son esprit le faisaient regarder des Indiens comme un homme extraordinaire, comme un être surhumain”. *Ibidem*, p. 198.

líderes locais e, principalmente, do “mais poderoso dos príncipes selvagens”³³⁸, o chefe Powhattan. Condenado à pena capital por seus algozes, só não foi morto, pois, no momento em que seria sacrificado, teria sido salvo pela filha mais velha de Powhattan, a jovem Pocahontas.

Episódio celebrizado, ao longo dos últimos quatro séculos, por cronistas, historiadores e ficcionistas, o dramático encontro entre John Smith e Pocahontas inspirou a imaginação de públicos no mundo inteiro por meio de poemas, peças de teatro e, mais recentemente, produções cinematográficas como, por exemplo, a animação dos Estúdios Walt Disney *Pocahontas* (1995) e o drama *Novo Mundo* (2005), dirigido pelo realizador norte-americano Terrence Malick. Representada como uma heroína romântica e signo de um encontro idealizado entre brancos e indígenas, a figura de Pocahontas é, ainda hoje, atravessada por um conjunto de significados. De um ponto de vista etnocêntrico, cumpriria uma função no imaginário europeu como uma espécie de “boa primitiva” que se submeteria de maneira dócil aos interesses da “civilização”. Nesse mesmo sentido, evidenciaria a contraposição pacificada e idealizada entre uma “natureza” americana disponível ao estrangeiro e uma “cultura” disposta a se impor como dominante. Além disso, estabeleceria, em uma perspectiva de gênero, uma narrativa de fundação da nação, despida de todo o seu caráter violento e exploratório, que se daria entre um herói branco e civilizador do sexo masculino e uma indígena submissa e servil do sexo feminino³³⁹.

Grande parte desses sentidos conferidos à figura de Pocahontas não deixavam, como se pode perceber na citação abaixo, de estar presentes nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier:

Frac como ela [Pocahontas] era (ela tinha então entre doze e treze anos), chegava a ele [John Smith] frequentemente após fazer, durante a noite, longas marchas, sozinha,

³³⁸ No original: “le plus puissant des princes sauvages”. *Ibidem*, p. 194.

³³⁹ Ver HULME, Peter. “John Smith and Pocahontas”. In: *Colonial encounters: Europe and native caribbean, 1492-1797*. Londres: Methuen and Co., 1986, pp. 137-174; e DUNN, Christopher. “Desvendando identidades nacionais: os discursos de raça e gênero em *Pocahontas* e *Iracema*”. *Letras de hoje*, Porto Alegre, vol. 32, n. 2, junho/1997, pp. 71-85. A formulação de narrativas que localizavam no encontro idealizado entre a mulher indígena e o homem europeu as origens nacionais foram recorrentes em todo o Novo Mundo, em particular na América Latina, de maneira até mais efetiva que nos Estados Unidos. No caso brasileiro, Iracema e Martim, para o Ceará, Paraguaçu e Caramuru, para a Bahia, e Potira e João Ramalho, para São Paulo, cumpriram função idêntica em termos de narrativa fundacional. Um dos casos mais célebres, nesse sentido, na América Hispânica, envolveu o espanhol Hernán Cortez e a asteca Malinche. Para uma discussão mais aprofundada sobre essas questões, ver, por exemplo, SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

através dos bosques e pântanos, em meio aos furacões, que na Virgínia são terríveis, a fim de advertir Smith e os colonos dos complôs dos selvagens. Outras vezes, quando estavam morrendo de fome, Pocahontas aparecia, como uma fada benfeitora, com um carregamento de víveres, e desaparecia logo após tê-los alimentado. Até então nenhuma colônia havia podido se fixar sobre o continente americano ao norte do golfo do México; a Providência se serviu das mãos dessa virgem misteriosa para, enfim, lá plantar uma. A Grécia lhe teria erigido altares, e a teria feito uma deusa intermediária entre Diana, a deusa das florestas, e Minerva, a sábia e providente³⁴⁰.

No excerto acima, Pocahontas era apresentada como responsável direta pela fundação da colônia de Jamestown, ao servir aos interesses e necessidades de John Smith e dos demais povoadores britânicos da região. Entretanto, não era apresentada como uma indígena comum ou, em sua essência, humana, mas sim como uma entidade especial e, até certo ponto, sobrenatural. Nesse processo de idealização, a personagem não era somente a filha de um líder indígena que se tornara aliada dos colonizadores brancos, mas a “fada benfeitora”, a “virgem misteriosa” e o veículo propício para a ação da “Providência”. Colocada entre Diana e Minerva, estaria à altura de deusas gregas. Pode-se dizer que, como mulher e indígena, Pocahontas apenas poderia ser considerada em seus supostos feitos desde que alçada, de alguma forma, a uma categoria mitológica.

A despeito das diferentes abordagens em relação aos dois personagens que têm sido destacados aqui, o elemento central que os unia, no texto de Michel Chevalier, era, no limite, a fundação da colônia da Virgínia. Para a consolidação dessa empreitada, a participação de John Smith teria sido, na perspectiva do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, essencial:

Sua perseverança e sua coragem triunfaram sobre tudo. Graças aos seus infatigáveis esforços, a colônia foi definitivamente estabelecida; muitas cidades foram fundadas; e após dois anos de estadia na Virgínia, gravemente ferido pela explosão de um barril de

³⁴⁰ No original: “Faible comme elle était (elle avait alors douze à treize ans), il lui arrivait souvent de faire pendant la nuit de longues marches, seule, à travers les bois et les marais, au milieu des ouragans, qui en Virginie sont terribles, afin d'avertir Smith et les colons des complots des sauvages. D'autres fois, quand ils étaient mourants de faim, Pocahontas paraissait, comme une fée bienfaisante, avec une suite chargée de vivres, et disparaissait aussitôt après les avoir nourris. Jusqu'alors aucune colonie n'avait pu se fixer sur le continent américain au nord du golfe du Mexique; la Providence se servit des mains de cette vierge mystérieuse pour y en planter enfin une. La Grèce lui eût érigé des autels, et en eût fait une déesse intermédiaire entre Diane, la déesse des forêts, et Minerve la sage et la prévoyante”. CHEVALIER, *op. cit.*, vol. I, pp. 200-201.

pólvora, deixara Jamestown para nunca mais voltar. Após sua partida, a colônia sofreu bastante ainda, mas ela havia criado raízes e não tardou a prosperar³⁴¹.

Nesse ponto da narrativa, após o leitor de Michel Chevalier ter tomado contato, em cartas anteriores, com a discussão mais direta sobre temáticas relacionadas à indústria e à política dos povos anglo-saxões, seriam bastante aceitáveis alguns questionamentos a respeito do capítulo que tem sido analisado até aqui: por que razão o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* estaria se dedicando, de maneira tão particular, à narrativa biográfica do capitão John Smith, considerando-se que nenhum outro personagem mereceu tal deferência no conjunto de sua obra sobre os Estados Unidos? Em que aspectos a vida do explorador inglês do século XVII se relacionavam com as preocupações econômicas do engenheiro saint-simoniano referentes ao século XIX? Embora viessem aos poucos, as respostas a essas inquietações não tardavam a aparecer na sequência da carta. Nesse sentido, ao justificar-se, o viajante francês afirmava: “Se eu conto assim em detalhe a vida de John Smith, não é somente por causa do interesse inerente a um homem extraordinário, é também por causa da analogia que nossa época apresenta com a sua”,³⁴².

Chevalier descrevia a época de John Smith, ou seja, a primeira metade do século XVII, como “um tempo de crise política e religiosa, de guerra civil e de revolução”³⁴³, caracterizado, entre outras coisas, pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e, conseqüentemente, pela Paz de Westfália (1648), pelo turbilhão político em que entrava a Grã-Bretanha com a Revolução Puritana (1640-1648) e pelos sonhos do “partido protestante” de transformar a França em uma república. Era, em suma, um tempo em que “as imaginações estavam excitadas, exaltadas; os cérebros estavam em ebulição. Os homens sábios de então acreditavam que o mundo iria acabar. Não era, no entanto, um

³⁴¹ No original: “Sa persévérance et son courage triomphèrent de tout. Grâce à ses infatigables efforts, la colonie fut définitivement établie; plusieurs villes furent fondées; et après deux ans de séjour en Virginie, grièvement blessé par l'explosion d'un baril de poudre, il quitta James-Town pour n'y plus revenir. Après son départ, la colonie eut bien à souffrir encore, mais elle avait pris racine et ne tarda pas à prospérer”. *Ibidem*, pp. 202-203.

³⁴² No original: “Si je raconte ainsi en détail la vie de John Smith, ce n'est pas seulement à cause de l'intérêt qui s'attache à un homme extraordinaire, c'est aussi à cause de l'analogie que notre époque présente avec la sienne”. *Ibidem*, p. 203.

³⁴³ No original: “un temps de crise politique et religieuse, de guerre civile et de révolution”. *Ibidem*, p. 204.

mundo que terminava; era o Novo Mundo que nascia, e as dores que provava o Velho Mundo eram as dores do parto”³⁴⁴.

Na sequência de sua argumentação, Michel Chevalier afirmava:

Suponha que homens do gênero de Smith tivessem sido obrigados a permanecer na Inglaterra. Com essa imaginação ativa, essa energia fervente, essa firme vontade, eles seriam inevitavelmente lançados à política, então palpitante de interesse. E quantos homens dessa têmpera não estariam encabeçando partidos para perturbar o país?

Digamos melhor: a Inglaterra foi, com efeito, então perturbada, e talvez ela não tivesse sido, se dois homens dotados, como Smith, de uma imaginação devoradora e de uma vontade de ferro, não tivessem sido retidos ali. Esses dois homens eram John Hampden e Oliver Cromwell. Eles queriam ir à América, o Rei os impediu. Poucos anos depois, um deles matou o poder real, ao menos tal como entendiam os Stuarts; mais tarde o outro matou o Rei³⁴⁵.

Após fazer a biografia de John Smith e esboçar algumas pistas a respeito do objetivo de seu texto, Michel Chevalier concluía, sua carta, de forma repentina e, até certo ponto, surpreendente:

Ora, há no mundo, na Europa, entre os Pirineus e o Reno, o Oceano e os Alpes, um país em que se expandem com profusão as qualidades de Smith e os defeitos análogos a essas qualidades. Nesse país abunda uma juventude apaixonada, plena de audácia e de ambição, pronta a se exaltar por todos os fantasmas que se apresentam a ela, ávida de movimento e de perigos, atormentada pela necessidade de fortes emoções, e [que] as procura em todo lugar em que as pode encontrar, até nas conspirações e na guerra civil. Nesse país, uma dúzia de metamorfoses governamentais, cumpridas no curso de quarenta anos destruíram o respeito devido ao poder, depreciaram a experiência, semearam a inquietude e a agitação nas almas. O sistema de educação que prevalece ali,

³⁴⁴ No original: “Les imaginations étaient excitées, déchainées; les cervelles étaient en ébullition. Les hommes sages d'alors croyaient que le monde allait finir. Ce n'était pourtant pas un monde qui finissait; c'était le Nouveau-Monde qui naissait, et les douleurs qu'éprouvait l'Ancien-Monde étaient des douleurs d'enfantement”. *Ibidem*, p. 204.

³⁴⁵ No original: “Supposez que des hommes du genre de Smith eussent été obligés de rester en Angleterre. Avec cette imagination active, cette énergie bouillante, cette ferme volonté, ils se fussent inévitablement lancés dans la politique alors palpitante d'intérêt. Et combien aurait-il fallu d'hommes de cette trempe à la tête des partis pour bouleverser le pays? // Disons mieux: l'Angleterre fut en effet bouleversée alors, et peut-être ne l'eût-elle pas été, si deux hommes doués, comme Smith, d'une imagination dévorante et d'une volonté de fer, n'y eussent été retenus. Ces deux hommes étaient John Hampden et Olivier Cromwell. Ils voulaient passer en Amérique, le Roi les en empêcha. Peu d'années après, l'un d'eux tua le pouvoir royal, tel du moins que l'entendaient les Stuarts; plus tard l'autre tua le Roi”. *Ibidem*, pp. 204-205.

sendo essencialmente especulativo, literário e poético, em lugar de acalmar os espíritos, ou de lhes fixar em ideias ou fatos positivos, tende, ao contrário, a redobrar sua disposição aventureira.

Seria preciso concluir disso que uma das condições para a ordem e para o bem estar desse país, para nossa nobre França, consistiria em espalhar essa juventude ardente sobre o mundo em nome da ciência e das artes, quando não para fundar novos impérios?³⁴⁶

De acordo com Michel Chevalier, diante da profusão de uma juventude idealista, efusiva e audaciosa na França, à semelhança do célebre John Smith, seria preciso um novo espaço para que se pudessem expandir suas virtudes e seus vícios para além das fronteiras de seu turbulento e instável país. Os locais propícios para essa empreitada seriam, como pretendia a biografia idealizada por Michel Chevalier, as colônias ultramarinas. Esse tipo de empreendimento não somente livraria sua pátria de revolucionários e agitadores em potencial, mas também serviria para, primeiramente, estender a influência francesa ao redor do mundo por meio da ciência e das artes e, principalmente, para o estabelecimento de um império conduzido pelos ideais simbolizados pela bandeira tricolor. Cabe lembrar aqui, como será mais bem discutido posteriormente, que, em 1830, seu país havia invadido a Argélia e buscava consolidar sua autoridade e hegemonia na região do Magreb. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* desejava, portanto, ver o norte da África repleto de franceses imbuídos com um ardor semelhante ao de John Smith.

Seria possível dizer, por conseguinte, que, na construção de uma retórica colonial, subjaziam de forma latente, nos textos de Michel Chevalier, uma perspectiva que buscava formular um possível modelo de ação para os franceses no ultramar que dialogasse com a análise e o estudo da conquista e do domínio europeu no Novo Mundo durante a Época Moderna. Nas argumentações do autor das *Lettres sur l'Amérique du*

³⁴⁶ No original: “Or, il y a au monde, en Europe, entre les Pyrenées et le Rhin, l’Ocean et les Alpes, un pays où sont répandus avec profusion les qualités de Smith et les défauts voisins de ces qualités. Dans ce pays abonde une jeunesse passionnée, pleine d’audace et d’ambition, prête à s’exalter pour tous les fantômes qu’on lui presente, avide de mouvement et de dangers, tourmentée du besoin des fortes emotions, et les cherchant partout où il peut s’en rencontrer, jusque dans les conspirations et la guerre civile. Dans ce pays, une douzaine de metamorphoses gouvernementales, accomplies dans le cours de quarante ans ont détruit le respect du au pouvoir, ont deprecié l’experience, ont semé l’inquietude et l’agitation dans les âmes. Le systeme d’education qui y prevaut, etant essentiellement speculatif, litteraire et poétique, au lieu de calmer les esprits, ou de les fixer sur des idées ou des faits positifs, tend au contraire a redoubler leur disposition aventureuse. // Faut-il conclure de là qu’une des conditions d’ordre et de bien-etre pour ce pays, pour notre noble France, consisterait à epandre cette jeunesse ardente sur le monde, au nom de la science et des arts, sinon pour fonder de nouveaux empires?”. *Ibidem*, pp. 204-205.

Nord entrelaçavam-se, portanto, para utilizar aqui a definição do historiador alemão Reinhart Koselleck, a busca por compreender as “experiências” coloniais nas Américas e as “expectativas” imperiais francesas do século XIX³⁴⁷.

A narrativa acerca da vida do aventureiro britânico John Smith não se apresentava, portanto, somente como um relato aleatório da trajetória de um personagem histórico, mas sim como um ponto de partida para explicitar um projeto específico defendido para a França. Conforme discutido no início deste item, a carta “Le capitain John Smith” conseguia ser, ao mesmo tempo, *sui generis* e essencialmente coerente com o conjunto das *Lettres sur l’Amérique du Nord*. *Sui generis*, pois adotava uma forma de relato bastante diferente do restante da obra de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos. Coerente, pois empregava a retórica do espelhamento de maneira exemplar, utilizando a narrativa biográfica de John Smith como via para a exposição de suas perspectivas coloniais e imperiais.

Embora aparentemente pareça abordar itens bastante diversos, é possível dizer que a grande preocupação que perpassa todas as páginas deste capítulo é a questão da colonização: seja a ocorrida na América durante a Idade Moderna e que se mantinha em algumas regiões como, por exemplo, na ilha de Cuba, ainda no século XIX; seja a que começava a se desenhar à época de Michel Chevalier e que desembocou, décadas depois, no neocolonialismo imperialista dos países industriais, em especial na África, na Ásia e na Oceania.

Esta seção do trabalho tentará, nesse sentido, dar conta de alguns pontos considerados fundamentais para a compreensão dessa temática nas obras de Michel Chevalier. Em primeiro lugar, discutirá o próprio conceito de “colonização” e seus significados. Em seguida, buscará debater a construção, nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, de uma interpretação acerca da presença europeia no Novo Mundo entre os séculos XVI e XVIII, alicerçada sobre o suposto fracasso do modelo francês em comparação aos paradigmas inglês e espanhol. Como um passo posterior desse percurso, amparando-se sobre um artigo acerca a questão da escravidão nas Antilhas, escrito pelo engenheiro saint-simoniano durante sua estadia na ilha de Cuba, refletirá sobre como, na visão do autor, a prática do cativo seria capaz de revelar caracteres essenciais dos processos de ocupação e domínio exercido por franceses, ingleses e espanhóis, quando metrópoles no ultramar. Por fim, buscando amarrar os diversos

³⁴⁷ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, pp. 205-227.

assuntos tratados ao longo do capítulo, terá por objetivo discutir como as representações sobre a colonização europeia na América, retomadas em tópicos tão diversos como a biografia de John Smith, os modelos coloniais da Idade Moderna e a escravidão em Cuba no século XIX, serviram, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, como forma de legitimar a busca por novas diretrizes coloniais para a França no século XIX. Em outras palavras, ao esmiuçar as temáticas relacionadas à colonização do Novo Mundo discutidas por Michel Chevalier ao longo de sua viagem às Américas, podem ser apontadas, de maneira bastante assertiva, suas principais perspectivas e projeções de caráter imperial, em particular em relação à Argélia, ocupada pelos franceses em 1830.

A colonização e seus significados

Antes de discutir com mais vagar as concepções sobre a temática da colonização nos textos de Michel Chevalier, se fazem necessários aqui alguns breves apontamentos conceituais. De acordo com Alfredo Bosi, a palavra “colonização” teria origem no verbo latino *colo* e significaria “*eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo*”³⁴⁸. Na mesma origem semântica, estariam ainda as expressões *cultus* e *culturus*, respectivamente seus particípios passado e futuro. *Cultus* denotaria o que já foi cultivado, vinculando-se, em consequência, a aspectos relacionados à veneração aos mortos e à memória. *Culturus*, o devir do cultivo, o que se estaria por fazer, a transformação da natureza. Com base nesses aspectos, além de evidenciar a prática da ocupação e do trabalho na terra, não há como se pensar na ideia de “colonização” sem associá-la ao “culto” e à “cultura”. Em outras palavras, à imposição de uma tradição, em geral sintetizada pela religião, e a um projeto de transformação do território conquistado³⁴⁹.

Para além de definições específicas sobre o conceito de “colonização”, parece importante estabelecer aqui, em conformidade com os objetivos deste capítulo, uma relação entre as ideias de “colônia” e “império” e, consequentemente, de seus derivados “colonialismo” e “imperialismo”. Presentes desde a Antiguidade (vejam-se, por exemplo, as expressões “colônias gregas”, “imperialismo romano”, etc.), esses vocábulos ganharam novos significados, no Velho Continente, com o início de sua expansão marítima no contexto das chamadas Grandes Navegações dos séculos XV e

³⁴⁸ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 11.

³⁴⁹ *Ibidem*, pp. 11-19.

XVI³⁵⁰. Embora essas duas concepções estivessem bastante vinculadas e aparecessem, muitas vezes, indiferenciadas, parece importante ressaltar que ambas guardavam especificidades relevantes em seus sentidos.

É preciso ressaltar aqui que não há como discutir esses dois conceitos sem afirmar uma vinculação intrínseca entre as ideias de “colônia”, “império” e “expansão territorial”. Considerando que as conquistas ultramarinas e o estabelecimento de povoações, missões religiosas e entrepostos comerciais estreitavam as conexões entre a “colonização” e a formação de “impérios”, o que diferenciaria essas duas definições? O historiador Marc Ferro talvez apresente uma boa solução para o impasse. Em suas palavras, “civilizar, colonizar, irradiar sua cultura, propagar-se, tais são os primeiros impulsos do imperialismo, sendo a colonização a ‘força de reprodução’ de um povo pelos espaços”³⁵¹. Partindo dessa formulação inicial, ambas se aproximariam, pois não poderiam ser dissociadas de uma ideia de expansão. Entretanto, se o “império” se apresenta como resultado das forças políticas, econômicas e culturais dispostas a propagar-se e conquistar formal ou informalmente regiões até então alheias ao seu domínio, a “colônia” se caracteriza como uma fundação destinada ao estabelecimento de uma determinada população em uma região estrangeira independentemente de seus objetivos específicos.

Embora essas concepções tenham se imiscuido historicamente, as experiências do “império” e da “colônia” não são necessariamente interdependentes. Para o primeiro caso, veja-se a utilização do conceito de “império informal” para se referir, por exemplo, à atuação dos britânicos e norte-americanos, respectivamente, nos séculos XIX e XX, em relação à América Latina³⁵². Para o segundo, pode-se apontar o estabelecimento de “colônias” formadas por imigrantes europeus e asiáticos em regiões específicas das Américas a partir de meados do século XIX³⁵³. Enquanto a primeira

³⁵⁰ Sobre essa temática, ver FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁵¹ *Ibidem*, p. 29.

³⁵² No caso britânico, tratava-se do também chamado “imperialismo de livre-comércio”. Ver, nesse sentido, o competente balanço historiográfico de PASSETTI, Gabriel. “Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano”. *História*, São Paulo, v.35, e. 77, 2016, pp. 1-24; Para a utilização do conceito no caso norte-americano, ver SALVATORE, Ricardo D. *Imágenes de un império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006; e, do mesmo autor, “The enterprise of knowledge: representational machines of informal empire”. In: JOSEPH, Gilbert; LEGRAND, Catherine C. & SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close encounters of empire: writing the cultural history of U.S.-Latin American relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

³⁵³ Para a temática da imigração europeia nas Américas a partir do século XIX, ver FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.

situação evidenciaria um “império” que prescindiria do estabelecimento de “colônias”, a segunda se caracterizaria como um tipo de “colônia” que não se configuraria especificamente como prolongamento de um “império”.

É ainda importante, como um último movimento dessa discussão conceitual, apontar para algumas derivações dos termos analisados como “colonialismo”, “neocolonialismo” e “imperialismo”. Em primeiro lugar, pode-se dizer que o “colonialismo” se definiria, em linhas muito gerais, como uma política econômica voltada à prática da colonização dentro de uma lógica imperial. Frequentemente, costuma-se dividir sua história em duas grandes fases. A primeira, entre o século XVI e o início do século XIX, vinculada ao processo de expansão do capitalismo comercial e mercantilista e imposta, principalmente, às Américas. A segunda, também chamada de “neocolonialismo”, tem sua periodização datada entre as últimas décadas do século XIX e as proximidades da Segunda Guerra Mundial, inserindo-se em um contexto de auge do capitalismo industrial e de formação do capitalismo financeiro e controlando preferencialmente os territórios da África, da Ásia e da Oceania³⁵⁴.

O conceito de “imperialismo”, por sua vez, embora pudesse ser associado a outros períodos históricos, ganhou corpo no debate político e econômico ocidental no início do século XX, particularmente por meio das interpretações do britânico John A. Hobson e do russo Vladimir Ilich Lênin. Ambos se aproximavam por ressaltar os aspectos econômicos desse processo que teria se consolidado, sob a liderança da Europa, a partir da década de 1870. Entretanto, enquanto o primeiro o caracterizava como fruto dos interesses das elites industriais e financeiras que buscavam mercados para venderem seus excedentes de mercadorias e investirem seus excedentes de capitais, o segundo o apresentava como estágio final do desenvolvimento capitalista, destacando seu viés monopolista.

A despeito da validade dessas interpretações, seria importante sublinhar, seguindo aqui a interpretação de Marc Ferro, que, diferentemente do que havia acontecido na Época Moderna, o “imperialismo” teria se configurado de tal maneira a partir da segunda metade do século XIX, que passou a não mais depender unicamente do estabelecimento de colônias formais³⁵⁵. Além de seus aspectos econômicos, a historiografia das últimas décadas tem ressaltado também a profunda correlação entre

³⁵⁴ FERRO, *op. cit.*

³⁵⁵ *Ibidem*, pp. 33-34.

“imperialismo” e “cultura”, destacando os vínculos essenciais entre a expansão europeia e os imaginários, as retóricas e as representações sobre o “outro” extra-europeu³⁵⁶.

Parece relevante apontar aqui que Michel Chevalier viajou às Américas em um período que poderia ser classificado como de transição entre os dois modelos colonialistas descritos acima. Nesse contexto, as colônias americanas, com pequenas exceções, haviam há pouco se emancipado de suas antigas metrópoles europeias e conviviam com uma grande campanha patrocinada pela Inglaterra em defesa da liberdade dos mercados. Além disso, apenas começava a se vislumbrar, no Ocidente, uma participação efetiva no comércio com as regiões do Oceano Pacífico e, especialmente, a China, e ainda não se apresentava, até aquele momento, o quadro de profundo acirramento imperialista da segunda metade do século XIX³⁵⁷.

Seria interessante então analisar como o conceito de “colônia” se fazia presente à época em que Chevalier viajou às Américas. Para tanto, uma breve consulta à edição de 1835 do *Dictionnaire de l'Académie Française* parece bastante elucidativa:

COLÔNIA. s.f. Diz-se propriamente de Uma reunião de homens saídos de um país para ir habitar um outro; e, por extensão, Da população que se formou e que se perpetua no lugar de seu estabelecimento [...].

Diz-se também de Um lugar, de um país habitado por uma colônia [...].

Diz-se absolutamente Das colônias das Antilhas francesas [...] ³⁵⁸.

Podem-se depreender do verbete acima alguns sentidos importantes que o conceito de “colônia” possuía na França à época da viagem de Chevalier. Embora diversos, os três significados possíveis do termo, quando analisados concomitantemente, não deixavam de estar bastante articulados. A primeira definição se relacionava, inicialmente, àquela que seria a noção mais básica do vernáculo: uma população migrante, oriunda de um mesmo espaço, que se fixa em conjunto em outro

³⁵⁶ Ver, principalmente, SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999; e JOSEPH, Gilbert; LEGRAND, Catherine C. & SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close encounters of empire: writing the cultural history of U.S.-Latin American relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

³⁵⁷ Sobre o imperialismo da segunda metade do século XIX, ver HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

³⁵⁸ No original: “COLONIE. s.f. Il se dit proprement d’Une réunion d’hommes sortis d’un pays pour aller en habiter un autre; et, par extension, de La population qui s’est formée et qui se perpétue dans le lieu de leur établissement [...]. // Il se dit aussi d’Un lieu, d’un pays habité par une colonie [...]. // Il se dit absolument Des colonies des Antilles françaises [...]. In: *Dictionnaire de l'Académie Française*. Paris: Imprimerie Fermin Didot Frères, 1835, vol. I, p. 369.

local. Entretanto, a segunda e a terceira acepções da palavra complexificavam um tanto a questão. Na primeira delas, conferia-se, de certa forma, uma espécie de simbiose entre o grupo colonizador e o território colonizado, evidenciando uma incorporação plena do espaço conquistado por seu conquistador, obliterando completamente a natureza e a história pregressa daquele lugar, a partir de então uma mera “colônia”. Na outra, ao tratar as Antilhas francesas como sinônimos de Colônias, explicitava-se também uma vinculação direta entre as ideias de “colônia” e “império”. Essa ambiguidade existente na conceitualização da “colonização” estaria fortemente presente nos textos de Michel Chevalier.

Ao tratar da história desse processo nas Américas, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o engenheiro saint-simoniano procurava, em primeiro lugar, olhando para as experiências inglesa e espanhola, analisar o suposto fracasso da empresa francesa no Novo Mundo durante a Idade Moderna. Por outro lado, Michel Chevalier não deixava de propor alternativas para a construção de um novo projeto colonial francês a ser posto em prática em sua época, em particular na Argélia, conquistada em 1830. Pode-se dizer, em suma, que a análise do passado e do presente das colonizações existente em suas instigantes missivas não deixavam de aturar no sentido de projetar, no futuro, a constituição de um novo império francês.

Vestígios imperiais e modelos coloniais

Em sua visita a Pittsburg, no Estado da Pensilvânia, Michel Chevalier surpreendia-se com o caráter industrial da cidade que tivera a oportunidade de conhecer e, ao mesmo tempo, lamentava-se da perda de uma região que outrora havia feito parte das possessões francesas na América. Localizada na nascente do Rio Ohio, na confluência dos Rios Allegheny e Monongahela, a cidade se originara do Forte Duquesne, fundado pelos franceses em 1754, mas ocupado, quatro anos depois, no contexto da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), pelos britânicos. Segundo Chevalier, no dia 24 de novembro de 1758, data da queda da fortificação, “foi destruído um dos planos mais magníficos que já haviam sido concebidos”³⁵⁹: o império francês na América do Norte.

³⁵⁹ No original: “fut anéanti un des plans les plus magnifiques qui aient jamais été concus”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, op. cit., vol. I, p. 276.

Mapa 2: O Império Francês na América do Norte até 1763

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nouvelle-France_map-en.svg

Chamava sua atenção, em sua ida à Pittsburg, o quanto, em diversas cidades que outrora haviam pertencido à Nova França, os rastros de seu país haviam praticamente sido obliterados pela industriosa presença, primeiramente, dos ingleses e, depois, dos norte-americanos. Segundo ele:

Assim ocorreu que o império da Nova França, como tantos outros soberbos projetos florescentes sobre o solo de nossa pátria, existiram somente no papel ou nas esperanças de jovens oficiais plenos de audácia e perspicácia, e de missionários intrépidos, heróis sem nome uns e outros, cuja lembrança é honrada agora somente nos *wigwam* de algum pobre *sachem* relegado ao deserto.

O Forte Duquesne agora é Pittsburg; tenho piedosamente procurado ali algum vestígio da fortaleza tomada, mas em vão. Não há sobre o Ohio uma pedra, um tijolo, atestando que a França havia sido ali soberana³⁶⁰.

³⁶⁰ No original: “Ainsi il arriva que l’empire de la Nouvelle-France, comme tant d’autres superbes projets éclos sur le sol de notre patrie, n’a jamais existé que sur le papier, ou dans l’esperance de jeunes officiers pleins d’audace et de perspicacité, et de missionnaires intrépides, héros sans nom les uns et les autres, dont le souvenir n’est honoré maintenant que dans le wigwam de quelque pauvre sachem relegué dans les deserts. // Fort Duquesne est maintenant Pittsburg; j’y ai pieusement cherché quelques débris de la forteresse française, mais en vain. Il n’y a plus sur l’Ohio une pierre, une brique attestant que la France y

País de grandes ideias, mas de poucos resultados práticos, a França não deixara qualquer rastro de sua presença na região da nascente do Rio Ohio. A esse projeto imperial mal sucedido, contrastava-se, conseqüentemente, a iniciativa dos anglo-saxões que se instalaram com suas manufaturas e seus comércios nos arredores do antigo Forte Duquesne.

De acordo com o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, a França era, até meados do século XVIII, senhora do Canadá e da Louisiana, dominando a bacia de dois dos principais rios da América do Norte: o São Lourenço e o Mississipi:

A França explorava o gigantesco vale do Pai das águas [Mississipi], e se apropriava do São Lourenço, perto do que nosso Reno, tranquilo e orgulhoso, é somente um córrego modesto; nós coroamos de fortificações a rocha íngreme do Quebec, edificamos Montréal, fundamos Nova Orléans e Saint-Louis, e, aqui e ali, desbravamos as ricas planícies de Illinois. Da América do Norte, possuíamos então a porção mais fértil, mais bela, mais bem irrigada, mais bem talhada para receber um soberbo império em harmonia com nossos sentimentos de unidade. Nossos engenheiros, com uma sagacidade que hoje os Americanos admiram, haviam marcado com fortins as posições mais próprias a receber as grandes cidades. É assim que nossa bandeira tremulava em Pittsburg (então Forte Duquesne), em Detroit, em Chicago, em Érié (então Presqu'île), em Kingston (então Forte Frontenac), em Michillimackinac, em Ticonderoga, em Vincennes, no Forte de Chartres, em Peoria, em Saint-Jean, bem como nas capitais do Canadá e da Louisiana³⁶¹.

Nessa grande extensão territorial, tão bem provida de terras férteis e rotas de comunicação naturais, heróicos pioneiros, padres, marinheiros e soldados desejaram fundar, segundo Chevalier, uma Nova França. Esse projeto foi acalentado por Luís XIV

ait été souveraine”. *Ibidem*, p. 278. *Wigwam* era uma espécie de tenda indígena; os *sachem* eram como eram chamados os chefes de sociedades autóctones do atual noroeste dos Estados Unidos.

³⁶¹ No original: “La France explorait la gigantesque vallée du Père des eaux, et s'emparait du Saint-Laurent, près de qui notre Rhin, tranquille et fier, n'est qu'un ruisseau modeste; nous couronnions de fortifications le rocher à pic de Québec, nous bâtions Montréal, nous fondions la Nouvelle-Orléans et Saint-Louis, et, ça et là, nous défrichions les riches plaines de l'Illinois. De l'Amérique du Nord, nous possédions alors la portion la plus fertile, la plus belle, la mieux arrosée, la mieux taillée pour recevoir un superbe empire en harmonie avec nos sentiments d'unité. Nos ingénieurs, avec une sagacité qu'aujourd'hui les Américains admirent, avaient marqué par un fortin les positions les plus propres à recevoir de grandes villes. C'est ainsi que notre drapeau flottait à Pittsburg (alors fort Duquesne), à Détroit, à Chicago, à Érié (alors Presqu'île), à Kingston (alors fort Frontenac), à Michillimackinac, à Ticonderoga, à Vincennes, au fort de Chartres, à Péoria, à Saint-Jean, tout comme dans les capitales du Canada et de la Louisiane”. *Ibidem*, vol. II, pp. 109-110.

(1643-1715), o Rei Sol, que “sonhava com esse nobre futuro para seu povo e para sua raça” e “acreditava ler esses triunfos nas páginas do destino”³⁶². Entretanto, o tão almejado império perdeu-se sob o reinado de Luís XV (1715-1774), “aquele de seus reis que será julgado mais severamente no tribunal da história”³⁶³, desvanecendo-se diante da derrota para os ingleses em 1763. O Tratado de Paris, assinado nesse mesmo ano, ratificou os resultados da Guerra dos Sete Anos, determinando a ocupação do Canadá, da bacia do Rio São Lourenço e da margem esquerda do Rio Mississipi pelos britânicos e a cessão de sua margem direita para os espanhóis. Mesmo perdendo seus domínios na América do Norte, a França ainda conseguira manter possessões no Novo Mundo, em particular nas Antilhas (Martinica, Guadalupe e Saint-Domingue) e na América do Sul (Guiana Francesa)³⁶⁴.

Michel Chevalier lamentava-se, dessa forma, não somente do esfacelamento da Nova França, mas também da incapacidade de seu país de se manter influente nessa zona estratégica da América do Norte. Os relatos de sua viagem a essas regiões do Novo Mundo acusavam um profundo contraste entre um passado idealizado que vislumbrava um futuro glorioso para o seu país e um presente bastante preocupante diante da vigorosa ascensão dos anglo-saxões dos dois lados do Atlântico desde meados do século XVIII. Segundo o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*:

Então nossa língua podia pretender ser a língua universal. O nome francês tinha então belas chances para tornar-se o primeiro, não somente, como os Gregos, no mundo das ideias, pela literatura e pelas artes, mas também, como o nome romano, no mundo material e político, pelo número de homens que se orgulhavam de usá-la pela imensidão do território coberto pelo seu domínio³⁶⁵.

E, mais adiante, prosseguia:

³⁶² No original: “rêvait ce noble avenir pour son peuple et pour sa race” e “croyait lire ces triomphes sur les pages du destin”. *Ibidem*, p. 110.

³⁶³ No original: “celui de ses rois qui sera jugé le plus sévèrement au tribunal de l'histoire”. *Ibidem*, vol. I, p. 275.

³⁶⁴ Sobre a colonização francesa na América entre o século XVI e o início do século XIX, ver PLUCHON, Pierre. *Histoire de la colonisation française: le premier empire colonial, des origines à la Restauration*. Paris: Fayard, 1991.

³⁶⁵ No original: “Alors notre langue pouvait prétendre à être la langue universelle. Le nom français avait alors de belles chances pour devenir le premier, non seulement, comme celui des Grecs, dans le monde des idées, par la littérature et les arts, mais aussi, comme le nom romain, dans le monde matériel et politique, par le nombre des hommes qui eussent été fiers de le porter, par l'immensité du territoire que sa domination eût couvert”. *Ibidem*, vol. II, p. 110

Os ingleses nos expulsaram para sempre, não somente da América, mas também das Índias Orientais, onde o Grande Rei [Luís XIV] também havia nos instalado. Nossos descendentes do Canadá e da Louisiana se debatem em vão contra o dilúvio britânico que os inundou. Nosso idioma se afoga no mesmo transbordamento; os próprios nomes de nossas cidades e das regiões que havíamos explorado se desfiguram na goela áspera de nossos felizes rivais, e se teutonizam a ponto de estarem irreconhecíveis. Nos esquecemos que houve um tempo em que nós podíamos pretender nos tornar reis do Novo Mundo³⁶⁶.

Entre os ambiciosos projetos do passado e a projeção de um grande futuro que se perdera em algum lugar do século XVIII, o presente francês na América do Norte não se mostrava, de forma alguma, promissor. Se a França pode, em algum momento anterior, pretender que sua língua fosse hegemônica nas extensões que se prolongavam entre o Canadá e o Golfo do México, entre as bacias do São Lourenço e do Mississipi, na primeira metade do século XIX, nem os vestígios de seu vernáculo no vocabulário cotidiano da região haviam conseguido se manter imunes ao “dilúvio britânico” que vinha inundando esses territórios desde a Guerra dos Sete Anos. Os ingleses e, depois, seus descendentes norte-americanos não somente se tornaram os senhores dessa faixa do continente, mas soterraram qualquer rastro que pudesse lembrar seu passado francês.

A preocupação, pontuada por certo pessimismo, a respeito do futuro de seu país se expressava, dessa forma, de maneira bastante acentuada nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Nas palavras de Michel Chevalier: “Um passo a mais para trás e nós estaremos proscritos para sempre entre os povos secundários, os povos envelhecidos, os povos decaídos, sem sucessores para receber e dignamente carregar a herança da glória de nossos pais”³⁶⁷.

Preocupava o engenheiro saint-simoniano, de maneira específica, a perda de espaço dos franceses, no continente americano, durante o século XVIII, em comparação não somente com os ingleses e seus descendentes, mas também com os espanhóis e seus

³⁶⁶ No original: “Les Anglais nous ont chassés à toujours, non seulement d'Amérique, mais aussi des Indes-Orientales, où le Grand-Roi nous avait aussi installés. Nos descendants du Canada et de la Louisiane se débattent vainement contre le déluge britannique qui les ensevelit. Notre idiome se noie dans le même débordement; les noms mêmes de nos villes et des régions que nous avons explorées se défigurent dans l'âpre gosier de nos heureux rivaux, et se teutonisent au point d'être méconnaissables. Nous avons oublié nous-mêmes qu'il fut un temps où nous pouvions prétendre à devenir les rois du Nouveau-Monde”. *Ibidem*, pp. 110-111.

³⁶⁷ No original: “Un pas de plus en arrière et nous sommes refoulés à jamais parmi les peuples secondaires, les peuples vieillissants, les peuples déchués, sans successeurs pour recevoir et dignement porter l'héritage de la gloire de nos pères”. *Ibidem*, pp. 111-112.

rebentos. Antes de seguir com a argumentação, é preciso ressaltar que, nos textos de Michel Chevalier da década de 1830, os portugueses e sua presença na América são completamente obliterados. Em suas cartas, não há qualquer menção ao Brasil e ao papel dos lusitanos na colonização do Novo Mundo. Dessa forma, restringindo seus rivais a ingleses e espanhóis, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava:

Eu não posso, sem dor, pensar que houve um momento em que a França parecia chamada a partilhar a glória dessa grande missão com os dois povos, entre os quais Deus a colocou, tanto em relação ao caráter e as instituições quanto à posição geográfica [no Novo Mundo]; com os ingleses e os espanhóis³⁶⁸.

Parece importante, nesse momento, destacar que o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não restringia o destino ao expansionismo somente aos países da Europa, mas também às populações de origem europeia do Novo Mundo. Nesse sentido, a percepção da derrota francesa na divisão das zonas de influência nas Américas se dava, frequentemente, a partir de uma perspectiva essencialmente comparativa com as experiências inglesa e norte-americana, por um lado, e espanhola, por outro. Destaque-se aqui que, em sua produção de relatos da década de 1830, não há qualquer menção à colonização portuguesa nem sequer caracterizando-a como similar à hispânica. Desse modo, suas obras refletiam, em linhas muito gerais, a colonização do Novo Mundo, enfatizando as regiões da América do Norte e das Antilhas, a partir de uma percepção da decadência francesa e da prevalência dos paradigmas anglo-americano e espanhol.

A despeito da constatação do caráter fundamentalmente comparativo dos relatos de viagem³⁶⁹, Michel Chevalier evocava a confrontação entre modelos divergentes para a análise das colonizações não somente do seu presente, mas também do seu passado. O objetivo do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* era, por meio dessa prática, compreender as causas do fracasso de seu país na atividade colonial da Época Moderna no Novo Mundo e se apropriar de lições que pudessem ser ensinadas pelas experiências anglo-americana e hispânica.

³⁶⁸ No original: “Je ne puis sans douleur penser qu'il y eut un moment où la France semblait appelée à partager la gloire de cette grande mission avec les deux peuples, entre lesquels Dieu l'a placée, aussi bien sous le rapport du caractère et des institutions que sous celui de la position géographique; avec les Anglais et les Espagnols”. *Ibidem*, p. 109.

³⁶⁹ Ver JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1942), a viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 103.

Embora destacasse as diferenças entre esses dois modelos coloniais, não afirmava necessariamente a superioridade de um sobre o outro, mas reconhecia as particularidades de cada um. Dessa forma, o engenheiro saint-simoniano não ensaiava ainda uma diferenciação que buscasse atribuir um suposto atraso da América hispânica em relação à América anglo-saxônica que fosse explicado por suas colonizações específicas. Pelo contrário, não somente Chevalier nutria forte simpatia pela colonização espanhola, em seus textos da década de 1830, como afirmava que a decadência da América hispânica teria se iniciado após seu rompimento com a metrópole ibérica. Além de contrapor-se, portanto, a *leyenda negra* da colonização espanhola³⁷⁰, sequer esboçava qualquer indício da posterior formulação que cindiria o Novo Mundo entre “colônias de povoamento” e “colônias de exploração” como forma de explicar os pretensos sucessos dos Estados Unidos e malogros do restante do continente em termos econômicos³⁷¹.

De modo geral, pode-se dizer que, para Michel Chevalier, ao contrário dos outros povos que se assenhoraram do Novo Mundo a partir do século XVI, os franceses não foram capazes de vencer nem a natureza como os anglo-americanos, nem de civilizar o gentio como os hispânicos. O estudo desses dois paradigmas poderia, portanto, apresentar caminhos interessantes para a constituição de um modelo colonial mais efetivo para o seu país.

Nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, Michel Chevalier buscou construir, inicialmente, uma comparação entre os modos de colonização de franceses e ingleses na América do Norte. Sobre esse aspecto, o viajante ressaltava, em primeiro lugar, como forma de acentuar a perda que seu país havia sofrido no século XVIII, a fertilidade e as

³⁷⁰ De acordo com o historiador Romulo Carbia, “abarca la Leyenda en su más cabal amplitud, es decir, en sus formas típicas de juicios sobre la crueldad, el obscurantismo y la tiranía política. A la crueldad se le ha querido ver en los procedimientos de que se echara mano para implantar la Fé en América o defenderla en Flandes; al obscurantismo, en la presunta obstrucción opuesta por España a todo progreso espiritual y a cualquiera actividad de la inteligencia; y a la tiranía, en las restricciones con que se habría ahogado la vida libre de los españoles nacidos en el Nuevo Mundo y a quienes parecería que se hubiese querido esclavizar *sine die*”. Ver CARBIA, Rômulo D. *Historia de la leyenda negra hispanoamericana*. Madri: Fundación Carolina; Centro de Estudio Hispánicos e Hispanoamericanos; Marcial Pons, 2004, pp. 34-35.

³⁷¹ Coincidentemente, tal interpretação seria ensaiada décadas mais tarde pelo genro de Michel Chevalier, Paul Leroy-Beaulieu, em *De la colonisation chez les peuples modernes* (1874), obra que serviu de referência, anos depois, para o principal formulador das diferenças entre “colônias de povoamento” e “colônias de exploração” da historiografia brasileira, Caio Prado Junior, em *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942). Para uma análise acerca do mito da diferença entre as “colônias de povoamento” e “colônias de exploração”, ver JUNQUEIRA, Mary Anne. “Colônia de Povoamento e Colônia de Exploração: reflexões e questionamentos sobre um mito”. In: ABREU, Martha & SOHIET, Rachel (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

possibilidades proporcionadas pela porção de terra que coubera à França no Novo Mundo até então, destacando as riquezas naturais e a facilidade de integração promovida pelos rios São Lourenço, Ohio e Mississipi. De maneira contrastante, afirmava que, nos primeiros tempos da colonização da Época Moderna, “a Inglaterra assentava insignificantes colônias sobre as praias áridas da América do Norte”³⁷².

Segundo Michel Chevalier, esses dois povos possuíam divergências bastante profundas em sua relação com a natureza e as populações locais do Novo Mundo. Ao contrário dos compatriotas do engenheiro saint-simoniano, os anglo-americanos se caracterizariam, nessa visão, por sua disposição para lutar, vencer e submeter os territórios conquistados às suas vontades colonizadoras:

Com que zelo e que prática o Anglo-americano cumpre sua tarefa de povo desbravador! Veja como ele traça seus caminhos através dos rochedos e dos precipícios; como ele luta corpo a corpo contra os rios, contra os pântanos, contra a floresta primitiva; como ele destrói o lobo e o urso; como ele extermina o índio que, para ele, é apenas uma besta feroz! Nessa batalha contra o mundo exterior, contra a terra e a água, contra as montanhas e contra um ar pestilento, ele parece pleno dessa impetuosidade com a qual a Grécia se precipitava sobre a Ásia à voz de Alexandre; dessa audácia frenética que Maomé soube inspirar em seus árabes para a conquista do império do Oriente; dessa coragem delirante que animava nossos pais, há quarenta anos, quando eles se precipitavam sobre a Europa³⁷³.

Colocando em paralelo a presença de ingleses e franceses no Novo Mundo, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* destacava que:

Sobre os mesmos rios onde nossos colonos se abandonaram, cantando, na canoa do selvagem, eles [anglo-americanos] contam frotas de barcos a vapor. Ali onde nós confraternizamos com os Peles Vermelhas, deitando com eles nos bosques, vivendo como eles de nossa caça, viajando a pé a sua maneira, por sendas íngremes, o pertinaz

³⁷² No original: “L'Angleterre posait de chétives colonies sur la plage aride de l'Amérique du Nord”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, op. cit. vol. II, p. 109.

³⁷³ No original: “Avec quel zèle et quel entraînement l'Anglo-Américain remplit sa tâche de peuple défricheur! Voyez comme il se fraye sa voie à travers les rochers et les précipices; comme il lutte corps à corps contre les fleuves, contre les marécages, contre la forêt primitive; comme il détruit le loup et l'ours; comme il extermine l'indien qui, pour lui, n'est qu'une autre bête fauve! Dans cette bataille contre le monde extérieur, contre la terre et l'eau, contre les montagnes et contre un air empesté, il semble plein de cette impétuosité avec laquelle la Grèce se précipitait sur l'Asie à la voix d'Alexandre; de cette audace frénétique que Mahomet sut inspirer à ses Arabes pour la conquête de l'empire d'Orient; de ce courage délirant qui animait nos pères, il y a quarante ans, lorsqu'ils se ruaient sur l'Europe”. *Ibidem*, p. 113.

americano abateu as árvores antigas, mobilizou o arado, cercou os terrenos, substituiu pelas melhores raças bovinas da Inglaterra os cervos da floresta, estabeleceu fazendas, florescentes vilas e opulentas cidades, abriu canais e estradas. Essas quedas d'água que nós viemos admirar como amantes do pitoresco, e a qual nossos oficiais mediam a altura arriscando suas vidas, eles a roubaram da paisagem e a fecharam nos reservatórios de seus moinhos e de suas fábricas. Se essas regiões permanecessem francesas, a população que se foi desenvolvendo ali teria sido mais alegre que a americana; ela teria desfrutado do que possuísse; mas ela estaria cercada de menos riqueza e conforto, e séculos se escoariam antes que o homem estivesse em direito de se dizer mestre da mesma extensão de solo que os americanos se serviram em menos de cinquenta anos³⁷⁴.

Na perspectiva de Michel Chevalier, a diferença essencial entre os modelos coloniais de franceses e anglo-americanos poderia ser sintetizada da seguinte forma: enquanto os primeiros se adaptariam com facilidade às condições da região colonizada, integrando-se aos hábitos, às práticas e ao cotidiano das populações locais, estes últimos teriam como objetivo enfrentar as circunstâncias impostas pelo território conquistado, transformando-o à sua imagem e semelhança. Dessa forma, a imposição da civilização às regiões ocupadas por meio da indústria teria sido acelerada pela soberania anglo-saxônica sobre a América do Norte, pois, nessa concepção, a depender dos franceses, tal batalha demoraria muito mais tempo a ser vencida:

Que teria acontecido se, em lugar de termos sido vencidos pelos ingleses, nós tivéssemos sido seus vencedores? A julgar pelos canadenses e os *créoles* da Louisiana, desse que teria sido o povo da Nova França, a rapidez e a audácia do movimento civilizador teriam sido ali consideravelmente perdidos³⁷⁵.

³⁷⁴ No original: “Sur les mêmes rivières où nos colons s'abandonnaient, en chantant, au canot d'écorce du sauvage, ils comptent, eux, des flottes de superbes bateaux à vapeur. Là où nous fraternisions avec les Peaux-Rouges, couchant avec eux dans les bois, vivant comme eux de notre chasse, voyageant à pied à leur manière, par des sentiers escarpés, l'opiniâtre américain a abattu les arbres antiques, promené la charrue, enclos les terrains, substitué les meilleures races bovines de l'Angleterre aux cerfs de la forêt, établi des fermes, de florissants villages et d'opulentes cités, creusé des canaux et des routes. Ces chutes d'eau que nous venions admirer en amateurs du pittoresque, et dont nos officiers mesuraient la hauteur au péril de leur vie, ils les ont dérobées au paysage et enfermées dans les réservoirs de leurs moulins et de leurs fabriques. Si ces pays fussent restés français, la population qui s'y fut développée eût été plus gaie que l'américaine; elle eût mieux joui de ce qu'elle eût possédé; mais elle eût été entourée de moins de richesses et de confort, et des siècles se fussent écoulés avant que l'homme eût été en droit de se dire le maître, sur la même étendue de sol que les Américains ont asservie en moins de cinquante ans”. *Ibidem*, pp. 113-114.

³⁷⁵ No original: “Que fût-il arrivé si, au lieu d'être vaincus par les Anglais, nous eussions été leurs vainqueurs? A juger, par les Canadiens et les Créoles de la Louisiane, de ce qu'eût été le peuple de la

Como já ressaltado aqui, não foi somente com os ingleses do Novo Mundo que Michel Chevalier comparou os seus compatriotas, mas também com os espanhóis. Esse paralelo com esse outro modelo de colonização da América foi reforçado pela viagem realizada, no primeiro semestre de 1835, para o México e para Cuba. Conforme atestava o “Avis de l’éditeur” das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, o engenheiro saint-simoniano desejava publicar os textos acerca das viagens que realizara às Américas em conjunto, mas percebendo as particularidades de cada uma das “duas Américas”, a espanhola e a inglesa, decidira elaborar duas obras diferentes.

Michel Chevalier nunca publicou seu volume sobre as regiões hispânicas em que esteve, o qual pretendia que fosse intitulado, sintomaticamente, *Lettres sur l’Amérique du Sud*³⁷⁶. Entretanto, a despeito de tal produção jamais ter sido executada, diversas cartas que escrevera no contexto de seus périplos mexicano e cubano foram publicadas posteriormente, entre 1837 e 1838, no *Journal des Débats*. No periódico, foram encontradas um total de seis cartas, cinco sobre o México e uma sobre a escravidão na Antilhas. Dos escritos sobre o México, dois versavam particularmente sobre a temática da colonização espanhola.

Se ao sublinhar as características anglo-saxônicas, Michel Chevalier realçava os tópicos da transformação da natureza e da imposição da indústria sobre os territórios conquistados, ao tratar do domínio espanhol sobre as regiões que colonizou no Novo Mundo, o destaque recaía sobre a civilização das populações autóctones. A esse respeito, o viajante afirmava, antes de destacar particularmente as linhas gerais do modelo ibérico, que, da mesma forma que haviam perdido a batalha contra as condicionantes naturais, os franceses, em comparação com os hispânicos, também não conseguiram lograr a transformação do indígena. Ao contrário, foram absorvidos pelos hábitos e costumes das populações locais, adotando eles próprios a “vida selvagem”:

Os franceses encontraram os meios de se fazer amar por eles [indígenas], mas eles foram impotentes para civilizá-los. Em lugar de levar os selvagens à vida sedentária e à cultura, foram logo eles que se deixaram cair na vida selvagem; testemunham isso todos os mestiços franceses disseminados ainda hoje nas Pradarias a oeste do Mississipi, entre as tribos indígenas, vivendo a vida nômade de seus meio-irmãos, e retendo da

Nouvelle-France, la rapidité et l’audace du mouvement civilisateur y eussent considérablement perdu”. *Ibidem*, pp. 112-113.

³⁷⁶ “Avis de l’éditeur”. In: CHEVALIER, *Ibidem*, vol. I, pp. I-II.

civilização apenas um jargão ruim, mistura do francês, do inglês e do idioma indígena, algumas medalhas e alguns cânticos dos jesuítas³⁷⁷.

Também em comparação com os espanhóis, Michel Chevalier afirmava que os ingleses e os norte-americanos, em oposição aos franceses e ibéricos, concebiam, por outro lado, os indígenas como parte do meio natural sobre o qual buscavam se impor, procurando derrotá-los e submetê-los como se fossem animais selvagens ou parte da natureza. Não se encontrava no horizonte de seu projeto colonial, em sua interpretação, qualquer tipo de concepção civilizadora em relação a essas populações. Inversamente, “o contato dos ingleses foi mortal para os indígenas. Por toda a parte em que a raça anglo-americana domina, o branco caça o índio diante dele e o faz perecer pelo whiskey, quando ele não o mata com a carabina”³⁷⁸.

Exemplificando seu ponto de vista, o engenheiro saint-simoniano afirmava que ficara sabendo, nos Estados Unidos, de um caso de alguns jovens indígenas que o governo federal tentara civilizar. Segundo ele, esses rapazes autóctones, após terem sido instruídos, conseguindo ser admitidos em West-Point, “a Escola Politécnica da União”, ingressaram no exército norte-americano. Não obstante, após se casarem e constituírem suas próprias famílias, abandonaram, repentinamente, a vida “civilizada” que haviam constituído e retornaram, com suas mulheres, para o meio dos bosques de onde eram originários, “tornando-se de novo completamente selvagens”. Dessa história, Michel Chevalier concluía que:

A civilização os havia recoberto como um vernis enganador que não os havia penetrado. Havia-se exigido deles, filhos dos bosques, que se dobrassem, sem transição e sem reserva, a todos os detalhes da vida europeia. Não se pensou em indianizar um pouco a civilização para que ela se encontrasse ao seu alcance, para que ela fosse de seu uso. Era

³⁷⁷ No original: “Les Français trouvèrent les moyens de s'en faire aimer, mais ils furent impuissants à les civiliser. Au lieu d'amener les sauvages à la vie sédentaire et à la culture, ce furent plutôt eux qui se laissèrent choir à la vie sauvage; témoins tous les métis français disséminés aujourd'hui encore dans les Prairies à l'ouest du Mississipi, parmi les tribus indiennes, vivant de la vie nomade de leurs demi-frères, et ne retenant de la civilisation qu'un mauvais jargon, mélange de français, d'anglais et d'idiome indien, avec quelques médailles et quelques cantiques des jésuites”.CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 15 de agosto de 1837, p. 3.

³⁷⁸ No original: “Le contact des Anglais a été mortel aux Indiens. Partout où la race anglo-américaine domine, le blanc chasse l'Indien devant lui et le fait périr par le whiskey, quand il ne le tue pas de la carabine”. *Ibidem*, p. 3.

tudo tão irrefletido, e, para eles, tudo tão intolerável quanto se imaginássemos submetê-los a um tratamento químico para embranquecer sua pele vermelha³⁷⁹.

Michel Chevalier utilizava, dessa forma, o exemplo dos Estados Unidos para exaltar a relação entre os peninsulares e as populações locais do Novo Mundo. Segundo ele, em um caso similar ao exposto acima, “Os espanhóis conduziram isso de outra maneira. Em civilização como em arquitetura os espanhóis, quando se misturam, trabalham à maneira dos romanos, eles fundam sobre a rocha e constroem lentamente talvez, mas para a eternidade”³⁸⁰.

De acordo com Michel Chevalier, a análise acerca da colonização espanhola não deveria se dar, em primeiro lugar, de forma superficial, baseando-se unicamente na imagem da “Espanha abastardada” do século XIX. Procurando compreender a questão a partir de uma perspectiva histórica, o viajante entendia que, a despeito de seus excessos, a obra da Conquista hispânica fora essencialmente benéfica para os indígenas que, incorporados às sendas do mundo civilizado, estariam certamente à altura dos camponeses europeus dos séculos XVII e XVIII. Contrapondo-se à *leyenda negra* da colonização espanhola, afirmava que as populações originárias do Novo Mundo não haviam sido dizimadas como se dizia e constituíam-se, inversamente, como a maior parte dos habitantes da América hispânica. Segundo ele, esses povos teriam sido, ao contrário, protegidos desde os tempos da rainha Isabel, a Católica, que incorporara as nobrezas indígenas ao seu projeto colonial, afastando-as de práticas consideradas condenáveis do período asteca como, por exemplo, os sacrifícios humanos e o canibalismo. Por meio dessa argumentação, afirmava que, se não fossem os conquistadores, os povos autóctones estariam condenados a uma “inferioridade eterna”.

Em suma, Michel Chevalier defendia que “a nação castelhana é a única que teve a glória de aclimatar a civilização entre as nações indígenas”³⁸¹. Ao contrário dos anglo-americanos, os peninsulares souberam “indianizar” a civilização para melhor cumprir sua missão nas Américas:

³⁷⁹ No original: “La civilisation les avait recouverts comme un vernis trompeur qui n'avait pas pénétré. On avait exigé d'eux, enfans des bois, qu'ils se plissent, sans transition et sans réserve, à tous les détails de la vie européenne. L'on n'avait pas pensé à indianiser un peu la civilisation pour qu'elle se trouvât à leur portée, pour qu'elle fût à leur usage. C'était tout aussi mal avisé, et, pour eux, tout aussi intolérable que si l'on eût imaginé de les soumettre à un traitement chimique pour blanchir leur peau rouge”. *Ibidem*, p. 3.

³⁸⁰ No original: “Les Espagnols s'y prirent autrement. En civilisation comme en architecture les Espagnols quand ils s'en mêlent travaillent à la façon des Romains; ils fondent sur le roc et bâtissent lentement peut-être, mais pour l'éternité”. *Ibidem*, p. 3.

³⁸¹ No original: “La nation castillane est la seule qui ait eu la gloire d'acclimater la civilisation chez les nations indiennes”. *Ibidem*, p. 3.

Eis o que os espanhóis fizeram, e o que, únicos no mundo, tiveram o poder de executar. É porque a raça indígena lhes deve um eterno reconhecimento. Antes dos espanhóis, os índios seguiam um atalho que os conduzia a um beco sem saída. Os espanhóis fizeram-nos passar para a grande rota da civilização europeia, e os moldaram no caminho reto; os espanhóis encontraram os índios quase canibais; de canibais eles os fizeram camponeses. Eis onde estão hoje os peles vermelhas³⁸².

Nessa perspectiva, Michel Chevalier entendia que ao contrário do estágio de decadência vivenciado pelos espanhóis do século XIX que poderia ser, em algum momento, superado, sua obra de colonização e civilização da América havia adiquido feições permanentes:

A Espanha, então rainha do mundo, invadiu a América do Sul e o vasto império do México, civilizando ali, com o sabre à mão, a população indígena, e construindo ali cidades monumentais que testemunharão seu gênio e seu poder muitos séculos depois que as declamações de seus detratores tiverem caído no esquecimento³⁸³

Note-se, mais uma vez, que, ao tratar da América do Sul, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* desconsiderava quaisquer particularidades da colonização portuguesa, generalizando o processo sob a égide hispânica. Buscando compreender a história da colonização francesa nas Américas por meio da comparação com anglo-americanos e espanhóis, Michel Chevalier procurava discutir as causas do fracasso imperial de seu país no Novo Mundo. Incapaz de civilizar a natureza como os anglo-saxões e de civilizar os homens como os peninsulares, a França perdera parte considerável do seu quinhão americano. Mantinha, entretanto, ainda vestígios de sua dominação com a manutenção de Martinica e Guadalupe nas Antilhas – Saint-

³⁸² No original: “Voilà ce que les Espagnols ont fait, et ce que, seuls au monde, ils ont eu puissance d'exécuter. C'est pourquoi la race indienne leur doit une éternelle reconnaissance. Avant les Espagnols, les Indiens suivaient un chemin de traverse aboutissant à un cul-de-sac. Les Espagnols les firent passer sur la grande route de la civilisation européenne, et les façonnèrent à aller droit; Les Espagnols prirent les Indiens à peu près cannibales; de cannibales ils en ont fait des paysans. Voilà où sont aujourd'hui les peaux-rouges”. *Ibidem*, p. 3.

³⁸³ No original: “L'Espagne, alors reine du monde, envahissait l'Amérique du Sud et le vaste empire du Mexique, y civilisait, le sabre à la main, la population indienne, et y bâtissait des villes monumentales qui témoignent de son génie et de sa puissance bien des siècles après que les déclamations de ses détracteurs seront tombées dans l'oubli”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, op. cit., vol. II, p. 109.

Domingue se tornara independente em 1804, estabelecendo-se como o Império do Haiti – e da Guiana Francesa na América do Sul.

Foi exatamente nas Antilhas, mais precisamente na maior delas, a ilha de Cuba, onde Chevalier pode escrever um texto bastante interessante sobre a questão da escravidão, sintetizando diversas problemáticas que têm sido discutidas até aqui neste capítulo.

A síntese antilhana

No dia 27 de fevereiro de 1838, o *Journal des Débats* publicava um dos textos que Michel Chevalier havia escrito durante sua viagem à ilha de Cuba. Datada de 06 de maio de 1835 e situada no Engenho de Santa Susana, na jurisdição de Cienfuegos, a carta “De l’esclavage aux Antilles”, embora tratasse de um assunto que não foi ainda abordado neste capítulo, a escravidão, apontava para diversas questões bastante relacionadas às temáticas que vem sendo tratadas até aqui³⁸⁴.

A ilha de Cuba apresentava, em linhas gerais, diversos elementos peculiares que a faziam um espaço propício para a compreensão de alguns tópicos recorrentes nas reflexões de Michel Chevalier. Primeiramente, diferentemente dos Estados Unidos e do México, a maior das Antilhas não havia se tornado independente de sua metrópole. De modo que por ser ainda uma colônia da Espanha, evidenciava características do seu modelo de dominação em comparação com o anglo-saxão. Em segundo lugar, mantinha ainda, na década de 1830, a escravidão. Como o viajante francês já possuía uma percepção acerca da prática do cativo e das relações raciais no Sul dos Estados Unidos, as comparações entre os dois paradigmas, durante sua viagem a Cuba, se tornava inevitável. Por fim, mas não menos importante, as Antilhas podem ser consideradas como uma espécie de síntese da análise do engenheiro saint-simoniano sobre a questão da colonização da América. Isso porque, composto por possessões ou ex-possessões francesas, inglesas ou espanholas separadas por uma pequena distância, o arquipélago caribenho poderia fornecer um quadro geral acerca dos diversos padrões europeus de ocupação e exploração do Novo Mundo.

É preciso destacar, inicialmente, que, em contraposição à maior parte do império espanhol nas Américas, emancipada no início do século XIX, Cuba permanecia fiel à

³⁸⁴ CHEVALIER, Michel. “De l’esclavage aux Antilles”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 27 de fevereiro de 1838, pp. 3-4.

coroa ibérica na década de 1830. De acordo com Manuel Moreno Fragnals, dois teriam sido os principais motivos da manutenção dos laços coloniais entre a ilha e sua metrópole. Em primeiro lugar, o grande temor das elites cubanas de uma revolta de escravizados nos moldes da que ocorrera, anos antes, em Saint-Domingue. Entendia-se, em relação a esse aspecto, que, uma possível sublevação *criolla* poderia provocar nos cativos um ímpeto capaz fazer da ilha um novo Haiti. Sustentar a paz na colônia significaria, no limite, manter o sistema escravista de pé. Em segundo lugar, como, sob o Antigo Regime, os *criollos* cubanos já ocupavam posições de mando na colônia, pode-se dizer que a independência pouco mudaria os nexos de poder locais. Além disso, é importante frisar que não somente Cuba não participou dos movimentos de emancipação da primeira metade do século XIX, como também colaborou com a Espanha em sua luta para conter os movimentos revolucionários do Novo Mundo³⁸⁵.

Especificamente sobre a escravidão na maior das Antilhas, pode-se afirmar que, a despeito de sua existência durante a Época Moderna, foi apenas no século XIX que essa prática vivenciou o seu auge na ilha caribenha. Sua reconfiguração, a partir de fins do século XVIII, estaria relacionada às transformações do capitalismo internacional, vinculadas particularmente à Revolução Industrial, em paralelo ao que ocorrera também com o algodão no Sul dos Estados Unidos e com o café no Sudeste brasileiro³⁸⁶. Durante essas décadas de transformação, o açúcar que até então se apresentava como um produto de luxo no mercado internacional, voltou-se para o consumo das massas³⁸⁷. Nesse processo, se em 1760, a colônia espanhola era somente uma produtora periférica

³⁸⁵ MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba/Espanha; Espanha/Cuba: uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 206.

³⁸⁶ O desenvolvimento paralelo de uma escravidão fortemente vinculada à economia capitalista internacional em Cuba, no Brasil e nos Estados Unidos no século XIX tem chamado a atenção de pesquisadores brasileiros, em especial por meio de trabalhos de história comparada entre esses espaços. Temáticas relacionadas à escravidão em Cuba estão presentes, por exemplo, em MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; BERBEL, Márcia Regina; MARQUESE, Rafael de Bivar & PARRON, Tâmis Peixoto. *Escravidão e política: Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Hucitec, 2010; SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Irmãos do Atlântico: escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e em Havana (1763-1844)*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2012; LANE, Fernanda Bretones. *Notícias insurgentes: política, escravidão e imprensa periódica em Cuba no contexto das independências iberoamericanas (1810-1823)*. Dissertação de Mestrado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2013; MATA, Iacy Maia. *Conspirações da raça de cor: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015; PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2015; e SILVA JUNIOR, Waldomiro Lourenço da. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c. 1760-1871*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2015.

³⁸⁷ Ver MINTZ, Sidney. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Recife: Editora da UFPE, 2003.

de açúcar, em meados do século XIX, além de controlar até 30% do fabrico internacional desse gênero, possuía possivelmente os maiores e melhores engenhos do mundo. É importante frisar que foi durante esse período que a Grande Antilha se tornou a maior fornecedora mundial dessa *commodity*³⁸⁸.

Nesse mesmo contexto, a eclosão da Revolução Haitiana (1791-1803), além de afetar profundamente a economia da então principal colônia açucareira do mundo, Saint-Domingue, teria significado um enfraquecimento ainda maior da presença francesa nas Américas. Essa situação incentivou, em um primeiro momento, a produção dos engenhos das Índias Ocidentais britânicas, em especial da Jamaica, de Trinidad e da Guiana Inglesa. Entretanto, pode-se dizer que o crescimento do movimento antiescravista e algumas condicionantes da política de livre mercado da Grã-Bretanha comprometeram intensamente a produtividade de suas colônias, provocando o deslocamento da maior parte do fabrico para outras regiões das Antilhas³⁸⁹. Nesse contexto, Cuba teria sido a principal beneficiária, em termos econômicos, dessas mudanças.

Consolidadas em um período de grandes transformações técnicas, as novas *plantations* escravistas que, durante esses anos, se expandiram na ilha vieram acompanhadas dos incrementos da Revolução Industrial. Além da adoção de novas técnicas e da utilização da energia a vapor nos engenhos, começavam a constituir-se, nas proximidades das propriedades canavieiras, redes de ferrovias com o objetivo de transportar com mais rapidez a produção. Valendo-se de processos que visavam à eficácia do fabrico e do deslocamento, o açúcar cubano também se destacava pela sua quantidade proporcionada pela mecanização do método produtivo e pela sua qualidade superior a de seus principais concorrentes³⁹⁰. Em termos de mão-de-obra, a ampliação dessa atividade econômica na ilha representou a introdução exponencial de escravizados africanos no território cubano. Estima-se que entre 1764 e 1838, quatrocentos mil cativos ingressaram como trabalhadores forçados na Grande Antilha. Segundo dados de 1827, havia na colônia espanhola, por volta dessa época, quase 290 mil pessoas

³⁸⁸ TOMISH, Dale. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: Edusp, 2011, pp. 106-107.

³⁸⁹ *Ibidem*, pp. 106-107.

³⁹⁰ *Ibidem*, pp. 111-112.

escravizadas que, juntamente com os livres e libertos que habitavam a ilha, faziam parte dos 56% da população cubana composta por negros e mestiços³⁹¹.

Para além das discussões econômicas, sociais e raciais essencialmente vinculadas à temática da escravidão, se colocava também, à época da viagem de Michel Chevalier a Cuba, uma relevante discussão geopolítica relacionada às campanhas internacionais pela abolição, em grande medida, patrocinadas pela Grã-Bretanha. A aprovação do Abolition Act (1833), que libertava os escravizados das colônias britânicas, e a “pressão” que esse país exercia nas relações bilaterais e nos organismos internacionais em relação principalmente ao tráfico, representaram novos ingredientes nesse contexto³⁹². Da mesma forma, não havia como Michel Chevalier, ao viajar às Américas, não participar do debate a respeito da temática da escravidão. Até porque Martinica, Guadalupe e a Guiana, as colônias francesas que restavam no Novo Mundo, permaneciam ainda escravistas, mantendo acesa uma discussão bastante intensa sobre a questão em ambos os lados do Atlântico³⁹³.

Em “L’esclavage aux Antilles”, Michel Chevalier iniciava seu texto projetando o fim da escravidão nas ilhas do Caribe. O autor concebia, inicialmente, um paralelo entre o fim do Antigo Regime décadas antes, na Europa, e o término do, em seus termos, “antigo regime colonial” e da escravidão que se daria em breve nas Américas. Em sua visão, assim como os homens do Velho Continente haviam se recusado a permanecer sob um sistema de privilégios nobiliárquicos, a “raça africana” também não suportaria viver no cativeiro por muito mais tempo. Se a Revolução de Saint-Domingue havia lançado as bases para a impossibilidade da manutenção do escravismo no Novo Mundo, a atuação geopolítica, econômica e intelectual da Inglaterra contra seus bastiões nas Américas também caminhava nesse sentido.

³⁹¹ *Ibidem*, p. 109. Ver também HELG, Aline. “Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história de Cuba”. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, vol. 8, n. 1, 2014, pp. 29-51. Sobre a sociedade cubana do século XIX, ver MORENO FRAGINALS, *op. cit.*, pp. 217-238.

³⁹² Ver DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do anti-escravismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

³⁹³ Para os debates franceses sobre a temática da abolição à época de Michel Chevalier, ver CANELAS, Letícia Gregório. *Escravidão e liberdade no Caribe francês: a alforria na Martinica sob uma perspectiva de gênero, raça e classe (1830-1848)*. Tese de Doutorado (História Social). Campinas: IFCH-Unicamp, 2017.

Mapa 3: As Antilhas

Fonte: <https://www.open.org/view?docId=622381.xhtml>.

Defensor de que o fim da escravidão ocorresse de modo gradual, Michel Chevalier não se posicionava necessariamente contra a chamada “pressão inglesa”, mas questionava, por outro lado, aqueles, em particular seus compatriotas, que, ao contrário do que fazia, em sua perspectiva, a Grã-Bretanha, pretendiam libertar os escravizados imediatamente e sem qualquer planejamento. Em suas palavras: “a Inglaterra tomou sua parte nisso e se pôs a executar gradualmente o que, plenos de uma fé cega em seus princípios, os idólatras da liberdade tentaram realizar em nossas colônias, em massa e sem preparação para qualquer acaso”³⁹⁴.

De acordo com Chevalier, o futuro das Antilhas estava “coberto por um véu espesso”. Temia-se, por exemplo, que suas ilhas fossem “perdidas para a raça branca”, que os escravos tomassem fuzis em suas mãos e os libertos se tornassem insolentes diante da população de ascendência europeia. Poderiam essas ilhas, questionava-se em sua carta, passar para o domínio “dos negros que as têm fecundado com seu trabalho, como preço por seus suores e como compensação por todos os males que eles têm sofrido ali há três séculos”? Em sua perspectiva, para que isso não ocorresse, seria

³⁹⁴ No original: “L’Angleterre en a pris son parti et s’est mis à exécuter par degrés ce que, pleins d’une foi aveugle dans leurs principes, les idolâtres de la liberté tentèrent de réaliser dans nos colonies, en masse et sans préparation à tout hasard”.CHEVALIER, Michel. “De l’esclavage aux Antilles”, op. cit. p. 3.

desejável que as grandes potências “do Velho e do Novo Mundo” exercessem uma espécie de tutela sobre a região, pois “sem essa condição, os negros emancipados, deixados por si próprios, recaíam na preguiça e na barbárie”³⁹⁵.

Na sequência de seu argumento, o engenheiro saint-simoniano começava a explicitar algumas questões importantes que se relacionam com as temáticas que vem sendo discutidas até aqui neste capítulo. Voltando-se especificamente para a situação cubana, Chevalier destacava, nesse ponto, a proporção dos habitantes da ilha: de acordo com os dados apresentados pelo autor, 45% da população era composta por escravizados negros, 45% por brancos e 10% por “homens de cor livres”³⁹⁶. Segundo ele, apenas a minoria dessa porcentagem de brancos poderia ser classificada na categoria dos grandes proprietários das *plantations* açucareiras. Ao contrário, a maior parte do conjunto de pessoas de ascendência europeia que vivia em Cuba, nessa época, era formada por pequenos cultivadores, os chamados *monteros*. Fornecendo o abastecimento cotidiano de frutas, verduras, legumes e outros gêneros alimentícios às principais cidades ou vivendo, nas regiões mais afastadas, da agricultura de subsistência, os *monteros* eram capazes de se apresentar, nessa argumentação, como uma alternativa à dicotomia existente na ilha entre senhores e escravos³⁹⁷.

De acordo com Chevalier, com os avanços da ciência e da indústria, inversamente ao que ocorrera no passado, quando a natureza tropical se apresentava como inadaptável aos homens brancos, que sucumbiriam necessariamente às suas armadilhas, os homens do Velho Mundo passariam, a partir do século XIX, paulatinamente a ter mais condições de enfrentar seus perigos e poderiam, portanto, se estabelecer com menos dificuldade nessas regiões. Segundo ele:

Nós não temos força ainda para lutar corpo a corpo com a vigorosa natureza das regiões equinociais, para desafiar os miasmas que ela esconde sob as flores, as doenças que ela semeia ao lado dos prazeres, os acidentes terríveis, tais como o tétano e a gangrena, que ela mantém suspensos sobre a cabeça do branco, e que ela deixa escapar como uma

³⁹⁵ As citações destacadas no parágrafo estão na seguinte sentença exposta aqui no original: “L’avenir des Antilles est couvert d’un voile épais. Peut-être est-il écrit que la plupart de ces îles seront perdues pour la race blanche, et demeureront aux noirs qui les ont fécondées de leur travail, pour prix de leurs sueurs et comme compensation à tous les maux qu’ils y ont endurés depuis trois siècles? Il est possible et désirable que les grandes puissances de l’ancien monde et du nouveau exercent sur elles toutes un haut patronage. Je crois même, que sans cette condition les noirs émancipés livrés à eux-mêmes retomberaient dans la fainéantise et dans la barbarie”. *Ibidem*, p. 3.

³⁹⁶ Importante frisar que os dados que Chevalier apresenta não se diferenciam de modo substancial da proporção mencionada acima por TOMISH, *op. cit.*; e HELG, *op. cit.*

³⁹⁷ CHEVALIER, Michel. “De l’esclavage aux Antilles”, *op. cit.*, p. 3.

marreta se ele cessa de estar em guarda. Há mil e oitocentos anos que nossa civilização ocidental se mantém relegada ao céu escurecido da Europa, estudando ali, como na cela de um mosteiro, as ciências e as artes destinadas a lhe servir de escudo e de espada para afrontar essa rude adversária. Há dezoito séculos que ela se iniciou pelo cristianismo ao governo de si mesma. Hoje sua educação moral, científica e industrial é muito avançada. Nós poderíamos daqui em diante marchar na direção do sol e abordar, sem o temor de ceder ou de nos esquecer em seus braços, essa natureza poderosa que até aqui não nos convidou para perto dela e nos acariciou apenas para nos sufocar. Em uma palavra, no estado atual da ciência e da indústria [...], o trabalho, e um trabalho penoso, não será mais, nesse arquipélago, uma sentença de morte para o branco³⁹⁸.

Não somente os brancos poderiam se dirigir para as regiões mais tórridas do planeta, mas também lá executar trabalhos mais “penosos”, inclusive podendo substituir os negros em algumas tarefas:

O negro escravo é um trabalhador estúpido. O escravidão criou a estupidez lá onde ela não existia. Nas Antilhas, os aparelhos de fabricação combinam com a capacidade do operário. Está fora de dúvida que o trabalho inteligente do branco permitiria melhorar a extração do açúcar colonial, quase tanto quanto, entre nós, o fez com o açúcar de beterraba há vinte anos³⁹⁹.

Ou seja, na interpretação de Michel Chevalier, além serem capazes de substituir os trabalhadores de origem africana, os europeus poderiam também desenvolver e melhorar a extração do açúcar nas Antilhas.

Destacando a possibilidade da expansão de um “império negro” no arquipélago, em especial por meio da ação do Haiti, entendia que apenas a maciça presença dos

³⁹⁸ No original: “Nous n'avons pas encore été de force à lutter corps à corps avec la vigoureuse nature des régions équinoxiales, à braver les miasmes qu'elle cache sous des fleurs, les maladies qu'elle sème à côté des plaisirs, les accidents affreux, tels que le tétanos et la gangrène, qu'elle tient suspendus sur la tête du blanc, et qu'elle laisse échapper comme une massue s'il cesse d'être sur ses gardes. Voici dix-huit cents ans que notre civilisation occidentale se tient reléguée sous le ciel rembruni de l'Europe qu'elle y étudie, comme dans la cellule d'un monastère, les sciences et les arts destinés à lui servir de bouclier et d'épée pour affronter cette rude jouteuse. Voici dix-huit siècles qu'elle s'initie par le christianisme au gouvernement de soi-même. Aujourd'hui son éducation morale, scientifique et industrielle est fort avancée. Nous pourrions désormais marcher vers le soleil et aborder sans crainte de fléchir ou de nous oublier dans ses bras cette nature puissante qui jusqu'ici ne nous conviait près d'elle et ne nous caressait que pour nous étouffer. En un mot, dans l'état actuel de la science et de l'industrie [...], le travail, et un travail pénible, ne serait plus, dans cet archipel, un arrêt de mort pour le blanc”. *Ibidem*, pp. 3-4.

³⁹⁹ No original: “Le noir esclave est un travailleur stupide. L'esclavage crée la stupidité là où elle n'existait pas. Aux Antilles, les appareils de fabrication sont assortis à la capacité de l'ouvrier. Il est hors de doute que le travail intelligent du blanc permettrait d'améliorer l'extraction du sucre colonial, à peu près autant que celle du sucre de betterave l'a été chez nous depuis vingt ans”. *Ibidem*, p. 4.

brancos poderia deter esse movimento, seja por meio da deportação dos libertos “para outros pontos do globo onde ele seria o mestre de si mesmo se fosse possível”⁴⁰⁰, seja pela convivência, no mundo do trabalho, entre esses dois grupos étnicos. Na opinião do engenheiro saint-simoniano, esse projeto, concebido como imperativo para que se alcançasse a vitória da “civilização” sobre a “barbárie”, deveria ser encampado pelas potências da Europa e pelos Estados Unidos como forma de tutelar não somente o desenvolvimento econômico antilhano, mas a própria “raça negra”:

Deixados por si mesmos, os Estados negros que foram emancipados ou emanciparam-se eles mesmos, caíam em uma ignóbil barbárie. Se estivesse na moda na política que as nações se unissem para grandes empreendimentos civilizatórios, este seria um que mereceria ocupar conjuntamente o governo dos Estados Unidos e o de todos os povos europeus que tem rebentos nas Antilhas⁴⁰¹.

Parece interessante frisar que Michel Chevalier se posicionava também a respeito da relação entre brancos e negros nas Antilhas. Segundo ele, uma suposta separação entre esses dois grupos étnicos não se apresentaria como a única maneira de “civilizar” o arquipélago. Em sua perspectiva, a mescla entre as populações de ascendência europeia e africana não deixava de se colocar também como uma forma de evitar que as ilhas do Caribe caíssem plenamente em um estado de “barbárie”:

Há entre os negros e os brancos uma transição natural em graus imperceptíveis, é aquela que é estabelecida pelo próprio fato da existência de mulatos e homens de cor. Sob essa relação, a mestiçagem é inextricável; depois disso, esse papel de grande civilidade que eu concebo às nações brancas para os negros emancipados conservaria um laço estreito entre as duas raças. Enfim, é provável, é mesmo certo que, em certas regiões de situação intermediária, as duas raças continuarão a viver em conjunto. Tal parece ser o futuro de Cuba⁴⁰².

⁴⁰⁰ No original: “sur d'autres points du globe où il serait son maître à lui-même s'il se peut”. *Ibidem.*, p. 4.

⁴⁰¹ No original: “Mais rien de semblable ne peut s'accomplir sûrement et sans déchirements affreux que sous les auspices et par l'intervention commune et prolongée des blancs d'Europe et d'Amérique. Livrés à eux-mêmes, les Etats noirs que l'on affranchirait ou qui s'affranchiraient eux-mêmes, tomberaient dans une ignoble barbarie. S'il était de mode en politique que les nations se concertassent pour de grandes entreprises civilisatrices c'en est une qui mériterait d'occuper ensemble le gouvernement des Etats-Unis et ceux de tous les peuples européens qui ont des rejetons dans les Antilles”. *Ibidem.*, p. 4.

⁴⁰² No original: “Je ne prétends cependant pas que la séparation des deux races doive et puisse être complète. Il y a entre les noirs et les blancs une transition naturelle par degrés insensibles, c'est celle qui est établie par le fait même de l'existence des mulâtres et des gens de couleur. Sous ce rapport le mélange est inextricable puis ce rôle de haute police que je conçois aux nations blanches pour des noirs émancipés

A despeito do evidente etnocentrismo do texto, pode-se dizer que a mestiçagem se apresentava como uma alternativa bastante viável para a situação racial nas Américas de acordo com Michel Chevalier. Parece importante destacar, nesse sentido, que o autor dialogava, em seus textos, com os debates sobre a natureza e a diversidade étnica que permeava o mundo ocidental desde o século das Luzes⁴⁰³. Relativizando a tese bastante difundida na Europa desde a Ilustração, segundo a qual mestiçagem significaria necessariamente degeneração, o viajante entendia a mescla de “raças” como uma forma de assegurar a manutenção dos laços entre brancos e negros. Dessa forma, seria impossível, na perspectiva do autor, pensar no futuro de Cuba sem recorrer à reflexão sobre a mistura de etnias.

De maneira geral, pode-se dizer a esse respeito que Michel Chevalier, ao se posicionar de modo tolerante em relação à mestiçagem, em especial nas Antilhas, trazia como subtexto de sua argumentação, a possibilidade de povoar as regiões então ocupadas pelos escravizados de origem africana com homens brancos e europeus que os substituíssem ou dividissem com eles suas tarefas nas lavouras. Em paralelo a isso, ao se referir aos *monteros* cubanos, pequenos agricultores voltados para o comércio local ou para a subsistência, atentava para as possibilidades de cultivo que uma população do Velho Mundo poderia encontrar quando migrasse para as regiões tropicais. Em meio a sua retórica acerca da “civilização” da “raça negra” por meio da manutenção de seus laços com a “raça branca”, subjazia, por fim, uma clara referência a um projeto de caráter essencialmente colonial.

Havia, ainda, em “L’esclavage aux Antilles”, um outro ponto a aproximar esse texto das discussões deste capítulo. Ao caracterizar a escravidão e as relações raciais em Cuba, Michel Chevalier direcionava sua carta para um viés claramente comparativo em relação a outras experiências similares nas Américas. Como não conhecia e sequer se aventurou a tratar da questão no Império do Brasil, dedicou-se a cotejá-las, lado a lado, com os modelos francês e, principalmente, anglo-americano.

conserverait un lien étroit entre les deux races. Enfin, il est probable, il est même certain, que dans certaines régions à situation intermédiaire, les deux races continueront à vivre ensemble. Tel semble être l’avenir réservé à Cuba”. *Ibidem*, p. 4.

⁴⁰³ Ver, principalmente, GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo: historia de una polémica, 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982; TODOROV, Tzvetan. *Nosotros y los otros: reflexión sobre la diversidad humana*. México: Siglo XXI, 2007; e CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do Novo Mundo: histórias, epistemologias e identidades no Mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: Edusp, 2011.

Ao tratar das relações raciais na ilha, Michel Chevalier entendia, em primeiro lugar, que embora, na colônia espanhola, ainda houvesse um estatuto nobiliárquico, em que os homens privilegiados eram tratados por *Don*, “a linha de demarcação entre as raças, no entanto, é bem menos definida [em Cuba] que nos Estados Unidos, onde não há nobreza”⁴⁰⁴. Segundo ele:

A barreira que separa os homens de cor dos brancos não é intransponível [em Cuba]. Uma gota de sangue negro não é uma marca indelével que mesmo o tempo é impotente para destruir. Pode-se embranquecer-se e adquirir o [título de] *Don*, signo distintivo do branco, por decreto real ou por sentença da justiça. Algumas vezes ainda se tem recurso ainda a um procedimento bastante extraordinário em virtude do uso espanhol que, dando o Rei por pai para aqueles a quem este não se apresenta, enobrece os bastardos, bastando, para reabilitar uma criança de cor e torná-la branca como neve, lhe fazer passar algum tempo em um lar de crianças abandonadas. Concede-se que para colocar em prática essa fraude piedosa, é preciso que a nuance da pele do sujeito empreste um pouco de ilusão, mas é coisa fácil entre um povo em que todos os rostos são morenos. Citaram-me aqui diversas pessoas reputadas como brancas, em relação às quais esse método de embranquecimento havia sido empregado. Isso se nota no número dos que ocupam altos empregos na administração da ilha⁴⁰⁵.

Dessa forma, em um espaço onde “todos os rostos são morenos”, ou seja, onde imperava a mestiçagem, as distinções de cor se apresentavam para Michel Chevalier como uma mera ilusão, favorecendo não somente a ascensão social, mas também, em sua perspectiva, a racial. Essa sociedade mesclada era descrita pelo viajante francês como um espaço de “harmonia”, contrapondo-se, por exemplo, ao clima de terror provocado pelas tensões raciais existentes nos Estados Unidos:

⁴⁰⁴ No original: “La ligne de démarcation entre les races est pourtant bien moins tranchée qu'aux Etats-Unis, où il n'y a pas de noblesse”. CHEVALIER, Michel. “De l'esclavage aux Antilles”, op. cit., p. 4.

⁴⁰⁵ No original: “La barrière qui sépare les gens de couleur des blancs n'est pas infranchissable. Une goutte de sang noir n'est pas une tache indélébile que le temps même soit impuissant à détruire. On peut être blanchi et acquérir le Don, signe distinctif du blanc, par décret royal ou le peut par arrêt de justice. Quelquefois encore on a recours à un procédé assez extraordinaire en vertu de l'usage espagnol qui, donnant le Roi pour père à ceux pour lesquels il ne s'en présente pas, anoblit les bâtards, il suffit pour réhabiliter un enfant de couleur et le rendre blanc comme neige, de lui faire passer quelque temps à l'hospice des enfants trouvés. On conçoit que pour mettre en oeuvre cette fraude pieuse, il faut que la nuance de la peau du sujet prête quelque peu à l'illusion, mais c'est chose facile chez un peuple où tous les visages sont basanés. L'on m'a cité ici diverses personnes réputées blanches, à l'égard de qui cette méthode de blanchiment avait été employée. Il s'en trouve dans le nombre qui occupent de hauts emplois dans l'administration de l'île”. *Ibidem*, p. 4. Ao se utilizar da expressão “uma gota de sangue” no texto, Michel Chevalier fazia uma referência implícita aos Estados Unidos, onde “uma única gota de sangue” fazia com que a pessoa fosse considerada socialmente negra.

Em geral, todas as classes [em Cuba], sem distinção de cor, vivem em boa harmonia. O mais humilde negro, escravo ou não, para um espanhol na rua para acender seu cigarro com o do branco. Os colonos isolados não conhecem o terror que atormenta o agricultor da Louisiana. Os escravos são submissos, e as castas livres, tão numerosas quantos elas sejam, não parecem ter nenhum projeto de revolta⁴⁰⁶.

Diferentemente dos anglo-americanos, os espanhóis, colonizadores da ilha de Cuba, eram capazes de dominar negros e indígenas por meio de expedientes que escapavam, na concepção de Michel Chevalier, do âmbito do “terror”. Segundo o autor, “nas colônias inglesas fala-se muito de liberdade. Nas colônias espanholas não se pronuncia esse nome, mas pratica-se”⁴⁰⁷.

Em sua visão, o estabelecimento colonial de feição hispânica teria como sua essência outro mecanismo fundamental, cuja origem poderia ser encontrada nos árabes que haviam sido soberanos sobre a península ibérica durante o período medieval: a familiaridade, base da constituição de uma sociedade patriarcal:

O espanhol recebeu do céu o dom de manter sua autoridade, uma vez assentada, sobre a raça negra e a raça indígena, de outra forma que somente pelo terror. Ele pratica com seus inferiores de toda posição essa familiaridade que não exclui nem a obediência nem o respeito, e que é absolutamente desconhecida do inglês e do americano, mesmo no seio de seu lar em relação a sua mulher e seus filhos. Qualidade preciosa que os espanhóis receberam dos mouros com uma parte do sangue que corre em suas veias. Sob a tenda do árabe, o escravo foi desde sempre membro da família; essa familiaridade para com as raças inferiores é a base da vida patriarcal. É também o segredo da força e da autoridade do espanhol sobre as raças inferiores e sobre as castas misturadas⁴⁰⁸.

⁴⁰⁶ No original: “En général toutes les classes, sans distinction de couleur, vivent en bonne intelligence. Le plus humble noir, esclave ou non, arrête un Espagnol dans la rue pour allumer son cigare à celui du blanc. Les colons isolés ne connaissent point les frayeurs qui troublent le sommeil du planteur de la Louisiane. Les esclaves sont soumis, et les castes libres, si nombreuses qu'elles soient, ne paraissent avoir aucun projet de révolte”. *Ibidem*, p. 4.

⁴⁰⁷ No original: “Dans les colonies anglaises on parle beaucoup de liberté. Dans les colonies espagnoles on n'en prononce pas le nom, mais on en fait”. *Ibidem*, p. 4.

⁴⁰⁸ No original: “L'Espagnol a reçu du ciel le don de maintenir son autorité une fois assise, sur la race noire ou la race rouge, autrement que par la seule terreur. Il pratique avec ses inférieurs de tout étage cette familiarité qui n'exclut ni l'obéissance ni le respect, et qui est absolument inconnue à l'Anglais et à l'Américain, même au coin du foyer domestique à l'égard de leur femme ou de leur fils. Qualité précieuse que les Espagnols ont reçue des Maures avec une partie du sang qui coule dans leurs veines. Sous la tente de l'Arabe l'esclave a de tout temps été membre de la famille; cette familiarité est la charte de la vie patriarcale. C'est aussi le secret et la force de l'autorité de l'Espagnol sur les races inférieures et sur les castes mélangées”. *Ibidem*, p. 4.

Familiaridade estabelecida por meio de critérios hierárquicos, elemento constituinte da colonização ibérica e capaz de manter a obediência e o respeito dos grupos subordinados: embora não seja o objetivo deste trabalho, mereceria uma boa dose de reflexão a permanência e cristalização dessas ideias, ao longo dos dois últimos séculos, em obras clássicas do século XX, particularmente no chamado “pensamento social brasileiro”, como, por exemplo, *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda. Não deixa de estar presente ainda, no texto acima, as linhas gerais de um outro “mito” acalentado, muitas vezes, pelos intérpretes da realidade nacional do século passado: a chamada “democracia racial”, caracterizada por uma convivência pacífica entre as diversas etnias, por seu relacionamento íntimo no âmbito privado e pela mestiçagem decorrente dessas condições.

Nos termos das discussões concernentes a este capítulo, pode-se dizer que esboçava-se, mais uma vez, na pena de Chevalier, a contraposição entre um modelo capaz de civilizar a natureza, de caráter industrial, mas negligente a respeito dos homens, e um modelo de civilização dos homens, de caráter patriarcal, mas, muitas vezes, impotente em relação ao meio natural. Ambos os paradigmas haviam permanecido de pé sobre o solo do continente americano, apresentando características que poderiam servir de caminhos para aqueles que ainda desejassem manter-se nas disputas por territórios a serem colonizados. Dessa forma, não eram somente os Estados Unidos que poderiam fornecer lições à França do engenheiro saint-simoniano: “Cuba, onde a escravidão existe nominalmente em sua plenitude pode fornecer também úteis ensinamentos”⁴⁰⁹. Entre esses dois espelhos coloniais, que caminho os franceses deveriam seguir? Michel Chevalier procurava esboçar uma resposta da seguinte maneira:

Nós não devemos proceder nem como os espanhóis, nem como os ingleses, mas nós devemos emprestar de uns e de outros; ou logo talvez, usando a nobre faculdade de

⁴⁰⁹ No original: “Cuba où l'esclavage existe nominalement dans sa plénitude, peut fournir d'aussi utiles enseignemens”. *Ibidem*, p. 4.

iniciativa que nós temos tão frequentemente exercido para o progresso do gênero humano, mostrar a uns e a outros as vias da solução definitiva⁴¹⁰.

Pelo assunto enfatizado por Michel Chavalier em “L’esclavage aux Antilles”, pode-se depreender que o autor se referia, no excerto acima, à maneira como os franceses deveriam proceder a respeito de suas colônias em meio ao processo de questionamento da instituição da escravidão existente no século XIX. Diante da completa cisão entre brancos e negros existente nos Estados Unidos e nas colônias britânicas, por um lado, e da familiaridade patriarcal de Cuba, por outro, os compatriotas do viajante deveriam encontrar uma terceira via capaz de apontar o caminho para uma “solução definitiva” para o problema do cativo. Nessa dialética colonial, entre a tese anglo-saxônica e a antítese hispânica, Michel Chevalier parecia propor uma síntese francesa.

Entretanto, uma outra leitura também pode ser feita da conclusão da carta publicada, em 1838, no *Journal des Débats*. Nas entrelinhas de todo esse texto particular de Michel Chevalier, procurava-se refletir, por meio de uma análise sobre a escravidão em Cuba, acerca dos caminhos que a França poderia adotar no âmbito das práticas coloniais. Ao discutir a necessidade de intervenção dos governos da Europa e dos Estados Unidos nas regiões tropicais, ao defender que os brancos deveriam ser os responsáveis por povoar e cultivar esses territórios, ao encampar um projeto civilizatório em relação a populações compreendidas como “bárbaras” e ao comparar possíveis modelos de ação nesses espaços, Chevalier apresentava, de maneira bastante assertiva, pautas que poderiam servir não somente a um projeto colonial, mas também podiam evidenciar possíveis desígnios imperiais.

Nesse sentido, cabe perguntar-se, em primeiro lugar, como deveria se dar a estruturação de um modelo de colonização que, mesmo que inspirado por outros, fosse próprio dos franceses. Algumas pistas podem ser encontradas a esse respeito nos diversos textos do engenheiro saint-simoniano. Pode-se dizer, entretanto, que mesmo que tais projetos ainda não estivessem consolidados, o palco em que eles deveriam ser postos em prática já estava definido: tratava-se da Argélia, ocupada pela França em 1830.

⁴¹⁰ No original: “Nous devons emprunter aux uns et aux autres; ou plutôt peut-être, usant de la noble faculté d’initiative que nous avons si fréquemment exercée pour le progrès du genre humain, montrer aux uns et aux autres la voie de la solution définitive”. *Ibidem*, p. 4.

Em busca de um modelo francês

Como vem sendo discutido nestas páginas, as Américas se apresentavam, muitas vezes, nos textos de Michel Chevalier, como espelhos que os franceses utilizavam para refletir seus próprios dilemas. A esse respeito, em diversos momentos de sua produção intelectual, o viajante saint-simoniano promovia, como já foi dito anteriormente, associações livres entre, por um lado, eventos do passado e do presente das regiões visitadas e, por outro, expectativas em relação ao futuro de sua terra natal. Dessa forma, assim como utilizou a biografia do aventureiro inglês John Smith, analisada no início deste capítulo, como mote para defender a expansão imperial da França, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não deixou de relacionar também a conquista do Oeste que vinha sendo promovida pelos norte-americanos, na primeira metade do século XIX, às perspectivas que nutria em relação à Argélia à época de sua viagem ao Novo Mundo.

Comparando, por exemplo, a relação entre mão-de-obra, oferta de emprego e salários oferecidos, na década de 1830, nos Estados Unidos e na Europa, Chevalier afirmava:

Na América como na Europa, a concorrência entre os chefes da indústria tende a reduzir os salários; mas na América ela não é ajudada, como na Europa, pela concorrência entre operários, ou seja, pela oferta superabundante de braços sem emprego, pois o Oeste está pronto a dar refúgio a todos os braços desocupados. Na Europa, uma coalisção de operários pode significar somente uma dessas duas alternativas: Aumentem nossos salários senão nós nos deixaremos morrer de fome, nós, nossas mulheres e nossos filhos; o que é absurdo; ou, Aumentem nossos salários senão nós tomaremos nossos fusis; o que é uma ameaça de guerra civil. Não há, na Europa, outra tradução possível. Na América, ao contrário, uma coalisção significa: Aumentem nossos salários senão nós iremos para o Oeste. Toda coalisção que, no pensamento de seus membros, não pode se formular assim, é somente um capricho passageiro, um acidente sem importância. Eis porque as coalisções que, na Europa, são frequentemente forçadas a abalar os poderes mais robustamente organizados, não apresentam nenhum perigo à ordem pública aqui onde a autoridade está desarmada⁴¹¹.

⁴¹¹ No original: “En Amérique comme en Europe, la concurrence entre les chefs d’industrie tend à réduire les salaires; mais en Amérique elle n’est pas aidée, comme elle l’est en Europe, par la concurrence d’ouvrier a ouvrier, c’est-à-dire par l’offre surabondante de bras sans emploi, car l’Ouest est la prêt à donner refuge à tous les bras inoccupés. En Europe une coalition d’ouvriers ne peut signifier que l’une de ces deux alternatives: Augmentez nos salaires, sinon nous nous laissons mourir de faim, nous, nos femmes et nos enfants; ce qui est absurde; ou, Augmentez nos salaires, sinon nous prenons nos fusils; ce

O paralelo entre a citação acima e a biografia de John Smith, nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, parece evidente. A exigência por melhores salários que, na Europa, poderia significar o início de uma guerra civil, se impunha, ao contrário, nos Estados Unidos, como senha para a expansão rumo ao Oeste. Dito de outro modo, a existência de espaços a serem explorados pelos norte-americanos e pelos países do Velho Mundo era entendida, na argumentação de Michel Chevalier, como fator de pacificação social. A consequência dessa argumentação se apresentava, portanto, como essencialmente pautada sobre diretrizes coloniais e, por conseguinte, imperiais. Na visão do engenheiro saint-simoniano: “Eis porque nossos países da Europa, sobrecarregados de população, tem necessidade, para sua segurança e para seu bem-estar, de ter um Oeste que lhes seja aberto, e sobre o qual cada um deles possa se expandir a sua maneira. Eis porque ainda a França tem razão de manter a Argélia”⁴¹².

Espelhando o Oeste dos Estados Unidos no Norte da África, Michel Chevalier fazia das obras que produziu durante sua viagem ao Novo Mundo espaços para a defesa de um projeto colonial. Ocupada pelos franceses em 1830, a Argélia se apresentava, nesse contexto, como um local privilegiado para a imposição desse propósito.

Pode-se dizer, em linhas gerais que, entre os últimos anos do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, operou-se uma espécie de rearticulação na lógica dos projetos de viés imperial na França. Após sofrerem perdas importantes, em particular de seus territórios na América do Norte e de Saint-Domingue nas Antilhas, os franceses, embora permanecessem concebendo a importância geopolítica e econômica do Novo Mundo e pleiteando sua influência sobre essas regiões, passavam a mirar também um novo espaço a ser ocupado, colonizado e supostamente civilizado: o norte da África. Sem necessariamente esquecer do Atlântico, a França passava a direcionar seu foco prioritariamente para as regiões ao redor do Mar Mediterrâneo. Marco inaugural desse reordenamento imperial, a expedição militar liderada por Napoleão Bonaparte que

qui est un défi de guerre civile. Il n'y a pas en Europe d'autre traduction possible. En Amérique au contraire, une coalition signifie: Augmentez nos salaires, sinon nous allons à l'Ouest. Toute coalition qui, dans la pensée des coalisés, ne peut se formuler ainsi, n'est qu'un caprice passager, un accident sans importance. Voilà pourquoi les coalitions qui, en Europe, sont souvent de force à ébranler les pouvoirs les plus robustement organisés, ne présentent aucun danger réel pour l'ordre public, ici où l'autorité est désarmée”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, op. cit., vol. I, pp. 237-238.

⁴¹² No original: “Voilà pourquoi nos pays d'Europe, encombrés de population, ont besoin, pour leur sécurité et pour leur bien-être, d'avoir un Ouest qui leur soit ouvert, et sur lequel chacun d'eux puisse s'épancher à sa manière. Voilà pourquoi encore la France a raison de garder Alger”. *Ibidem*, p. 238.

manteve os franceses no Egito, entre 1798 e 1801, constituiu-se como ponto de partida para essa guinada mediterrânea⁴¹³.

É importante ressaltar que, para além de um movimento unicamente francês, os anos iniciais do século XIX representaram, de maneira mais geral, o início de um processo mais incisivo de interferências europeias nas regiões do Magreb (Norte da África Ocidental) e do Levante (Egito e Oriente Médio Asiático) que se prolongaria até meados do século XX. Dois fatores podem ajudar na compreensão desse processo: em primeiro lugar, o enfraquecimento militar e geopolítico vivenciado, nesse período, pelo Império Otomano, até então o senhor desses territórios; e, em segundo lugar, a expansão econômica, tecnológica e populacional por que passava a Europa da Revolução Industrial⁴¹⁴.

A presença francesa no que hoje chamamos de Argélia data, como já foi dito anteriormente, de 1830. Até essa data a localidade que ainda não possuía uma delimitação territorial muito clara, situando-se aproximadamente entre a Regência de Tunis (atualmente Tunísia) a leste, o “Extremo Magreb” (ou Marrocos) a oeste, o Mediterrâneo ao norte e o Sahara ao sul, pertencia aos domínios do Império Otomano, sob a denominação de Regência de Argel. Instalada no século XVI, como ponto estratégico para os turcos muçulmanos durante os acirrados confrontos contra os cristãos liderados pelo imperador Carlos V, assim permaneceu com relativa autonomia com relação à Constantinopla até o estabelecimento francês na primeira metade do século XIX⁴¹⁵.

A expedição que marcou a ocupação de territórios no norte da África em 1830 foi resultado de uma das últimas ações do regime da Restauração (1814-1830), conduzido à época pelo rei Carlos X de Bourbon. Esse processo de intervenção teria se originado de uma querela envolvendo o cônsul francês Pierre Deval e o Dey⁴¹⁶ Houssein da Regência de Argel, a respeito de uma suposta dívida envolvendo o dirigente muçulmano e dois banqueiros judeus. O rompimento das relações diplomáticas entre os franceses e os súditos do sultão de Constantinopla culminou com um bloqueio econômico e, posteriormente, com a tomada de Argel pelos franceses em

⁴¹³ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 123-133.

⁴¹⁴ HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 354-358.

⁴¹⁵ AGERON, Charles-Robert. *Histoire de l'Algérie Contemporaine*. 9 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1990; e RIVET, Daniel. *Le Maghreb à l'épreuve de la colonisation*. Paris: Fayard; Pluriel, 2010.

⁴¹⁶ Principal autoridade política da Regência de Argel subordinada à autoridade do Império Otomano.

05 de julho de 1830. Antes, entretanto, que qualquer medida mais profunda pudesse ser tomada pelo governo borbônico, a eclosão, algumas semanas depois, da Revolução de Julho, que resultou na derrubada de Carlos X e na ascensão da monarquia liberal de Luís Filipe de Orléans, colocava em dúvida as possibilidades de um projeto de viés colonial.

Não bastasse a Argélia ser considerada, muitas vezes, como um “legado oneroso da Restauração”, não havia grande certeza das autoridades e das elites orleanistas sobre o que fazer com a região conquistada nos estertores do regime anterior. Entre se retirar e permanecer no Magreb, os membros do governo optaram, na década de 1830, pelo que foi chamado por eles de “ocupação restrita”. De uma perspectiva argelina, não somente completou-se uma desestruturação profunda da sociedade e das redes de poder existentes até então, como não se estabeleceram com clareza novos marcos organizativos para a antiga Regência de Argel. Lideranças locais como Abd el-Kader emergiram nesse processo, ora se rebelando contra a nova ordem, ora pactuando acordos com os mandatários de Paris⁴¹⁷.

No âmbito do debate interno na França, as posições se dividiam entre, por um lado, aqueles que eram favoráveis a colonização da Argélia e, por outro, aquele que eram contrários à empresa. Enquanto os primeiros defendiam que a ocupação do norte da África poderia significar a recuperação das perdas impostas ao país desde meados do século anterior nas Américas, os últimos, frequentemente alicerçados pela doutrina liberal, entendiam que o domínio sobre o Magreb se constituiria como um avatar do mercantilismo e poderia significar um risco às liberdades dado o grande poder que seria conferido aos militares no processo⁴¹⁸.

Michel Chevalier se posicionava, nessa disputa, claramente ao lado dos primeiros, defendendo as possibilidades que deveriam ser proporcionadas pela colonização da Argélia.

É importante ressaltar que a defesa da ocupação do Magreb não se constituiu como um projeto encampado unicamente pelo engenheiro politécnico, mas se configurou, nas décadas de 1830 e 1840, como uma das principais pautas dos antigos saint-simonianas que se mantiveram ativos politicamente no período. Conforme sublinhado em momentos anteriores desta tese, os seguidores dos preceitos do conde de Saint-Simon e, em particular, o próprio Chevalier concebiam a história do mundo como

⁴¹⁷ AGERON, *op. cit.*, p. 9-12.

⁴¹⁸ RIVET, *op. cit.*, pp. 112-114.

o encontro não necessariamente pacífico entre o Ocidente e o Oriente. De acordo com essa vertente, somente a intersecção entre esses dois entes geográficos e culturais seria capaz de promover a “grande obra” da “associação universal”. O Mar Mediterrâneo seria o espaço propício para a realização desse desígnio como se pode perceber, por exemplo, em *Système de la Méditerranée*, escrito pelo autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord* antes de embarcar para o Novo Mundo:

O Mediterrâneo foi uma arena, um campo fechado onde, durante trinta séculos, o Oriente e o Ocidente travaram batalhas. Daqui em diante, o Mediterrâneo deve ser como um vasto fórum sob todos os aspectos, os quais interligarão os povos até aqui divididos. O Mediterrâneo vai se tornar o leito nupcial do Oriente e do Ocidente⁴¹⁹.

Posicionar-se, portanto, nas regiões não-europeias do Mar Mediterrâneo constituía-se praticamente como uma missão para os saint-simonianos, pois somente assim poderia ser cumprida, em sua visão, a “grande obra” de “associação universal” e a reconciliação entre o Ocidente e o Oriente. Além da argumentação formulada por Michel Chevalier, em seus textos, a respeito da colonização da Argélia, outros saint-simonianos como Ismail Urbain e Barthelemy-Prosper Enfantin, por exemplo, também exerceram papel importante nessa seara ao longo do século XIX, produzindo relatos de viagem, relatórios científicos e fazendo a defesa pública da ocupação francesa⁴²⁰.

Para compreender as projeções de Michel Chevalier a esse respeito, é importante destacar, como já foi mencionado em outros momentos deste trabalho, que o engenheiro saint-simoniano não acreditava na existência de um único modelo possível para o desenvolvimento econômico, para a ação política ou para a organização social das nações. Na perspectiva do autor, cada sociedade deveria se estruturar política, econômica e socialmente a partir de suas próprias características culturais, de seus próprios costumes e de suas próprias tradições. Não haveria de ser diferente em relação aos modelos de colonização.

⁴¹⁹ No original: “La Méditerranée a été une arène, un champ clos où, durant trente siècles, l’Orient et l’Occident se sont livrés des batailles. Désormais la Méditerranée doit être comme un vaste forum sur tous les points duquel communieront les peuples jusqu’ici divisés. La Méditerranée va devenir le lit nuptial de l’Orient et de l’Occident”. CHEVALIER, Michel. *Politique industrielle et Système de la Méditerranée*. Paris: [s.e], 1832, p. 126. Para uma discussão mais aprofundada sobre essa temática, ver o capítulo 1 desta tese.

⁴²⁰ Ver, entre outros, PICON, Antoine. *Les saint-simoniens: raison, imaginaire et utopie*. Paris: Belin, 2002; ALI, Smaïl Hadj. “Os são-simonianos e a colonização da Argélia”. *Estudos avançados*, vol. 20, n. 56, 2006, pp. 225-236; e PILBEAN, Pamela M. “The colonization of Algeria: the role of saint-simonians”. *French History & Civilization*; vol. 6, 2015, pp. 189-196.

Pode-se dizer, em linhas gerais, que a proposta colonial do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* se alicerçava basicamente sobre três pilares: a identificação de políticas bem ou mal sucedidas levadas a cabo pelas colonizações francesas do passado como forma de modelar ações futuras; a utilização de paradigmas alternativos, em especial o anglo-americano e o espanhol, como balizas que poderiam fornecer lições, analogias ou exemplos específicos sobre suas experiências coloniais; e a apropriação dos usos, costumes e tradições francesas como referências para a adoção de práticas relacionadas aos empreendimentos ultramarinos.

Parece interessante discutir, em primeiro lugar, que, na concepção de Michel Chevalier, os exemplos franceses no Novo Mundo não se constituíam somente como negativos, mas, ao contrário, algumas das experiências coloniais de seu país deveriam ser levadas em conta por seus contemporâneos para a formulação de políticas futuras nesse campo. Em particular, a do Canadá.

Colônia francesa até 1763, quando, por meio do Tratado de Paris, tornou-se possessão britânica, o vizinho setentrional dos Estados Unidos ainda mantinha, em meados do século XIX, profundos vínculos, principalmente culturais, com os seus primeiros exploradores. Durante a Época Moderna, diferentemente de outras regiões das Américas, a Nova França, posteriormente chamada de Quebec pelos britânicos, estabelecida na margem esquerda do Rio São Lourenço, caracterizou-se por receber uma pequena imigração entre os séculos XVII e XIX. Dos que chegavam a essa região até meados do século XVIII, a maior parte era composta por homens solteiros, trabalhadores itinerantes, proveniente das diversas regiões da França. Ao montar uma estrutura colonial do outro lado do Atlântico, os franceses procuraram estabelecer, em seus domínios na América do Norte, versões “simplificadas” das instituições existentes em seu país. As vilas edificadas no Canadá, com sua organização agrícola e sua sociedade concebida com estamentos à francesa, eram descritas, frequentemente, como cópias em pequena escala das cidades interioranas da metrópole⁴²¹.

Ao passar para o domínio da Grã-Bretanha, em 1763, exigiu-se dos colonos que escolhessem se desejavam permanecer franceses, sendo assim obrigados a retornar a sua terra natal, ou se adotariam definitivamente a identidade *canadien*, mantendo-se no Novo Mundo. Embora muitos tenham voltado à Europa, os que permaneceram no Quebec aceitaram, de maneira geral, a soberania britânica, conservando, entretanto, seus

⁴²¹ BUCKNER, Phillip. “O nacionalismo no Canadá”. In: PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. (orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008, pp. 156-157.

vínculos culturais com sua terra de origem. Mesmo com uma pequena taxa de imigração, entre meados do século XVIII e o início do século XIX, a região vivenciou um rápido avanço demográfico por meio da reprodução endógena de sua população francófona. Na década de 1830, a despeito dos britânicos estarem bastante presentes nas grandes cidades do Quebec, em particular em sua capital Montreal, a grande maioria da população dessa região permanecia sendo de origem francesa⁴²².

Conforme já destacado anteriormente, na perspectiva de Michel Chevalier, por serem formados por caracteres diferentes, franceses e anglo-americanos não poderiam proceder da mesma forma na aplicação de políticas coloniais. Em sua visão, enquanto estes últimos suportariam ser lançados individualmente em regiões inóspitas e solitárias a serem povoadas, dominadas e exploradas, os franceses necessitariam de uma estrutura que garantisse a transposição de laços sociais já conhecidos para os territórios conquistados:

Para se colonizar com os franceses, seria preciso, pois, pouco contar com as tentativas individuais. Em toda coisa, o francês tem a necessidade de sentir ligeiramente o ombro do vizinho, como em uma linha de batalha. Sobre uma terra a colonizar, pode-se lançar os americanos isolados; eles formarão ali uma mutidão de pequenos centros que, se alargando cada um em seu lado, terminarão por abraçar um círculo. Quando se trata dos franceses, deve-se levar com eles sobre a terra nova uma ordem social já feita, laços sociais bem estabelecidos, ou, ao menos, um quadro regular de ordem social e pontos de fixação para os laços sociais⁴²³.

Com essas questões em vista, Michel Chevalier descrevia da seguinte maneira a montagem do sistema colonial no Canadá:

O Canadá é praticamente a única colônia que nós fundamos exclusivamente com Franceses. Transportara-se para lá uma organização completa. Uma vez o país reconhecido, a frota real desembarcara ali senhores a quem o rei havia outorgado feudos. Eles eram seguidos de vassalos que eles haviam tomado na Normandia e na

⁴²² *Ibidem*, p. 158.

⁴²³ No original: “S’il s’agissait de coloniser avec des Français, il faudrait donc peu compter sur les tentatives individuelles. En toute chose le Français a besoin de sentir légèrement le coude du voisin, comme dans une ligne de bataille. Sur une terre à coloniser, on peut jeter des Américains isolés; ils y formeront une multitude de petits centres qui, s’élargissant chacun de son côté, finiront par embrasser un grand cercle. S’il s’agit de Français, on doit porter avec eux sur la terre nouvelle un ordre social tout fait, des liens sociaux tout établis, ou, au moins, un cadre régulier d’ordre social et des points d’attache pour les liens sociaux”. CHEVALIER, *Lettres sur l’Amérique du Nord*, op. cit., vol. II, p. 126.

Bretanha, e a quem eles distribuíram terras. Desposou ali, ao mesmo tempo, um clero regular e secular dotado, ele também, de amplos domínios territoriais e que, no mais, recolhia o dízimo. Depois vieram os mercadores e as companhias a quem os privilégios eram acordados pelo tratado da indústria de peles e pelo comércio. Em uma palavra, as três ordens, clero, nobreza e terceiro estado, foram importados, todos de uma vez, da velha França para a nova⁴²⁴.

Na visão do viajante, a transposição das estruturas francesas para o Novo Mundo teria sido, nesse sentido, a principal razão para que o Canadá se tornasse uma colônia bem sucedida em comparação com outras experiências de seu país. Segundo ele:

O sistema [de colonização do Canadá] era bom para a época; o princípio de ordem e de hierarquia que presidia ali, sob a única forma possível então, estava em harmonia com o caráter do povo. O que o atesta, é que, sob esse regime, ao qual os ingleses conquistadores nada mudaram, o Canadá floresceu, e a população se multiplicou ali no seio de uma doce abundância⁴²⁵.

Note-se que, diferentemente do princípio individualizante, baseado na ideia de liberdade, que teria caracterizado a colonização anglo-americana no norte do continente, pode-se dizer que, na concepção de Michel Chevalier, o paradigma francês de colonização deveria estar baseado não somente na manutenção dos laços sociais e das instituições já conhecidas de sua terra natal, mas também em um modelo estabelecido sob o signo da ordem e da hierarquia.

Em consonância com seus argumentos, o engenheiro saint-simoniano afirmava, na sequência, que os dois modelos coloniais poderiam, de certa forma, se expressar, por exemplo, na comparação entre, de um lado, as tranquilas e alegres cidades do Canadá e, de outro, as brilhantes e industriais regiões urbanas dos Estados Unidos:

⁴²⁴ No original: “Le Canada est à peu près la seule colonie que nous ayons fondée exclusivement avec des Français. On y transporta une organisation sociale complète. Une fois le pays reconnu, la flotte royale y débarqua des seigneurs à qui le roi avait octroyé des fiefs. Ils étaient suivis de vassaux qu'ils avaient pris en Normandie et en Bretagne, et à qui ils distribuèrent des terres. Elle y déposa en même temps un clergé régulier et séculier doté, lui aussi, d'amples domaines territoriaux, et qui de plus préleva la dîme. Puis vinrent des marchands et des compagnies à qui des privilèges étaient accordés pour la traite des pelleteries et pour le commerce. En un mot, les trois ordres, clergé, noblesse et tiers-état, furent importés, tout d'une pièce, de la vieille France dans la nouvelle”. *Ibidem*, pp. 126-127.

⁴²⁵ No original: “La seule chose que les colons laissèrent derrière eux fut la misère du plus grand nombre. Le système était bon pour l'époque; le principe d'ordre et d'hierarchie qui y présidait, sous la seule forme possible alors, était en harmonie avec le caractère du peuple. Ce qui l'atteste, c'est que, sous ce régime, auquel les Anglais conquérants n'ont rien changé, le Canada a fleuri, et la population s'y est multipliée au sein d'une douce aisance”. *Ibidem*, p. 127.

Não vi em nenhuma parte nada que oferecesse melhor imagem da *aurea mediocritas* que as belas vilas às margens do São Lourenço. Não é a ambiciosa prosperidade dos Estados Unidos, é alguma coisa de muito mais modesta; mas se há menos brilho, em contrapartida, há mais contentamento e felicidade. O Canadá me lembra a Suíça; é a mesma fisionomia de satisfação calma e de alegria tranquila. Falaríamos do Canadá, se ele não estivesse ao lado do colosso anglo-americano; citaríamos seus desenvolvimentos sem os prodígios dos Estados Unidos⁴²⁶.

A despeito de ter sido interrompido pelo início do domínio inglês sobre o Quebec a partir de 1763, o modelo canadense, embora, de certa forma, obliterado pelos “prodígios dos Estados Unidos”, representaria um paradigma muito bem sucedido da colonização francesa. Pode-se concluir da interpretação de Michel Chevalier que, quando não abandonados em meio à natureza, à maneira dos anglo-americanos, mas, ao contrário, estabelecidos sobre as bases de uma estrutura sólida, relativamente conhecida e capaz de manter a existência de laços sociais, os franceses poderiam constituir grandes empreendimentos coloniais. De acordo com essa visão, os sucessos ou fracassos das colônias não se dariam necessariamente em razão da superioridade ou inferioridade dos protótipos coloniais, mas sim da aplicação ou não de um modelo que correspondesse adequadamente às características essenciais do colonizador. Em sua perspectiva: “Não seria fundado pretender que os progressos do Canadá se realizaram a despeito do modo de colonização; a discussão entre o *porque* e o *ainda que* é de simples conclusão nesse caso. Tudo o que o sistema primitivo tinha de oneroso, subsiste ainda intacto, e a população não se queixa disso”⁴²⁷.

Mirar o Canadá, perdido então há algumas décadas para os britânicos, não significava, enfim, pretender tê-lo de volta, mas sim analisar sua experiência como forma de projetar um futuro mais favorável para os empreendimentos coloniais de seu

⁴²⁶ No original: “Je n'ai vu nulle part rien qui offrît mieux l'image de l'*aurea mediocritas* que les jolis villages des bords du Saint-Laurent. Ce n'est pas l'ambitieuse prospérité des Etats-Unis, c'est quelque chose de beaucoup plus modeste; mais s'il y a moins d'éclat, en revanche il y a plus de contentement et de bonheur. Le Canada m'a rappelé la Suisse: c'est la même physionomie de satisfaction calme et de jouissances paisibles. On parlerait du Canada, s'il n'était pas à côté du colosse anglo-américain; on citerait ses développements, sans les prodiges des Etats-Unis”. *Ibidem*, pp. 127-128.

⁴²⁷ No original: “On ne serait pas fondé à prétendre que les progrès du Canada se sont réalisés en dépit du mode de colonisation; la discussion entre le *parce que* et le *quoique* est aisée à terminer dans ce cas. Tout ce que le système primitif avait d'onéreux, subsiste encore intact, et la population ne s'en plaint pas. Les redevances seigneuriales, la dîme, le droit de mouture, le four banal, y sont actuellement en pleine vigueur; et, chose incroyable, rien de tout cela ne figure dans l'interminable liste de quatre-vingt-treize griefs, récemment dressée par les Canadiens contre le régime qui les gouverne”. *Ibidem*, p. 128.

país. Dessa forma, na perspectiva de Michel Chevalier, a lição mais importante a ser retirada do estudo sobre a Nova França deveria ser, no limite, a concepção de que não seria possível constituir um modelo colonial sem a adequação entre essa prática e os caracteres particulares de sua terra natal.

Isto posto, como deveria se constituir, na concepção de Michel Chevalier, um modelo colonial adequado aos franceses?

Em primeiro lugar, embora o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* defendesse, em muitos de seus textos, algumas pautas caras à Economia Política e ao cânone liberal, como, por exemplo, o livre cambismo, não entendia a atividade de ocupação de territórios ultramarinos, em particular no Magreb, sob essa mesma chave. Em sua visão, diferentemente do que ocorria entre os anglo-americanos, cujos empreendimentos se desenvolviam principalmente baseados no capital privado, a atividade colonial francesa deveria ser encampada essencialmente pelo financiamento estatal. Em suas palavras: “Sem dúvida, um governo que quer colonizar pode procurar a contribuição dos capitalistas: mas seria equivocados se esperássemos [deles], em relação à Argélia, grandes esforços e grandes resultados”⁴²⁸. Nesse mesmo sentido, também afirmava: “Conosco, franceses, tais como nós somos hoje, convém, para o bem geral, que o governo tenha a melhor parte na herança das influências do passado, sobretudo em matéria de colonização. Nada é mais difícil que colonizar, é uma criação completa”⁴²⁹. Em suma, adequando seu projeto colonial ao que compreendia ser inerente ao ser francês, apontava para uma colonização que, mesmo com a participação de capitalistas privados, fosse fomentada pelo governo de seu país.

Pensando, particularmente, na colonização da Argélia, Michel Chevalier condenava a adoção de um sistema completamente baseado no *laissez-faire* como o que vinha sendo praticado pelo governo orleanista. Segundo ele, esse modelo de ação implicaria na efemeridade da ocupação que, sem bases sólidas, poderia ser dissolvido por qualquer instabilidade política:

Eu não quero fazer o trabalho de profeta, ainda menos aquele de profeta do infortúnio; por outro lado, à distância que estou da Argélia, eu devo falar somente com uma

⁴²⁸ No original: “Sans doute un gouvernement qui veut coloniser peut rechercher le concours des capitalistes: mais on se méprendrait si l'on en attendait, relativement à Alger, de grands efforts et de grands résultats. *Ibidem*, p. 130.

⁴²⁹ No original: “Avec nous, Français, tels que nous sommes aujourd'hui, il convient, pour le bien général, que le gouvernement ait la meilleure part dans l'héritage des influences du passé, surtout en matière de colonisation. Rien n'est plus difficile que de coloniser; c'est une création tout entière”. *Ibidem*, p. 129.

extrema reserva. No entanto, estou convencido que com o sistema de *laissez-faire* ou de nada fazer, adotado pelo governo, nós não estamos no caminho de implantar ali uma população francesa. E, não obstante, até que haja ali 200.000 ou 300.000 franceses, nossa dominação será apenas efêmera, estará à mercê de um voto inesperado das Câmaras, ou de um capricho ministerial, ou de um barulho de guerra; e o que é pior neste século positivo, a Argélia nos custará muito sem nenhum retorno⁴³⁰.

O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, embora não quisesse ser o “profeta do infortúnio”, destacava que a única maneira de se estabelecer definitivamente no Magreb seria implantando, por meio da ação governamental, uma população francesa numericamente considerável na região. De acordo com Chevalier, seria preciso não somente povoar a Argélia, mas também qualificar o nível dos colonos dispostos a se instalar ali como camponeses e operários:

Se não me equivoco completamente, o que se despeja na Argélia, com o sistema de emigrações individuais, deve ser, salvo um pequeno número de exceções, a escória de nossas grandes cidade. Lá seria preciso da flor de nossos campos e de nossos ateliês, de jovens cultivadores ou de robustos operários como aqueles que, mosquete à mão, fazem a glória de nossas armadas; estes teriam a força e a vontade de conquistar o solo, como conquistam a civilização pela cultura e pelo trabalho. Nossos honestos camponeses e nossos operários inteligentes estão surdos aos apelos das companhias; eles têm boas razões para não crer nas promessas dos especuladores. Eles somente se deslocarão, para ir assentar com eles a dominação francesa sobre o solo da África, quando um governo esclarecido lhes chamar a isso não vagamente, mas nominalmente, [quando] ele mesmo os conduzir para lá e lá os instalar⁴³¹.

⁴³⁰ No original: “Je ne veux pas faire le métier de prophète, encore moins celui de prophète de malheur; d'ailleurs, à la distance où je suis d'Alger, je n'en dois parler qu'avec une extrême réserve. Je suis cependant persuadé qu'avec le système de *laissez-faire* ou de ne rien faire, adopté par le gouvernement, nous ne sommes pas en chemin d'y implanter une population française. Et pourtant, jusqu'à ce qu'il y ait 200,000 ou 300,000 Français, notre domination n'y sera qu'éphémère, à la merci d'un vote inopiné des Chambres, ou d'un caprice ministériel, ou d'un bruit de guerre; et qui pis est dans ce siècle positif, Alger nous coûtera beaucoup sans nul retour”. *Ibidem*, p. 130.

⁴³¹ No original: “Si je ne m'abuse complètement, ce qui se déverse à Alger, avec le système des émigrations individuelles, doit être, sauf un petit nombre d'exceptions, le rebut de nos grandes villes. Il y faudrait la fleur de nos campagnes et de nos ateliers, de jeunes cultivateurs ou de robustes ouvriers comme ceux qui, le mousquet à la main, font la gloire de nos armées: ceux-là auraient la force et la volonté de s'emparer du sol, comme s'en empare la civilisation, par la culture et le travail. Nos honnêtes campagnards et nos ouvriers intelligents sont sourds à l'appel des compagnies; ils ont de bonnes raisons pour ne pas croire aux promesses des spéculateurs. Ils ne se déplaceront, pour aller asseoir avec eux la domination française sur le sol de l'Afrique, que lorsqu'un gouvernement éclairé les y appellera non vaguement, mais nominativement, les y conduira et les y installera lui-même”. *Ibidem*, pp. 130-131.

À espera de um “governo esclarecido” que pudesse colocar esses planos em prática, Michel Chevalier atribuía ao exército certo protagonismo nesse grande projeto colonial. Em vez de ocupar, na Argélia, uma função unicamente militar, as forças armadas exerceriam na região, em sintonia com as perspectivas saint-simonianas, uma atividade essencialmente industrial. Segundo o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*:

Todos os anos, por volta de dois mil soldados deixam a Regência [de Argel] (pois é ainda a Regência!) para retornarem aos seus lares e voltarem a ser operários e camponeses. Que fortuna não seria para a Argélia, se nós pudéssemos retê-los ali, ou se eles quisessem retornar para lá, após terem ido à França para se casar! Com a ambição de chegar à propriedade que todo homem tem hoje, não seria impossível resolver isso lhes dando terras, ferramentas e pequenas casas que o próprio exército teria construído. Distribuídos em grandes fazendas ou nas vilas, em torno das quais cada um deles teria seu campo, protegendo, conforme necessário, uma inexpugnável cidadela, eles formariam um núcleo que a população francesa iria logo aumentar, e cuja existência incentivaria as companhias a tentar, enfim, empreendimentos sérios. Se nós lhes deixamos com seu fusil e seu uniforme, eles constituiriam uma milícia aguerrida que não temeria os Beduínos e que os Beduínos receariam. Quem poderia achar mal que a Argélia, conquistada por nosso exército, se tornasse dele patrimônio? Nossos soldados pagariam na Argélia o mesmo preço que os *settlers* americanos têm pago no Oeste, ou seja, o seu sangue⁴³².

Em suma, contrapondo-se à falta de ação do governo orleanista em relação à Argélia, Michel Chevalier propunha como solução para o impasse colonial que havia se colocado no Magreb, tendo em vista a debilidade da iniciativa privada de seu país, uma ativa participação do Estado francês e um claro protagonismo do exército nas ações do

⁴³² No original: “Tous les ans, deux milliers environ de soldats quittent la Régence (car c'est encore la Régence!) pour rentrer dans leurs foyers et redevenir ouvriers et paysans. Quelle fortune ne serait-ce pas pour Alger, si l'on pouvait les y retenir, ou s'ils voulaient y retourner, après être venus en France prendre femme! Avec l'ambition d'arriver à la propriété dont tout homme est possédé aujourd'hui, il ne serait pas impossible de les y résoudre en leur donnant des terres, des outils, des maisonnettes, que l'armée aurait bâties elle-même. Distribués dans de grandes fermes ou dans des villages, autour desquels chacun d'eux aurait son champ, et qu'au besoin protégerait l'inexpugnable blockhaus, ils formeraient un noyau que la population française irait bientôt grossir, et dont l'existence enhardirait les compagnies à tenter enfin des entreprises sérieuses. Si on leur laissait leur fusil et leur uniforme, ils constitueraient une milice aguerrie qui ne craindrait pas les Bédouins, et que les Bédouins redouteraient. Qui pourrait trouver mauvais qu'Alger, conquis par notre armée, en devînt le patrimoine? Nos soldats ont payé Alger au même prix que les premiers *settlers* américains ont acheté l'Ouest, c'est-à-dire de leur sang”. *Ibidem*, pp. 131-132.

Mediterrâneo. Apenas assim, em sua concepção, a França poderia se estabelecer definitivamente no Norte da África.

Importante também mencionar, como uma última questão acerca do projeto colonial e imperial defendido por Michel Chevalier para a Argélia, que, embora o viajante considerasse que a França deveria buscar se impor sobre seus novos domínios por meio de um modelo próprio de colonização, não descartava também apropriar-se de experiências bem sucedidas de outras nações conquistadoras. Como já dissemos anteriormente, assim como se mostrava um grande admirador dos anglo-americanos em termos industriais, também demonstrava certo apreço às relações travadas pelos espanhóis com as populações que conquistava. Em sua perspectiva, a ação dos peninsulares no México colonial no tocante às populações indígenas deveria servir de exemplo para a França em seu contato com os argelinos:

Eu creio, em uma palavra, que é fácil estabelecer que o gabinete espanhol cumpriu toda a extensão de seus deveres no Novo Mundo, que ele realizou sabiamente e seguramente a civilização dos índios, que ele endendeu a conquista à maneira do Senado de Roma [...]. Seríamos soberanamente injustos em relação à nação espanhola se a julgássemos pela Espanha abastardada do século XIX; mas também porque parece-me que se nos dignarmos a mostrar na Argélia metede do discernimento elevado, da previdência que exibiram no México esses espanhóis tão difamados, nós teríamos logo a nossas portas a mais admirável das colônias e nós nos asseguraríamos a honra de ter iniciado a civilização refinada da Europa os povos muçulmanos, ou seja, um terço do Velho Mundo⁴³³.

Ao descrever a colonização hispânica sobre o México, por exemplo, Chevalier destacava o papel da imposição da religião católica para a consolidação do domínio ibérico sobre o Novo Mundo. O paralelo implícito nessa descrição projetava estratégias, espelhadas nas práticas espanholas, que pudessem ser adotadas no Magreb:

⁴³³ No original: “Je crois, en un mot, qu’il est facile d’établir que le cabinet espagnol comprit toute l’étendue de ses devoirs dans le Nouveau-Monde, qu’il procéda sagement et sûrement à la civilisation des Indiens, qu’il entendit la conquête à la façon du Sénat de Rome [...]. On serait souverainement injuste envers la nation espagnole si on la jugeait par l’Espagne abâtardie du dix-neuvième siècle; mais aussi parce qu’il me semble que si nous daignons faire preuve à Alger de la moitié du discernement élevé, de la prévoyance et de la persévérance que déployaient au Mexique ces Espagnols tant décriés, nous aurions bientôt à nos portes la plus admirable des colonies et nous nous assurerions l’honneur d’avoir initié à la civilisation raffinée d’Europe les peuples musulmans, c’est-à-dire le tiers de l’ancien monde”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 01 de agosto de 1837, p. 3.

Eles [os espanhóis] compreenderam primeiramente que os povos de Anahuac eram índios e não filhos de burgueses de Sevilha ou de Toledo, assim como nós devemos compreender que os indígenas da Argélia não são nem patenteados de Paris nem fazendeiros de Beaucé. Convencidos que a religião premia todas as outras instituições sociais, eles resolveram fazê-los cristãos! Ele perceberam desde o início que toda aproximação entre os indígenas e eles, e por consequência toda a civilização da raça indígena, seriam impossíveis enquanto subsistísse a idolatria asteca. Eles sentiram que a dominação castelhana na América, entre numerosas tribos de regiões tropicais, seria eminentemente precária enquanto se adorassem outros deuses além daquele dos cristãos, e nisso tiveram razão todos os que pensam que a civilização dos Árabes e dos Cabilas, e o desenvolvimento do poder francês na África permanecerão afetados pela lentidão até que nós tenhamos superado a barreira que o islamismo nos opôs, suscitando na Argélia uma numerosa população de educação cristã pela via da imigração ou por outro modo⁴³⁴.

Em linhas gerais, pode-se dizer que Michel Chevalier, ao defender a presença colonial francesa no norte da África, se apresentava, em suma, como um grande arauto da influência imperial de seu país no mundo; em particular, nas zonas em torno do Mar Mediterrâneo. O projeto colonial defendido pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* questionava a adoção do *laissez-faire* como prática dominante, exaltando fortemente a presença maciça do Estado francês, de um “governo esclarecido” que atuasse como indutor do povoamento e da atividade econômica nas regiões ocupadas. Não descartava ainda o papel do exército e da religião nesses empreendimentos.

Ao conceber seu projeto, o engenheiro saint-simoniano buscou analisar, muitas vezes, experiências bem ou mal sucedidas nessa seara não somente praticadas pela França, mas também, durante sua viagem às Américas, por anglo-americanos e espanhóis. De um lado, exaltava os ingleses e norte-americanos por sua capacidade de

⁴³⁴ No original: “Ils comprirent du premier coup que les peuples d'Anahuac étaient des Indiens et non des fils de bourgeois de Séville ou de Tolède, tout comme nous devons comprendre que les indigènes de l'Algérie se sont ni des patentés de Paris ni des fermiers de la Beauce. Persuadés que la religion prime toutes les autres institutions sociales ils résolurent de les faire chrétiens! Ils s'aperçurent dès l'abord que tout rapprochement entre les indigènes et eux, et par conséquent toute civilisation de la race indienne, seraient impossibles tant que subsisterait l'idolâtrie aztèque. Ils sentirent que la domination castillane en Amérique, parmi les nombreuses tribus des régions tropicales serait éminemment précaire tant que l'on y adorerait d'autres dieux que celui des chrétiens, et en cela ils eurent raison tout comme ceux qui de nos jours pensent que la civilisation des Arabes et des Kabiles, et le développement de la puissance française en Afrique, resteront frappés de langueur jusqu'à ce que nous ayons levé la barrière que l'islamisme nous oppose en suscitant dans l'Algérie une nombreuse population d'éducation chrétienne par voie d'immigration ou autrement”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 15 de agosto de 1837, p. 3.

se impor, no âmbito da indústria, sobre a natureza, embora questionasse sua inabilidade de “educar” os homens conquistados. De outro, demonstrava admiração pelos espanhóis por seu modelo “civilizador” de dominação patriarcal e católico, embora os concebesse como uma população menos industriosa que os anglo-saxões. Refletindo sobre as condutas de seus rivais europeus, Chevalier defendia que a França deveria, sem incorporar completamente qualquer um dos dois paradigmas, buscar suas próprias maneiras de proceder nesses casos, apropriando-se, entretanto, do que considerasse adequado em ambos os modelos.

Esboçado na década de 1830, essas linhas de ação ganhariam, como será possível perceber nos próximos capítulos, novos contornos políticos, geopolíticos e culturais nas décadas seguintes.

Capítulo 5
UM ELO ENTRE DOIS MUNDOS:
A França e a invenção da América Latina

Frontispício de CHEVALIER, Michel. *L'isthme de Panama*. Paris: Librairie de Charles de Gosselin, 1844.

Nós, franceses, nós somos, de toda a família latina, os mais bem posicionados, os únicos bem posicionados, para assimilar esses progressos [dos anglo-saxões], modificando-os conforme as exigências de nossa natureza. Nós somos plenos de energia; nunca nossa inteligência foi mais aberta; nunca nossos corações bateram tanto por nobres empresas.

É indispensável que nós nos coloquemos à obra sem mais demora. É preciso, independentemente de toda concepção sobre a política universal e sobre o contato mais ou menos próximo das duas grandes civilizações. É para nós um mister e uma necessidade rigorosa [...]. Trata-se para nós mesmos, em nosso interior, de ser ou de não ser mais.

Michel Chevalier, *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836).

A França entre duas Américas

Em outubro de 1835, a viagem de Michel Chevalier às Américas entrava em sua reta final. Nesse mês, no dia 22, na cidade de Nova York, o engenheiro saint-simoniano escrevia “La démocratie”, a trigésima quarta e última de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Nessa carta, além de comparar algumas das condições sociais que diferenciavam as Américas da Europa, esboçava uma perspectiva que atribuía aos Estados Unidos ambições hegemônicas sobre todo o Novo Mundo. Ao longo desse texto, pairavam, como, em toda sua obra, ao mesmo tempo, uma preocupação iminente em relação aos interesses do “jovem colosso” acerca dos países meridionais do continente e uma profunda admiração a respeito dos feitos alcançados, em tão poucas décadas, pela república anglo-saxônica.

Ao destacar as qualidades da nação norte-americana, Michel Chevalier afirmava:

[Os norte-americanos] se abandonaram à sua natureza, tentaram sua grande experiência democrática de onde já brotam vivas luzes para a melhoria da sorte do maior número em todos os países. Resulta daí um produto político e fisiológico todo novo, uma variedade até então desconhecida da espécie humana, inferior ao tipo inglês e ao tipo francês sob muitos aspectos, particularmente no que concerne às ideias gerais, ao gosto e ao sentimento das artes; mas superior a todo o resto da família humana por uma inconcebível mistura de sagacidade, de energia e de audácia, por uma admirável aptidão

aos negócios, por um infatigável amor ao trabalho e, antes de tudo, porque ela foi a primeira a reconhecer e consagrar os direitos das classes trabalhadores, até aqui tratadas como uma vil matéria⁴³⁵.

A despeito de tal deferência, certa ambivalência se fazia também presente na sequência do texto do engenheiro saint-simoniano:

Parece, pois, que os anglo-americanos serão chamados a continuar diretamente, sem nenhuma intervenção exterior, a série de progressos que a civilização a qual nós pertencemos tem cumprido desde que ela deixou o velho Oriente, seu berço. É um povo que deixará frutos⁴³⁶.

Embora fosse lisonjeira aos Estados Unidos, pode-se dizer que essa carta de Michel Chevalier apresentava uma posição bastante dúbia em sua descrição sobre o país. Se, por um lado, expressava claramente uma admiração acerca dos desenvolvimentos econômicos e sociais da federação, por outro, mantinha latente uma clara preocupação a respeito da pretensa hegemonia que os norte-americanos estavam dispostos a exercer sobre todo o continente. Nesse ponto da argumentação, o engenheiro saint-simoniano esboçava, com o objetivo de diferenciar as regiões de colonização inglesa e espanhola no Novo Mundo, uma divisão entre “duas Américas”, uma “tedesca” – ou “germânica” – e outra “latina”:

A civilização da Europa, excetuando-se os eslavos que surgiram recentemente com brilhantismo em cena, é dividida em dois ramos, aquele do Norte e aquele do Sul, um tedesco, outro latino, que devem prosperar por meios diferentes e cujos gostos e

⁴³⁵ No original: “s'abandonnant à leur nature, ils tentèrent leur grande expérience démocratique, d'où jaillissent déjà de vives lumières pour l'amélioration du sort du plus grand nombre dans tous les pays. Il est résulté de là un produit politique et physiologique tout nouveau, une variété jusqu'alors inconnue de l'espèce humaine, inférieure au type anglais et au type français sous plusieurs rapports, particulièrement en ce qui concerne les idées générales, le goût et le sentiment des arts; mais supérieure à tout le reste de la famille humaine par un inconcevable mélange de sagacité, d'énergie et d'audace, par une admirable aptitude aux affaires, par un infatigable amour du travail, et, avant tout, parce qu'elle a été la première à reconnaître et à consacrer les droits des classes laborieuses, jusque là traitées comme une vile matière”. CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin et Cie., 1836, vol. II, pp. 404-405.

⁴³⁶ No original: “Il semble donc que les Anglo-Américains soient appelés à continuer directement, sans aucune intervention extérieure, la série des progrès que la civilisation à laquelle nous appartenons a toujours été accomplissant depuis qu'elle a quitté le vieil Orient, son berceau. C'est un peuple qui fera souche”. *Ibidem*, p. 405.

aptidões são notavelmente díspares. A sociedade americana, rebento de um desses ramos, é mais comparável a ele do que qualquer das ramificações do outro⁴³⁷.

A citação acima constitui-se como a única ocasião das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, com exceção de sua introdução – esta última escrita, possivelmente, já em território francês, em um momento posterior à carta que tem sido aqui analisada –, em que a divisão entre “germânicos” do Norte e “latinos” do Sul, tanto na Europa, quanto nas Américas, estava posta.

A despeito da afirmação das particularidades de cada uma delas e de que seus respectivos desenvolvimentos deveriam se dar de maneiras específicas, não se concebia, entretanto, esses dois paradigmas do Novo Mundo de modo equivalente. Enquanto os Estados Unidos se expandiam e apresentavam um crescimento econômico bastante relevante, a América Hispânica, ao contrário, parecia se mostrar fragilizada e praticamente disponível à voracidade dos norte-americanos:

Os hispano-americanos parecem não ser mais que uma raça impotente que não deixará posteridade, a menos que, por um desses transbordamentos que se chamam conquista, um fluxo de sangue mais rico, vindo do *Septentrion* [Norte] ou do *Levant* [Leste], preenchesse suas veias empobrecidas⁴³⁸.

A argumentação de Michel Chevalier resvalava, nesse ponto de seu texto, em uma discussão sobre as questões da imigração e da colonização como supostas formas de salvar uma região considerada “impotente” para o desenvolvimento. Note-se que o autor explicitava, na citação acima, as duas direções possíveis de onde poderiam vir esse “fluxo de sangue mais rico” capaz de preencher as veias da América Hispânica: o Norte e o Leste, isto é, os Estados Unidos e a Europa.

Nesse contexto, é preciso destacar que a menção do engenheiro saint-simoniano à pretensa debilidade hispano-americana, mesmo que questionável, não era gratuita. Estava essencialmente vinculada ao contexto político e econômico que se apresentava,

⁴³⁷ No original: “La civilisation d'Europe, abstraction faite des Slaves récemment apparus avec éclat sur la scène, est divisée en deux branches, celle du Nord, et celle du Sud, l'une tudesque, l'autre latine, qui doivent prospérer par des moyens différents, dont les goûts et les aptitudes sont notablement dissemblables. La société américaine, rejeton de l'une de ces branches, lui est beaucoup plus comparable qu'à l'une quelconque des ramifications de l'autre”. *Ibidem*, p. 413.

⁴³⁸ No original: “Les Hispano-Américains semblent n'être plus qu'une race impuissante qui ne laissera pas de postérité, à moins que, par un de ces débordements que l'on appelle conquêtes, un flot de sang plus riche, venu du Septentrion ou du Levant, ne remplisse ses veines appauvries”. *Ibidem*, p. 405.

na primeira metade do século XIX, na parte setentrional do continente, em particular nas relações entre Estados Unidos e México.

Em linhas gerais, nas décadas de 1820 e 1830, os dois países se viam, em diversos sentidos, em situações diametralmente opostas. Enquanto a federação anglófona vivenciava um período de estabilidade e prosperidade econômica, a república hispânica, enfraquecida pela guerra contra sua antiga metrópole e pelas dívidas contraídas no período da independência, convivia com uma profunda crise política e financeira. Essa dicotomia entre ambos se evidenciou ainda mais com a disputa, durante esses anos, pela região do Texas. Colonizado por uma massa de norte-americanos desde meados da década de 1820, esse território, cobiçado pelos Estados Unidos, se tornou independente do México em março de 1836. Os confrontos entre os norte-americanos ali radicados e os mexicanos haviam se iniciado, não obstante, no princípio de outubro do ano anterior, exatamente na época em que Chevalier escrevia seu texto⁴³⁹.

Afirmando a ambição dos Estados Unidos em relação às possessões da América Hispânica, Michel Chevalier destacava que “as pretensões dos Estados Unidos são sem limites; eles aspiram à suserania sobre a América do Sul”⁴⁴⁰. E, tratando especificamente da questão mexicana, prosseguia:

Eles [os Estados Unidos] cobiçam uma a uma as províncias do México, mas, a despeito das leis da moral, nas relações entre os povos, é o sucesso que faz o direito. Se os Estados Unidos subtraem as províncias mexicanas à raça espanhola, metade por procedimentos maquiavélicos, metade pela força, eles seriam responsáveis perante a humanidade e perante Deus pelas consequências desse roubo; mas não seriam os únicos. Se as regiões de que eles se apoderassem prosperam em suas mãos, a posteridade os perdoará de as ter tomado; ao contrário, ela pronunciará uma sentença severa contra os mexicanos, se, com semelhantes vizinhos às suas portas, eles seguirem apodrecendo, como hoje, ao seio de uma displicente inércia e de uma segurança estúpida, e contra as

⁴³⁹ Para a guerra de independência do Texas e as relações entre Estados Unidos e México, ver WEBER, David J. *La frontera norte de México, 1821-1846: el suroeste norteamericano en su época mexicana*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992; VÁZQUEZ, Josefina Zoraida & MAYER, Lorenzo. *México frente a los Estados Unidos: un ensayo histórico, 1776-2000*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, pp. 41-52; SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Bauru: Edusc, 2000, pp. 33-40; e FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Nuestra América: una historia hispana de Estados Unidos*. Barcelona: Fundación Rafael del Pino; Galáxia Gutenberg, 2014, pp. 204-208.

⁴⁴⁰ No original: “Les prétentions des États-Unis sont sans bornes; ils aspirent à la suzeraineté sur l'Amérique du Sud”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. II, *op. cit.*, p. 415.

potências da Europa, se elas tiverem negligenciado em adverti-los e em ajudar a despertá-los de sua letargia⁴⁴¹.

De acordo com Michel Chevalier, para além da possível absolvição dos Estados Unidos, em caso de prosperidade das regiões conquistadas, e da suposta condenação do México por sua displicência e inércia, deve-se destacar o papel atribuído pelo autor às “potências da Europa” em sua argumentação. Em sua perspectiva, explicitava-se claramente a necessidade dos países do Velho Continente de advertir e despertar os países da América Hispânica de sua pretensa letargia como forma de impedir a consolidação da hegemonia norte-americana no Novo Mundo. Subtende-se disso que, em determinados casos, considerava-se que os europeus deveriam intervir direta ou indiretamente nessas jovens nações para evitar sua absorção pelo colosso do Norte.

Para os objetivos deste capítulo, parece importante cotejar o texto analisado acima com uma carta escrita por Michel Chevalier algumas semanas antes, no dia 11 de setembro, na cidade de Albany, no Estado de Nova York. Aparentemente, bastante diversa de “La démocratie”, a missiva “L’État-Empire” apresentava algumas questões intrinsecamente relacionadas à discussão aqui proposta.

Como já discutido anteriormente, na visão do autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, os Estados Unidos seriam constituídos por dois tipos bastante característicos, responsáveis pelo balanceamento da União: o Ianque e o Virginiano. Nessa interpretação, o Oeste se configuraria como o espaço destinado a atuar no futuro como árbitro e laço entre os outros dois modelos. Entretanto, esse papel ainda era cumprido por essa região que estava ainda em vias de formação. Segundo Michel Chevalier, essa posição era ocupada, mesmo que provisoriamente, à época de sua viagem, pelos chamados “Estados do Meio” ou do “Centro”, elos, no litoral atlântico, entre a Nova Inglaterra e as zonas escravistas do país. Dentre eles, destacava-se, em sua

⁴⁴¹ No original: “Ils convoient une à une les provinces du Mexique; mais, en dépit des lois de la morale, dans les relations de peuple à peuple, c’est le succès qui fait le droit. Si les États-Unis enlevaient les provinces mexicaines à la race espagnole, moitié par des procédés machiavéliques, moitié de force, ils seraient responsables devant l’humanité et devant Dieu des conséquences de ce larcin; mais ils ne seraient pas les seuls. Si les pays dont ils se seraient emparés prospéraient entre leurs mains, la postérité leur pardonnerait de les avoir pris; au contraire, elle prononcerait un arrêt sévère contre les Mexicains, si, avec de pareils voisins à leurs portes, ceux-ci étaient restés à croupir, comme aujourd’hui, au sein d’une lâche inertie et d’une sécurité stupide, et contre les puissances de l’Europe, si elles avaient négligé de les avertir, et les aider à secouer leur léthargie”. *Ibidem*, pp. 415-416.

argumentação, Nova York, “o mais importante, não somente dos Estados do Meio, mas de toda União”⁴⁴².

Incorporando algumas das principais características do Norte e do Sul dos Estados Unidos, Nova York personificava, mesmo que de maneira imperfeita, um papel mediador no grande corpo federativo norte-americano. De acordo com Michel Chevalier, essa característica teria rendido a essa porção do país a alcunha de “Estado-Império”. Diferentemente do espírito de fragmentação dominante na Nova Inglaterra, Nova York parecia, em sua perspectiva, incorporar um discurso de unidade. Em comparação com o *self-government* predominante no restante da república, apontava para uma presença mais robusta do Estado no desenvolvimento econômico por meio de investimentos públicos no crédito, nos meios de transporte e na instrução popular. Na retórica do espelhamento utilizada por Michel Chevalier em todo o seu conjunto de cartas, “L’État-Empire” falava de Nova York, mas projetava, no limite, seu olhar na direção da França, com o objetivo de afirmar, mais uma vez, a importância da utilização de recursos governamentais na condução da economia de seu país.

Entretanto, uma outra questão bastante relevante também emergia nessa carta. Segundo Michel Chevalier, assim como Nova York, o “Estado-Império”, atuava como intermediário entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, configurando-se como o Estado mais importante do país; os franceses deveriam também se posicionar como os mediadores capazes de interligar a Europa meridional à setentrional e, conseqüentemente, as Américas espanhola e inglesa. Isso porque, em suas palavras:

É que a França é o coração do mundo. As questões da França são as questões de todos; os interesses que ela desposa não são os de uma ambição egoísta; são os da civilização. Quando a França fala, se escuta, porque os sentimentos que ela exprime não são somente os seus, são os do gênero humano. Quando ela age, se imita, porque ela faz apenas o que todos têm necessidade de fazer⁴⁴³.

Nas duas cartas acima, subjazia essencialmente uma perspectiva acerca do papel da França no mundo. Ao bifurcar as populações de origem europeia, tanto no Velho

⁴⁴² No original: “le plus important, non seulement des États du Milieu, mais de l’Union tout entière”. *Ibidem*, p. 310.

⁴⁴³ No original: “C’est que la France est le coeur du monde. Les affaires de la France sont les affaires de tous; les intérêts qu’elle épouse ne sont pas ceux d’une ambition égoïste; ce sont ceux de la civilisation. Quand la France parle, on l’écoute, parce que les sentiments qu’elle exprime ne sont pas seulement les siens à elle, ce sont ceux du genre humain. Quand elle agit, on l’imite, parce qu’elle ne fait que ce que tous ont besoin de faire”. *Ibidem*, p. 333.

como no Novo Continente, Michel Chevalier buscava construir uma visão dialética que entendia, como já discutido em capítulos anteriores, o desenvolvimento histórico das sociedades como fruto das interações e conflitos entre dois mundos antagônicos. Desse enfrentamento entre teses e antíteses, seriam necessárias sínteses. De acordo com essa visão, na Europa, entre os países teutônicos do Norte e os países latinos do Sul, a França, deveria ocupar esse papel. Na América, dividida entre norte-americanos e hispano-americanos, os franceses deveriam se candidatar também a uma posição similar. Em suma, a concepção, subentendida no texto de Chevalier, de que os países europeus teriam a obrigação de intervir no Novo Mundo como forma de evitar o avanço anglo-americano não deixava de estar relacionada, nesse sentido, com uma perspectiva que visava uma maior presença francesa nas questões geopolíticas na Europa e nas Américas.

Como se pode perceber, a argumentação de Michel Chevalier, nesses textos, estava embebida de um profundo “francocentrismo”⁴⁴⁴. Tal sentimento não era, entretanto, de modo algum, ufanista. Ao contrário, mobilizava essa retórica de maneira bastante defensiva, procurando afirmar o papel central que a França deveria ocupar no mundo e, ao mesmo tempo, prevenir seus compatriotas sobre uma possível perda de importância de seu país no contexto global, apontando para a ascensão dos anglo-saxões não somente na Europa, mas também nas Américas. Nesse sentido, o Novo Mundo se apresentava, em sua visão, como um cenário bastante propício para que os franceses atuassem para permanecer ocupando uma posição de destaque internacional.

Apresentadas essas questões iniciais, nas próximas páginas se discutirá como as ideias de “latinidade” e “francocentrismo” se desenvolveram entre as décadas de 1830 e 1850, em especial na obra de Michel Chevalier, mas também nos circuitos transatlânticos estabelecidos entre a França e a América Hispânica durante esses anos. Este capítulo não deixa de se apresentar também como uma contribuição para as análises acerca da consolidação do conceito de América Latina na retórica ocidental em meados do século XIX. Procurando ultrapassar a dicotomia em relação ao seu “mito de origem”, o objetivo deste trabalho não será determinar se foram os franceses ou os hispano-americanos os inventores do nome “América Latina”, mas sim elaborar uma reflexão acerca da circulação de ideias entre a Europa e as Américas nesse processo.

⁴⁴⁴ Ver, entre outros, PRADO, Maria Ligia Coelho. “A pena e a espada: a Revue des Deux Mondes e a intervenção francesa no México”. *Vària história*, 2014, vol. 30, n. 54, pp. 613-630.

A invenção da raça latina

Pode-se dizer que, concebido em meados da década de 1850, o conceito de “América Latina” foi sendo gestado, ao menos desde a década de 1830, nas duas margens do Atlântico. Não há, entretanto, como posicionar-se nessa discussão sem compreender antes as discussões existentes, desde meados do século XVIII, a respeito da variedade das “raças” existentes ao redor do globo.

No início do século XIX, as discussões identitárias realizadas na Europa começavam, cada vez mais, a se utilizar do conceito de “raça” para a constituição de uma divisão entre os diversos povos do mundo. De acordo com Tzvetan Todorov⁴⁴⁵, embora a palavra “raça” tenha sido, presumivelmente, utilizada pela primeira vez na França, em 1634, por François Bernier, foi com a *Histoire Naturelle*, publicada em diversos volumes entre 1749 e 1804, de George-Louis Leclerc, o conde de Buffon (1707-1788), que a discussão sobre a unidade ou diversidade dos seres humanos encontrou uma base erudita para as grandes teorizações do século XIX. Em Buffon, a despeito da concepção da existência de uma única origem para todos os homens, havia certamente uma clara hierarquização etnocêntrica e, mais especificamente, eurocêntrica entre os povos do mundo. O conde francês apontava, dessa forma, não somente para a existência de uma divisão entre grupos sociais considerados “civilizados” e “bárbaros”, mas ressaltava também a superioridade ou inferioridade de determinados grupos populacionais uns em relação aos outros. Para o autor da *Histoire Naturelle*, três eram os fatores responsáveis por determinar as divergências entre os vários tipos humanos: a cor da pele, a forma e as dimensões do corpo, e os costumes⁴⁴⁶.

Sobre o discurso racista europeu da primeira metade do século XIX, duas questões merecem ser destacadas. Em primeiro lugar, embora carregasse aspectos associados a caracteres externos, físicos e fisionômicos dos seres humanos, as práticas culturais e as origens históricas e linguísticas se configuravam também como elementos centrais para a definição do conceito de raça no período. Em segundo lugar, além de sua utilização como forma de classificar e hierarquizar os diversos grupos populacionais dispersos ao redor do mundo, essa visão racista das sociedades humanas também pautou a concepção acerca da formação dos próprios países europeus.

⁴⁴⁵ TODOROV, Tzvetan. *Nosotros y los otros: reflexión sobre la diversidad humana*. 3 ed. México: Siglo XXI, 2003, p. 121.

⁴⁴⁶ *Ibidem*, pp. 121-131; e GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo: historia de una polémica, 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, pp. 7-46.

Na França, já no início do século XIX, uma obra relevante como *De l'Allemagne* (1810), escrita por Annie-Louise-Germaine Necker, a célebre Madame de Staël (1776-1817), enquanto estava exilada nos Estados alemães por sua oposição ao governo de Napoleão Bonaparte (1799-1814), se iniciava da seguinte maneira:

Pode-se reportar a origem das principais nações da Europa a três grandes raças diferentes: a raça latina, a raça germânica e a raça eslava. Os italianos, os franceses, os espanhóis e os portugueses receberam dos romanos sua civilização e sua linguagem; os alemães, os suíços, os ingleses, os suecos, os dinamarqueses e os holandeses são povos teutônicos; enfim, entre os eslavos, os poloneses e os russos ocupam o primeiro posto⁴⁴⁷.

Madame de Staël dividia, portanto, as “raças europeias” em três grandes troncos: os latinos, os germânicos e os eslavos. Se na visão da letrada, os franceses eram os “mais cultivados” entre as “raças latinas”, os ingleses eram os “mais ilustres” entre os germânicos, exercendo ambos, por sua constituição, uma superioridade decidida entre as nações de sua estirpe⁴⁴⁸. Note-se que a definição de Madame de Staël sobre as raças europeias se pautava essencialmente em critérios culturais e não em definições fenópticas e fisionômicas. Em sua abordagem, em *De l'Allemagne*, não eram as características físicas ou biológicas que guiavam sua conceituação, mas aspectos como a língua, as origens históricas e os caracteres comportamentais e psicológicos dos diversos grupos humanos.

Parece importante mencionar, para compreender melhor o quadro, que a autora, ao se exilar nos Estados alemães, certamente inspirou-se e incorporou, em suas abordagens, algumas das ideias que vinham sendo discutidas entre as elites letradas germânicas da virada do século XVIII para o século XIX. Pode-se notar, por exemplo, algum elo entre a noção de “raça” defendida por Staël e o *Volksgeist* [espírito do povo], teorizado pelo filósofo alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803). De acordo com o pensador germânico, um dos teóricos basilares para a compreensão das origens

⁴⁴⁷ No original: “On peut rapporter l’origine des principales nations de l’Europe à trois grandes races différentes: la race latine, la race germanique, et la race esclavonne. Les Italiens, les Français, les Espagnols et les Portugais ont reçu des Romains leur civilisation et leur langage; les Allemands, les Suisses, les Anglais, les Suédois, les Danois et les Hollandais sont des peuples teutoniques; enfin, parmi les Esclavons, les Polonais et les Russes occupent le premier rang”. STAËL, Annie-Louise-Germaine Necker, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris: Libraire Stéréotype de H. Nicolle; Guyot et Pelafol Libraires, 1815, pp. 1.

⁴⁴⁸ *Ibidem*, pp. 265-266.

do nacionalismo na Europa, a cultura poderia ser concebida como o elemento central para a determinação das diferenças existentes entre os povos. Em sua visão, embora os climas e condições geográficas pudessem favorecer ou inibir determinados traços gerais do “caráter nacional”, seriam os fatores culturais, sintetizados pelas formas de governo, pela organização social, pelos costumes e pela língua, os responsáveis pelo arranque ou declínio dos povos. Ao discutir os diversos contingentes populacionais do Velho Continente, Herder não compreendia necessariamente a superioridade ou inferioridade dos diferentes paradigmas nacionais, mas, ao contrário, afirmava que cada um deles possuía suas particularidades e poderia encontrar seu desenvolvimento desde que respeitadas suas características específicas⁴⁴⁹.

Em um período mais próximo no tempo de Michel Chevalier, merecem ser citados ainda, em diálogo com essas questões, os relevantes trabalhos do historiador alemão Leopold von Ranke (1795-1886). Em suas primeiras obras, em particular em *História dos povos latinos e germânicos de 1494 a 1514* (1824), Ranke concebia a “civilização europeia” como produto historicamente formado por “latinos” e “germânicos”. Entre os primeiros, destacariam-se a Itália, a Espanha e a França; entre os últimos, a Alemanha, a Inglaterra e a Escandinávia. Para o erudito, a história da Europa poderia ser compreendida apenas por meio de uma perspectiva que articulasse não somente a dualidade entre esses dois complexos de povos, mas especialmente a unidade entre eles⁴⁵⁰.

Leitor, como evidenciava uma nota de rodapé do segundo volume de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, das obras de Madame de Staël⁴⁵¹, Michel Chevalier mantinha, conforme já discutido no primeiro capítulo desta tese, certo diálogo com ideias importantes da produção intelectual germânica do período. Além dos já mencionados ecos de Kant e Hegel em suas interpretações, também ressoavam em suas obras, como se pode perceber, elementos de Herder e Ranke. Como se discutirá na sequência, além da importância desses intercâmbios intelectuais entre as duas margens do Reno, outras referências também se apresentavam como essenciais para a constituição da ideia de “latinidade” em sua obra: além do próprio saint-simonismo, destacam-se, em suas formulações, alguns princípios do romantismo historiográfico francês.

⁴⁴⁹ BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

⁴⁵⁰ RANKE, Leopold von. “Historia de los pueblos latinos y germânicos”. In: *Pueblos y Estados en la Historia Moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.

⁴⁵¹ CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. II, op. cit., p. 326.

A despeito da centralidade da doutrina saint-simoniana na produção intelectual de Michel Chevalier, é importante ressaltar aqui a ressonância que o romantismo historiográfico francês da primeira metade do século XIX, herdeiro também, em certa medida, das reflexões de Herder e da Madame de Staël⁴⁵², encontrava na construção da ideia de “latinidade” nas obras do autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord*.

Primeiramente, é importante ressaltar que não é o objetivo deste texto se debruçar especificamente sobre o tema do Romantismo como fenômeno cultural, artístico e literário, mas apontar para algumas de suas características no campo da escrita da História como forma de melhor compreender a concepção de “latinidade” em Michel Chevalier. De maneira geral, no tocante à historiografia, é possível dizer que as narrativas do passado realizadas pelos autores românticos deixaram, em grande medida, de se apresentar, nesse período, tanto como escatologias teológicas ligadas a desígnios divinos, quanto como crônicas dos grandes reis e de “vidas ilustres”, para se tornar, em outro sentido, a biografia dos povos, dos entes culturais e das nações. Segundo Jacob Guinsburg, “a história romântica traça a trajetória de cada povo, país ou nação como se ela fosse imbuída de um *telos*, de uma finalidade a presidir-lhe o sentido de sua existência”⁴⁵³. Jules Michelet (1798-1874) apresenta-se, dessa forma, como um dos autores paradigmáticos dessa historiografia romântica francesa.

Para os interesses deste texto, valeria a pena um breve comentário sobre *Introduction à l’Histoire Universelle* (1831), obra escrita por Michelet sob o impacto da Revolução de Julho de 1830 na França, em meio ao processo de queda do governo da Restauração (1814-1830) e à ascensão ao trono do “rei-burguês” Luís Felipe de Orleans. Em seu prefácio, o historiador ressaltava que, a despeito de seu título, tal livro poderia, sem prejuízo ao seu conteúdo, ser nomeado “Introdução à História da França”. Mais do que isso, embebido por esse ideal e inspirado pelos eventos que havia acabado de presenciar, defendia a tese de que seu país estava fadado a ser dali em diante “o piloto da nau da humanidade”⁴⁵⁴. Tal concepção aparecia de maneira lapidar na seguinte argumentação:

⁴⁵² A esse respeito, ver GUINSBURG, Jacob. “Romantismo, Historicismo e História”. In: GUINSBURG, Jacob. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979; e SALIBA, Elias. Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

⁴⁵³ GUINSBURG, *op. cit.*, p. 18.

⁴⁵⁴ No original: “le pilote du vaisseau de l’humanité”. MICHELET, Jules. *Oeuvres complètes de J. Michelet: Précis d’Histoire Moderne / Introduction à l’Histoire Universelle*. Paris: Ernest Flammarion Éditeur, s.d., p. 401.

Toda solução social ou intelectual se mantém infecunda para a Europa, até que a França a tenha interpretado, traduzido, popularizado [...].

À medida que esse sentimento vem à tona entre os outros povos, eles simpatizam com o gênio francês, eles se voltam para a França; eles discernem, ao menos por sua muda imitação, o pontificado da nova civilização. O que há de mais jovem e mais fecundo no mundo, não é a América, criança séria que imitará ainda por muito tempo, é a velha França renovada pelo espírito⁴⁵⁵.

A concepção de Michelet, exposta no texto acima, apresentava-se como essencialmente “francocêntrica”. Nessa interpretação, se a França não se constituiria necessariamente como a criadora de novas soluções ou estruturas sociais, atuaria, em outro sentido, como o centro difusor das ideias mais renovadoras de seu tempo.

Na sequência dessa exposição, Michelet ia além, afirmando que:

Enquanto a civilização aprisiona o mundo bárbaro sob as garras invencíveis da Inglaterra e da Rússia, a França se imiscuirá a Europa em toda a sua profundidade. Sua íntima união será, não duvidemos disso, com os povos de línguas latinas, com a Itália e a Espanha, essas duas ilhas que somente podem se entender com o mundo moderno por intermédio da França [...].

Líder dessa grande família, a França renderá ao gênio latino algo da preponderância material que teve na Antiguidade, da supremacia espiritual que obteve na Idade Média. Nos últimos tempos, o acordo de família que unia a França, a Itália e a Espanha, em uma aliança fraterna, era uma imagem vã dessa futura união que deve reaproximá-las em uma comunidade de vontades e pensamentos⁴⁵⁶.

⁴⁵⁵ No original: “Toute solution sociale ou intellectuelle reste inféconde pour l'Europe, jusqu'à ce que la France l'ait interprétée, traduite, popularisée [...]. A mesure que ce sentiment vient à poindre chez les autres peuples, ils sympathisent avec le génie français, ils deviennent France; ils lui décernent, au moins par leur muette imitation, le pontificat de la civilisation nouvelle. Ce qu'il y a de plus jeune et de plus fécond dans le monde, ce n'est point l'Amérique, enfant sérieux qui imitera longtemps, c'est la vieille France, renouvelée par l'esprit”. *Ibidem*, pp. 468-469.

⁴⁵⁶ No original: “Tandis que la civilisation enferme le monde barbare dans les serres invincibles de l'Angleterre et de la Russie, la France brassera l'Europe dans toute sa profondeur. Son intime union sera, n'endoutons point, avec les peuples de langues latines, avec l'Italie et l'Espagne, ces deux îles qui ne peuvent s'entendre avec le monde moderne que par l'intermédiaire de la France [...]. Chef de cette grande famille, la France rendra au génie latin quelque chose de la prépondérance matérielle qu'il eut dans l'Antiquité, de la suprématie spirituelle qu'il obtint au Moyen-âge. Dans les derniers temps, le traité de famille qui unissait la France, l'Italie et l'Espagne, dans une alliance fraternelle, était une vaine image de cette future union qui doit les rapprocher dans une communauté de volontés et de pensées”. *Ibidem*, pp. 469-471.

A França deveria, portanto, como se depreende do texto de Michelet, liderar os demais países “latinos” da Europa, nomeadamente a Itália, nessa época ainda não unificada, e a Espanha. Um país como Portugal, por exemplo, sequer era mencionado. A esse respeito, é preciso ressaltar a posição ambígua que a ideia de “latinidade” adquiria no excerto, funcionando, ao mesmo tempo, como signo de identidade e alteridade. Enquanto conceitos como “união” e “fraternidade” denotariam uma identidade entre essas três nações; ideias que atribuíam à França o papel de “líder dessa grande família” e “intermediária” entre suas “irmãs” e o “mundo moderno” explicitariam uma clara hierarquização dentro dessa “comunidade latina”. Nessa perspectiva, embora todos os países citados pertencessem à mesma cepa cultural, somente a França seria capaz de conduzir a latinidade europeia na rota da modernidade e das luzes.

Em diálogo com as ideias românticas, relacionadas à conformação de uma ideia de “latinidade” dos países da Europa meridional, estava o saint-simonismo, tão presente na obra de Michel Chevalier.

Uma passagem para as Luzes

Conforme já destacado anteriormente, Michel Chevalier foi, durante sua juventude, seguidor dos preceitos do conde Claude Henri de Saint-Simon (1760-1825) e discípulo do célebre saint-simoniano Barthélemy-Proper Enfantin (1796-1864), também chamado por seus adeptos de *Le père*. Entusiastas dos meios de transporte e das possibilidades da indústria, os saint-simonianos contribuíram não somente para expansão dos sistemas de circulação na França ao longo do século XIX, mas estiveram entre os principais teóricos da construção de canais interoceânicos que interligassem a Europa ao Extremo Oriente⁴⁵⁷. De acordo com Edmund Wilson, o próprio Saint-Simon, que circulou pelas Américas após lutar contra os ingleses na guerra de independência dos Estados Unidos, teria sugerido ao vice-rei da Nova Espanha a construção de um canal que cortasse o istmo do Panamá, levando os europeus diretamente para o Pacífico, já em 1799⁴⁵⁸.

⁴⁵⁷ Ver PICON, Antoine. *Les saint-simoniens: raison, imaginaire et utopie*. Paris: Belin, 2002, pp. 239-245; YANG, Jae Hyuk. *L'Orient de Saint-Simon et des saint-simoniens: une étude du discours (1825-1840)*. Thèse (Doctorat d'Histoire). Paris: Université Paris VIII – Saint-Denis, 2012 e RUSS, J. *O socialismo utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 193-195.

⁴⁵⁸ WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 99.

A edificação de vias interoceânicas ligando a Europa à Índia e à China se apresentava como um dos temas mais relevantes, por exemplo, na obra do primeiro mestre de Michel Chevalier, o líder saint-simoniano Enfantin. Os desejados canais a serem construídos nos istmos de Suez e do Panamá eram apontados por *Le père* como as duas metades de uma grande “*œuvre industrielle*” (“obra industrial”). As aberturas de rotas de circulação no Egito e na América Central na direção do Extremo Oriente se configuravam, dessa forma, como partes de um grande projeto de interligação do globo sob os auspícios do Ocidente e, em particular, da França.

Em carta enviada a Émile Barrault, em agosto de 1833, por exemplo, Enfantin declamava:

A nós, cabe fazer,
Entre o antigo Egito e a velha Judeia,
Uma das duas novas rotas da Europa
Rumo à Índia e à China,
Mais tarde, abriremos também outra
No Panamá.
Colocaremos, pois, um pé sobre o Nilo,
Outro sobre Jerusalém,
Nossa mão direita se estenderá em direção à Meca.
Nosso braço esquerdo cobrirá Roma
E se apoiará ainda sobre Paris⁴⁵⁹.

Fincar os pés no chamado Oriente Médio e abrir novas rotas, por meio do canal de Suez, para o Oriente constituíam-se, na pregação de Enfantin, apenas como a metade da grande “obra industrial” saint-simoniana. Esse projeto estaria completo, nessa perspectiva, somente com abertura de uma passagem marítima interligando os oceanos Atlântico e Pacífico no istmo do Panamá.

Ao se tomarem em conjunto as concepções do industrialismo saint-simoniano e do romantismo historiográfico do início do século XIX mencionadas acima,

⁴⁵⁹ No original: “C’est à nous de faire, / Entre l’antique Égypte et la vieille Judée, / Une des deux nouvelles routes de l’Europe / Vers l’Inde et la Chine, / Plus tarde nous percerons aussi l’autre / A Panama. / Nous poserons donc un pied sur le Nil, / L’autre sur Jérusalem, / Notre main droite s’étendra vers la Mecque. / Notre bras gauche couvrira Rome / Et s’appuiera encore sur Paris”. ENFANTIN, Barthélémy-Prosper. *Œuvres de Saint-Simon et de Enfantin publiées par les membres du conseil institué par Enfantin pour l’exécution de ses dernières volontés et précédées de deux notices historiques*. Paris: E. Dentu Éditeur, 1866, vol. IX, p. 56.

evidenciam-se alguns tópicos em circulação no ambiente intelectual e político francês no início da década de 1830. Em primeiro lugar, partindo de uma ideia que destacava a centralidade francesa como eixo difusor de “luzes” e “civilização”, ambas as correntes explicitavam concepções que definiam a França como origem e farol da modernidade. De um lado, por meio de uma visão mais prática que apontava para projetos estruturais, como a construção de canais que permitissem a circulação de pessoas, ideias e mercadorias ao redor do globo, promovendo assim uma marcha inalienável de “progresso” e “modernidade”; de outro, por meio de uma visão mais idealista que previa como destino da nação francesa a responsabilidade pela vitória irreversível da “civilização” ao redor do mundo. Essas concepções, somadas a uma pretensa liderança que esse país deveria exercer em relação aos demais povos da Europa considerados latinos, formavam algumas das balizas que permitem uma interpretação mais aprofundada acerca da ideia de “latinidade” nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, de Michel Chevalier.

É importante ressaltar que, mesmo que tenha ocorrido após seu rompimento com Enfantin em 1832⁴⁶⁰, a viagem de Michel Chevalier às Américas era vista de maneira bastante positiva, de modo geral, pelos saint-simonianos. Escrevendo, em 1834, não por coincidência, na cidade egípcia do Cairo, a dois de seus mais fiéis discípulos, Henri Fournel e Charles Lambert, *Le père* destacava, a despeito de sua ruptura com “Michel”, o papel de “preparadores” que os saint-simonianos, declaradamente ele e o próprio Chevalier, teriam na grande obra universal que se constituiria a partir da interligação entre o Ocidente e o Oriente: “Tenho [...] a fé *ilimitada* que a obra se fará [...]; falo da obra de *Suez*, que é somente a metade da OBRA INDUSTRIAL; tenho a fé também quase ilimitada que MICHEL [Chevalier] não fará a do Panamá, mas que ele a *preparará*”⁴⁶¹.

Enfantin, portanto, se arrogava no Egito o papel de preparador da “obra industrial”, representada em uma de suas faces por *Suez*, bem como apontava para a figura de Chevalier como aquele que teria papel equivalente na abertura do canal do Panamá.

Mesmo que se constituísse como um tema menor nos escritos do próprio Saint-Simon, a questão dos intercâmbios entre o Ocidente e o Oriente ocupou, conforme

⁴⁶⁰ Ver Capítulo 1.

⁴⁶¹ No original: “J’ai [...] la foi *indéfinie* que l’oeuvre se fera [...] je parle de l’oeuvre de *Suez*, que n’est que la moitié de l’OEUVRE INDUSTRIELLE; j’ai presque la foi aussi indéfinie que MICHEL ne fera pas celle de Panama, mais qu’il la *préparera*”. ENFANTIN, *op. cit.*, p. 194.

discutiu-se no primeiro capítulo desta tese, um lugar central nas obras de seus discípulos. Com frequência, os textos saint-simonianos sublinhavam, ao tratar dessas temáticas, não somente o papel da França como “civilizadora” dos Orientais, como também uma clara simbiose entre a suposta missão universal do Ocidente e os interesses particulares dos franceses.

Essa perspectiva ficava evidente, por exemplo, no ensaio *Les deux mondes*, escrito pelo também discípulo de Enfantin, Gustave d’Eichthal, autor, não por acaso, citado por Michel Chevalier nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*:

Há em nosso planeta duas grandes divisões, o Ocidente e o Oriente (a); duas grandes fés religiosas, o cristianismo e o islamismo (b); dois povos e duas cidades que representam particularmente o hemisfério ao qual pertencem; para o Ocidente, os franceses e Paris, para o Oriente, os turcos e Constantinopla (c)⁴⁶².

Os franceses se constituíam, nessa abordagem, como o povo representativo do hemisfério ocidental e Paris se apresentaria como sua capital.

Para além das questões a esse respeito já discutidas no primeiro capítulo desta tese, pode-se dizer que as relações entre Ocidente e Oriente ocupavam uma parte considerável da “Introdução” às *Lettres sur l’Amérique du Nord*⁴⁶³. Em primeiro lugar, Michel Chevalier sustentava, nesse texto, a existência sobre o globo de duas grandes civilizações, ambas nascidas, segundo ele, no chamado Oriente Próximo. A primeira delas, a “civilização ocidental”, teria marchado, partindo dessa região inicial, na direção do oeste e encontrado sua síntese na formação da Europa. A segunda, denominada como “civilização oriental”, teria se desenvolvido em sentido inverso, na direção do leste, passando pela Índia e culminando no Japão e na China. De acordo com Michel Chevalier, essas duas formações sociais distintas, embora separadas por um longo tempo e desenvolvidas por meio de paradigmas diversos, estavam próximas de se reunirem por intermédio da presença “ocidental/europeia” na América. Segundo ele:

⁴⁶² No original: “Il y a sur notre planète deux grande division, l’Occident et l’Orient (a); deux grandes fois religieuses, le chistianisme et l’islamisme (b); deux peuples et deux villes qui représentent particulièrement l’hémisphère auquel ils appartiennent; pour l’Occident, les Français et Paris, pour l’Orient, les Turcs et Constantinople (c)”. D’EICHTHAL, Gustave. *Les deux mondes*. Paris: Arthur Bertrand Libraire-Éditeur, 1836, pp. 3-4.

⁴⁶³ Discuti a introdução das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, em SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. “A latinidade e as Luzes: a França, o Oriente e o lugar das Américas nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, de Michel Chevalier (1836)”. *Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 335-357.

As duas civilizações ocidental e oriental, recolhidas em feixes restritos às duas extremidades do velho continente, uma de costas para o outra, estavam separadas por um espaço imenso, até que a primeira fosse se estabelecer na América. Hoje mais da metade da distância foi transposta; o México e a América do Sul estão cobertos de rebentos da civilização ocidental, tanto sobre a encosta que mira a Ásia, como sobre aquela que está em face de nós; os Estados Unidos não se demorarão a se estender, eles também, de um mar a outro; as ilhas do mar do Sul começam a se povoar de europeus.

Desse ponto de vista, é claro que a América, posta entre as duas civilizações, está reservada a altos destinos e que os progressos realizados pelas populações do Novo Mundo importam no mais alto grau ao progresso geral da espécie.

O contato entre as duas civilizações, ocidental e oriental, é, não obstante, o mais importante assunto do qual o espírito humano pode se ocupar⁴⁶⁴.

Na concepção de Michel Chevalier, à América estaria reservado, portanto, um lugar central na marcha rumo ao “progresso geral da espécie”, especificamente por sua geografia propícia para reunir o Ocidente e o Oriente. Esse encontro entre as duas partes do mundo resultaria, em sua visão, na remissão política, religiosa, moral, intelectual e industrial do gênero humano.

Como vem sendo discutido ao longo dos capítulos deste trabalho, para Michel Chevalier, os desígnios utópicos nunca surgiam divorciados das questões econômicas. Nesse sentido, a grande obra de “associação universal” encampada pelos saint-simonianos e, em particular, pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, não deixava de explicitar, por exemplo, sua profunda vinculação com as possibilidades comerciais a serem abertas pelo contato com o Oriente, em especial com a China e seus cerca de duzentos milhões de habitantes:

A emancipação da América do Norte e, mais recentemente, a supressão do monopólio da companhia inglesa das Índias, deram aos esforços do comércio uma intensidade

⁴⁶⁴ No original: “Les deux civilisations occidentale et orientale, ramassés en faisceaux serrés aux deux extrémités de l’ancien continent et se tournant le dos, étaient séparées par un espace immense, avant que la première ne fût allée s’établir en Amérique. Aujourd’hui plus de la moitié de la distance est franchie ; le Mexique et l’Amérique du Sud son couverts de rejotons de la civilisation occidentale, aussi bien sur le versant que regarde l’Asie, que sur celui que est en face de nous ; les États-Unis ne peuvent tarder longtemps à s’étendre, eux aussi, d’une mer à l’autre ; les îles de la mer du Sud commencent à se peupler d’Européens. // De ce point de vue, il est clair que l’Amérique, posée entre les deux civilisations, est réservée à des hautes destinées, , et que les progrès réalisés par les populations du nouveau monde important au plus haute degré au progrès général de l’espèce // La mise en rapport des deux civilisations, occidentale et orientale, et sans contredit le plus large sujet dont l’esprit humain puisse s’occuper”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, op. cit., p. VI.

insuperável. Diante disso, as leis que fecham o império celestial [China] estão sem força. A China está cercada, ao sul pelos ingleses da Índia ou por seus tributários; ao norte, pelos Cossacos, vanguarda da Rússia; as frotas britânicas e as esquadras americanas a espiam das costas do Oceano; os espanhóis adormecidos do México e das Filipinas, lembrando-se de seus galeões, têm sobre ela seus olhos entreabertos. O gênero humano acaba de tomar posse de novos meios de comunicações que encurtam as distâncias em uma proporção inesperada. As duas civilizações não tardarão a se aproximar e a se misturar. Esse será o maior feito da história da espécie humana⁴⁶⁵.

Ressaltava-se, na citação acima, como é possível notar, a profunda vinculação entre a utópica “obra industrial” de interligação entre Ocidente e Oriente e a atividade comercial cada vez mais intensa dos europeus no continente asiático em meados do século XIX. Desse modo, entre a apresentação de um projeto universalista francocêntrico e o pragmatismo das grandes empresas, evidenciava-se, no limite, a centralidade que a atividade econômica cumpria no projeto saint-simoniano.

Na perspectiva de Michel Chevalier, após terem encerrado, em grande parte, no início do século XIX, seu ciclo de colonização nas Américas, os ocidentais deveriam, sem abandonar seus enclaves no Novo Mundo, se voltar com atenção também para as regiões habitadas pelos povos árabes, em especial por conta do enfraquecimento pelo qual vinha passando o Império Otomano, detentor da maior parte desses territórios, à época. Esse reposicionamento poderia fazer com que os europeus marcassem presença nos dois espaços privilegiados para a construção das vias de ligação com o Extremo Oriente: o chamado Oriente Próximo e a América Central. Nesses locais, estavam, conforme essa projeção, as duas regiões mais adequadas para a construção de canais interoceânicos que interligassem os oceanos Atlântico e Pacífico: os istmos de Suez e do Panamá. Segundo ele:

Atualmente, a superioridade incontestável adquirida pelos Ocidentais em riquezas, em recursos mecânicos, em meios de transporte, na arte da administração e da guerra, lhes

⁴⁶⁵ No original: “L’émancipation de l’Amérique du Nord et, tout récemment, la suppression du monopole de la compagnie anglaise des Indes, ont donné aux efforts du commerce une intensité insurmontable. Devant lui, les lois que ferment le céleste empire sont sans force. La Chine est cernée, au sud par les Anglais de l’Inde ou par les tributaires ; au nord, par les Cosaques, avant-garde de la Russie ; les flottes britanniques et les escadres américaines l’épient du côté de l’Océan ; les espagnols assoupis du México et des Philippines, que souviennent des galeons, tiennent sur elle leurs yeux entr’ouverts. Le genre humain vient d’entrer en possession de nouveau moyens de communication que raccourcissent les distances dans une proportion inespérée. Les deux civilisations ne tarderont pas a se joindre et a se mêler. Ce sera le plus grande fait de l’histoire d’espèce humain”. *Ibidem*, p. VII-VIII.

permite postar-se hoje na direção da Ásia, a mais longínqua, através do velho mundo. Os povos que temos o hábito de chamar Orientais, mas que apenas são o *Pequeno Oriente*, cessaram de ser para a Europa adversários temíveis [...]. Hoje, enfim, a colonização da América está terminada, da baía do Hudson ao cabo Horn. A Europa pode e deve se mover na direção do Levante [Leste] tanto quanto rumo ao Poente [Oeste]. O istmo de Suez tem tantas chances quanto o istmo do Panamá para se tornar a passagem da civilização ocidental em suas expedições rumo ao *Grande Oriente*⁴⁶⁶.

Mapa 4: Carte de l'isthme de Panama

Fonte: CHEVALIER, Michel. *L'isthme de Panama*. Paris: Libraire Charles de Gosselin, 1844.

Os canais interoceânicos de Suez e do Panamá representariam, portanto, as vias de passagem da “civilização ocidental” em seu caminho irreversível na direção do

⁴⁶⁶ No original: “Maintenant, la supériorité incontestablement acquise aux Occidentaux en richesses, en ressources mécaniques, en moyens de transport, dans l’art d’administration e dans celles de la guerre, leur permet de se faire jour vers Asie, la plus reculée, au travers de l’ancien monde. Les peuples que nous avons l’habitude d’appeler Orientaux, mais que ne sont que du *Petit Orient*, ont cessé d’être pour l’Europe des adversaires redoutable [...]. Aujourd’hui enfin, la colonisation de l’Amérique est achevée, da la baie d’Hudson au cap Horn. L’Europe peut et doit se mouvoir dans la direction du Levant tout aussi bien que vers le Couchant. L’istme de Suez a autant de chances que l’istme du Panama pour devenir le passage de la civilisation occidentale dans ses expéditions vers le *Grand Orient*”. *Ibidem*, p. IX-X.

Oriente distante. Ao definir, na “Introdução” às *Lettres sur l’Amérique du Nord*, a superioridade em termos de riqueza, recursos mecânicos, meios de transporte, administração e guerra dos ocidentais em relação aos orientais, Michel Chevalier concebia um grande projeto de interligação entre as diversas partes do mundo, por meio da circulação de letrados, mercadores, comerciantes, exploradores e colonizadores de origem europeia. Ao construir esse panorama, o engenheiro saint-simoniano não deixava de redefinir, de certa forma, também as posições da França e das Américas nesse tabuleiro global.

As duas Américas

Parece importante, mais uma vez, apontar para a existência, no texto de Michel Chevalier, de uma profunda vinculação entre o projeto de integração das “duas partes do mundo”, o Ocidente e o Oriente, e sua compreensão acerca do lugar que a França e as Américas de maneira geral deveriam ocupar no mundo. Nesse sentido, para analisar as decorrências da defesa de Michel Chevalier em relação a esse grande projeto de “associação universal” e a construção de uma ideia de “latinidade” nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, algumas questões merecem ser discutidas. Em especial a concepção presente no texto do autor que afirmava a existência, no Novo Mundo, de “duas Américas”.

É preciso mencionar, em primeiro lugar, que, assim como havia sido esboçado alguns anos antes por Ranke, na visão do engenheiro francês, a civilização europeia procedia essencialmente de duas formações sociais primitivas, os romanos e os germânicos. Esses dois povos teriam originado, inicialmente, “duas Europas”. Enquanto a primeira teria se formado nas regiões meridionais do continente, adotado o catolicismo como religião e se alicerçado sobre línguas de origem latina, a segunda habitava o norte do Velho Mundo, adotara o protestantismo e falava línguas de origem teutônica. Na interpretação de Michel Chevalier, embora tenha sido constituída na Europa, essa mesma estrutura havia se reproduzido também, a partir do século XVI, no Novo Mundo. Segundo ele: “A América do Sul é, como a Europa Meridional, católica e latina. A América do Norte pertence a uma população protestante e anglo-saxônica”⁴⁶⁷.

⁴⁶⁷ No original: “Les deux rameaux, latin et germain, se sont reproduit dans le Nouveau Monde. L’Amérique du Sud est, comme l’Europe méridionale, catholique et latine. L’Amérique du Nord appartient à une population protestante et anglo-saxonne”. *Ibidem*, p. X.

Antes de prosseguir com a análise da introdução das *Lettres sur l'Amérique du Nord*, parece importante destacar a utilização, na citação acima, do conceito de “anglo-saxão”, e não “germânico” ou “teutônico”, para se referir à população da América do Norte. Assim como na perspectiva de Madame de Staël, os anglo-saxões se constituiriam, na visão de Michel Chevalier, como a principal vertente da “raça germânica”, sendo representados principalmente pelos ingleses e norte-americanos dos dois lados do Atlântico.

Em linhas gerais, o conceito de “anglo-saxão” remontaria, em um primeiro momento, ao início do período medieval, quando o leste e o sul da Grã-Bretanha foram ocupados por anglos, saxões e jutos, povos de origem germânica que vinham migrando em direção ao Oeste da Europa, aproveitando-se da decadência do Império Romano do Ocidente. A despeito disso, foi apenas em meados do século XVIII, que a afirmação de uma “raça anglo-saxônica” começou a ser retomada com mais força ao norte da Canal da Mancha. Pode-se dizer que a construção de uma identidade “anglo-saxônica” na Europa denotava, tanto a formulação de uma clara contraposição às sociedades europeias consideradas de origem “latina”, compreendidas como mais centralizadas politicamente, como a justificativa da preeminência inglesa sobre todo o Reino Unido. Por um lado, em termos políticos significava um rechaço ao suposto caráter hierárquico das populações de origem romana e, ao mesmo tempo, a exaltação de uma pretensa natureza parlamentar dos germânicos. Por outro, evidenciando uma discussão sobre a balança de poder interna do Reino Unido, pretendia frisar a superioridade dos “anglo-saxões” ingleses sobre as demais regiões da Grã-Bretanha – a Escócia, o País de Gales, a Cornualha e, especialmente, a Irlanda – associadas aos celtas⁴⁶⁸.

Esboçada já em fins do século XVIII, a identidade anglo-saxônica se constituía, por volta da década de 1830, como lugar-comum nos meios intelectuais ingleses, encontrando ecos não somente nos demais países europeus, mas também nos Estados Unidos⁴⁶⁹. Ao destacar os ingleses e norte-americanos como “anglo-saxões”, Michel Chevalier parecia sublinhar que, tanto na Europa, quanto nas Américas, os “latinos” não estariam se defrontando com quaisquer povos germânicos, mas sim com os membros mais relevantes desse grupo.

⁴⁶⁸ Sobre essa questão da construção de uma identidade anglo-saxônica, ver STOCKING JR., George W. *Victorian Anthropology*. Nova York: The Free Press, 1987, pp. 62-69.

⁴⁶⁹ JUNQUEIRA, Mary Anne. *Velas ao mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1842), a viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015, pp. 144-148.

Nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, Michel Chevalier afirmava que se, no passado, os “latinos” foram hegemônicos sobre o mundo ocidental, corriam o risco de serem superados, em meados do século XIX, não somente pelos “anglo-saxões”, mas também por um novo elemento constituinte da civilização europeia: os eslavos do leste europeu, representados principalmente pela Rússia.

Nessa Europa de “três faces” – latina, germânica e eslava –, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava a hibridez essencial de dois países do Velho Continente: a Áustria – meio germânica, meio eslava e, não obstante, católica – e a França – mescla de latinos e germânicos. Embora definisse sua pátria como “católica por sentimento e protestante por humor”⁴⁷⁰, Michel Chevalier entendia que, a despeito de sua formação mista, haveria em seu país uma evidente predominância de caracteres latinos. Austríacos e franceses teriam, por sua natureza, nessa interpretação, a função de promover o equilíbrio de forças na balança europeia. Ambos exerceriam, nessa concepção, influência decisiva sobre os destinos do Velho Continente.

Apesar de conceber uma suposta relevância francesa no cenário internacional, Michel Chevalier temia que apenas ingleses e russos mostrassem interesse sobre a “Ásia longínqua”, pressionando suas fronteiras sobre a terra e sobre os mares. Defendia, em oposição, uma ação mais incisiva dos povos latinos nesse processo expansionista como forma de recuperar sua influência nos destinos globais. Segundo ele, “os povos de cepa latina não devem [...] permanecer inativos diante do que se prepara; eles não podem sem incorrer à decadência. É uma admirável ocasião que se lhes oferece para reconquistar a posição que perderam”⁴⁷¹.

Diferentemente de Jules Michelet, que, poucos anos antes, defendia uma visão bastante otimista sobre o lugar da França no contexto internacional, Michel Chevalier demonstrava, como se pode perceber, certa preocupação a respeito da posição de seu país no mundo diante de avanços dos russos e, principalmente, dos anglo-saxões. A identidade latina dos franceses possuía, nesse sentido, na “Introdução” às *Lettres sur l'Amérique du Nord*, assim como na já citada obra de Michelet, feições claramente

⁴⁷⁰ No original: “catholique par sentiment, et protestante par humeur”. CHEVALIER, *Lettres sur l'Amérique du Nord*, vol. I, op. cit., p.XI.

⁴⁷¹ No original: “Les peuples de souche latine ne doivent [...] pas rester inactifs dans ce qui se prepare; ils ne peuvent pas sans encourir la déchéance. C’est une admirable occasion que leur est offerte pour reconquérir le rang qu’ils ont perdu”. *Ibidem*, p. XI.

hierárquicas que posicionavam seu país à cabeça dessa “família” identitária. A França seria, nessa concepção, a “sumidade do grupo latino; sua protetora”⁴⁷².

Conforme o autor, o exercício da liderança sobre os demais povos dessa cepa, não somente na Europa, mas também nas Américas, se constituiria como a grande missão a ser cumprida pelos políticos, letrados e mercadores franceses nos anos que se seguissem. Fazendo também referência à presença francesa na Argélia desde 1830 e apontando para a influência que seu país deveria exercer sobre as populações de origem árabe que margeavam o Mediterrâneo, Michel Chevalier afirmava:

Nos eventos que parecem logo vir à tona, a parte da França, pode, pois, tornar-se grande. A França é depositária dos destinos de todas as nações do grupo latino nos dois continentes. Apenas ela pode impedir que essa família inteira de povos seja tragada pelo duplo transbordamento de Germânicos ou Saxões e Eslavos. Cabe a ela despertá-los da letargia em que estão mergulhados nos dois hemisférios, de elevá-los ao nível das outras nações, e de colocá-los em condições de figurar no mundo. Ela é chamada, talvez mais que todas as outras, a favorecer o desenvolvimento da vitalidade que parece se reanimar entre os árabes, e incentivar, por meio deles, o Extremo Oriente⁴⁷³.

E arrematava:

Assim a cena política, examinada do ponto de vista francês, oferece em segundo plano, à distância ainda, o contato das duas civilizações do Oriente e do Ocidente, ao qual nós somos chamados a contribuir como intermediários, e, daqui em diante, [com] a educação pela França de todos os povos latinos, e de uma grande parte das populações árabes vizinhas do Mediterrâneo⁴⁷⁴.

⁴⁷² No original: “la sommité du groupe latin; elle en est la proctettrice”. *Ibidem*, p. XII.

⁴⁷³ No original: “Dans les événements qui semblent devoir bientôt poindre, la part de la France, peut donc redevenir grande. La France est dépositaire des destinées de tout des nations du groupe latin dans les deux continents. Elle seule peut empêcher que cette famille entière de peuple ne soit engloutie dans le double débordement des Germains ou Saxons et des Slaves. Il lui appartient de les réveiller de la léthargie où ils sont plongés dans les deux hemisphères, de les élever au niveau des autres nations, et de les mettre en mesure de figurer dans le monde. Elle est appelée, peut-être aussi plus que tout autre, à favoriser le développement de la vitalité qui paraît se ranimer parmi les arabes, et à secouer par eux l’extrême Orient”. *Ibidem*, pp. XII-XIII.

⁴⁷⁴ No original: “Ainsi la scène politique, examinée du point de vue français, offre sur le second plan, à distance encore, le contact des deux civilisations d’Orient et d’Occident, auquel nous sommes appelé à contribuer par intermédiaire, et, en avant, l’éducation par la France de tous les peuples latin, et d’une grande partie des populations arabes voisines de la Méditerranée”. *Ibidem*, pp. XII-XIII.

Michel Chevalier sublinhava a existência de grandes possibilidades para a França, especificamente por seu papel como “depositária dos destinos de todas as nações do grupo latino nos dois continentes”. Assim como era possível perceber em Michelet, esse país seria, nessa perspectiva, o único entre as nações de origem latina capaz de despertar os membros dessa “família” de sua letargia e posicioná-los de maneira que pudessem fazer frente às nações anglo-germânicas e eslavas. A proposição ensaiada na obra do historiador romântico é, entretanto, bastante ampliada na introdução das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, em que se atribuíam características “latinas” não somente aos países europeus desse ramo cultural e linguístico, mas também à “América do Sul”. Nas palavras de Chevalier, “a França me parece chamada a exercer um benevolente e fecundo mecenato sobre os povos da América do Sul, que estão ainda longe de se bastarem a si mesmos”⁴⁷⁵.

A França não deveria ser, portanto, na visão do autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, somente a intermediária entre os países da “Europa latina” e o mundo moderno como em Michelet, mas também tutora dos povos árabes do Mediterrâneo e das populações “latinas” da América. Ao ocupar esse lugar no mundo, esse país estaria apto a cumprir sua missão no globo, promovendo a grande “obra industrial” por meio da interligação entre o Ocidente e o Oriente.

Entretanto, a despeito da afirmação de que os povos “sul-americanos” “não se bastavam a si mesmos”, Michel Chevalier não deixava chamar a atenção para a situação desfavorável para os franceses no quadro geopolítico internacional. A esse respeito, o engenheiro saint-simoniano entendia que, embora os latinos houvessem exercido, por muito tempo, sua hegemonia sobre os povos ocidentais, no século XIX, esse papel vinha sendo ocupado pelas sociedades de origem anglo-saxônica não somente na Europa, mas também por seus descendentes no Novo Mundo. Ao ponderar sobre os desenvolvimentos industriais de sua época, Michel Chavalier entendia ser possível que essa preeminência não somente se mantivesse pelos anos seguintes, mas que, ao contrário, se ampliasse.

Dessa forma, as inovações trazidas pelos povos de origem anglo-saxônica, longe de serem recusadas pelos latinos, deveriam ser, em certa medida, incorporadas em seu desenvolvimento. A capacidade de liderar as nações dessa “família”, promovendo a apropriação de elementos industriais alheios, embora respeitando as suas próprias

⁴⁷⁵ No original: “La France me semble appelé à exercer un bienveillant et féconde patronage sur les peuples de l’Amérique du Sud, qui sont encore hors d’état de se suffire à eux-mêmes”. *Ibidem*, p. XIII.

particularidades culturais, resultaria, dessa forma, para a França, na definição de seu papel, como protagonista ou coadjuvante, não somente entre seus pares latinos, mas em um contexto mais amplo de disputas globais. Em suas palavras:

Nós, franceses, nós somos, de toda a família latina, os mais bem posicionados, os únicos bem posicionados, para assimilar esses progressos, modificando-os conforme as exigências de nossa natureza. Nós somos plenos de energia; nunca nossa inteligência foi mais aberta; nunca nossos corações bateram tanto por nobres empresas⁴⁷⁶.

E concluía:

É indispensável que nós nos coloquemos à obra sem mais demora. É preciso, independentemente de toda concepção sobre a política universal e sobre o contato mais ou menos próximo das duas grandes civilizações [Ocidente e Oriente]. É para nós um mister e uma necessidade rigorosa, mesmo supondo-se que não tenhamos a transmitir aos Meridionais, dos quais nós somos os primogênitos, e aos povos que habitam o Leste do Mediterrâneo, os melhoramentos que sua situação reclama e que estão dispostos a receber de nós. Trata-se para nós mesmos, em nosso interior, de ser ou de não ser mais⁴⁷⁷.

Em linhas gerais, nessa perspectiva, ou a França assumiria o papel de liderar as nações “latinas” da Europa e das Américas nas rotas da “civilização” e do “progresso” universais, ou perderia, paulatinamente, espaço em um mundo dominado por anglosaxões e eslavos. Tratava-se, nesse sentido, de “ser ou não ser” não somente a principal potência “latina” do mundo, mas de manter sua relevância em um contexto global.

É importante destacar, nesse contexto, que a liderança francesa sobre os povos da América meridional carregava uma multiplicidade de significados. Em síntese, ressaltaria a influência geopolítica francesa sobre uma parte considerável do globo,

⁴⁷⁶ No original: “Nous Français, nous sommes, de toute la famille latine, les mieux placés, les seuls bien placés, pour nous assimiler ces progrès en les modifiant conformément aux exigences de notre nature. Nous sommes pleins d’énergie ; jamais notre intelligence ne fut plus ouverte ; jamais nos coeurs n’ont plus demandé à battre pour de nobles entreprises”. *Ibidem*, p. XIV-XV.

⁴⁷⁷ No original: “Il est indispensable que nous nous mettions à l’oeuvre sans plus de retard. Il le faut, abstraction faite de toute conception sur la politique universelle, et sur le contact plus ou moins prochain des deux grandes civilisations. C’est pour nous un besoin et une nécessité rigoureuse, même en supposant que nous n’ayons point à transmettre aux Méridionaux, dont nous sommes les aînés, et aux peuples qui habitent l’Est de la Méditerranée, les améliorations que leur situation réclame, et qu’ils sont disposés à recevoir de nous. Il s’agit pour nous-mêmes, dans notre intérieur, d’être ou de n’être plus”. *Ibidem*, p. XIV-XV.

combateria a pretensa hegemonia dos anglo-saxões da Europa e das Américas sobre seus rivais latinos dos dois lados do Atlântico e exerceria seu poder sobre uma região estratégica para os projetos de interligação entre o Ocidente e o Oriente na América Central.

Ressaltando que Michel Chevalier não utilizou a denominação “América Latina” em seu texto, deve-se sublinhar que a “latinidade” da América Hispânica apresentava, portanto, nesse primeiro momento, um sentido muito mais amplo do que apenas evidenciar questões internas do Novo Mundo. Representava, de forma muito marcante, um artefato retórico na disputa francesa pelos destinos do globo. Incorporado ao debate político das primeiras décadas do século XIX, esse conceito conheceu novos desdobramentos nos anos que se seguiram à volta de Michel Chevalier para a França.

O istmo centro-americano e a identidade latino-americana

Como já discutido anteriormente, a questão da “latinidade” constitui-se como elemento central na história das identidades no continente americano. Como ponto de partida para a discussão desse tema, é preciso frisar, de início, que este capítulo não tem qualquer pretensão de apontar o momento exato em que o conceito de “América Latina” foi utilizado pela primeira vez. Em primeiro lugar, porque encampar essa tarefa como um fim em si do trabalho de pesquisa resultaria em uma descoberta, no limite, inócua. Em segundo lugar, pois, mais interessante, é analisar, em um contexto de circulação de ideias, como essa denominação foi se desenvolvendo em meio a conjunturas e desígnios capazes de aproximar ou, em alguns casos, distanciar franceses e hispano-americanos. Nesse sentido, não deixa de ser curioso notar, na retórica construída nas duas margens do Atlântico, da introdução às *Lettres sur l'Amérique du Nord*, de Michel Chevalier, até as discussões em torno da temática na década de 1850, como a compreensão da posição geográfica e geopolítica da América Central em um contexto global de disputa entre potências se configura como essencial para se analisar a formulação do conceito de “América Latina”.

Para iniciar essa discussão, é importante ressaltar que, desde de que eclodiram as lutas de independência em relação à Espanha nas primeiras décadas do século XIX, começava a se desenhar em algumas lideranças do movimento emancipacionista hispano-americano, para além de uma perspectiva essencialmente nacional que já se esboçava no processo de constituição dos Estados autônomos em relação à metrópole

ibérica, alguns elementos para a construção de uma possível identidade subcontinental. Próceres como Simón Bolívar e Francisco de Miranda afirmavam, por exemplo, em suas cartas, manifestos e discursos políticos, a defesa de identidades mais amplas que a simplesmente nacional, caracterizadas por serem essencialmente hispano-americanas, anti-espanholas e por excluírem o Brasil de sua perspectiva.

Como deixavam entrever, a partir de então, os discursos políticos e intelectuais produzidos ao longo do século XIX, “América”, “Colômbia”, “Hispanoamérica”, “América do Sul”, “América Meridional” e, claro, “América Latina”, entre outros, foram alguns dos nomes recebidos por essa comunidade identitária. Inicialmente, como forma de se posicionar contra a metrópole espanhola nas lutas pela independência e, em um segundo momento, de afirmar sua autonomia em um continente coabitado pelos Estados Unidos, um vizinho tão sedutor quanto ameaçador para as elites letradas hispano-americanas⁴⁷⁸.

Sobre essa questão, Aimer Granados García concebe, ao analisar os primeiros congressos subcontinentais hispano-americanos ocorridos em meados do século XIX, uma primeira grande transformação em torno da nomenclatura do subcontinente na retórica intelectual e política das elites letradas da região. Se nos debates que se estabeleceram no Congresso do Panamá (1826) predominava, por exemplo a conceituação “América”, nos encontros posteriores em Lima, no Peru, (1848 e 1865) e em Santiago do Chile (1856) ganhava força a designação “Hispanoamérica”. É possível afirmar, segundo a interpretação de García Granados, que enquanto, na primeira assembleia, sentia-se ainda o impacto das guerras de independência e a busca por afirmação continental diante da Europa, e, particularmente, da Espanha, nas reuniões seguintes, os perigos que rondavam a região não vinham somente do outro lado do Atlântico, mas também do norte de seu próprio continente, aproximando novamente, mesmo que de maneira sutil, as antigas regiões colonizadas de sua antiga metrópole⁴⁷⁹.

Importante destacar aqui que o surgimento do conceito de “América Latina” ou “Latinoamérica”, a partir da década de 1850, não substituiu pura e simplesmente, como se pode perceber na análise sobre os congressos subcontinentais, as denominações “América Hispânica” ou “Hispanoamérica”. Mais que isso, embora, muitas vezes,

⁴⁷⁸ GRANADOS GARCÍA, Aimer. “Congresos e intelectuales en los inicios de un proyecto y de una conciencia continental latinoamericana, 1826-1860”. In: GRANADOS GARCÍA, Aimer e MARICHAL, Carlos (orgs.). *Construcción de las identidades latinoamericanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX*. México: El Colegio de México, 2004, pp. 39-48.

⁴⁷⁹ *Ibidem*, pp. 49-50.

competissem, uma delas vinculada às “origens espanholas” e outra associada às pretenções e à influência francesa, ambas conviveram frequentemente de maneira pacífica. Em alguns momentos, foram utilizadas inclusive de maneira indistinta e intercambiável por diversos autores dos séculos XIX e XX, especialmente como contraposição identitária aos Estados Unidos⁴⁸⁰. Como se pode perceber na retórica intelectual e política hispano-americana, em meados do século XIX, uma série de eventos contribuíram para que começassem a se construir, por parte de setores de suas elites, visões negativas sobre os Estados Unidos.

É possível dizer que a inflexão na direção desse movimento tenha suas raízes fincadas no já mencionado processo de independência do Texas, ocorrido em 1836, e posteriormente em sua anexação ao território norte-americano, em 1845. A guerra entre os Estados Unidos e o México, travada entre 1846 e 1848, que resultou, para os mexicanos, na perda de quase metade do seu território e em sua incorporação pela expansionista república do Norte, agravou ainda mais esse quadro⁴⁸¹. Entretanto, se na década de 1840, foram nas tensões entre esses dois países limítrofes que se concentrou o foco dos confrontos diplomáticos e bélicos dos Estados Unidos em relação aos seus vizinhos do sul, o eixo dessa política externa agressiva alterou sua direção, no decênio seguinte, para a América Central, região também bastante estratégica, como tem sido aqui discutido, não somente para os norte-americanos, mas para outros países com ambições imperiais como a Grã-Bretonha e a França.

Para os Estados Unidos, a América Central constituía-se como um espaço especialmente relevante, principalmente após a anexação da Califórnia, no contexto da guerra contra os mexicanos, e, em especial, com a descoberta de ouro nessa região em 1848. Ainda sem contar com uma potente rede de transportes ligando o Oceano Atlântico ao Pacífico em seu próprios domínios e com a forte presença das populações indígenas no interior de suas agora extensas possessões, os norte-americanos se utilizavam, como vias preferenciais, para alcançar sua costa oeste, essencialmente as rotas proporcionadas pelos istmos do Panamá, à época pertencente à Nova Granada (atual Colômbia), de Darien, na Nicarágua, e de Tehuantepec, no México. A presença

⁴⁸⁰ BEIRED, José Luís Bendicho. “Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano”. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 30, nº 54, p.631-654, set/dez 2014.

⁴⁸¹ Entre outros, SCHULTZ, *op. cit.*; e FERES JUNIOR, *op. cit.*, pp. 56-71.

Ferrocarril de Panamá, pela Panama Railroad Company de Nova York, impactou profundamente a vida da população panamenha e modificou, fortemente, as relações econômicas, sociais e raciais na região⁴⁸⁴.

Embora vistas, pelas elites locais, em um primeiro momento, como um meio de transformar o Panamá em uma espécie de coração comercial do mundo, as novas relações econômicas e a onda imigratória em direção ao istmo resultante da construção da ferrovia interoceânica e da corrida do ouro californiana representaram, em outro sentido, a constituição de um ambiente de grande tensão entre panamenhos e estrangeiros, principalmente norte-americanos. A situação política específica da Nova Granada, Estado nacional ao qual o Panamá ainda estava submetido na década de 1850, mostrava com ainda mais força as complexidades da situação. Se, por um lado, com a ascensão do liberal José Hilário Pérez à presidência do país, em 1849, havia sido proclamada, na futura Colômbia, a igualdade entre todos os cidadãos do sexo masculino com a promulgação do sufrágio universal estendido a todos os homens neogranadinos, por outro, o tratamento diferenciado garantido no istmo aos cidadãos norte-americanos, frequentemente desrespeitosos às leis do país, evidenciava privilégios e ausência de controle do Estado sobre os atos dos adventícios⁴⁸⁵.

No Panamá, um evento simbólico desse quadro de rivalidades na América Central talvez seja o Motim de 15 de abril de 1856, também conhecido na historiografia como “*El incidente de la tajada de sandía* [“O incidente do pedaço de melancia”]. Nesse episódio, a recusa de um norte-americano em pagar por um pedaço de melancia ao vendedor de rua José Manuel Luna provocou um conflito urbano generalizado no bairro de La Ciénaga, na Cidade do Panamá, evidenciando tensões e antagonismos sociais e raciais latentes nesse contexto⁴⁸⁶.

O intenso afluxo de norte-americanos na América Central durante esse período provocou ainda o surgimento de um outro fenômeno na região: o chamado filibusteirismo. Resultado direto da mitologia do Destino Manifesto norte-americano⁴⁸⁷, esse movimento alcançou seu auge entre as décadas de 1840 e 1860 e marcou

⁴⁸⁴ McGUINNESS, *op. cit.*, pp. 88-90.

⁴⁸⁵ *Ibidem*, pp. 93-97.

⁴⁸⁶ *Ibidem*, pp. 91-97.

⁴⁸⁷ Mary Anne Junqueira define o Destino Manifesto como uma “concepção nacionalista que se apoiava na idéia de Direito Natural, concedido pela divina providência àquele país, de tomar para si toda a parte continental da América do Norte”. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. São Paulo: Edusp, 2018, p. 69. Ver também o clássico WEIBERG, Albert K. *Destino manifesto: el expansionismo nacionalista en la historia norteamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

profundamente a história dos países centro-americanos e dos territórios antilhanos em meados do século XIX. De acordo com Frederic Rosengarten Jr., os filibusteiros, cuja nomenclatura remontava aos piratas do período colonial, eram, em geral, homens brancos em busca de riqueza e poder que se dedicavam a empreender expedições e ataques bélicos não necessariamente autorizados, mas frequentemente tolerados e silenciosamente apoiados pelo governo dos Estados Unidos. Seus objetivos eram essencialmente conquistar novos espaços para os norte-americanos e, principalmente, obter ganhos materiais com os butins⁴⁸⁸. O mais famoso entre os filibusteiros foi o mercenário William Walker, que, em outubro de 1855, lutando na Nicarágua ao lado do Partido Liberal contra os conservadores, tomou o poder naquele país, proclamando-se seu presidente em julho de 1856 com a complacência do governo dos Estados Unidos.

A situação política nicaraguense somada às tensões existentes no Panamá provocaram uma série de reações da elite letrada hispano-americana do período, dentre os quais de alguns que viviam desterrados no Velho Mundo⁴⁸⁹. Entre aqueles que se posicionaram contra a forma como os interesses norte-americanos vinham se fazendo sentir na América Central, estava o neogranadino José Maria Torres Caicedo, apontado por Arturo Ardao, como o “inventor” do conceito de “América Latina”.

Nascido em Bogotá, em 1830, Torres Caicedo atuou de maneira muito incisiva no periodismo neogranadino entre 1847 até 1850, quando, após ser baleado por motivos políticos migrou para Paris, estabelecendo-se também, nos anos seguintes, por breves períodos em Londres e Nova York. Construindo, ao longo dos anos, uma sólida carreira diplomática, especialmente na Europa, publicou diversas obras no exterior que transitavam entre a poesia, a crítica literária e a política. Enfatizava, em seus textos, frequentemente os temas hispano-americanos. Em meados da década de 1850, começou a contribuir regularmente com o periódico parisiense publicado em língua espanhola *El correo de ultramar* (1842-1886), do qual se tornou posteriormente redator. Essa publicação foi utilizada por Torres Caicedo para veicular o poema “Las dos Américas”, datado de 26 de setembro de 1856, mas dado a ler somente na edição do impresso do dia 15 de fevereiro de 1857⁴⁹⁰.

⁴⁸⁸ ROSENGARTEN JR., Frederic. *William Walker y el ocaso do filibusterismo*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2002, p. 33.

⁴⁸⁹ ESTRADE, Paul. “Del invento de ‘América Latina’ en Paris por latinoamericanos (1856-1889)”. In: MAURICE, Jacques e ZIMMERMAN, Marie-Claire (orgs.). *Paris y el mundo ibérico e iberoamericano*. Paris: Université Paris X-Nanterre, 1998, pp. 179-188.

⁴⁹⁰ ARDAO, *Genesis de la idea y el nombre de América Latina*, op. cit., pp. 74-75.

Celebrizada pela análise de Arturo Ardao, a estrofe abaixo, entendida pelo autor uruguaio como a primeira vez em que teria sido pronunciado na retórica intelectual, tanto na Europa como na América, o conceito de “América Latina”, contrapunha diretamente a região às populações da “sajona raza”. Afirmava, dessa forma, que apenas a união entre os diversos países hispano-americanos poderia salvá-los da sanha ameaçadora da república anglo-saxônica:

Mais isolados se encontram, desunidos,
 Esses povos nascidos para aliar-se:
 A união é seu dever, sua lei amar-se:
 Igual origem têm e missão;
 A raça da América Latina,
 A frente tem a saxônica raça.
 Inimiga mortal que a ameaça
 Sua liberdade destruir e seu pendão⁴⁹¹

Além dessa estrofe mais célebre, o extenso poema de Torres Caicedo se refere diretamente, em alguns de seus versos menos conhecidos, à situação da América Central ameaçada pela ação dos norte-americanos na região. Seu poema citava nominalmente, por exemplo, a intervenção filibusteira de William Walker na Nicarágua:

Em seu [dos Estados Unidos] amplo pavilhão estrelas faltam,
 Requer seu comércio outras regiões;
 Mas tremulam no Sul livres pendões
 - Que caiam! Diz a potente União.
 A América Central é invadida,
 O istmo sem cessar ameaçado,
 E Walker, o pirata, é apoiado
 Pela do Norte, pérfida nação!

O seio da América valente
 Desgarram já seus novos opressores;
 Hoje sofre a Nicarágua os horrores

⁴⁹¹ No original: “Mas aislados se encuentran, desunidos, / Esos pueblos nacidos para aliarse: / La unión es su deber, su ley amarse: / Igual origen tienen y misión; / La raza de la América latina, / Al frente tiene la sajona raza, / Enemiga mortal que ya amenaza / Su libertad destruir y su pendón”. TORRES CAICEDO, José Maria. “Las dos Américas”. In: ARDAO, *Genesis de la idea...*, op. cit., p. 182.

De uma rude e sangrenta escravidão:
 Corta os campos o audaz pirata,
 Põe fogo às vilas e cidades;
 E aprova seus delitos e maldades
 Sua pátria, terra outrora de virtude!⁴⁹²

Para Torres Caicedo, portanto, a união dos americanos de “raça latina” seria necessária como forma de se contrapor às pretensões norte-americanas na América Central representada de maneira evidente pela atuação de Walker na região e pela postura dos Estados Unidos diante dos acontecimentos no istmo.

Foram também os eventos ocorridos na Nicarágua e no Panamá que levaram o chileno Francisco Bilbao, em uma conferência ministrada em Paris, no dia 24 de junho de 1856, sob o título de “Iniciativa de América: idea de un congreso federal de las repúblicas”, a se utilizar dos termos “raza latinoamericana” e “América latina”. Dialogando com diversos artigos publicados nesse período na imprensa francesa⁴⁹³, o letrado fazia referências, em seu texto, especificamente aos acontecimentos que resultaram da vitória bélica dos Estados Unidos sobre o México em 1848 e àqueles que vinham ocorrendo na América Central desde meados da década de 1850. Nascido em 1823 e defensor de ideias radicais, presentes em obras como, por exemplo, *Sociabilidad Chilena* (1844), que lhe custaram períodos de exílio, Bilbao, que estava proscrito em Paris desde 1855⁴⁹⁴, afirmava:

Já vemos cair fragmentos da América nas mandíbulas saxônicas da jiboia magnetizadora [...]. Ontem o Texas, depois o norte do México e o Pacífico, saúdam o novo amo.

⁴⁹² No original: “A su ancho pabellón estrellas faltan, / Requiere su comercio otras regiones; / Mas flotan en el Sur libres pendones / –¡Que caigan! dice la potente Unión. / La América central es invadida, / El Istmo sin cesar amenazado, / Y Walker, el pirata, es apoyado / Por la del Norte, ¡pérfida nación! // El seno de la América valiente / Desgarran ya sus nuevos opresores; / Hoy sufre Nicaragua los horrores / De una ruda y sangrienta esclavitud: / Tala los campos el audaz pirata, / Pone fuego a las villas y ciudades; / ¡Y aprueba sus delitos y maldades / Su patria, tierra un tiempo de virtud!”. *Ibidem*, pp. 179-180.

⁴⁹³ Nesse sentido, ver PRADO, Maria Ligia Coelho. Leituras políticas e a circulação de idéias entre a França e as Américas: Francisco Bilbao e a *Revue des Deux Mondes*. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena Rolim & PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-Unesp Publicações; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas-FFLCH-USP, 2010.

⁴⁹⁴ SCHEIDT, Eduardo. “Representações de América no pensamento de Francisco Bilbao”. *Dimensões*, v. 19, p. 27-47, 2007.

Hoje as guerrilhas avançadas despertam o istmo e vemos no Panamá, essa futura Constantinopla da América⁴⁹⁵, vacilar suspensa, balançar seu destino no abismo e perguntar: serei do Sul, serei do Norte?

Há aí um perigo. Quem não o vir, renuncie ao futuro. Haverá tão pouca consciência de nós mesmos, tão pouca fé nos estudos da raça latino-americana, que esperaremos a vontade alheia e um gênio diferente para que organize e disponha de nossa sorte? Nascemos tão deserdados dos dotes da personalidade, que renunciaremos a nossa própria iniciativa, e só criaremos na estranha, hostil e ainda dominadora iniciação do individualismo?⁴⁹⁶

E prossegue, linhas depois, um pouco mais esperançoso:

Mas a América vive, a América latina, saxônica e indígena protesta, e se encarrega de representar a causa do homem, de renovar a fé do coração, de produzir, enfim, não repetições mais ou menos teatrais da Idade Média com a hierarquia civil da nobreza, mas a ação perpétua do cidadão, a criação da justiça viva nos campos da República⁴⁹⁷.

Nesse texto um tanto utópico de Bilbao, a união da “raça latino-americana” poderia representar a salvação de toda a América Hispânica e, em especial, do Panamá, região essencial, em sua concepção, para a vitória ou derrota do projeto de uma confederação entre os países do subcontinente. A desunião desses povos, por outro lado, significaria sucumbir ao império norte-americano, sintetizado, mais uma vez, pela figura do filisbusteiro William Walker:

⁴⁹⁵ A referência de Bilbao a Constantinopla deve-se à associação entre a intervenção norte-americana sobre a América Central e a invasão russa sobre regiões pertencentes ao Império Otomano que resultaram no início da Guerra da Crimeia, iniciada 1853 e ainda em andamento quando o discurso do intelectual chileno foi proferido.

⁴⁹⁶ No original: “Ya vemos caer fragmentos de América en las mandíbulas sajonas del boa magnetizador [...]. Ayer Tejas, después el Norte de Méjico y el Pacífico saluda a un nuevo amo. // Hoy las guerrillas avanzadas despiertan el Istmo, y vemos a Panamá, esa futura Constantinopla, vacilar suspendida, mecer su destino en el abismo y preguntar: ¿seré del Sur, seré del Norte? // He ahí un peligro. El que no lo vea, renuncie al porvenir. ¿Habrà tan poca conciencia de nosotros mismos, tan poca fe de los estudios de la raza latinoamericana, que esperemos a la voluntad ajena y a un genio diferente para que organice y disponga de nuestra suerte? ¿Hemos nacido tan desheredados de los dotes de la personalidad, que renunciemos a nuestra propia iniciativa, y sólo creamos en la extraña, hostil y aún dominadora iniciación del individualismo?”. BILBAO, Francisco. “Iniciativa de la América”. In: BILBAO, Francisco. *La América en peligro. Evangelio americano. Sociabilidad chilena*. Santiago: Ediciones Ercilla, 1941, p. 145.

⁴⁹⁷ No original: “Pero la América vive, la América latina, sajona e indígena protesta, y se encarga de representar la causa del hombre, de renovar la fe del corazón, de producir en fin, no repeticiones más o menos teatrales de la edad-media, con la jerarquía servil de la nobleza, sino la acción perpetua del ciudadano, la creación de la justicia viva en los campos de la República”. *Ibidem*, p. 146.

As colunas de Hércules estão hoje no Panamá. E o Panamá simboliza a fronteira, a cidadela e o destino de ambas Américas.

Unidos, o Panamá será o símbolo de nossa força, a sentinela de nosso porvir. Des-Unidos, será o nó górdio cortado pela faca do ianque e que dará a posse do império [...]. Walker é a invasão. Walker é a conquista. Walker são os Estados Unidos⁴⁹⁸.

Não eram, entretanto, somente os hispano-americanos que viviam no Velho Continente que se utilizavam da retórica da “latinidade” para se posicionarem frente aos Estados Unidos diante dos eventos que vinham ocorrendo na América Central. Aims McGuinness destaca, por exemplo, a participação no debate do jurista e político liberal Justo Arosemena, um dos idealizadores da constituição do Estado Federal do Panamá e seu primeiro chefe do poder executivo, em 1855. Arosemena, embora defendesse a prática do livre comércio na região, se posicionava fortemente contra a presença agressiva dos norte-americanos no istmo. Em um artigo, publicado no periódico *El neogranadino*, de Bogotá, em julho de 1856, além de repetir alguns lugares comuns dos antagonismos identitários existentes nas Américas, contrapunha a “raça latina” à “raça ianque”, defendia que os “povos hispanoamericanos” deveriam formar uma grande confederação que se estendesse do istmo centro-americano ao sul do continente e afirmava que a questão do Panamá não era somente um problema regional ou nacional, mas dizia respeito, essencialmente, ao “interesse latino-americano”⁴⁹⁹.

As ideias relacionadas à “raça latina” ou “latino-americana” e a formulação do conceito de “América Latina” se apresentavam, portanto, na retórica intelectual hispano-americana de meados da década de 1850, como uma resposta aos avanços dos Estados Unidos no istmo centro-americano, especialmente no Panamá e na Nicarágua, funcionando como críticas à voracidade da “raça anglo-saxônica” ou “ianque” e como convocação à união das nações do subcontinente como forma de resistir ao poderoso vizinho.

A despeito desse vigoroso debate envolvendo os autores hispano-americanos dos dois lados do Atlântico, parece impossível construir a história do conceito de “América Latina” apenas com personagens do Novo Mundo. Primeiramente, pois embora

⁴⁹⁸ No original: “Las columnas de Hércules están hoy en Panamá. Y Panamá simboliza la frontera, la ciudadela, y el destino de ambas Américas. // Unidos, Panamá será el símbolo de nuestra fuerza, el centinela de nuestro porvenir. Des-Unidos, será el nudo gordiano cortado [297] por el hacha del Yankee y que le dará la posesión del imperio [...]. Walker es la invasión, Walker es la conquista, Walker son los Estados-Unidos”. *Ibidem*, pp. 154-155.

⁴⁹⁹ MCGUINNESS, *op. cit.*, pp. 100-101.

apropriações originais e utilizações inovadoras tenham se constituído nas Américas, a teorização racialista na qual se baseia a discussão se balizava, em grande medida, em importantes letrados europeus. Em segundo lugar, porque as ideias e as pessoas circulam: entre os hispano-americanos que contribuíram para a cristalização dessa designação, alguns deles, conforme já destacado, estavam na Europa no momento em que se utilizaram de termo pela primeira vez⁵⁰⁰. Em terceiro lugar, pelo fato de que muitos intelectuais e políticos europeus, especialmente franceses, também demonstravam preocupação com a presença dos Estados Unidos na América Central e se utilizavam da retórica da “latinidade” para problematizar a atuação norte-americana na região e defender sua posição na América de colonização ibérica.

Antes de prosseguir com a análise sobre a questão da circulação de ideias e da construção do conceito de “América Latina” em meados do século XIX, é fundamental discutir aqui a constituição de um ambiente político bastante favorável à sedimentação dessas ideias nos meios intelectuais franceses na década de 1850. Em particular, a partir da ascensão política de Luís Napoleão ao poder em 1848 e da incorporação de diversos princípios de filiação saint-simoniana ao seu governo. Apoiador de primeira hora do novo bonapartismo, Michel Chevalier não deixou de representar um papel intelectual importante nesse regime, indicando perspectivas para a formulação de uma nova política francesa para o Novo Mundo.

Um Saint-Simon a cavalo

Em certa medida, a viagem às Américas marcou uma inflexão importante na trajetória política, intelectual e acadêmica de Michel Chevalier. Ao retornar à Europa, em fins de 1835, afastou-se definitivamente de seus antigos companheiros saint-simonianos, aproximou-se cada vez mais das autoridades públicas de seu país e tornou-se um colaborador ainda mais frequente de periódicos como o *Journal des Débats* e a célebre *Revue des Deux Mondes*⁵⁰¹.

A semelhança do que havia feito em relação ao Novo Mundo entre 1833 e 1835, percorreu a serviço do governo francês, na segunda metade da década de 1830, diversas regiões da Europa como os Estados germânicos, a Bélgica e a Inglaterra, sempre com o

⁵⁰⁰ ESTRADE, *op. cit.*

⁵⁰¹ Para dados biográficos de Michel Chevalier, ver WALCH, Jean. *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*. Paris: Vrin, 1975.

objetivo de analisar a indústria, os trabalhos públicos e as redes de transporte nessas regiões⁵⁰². Além disso, Chevalier buscou construir também, entre as décadas de 1830 e 1840, uma carreira política mais efetiva, candidatando-se algumas vezes ao Parlamento. Após colecionar derrotas em 1837, 1839 e 1842, venceu uma única eleição, em 1845, pelo departamento de Aveyron, alguns meses após seu noivado com sua futura esposa Emma Fournier, filha do rico industrial que financiou sua campanha. Permaneceu, entretanto, pouco tempo como deputado, já que, após defender o livre-cambismo em artigo no *Journal des Débats*, passou a sofrer uma ferrenha oposição em seu distrito eleitoral, majoritariamente defensor do protecionismo, perdendo seu assento na Câmara já em 1846.

Nesse ínterim, ocupou diversos cargos no setor governamental relacionados, principalmente, à sua formação como engenheiro. Em 1840, entretanto, sob a proteção do ministro Adolphe Thiers, foi nomeado professor de Economia Política no Collège de France, assumindo a cadeira que havia pertencido anos antes ao celebrado economista liberal Jean-Baptiste Say, morto de 1832.

Embora não houvesse conseguido, entre as décadas de 1830 e 1850, grande destaque e sucesso na política partidária de seu país, sua produção intelectual e sua atuação acadêmica encontraram bastante ressonância nos debates econômicos ao longo desses anos. É possível afirmar, entretanto, que embora lecionasse Economia Política⁵⁰³ no Collège de France e se constituísse como um grande defensor do livre comércio na Europa, Michel Chevalier apresentava, como se pode perceber em suas obras, dissensões evidentes com o liberalismo clássico. Em especial, em suas perspectivas sobre o papel do Estado na economia, em sua preocupação com a situação das classes menos abastadas e sua defesa de uma colonização não baseada no sistema de *laissez-faire*. A importância da atuação de Michel Chevalier no debate econômico francês, em particular, e europeu, de maneira geral, pode ser apreendida pelo destaque e, muitas vezes, pela oposição que recebera em sua época.

⁵⁰² De suas viagens pelos países europeus, publicou CHEVALIER, Michel. *Essais de politique industrielle: souvenir de voyage, France, République de Andorre, Belgique, Allemagne*. Paris: Librairie de Charles de Gosselin, 1843.

⁵⁰³ A Economia Política pode ser apontada como uma disciplina surgida na Europa no século XVIII, concomitantemente à ascensão da burguesia e à crise dos valores relacionados ao chamado Antigo Regime. Contrapondo-se a uma concepção essencialmente religiosa do mundo e ao mercantilismo, valorizava o racionalismo e defendia a existência de “leis naturais” capazes de reger a natureza e as relações humanas. Aplicando esses princípios às atividades econômicas, essa nova ciência foi sintetizada principalmente pelo escocês Adam Smith, em seu clássico *A riqueza das nações* (1776). Ver NUNES, Antônio José Avelãs. *Noção e objecto da Economia Política*. Lisboa: Almedina, 2014.

Veja-se, por exemplo, a dupla refutação que o professor do Collège de France recebera na clássica obra de Karl Marx, *Contribuição à crítica da Economia Política* (1859). Primeiramente, em uma discordância sobre a questão da utilização do ouro e da prata como meios circulantes, Marx afirmava que Chevalier “ou não leu ou não compreendeu Aristóteles”. Em um segundo momento de sua argumentação, ao dissentir do economista francês sobre sua percepção de que a descoberta aurífera na Austrália e na Califórnia promoveria um descompasso entre os valores do ouro e da prata, o autor do *Manifesto comunista* (1848) sentenciava que “as afirmações contrárias de Michel Chevalier valem tanto quanto o socialismo desse ex-saint-simonista”⁵⁰⁴.

Na França, por outro lado, além da oposição de setores socialistas, Michel Chevalier encontrou grande resistência às suas ideias também entre muitos liberais. Na *Revue des Deux Mondes*, dois textos foram publicados nesse sentido, analisando seu trabalho como economista e professor do Collège de France: “Économistes modernes: Michel Chevalier”, de André Cochut, publicado em 1844, e “Économistes contemporains: Michel Chevalier”, de Louis Reybaud, em 1859. Em ambos os artigos, publicados com cerca de quinze anos de diferença, embora houvesse destaque ao abandono do saint-simonismo por Chevalier no início da década de 1830 e sua posterior conversão à Economia Política, estavam presentes sérias restrições a algumas de suas concepções⁵⁰⁵.

Embora em muitos pontos Chevalier se constituísse como arauto da Economia Política, especialmente como grande defensor do livre cambismo, o professor do Collège de France guardava importantes dissensos com os liberais. Tais divergências podem ser atribuídas, em grande medida, às permanências saint-simonianas em suas concepções sobre política e economia. Dessa forma, é no entrecruzamento entre suas origens saint-simonianas e suas concepções ligadas à Economia Política que, conforme entende-se aqui, a obra de Chevalier deve ser encarada, em especial após seu retorno à França em fins de 1835.

Doutrina bastante complexa e repleta de ambiguidades, o saint-simonismo, com o qual Michel Chevalier continuou a dialogar durante toda a sua vida, percorreu uma

⁵⁰⁴ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Economia Política*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, pp. 153 e 198, respectivamente.

⁵⁰⁵ Ver COCHUT, André. “Économistes modernes: Michel Chevalier”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, tome 8, 1844; e REYBAUD, Louis. “Économistes contemporains: Michel Chevalier”. *Revue des Deux Mondes*, 2e période, tome 22, 1859.

trajetória bastante plural na França ao longo do século XIX⁵⁰⁶. Após se estabelecer como uma utopia social com Saint-Simon e se tornar uma espécie de seita com Enfantin, a doutrina saint-simoniana teria se bifurcado entre duas vertentes mais ou menos definidas a partir de meados da década de 1830. Essas divisões, já existentes à época da viagem de Chevalier às Américas, se explicitaram de forma bastante cristalina principalmente, alguns anos depois, no contexto da Revolução de 1848. Enquanto alguns antigos saint-simonianos se mostravam, durante o processo de sublevação, ferrenhos socialistas, aderindo imediatamente ao movimento, outros, como Michel Chevalier, intensamente ligados aos negócios e ao setor governamental, se posicionaram frontalmente contra o levante⁵⁰⁷.

Como se sabe, 1848 não ocorreu isoladamente na França, mas estava inserido em um movimento mais amplo conhecido historiograficamente como “Primavera dos Povos”, uma grande onda revolucionária com cores alternadamente liberais, socialistas e nacionalistas, que se espalhou pela Europa naquele ano. Na França, de maneira específica, essa rebelião resultou na deposição do “Rei Burguês” Luís Filipe de Orleans e no início da efêmera Segunda República Francesa (1848-1851). Ironicamente, o principal beneficiário dessa mudança de regime político não foram os republicanos ou socialistas, mas sim Luís Napoleão Bonaparte, sobrinho do falecido soberano corso deposto em 1815. Eleito presidente da República em 1848, o “príncipe”, como era chamado, tornou-se, em 1852, por meio de uma série de manobras, golpes de Estados e vitórias plebiscitárias, imperador dos franceses, governando seu país por mais de vinte anos⁵⁰⁸.

Tendo perdido brevemente sua cadeira no Collège de France durante a primeira fase da Revolução de 1848, Michel Chevalier, assim como muitos outros antigos adeptos do saint-simonismo, foi apoiador de primeira hora do bonapartismo,

⁵⁰⁶ Ver, principalmente, PICON, Antoine. *Les saint-simoniens: raison, imaginaire et utopie*. Paris: Belin, 2002; COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Chistianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006; MUSSO, Pierre. *Saint-Simon et le saint-simonisme*. Paris: PUF, 1999.

⁵⁰⁷ Nas palavras de Jean Walch: “Desde a dispersão da Escola saint-simoniana, pode-se, simplificando, considerar que ela se fracionou em dois grupos: aqueles como os Pereire, Talabot, Michel Chevalier, etc... que se lançaram nos negócios ou em uma carreira administrativa, e que representam doravante a ala direita da antiga Escola; aqueles que permaneceram na oposição, indo por vezes ao socialismo propriamente dito, entre os quais é preciso destacar Carnot, Reynaud, Pierre Leroux et Charton”. In: WALCH, *op. cit.*, p. 61.

⁵⁰⁸ Para abordagens clássicas sobre o contexto, ver HOBBSBAWM, Eric J. “A primavera dos povos”. In: *A era do capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, pp. 27-50; AGUILHON, Maurice. *1848: o aprendizado da república*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. Para uma das obras mais instigantes de história política escritas no calor da hora no século XIX: MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2003.

inicialmente republicano e depois imperial. Definidos na historiografia como “saint-simonianos de direita”⁵⁰⁹ ou “bonapartistas de esquerda”⁵¹⁰, alguns dos velhos seguidores da doutrina de Saint-Simon, como Chevalier ou mesmo Enfantin, viam, muitas vezes, em Napoleão III a representação de um “déspota esclarecido”⁵¹¹ disposto a encampar seus projetos. Direta ou indiretamente, essa identificação pode ser explicada, em certa medida, pelo envolvimento do próprio Luís Bonaparte, em sua juventude, com as ideias de Saint-Simon⁵¹².

Sobrinho de Napoleão (1769-1821), Luís Bonaparte tornou-se o primeiro na linha de sucessão da dinastia deposta de seu tio após a morte de seu primo Napoleão Francisco (Napoleão II), o “Rei de Roma”, em 1832. Durante sua juventude, o “príncipe” viveu exilado na Alemanha, na Suíça e na Itália, envolvendo-se, especialmente nessa última região, com ideias nacionalistas e revolucionárias. Em 1836 e 1840, tentou liderar levantes contra o governo de Luís Filipe de Orleans, mas foi derrotado em ambos. Após o primeiro, fugiu para o Reino Unido. Depois do segundo, foi condenado à prisão perpétua na fortaleza de Ham, no norte da França. Tanto durante seu asilo na Grã-Bretanha, como durante o período em que esteve no cárcere, Luís Bonaparte sistematizou diversas de suas concepções políticas em duas obras bastante relevantes para aqueles que pretendem compreender suas ideias: *Des idées napoléonienne* (1839) e *L’extinction du paupérisme* (1844)⁵¹³.

Em particular, neste último libelo, produzido durante seu encarceramento em Ham, Luís Napoleão parecia se aproximar em diversos pontos do ideário saint-simoniano e, em especial, das ideias de Michel Chevalier. Demonstrava, em primeiro lugar, uma forte preocupação com os trabalhadores mais pobres, evidenciada pela questão do “pauperismo”, traduzida no título de sua obra. Era também, como o autor das *Lettres sur l’Amérique du Nord*, grande entusiasta da indústria, defensor da importância dos bancos, da intervenção estatal e da colonização da Argélia⁵¹⁴. Após conseguir escapar da cidadela de Ham, em 1846, Bonaparte fugiu para Londres,

⁵⁰⁹ WALCH, *op. cit.*, p. 61.

⁵¹⁰ AGUILHON, *op. cit.*, p. 200.

⁵¹¹ *Ibidem*, p. 200.

⁵¹² Sobre as relações entre bonapartismo e saint-simonismo, ver ANCEAU, Éric. *Napoléon III: un Saint-Simon à cheval*. Paris: Tallandier, 2008; SAGNES, Jean. *Napoléon III: le parcours d’un saint-simonien*. Paris: Éditions Singulières, 2008.

⁵¹³ Para a biografia de Luís Napoleão Bonaparte, sigo aqui, principalmente, MILZA, Pierre. *Napoléon III*. Paris: Perrand, 2006.

⁵¹⁴ BONAPARTE, Louis-Napoléon. “L’extinction du pauperisme”. In: *Oeuvres de Napoléon III*. Paris: Librairie D’Amyot, 1854, vol. II.

retornando para Paris somente em 1848 com a proclamação da república. Nesse ano, elegeu-se deputado pelo recém-fundado Partido da Ordem e, em seguida, tornou-se o primeiro presidente da efêmera Segunda República francesa (1848-1851), com expressivos 74,5% dos votos⁵¹⁵. Político extremamente centralizador, Luís Napoleão, sabendo que seu mandato terminaria em 1852, atuou para se manter no poder. Por meio de dois plebiscitos⁵¹⁶, ascendeu ao posto de imperador sob o título de Napoleão III⁵¹⁷.

Em termos historiográficos, o Segundo Império Francês e Napoleão III são frequentemente representados, na atualidade, de forma ambígua. De acordo com Pierre Milza, com a queda do regime imperial em 1870, após a derrota na Guerra Franco-Prussiana (1870), teria se constituído uma espécie de “lenda negra” em torno da figura de Luís Bonaparte e de seu governo⁵¹⁸. Em grande medida, os estudiosos republicanos pós-1870 retomaram, para construir suas interpretações sobre esse regime, os enfoques dos principais críticos do golpe de Estado de 1851 e do estabelecimento do Império em 1852. Ao ser cristalizado pelas abordagens negativas, em especial de Karl Marx, em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852), e de Victor Hugo, em *Napoléon, le petit* (1852), o Segundo Império foi colocado em uma espécie de limbo historiográfico por um período relativamente longo. Da mesma forma, Napoleão III foi frequentemente descrito por esses autores como um dirigente débil, incompetente e incapaz⁵¹⁹.

Nas últimas décadas, os especialistas sobre o tema têm tentado demonstrar, alternativamente, a profunda ambiguidade dos anos em que a França foi governada pelo sobrinho de Napoleão Bonaparte. Essa historiografia tem destacado que se, por um lado, o regime bonapartista se caracterizou, em muitos momentos, pelo conservadorismo e autoritarismo, por outro, atuou em favor da modernização do país com a expansão da rede de estradas de ferro por todo território nacional e com a grande reforma urbana de Paris, capitaneada pelo barão de Haussmann. Além disso, em termos políticos e sociais, o bonapartismo promoveu o sufrágio universal e permitiu a existência de sindicatos, do direito de greves e de associações de trabalhadores de maneira geral⁵²⁰.

⁵¹⁵ AGUILHON, *op. cit.*, p. 89.

⁵¹⁶ O primeiro deles, o golpe de 2 de dezembro de 1851, também foi chamado por Karl Marx como o “18 Brumário de Luís Bonaparte”. Ver MARX, *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, *op. cit.*

⁵¹⁷ AGUILHON, *op. cit.*, p. 218.

⁵¹⁸ MILZA, *op. cit.*, p. 741.

⁵¹⁹ Além do já citado livro de Marx, ver HUGO, Victor. *Napoleão, o pequeno*. São Paulo: Ensaio, 1996.

⁵²⁰ Ver, entre outros, PLESSIS, Alain. *The rise and fall of the Second Empire, 1852-1871*. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: La Maison des Sciences de l’Homme, 1987; APRILE, Sylvie. *La IIe. République et le Second Empire, 1848-1870: du prince président à Napoléon III*. Paris: Pigmalion, 2000; MIQUEL, Pierre. *Le Second Empire*. Paris: Perrin, 2008. Sobre Napoleão III, ver, além de MILZA, *op.*

Sustentado intelectual e politicamente por diversos saint-simonianos, Napoleão III teria, curiosamente, sido chamado por um outro membro da ala esquerda de seus apoiadores, o jornalista Adolphe Guérault (1810-1871), de “um Saint-Simon a cavalo”, em referência à descrição que Madame de Staël havia feito décadas antes em relação ao seu tio Napoleão como “um Robespierre a cavalo”. A valorização às grandes obras públicas, ao sistema de crédito, à colonização da Argélia e à centralização política podem ajudar a explicar esse fenômeno⁵²¹. Pode-se afirmar, nesse sentido, que não há qualquer contradição na aliança entre um antigo saint-simoniano como Michel Chevalier e o regime bonapartista. Da mesma forma, é preciso também ressaltar que, mesmo que com pequenas nuances, as linhas gerais do pensamento do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* não sofreu grandes inflexões mesmo após sua adesão ao regime posterior a 1848. Ao contrário, em sua essência, o bonapartismo e o saint-simonismo pareciam mais se atrair que se afastar. Como se pode perceber, não foi por acaso que Chevalier acabou se tornando, nas palavras de David Harvey, “o economista preferido do imperador”⁵²².

Entre as diversas questões que uniam os antigos saint-simonianos a Luís Bonaparte, uma importa particularmente aos objetivos deste trabalho: o interesse do futuro imperador na construção de um canal interoceânico na América Central, em particular na Nicarágua. A esse respeito, em 1846, período pouco posterior à sua fuga da fortaleza de Ham e a sua chegada à Inglaterra, Bonaparte publicou um longo artigo, na *Revue Britannique*, em que discutia as possibilidades de abertura de uma passagem que unisse os oceanos Atlântico e Pacífico no istmo centro-americano, intitulado *Le canal de Nicaragua ou projet de jonction des océans Atlantique et Pacifique au moyen d'un canal*⁵²³. Para a construção de seu argumento, dois textos foram tomados como referências para seus estudos sobre a construção do canal na Nicarágua: *Projet de jonction de l'Océan Pacifique et de l'Océan Atlantique a travers de l'isthme du Panama* (1845), do engenheiro Napoléon Garella⁵²⁴, e *L'isthme du Panama* (1844), publicado

cit., GIRARD, Louis. *Napoléon III*. Paris: Fayard, 1986; e SÉGUIN, Phillipe. *Louis-Napoléon le Grand*. Paris: Grasset, 1990.

⁵²¹ Ver ANCEAU, *op. cit.*; e SAGNES, *op. cit.*

⁵²² HARVEY, David. *Paris: capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 204.

⁵²³ BONAPARTE, Louis-Napoléon. “Le canal de Nicaragua ou projet de jonction des océans Atlantique et Pacifique au moyen d'un canal”. In: *Oeuvres de Napoléon III*. Paris: Librairie D'Amyot, 1854, vol. II.

⁵²⁴ GARELLA, Napoléon. *Projet de jonction de l'Océan Pacifique et de l'Océan Atlantique a travers de l'isthme du Panama*. Paris: Carilian-Goeury et Dalmont Éditeurs, 1845.

inicialmente nas páginas da *Revue des Deux Mondes* e, posteriormente, em formato livresco, por Michel Chevalier⁵²⁵.

Nesse texto, Luís Bonaparte afirmava que, desde 1842, vinha travando contatos com importantes autoridades centro-americanas a respeito das possibilidades de interligação entre os oceanos Atlântico e Pacífico por meio da construção de um canal no istmo. De acordo com sua narrativa, em 1844, os Estados da Guatemala, de Honduras e de San-Salvador (El Salvador) teriam enviado como ministro plenipotenciário à França, o futuro presidente da Nicarágua, Francisco Castellón, para tratar do assunto com as autoridades orleanistas. Com a recusa do governo de Luís Filipe em discutir o tema, Castellón teria conseguido uma entrevista com o “prisioneiro de Ham”, convidando-o para que, caso recebesse anistia, fosse à América Central liderar esse projeto. Entre 1844 e 1846, diversas correspondências foram trocadas entre os dois lados sobre o tema. Em uma missiva que recebera no início de 1846, fora informado que “o governo da Nicarágua havia resolvido dar a essa grande obra de arte, destinada a abrir uma nova rota ao comércio do mundo, o nome de *Canal Napoleão da Nicarágua*”⁵²⁶. Antes de escapar da prisão e fugir para Londres, o “príncipe” chegara inclusive a assinar um tratado com as autoridades nicaraguenses comprometendo-se com a execução do projeto⁵²⁷.

Após escapar da fortaleza de Ham e se exilar na Inglaterra, Luís Bonaparte, curiosamente em terceira pessoa, escrevia sobre seu desejo de aceitar essa missão na América Central:

Hoje que o príncipe se encontra no exílio, está mais distante do que nunca de renunciar à ideia de uma empresa que foi motivo de insistências tão prementes a ele, e, a fim de responder à confiança que lhe testemunharam o governo da Nicarágua, mesmo no tempo de seu cativo, ele resolveu aproveitar sua estadia na Inglaterra para obter, tanto quanto dependa dele, o apoio de todos os espíritos inteligentes e elevados para essa mesma empresa, que não deixaria de apresentar os resultados mais felizes para o comércio de todas as nações⁵²⁸.

⁵²⁵ CHEVALIER, Michel. “L’isthme du Panama”. *Revue des Deux Mondes*, t. 5, 1844, pp. 5-74; e, do mesmo autor, *L’isthme du Panama*. Paris: Charles de Gosselin Éditeur, 1844.

⁵²⁶ No original: “le gouvernement de Nicaragua avait résolu de donner à ce grande ouvrage d’art, destiné à ouvrir une nouvelle route au commerce du monde, le nom de *Canale Napoleone de Nicaragua*”. BONAPARTE, “Le canal de Nicaragua”, op. cit., p. 472.

⁵²⁷ SAGNES, op. cit., p. 91.

⁵²⁸ No original: “Aujourd’hui que le prince se trouve dans l’exil, il est plus éloigné que jamais de renoncer à l’idée d’une entreprise qui a été l’objet d’instances si pressantes auprès de lui, et, afin de répondre à la

Sobre a importância dessa empresa centro-americana, Luís Napoleão afirmava:

A prosperidade da América Central se vincula aos interesses da civilização em geral, e o melhor meio de trabalhar para o bem estar da humanidade é superar as barreiras que separam os homens, as raças e as nações. É a marcha que nos é indicada pelo cristianismo e pelos esforços que os grandes homens que surgiram em intervalos na cena do mundo. A religião cristã nos ensina que nós somos todos irmãos, e que aos olhos de Deus, o escravo é igual ao mestre –assim como o asiático, o africano e o indígena são iguais ao europeu. Por outro lado, os grandes homens da terra têm, por suas guerras, mesclado o conjunto das diferentes raças, e deixado para trás alguns impermissíveis monumentos, tais como o aplainamento de montanhas, a abertura de florestas, a canalização de rios, monumentos que facilitam as comunicações, tendendo a aproximar e a reunir os indivíduos e os povos. A guerra e o comércio civilizaram o mundo. A guerra já teve seu tempo; apenas o comércio persegue hoje essas conquistas. Abramos-lhe uma nova rota. Reaproximemos da Europa as populações da Oceania e da Austrália, e façamos-lhe participar das benfeitorias do cristianismo e da civilização⁵²⁹.

Ecoando, em certa medida, tópicos que podem ser encontrados, anos antes, em Michel Chevalier, Luís Bonaparte apontava para a importância fundamental da América Central para a promoção do encontro entre os povos atlânticos e as regiões do Pacífico. De acordo com Jean Sagne, ao que tudo indicava, o “príncipe” parecia estar bastante disposto a conseguir financiamento de capitais ingleses para viajar para a América Central e a encabeçar essa empresa. Entretanto, a mudança conjuntural da política de

confiance que lui a témoignée le gouvernement de Nicaragua, dans le temps même de sa captivité, il a résolu de profiter de son séjour en Angleterre pour obtenir, autant qu’il dépendra de lui, le concours de tous les esprits intelligents et élevés à cette même entreprise, qui ne saurait manquer d’avoir les résultats les plus heureux pour le commerce de toutes les nations”. BONAPARTE, “Le canal de Nicaragua”, *op. cit.*, pp. 473-474.

⁵²⁹ No original: “La prospérité de l’Amérique centrale se rattache aux intérêts de la civilisation en général, et le meilleur moyen de travailler au bien-être de l’humanité, c’est d’abattre des barrières que séparent les hommes, les races et les nations. C’est la marche qui nous est indiquée par le christianisme et par les efforts des grands hommes qui ont paru par intervalles sur la scène du monde. La religion chrétienne nous enseigne que nous sommes tous frères, et qu’aux yeux de Dieu, l’esclave est égal au maître, - de même que l’Asiatique, l’Africain et l’Indien sont égaux à l’Européen. D’un autre côté, les grands hommes de la terre ont, par leurs guerres, mêlé ensemble des différentes races, et laissé derrière eux quelques-uns de ces impérissables monuments, tels que l’aplanissement des montagnes, le percement des forêts, la canalisation des rivières, monuments qui, en facilitant les communications, tendent à rapprocher et à réunir les individus et les peuples. La guerre et le commerce ont civilisé le monde. A guerre a fait son temps; le commerce seul poursuit aujourd’hui ses conquêtes. Ouvrons-lui une nouvelle route. Rapprochons de l’Europe les peuplades de l’Océanie et de l’Australie, et faisons-les participer aux bienfaits de christianisme et de la civilisation”. *Ibidem*, p. 542.

seu país, em 1848, falou mais alto, fazendo com que ele voltasse suas atenções para a conturbada cena francesa e deixasse em compasso de espera a questão do istmo centro-americano⁵³⁰.

A despeito disso, a década de 1850, iniciada na França com o golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851 e com a instauração do império bonapartista, em 1852, se apresentou como um período em que certamente a América Central ocupou posição de destaque geopolítico nos debates que se desenvolveram durante esse período dos dois lados do Atlântico.

Os circuitos da latinidade

Como ressaltado anteriormente, a preocupação com os avanços anglo-saxões e os projetos de construção de um canal interoceânico no istmo centro-americano, como evidenciam as obras de Michel Chevalier, constituíam-se, na França, já desde a década de 1830, como questões presentes na retórica intelectual e política de seus letrados. Da mesma forma, as movimentações de Luís Bonaparte, o futuro imperador Napoleão III, no decênio de 1840, em relação à construção de uma passagem interligando os oceanos Atlântico e Pacífico na Nicarágua, não deixava de revelar as conexões e intercâmbios entre as elites dos dois lados do Atlântico na tentativa de viabilizar essas empresas.

Embora o ambiente intelectual viesse sendo preparado desde meados da década de 1830 para a formulação do conceito de “América Latina”, foi somente nos anos de 1850 que a ideia de uma “raça latina” se tornou mais frequente no debate público tanto na Europa quanto nas Américas. Pode-se dizer, de certa maneira, que um importante veículo para sua consolidação na França, nesse decênio, foi o *Annuaire des Deux Mondes*, fascículo de cerca de mil páginas lançado anualmente pela *Revue des Deux Mondes*, entre 1850 e 1866. Buscando se constituir como uma espécie de síntese da política global, o *Annuaire* almejava-se, como se pode notar em uma descrição presente nas páginas da *Revue*, como uma obra que desse conta de “todos os países que têm um papel ativo mundo”⁵³¹.

Especificamente sobre o ambicioso volume de 1850, o primeiro da série de anuários, é curioso perceber que, com o intuito de ordenar todos os países considerados relevantes do mundo, o *Annuaire* promovia uma divisão das nações por meio do

⁵³⁰ SAGNES, *op. cit.*, pp. 89-92.

⁵³¹ No original: “tous les pays qui ont un rôle actif dans le monde”. *Revue des Deux Mondes*, n. 10, 1851.

conceito de “raça”. Mais uma vez, como tem sido destacado ao longo da tese, não se explicitava nessa utilização ainda uma perspectiva biológica da noção, mas sim um significado cultural, histórico e linguístico. Os europeus eram subdivididos, no tomo, em “Race Latine” (França, Espanha, Bélgica, Suíça, Península Itálica e Portugal), “Race Anglo-Saxonne” (Grã-Bretanha), “Race Scandinave” (Suécia, Noruega e Dinamarca), “Race Germanique” (Países Baixos e Confederação Germânica), “Race Slave” (Rússia) e “Race Turco-Slave” (Turquia e Grécia). A publicação apresentava ainda descrições e análises, em menor escala, dos países do Novo Mundo, separando-os em “Race Anglo-américaine” e “Race Hispano-américaine”, e das nações africanas e asiáticas no segmento “Races Africaines et Asiatiques”.

A despeito de classificar as populações de origem ibérica que viviam na América como “raças hispano-americanas”, pode-se notar, no anuário, que a relação entre essas nações e a ideia de “latinidade” não diferia muito, por exemplo, da proposta por Michel Chevalier, cerca de quinze anos antes nas *Lettres sur l'Amérique du Nord*. É interessante constatar, entretanto, que, mais uma vez, a evocação da América ibérica como parte de uma suposta “raça latina” se articulava, curiosamente, a uma reflexão sobre a presença de anglo-saxões e a ausência de franceses no istmo centro-americano. Em um texto não assinado da publicação, evidenciavam-se as seguintes linhas:

A América Central, por sua posição excepcional entre dois mares, pela fertilidade de um solo onde se encontram reunidos todos os elementos de uma grande prosperidade agrícola e comercial, é chamada a tornar-se, após a junção do Oceano Pacífico e do Oceano Atlântico, um dos mercados de consumo e de produção mais importantes do mundo inteiro. Esse desenvolvimento se operará em proveito único da raça latina, que é hoje a senhora do solo? Não, sem dúvida. A raça anglo-saxônica cobiça a América Central e a cerca de todos os lados para tomá-la em grande parte. A França deve ao menos, em alguma medida, aproveitar uma parte das vantagens que o futuro promete a essa porção da América? Nós devemos responder ainda que não. A França permanece espectadora indiferente dos progressos constantes do comércio e da influência da Inglaterra e dos Estados Unidos no antigo reino da Guatemala. Ela trava ainda somente insignificantes relações com as cinco repúblicas⁵³².

⁵³² No original: “L'Amérique centrale, par sa position exceptionnelle entre deux mers, par la fertilité d'un sol où se trouvent réunis tous les éléments d'une grande prospérité agricole et commerciale, est appelée à devenir, après la jonction de l'Océan Pacifique et de l'Océan Atlantique, l'un des marchés de consommation et de production les plus importants du monde entier. Ce développement s'opérera-t-il au profit seul de la race latine, qui est aujourd'hui maîtresse du sol? Non, sans doute. La race anglo-saxonne

Assim como Michel Chevalier havia feito há quase quinze anos em suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, o autor anônimo do artigo do *Annuaire des Deux Mondes* associava as ideias de uma suposta “latinidade” da América Central à importância geopolítica e econômica da região e, ao mesmo tempo, ao descompasso da França em relação ao futuro do istmo.

Parece importante ainda sublinhar que não era apenas em língua francesa que, na década de 1850, surgiram textos deixando implícitas a vinculação entre a América ibérica e a ideia de “raça latina”. Em 1853, por exemplo, a “Introdução”, de Michel Chevalier, às *Lettres sur l'Amérique du Nord* foi traduzida para a língua espanhola pela recém-criada *Revista Española de Ambos Mundos*, periódico peninsular que pretendia declaradamente emular a *Revue des Deux Mondes* e exercer influência sobre os hispanófonos dos dois lados do Atlântico⁵³³. Nessa mesma publicação, teria vindo à luz ainda um dos primeiros textos de um autor hispano-americano – na visão de Arturo Ardao, o primeiro – a associar diretamente a América ibérica ao conceito de “raça latina”: “España y las repúblicas hispanoamericanas”, do dominicano Francisco Muñoz del Monte. Nesse artigo, o autor caribenho refutava, mais uma vez, a sanha norte-americana em relação aos seus vizinhos do sul e propunha a união não somente entre as repúblicas hispano-americanas, mas defendia, de forma bastante assertiva, também uma parceria com espanhóis e franceses como forma de evitar o predomínio anglo-saxão sobre a região⁵³⁴.

Para os objetivos deste texto, parece importante destacar um personagem ainda um tanto obscuro no debate em torno das primeiras utilizações do conceito de “América Latina”, que atuou como um importante mediador entre o governo imperial de Napoleão III e a América Central na defesa da construção de um canal interoceânico na região: o jornalista e negociante francês Felix Belly (1816-1886).

convoite l'Amérique centrale et l'enserme de tous côtés pour en prendre une large part. La France du moins est-elle en mesure de profiter d'une partie des avantages que l'avenir promet à cette portion de l'Amérique? Nous devons répondre encore que non. La France reste spectatrice indifférente des progrès constants du commerce et de l'influence de l'Angleterre et des États-Unis dans l'ancien royaume de Guatemala. Elle n'entretient encore que d'insignifiantes relations avec les cinq républiques”. *Annuaire des Deux Mondes: histoire générale des divers états*. Paris: Bureau de l'Annuaire des Deux Mondes, 1850, pp. 946-947..

⁵³³ CHEVALIER, Michel. “Sobre el progreso y el porvenir de la civilización”. *Revista Española de Ambos Mundos*, Madrid, t. I, 1853, pp. 1-10.

⁵³⁴ MUÑOZ DEL MONTE, Francisco. “España y las repúblicas hispanoamericanas”. *Revista Española de Ambos Mundos*, Madrid, t. I, 1853, pp.257-280.

Após atuar por muitos anos na imprensa de seu país, especialmente em Rouen, na Normandia, Belly esteve em Constantinopla, entre 1853 e 1855, cobrindo os assuntos do Império Otomano e, particularmente, a Guerra da Crimeia (1853-1856)⁵³⁵, para os jornais *Constitutionnel* e *Morning Chronical*. Retornando à França após uma passagem por Berlim, onde conheceu o já bastante idoso Alexander von Humboldt, passou a demonstrar interesse pelos assuntos da América Central. Já em 1855, atuando no periódico bonapartista *Le pays*, publicou dois textos sobre a temática, um discutindo a possibilidade da construção de canais em Suez e no Panamá e outro tratando da invasão de William Walker à Nicarágua⁵³⁶.

Interessa aqui, para os objetivos deste capítulo, um texto específico de Belly, intitulado “Du conflit anglo-américain et de l’équilibre du Nouveau Monde”, impresso, em 15 de junho de 1856, na *Revue Contemporaine*. Nele, o jornalista, declarado apoiador de Napoleão III, acusava as pretensões dos Estados Unidos em relação às demais nações do continente americano e denunciava a destituição do governo legítimo na Nicarágua pelo aventureiro William Walker. Comparava também, de maneira curiosa, o expansionismo norte-americano em relação aos seus vizinhos do sul às intenções russas sobre territórios pertencentes ao Império Otomano. Afirmava que, assim como a desatenção das potências europeias frente aos avanços do czar terminaram por provocar a Guerra da Crimeia, a tolerância em relação aos desmandos dos Estados Unidos no istmo centro-americano poderia levar também a consequências desagradáveis para países do Velho Mundo. O alvo de Belly, em seu texto, era a política externa norte-americana, com ênfase à atuação dos filibusteiros que, desde o início da década de 1850, vinham atuando na América Central por meio de ataques à região que culminaram, na Nicarágua, com a ascensão ao poder de William Walker, personagem a quem o autor dedicou um grande número de páginas. Para o periodista, da maneira como os fatos vinham ocorrendo, se medidas não fossem tomadas, sequer a América do Sul – do Amazonas ao Prata, passando pelo Brasil – estaria livre da ação filibusteira⁵³⁷.

⁵³⁵ A Guerra da Crimeia (1853-1856) resultou das pretensões russas em relação a territórios pertencentes ao então Império Otomano, especialmente à navegação nos estreitos de Bósforo e Dardanelos. A invasão da Rússia à região do Rio Danúbio provocou o conflito entre o império czarista e a coligação formada por Inglaterra, França, Sardenha e os próprios otomanos. A derrota no cerco de Sebastopol, atual Ucrânia, culminou com a derrota russa, formalmente admitida no Tratado de Paris, assinado no ano seguinte.

⁵³⁶ POTVIN, Charles. “Felix Belly”. In: BELLY, Felix. *L’Isthme américain: notes d’un premier voyage*, 1858. Bruxelas: P. Weissebruch, Imprimeur du Roi, 1889, pp. V-XLII.

⁵³⁷ BELLY, Felix. “Du conflit anglo-américain et de l’équilibre du Nouveau Monde”. *Revue Contemporaine*, Paris, t. XXVI, juin./jul. 1856, pp. 121-155.

Na conclusão de seu texto, Belly recorria, assim como seus contemporâneos hispano-americanos, à evocação da diferença entre as “raças” do Novo Mundo, descrevendo uma América cindida entre “anglo-americanos” e “latinos”, definidos por seus caracteres culturais específicos e por sua atuação em relação aos demais povos do mundo. Nas palavras do jornalista:

Duas raças, duas religiões, duas influências essencialmente contrárias e hostis partilham a terra de Colombo. Ao norte, a raça anglo-americana, resultado da cepa puritana, intolerante e ousada, ambiciosa e ativa, ocupa uma região tão vasta como nossa Europa; do Canadá ao México, e do Pacífico ao Atlântico. Ao sul, a raça latina, saída inteiramente da Península espanhola, católica de religião, indolente de costumes, mas apta a seguir todos os impulsos fecundos, se estende sobre um espaço imenso do México ao Cabo Horn⁵³⁸.

Belly, buscando discutir a aparente superioridade dos “anglo-americanos” em relação aos “latinos”, atribuía, em grande medida, ao passado colonial a infelicidade destes últimos, afirmando que espanhóis e portugueses teriam plantado no Novo Mundo somente a ambição, a cupidez, os favoritismos, a corrupção, a desconfiança popular, a superstição e a intolerância. Nas novas nações americanas, essa atuação das metrópoles ibéricas teria resultado em sociedades marcadas pelo desprezo em relação ao trabalho, pelo preconceito de castas, pelo amor aos títulos, pelo despotismo cego e pelas aristocracias vaidosas. Despreparados, sem luzes, sem coesão, sem confiança e sem homens superiores para conduzirem o processo de estabelecimento dos novos países após a emancipação em relação às metrópoles ibéricas, o México, a América Central e a América do Sul vivenciaram a “anarquia de revoluções periódicas”⁵³⁹. Isso significaria, de acordo com o autor, que jamais os “latinos” da América poderiam encontrar a civilização? Na opinião Belly, não. Primeiramente, porque, segundo ele, todas as “raças” seriam passíveis de serem “civilizadas”. Além disso, o próprio subcontinente oferecia bons exemplos de desenvolvimento como o Brasil, o Chile e a Costa Rica. A América de “raça latina” apresentava, em sua visão, um desejo crescente de encontrar a

⁵³⁸ No original: “Deux races, deux religions, deux influences essentiellement contraires et hostiles se partagent la terre de Colomb. Au Nord, la race anglo-américaine, issue de souche puritaine, intolérante et hardie, ambitieuse et active, occupe une région aussi vaste que notre Europe; du Canada au Mexique, et du Pacifique à l’Atlantique. Au sud, la race latine, sortie toute entière de la Péninsule espagnole, catholique de religion, nonchalante de moeurs mais apte à suivre toutes les impulsions fécondes, s’étend sur un espace immense du Mexique au cap Horn”. *Ibidem*, p. 150.

⁵³⁹ *Ibidem*, p. 151.

ordem e a liberdade e indicava elementos que possibilitariam sua redenção. Em suas palavras:

A necessidade de ordem está em todo lugar, assim como a de liberdade. Pode-se mesmo dizer que, sob esse aspecto, quase todas as constituições sul-americanas são obras-primas. Os costumes, por outro lado, dessas populações muito pouco conhecidas, bastariam para lhes [fazer] merecer as simpatias dos europeus. Enquanto as seitas mais monstruosas recrutam adeptos aos Estados Unidos e que a multiplicidade das aberrações religiosas turba ali as consciências mais fortes, toda América Latina reconhece o mesmo culto, professa o mesmo dogma e se inclina diante da mesma autoridade espiritual⁵⁴⁰.

Utilizando-se do conceito de “América Latina” como substantivo composto, na publicação de 15 de julho de 1856, mais ou menos uma semana antes da conferência de Bilbao e alguns meses o poema de Torres Caicedo⁵⁴¹, o jornalista Felix Belly idealizava a América de colonização ibérica, por seu pretenso desejo de ordem e liberdade, por seus costumes, seu catolicismo e, principalmente, sua abertura à influência europeia, como o local privilegiado para o estabelecimento político, moral e, especialmente, econômico dos homens do Velho Continente e, particularmente, dos franceses. Segundo Belly: “Essa civilização cristã da América central e meridional chama hoje nossa justiça para lhe salvar, ela requer por todas suas vozes o mecenato de nosso direito público; ela reclama também sua entrada no concerto europeu, e a garantia de sua autonomia ameaçada pela invasão”⁵⁴². O autor concluía seu texto afirmando que a única salvação possível para a “América Latina” seria a intervenção europeia nos assuntos do Novo Mundo: “Essa independência, o momento parece vir decretá-la; essa segurança, a Europa tem o direito de exigir em nome de seus próprios interesses. Ora, é nessa

⁵⁴⁰ No original: “Le besoin de l'ordre est partout, aussi bien que celui de la liberté. On peut même dire que, sous ce rapport, presque toutes les constitutions sud-américaines sont des chefs-d'oeuvre. Les moeurs, d'ailleurs, de ces populations trop peu connues, suffiraient pour leur mériter les sympathies des Européens. Tandis que les sectes les plus monstrueuses recrutent des adeptes aux Etats-Unis et que la multiplicité des aberrations religieuses y trouble les consciences les plus fortes, toute l'Amérique latine reconnaît le même culte, professe le même dogme et s'incline devant la même autorité spirituelle”. *Ibidem*, p. 153.

⁵⁴¹ A utilização do conceito de “América Latina” por FelixBelly antes de José Maria Torres Caicedo já havia sido notada por GOBAT, Michael. “The Invention of Latin America: a Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race”. *The American Historical Review*, vol. 118, issue 5, December/2013, pp. 1345–1375.

⁵⁴² No original: “Cette civilisation chrétienne de l'Amérique centrale et méridionale en appelle aujourd'hui à notre justice pour la sauver elle nous demande par toutes ses voix le patronage de notre droit public; elle réclame, elle aussi, son entrée dans le concert européen, et la garantie de son autonomie menacée par l'invasion”. BELLY, *op. cit.*, p. 154.

intervenção onipotente que reside para nós, para a América do Sul, mesmo para os Estados Unidos, a verdadeira solução do equilíbrio do Novo Mundo”⁵⁴³.

Em 1858, Belly viajou à América Central, onde foi recebido pelas autoridades locais para negociar a construção de um canal interoceânico. Embora oficialmente as lideranças bonapartistas negassem a formalidade desses encontros e o caráter oficial das tratativas, o jornalista apresentava-se sempre, nos países que visitava, com um documento assinado pelo próprio imperador Napoleão III, endossando as possibilidades de convênio⁵⁴⁴. Mesmo tendo conseguido estabelecer acordos de concessão exclusiva para a edificação das rotas ligando o Atlântico ao Pacífico dos governos da Nicarágua e da Costa Rica, o momento difícil vivenciado pelos governos centro-americanos no período e a dificuldade em arregimentar financiamento para a empresa fizeram com que Belly abandonasse, no ano seguinte, o projeto⁵⁴⁵.

Antes de concluir este capítulo, é preciso apresentar aqui brevemente algumas considerações historiográficas sobre a discussão em torno do conceito de “América Latina” e suas utilizações nos séculos XIX e XX.

Um conceito em disputa

Desde a década de 1960, diversos intelectuais ligados às ciências humanas têm procurado discutir o conceito de “América Latina” guiados basicamente por dois grandes objetivos: desvendar suas origens e debater a viabilidade de sua utilização.

Sobre a temática das origens, duas são as posições paradigmáticas: de um lado, aquela que compreende tal conceituação do subcontinente como criação e imposição estrangeira pautada por interesses geopolíticos externos; de outro, a que afirma sua origem autóctone e anti-imperial resultante da resistência das elites letradas locais à voracidade das grandes potências e, particularmente, dos norte-americanos. Entre os que se posicionam sobre a validade ou não de seu uso, alguns permanecem considerando-o uma ferramenta intelectual ou política necessária e desejável, enquanto outros entendem que seus limites são maiores que seus méritos.

⁵⁴³ No original: “Cette indépendance, l'heure semble venue de la décréter; cette sécurité, l'Europe a le droit de l'exiger au nom de ses propres intérêts. Or, c'est dans cette intervention de sa toute-puissance que réside pour nous, pour l'Amérique du sud, pour les Etats-Unis eux-mêmes, la véritable solution de l'équilibre du Nouveau-Monde”. *Ibidem*, p. 155.

⁵⁴⁴ ALLEN, Cyril. “Félix Belly: Nicaraguan Canal Promoter”. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 37, No. 1 (Feb., 1957), pp. 46-59.

⁵⁴⁵ SCHOULTZ, *op. cit.*, p. 180.

A polêmica sobre o nascimento do conceito de “América Latina” remonta ao ano de 1965, quando dois escritos aparentemente antagônicos sobre o tema vieram à tona⁵⁴⁶. O primeiro deles foi “El origen de la idea de Latinoamérica”, conferência ministrada pelo historiador norte-americano John Leddy Phelan, no contexto de uma homenagem ao intelectual mexicano Edmundo O’Gorman, ocorrida naquele ano na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Nesse texto, Phelan atribuía a designação “América Latina” unicamente ao panlatinismo francês existente durante o Segundo Império (1852-1870), sob Napoleão III. Michel Chevalier teria sido, nessa interpretação, um de seus principais artífices, primeiramente no contexto de sua viagem às Américas entre 1833 e 1835, e, em um segundo momento, nos quadros de sua participação no regime bonapartista. Sob a influência de Chevalier, o conceito de “América Latina” teria sido veiculado pela primeira vez, na perspectiva de Phelan, na França, por L. M. Tisserand na *Revue des races latines*, em 1861⁵⁴⁷.

Partindo de outra perspectiva, merece destaque o texto do intelectual uruguaio Arturo Ardao “La idea de Latinoamérica”, publicado também em 1965⁵⁴⁸. Escrito inicialmente para o célebre semanário de Montevideu *Marcha*, esse artigo constituiu-se como a base para seu trabalho posterior *Génesis de la idea y el nombre de América Latina*, de 1980, em que desenvolveu com mais vagar as ideias veiculadas anteriormente⁵⁴⁹. Se Ardao localizava na França as origens de uma concepção sobre a existência de uma “raça latina” e determinava Michel Chevalier como o primeiro a associar a América de colonização ibérica à “latinidade”, afirmava, contrapondo-se ao autor norte-americano, que haviam sido, na realidade, hispano-americanos, em geral, radicados na Europa, os primeiros a forjar não somente a ideia, mas o nome “América Latina”. Destacava, nesse contexto, o periodista, político, diplomata e escritor colombiano José María Torres Caicedo, autor do poema “Las dos Américas”, que, na cidade de Veneza, na península itálica, em 26 de setembro de 1856, escrevera os versos: “La raza de la América Latina / al frente tiene la sajona raza”, onde pela primeira vez, segundo o intelectual uruguaio, teria sido utilizada o substantivo composto “América

⁵⁴⁶ Ver, entre outros, QUIJADA, Mónica. “Sobre el origen y difusión del nombre América Latina (o una variación heterodoxa en torno de la construcción social de la verdad)”. *Revista de Indias*, vol. LVIII, n. 214, 1998, pp. 595-616.

⁵⁴⁷ PHELAN, John Leddy. “El origen de la idea de Latinoamérica (1965)”. In: ZEA, Leopoldo (org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. Vol. I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, pp. 441-455.

⁵⁴⁸ ARDAO, Arturo. “La idea de Latinoamérica”. *Marcha*, Montevideu, n. 1282, 27 de noviembre de 1965.

⁵⁴⁹ ARDAO, Arturo. *Genesis de la idea y el nombre América Latina*. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Romulo Gallegos, 1980.

Latina”. Nessa concepção, o nome do subcontinente fora elaborado em contraponto aos Estados Unidos que, desde meados da década de 1840, vinham representando uma ameaça ao restante do Novo Mundo⁵⁵⁰.

Apropriando-se, em parte, da argumentação de Ardao, na medida em que afirmava também a primazia efetiva dos hispano-americanos na invenção do nome “América Latina”, o historiador chileno Miguel Rojas Mix questionava, nesse debate, a patente de seu inventor. Embora mencionasse os usos que o também chileno Francisco Bilbao fez dos termos “raza latinoamericana” e “América latina, sajona e indígena” no discurso “Iniciativa de América”, proferido em Paris, em 24 de junho de 1856, quase três meses antes do poema de Torres Caicedo vir à luz, Ardao não considerava ainda forjado o conceito, pois o termo “latina” configurava-se, em sua visão, não como parte do substantivo composto “América Latina”, mas ainda como um adjetivo complementar a “América”. Mesmo afirmando que pouco importava quem teria sido o primeiro a conceitualizar a América ibérica como “latina”, Rojas Mix, contrapondo-se ao intelectual uruguaio, destacava não somente o papel pioneiro de Bilbao na formulação da nomenclatura, mas também o americanismo combativo e engajado do intelectual chileno⁵⁵¹.

Estabelecidas essas duas matrizes básicas da discussão acerca da formulação do termo, alguns balanços historiográficos já foram realizados nesse sentido⁵⁵².

⁵⁵⁰ *Ibidem*, pp. 11-95.

⁵⁵¹ ROJAS MIX, Miguel. “Bilbao y el hallazgo de América Latina: unión continental, socialista y libertária”. *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 46, 1986, pp. 35-47.

⁵⁵² Além dos textos fundadores de Phelan, Ardao e Rojas Mix e do balanço de Quijada, ver os artigos FUNES, Patrícia. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. In: DAYRELL, E. G. e IOKOI, Z. G. (org.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996; ROMERO, Vicente. “Du nominal ‘latin’ pour l’Autre Amérique; notes sur la naissance et le sens du nom ‘Amérique Latine’ autour des années 1850”. *Histoire et Société de l’Amérique Latine*, n. 7, 1998, pp. 57-86; BRUIT, Hector H. “A invenção da América Latina”. *Revista do Mestrado de História*, Vassouras, n. 5, 2003, pp. 69-88; DINIZ, Dilma Castelo Branco. “O conceito de América Latina: uma visão francesa”. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 12, 2007, pp. 129-148; BRANDALISE, Carla. “A ideia e concepção de ‘latinidade’ nas Américas: disputa entre as nações”. In: ORO, Ari Pedro (org.). *A ideia de latinidade na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 2008; da mesma autora, “O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia”. *Cuadernos del CILHA*, v. 14, p. 74-106, 2013; BETHELL, Leslie. “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, 2009, pp. 289-321; AILLÓN SORÍA, Esther. “La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto l’Amérique Latine, 1860-1930”. In: GRANADOS GARCÍA, Aimer & MARICHAL, Carlos (orgs.). *Construcción de las identidades latino-americanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX*. 2 ed. México: El Colegio de México, 2009; FARRET, Rafael Leporace & PINTO, Simone Rodrigues. “América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia”. *Topoi*, vol. 12, n. 23, 2011, pp. 30-42; TENORIO TRILLO, Mauricio. “América Latina: a ideia, mais uma vez”. *Interseções*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2012, pp. 241-267; e SANTOS, Fábio Luís Barbosa dos. “Gênese e atualidade da noção de América Latina: uma reflexão sobre o sentido histórico da integração continental”. *Faces da História*, Assis-SP, v.2, nº1, p. 06-16, jan.-jun., 2015. Ver também os livros ROUQUIÉ, A. *O Extremo-*

Interessante notar que, com raras exceções, as abordagens sobre a temática ainda seguem pautadas especialmente pela perspectiva de Ardao como se pode perceber, por exemplo, nos artigos já citados de Mónica Quijada e de Rafael Leporace Farret e Simone Rodrigues Pinto que, mesmo contextualizando na análise a questão do panlatinismo e os interesses imperiais franceses sob Napoleão III, se afixam, sem grandes questionamentos, na primazia hispano-americana na utilização do conceito, confiando especialmente no pioneirismo de Torres Caicedo.

É possível afirmar que as premissas de Phelan e Ardao, mesmo que se pretendessem opostas, possuem ambas notáveis qualidades e também limites bastante acentuados, o que resulta por torná-las, entre suas contribuições e omissões, quase complementares. A preocupação comum de ambos com o que Marc Bloch chamou de “ídolo das origens”⁵⁵³ talvez esteja na base dos problemas dos dois textos. A necessidade de afirmar com exatidão a primeira vez que em o conceito “América Latina” foi enunciado mostra-se bastante complicada por algumas razões. A primeira delas talvez seja a impossibilidade, em um contexto em que as ideias estão em constante circulação entre os dois lados do Atlântico, de cristalizar um momento exato e fundador da construção de uma nomenclatura específica. Além disso, buscar a primazia francesa ou hispano-americana no surgimento do substantivo composto “América Latina” parece inócua na medida em que a própria abordagem de Ardao dá pistas para um processo mais amplo de trânsito intelectual entre os dois polos destacados.

Ironicamente, os problemas de que padecem os dois textos anunciam também alguns méritos. Por um lado, a ênfase de Phelan no panlatinismo francês da época de Napoleão III expõe o surgimento de um conceito repleto de interesses imperiais. Por outro, o enfoque de Ardao na resistência em relação aos Estados Unidos ressalta a combatividade e os usos políticos do termo como artefato de afirmação local e enfrentamento global. Além disso, a despeito das armadilhas em que recaiu dada sua busca ferrenha pelo “ídolo das origens” do nome “América Latina”, duas importantes contribuições de Ardao merecem ser destacadas: primeiramente, a articulação, no texto do autor, de um esboço de uma história da circulação das ideias entre a França e as Américas e, em decorrência disso, a afirmação de que as ideias não possuem um sentido

Ocidente: introdução à América Latina. São Paulo: Edusp, 1991; FERES JUNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005; ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina – cultura, política e identidade*. Brasília: Editora da UnB, 2005; e MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

⁵⁵³ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

de mão-única, ou seja, não são inventadas na Europa e copiadas e aderidas acriticamente na América Latina, mas, pelo contrário, têm autonomia mesmo quando em diálogo com formulações europeias.

É importante destacar ainda que, embora seja menos popular que Ardao entre os historiadores latino-americanos, a tese de Phelan sobre a imposição externa, baseada em interesses geopolíticos internacionais, do conceito de “América Latina” ainda ecoa, embora com outras roupagens. Por exemplo, no artigo “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”, do historiador inglês Leslie Bethell, publicado em 2009. Nesse texto, Bethell se posiciona diante de duas questões bastante espinhosas: a validade da utilização do conceito e a presença do Brasil na América Latina⁵⁵⁴.

De acordo com Bethell, o Brasil nunca se enxergou como América Latina e, ao mesmo tempo, jamais foi visto pelos hispano-americanos como tal. Nesse sentido, a inserção do país de língua portuguesa no quadro latino-americano teria sido, em sua interpretação, resultado dos interesses geopolíticos de classificação dos norte-americanos a partir das décadas de 1920 e 1930 e, mais precisamente, nos contextos da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria. Enfaticamente, o historiador inglês conclui seu texto da seguinte maneira: “É chegada a hora de o mundo parar de considerar o Brasil como parte daquilo que, na segunda metade do século XX, foi chamado de América Latina, um conceito que seguramente perdeu a utilidade que talvez tenha tido alguma vez”⁵⁵⁵. Em uma só tacada, Bethell exclui definitivamente a possibilidade do Brasil fazer parte da América Latina e questiona a própria utilização do conceito.

Sob uma ótica diversa da construída pelo autor inglês, o historiador mexicano Maurício Tenório Trillo, em um texto bastante instigante em que discute a validade ou não da designação “América Latina”, apresenta as contradições tanto no processo de formulação da nomenclatura como na própria presença do Brasil nessa unidade identitária. Ao contrário de Bethell, Tenório entende que, a despeito de todos os problemas que a definição carregaria, entre os quais a própria origem imperial francesa, a concepção de uma “América Latina” poderia abrir diversas possibilidades ao historiador, a começar por ampliar os horizontes dos estudiosos ao partir de uma premissa que ultrapassaria, logo de início, a lógica da história nacional. Nas palavras do

⁵⁵⁴ BETHELL, *op. cit.*, pp. 289-321.

⁵⁵⁵ *Ibidem*, p. 314.

autor: “sua natureza mais-do-que-nacional pode trazer à vida conexões e interações históricas que são inalcançáveis por meio de meras histórias nacionais”⁵⁵⁶.

Dialogando também com Leslie Bethell, o historiador brasileiro Fábio Luís Barbosa dos Santos, em um sentido ainda diverso, localiza a vitalidade e a necessidade da utilização do conceito no âmbito de uma política externa em que o contraponto da região permaneceria sendo os Estados Unidos. Nas combativas palavras do autor:

Reivindicar a atualidade do conceito de América Latina significa posicionar-se criticamente em relação às políticas que reafirmam uma inserção internacional da região subordinada aos Estados Unidos [...]. De forma correspondente, sugerir que a noção de América Latina está ultrapassada, justamente em função de políticas dessa natureza, revela um empenho em transformar uma questão em disputa em um fato consumado, operação característica da ideologia e não do pensamento crítico⁵⁵⁷.

É interessante notar que, para além das perspectivas historiográficas particulares adotadas por cada um dos autores, Bethell e Barbosa dos Santos se configuram, em suas linhas gerais, como paradigmáticos ainda hoje dos debates em torno do conceito de “América Latina” tal como estabelecido na década de 1960 pelas interpretações de Phelan e Ardao. De um lado, a ideia de uma invenção externa, fruto dos desígnios estrangeiros e pouco significativa em sua instrumentalização nos contextos particulares do subcontinente; de outro, a concepção que valida a formulação local e possui um forte viés anti-imperialista, especialmente em relação aos Estados Unidos, atribuindo grande importância a sua utilização nos discursos intelectuais e políticos da região como forma afirmação cultural e geopolítica.

A despeito dos antagonismos expostos por essas duas visões, tomadas lado a lado, essas perspectivas matriciais não deixam de serem complementares. Em um contexto caracterizado pela circulação das ideias, o conceito de “América Latina” foi e é instrumentalizado de diversas maneiras pelos vários atores que dele se apropriaram. Utilizado pelo imperialismo francês e, depois, norte-americano como uma designação geopolítica repleta de interesses, foi também assumido pelos latino-americanos, entre os quais, muitas vezes, os brasileiros, como forma de afirmação identitária nos âmbitos da

⁵⁵⁶ TENÓRIO TRILLO, *op. cit.*, p. 260.

⁵⁵⁷ SANTOS, *op. cit.*, p. 15.

cultura e da política e em oposição e forma de resistência a adversários internos e externos⁵⁵⁸.

Neste capítulo, buscou-se analisar o processo de elaboração e a multiplicidade de significados do conceito de “América Latina” de sua formulação em meados do século XIX até suas diversas interpretações historiográficas. Para além de aderir a matrizes específicas, privilegiou-se apreender esse movimento sob a ótica da circulação de ideias entre as Américas e a Europa, atentando-se sempre às suas apropriações e mutações vivenciadas em contextos específicos.

Nesse sentido, é possível afirmar que para políticos e intelectuais relevantes do subcontinente como Francisco Bilbao, José Maria Torres Caicedo ou Júlio Arosemena, apenas a união das repúblicas da região poderia impedir os avanços dos Estados Unidos. Por outro lado, para franceses como Michel Chevalier ou Felix Belly, os eventos que vinham ocorrendo no Novo Mundo exigiam certamente a intervenção diplomática, econômica ou militar dos europeus. Se a ideia de “latinidade” denotava, para os letrados do Novo Mundo, uma alternativa e um artefato de combate político e retórico que, por meio de um discurso identitário, conclamava a defesa e a confederação, para setores da intelectualidade francesa vinculados ao bonapartismo, significava, em outro sentido, uma forma de fazer valer seus interesses geopolíticos e econômicos em uma região do mundo que parecia estar se tornando monopólio da “raça anglo-saxônica”.

Isto posto, seria possível dizer que Felix Belly foi o primeiro, antes de Bilbao, Torres Caicedo ou Arosemena, a se utilizar do conceito de “América Latina”? É impossível afirmar com certeza, pois novas fontes sempre podem ser encontradas e novas perspectivas sempre podem se fazer valer. Em outro sentido, seria possível afirmar que os autores que se apropriaram da nomenclatura nesse período leram o texto de Belly? É provável, pois, aparentemente, o artigo publicado na *Revue Contemporaine* causou certa repercussão na Europa e nas Américas⁵⁵⁹.

Entretanto, é importante ponderar que as evidências documentais não são conclusivas a esse respeito. No limite, as respostas a essas perguntas, em especial à primeira, importam menos. É relevante, entretanto, notar que a construção dessa designação foi fruto de décadas em que as ideias racialistas passaram a circular dos dois lados do Atlântico e em que, instigadas pelo avanço dos Estados Unidos, provocaram uma intensa onda de reflexões identitárias tanto entre os hispano-americanos como entre

⁵⁵⁸ BRANDALISE, *op. cit.*, pp. 75-76; e AILLÓN SORÍA, *op. cit.*, p. 72.

⁵⁵⁹ ALLEN, *op. cit.*, p. 46.

os franceses, oferecendo respostas e utilizações diferentes a contextos e conceitos similares. Nem cópia pura e simples de um conceito nascido dos interesses panlatinistas franceses, nem fruto unicamente do talento original de um poeta hispano-americano, a denominação “América Latina” foi concebida nas duas margens do Atlântico como resultado de uma reflexão intelectual sobre o expansionismo norte-americano que começava a se evidenciar, sobre a capacidade de defesa dos países ameaçados por esse processo e sobre o papel da Europa diante desses fatos.

Capítulo 6
A LATINIDADE COROADA
Sonhos de um império no México

Frontispício de CHEVALIER, Michel. *Mexique ancien et moderne*. Paris: Librairie de L. Hachette, 1863.

[O México] é um país magnífico, perfeitamente situado no meio do caminho entre as duas extremidades, uma ocidental, outra oriental, do velho continente. Se o universo fosse reunido para sempre em um único império, e, sabe Deus se as estradas de ferro e os barcos a vapor não preparam a nossos sobrinhos essa imensa revolução!, o México deveria ser sua capital.

Michel Chevalier, “Lettres sur le México” (1835).

Nossa pátria [a França] possui grandes recursos. Ela tem um gênio poderoso. Generosos princípios são inscritos em sua bandeira. Ela tem nobres tradições, às quais ela ama permanecer fiel, e que são para ela uma força ao mesmo tempo que uma obrigação. Ela se sobressai nas letras, nas ciências e nas artes. Sua indústria é cada vez mais fecunda e sua agricultura é chamada ao mais rico futuro. Suas armas são formidáveis e temidas ao longe. Mas se as nações latinas desaparecerem da cena do mundo, a França se encontrará na irremediável fraqueza que determina o isolamento. Ela seria como um general sem exército, quase como uma cabeça sem corpo.

Michel Chevalier, *Méxique ancien et moderne* (1863).

O governo dos “povos católicos”

No segundo volume de suas *Lettres sur l'Amérique du Nord*, Michel Chevalier batizou curiosamente duas cartas seguidas de sua publicação com o mesmo título: “Amélioration sociale”. Conforme discutido no terceiro capítulo desta tese, um dos temas recorrentes em sua viagem aos Estados Unidos era, sem dúvida, de que maneira as nações poderiam se organizar de modo a melhorar a sorte do maior número de pessoas. Sua resposta, na primeira dessas cartas, concebia, em linhas gerais, o desenvolvimento da indústria por meio da ampliação do crédito, do desenvolvimento dos meios de transporte e da educação profissional, como o principal motor da transformação social. A segunda dessas cartas seguia, entretanto, um caminho diverso.

Datada de 03 de setembro de 1835 e escrita em Augusta, na Geórgia, a segunda dessas missivas destacava, em outro sentido, a influência que os regimes políticos

poderiam exercer sobre os caminhos tomados pela economia e pela sociedade. Afirmava, dessa maneira, a necessidade de adequação entre as formas de governo adotadas pelas nações e suas tradições, culturas e costumes.

Após esboçar rapidamente as relações contruídas historicamente entre os anglo-americanos e as populações indígenas e negras nos Estados Unidos, Michel Chevalier se voltava ao objetivo principal de sua carta: discutir as diferenças entre os modos de governar e de se organizar em sociedade dos países protestantes e católicos. Em síntese, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* afirmava:

O protestantismo é republicano. O puritanismo é o *auto-governo* absoluto na religião; ele o engendra na política. As Províncias Unidas eram protestantes; os Estados Unidos são protestantes. O catolicismo é essencialmente monárquico; nos países que são católicos, ao menos pela lembrança, pelos hábitos e pela educação, senão pela fé, uma democracia regular é impraticável⁵⁶⁰.

Em suma, o caráter individualista do protestantismo seria, nessa interpretação, mais propício aos valores republicanos, enquanto a noção hierárquica do catolicismo seria fundamental para o êxito das monarquias. Embora não se utilizasse nessa carta dos termos “latino” e “anglo-saxão” para se referir a regiões específicas da Europa e das Américas, Michel Chevalier esboçava claramente uma contraposição entre, de um lado, um monarquismo católico e, de outro, um republicanismo protestante. A construção desse argumento, entretanto, embora tenha se apresentado com mais evidência especificamente nesse texto, foi sendo desenvolvida ao longo de seus escritos durante toda a viagem.

O primeiro passo do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* foi, ainda no primeiro volume de seu relato, promover uma relativização acerca de uma possível universalidade do modelo republicano, afirmando, em uma interpretação que se aproximava das concepções abraçadas de modo coevo por Alexis de Tocqueville, a possibilidade das repúblicas apresentarem defeitos bastante similares aos das

⁵⁶⁰ No original: “Le protestantisme est républicain. Le puritanisme est le *self-government* absolu en religion; il l'engendre en politique. Les Provinces-Unies étaient protestantes; les Etats-Unis sont protestants. Le catholicisme est essentiellement monarchique; dans les pays qui sont catholiques, au moins par le souvenir, par les habitudes et par l'éducation, sinon par la foi, une démocratie régulière est impraticable”. CHEVALIER, Michel. *Lettres sur l'Amérique du Nord*. Paris: Librairie de Charles Gosselin et Cie., 1836, vol. II, p. 291.

monarquias. Em particular, eram destacadas as tendências de ambas ao absolutismo. Em suas palavras:

Se o que ocorre aqui [nos Estados Unidos] se passasse em algum país monárquico da Europa, aqueles que querem absolutamente que todos os povos sem exceção, quaisquer que sejam as condições de território e de população, de riquezas e de luzes, de caráter e de costumes, tenham um governo moldado sob a forma republicana, não deixariam de fazer ali um texto contra o sistema monárquico [...].

O egoísmo dinástico, ou logo cortesão, engendrou no passado muitos males, e os engendra ainda; mas ele tem equivalente no seio das repúblicas, sobretudo sob um sistema de igualdade *absoluta* que reparte o poder político em doses *absolutamente* iguais entre o letrado e o ignorante, entre a elite dos comerciantes e dos escritores e o camponês irlandês, brutal e ébrio, que se faz inscrever na posição dos cidadãos. Um povo *absoluto* pode tanto quanto um rei *absoluto* desdenhar por um tempo dos conselhos da experiência e da sabedoria. Um povo tanto quanto um rei pode ter seus cortesãos. Um povo entronado, quando sua autoridade não é limitada por nenhum contrapeso, pode, ele também, esposar cegamente e custe o que custar as querelas de seus favoritos do dia. Que se venha logo ver aqui. A ignorância possível dos verdadeiros interesses do país não é o apanágio exclusivo da monarquia⁵⁶¹.

Para além de promover uma defesa indireta do sistema monárquico por meio da crítica a uma determinada face do modelo democrático norte-americano, chama a atenção, no excerto acima, sua recusa a uma adoção indiscriminada de governos republicanos sem uma análise mais aprofundada das “condições de território e de população, de riquezas e de luzes, de caráter e de costumes”. Em outras palavras, Michel Chevalier concebia que a relativização dos modelos políticos deveria se dar a partir da interpretação dos caracteres prévios e condicionantes próprios do país a ser

⁵⁶¹ No original: “Si ce qui arrive ici se passait dans quelque pays monarchique de l’Europe, ceux qui veulent absolument que tous les peuples sans exception, quelles que soient leurs conditions de territoire et de population, de richesses et de lumières, de caractère et de mœurs, aient un gouvernement moulé sur la forme republicaine, ne manqueraient pas de s’en faire un texte contre le système monarchique [...].// L’egoïsme dynastique ou plutôt courtisan, a engendré dans le passé bien des maux, et il en engendrera encore; mais il a son pendant au sein des republiques, surtout sous un système d’égalité *absolue* qui repartit le pouvoir politique par doses *absolument* égales entre le savant et l’ignorant, entre l’élite des commerçants et des écrivains, et le paysan irlandais, brutal et ivrogne, qui vient se faire inscrire au rang des citoyens. Un peuple *absolu* peut aussi bien qu’un roi *absolu* dédaigner pour un temps les conseils de l’expérience et de la sagesse. Un peuple aussi bien qu’un roi peut avoir ses courtisans. Un peuple qui trône, lorsque son autorité n’est limitée par aucun contre-poids, peut, lui aussi, épouser aveuglement et coûte que coûte les querelles de ses favoris d’un jour. Qu’on vienne plutôt voir ici. L’ignorance possible des vrais intérêts du pays n’est pas l’apanage exclusif de la monarchie”. *Ibidem*, vol. I, pp. 75-76.

governado. Promovia, nesse sentido, em um primeiro momento, uma diferenciação essencial entre os modos de se exercer o poder nos Estados Unidos e na França. Retomando uma discussão já evidenciada no primeiro capítulo deste trabalho, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* apontava, por exemplo, para a impossibilidade de seu país constituir-se dentro de um sistema republicano dado o caráter “feminino” de sua população se comparada aos “masculinos” anglo-americanos:

Eu compreendo que aqui se tenha esperado fazer do governo representativo a pedra angular e o fundamento do edifício social. Um Americano de quinze anos é tão racional como um francês de quarenta. Pois a sociedade é ali masculina; a mulher, que, em todos os países, é um ser pouco parlamentar, não exerce ali nenhum império; não há salões nos Estados Unidos [...]. Mas, entre nós, é preciso ser fanático do [governo] representativo para sonhar em fazê-lo o pivô de nossa vida social [...]. Entre nós, as mulheres são uma potência muito real, mesmo que não esteja dito na Carta; e nossa característica nacional tem muitos traços femininos; não digo efeminados⁵⁶².

Dessas polêmicas interpretações, Michel Chevalier depreendia, na segunda carta “*Amélioration sociale*”, que não fazia sentido à França o estabelecimento de um modelo republicano, mas sim a consolidação da monarquia:

Se eu tivesse que definir as condições mais favoráveis ao progresso da França, eu diria que elas consistem em empreender sob a inspiração religiosa, em confiar o cumprimento, na maior parte dos casos, aos poderes constituídos, central e local, e, antes de tudo, à realeza; a operar principalmente por meio de instituições marcadas pela dupla característica de unidade e de associação hierárquica, imediatamente compreendidas no seio da grande associação, que é o Estado, ou à sombra de potentes associações secundárias que, elas mesmas, seriam todas ligadas ao Estado. Quanto mais nos aproximarmos dessas condições normais, mais o sucesso será brilhante. Mais cedo

⁵⁶² No original: “Je comprends qu’ici l’on ait espéré faire du gouvernement représentatif la pierre angulaire et la clef de voûte de l’édifice social. Un Américain de quinze ans est raisonnable comme un Français de quarante. Puis la société y est mâle; la femme, qui, en tout pays, est un être peu parlementaire, n’y exerce point d’empire: il n’y a pas de salons aux États-Unis. Cependant, ici même, ce régime n’existe plus, dans sa pureté primitive, que sur le papier. Le champ religieux, passablement rétréci, il est vrai, y est d’ailleurs resté ouvert à l’idéalité humaine, et l’imagination y trouve pâture tant bien que mal. Mais, chez nous, il faudrait être fanatique du représentatif pour songer à en faire le pivot de notre vie sociale [...]. Chez nous, les femmes sont une puissance fort réelle, quoiqu’il n’en soit point parlé dans la Charte; et notre caractère national a beaucoup de traits féminins; je ne dis pas efféminés”. *Ibidem*, vol. II, pp. 190-191.

nós teremos a felicidade de ver essa cara França, próspera internamente, retomando no universo a alta posição que ela deve ocupar nele⁵⁶³.

Além de ressaltar, mais uma vez, a centralidade do papel do Estado para o desenvolvimento de seu país, o futuro professor de Economia Política do Collège de France defendia, em grande medida, a importância, para a organização política de sua terra natal, das noções de “unidade” e “hierarquia”, supostamente mais afeitas ao sistema monárquico e, particularmente, às características da sociedade francesa. Como a clivagem entre protestantes e católicos era frequentemente apontada como uma das causas fundamentais desse processo, essa abordagem terminava por se encaminhar necessariamente também para uma contraposição essencial entre as Américas colonizadas respectivamente por ingleses e ibéricos. Segundo ele, as experiências de implementação de regimes republicanos em países avessos a um modelo mais parlamentar e descentralizado, como eram, em sua visão, as nações hispano-americanas, teriam resultado no esfacelamento dessas sociedades que pediam, de maneira geral, outros tipos de solução política.

Relativizando as possibilidades de sucesso dos regimes republicanos por meio do crivo dos costumes e das práticas sociais, Michel Chevalier apontava, em síntese, para o êxito do modelo nos Estados Unidos e para o seu fracasso na América hispânica: “o princípio republicano produziu os Estados Unidos, mas gerou também essas miseráveis repúblicas da América espanhola”⁵⁶⁴. Em resumo, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* concluía que “a anarquia das então colônias espanholas prova suficientemente a quais amargos pesares se expõem os povos católicos quando eles querem aplicar as formas políticas das populações protestantes”⁵⁶⁵.

⁵⁶³ No original: “Je conclus: Si j'avais à définir les conditions les plus favorables au progrès en France, je dirais qu'elles consistent à l'entreprendre sous l'inspiration religieuse, à en confier l'accomplissement dans la plupart des cas, aux pouvoirs constitués, central et locaux, et avant tout, à la royauté; à l'opérer principalement au moyen d'institutions empreintes du double caractère d'unité et d'association hiérarchique, immédiatement comprises dans le giron de la grande association, qui est l'État, ou à l'ombre de puissantes associations secondaires qui, elles-mêmes, seraient toutes rattachées à l'Etat. Plus nous nous rapprocherons de ces conditions normales et plus le succès sera éclatant; plus tôt nous aurons le bonheur de voir cette chère France, prospère au dedans, reprendre dans l'univers la haute position qu'elle doit y occuper”. *Ibidem*, pp. 307-308.

⁵⁶⁴ No original: “Le principe républicain a produit les États-Unis, mais il a enfanté aussi ces misérables républiques de l'Amérique espagnole”. *Ibidem*, p. 302.

⁵⁶⁵ No original: “L'anarchie des ci-devant colonies espagnoles prouve suffisamment à quels amers regrets s'exposent les peuples catholiques lorsqu'ils veulent s'appliquer les formes politiques des populations protestantes”. *Ibidem*, vol. II, p. 291.

Parece importante destacar que Michel Chevalier escreveu essas últimas linhas após retornar de sua viagem à América Hispânica, ocorrida poucos meses antes. Acompanhando a produção intelectual do autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* a esse respeito, é curioso notar o destino divergente que os dois países visitados nesse périplo, Cuba e México, ganharam em suas obras entre as décadas de 1830 e 1860. Se, por um lado, a ilha do Caribe praticamente desapareceu de suas reflexões nas décadas seguintes, o México se tornou, por outro, um tópico muito presente em seus escritos. De sua viagem ao país no primeiro semestre de 1835 à intervenção francesa ali ocorrida na década de 1860, o antigo vice-reino da Nova Espanha, ameaçado constantemente pelos bem sucedidos Estados Unidos, se apresentava como um espaço privilegiado para a compreensão do confronto entre católicos e protestantes, bem como para aquele entre latinos e anglo-saxões na Europa e nas Américas.

Em linhas gerais, pode-se dizer também que o México funcionaria ao longo da produção intelectual de Michel Chevalier, como uma síntese de diversas ideias defendidas pelo autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* durante sua vida. Suas análises acerca dos mexicanos evidenciavam algumas das perspectivas mais recorrentes em seus textos: as diferenças essenciais entre as “raças” de origem europeia dos dois lados do Atlântico, o caráter relativo da prática política em relação aos aspectos culturais de cada grupo social, e, não menos importante, o subtexto intervencionista e francocêntrico de suas concepções.

Por isso mesmo, este capítulo tem por objetivo discutir as permanências e mutações nas interpretações de Michel Chevalier sobre o México entre as décadas de 1830 e 1860. Para tanto, a análise se concentrará nas cartas de sua viagem ao país escritas em 1835 e publicadas dois anos depois no *Journal des Débats*, nos textos que se debruçaram direta ou indiretamente sobre ele ao longo desse período e, de maneira particular, em seu último grande livro, *Méxique ancien et moderne* (1863), obra ao mesmo tempo assertiva e ambígua, que defendia a intervenção francesa sobre o México na década de 1860. Repletos de análises sobre o passado, interpretações sobre o presente e projeções para o futuro do México, essa produção intelectual parecia mesclar uma evidente perspectiva imperial a uma implícita utopia francocêntrica, na qual a América colonizada pelos ibéricos ofereceria à França a possibilidade de retomar uma posição geopolítica central em um mundo que parecia destinado a pertencer aos anglo-saxões.

As ruínas de um país magnífico

No dia 19 de janeiro de 1835, Michel Chevalier deixou o porto de Nova Orléans, na Louisiana, em direção ao México, onde permaneceu possivelmente até meados de abril do mesmo ano, quando partiu para a ilha de Cuba. Assim como fez em relação aos Estados Unidos, o engenheiro francês também relatou nesses locais suas experiências em cartas temáticas sobre questões pertinentes aos espaços visitados, sempre espelhando-as em reflexões sobre sua França natal. Conforme o já citado “Avis de l’éditeur” existente nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, o viajante pretendia publicá-las, assim como fez a respeito de seus textos sobre as paragens norte-americanas, em um volume intitulado *Lettres sur l’Amérique du Sud*. Entretanto, essa coleção jamais veio à luz.

A despeito disso, entre 1837 e 1838, cinco cartas sobre o México e uma sobre Cuba, esta última já analisada no quarto capítulo desta tese, foram publicadas nas páginas do *Journal des Débats*, periódico que frequentemente contava com a colaboração de Chevalier. Antes da transcrição da primeira dessas missivas, datada de março de 1835, mas reproduzida apenas na edição de 20 de julho de 1837 do citado periódico, uma nota destacava a importância da reprodução desses textos naquele momento. Segundo o informe: “Essas cartas, escritas no local em 1835, fazem parte da viagem inédita do Sr. Michel Chevalier à América do Sul. A querela do México com os Estados Unidos dão a esse trabalho curioso um novo grau de interesse”⁵⁶⁶. O editor do *Journal des Débats* referia-se aqui essencialmente ao já mencionado conflito entre mexicanos e colonos norte-americanos que resultou na independência do Texas em 1836⁵⁶⁷.

O resultado da contenda texana talvez sintetize, de certa forma, o contraste entre as condições específicas desses dois vizinhos da América setentrional. Como discutido anteriormente, Estados Unidos e México apresentavam-se em situações distintas, em

⁵⁶⁶ No original: “Ces lettres, écrites sur les lieux en 1835, font partie du voyage inédit de M. Michel Chevalier dans l’Amérique du Sud. La querelle du Mexique avec les Etats-Unis, donne à ce travail curieux, un nouveau degré d’intérêt”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 20 de julho de 1837, p. 3.

⁵⁶⁷ Para a guerra de independência do Texas e as relações entre Estados Unidos e México, ver WEBER, David J. *La frontera norte de México, 1821-1846: el suroeste norteamericano en su época mexicana*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992; VÁZQUEZ, Josefina Zoraida & MAYER, Lorenzo. *México frente a los Estados Unidos: un ensayo histórico, 1776-2000*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, pp. 41-52; SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Bauru: Edusc, 2000, pp. 33-40; e FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Nuestra América: una historia hispana de Estados Unidos*. Barcelona: Fundación Rafael del Pino; Galáxia Gutenberg, 2014, pp. 204-208.

termos políticos e econômicos, em meados da década de 1830. Enquanto os primeiros demonstravam um desenvolvimento industrial sem precedentes no Novo Mundo, vivenciavam relativa estabilidade política e caminhavam a passos largos rumo ao Oeste de seu território, este último ainda não havia se recuperado em termos financeiros e fiscais das guerras de independência contra a Espanha e enfrentava tensões muito acirradas entre os partidos existentes no país.

Quando Michel Chevalier esteve no México, no primeiro semestre de 1835, havia pouco menos de quinze anos que o país havia alcançado sua emancipação. Após uma efêmera experiência monárquica, o Primeiro Império Mexicano (1821-1823), comandado pelo general Agustín de Iturbide, então Agustín I, o país vivenciou um complexo processo que mesclava as dificuldades econômicas existentes a uma acolorada e renhida disputa pelo poder. Pode-se dizer, em linhas muito gerais, que o conflito político essencial dessa primeira fase da república mexicana tenha se dado principalmente entre federalistas e centralistas. Enquanto os primeiros, protagonistas na elaboração da Constituição de 1824, se inspiravam nas Cortes de Cádiz (1812) e no modelo federal norte-americano, propondo a autonomia dos Estados, os últimos afirmavam como única forma de manter a nação unida a centralização do poder na Cidade do México⁵⁶⁸.

Nesse contexto, chama a atenção a rápida sucessão de chefes do poder executivo que governaram o México entre a queda do Primeiro Império e a chegada de Michel Chevalier ao país no início de 1835. Em menos de quinze anos, foram dez os ocupantes da cadeira, alguns dos quais por mais de uma vez. Apenas o primeiro mandatário, Guadalupe Victória (1824-1829), conseguiu cumprir todo o período de seu governo constitucional. Além disso, em meio a esse quadro, começava a despontar, durante esses anos, aquela que seria principal figura política do período que se iniciou com a independência e se estendeu até a primeira metade da década de 1850: o general Antonio López de Santa Anna. Esse líder militar que surgiu na cena mexicana com vinte e oito anos ao atuar ativamente na derrubada do império de Iturbide, participou de

⁵⁶⁸ Para a formação dos partidos nessa primeira fase da república mexicana, ver COSTELOE, Michael P. *La Primera República Federal de México, 1824-1835: un estudio de los partidos políticos en el México independiente*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975; VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. “De la difícil constitución de un Estado: México, 1821-1854”. In: VÁZQUEZ, Josefina Zoraida (org.). *La fundación del Estado Mexicano, 1821-1855: interpretaciones de la historia de México*. México: Nueva Imagen, 1994; e, da mesma autora, “Liberales y conservadores en México: diferencias y similitudes”. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 8, n. 1, jan./jun. 1997.

praticamente todos os grandes eventos da história mexicana das décadas seguintes e ocupou a presidência da república em algumas oportunidades⁵⁶⁹.

Em relação às cartas de Michel Chevalier sobre o México, escritas pouco antes do início dos conflitos no Texas, parece importante destacar que se estruturavam essencialmente por meio de três eixos principais: a exaltação da natureza e da geografia mexicana, a valorização da colonização espanhola e a suposta decadência vivenciada pelo país após a independência.

Pode-se dizer, em primeiro lugar, que as temáticas acerca da natureza e a análise a respeito das questões geográficas se constituíam como elementos que, de maneira geral, se faziam presentes nas preocupações de Michel Chevalier desde seus tempos como estudante na École Polytechnique de Paris, quando se especializou em engenharia de minas⁵⁷⁰. Seu entusiasmo em relação ao México, particularmente no que diz respeito ao clima, à vegetação e à posição geográfica do país, o levaram, em quatro momentos da primeira carta publicada no *Journal des Débats*, em 20 de julho de 1837, a qualificá-lo como “um país magnífico”⁵⁷¹.

Em sua perspectiva, o México era definido nesses termos por quatro razões essenciais: pela diversidade de climas que permitiriam o desenvolvimento de uma variedade de culturas agrícolas, por sua posição geográfica privilegiada, por fornecer aos seus habitantes condições naturais propícias para sua sobrevivência e, por fim, pela exuberância de sua natureza.

Sobre esse último aspecto, Michel Chevalier afirmava que “tudo nesse país captura o europeu por um caráter profundo de originalidade e de novidade estranha”⁵⁷². Nesse sentido, definia o México como “um país magnífico onde a imaginação se exalta apenas ao espetáculo de uma natureza grandiosa”⁵⁷³ e cujas “proporções colossais”

⁵⁶⁹ Mesmo no México, há poucas biografias de António López de Santa Anna. Entre elas, ver GONZÁLEZ PEDRERO, Enrique. *País de un solo hombre: el México de Santa Anna*. México: Fondo de Cultura Económica, 2 vols., 1993-2003.

⁵⁷⁰ Ver, nesse sentido, DROLET, Michael. “Nature, Science and the Environment in Nineteenth-Century French Political Economy: the case of Michel Chevalier (1805-1879)”. *Modern Intellectual History*, 2017, pp. 1-35.

⁵⁷¹ CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 20 de julho de 1837, pp. 3-4.

⁵⁷² No original: “Tout dans ce pays saisit l'Européen par un caractère profond d'originalité et de nouveauté étrange”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁷³ No original: “C'est un pays magnifique où l'imagination s'exalte toute seule au spectacle d'une nature grandiose”. *Ibidem*, p. 3.

seriam capazes de deixar o homem “estupefato de se encontrar ele mesmo tão pequeno e tão frágil”⁵⁷⁴.

Visivelmente impressionado com o espetáculo natural que se apresentava aos seus olhos e com a diversidade da vegetação e das culturas agrícolas existentes no país, o viajante francês afirmava:

Os declives que se elevam ao nível do mar até a altura do planalto oferecem, à medida que se sobe, a sucessão de todas as temperaturas e de todos os climas desde o verão do Senegal até a primavera das margens do nosso Loire, e a série de todas as vegetações e de todas as culturas, desde o café da Arábia, a cana-de-açúcar e o algodão da Índia, a palma do Egito, a baunilha e o cacau, até a oliveira e o trigo da Europa, até o pinheiro dos Alpes, o pinho da Noruega e o líquen islandês, desde a meridional bananeira, sempre carregada de uma abundante colheita, até nossa alegre vinha das Gálias⁵⁷⁵.

E completava:

É verdadeiramente um paraíso terrestre onde todas as estações se confundem em uma primavera perpétua, onde todas as culturas se misturam e onde o olho do europeu se surpreende ao encontrar, no mesmo instante, sob a mesma laranjeira, a flor perfumada, o fruto verde e a maçã dourada⁵⁷⁶.

Como tem sido discutido ao longo desta tese, os textos de Michel Chevalier carregavam, na defesa de seus argumentos e concepções, uma retórica que se situava entre uma perspectiva supostamente técnica do desenvolvimento industrial e uma dimensão utópica de suas projeções. Para o engenheiro saint-simoniano não bastava a descrição das possibilidades agrícolas promovidas pelo clima e pela geografia peculiar do país. Além ser um “país magnífico”, o México se apresentaria também como um “paraíso terrestre” onde vigoraria uma poética “primavera perpétua”.

⁵⁷⁴ No original: “dont les proportions colossales l'écrasent, l'homme est stupéfait de se trouver lui-même si petit et si frêle”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁷⁵ No original: “Les pentes qui s'élèvent du niveau des deux mers jusqu'à la hauteur du plateau offrent à mesure qu'on les gravit, la succession de toutes les températures et de tous les climats depuis l'été du Sénégal jusqu'au printemps des bords de notre Loire, et la série de toutes les végétations et de toutes les cultures, depuis le café de l'Arabie, la canne à sucre et le coton de l'Inde, le palmier d'Egypte, la vanille et le cacao, jusqu'à l'olivier et au blé d'Europe jusqu'au sapin des Alpes, au pin de Norwège et au lichen islandais; depuis le méridional bananier, toujours chargé d'une abondante récolte, jusqu'à notre joyeuse vigne des Gaules”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁷⁶ No original: “C'est vraiment un paradis terrestre où toutes les saisons sont confondues dans un printemps perpétuel, où toutes les cultures se mêlent et où l'oeil de l'Européen s'étonne de trouver au même instant, sur le même oranger, la fleur embaumée, le fruit vert et la pomme d'or”. *Ibidem*, p. 3.

Parece importante, nesse ponto da argumentação, destacar que, assim como ocorria paralelamente em relação ao Brasil e a diversos outros espaços da América hispânica, em particular às regiões tropicais, a associação entre o Novo Mundo e a concepção de “paraíso terrestre” não deixou de estar presente, especificamente, na retórica dos viajantes, religiosos e exploradores que estiveram no México desde o período colonial⁵⁷⁷. Convivendo, muitas vezes, com a detração da natureza, do território, do clima e da fauna americana⁵⁷⁸, a “edenização”, nos termos de Sérgio Buarque de Holanda, se constituiu como um fenômeno central não somente do imaginário europeu da Época Moderna, mas também contribuiu para o processo de construção das nacionalidades nas Américas a partir do século XIX⁵⁷⁹.

Pode-se inferir que grande parte dessas perspectivas de Michel Chevalier sobre o México estavam alicerçadas ainda sobre diversos elementos provenientes do célebre *Ensaio político sobre o reino da Nova Espanha* (1803), do naturalista e explorador prussiano Alexander Von Humboldt (1769-1859). Como aponta Mary Louise Pratt, Humboldt pode ser considerado um dos principais responsáveis, senão o principal, pela reinvenção de uma ideia de América na Europa da primeira metade do século XIX. Nesse processo, a natureza exerceria um papel essencial como síntese do próprio caráter do Novo Mundo. As imponentes florestas tropicais, as grandes cordilheiras e as vastas planícies do interior sintetizariam a força descomunal de uma natureza dominante e atemporal, que conviveria, entretanto, com sociedades política e economicamente desorganizadas⁵⁸⁰.

Ao representar o México como “paraíso terrestre” e como espaço dominado por uma “primavera perpétua”, Michel Chevalier dialogava não somente com o barão

⁵⁷⁷ Na historiografia brasileira, o texto pioneiro a respeito dessa discussão é HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; além dele, ver também o fundamental SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Sobre essa questão no México, ver LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

⁵⁷⁸ GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo: história de una polémica, 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

⁵⁷⁹ PRADO, Maria Ligia Coelho. “Natureza e identidade nacional nas Américas”. In: *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

⁵⁸⁰ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999. Sobre a importância de Humboldt nos relatos de viagem franceses ao México, ver CRAMAUSSEL, Chantal. “Imagen de México en los relatos de viaje franceses: 1821-1862”. In: SILLER, Javier Pérez. *México Francia: Memoria de una sensibilidad común, siglos XIX-XX*, México: BUAP- El Colegio de San Luis, 1998, pp. 333-363.

prussiano⁵⁸¹, mas também com as crônicas produzidas sobre a região no período colonial. Seria possível afirmar, nesse sentido, que essas duas concepções existentes no texto do naturalista germânico e, posteriormente, do engenheiro francês já podiam ser encontradas, por exemplo, em importantes obras de letrados espanhóis já no século XVII como *Grandeza de México* (1604), de Bernardo de Balbuena (1568-1627), e *Primavera indiana, poema sacrohistórico* (1662), de Carlos de Sigüenza y Góngora (1645-1700)⁵⁸².

Assim como em relação aos conceitos de “paraíso terrestre” e de “primavera perpétua”, um outro aspecto aproximava a abordagem de Michel Chevalier da defendida décadas antes por Humboldt: a concepção acerca da posição privilegiada do território mexicano na geografia internacional. Banhado pelos os oceanos Atlântico e Pacífico, relativamente próximo das principais capitais do Novo Mundo e posicionado entre a Europa e o Extremo Oriente, o México apresentaria, nessas abordagens, a localização e as condições propícias para se estabelecer, quase que utopicamente, como o “centro do mundo”. De acordo com essa perspectiva:

[O México] é um país magnífico, perfeitamente situado no meio do caminho entre as duas extremidades, uma ocidental, outra oriental, do velho continente. Se o universo fosse ser reunido para sempre em um único império, e, sabe Deus se as estradas de ferro e os barcos a vapor não preparam a nossos sobrinhos essa imensa revolução!, o México deveria ser sua capital. Daí, o mestre do mundo enviaria seus decretos em vinte dias a Nova York, a Buenos Aires e ao Chile; em trinta a Paris, a Madri e a Londres; em quarenta a Constantinopla, a Alexandria e a São Petesburgo; em cinquenta a Pequim e Calcutá. Que festas ele poderia dar sob esse sol sorridente! Se ele quisesse fazer assentar sobre os tronos de prata os príncipes de todos os povos reunidos para fazer sua corte, ele teria somente que tocar a terra e do seio das minas saíam massas semelhantes àquelas que ontem fizeram baixar os preços dos metais preciosos na Europa. Acapulco lhe forneceria as pérolas de seus diademas, e Oaxaca, região da cochonilha, a púrpura de seus mantos⁵⁸³.

⁵⁸¹ HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre la Nueva España*. Paris: Casa de Jules Renouard, 1827, p. 271.

⁵⁸² LAFAYE, *op. cit.* Para a utilização das crônicas coloniais como fontes para a construção das identidades no México do século XIX, ver FERNANDES, Luís Estevam de Oliveira. *Pátria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX)*. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

⁵⁸³ No original: “C'est un pays magnifique, parfaitement situé à moitié chemin des deux extrémités, l'une occidentale, l'autre orientale du vieux continent. Si l'univers devait jamais être réuni en un seul empire, et Dieu sait si les chemins de fer et les bateaux à vapeur ne préparent pas à nos neveux cette immense révolution! c'est au Mexique que devrait en être la capitale. De là le maître du monde enverrait ses décrets

Inspirado certamente nas reflexões de Humboldt, Michel Chevalier exaltava, como um todo, as condições geográficas favoráveis do México. Não somente por seu clima, seu relevo, sua natureza e suas culturas agrícolas, mas também por sua posição no mapa-mundi, entre a Europa e o Extremo Oriente, entre o Atlântico e o Pacífico. Nesse utópico império promovido pela “associação universal” e pelos meios de transporte a vapor, frutos diletos da indústria, o antigo vice-reino da Nova Espanha deveria ocupar um lugar de protagonismo. Entretanto, a despeito de todas as pretensas condições favoráveis apontadas em seu texto, a situação do México não se apresentava, na perspectiva dessas cartas, como propícia para a realização desses desígnios.

Conforme já destacado, as “Lettres sur le Mexique”, publicadas no *Journal des Débats*, no segundo semestre de 1837, se alicerçavam não somente sobre a exaltação da geografia do país, mas também destacavam a situação do México antes e depois da independência. Nesse aspecto, Michel Chevalier evidenciava, em seus textos da década de 1830, certa simpatia pela colonização espanhola na América a despeito de sua posição crítica em relação às nações que se constituíram após a emancipação.

Como demonstrado no quarto capítulo deste trabalho, Michel Chevalier apresentava, em seus textos desse período, uma visão bastante favorável à colonização espanhola. Em sua perspectiva, se os domínios anglo-saxões se caracterizariam pela capacidade de submeter a natureza aos desígnios da indústria, as colônias espanholas se destacavam pelo esforço de civilização em relação às populações nativas das regiões dominadas⁵⁸⁴. Defendendo a pretensa obra de civilização dos peninsulares do Novo Mundo, o engenheiro francês afirmava:

Eu não hesito, no entanto, em afirmar que todo homem imparcial que estudasse o espírito e a letra das ordenanças da corte da Espanha (*Leyes de las Indias*), a começar por aquela de Carlos Quinto, e que examinasse a tendência geral do governo dos vice-reis, reconhecerá que os espanhóis, em lugar de serem estúpidos exterminadores, foram instrumentos ativos de civilização entre a raça vermelha; que se eles se mostraram

en vingt jours à New-York, à Buenos-Ayres et au Chili; en trente à Paris, à Madrid et à Londres; en quarante à Constantinople, à Alexandrie et à Saint-Pétersbourg; en cinquante à Pékin et à Calcutta. Quelles fêtes il pourrait donner sous ce riant soleil! S'il voulait faire asseoir sur des trônes d'argent les princes de tous les peuples accourus pour lui faire leur cour, il n'aurait qu'à frapper du pied la terre, et du sein des mines sortiraient des masses semblables à celles qui jadis firent tant baisser le prix des métaux précieux en Europe. Acapulco lui fournirait les perles de leurs diadèmes, et Oaxaca, pays de la cochenille, la pourpre de leurs manteaux”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 20 de julho de 1837, p. 3.

⁵⁸⁴ Ver capítulo 4.

frequentemente educadores severos, eles nunca foram tiranos ferozmente caprichosos⁵⁸⁵.

Conforme já destacado anteriormente, o principal mérito da colonização espanhola teria sido, em sua visão, a cristianização dos indígenas em substituição particularmente aos ritos astecas. Grande crítico dos sacrifícios humanos praticados pelo grande império pré-colombiano da Mesoamérica, Michel Chevalier defendia que “a religião é a reguladora dos sentimentos e dos costumes: os indígenas praticavam uma sanguinária, os espanhóis os fizeram cristãos”⁵⁸⁶. De acordo com sua perspectiva, a missão civilizadora cumprida pelos ibéricos na América seria, dessa forma, capaz de justificar quaisquer excessos cometidos durante o processo de conquista. Questionando a constituição, desde o século XVI, da chamada *leyenda negra* da colonização espanhola e sua intensa difusão na produção intelectual a partir da Ilustração no século XVIII, o autor das “Lettres sur le Mexique” entendia que:

Aqueles que julgaram tão severamente os vencedores do México supõem que teria sido possível que fossem filântropos e filósofos. Se os *conquistadores* tivessem sido filântropos, eles teriam sido outra coisa que rudes homens de guerra e não teriam nada conquistado. Se eles tivessem sido filósofos, não teriam convertido os índios ao cristianismo e muito menos os teriam feito passar ao estado filosófico⁵⁸⁷.

Michel Chevalier entendia, em linhas gerais, que “certamente, há grandes horrores a assinalar nos anais da colonização do México”, mas questionava-se, entretanto, “qual é o povo cujos anais são puros?”⁵⁸⁸. Dessa forma, ao sublinhar uma visão favorável às práticas espanholas no antigo império asteca, o autor das “Lettres sur

⁵⁸⁵ No original: “Je n'hésite pourtant pas à affirmer que tout homme impartial qui étudierait l'esprit et la lettre des ordonnances de la cour d'Espagne (*Leyes de las Indias*) à commencer par celle de Charles-Quint, et qui examinerait la tendance générale du gouvernement des vice-rois, reconnaîtrait que les Espagnols, au lieu d'être de stupides exterminateurs, ont été des instrumens actifs de civilisation parmi la race rouge; que, s'ils se montrèrent souvent des éducateurs sévères, ils ne furent jamais des tyrans férocelement capricieux”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 01 de agosto de 1837, p. 3.

⁵⁸⁶ No original: “La religion est le régulateur des sentimens et des moeurs: les indiens en pratiquaient une sanguinaire, les Espagnols les firent chrétiens”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁸⁷ No original: “Ceux qui ont jugé si sévèrement les vainqueurs du Mexique ont supposé qu'il eût été possible qu'ils fussent des philanthropes et des philosophes. Si les *conquistadores* avaient été des philanthropes, s'ils avaient été tout autre chose que de rudes hommes de guerre, ils n'eussent jamais rien conquis. S'ils avaient été des philosophes, ils n'eussent pas converti les Indiens au christianisme, ils les eussent encore moins fait passer à l'état philosophique”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁸⁸ No original: “Certes il y a bien des horreurs à signaler dans tes annales de la colonisation du Mexique; mais quel est donc le peuple dont les annales en soient pures?”. *Ibidem*, p. 3.

le Mexique” não deixava de frisar o papel ocupado pelo líder da Conquista, Hernán Cortez, nesse processo. Considerando o Conquistador do México como uma espécie de herói civilizador, o engenheiro saint-simoniano declarava que: “quanto a Cortez, os únicos sentimentos que deve inspirar à posteridade, mesmo entre os peles vermelhas, são aqueles de uma alta admiração e de um vivo reconhecimento”⁵⁸⁹.

Na perspectiva de Michel Chevalier, as boas obras promovidas pela coroa espanhola haviam, entretanto, se perdido no processo de independência vivenciado pelo México nos anos anteriores à sua viagem. O autor das “Lettres sue le Mexique” considerava que as disputas fratricidas entre os grandes generais do país, o estabelecimento de instituições consideradas “importadas” diante de uma realidade que não corresponderia a suas práticas, a situação financeira periclitante do erário e o abandono da capacidade de investimentos em obras públicas estariam levando não somente o México na direção do caos, mas pareciam representar uma ameaça à própria integridade de seu território diante da expansão vivenciada por seu vizinho do norte. Longe, entretanto, de se configurar unicamente como uma situação particular dessa república, o suposto estado de anarquia vivenciado pelos mexicanos corresponderia, na compreensão do autor, a uma condição quase generalizada das antigas colônias espanholas: “Eis qual é a condição atual do México, onde reinava uma tranquilidade tão profunda no tempos dos espanhóis. A maior parte da América do Sul está assim”⁵⁹⁰.

Em seus relatos sobre a situação política, social e econômica do México, as perspectivas de Michel Chevalier contrastavam de maneira bastante acentuada com suas concepções acerca da natureza e da geografia do país. Em primeira lugar, vislumbrava a pretensa decadência mexicana, evidenciada e, de certa forma, sintetizada no estado de conservação das cidades e na debilidade no desenvolvimento de obras públicas. Ao visitar, por exemplo, o prédio da Escola de Minas, na Cidade do México, comparava o destino da decaída edificação com o do próprio país hispano-americano. Segundo ele, “o próprio edifício parece às vésperas de se despedaçar assim como a república mexicana”⁵⁹¹. Partindo dessa compreensão, Michel Chevalier concluía que “ em termos

⁵⁸⁹ No original: “Quant à Cortes, les seuls sentimens qu'il doive inspirer à la postérité, même à cette des peaux-rouges, sont ceux d'une haute admiration et d'une vive reconnaissance”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁹⁰ No original: “Voilà quelle est la condition actuelle du Mexique où régnait une tranquillité si profonde du temps des Espagnol. La majeure part de l'Amérique du Sud en est là”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 07 de agosto de 1837, p. 3.

⁵⁹¹ No original: “L'édifice lui même semble à la veille de crouler tout comme la république mexicaine”. *Ibidem*, p. 4.

de melhorias materiais e de luzes, o México perdeu muito mais do que ganhou com a emancipação”⁵⁹².

Politicamente, Michel Chevalier apontava para a impossibilidade de estabilização nacional em função dos conflitos entre as diversas lideranças políticas do país. Segundo ele, “há somente dois meses que estou no México e já contei cinco tentativas de revolução. As insurreições se tornaram aqui alguma coisa de usual, é um ato da vida cotidiana”⁵⁹³. Em sua interpretação, a Constituição mexicana de 1824 se apresentava como um fator de instabilidade por ter sido concebida supostamente como uma cópia acrítica das instituições políticas norte-americanas. Nas palavras do viajante francês, “o sistema federal [...] foi muito mal [...] importado dos Estados Unidos ao México”⁵⁹⁴.

Na perspectiva de Michel Chevalier, o pretenso caos vivenciado na política mexicana posterior à emancipação seria resultado, portanto, da “importação” de instituições norte-americanas que pouco teriam a ver com a realidade dos países hispano-americanos. De acordo com essa concepção, devido a esse descompasso, se conformaria necessariamente um ruído entre, de um lado, a letra da lei e a produção intelectual e cultural dessas regiões, concebidas dentro dos parâmetros mais modernos da cultura ocidental (europeia ou norte-americana), e, de outro, a prática cotidiana não compatível com esses paradigmas.

Essa visão, bastante influente na época em que foi produzida, também presente no coevo Tocqueville, por exemplo, evidenciaria um dos principais tópicos da reflexão histórica latino-americana dos últimos duzentos anos. Tanto na concepção de Michel Chevalier, como na de diversos autores ibero-americanos dos séculos XIX, XX e até mesmo XXI, as ideias na América Latina eram frequentemente percebidas como estando “fora do lugar”; apresentavam-se, nesse sentido, como sendo inadequadas à realidade vivida pelos países da região. Embora não seja esse o principal objetivo deste capítulo, parece importante localizar já na primeira metade do século XIX, um dos tópicos centrais para a construção de uma história intelectual do continente: a percepção de que, quando aplicadas nos países de colonização ibérica, as ideias europeias e norte-

⁵⁹² No original: “Ainsi, en fait d'améliorations matérielles et de lumières, le Mexique a perdu à l'émancipation beaucoup plus qu'il n'y a gagné”. *Ibidem*, p. 4.

⁵⁹³ No original: “Il n'y a que deux mois que je suis au Mexique et déjà j'y ai compté cinq tentatives de révolution. Les insurrections sont devenues ici quelque chose d'usuel, c'est un acte de la vie ordinaire”. *Ibidem*, p. 3.

⁵⁹⁴ No original: “contre le système fédéral [...] a fort mal [...] importé des Etats-Unis au Mexique”. *Ibidem*, p. 3.

americanas se configurariam como cópias mal feitas ou “desvios” de “modelos” ocidentais paradigmáticos⁵⁹⁵.

Parece importante discutir, como um último tópico a ser destacado nessas cartas de Michel Chevalier, como o viajante francês analisava um de seus temas preferidos: a indústria e as capacidades industriais das populações visitadas. Embora concebesse o México, em linhas gerais, como “um país onde a mão-de-obra não é tão cara, onde o operário é submisso e possui, em alto grau, o talento da imitação”⁵⁹⁶, o autor das “Lettres sur le Mexique” afirmava que:

Infelizmente os mexicanos ricos e pobres são desprovidos de todo espírito de empresa. Por sua vez, os estrangeiros não ousam fundar ali nenhuma manufatura. A cada sessão do Congresso, eles são periodicamente ameaçados de serem expulsos do solo da república. Uma abertura industrial de alguma importância excitaria a inveja dos habitantes; pois nada exaspera mais o mexicano, ou ao menos o branco, que ver o europeu ou os americanos do norte fazerem fortuna sob sua barba, mesmo à custa do trabalho e da perseverança, mesmo dotando o país de novos elementos de riqueza. O empreendedor da indústria, inglês, francês ou anglo-americano, cujas oficinas impressionariam os olhares e fariam falar dele, estaria exposto ao arrependimento no primeiro motim por uma população exaltada pelo ódio e pela inveja aos estrangeiros⁵⁹⁷.

⁵⁹⁵ Essa discussão remete à célebre polêmica que mobilizou o debate acadêmico brasileiro na década de 1970. Ver, nesse sentido, SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. “As ideias estão no lugar”. In: *Cadernos de Debate 1: História do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1976; e BOSI, Alfredo. “A escravidão entre dois liberalismos”. In: *A Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Recentemente, Schwarz voltou à discussão em SCHWARZ, Roberto. “Por que ‘ideias fora do lugar’?”. In: *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Sobre a questão dos “modelos” e “desvios” na “História das Ideias” na América Latina, ver PALTÍ, Elias José. *El tiempo de la política: el siglo XIX revisitado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, p. 288-292. Discuti alguns desses temas em SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. São Paulo: Intermeios, 2016, pp. 80-91.

⁵⁹⁶ No original: “un pays où la main d'oeuvre n'est pas chère, où l'ouvrier est soumis et possède à un haut degré le talent d'imitation”. CHEVALIER, Michel. “Lettres sur le Mexique: de l'État actuel de Mexique”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 07/08/1837, p. 4.

⁵⁹⁷ No original: “Malheureusement les Mexicains, riches et pauvres sont dépourvus de tout esprit d'entreprises. De leur côté, les étrangers n'osent fonder aucune manufacture. A chaque session du Congrès, ils sont périodiquement menacés d'être chassés du sol de la république. Un déploiement industriel de quelque importance exciterait la jalousie des habitants; car rien n'exaspère plus le Mexicain ou du moins le blanc, que de voir des Européens ou des Américains du nord, faire fortune à sa barbe, même à force de travail et de persévérance, même en dotant le pays de nouveaux éléments de richesses. L'entrepreneur d'industrie, anglais, français, ou anglo-américain, dont les ateliers frapperaient les regards et feraient parler de lui, serait exposé à être pitié à la première émeute par une population élevée dans la haine et la jalousie des étrangers”. *Ibidem*, p. 4.

É importante destacar, a partir da citação acima, que Michel Chevalier parecia não conceber os mexicanos como uma população “industrial”. Nessa perspectiva, o caráter nacional dessas populações, ao ser contrastado com a abundância de recursos naturais disponíveis no país, expunha a incapacidade do país hispano-americano de se aproveitar de maneira eficiente das fontes a ele legadas pela natureza. Como o texto acima revelava, diante desse quadro, para uma melhor utilização desse patrimônio seria necessário o ingresso no país de povos “empreendedores da indústria” como os anglo-saxões e, particularmente, os franceses. Pode-se dizer, portanto que, em linhas gerais, ao contrário da visão construída por Michel Chevalier sobre os Estados Unidos, já analisada em capítulos anteriores, mais que aprender com o México, o viajante que fosse ao país deveria ser responsável, ao contrário, por instruí-lo nos princípios industriais.

Michel Chevalier nunca mais retornou ao México até sua morte em 1879. Entretanto, ao longo de sua trajetória o país hispano-americano continuou a fazer parte de suas preocupações. Algumas de suas perspectivas da década de 1830 permaneceram vivas, outras se modificaram no decorrer dos anos. De maneira geral, pode-se dizer que, não obstante, duas características se mantiveram em seus escritos até o final da década de 1860: a concepção acerca da posição geográfica e geopolítica privilegiada do território mexicano e a percepção de que, se quisesse continuar exercendo qualquer papel nas relações internacionais de sua época, a França deveria encontrar meios de exercer influência, de maneira geral, sobre toda a América Hispânica e, em particular, sobre o México.

A emergência da causa monárquica no seio da elite conservadora mexicana, particularmente a partir a década 1840, constituiu-se como uma ponte importante, na perspectiva francesa, para que essa influência pudesse ser exercida.

A emergência da causa monárquica

Em outubro de 1835, ou seja, poucos meses após a viagem de Michel Chevalier, o Congresso mexicano, em meio aos conflitos políticos ocorridos no país, substituiu a Constituição federalista de 1824 por uma nova carta de caráter centralista patrocinada pelo líder conservador Antonio López de Santa Anna. Pode-se dizer que algumas de suas principais diretrizes como, por exemplo, a transformação dos Estados em departamentos e a profunda diminuição da autonomia federativa tiveram como um de

seus principais efeitos colaterais o início da revolta dos colonos norte-americanos e, consequentemente, a independência do Texas⁵⁹⁸. Além disso, não bastassem a perda de uma parte considerável de seu território em 1836 e a ameaça que seus vizinhos do norte passavam a representar, os mexicanos voltaram a ter problemas externos bastante sérios nos anos seguintes, particularmente com os franceses.

Na segunda metade da década de 1830, a França se envolveu diretamente em duas intervenções na América Hispânica, promovendo bloqueios nos portos de Buenos Aires (1838-1840), na futura República Argentina, e de Veracruz (1838-1839), no México. Buscando obter uma presença mais efetiva em termos comerciais nas respectivas localidades, ambos os cercos tinham, entre suas justificativas, possíveis violações ao bem estar dos súditos da coroa francesa, tanto na província platina, então liderada por seu poderoso governador Juan Manuel de Rosas, quanto na república mexicana, presidida então por Anastásio Bustamante. Havia ainda, nos dois casos, a coação para que fossem assinados tratados de comércio mais favoráveis aos franceses em relação aos ingleses. Pressionada pela comunidade internacional, especialmente pela Grã-Bretanha, por essas intervenções, a França costurou acordos diplomáticos com mexicanos e platinos, deixando o porto de Veracruz em 09 de março de 1839 e o de Buenos Aires em 29 de outubro de 1840⁵⁹⁹.

Em meio a essas situações envolvendo a política externa, uma tentativa fracassada de golpe contra o presidente centralista Anastasio Bustamante (1837-1842), liderada pelos generais federalistas José Urrea e Valentín Gomez Farías, em 1840, provocou um banho de sangue, até então inédito na história do país, envolvendo diretamente a população civil. Nesse processo de crise de legitimidade dos partidos e da própria ideia de república, ressurgia no debate político mexicano um projeto latente, mas, em certa medida, eclipsado pelas disputas entre federalistas e centralistas desde a

⁵⁹⁸ Ver COSTELOE, Michael P. *The Central Republic in Mexico, 1835-1846: hombres de bien in the Age of Santa Anna*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

⁵⁹⁹ Sobre o bloqueio do porto de Buenos Aires, ver FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006, pp. 98-101. Sobre o bloqueio de Vera Cruz, a partir de duas perspectivas distintas, ver BRAVO UGARTE, José. "El conflicto con Francia de 1829-1839". *Historia Mexicana*, Vol. 2, No. 4 (Apr. - Jun., 1953), pp. 477-502; e PENOT, Jacques. "L'expansion commerciale française au Mexique et les causes du conflit franco-mexicain de 1838-1839". *Bulletin Hispanique*, tome 75, n°1-2, 1973. pp. 169-201. Especificamente no caso mexicano, o bloqueio de Veracruz tem sido, muitas vezes, chamado pela historiografia como Primeira Intervenção Francesa, em referência à ocupação posterior levada a cabo entre 1861 e 1867.

queda de Agustín de Iturbide em 1823: o estabelecimento de uma monarquia constitucional no país⁶⁰⁰.

Em resposta à malfadada tentativa de golpe dos generais Urrea e Gómez Farías, veio a público um documento bastante relevante na história política e intelectual do México no século XIX: *Carta dirigida al Excmo. Sr. Presidente de la República sobre la necesidad de buscar en una convención el posible remedio a los males que aqueja a la República y opiniones del autor acerca del mismo asunto*, de José Maria Gutierrez Estrada (1800-1867)⁶⁰¹.

Membro da aristocracia mexicana, Gutierrez Estrada esteve, nos primeiros anos após a independência, junto às hostes republicanas e federalistas, ocupando diversos cargos públicos nos sucessivos governos nacionais. Com o estabelecimento da Constituição centralista em 1835, transferiu-se para a Europa, retornando somente em 1840, pouco tempo antes da violenta tentativa de deposição de Anastasio Bustamente pelos federalistas. Em sua perspectiva, como nenhuma das duas correntes havia sido capaz de pacificar, governar e desenvolver o país, considerava necessário que se buscasse um outro regime político como forma de superar o males que afligiam o México. A partir de então, Gutierrez Estrada, admirador da Monarquia de Julho e, particularmente, do poderoso ministro de Luís Felipe, François Guizot, se tornou um dos principais defensores de uma monarquia constitucional, sob a tutela de um príncipe europeu, como remédio adequado para a salvação da nação em relação às ameaças internas e externas que a corroíam⁶⁰².

O panfleto de Gutierrez Estrada causou sensação imediatamente após sua publicação, provocando a oposição inclusive do presidente Bustamante que acusou o impresso de “subversivo” e “sedicioso”⁶⁰³. Não possuindo mais condições de permanecer no México, o autor monarquista impôs-se um autoexílio, partindo para

⁶⁰⁰ Ver, entre outros, PÉREZ VEJO, Tomás. “El monarquismo mexicano: ¿una modernidad conservadora?”. In: COLOM GONZÁLEZ, Francisco (org.). *Modernidad iberoamericana: cultura, política y cambio social*. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2009; PALTÍ, Elías José. “Introducción”. In: PALTÍ, Elías José (org.). *La política del disenso: la polémica en torno al monarquismo (México, 1848-1850)... y las aporías del liberalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998; e TIO VALLEJO, Gabriela. “La monarquía en México: historia de un desencuentro. El liberalismo monárquico de Gutierrez Estrada”. *Secuencia*, n. 30, sept.-dic. 1994, pp. 33-56.

⁶⁰¹ GUTIERREZ ESTRADA, José Maria. *Carta dirigida ao Excmo. Sr. Presidente de la República sobre la necesidad de buscar en una convención el posible remedio a los males que aqueja a la República y opiniones del autor acerca del mismo asunto*. México: Imprenta de I. Cumplido, 1840.

⁶⁰² Além de TIO VALLEJO, *op. cit.*; ver também VILLAVICENCIO NAVARRO, Victor Alberto. *El camino del monarquismo mexicano decimonónico: momentos, proyectos y personajes*. Tese (Doutorado em História). México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

⁶⁰³ TIO VALLEJO, *op. cit.*, p. 50.

Havana, na ilha de Cuba, e, posteriormente, para a Europa. A despeito disso, suas ideias permaneceram em circulação no México, constituindo-se como uma corrente de opinião bastante presente e influente no debate público de seu país ao longo das décadas seguintes⁶⁰⁴. As premissas de Gutierrez Estrada não se mantiveram, entretanto, restritas às fronteiras mexicanas, repercutindo, por exemplo, na imprensa periódica francesa como se pode notar em um artigo anônimo do *Journal des Débats*, publicado em 1842:

Homem dos mais importantes no partido centralista, mesmo que seu ingresso na cena política date apenas de 1831, o Sr. Gutierrez Estrada, que foi com distinção ministro dos assuntos estrangeiros, que duas vezes foi nomeado [ministro] plenipotenciário na Inglaterra, e que cumpriu as funções de senador, publicou, há pouco tempo, uma brochura notável na qual sustenta o sistema monárquico com uma franqueza, no entanto, plena de moderação, que honra seu caráter, e com um talento pouco ordinário, e esta é uma ocorrência que merece, em um alto grau, fixar a atenção da Europa⁶⁰⁵.

O texto mencionado acima era concluído da seguinte maneira:

O reconhecimento público do Sr. Gutierrez Estrada terá em conta sua coragem e suas sábias inspirações. Seus próprios inimigos favorecerão o sucesso do pensamento que ele emite; pois há espaço para se pensar que o governo de Santa Anna será uma ditadura militar muito pouco disfarçada. Daí para a monarquia temperada, a única que pediu o Sr. Gutierrez Estrada, a única que é necessária desejar ao México, há menos distância que de um caos demagógico ou de uma anarquia parlamentar⁶⁰⁶.

Na primeira metade da década de 1840, nos termos da política interna, o México conviveu com profundas tensões entre o exército e o Congresso, sempre com a presença marcante, mesmo nos períodos em que esteve fora da presidência, do general Santa

⁶⁰⁴ Ver PALTÍ, “Introdução”. In: *La política del disenso*, op. cit.; e VILLAVCENCIO NAVARRO, *op. cit.*

⁶⁰⁵ No original: “Homme des plus importants dans le parti centraliste, quoique ses débuts sur la scène politique ne datent que de 1831, M. Gutierrez Estrada, qui a été avec distinction ministre des affaires étrangères, qui deux fois a été nommé plénipotentiaire en Angleterre, et qui a rempli les fonctions de sénateur, a publié, il y a peu de temps, une brochure remarquable dans laquelle il soutient le système monarchique avec une franchise pleine de modération pourtant, qui honore son caractère, et avec un talent peu ordinaire, et c'est là un incident qui mérite à on haut degré de fixer l'attention de l'Europe”. *Journal des débats politiques et littéraires*, 13 de setembro de 1842, p. 2.

⁶⁰⁶ No original: “La reconnaissance publique tiendra compte à M. Gutierrez Estrada de son courage et de ses sages inspirations. Ses ennemis eux-mêmes favoriseront le succès de la pensée qu'il a émise; car il y a lieu de penser que le gouvernement de Santa-Anna sera une dictature militaire très peu déguisée. De là à la monarchie tempérée, la seule qu'ait demandée M. Gutierrez Estrada, la seule qu'il faille souhaiter au Mexique, il y a moins loin que d'un chaos démagogique ou d'une anarchie parlementaire”. *Ibidem*, p. 2.

Anna. Além de emendas que aprofundavam o conservadorismo da Constituição de 1835, assistiu-se, nesse período, a um grande fortalecimento do poder executivo. No plano internacional, embora houvessem negociado uma trégua com os Estados Unidos, arbitrada pela França e pela Inglaterra, em relação à questão texana, as autoridades do país hispano-americano, em especial Santa Anna, se recusavam a aceitar a emancipação da então região setentrional de seu território. No ano de 1845, com a aprovação pelo Congresso norte-americano da anexação do Texas pelos Estados Unidos, a retórica monárquica voltou a encontrar novas ressonâncias entre setores da intelectualidade e da política mexicana.

Quando da incorporação do antigo Estado mexicano à federação vizinha, o país hispano-americano era governado pelo moderado José Joaquín Herrera que, consciente da fragilidade econômica do orçamento federal e da incapacidade de seu exército encampar uma guerra de grandes proporções, procurou conseguir um acordo diplomático com a república no norte, então governada pelo expansionista James K. Polk. Ao gerar uma profunda oposição de ambos os partidos mexicanos que consideravam o fato uma afronta à honra nacional, essa postura mais cautelosa de Herrera resultou em sua deposição ainda em fins de 1845. No começo do ano seguinte, ascendeu ao poder, por meio de um golpe, o também general Mariano Paredes y Arrillaga que, apoiado por um dos principais políticos e intelectuais mexicanos do século XIX, Lucas Alamán, levou a causa da monarquia para o coração do governo⁶⁰⁷. A eclosão da guerra contra os Estados Unidos, pouco tempo depois, em 24 de abril de 1846, marcou o início de um dos períodos mais traumáticos da história mexicana, provocando uma intensa discussão a respeito dos rumos do país.

Nesse contexto, tanto Paredes como Alamán defendiam, assim como Gutierrez Estrada, o estabelecimento de uma monarquia constitucional no México com o oferecimento da coroa a um príncipe europeu. Essa corrente afirmava que apenas a mudança de regime político seria capaz de evitar o desmembramento do país e, mais ainda, sua incorporação pelos Estados Unidos. Alamán, em especial, considerado não somente como um dos grandes historiadores de sua época, mas também como o pai do Partido Conservador, criado por ele em 1849, retomava em sua retórica monarquista o

⁶⁰⁷ PALTÍ, *La política del disenso*, op. cit., p. 16.

principal documento do movimento de independência liderado por Agustín de Iturbide em 1821: o Plan de Iguala⁶⁰⁸.

Contrapondo-se ao primeiro movimento de independência, com forte teor popular, liderado, entre 1810 e 1815, respectivamente, pelos padres Miguel Hidalgo e José Maria Morelos, a emancipação conservadora de 1821 se deu alicerçada sobre as bases de três garantias centrais contidas nesse manifesto: a independência em relação à Espanha, o reconhecimento da religião católica como única crença nacional e a defesa da igualdade entre todos os mexicanos. Não por acaso, o Plan de Iguala, atribuído frequentemente a Iturbide e a Vicente Guerrero, outro importante líder independentista, ficou também conhecido na história daquele país como Plan Trigarante (Plano das Três Garantias). Entretanto, eram em outros aspectos do documento que residiam a obsessão de Alamán: a defesa do estabelecimento de uma monarquia constitucional no país e o oferecimento da coroa mexicana a um príncipe europeu⁶⁰⁹.

Paredes foi derrubado poucos meses depois, abrindo caminho para o retorno de Santa Anna. Entretanto, os ventos da guerra sopravam a favor dos Estados Unidos. No dia 15 de setembro de 1847, a capital, Cidade do México, foi tomada e, em 2 de fevereiro do ano seguinte, o Tratado de Guadalupe-Hidalgo marcou o fim do conflito, ratificando a derrota mexicana. Além de perder definitivamente o Texas, o país hispano-americano cedeu aos Estados Unidos, nos termos do acordo, o Novo México e a Alta Califórnia, regiões que, embora pouco habitadas, representavam somadas, juntamente com o Texas, cerca de metade do território mexicano⁶¹⁰. Pode-se dizer, dessa forma, que a derrota para os norte-americanos intensificou, no México, um sentimento de crise das instituições republicanas, levando diversos setores políticos do país a propor novas soluções para os males que o afligiam. A solução monárquica parecia se solidificar, nesse contexto, em uma parcela significativa não somente da elite mexicana, mas também entre muitos europeus⁶¹¹.

⁶⁰⁸ Ver, entre outros, HALE, Charles. “La guerra con Estados Unidos y la crisis del pensamiento mexicano”. *Secuencia*, n. 16, ene.-abr. 1990, pp. 43-62.

⁶⁰⁹ Sobre o Plan de Iguala e o pensamento monarquista mexicano, ver LANDAVAZO, Marco Antonio. “Orígenes políticos y culturales del monarquismo mexicano”. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, vol. 13, n. 25, 2011, pp. 62-85.

⁶¹⁰ Ver, entre outros, VAZQUEZ & MEYER, *op. cit.*, pp. 58-65.

⁶¹¹ PALTÍ, Elías José. *La invención de una legitimidad: razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX (Un estudio sobre las formas del discurso político)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

Mapa: México (1835-1848)

Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/85/Mexico_1835-1846_administrative_map-es.svg/640px-Mexico_1835-1846_administrative_map-es.svg.png

Michel Chevalier, que, desde a década de 1830, afirmava que a república se constituía como uma das principais causas da debilidade hispano-americana e que, em países católicos, como os que haviam sido colonizados pelos ibéricos, a monarquia se apresentava praticamente como uma exigência do caráter nacional, continuou participando desses debates sobre a situação mexicana. Durante a década de 1840, dentre suas diversas colaborações à *Revue des Deux Mondes*, dedicou alguns artigos à situação das Américas, com ênfase particular ao México. Em 1845, escreveu dois textos sobre a história mexicana, um deles sobre o México pré-corteziano e o outro sobre a Conquista no século XVI⁶¹². Além disso, foi o responsável, nos dois anos seguintes, pela redação de uma monografia sobre a temática dos metais preciosos no Novo Mundo,

⁶¹² CHEVALIER, Michel. "La civilisation Mexicaine avant Fernand Cortez". *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 9, 1845, pp. 965-1020; e, do mesmo autor, "La conquête du Mexique par Fernand Cortez, d'après de nouveaux Documents américains". *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 11, 1845, pp. 197-235.

editada em duas partes no periódico, a primeira veiculada em 1846 e a segunda em 1847⁶¹³.

Nesses últimos artigos, Michel Chevalier não discutiu somente questões referentes à mineração nas Américas, mas incorporou reflexões sobre a política de diversos países da região. Dedicou, particularmente, algumas de suas páginas à situação do México, que, naquele contexto, estava ainda em guerra contra os Estados Unidos. Em seu diagnóstico, afirmava:

Os homens esclarecidos que o México conservou sentem que sua pátria está à beira do abismo, e eles se preocupam com os meios de salvá-la. Por outro lado, o inimigo está às portas e apressa-se para se introduzir e desmembrar o estado. Os Estados Unidos, entranhados por um espírito de conquista que seus mais ilustres cidadãos, entretanto, não encorajam, e que lhes prepara destinos desconhecidos, se apressam para anexar sucessivamente todas as províncias mexicanas, e se tornou lugar comum, das embocaduras do Mississipi ao lago Ontário, ouvir que está próxima a época em que o pavilhão estrelado da União tremulará sobre a catedral do México. Nós seremos testemunhas desse acontecimento daqui a poucos anos, a menos que o México, pondo em prática as severas lições recebidas, possa se levantar com um esforço com o qual todo o mundo cessou de contar⁶¹⁴.

Para além dessa perspectiva, é possível notar que Michel Chevalier, ao discutir a situação do México naquele momento, dialogava com as discussões presentes na *Carta* que Gutierrez Estrada enviara ao presidente Bustamante em 1840. Construindo um balanço sobre o passado mexicano e procurando discutir as possíveis soluções para o país, o articulista defendia a monarquia como um remédio supostamente eficaz para enfrentar os males que afligiam a república hispano-americana:

⁶¹³ CHEVALIER, Michel. “Des mines d’argent et d’or du Nouveau-Monde”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 16, 1846, pp. 980-1029; e, do mesmo autor, “Des mines d’argent et d’or du Nouveau-Monde”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 17, 1847.

⁶¹⁴ No original: “Les hommes éclairés qu’a conservés le Mexique sentent que leur patrie est au bord de l’abîme, et ils se préoccupent des moyens de la sauver. D’un autre côté, l’ennemi est aux portes et presse pour s’introduire et démembrer l’état. Les États-Unis, entraînés par un esprit de conquête que leurs plus illustres citoyens n’encouragent cependant pas, et qui leur prépare des destinées inconnues, s’apprêtent à s’annexer successivement toutes les provinces mexicaines, et c’est devenu un lieu commun, des bouches du Mississipi au lac Ontario, que de s’entretenir de l’époque prochaine où le pavillon étoilé de l’Union flottera sur la cathédrale de Mexico. Nous serons témoins de cet événement d’ici à peu d’années, à moins que le Mexique, mettant à profit les sévères leçons qu’il a reçues, ne fasse pour se relever un effort sur lequel il semble que tout le monde ait cessé de compter”. CHEVALIER, “Des mines d’argent et d’or du Nouveau-Monde”, 1847, *op. cit.*

A fundação de um governo monárquico, que teria sido muito fácil em 1821, é difícil hoje. Há no México uma opinião pública de convenção, verdadeiro patriotismo de ocasião, que refuta a monarquia. Pode-se assim, em 1841 [sic], atingir um anátema oficial à proposição feita por um mexicano muito honrado e muito distinto, o Sr. Gutierrez Estrada, de retornar à monarquia, como a única forma de governo que fosse própria a dar à pátria a estabilidade, a calma, o poder, que ela tem em vão procurado em uma sequência de ditaduras marcadas umas por tempestades, outras pela ignomínia [...]. Assim, a reprovação aparente que afetou o Sr. Gutierrez Estrada não prova nada. O partido demagógico, que apenas sustenta seriamente a república, é desprezado no México, sem chefes capazes, sem nenhuma raiz no solo. Ao contrário, os elementos monárquicos não faltam⁶¹⁵.

Desacreditando a posição dos republicanos em relação a Gutierrez Estrada, Michel Chevalier utilizava-se da analogia da “raiz”, afirmando o fundamento essencialmente monárquico do caráter mexicano. Para além das posições específicas dos dois autores, é preciso destacar um claro intercâmbio entre as ideias produzidas dos dois lados do Atlântico. Embora as relações geopolíticas e intelectuais entre franceses e hispano-americanos se apresentem ainda hoje como essencialmente desiguais, é importante afirmar que os textos dos antigos países de colonização ibérica também circulavam na Europa, eram lidos, muitas vezes, por autores importantes do Velho Continente, como o próprio Chevalier, e não deixavam de ser utilizados pelos letrados europeus como forma de legitimar determinadas posições.

Poucos anos depois de sua publicação na *Revue des Deux Mondes*, Michel Chevalier retornou aos assuntos mexicanos ao publicar, em 1851, um verbete intitulado “Le Mexique”, para a *Encyclopedie du XIXe. siècle*, publicado posteriormente de maneira independente pelo autor⁶¹⁶. Pode-se dizer que *Le Mexique, extrait de l'Encyclopedie du XIXe. siècle* se apresentava como a síntese de suas perspectivas a

⁶¹⁵ No original: “La fondation d’un gouvernement monarchique, qui eût été très aisée en 1821, est difficile aujourd’hui. Il y a au Mexique une opinion publique de convention, vrai patriotisme de place, qui repousse la monarchie. On a pu ainsi, en 1841, frapper d’un anathème officiel la proposition faite par un Mexicain fort honorable et fort distingué, M. Gutierrez Estrada, de revenir à la monarchie, comme à la seule forme de gouvernement qui fût propre à donner à la patrie la stabilité, le calme, la puissance, qu’elle a vainement cherchés sous une suite de dictatures marquées les unes par des orages, les autres par l’ignominie [...]. Ainsi, la réprobation apparente qui a atteint M. Gutierrez Estrada ne prouve rien. Le parti démagogue, qui seul soutient sérieusement la république, est méprisé au Mexique, sans chefs capables, sans aucune racine dans le sol. Au contraire, les éléments monarchiques ne manquent pas”. *Ibidem*, pp. 29-30.

⁶¹⁶ CHEVALIER, Michel. *Le Mexique: extrait de l'Encyclopedie du XIXe. Siècle*. Paris: Imprimerie de Maulde et Renou, 1851.

respeito do México até então. Retomava questões levantadas anteriormente tanto em suas cartas de viagem de 1835, como nos artigos esparsos que publicou sobre o país ao longo dos anos seguintes. Embora mantivesse, em grande medida, suas visões idealizadas sobre as condições naturais do México e sua geografia, interessa aqui retomar suas posições, mais sistematizada nesse verbete, a respeito das relações entre os caminhos da política mexicana, o expansionismo norte-americano e a posição da França nesse contexto.

Michel Chevalier afirmava de maneira mais direta, em sua síntese, que, em primeiro lugar, se a Espanha, na figura do rei Fernando VII, houvesse, em 1821, aceitado os termos do Plan de Iguala, “a essa hora, haveria bem provavelmente no México uma monarquia constitucional do gênero daquela que subsiste no Brasil e que atua convenientemente nos negócios do país”⁶¹⁷.

À comparação entre as situações do México republicano e do Brasil monárquico, este capítulo voltará em um momento mais oportuno. Interessa, entretanto, afirmar que, na perspectiva de Michel Chevalier, “a Espanha não foi a única a se enganar. A própria França faltou com a sua missão. Há, para a França, somente uma política: ela é o corifeu, a imitada, a protetora natural dos Estados católicos, dos povos latinos; é aí que está o seu papel e onde deve procurar sua grandeza”⁶¹⁸. E completava: “O gabinete das Tulherias deixou escapar essa bela oportunidade, e o México se separou do colo da civilização latina, para se lançar nas regiões desconhecidas de onde recolheu desapontamentos e calamidades”⁶¹⁹.

Em linhas gerais, Michel Chevalier entendia que se o México havia caído em uma situação política tão complicada como aquela em que se encontrava, a culpa não seria somente do próprio país, mas também da Espanha e, principalmente, da França. Ambas supostamente tiveram a oportunidade de intervir em sua política de modo a garantir a implementação, após a independência, de instituições que se apresentassem como adequadas ao seu caráter católico e latino. Mais até que o país peninsular, a terra

⁶¹⁷ No original: “à cette heure il y aurait vrai semblablement au Mexique une monarchie constitutionnelle du genre de celle qui subsiste au Brésil et qui y fait convenablement les affaires du pays”. *Ibidem*, p. 31.

⁶¹⁸ No original: “En cette circonstance l’Espagne ne fut pas la seule à se tromper. La France elle-même manqua à sa mission. Il n’y a pour la France qu’une politique: elle est le coryphée, l’imitateur, le protecteur naturel des États catholiques, des peuples latins; c’est là qu’est son rôle et qu’elle doit chercher sa grandeur”. *Ibidem*, p. 31.

⁶¹⁹ No original: “Le cabinet des Tuileries laissa échapper cette belle occasion, et le Mexique se détacha du giron de la civilisation latine, pour se lancer dans des régions inconnues où il devait recueillir des désappointements et des calamités”. *Ibidem*, p. 32.

natal do engenheiro e economista francês faltara com a sua obrigação enquanto “corifeu” dos povos latinos:

Em 4 de outubro de 1824 foi proclamada uma constituição deliberada em congresso, pela qual os mexicanos [...] copiaram servilmente, quase que ponto a ponto, o sistema democrático e federativo dos Estados Unidos. Acreditava-se [estar] em uma posição perfeitamente semelhante; haviam acabado de abalar o jugo da Espanha, assim como os americanos do norte haviam se livrado, meio século antes, da dominação britânica. Concluía-se por um raciocínio muito temerário, que se chegaria à mesma prosperidade seguindo, de maneira absoluta, a mesma trajetória deles?⁶²⁰

E prosseguia:

O solo mexicano foi assim dividido em Estados que foram investidos de prerrogativas de soberania como são aqueles da União americana, que antes da independência eram governados separadamente. Um governo central foi instituído no México, sob o modelo daquele de Washington. Essa importação de todas as peças de uma constituição estrangeira que não teve no México nenhum apoio no gênio nacional, nem nas tradições, poderia engendrar apenas a confusão e a anarquia⁶²¹.

Como já ressaltado anteriormente, as dificuldades sentidas pelo México nas primeiras décadas de sua vida independente seriam, na perspectiva de Michel Chevalier, supostamente resultados da “cópia servil” e da “importação de todas as peças de uma constituição estrangeira que não teve no México nenhum apoio no gênio nacional, nem nas tradições”. Ao contrário dos protestantes norte-americanos, preparados culturalmente para a democracia e a república, os latinos e católicos mexicanos, ao não cumprirem seu caminho monárquico, pareciam evidenciar o cumprimento de um

⁶²⁰ No original: “Le 4 octobre 1824 fut proclamée une constitution délibérée en congrès, par laquelle les Mexicains [...] copiaient servilement, presque de tout point, le système démocratique et fédératif des Etats-Unis. On se croyait dans une position parfaitement semblable; on venait de secouer par une guerre glorieuse le joug de l’Espagne, tout comme les Américains du Nord s’étaient soustraits, un demi-siècle auparavant, à la domination britannique. On en concluait, par un raisonnement fort téméraire, qu’on arriverait à la même prospérité en suivant d’une manière absolue les mêmes errements. N’avons nous pas, nous, cru en 1793 que les lois de Lycurgue et de Minos, faites pour des peuplades grossières et féroces, devaient servir de type à notre législation?”. *Ibidem*, pp. 32-33.

⁶²¹ No original: “Le sol mexicain fut ainsi découpé en États qui furent investis des prérogatives de la souveraineté comme le sont ceux de l’Union américaine, qui avant l’indépendance étaient gouvernés séparément. Un gouvernement central fut institué à Mexico, sur le modèle de celui de Washington. Cette importation de toutes pièces d’une constitution étrangère qui n’avait au Mexique aucun appui dans le génie national ni dans les traditions, ne pouvait qu’engendrer la confusion et l’anarchie”. *Ibidem*, p. 33.

destino fatal. Dessa forma, “as duas guerras que o México teve com os Estados Unidos foram mais sérias, menos ainda por suas consequências diretas que por abrirem, em uma época próxima talvez, uma perspectiva ameaçadora para o México”⁶²². Sobre essa “perspectiva ameaçadora” que se apresentava aos mexicanos, Michel Chevalier vaticinava:

Eis, pois, a situação atual do México. No intervalo de cerca de dez anos, foi desmembrado duas vezes por seus formidáveis vizinhos do Norte. Qual o futuro que o espera? Será devorado pela invasora democracia da União americana, *pedaço por pedaço*, segundo a previsão de Jefferson? Isso está na ordem dos eventos possíveis e, a menos que os mexicanos tenham redobrado os esforços para melhor explorar seu território tão rico e tão admiravelmente situado e para fazê-lo reverter suas vantagens em proveito de gênero humano, sua servidão aos americanos do norte excitará apenas mediocrementemente, se houver, o lamento das outras nações. Eles terão merecido seu triste destino⁶²³.

Entretanto, pode-se dizer, de certa forma, que ao discutir a situação específica do México, Michel Chevalier parecia se debruçar, não obstante, sobre um fenômeno em que os vizinhos meridionais dos Estados Unidos seriam pretensamente o exemplo mais extremo: a suposta decadência dos povos católicos e latinos diante de um quadro que se desenhava como favorável às populações de origem germânica e protestante, por um lado, e às populações da “raça eslava”, ou seja, os russos, por outro. Nessa perspectiva:

[O México] tem, no mais, a temer, essa má chance geral que parece ter hoje contra si todos os povos de origem latina, os povos essencialmente católicos. A estrela desse grupo empalidece visivelmente em nossos dias diante daquela da civilização de origem germânica e de religião protestante e mesmo diante daquela da raça eslava⁶²⁴.

⁶²² No original: “Les deux guerres que le Mexique a eues avec les États-Unis ont été plus sérieuses, moins encore par leurs conséquences directes que parce qu'elles ouvrent, pour une époque prochaine peut-être, une perspective menaçante pour le Mexique”. *Ibidem*, p. 35.

⁶²³ No original: “Voilà donc la situation actuelle du Mexique. Dans l'intervalle de dix ans à peu près, il a été démembré deux fois par ses formidables voisins du Nord. Quel est l'avenir qui l'attend? Sera-t-il dévoré par l'envahissante démocratie de l'Union américaine, *pièce par pièce*, selon la prédiction de Jefferson? C'est dans l'ordre des événements possibles, et à moins que les Mexicains n'aient redoublé d'efforts pour mieux exploiter leur territoire si riche et si admirablement situé et pour en faire tourner les avantages au profit du genre humain, leur asservissement par les Américains du Nord n'excitera que médiocrement, s'il arrive, le regret des autres nations. Ils auront mérité leur triste destin”. *Ibidem*, pp. 37-38.

⁶²⁴ No original: “à de plus à redouter, cette mauvaise chance générale que semblent avoir aujourd'hui contre eux tous les peuples d'origine latine, les peuples essentiellement catholiques. L'étoile de ce groupe

E concluía:

Mas se há o que temer, nós não dizemos pela existência, mas pela autoridade, no areópago que compõem os povos civilizados em geral, uma nação tal como a nossa [França] [...], que dizer, pois, de um povo [México] que tem vida própria apenas desde ontem, e em relação ao qual um temível vizinho já adquiriu o hábito de se apropriar daquelas de suas províncias que ele encontra disponíveis⁶²⁵.

Entre tantas questões a serem destacadas nas citações acima, uma parece ser fundamental. A relação quase direta construída por Michel Chevalier entre os destinos dos povos latinos, de maneira geral, e do México, em particular, e o lugar a ser ocupado pela França no quadro geopolítico internacional. A ameaça em relação ao país hispano-americano, especialmente por parte dos anglo-saxões da América, não era entendida pelo autor somente como um perigo em relação à sobrevivência de uma nação específica, mas se apresentava, em sua visão, como um fator determinante a respeito da existência de todos os povos dessa mesma cepa e, conseqüentemente, da autoridade que os franceses poderiam exercer sobre eles.

Em suma, de acordo com essa premissa, garantir a existência das nações hispano-americanos, seria reservar uma posição geopolítica privilegiada para os franceses no quadro internacional. Ao contrário, permitir sua dissolução, poderia significar sua irrelevância entre as grandes potências mundiais. Antes de retornar à essa questão específica, entretanto, parece importante uma breve incursão sobre a história e a historiografia acerca das disputas políticas existentes no México até a década de 1860 para melhor compreender os posicionamentos de Michel Chevalier em seu *Méxique ancien et moderne*.

de peuples pâlit visiblement de nos jours devant celle de la civilisation d'origine germanique et de religion protestante et même devant celle de la race slave". *Ibidem*, p. 38.

⁶²⁵ No original: "Mais s'il y a lieu de craindre, nous ne disons pas pour l'existence, mais pour l'autorité, parmi l'aréopage que composent les peuples civilisés en général, d'une nation telle que la nôtre [...], qu'est-ce donc pour un peuple qui n'a de vie propre que d'hier, et envers lequel un redoutable voisin a déjà contracté l'habitude de s'attribuer celles de ses provinces qu'il trouve à sa convenance". *Ibidem*, p. 39.

Uma dicotomia mexicana

Desde a independência do México em 1821, para além das divisões existentes no país entre os defensores do centralismo e do federalismo, se desenhava uma contraposição, já na década da emancipação, entre duas grandes correntes que desembocariam nos dois principais partidos mexicanos após a Guerra contra os Estados Unidos: os conservadores e os liberais⁶²⁶.

A disputa entre os partidos, central para a compreensão do século XIX mexicano, se constitui para o historiador do período como um ponto muito sensível, pois toca em um dos grandes mitos do nacionalismo daquele país: o liberalismo⁶²⁷. Em linhas gerais, as perspectivas mais tradicionais da historiografia mexicana do século XX, bastante sintetizadas nos trabalhos de Jesus Reyes Heróles, em especial em *El liberalismo mexicano* (1957), concebiam, de forma teleológica, que o México estaria destinado a se constituir fatalmente como um país liberal. Nessa visão, nas décadas que se seguiram à independência, confrontavam-se, personificados nos dois partidos em disputa, de um lado, os valores coloniais, antinacionais e antimodernos dos conservadores e, de outro, os valores nacionais e modernos dos liberais. Dessas disputas, resultaria a vitória necessária destes últimos e a emancipação definitiva do pátria, sob os auspícios do liberalismo, diante dos interesses estrangeiros representados pelo conservadorismo⁶²⁸.

Ao longo dos anos seguintes, alguns trabalhos se propuseram a questionar e complexificar a análise a respeito dessa temática. Destaca-se entre essas obras, *El liberalismo mexicano en la época de Mora (1821-1853)* (1968), em que o historiador norte-americano Charles A. Hale procurou sistematizar, de maneira menos esquemática, as diferenças e semelhanças entre os dois partidos⁶²⁹. Da mesma forma, parece importante frisar também a figura de Josefina Zoraida Vázquez, que deslocou, em suas análises, o tradicional confronto entre liberais e conservadores para os debates entre a

⁶²⁶ Para uma boa introdução sobre as linhas gerais dos dois partidos, ver CHEVALIER, François. “Conservadores y liberales en México: ensayo de sociología y geografía políticas de la independencia a la intervención francesa”. *Secuencia*, n. 1, ene.-abr. 1985, pp. 136-149.

⁶²⁷ Ver a esse respeito, HALE, Charles A. “Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la revolución”. *Historia Mexicana*, vol. 46, n. 4, abr.-jun. 1997, pp. 821-837.

⁶²⁸ Para essa perspectiva, ver REYES HERÓLES, Jesus. *El liberalismo mexicano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988, 3 vols. A primeira edição dessa obra ocorreu em 1957.

⁶²⁹ HALE, Charles. *El liberalismo mexicano en la época de Mora (1821-1853)*. México: Siglo XXI, 1972.

centralização e a descentralização do Estado nacional⁶³⁰. Uma das principais críticas a ambas as abordagens, a despeito de sua visão mais arejada em relação, por exemplo, aos trabalhos de Reyes Heróles, residia na permanência da centralidade do liberalismo nessas interpretações. Tanto para Hale, como para Vázquez, ambos os partidos partilhavam das matrizes comuns dessa doutrina, diferindo, não obstante, em alguns pontos específicos⁶³¹.

Em tempos mais recentes, com o advento do conceito de “republicanismo” na historiografia latino-americana, muitos autores como, por exemplo, Luís Barrón, procuraram deslocar a discussão conceitual. Em vez de buscarem linhas comuns entre ambos os partidos no escopo do liberalismo, muitas vezes realizaram o mesmo movimento em relação ao republicanismo. Mesmo com muitos méritos, essa importante corrente historiográfica contemporânea, ao tentar escapar, por um lado, das dicotomias entre o moderno e o arcaico e o nacional e antinacional, e, por outro, da hegemonia do liberalismo na interpretação acerca do século XIX mexicano, acabou muitas vezes por obscurecer as divergências entre as múltiplas correntes ideológicas do período, destacando fundamentalmente seus pontos de encontro dentro da matriz republicana⁶³².

A despeito desses debates mais gerais, algumas questões merecem ser destacadas, em especial em relação aos conservadores mexicanos, arautos do regime monárquico no país. Diferentemente dos antinacionalistas e antimodernos pintados pelos primeiros historiadores do tema, esses homens têm sido, muitas vezes, entendidos pela historiografia mais recente como proponentes de uma modernidade alternativa para o país⁶³³. A defesa da monarquia tem sido analisada, nesse sentido, como uma das respostas possíveis das elites mexicanas de meados do século XIX, diante da crise de legitimidade vivenciada pela república, considerada à época por muitos como incapaz de solucionar os problemas internos e externos que se apresentavam os mexicanos⁶³⁴. Da mesma forma, personagens como Gutierrez Estrada tem sido retomados, mais contemporaneamente, não mais como inimigos da nação e partidários da Antigo

⁶³⁰ Ver, entre outros trabalhos da autora, VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. “De la difícil constitución de un Estado: México, 1821-1854”. In: VÁZQUEZ, Josefina Zoraida (org.). *La fundación del Estado Mexicano, 1821-1855: interpretaciones de la historia de México*. México: Nueva Imagen, 1994.

⁶³¹ Ver a crítica de BARRÓN, Luís. “Republicanismo, liberalismo y conflicto ideológico en la primera metade del siglo XIX en América Latina”. In: AGUILAR, José António & ROJAS, Ricardo (orgs.). *El republicanismo en Hispanoamérica: ensayos de historia intelectual y política*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

⁶³² *Ibidem*.

⁶³³ PÉREZ VEJO, *op. cit.*; e PANI, Erika. *Para mexicanizar el Segundo Imperio: el imaginario político de los imperialistas*. México: El Colegio de México, 2001.

⁶³⁴ PALTI, *La invención de una legitimidad*, *op. cit.*

Regime, mas como defensores de sistemas constitucionais e liberais adequados ao século XIX que defendiam a monarquia como uma forma de salvar sua pátria das ameaças de dissolução e desmembramento⁶³⁵.

Em sua origem, liberais e conservadores, antes de configurarem estruturas partidárias propriamente ditas, surgiram associados, no período da independência, em torno de duas correntes maçônicas existentes no país. Enquanto os futuros liberais estavam vinculados ao rito de York (*yorkinos*), os precussores do Partido Conservador praticavam o rito escocês (*escoceses*).

De maneira bastante esquemática, pode-se dizer que os liberais começaram a se formar enquanto uma facção política já no contexto da emancipação. Frequentemente associados ao federalismo de inspiração norte-americana, esse grupo teve ao longo de décadas as figuras de Valentín Gomez Farías como seu principal líder e de José Maria Luís Mora como seu principal teórico. Seja nos curtos períodos em que Gomez Farías assumiu a presidência (1833-1834 e 1846-1847), seja nos escritos programáticos de Mora, ambos demonstravam um profundo desejo de diminuir o papel do clero nos assuntos nacionais, laicizando a educação e a sociedade de maneira geral. Mostravam-se também contra os foros privilegiados principalmente da Igreja Católica e do Exército e desejavam substituir o papel das corporações pelo dos indivíduos. Embora houvesse muitos militares entre os quadros liberais, predominavam nesse grupo advogados, profissionais urbanos, comerciantes e uma parcela dos proprietários de terra. Muitos indígenas e mestiços aderiram também, em diversos momentos do século XIX, às movimentações desse grupo⁶³⁶.

O partido conservador, por outro lado, embora chamado dessa forma somente na década de 1840 e fundado, oficialmente, em 1849, por Lucas Alamán, pode ser vinculado, *grosso modo*, às hostes centralistas e aos interesses do clero e do exército. Ao contrário dos liberais que admiravam o federalismo norte-americano, os conservadores voltavam seus olhos principalmente para o Velho Continente. Em particular, depois de 1840, passaram defender o estabelecimento de uma monarquia constitucional no país, a ser encabeçada por uma casa real europeia⁶³⁷.

Mesmo sem querer dar conta das diversas especificidades a respeito das duas grandes correntes caracterizadas acima, é preciso destacar que o quadro exposto

⁶³⁵ TIO VALLEJO, *op. cit.*; PANI, *op. cit.*

⁶³⁶ CHEVALIER, François. "Conservadores y liberales en México", *op. cit.*, pp. 141-149.

⁶³⁷ *Ibidem*, pp. 136-141.

constitui-se apenas como um esboço geral desses dois grupos, no limite, bastante heterogêneos. Em diversos momentos da história mexicana do século XIX, longe de se constituírem como facções incompatíveis, liberais e conservadores se aproximavam em muitos pontos. Veja-se, por exemplo, o autor paradigmático do ideário liberal, José Maria Luis Mora. Embora defendesse vários tópicos dessa corrente, demonstrava-se profundamente crítico a um de seus pilares: a soberania popular⁶³⁸. Da mesma forma, posicionou-se, em seu exílio em Paris, favoravelmente a Gutierrez Estrada, quando este publicou sua polêmica carta endereçada ao presidente Bustamante, compactuando com diversos pontos de seu texto⁶³⁹.

Os anos posteriores à guerra contra os Estados Unidos consolidaram os partidos que vinham se desenhando na política mexicana desde a emancipação em relação à Espanha. O período imediatamente posterior ao traumático conflito foi marcado, inicialmente, pelo retorno do moderado Herrera ao poder. Embora tenha sido relativamente estável política e economicamente, seu mandato caracterizou-se pelo retorno da retórica monarquista no espaço público mexicano. Entre 1848 e 1850, por exemplo, diversos periódicos se posicionaram a respeito do tema, destacando-se, entre outros, os jornais *El Universal*, favorável à realeza, e *El monitor republicano*, defensor dos valores liberais e republicanos. A constatação, entretanto, das dificuldades de se impor no México um regime monárquico e a predominância, mesmo entre grande parte dos conservadores, de opiniões essencialmente republicanas levaram esses grupos, no início da década de 1850, a apoiarem o retorno de Santa Anna ao poder⁶⁴⁰.

A despeito de Herrera ter sido o primeiro presidente desde Guadalupe Victória a concluir seu mandato e, mais que isso, fazer seu sucessor em 1851, o também liberal moderado Mariano Arista, a situação social e econômica do país já se mostrava bastante deteriorada ao final de seu governo. Apoiado por Alamán e pela maioria dos conservadores, Santa Anna retornou à presidência em abril de 1853. Ao retomar o poder, o general suspendeu a constituição do país, governando de maneira centralizada e conservadora com o apoio da Igreja e por meio da perseguição política a seus opositores. As atitudes autorárias de Santa Anna levaram os liberais a se rebelar. Em 1854, iniciou-se no país a chamada Revolução de Ayutla, liderada inicialmente por

⁶³⁸ PRADO, Maria Ligia Coelho. “Mora e Echeverría: duas visões da questão da soberania popular”. In: *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

⁶³⁹ ROJAS, Rafael. “Mora em Paris (1834-1850): un liberal en el exílio, un diplomático ante la guerra”. *Historia Mexicana*, vol. 62, n. 1 (245), jul.-sept. 2012, pp. 7-57.

⁶⁴⁰ PALTI, *La política del disenso*, pp. 20-58..

moderados como os militares Ignacio Comonfort e Juan Álvarez, mas logo protagonizada por jovens de posições mais radicais, os chamados “liberais puros”, entre os quais destacavam-se Miguel Lerdo de Tejada, Melchior Ocampo, José Maria Iglesias e o indígena, então governador do Estado de Oaxaca, Benito Juárez⁶⁴¹.

O período iniciado com a Revolução de Ayutla se consolidou como uma época marcada pelas chamadas Reformas Liberais no México. A Era da Reforma, como ficou conhecida na historiografia do país, iniciou-se ainda nos governos dos velhos moderados Álvarez e, principalmente, Comonfort. Três foram as principais leis da Reforma aprovadas nesse período. Em primeiro lugar, a Lei Lerdo (junho de 1856) que obrigava as corporações civis e religiosas a vender suas propriedades para os seus locatários por um preço atrativo. Na sequência, a Lei Juárez (novembro de 1856) que acabava com os foros privilegiados da Igreja e do Exército. Por fim, a Lei Iglesias (abril de 1857) que proibia que se cobrassem taxas paroquiais dos mais pobres. Embora menos radical do que desejavam os “puros”, as novas elites governamentais aprovaram, em 5 de fevereiro de 1857, uma nova constituição para o país que ampliava as garantias de liberdade individual e diminuía o poder das corporações⁶⁴².

A reação dos conservadores não tardou e, em dezembro do mesmo ano, a partir de um levante, liderado pelo general Felix Zuloaga, contra a nova constituição liberal, se iniciou um longo período de conflitos conhecidos como Guerra dos Três Anos (1857-1860). Embora o líder dos sediciosos tenha conseguido derrubar Comonfort e se autoproclamar chefe de governo, os liberais não o reconheceram e resistiram. Benito Juárez, presidente do Supremo Tribunal Federal e primeiro na linha de sucessão após a queda de Comonfort, fugiu para Guanajuato e posteriormente para Veracruz, de onde comandou a oposição aos conservadores. Paralelamente, para conseguir financiar a guerra, os líderes conservadores, em particular Zuloaga e Miguel Miramón, conseguiram diversos empréstimos na Europa, endividando ainda mais um país já com sérios problemas econômicos. Os conflitos entre liberais e conservadores duraram até dezembro de 1860, com a vitória dos primeiros⁶⁴³.

No início de 1861, Juárez foi eleito presidente, tendo que enfrentar uma série de dificuldades. Além de pacificar as tensões da política interna, o ex-governador de Oaxaca lidou com as pressões estrangeiras, em particular da Inglaterra, da França e da

⁶⁴¹ Para algumas linhas gerais sobre esse movimento, ver O’GORMAN, Edmundo. “Precedentes y sentido de la revolución de Ayutla”. *Secuencia*, n. 16, ene.-abr., 1990, pp. 63-96

⁶⁴² VÁZQUEZ, “Liberales y conservadores en México”, *op. cit.*

⁶⁴³ *Ibidem.*

Espanha, para que honrasse os compromissos estabelecidos pelos governos conservadores. Com a negativa juarista, os três países decidiram, por meio do Tratado de Londres (1861) bloquear o porto de Veracruz para cobrar as dívidas atribuídas ao governo mexicano. No início do ano seguinte, o presidente Juárez conseguiu acordos com ingleses e espanhóis, que se comprometeram a retirar suas forças militares do território mexicano. Entretanto, os franceses decidiram permanecer no México, demonstrando que os interesses na região iam além do recebimento das dívidas daquele país.

A retirada da Inglaterra e da Espanha de Veracruz iniciava um período de presença francesa no México que se prolongaria até 1867. Além de dar novos contornos à quase que permanente guerra civil entre liberais e conservadores, esse quadro desaguiaria, em 1864, em uma efêmera experiência monárquica sustentada por setores da elite mexicana e patrocinada pelo governo imperial de Napoleão III.

Uma experiência imperial no Novo Mundo

Pode-se dizer que a intervenção francesa no México não deve ser considerada de maneira isolada, mas vinculada ao contexto mais amplo da política internacional do Segundo Império de Napoleão III (1851-1870). Em linhas muito gerais, o governo bonapartista procurou contestar, ao longo de suas quase duas décadas de existência, as determinações impostas pelo Congresso de Viena (1815), buscando rearticular as relações internacionais na Europa. Contrapondo-se à defesa do equilíbrio entre as potências e à legitimidade das casas reais tradicionais, pactuadas após a queda de Napoleão I em Waterloo, a diplomacia do novo imperador francês argumentava em favor das nacionalidades e de uma nova balança de poder no Velho Continente⁶⁴⁴.

A Guerra da Criméia (1853-1856), que marcou a vitória da aliança entre ingleses e franceses contra as ambições russas no decadente Império Otomano, pode ser considerada um marco para o empreendimento dessa nova política externa. A derrota do país eslavo não deixava de representar um golpe em uma das potências centrais da antiga Santa Aliança. A ascensão, após o conflito no leste europeu, do czar Alexandre II, governante modernizante e alinhado à França, contribuiu para esse processo. Nesse

⁶⁴⁴ Sobre a diplomacia no Segundo Império francês, ver BRULEY, Yves. *La diplomatie du Sphinx: Napoléon III et sa politique internationale*. Paris: CLD Éditions, 2013; e MILZA, Pierre. *Napoléon III*. Paris: Perrand, 2006.

mesmo sentido, trabalhando pelo enfraquecimento da Áustria, Napoleão III se apresentava como grande aliado do Reino da Sardenha e do Piemonte, atuando em um movimento que contribuiria para que diversas regiões controladas pela monarquia dos Habsburgo, como o Vêneto, por exemplo, passassem para a órbita dos sardos e piemonteses, líderes da futura unificação italiana⁶⁴⁵.

Embora a política externa bonapartista não tenha obtido necessariamente os resultados que perseguia, em especial nos últimos anos da década de 1860, algumas linhas gerais de sua ação merecem ser discutidas. Parece importante ressaltar que a presença constante de Napoleão III nos assuntos italianos durante todo o Segundo Império e sua defesa do predomínio das nacionalidades na Europa demonstravam, em suma, uma perspectiva que entendia que a emergência de uma nação aliada, católica e latina, como a Itália, poderia servir para ampliar a relevância francesa na geopolítica do Velho Continente. Em outras palavras, a convergência em termos culturais e raciais existente entre ambas as regiões faria do novo país a ser estabelecido na península itálica, sob os auspícios da Sardenha e do Piemonte, uma aliada natural da França de Napoleão III. Uma lógica, senão idêntica, semelhante, pode ser aplicada como ponto de partida para a compreensão da intervenção no México. Da mesma forma que uma Itália fragmentada havia sido presa fácil para os germânicos do Império Habsburgo, um México dividido vinha sendo paulatimamente desmembrado pelos anglo-saxões dos Estados Unidos.

Embora a historiografia mexicana venha trabalhando de maneira bastante importante para “mexicanizar” o regime monárquico imposto no país sob o patrocínio de Napoleão III⁶⁴⁶, não há, pelos objetivos desta tese, como não ressaltar o ponto de vista francês acerca da questão. Alguns aspectos merecem ser apontados. Em termos econômicos, geopolíticos e estratégicos, estabelecer-se no México significava colocar a França em contato com a vigorosa produção de metais preciosos, em especial a prata, no país. Da mesma forma, representava abrir caminhos para a construção de um canal na América ligando os oceanos Atlântico e Pacífico, seja pela proximidade mexicana em relação à Nicarágua, seja pelo domínio sobre o istmo de Tehuantepec. Não se pode negar ainda que, de maneira geral, o México exerceu ao longo de todo o século XIX, mesmo antes do início do Segundo Império, uma grande curiosidade entre os franceses,

⁶⁴⁵ BRULEY, *op. cit.*

⁶⁴⁶ Em particular PANI, *op. cit.*

bastante acelerada, no período, por relatos de viagem e histórias de aventura que se passavam no país⁶⁴⁷.

Além dessas questões, um outro fator internacional deve ser levado em conta para compreender a intervenção francesa no México: o início da Guerra de Secessão ou Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865). De maneira geral, a diplomacia francesa considerava que, ao ter que lidar com seu próprio conflito interno, a república norte-americana não seria capaz de se pronunciar ou mesmo agir contra a presença europeia no Novo Mundo, facilitando a atuação do império bonapartista em sua empresa intervencionista nas Américas.

Em termos diplomáticos, é possível afirmar que a organização da intervenção teria sido facilitada também pelas relações contruídas pelos monarquistas mexicanos com setores das elites do Velho Continente. Pode-se dizer que, por suas ligações com setores da nobreza europeia, esses homens alcançaram certo acesso à corte de Napoleão III. Gutierrez Estrada, por exemplo, durante seu exílio na Europa, casou-se, em 1854, com Genoveva de Saint-Laurent, filha da dama de companhia de Carlota, esposa do arquiduque Maximiliano de Habsburgo, futuro imperador do México. Já outro articulador da causa real, José Maria Hidalgo, que vivera por algum tempo na Espanha, se aproximara, durante sua estadia na península, da Condessa de Montijo, mãe de Eugênia, esposa de Napoleão III e imperatriz da França. Hidalgo, em particular, foi, durante certo período, relativamente próximo de Eugênia, considerada uma das principais entusiastas da empresa mexicana⁶⁴⁸.

Não se deve minimizar, entretanto, a atuação, nesse contexto, de Michel Chevalier, talvez o grande fiador intelectual da intervenção francesa.

Economista favorito do imperador, Michel Chevalier ocupava um lugar de destaque nas altas rodas da política francesa entre as décadas de 1850 e 1860. Durante esses anos, o professor de Economia Política do Collège de France alcançou uma

⁶⁴⁷ Ver PRADO, Maria Ligia Coelho. “A pena e a espada: a *Revue des deux mondes* e a intervenção francesa no México”. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 30, n. 54, pp. 613-630, set./dez. 2014; VENAYRE, Sylvain. “Le moment mexicain dans l’histoire française de l’aventure (1840- 1860)”. *Histoire et société dans l’Amérique Latine*, n.7, p.129, 1998; SOARES, Gabriela Pellegrino. “O epistolário de Agustín-Louis Fréleaut durante a intervenção francesa no México (1862-1867): temporalidades da circulação e olhares sobre o comportamento das populações indígenas em face do conflito”. In: *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017; e DUGAST, Guy-Alain. *La tentation mexicaine en France au XIXème siècle: l’image du Mexique et l’intervention française (1821-1862)*. Paris: L’Harmattan, 2008, 2 vols.

⁶⁴⁸ VILLAVICENCIO NAVARRO, Victor A. “El monarquismo y los monarquistas mexicanos en el siglo XIX”. *Estudios*, n. 117, vol. XIV, verano 2016, pp. 41-59. Sobre a participação da imperatriz Eugênia na intervenção mexicana, ver BRULEY, *op. cit.*, p. 214; e MILZA, *op. cit.*, pp. 641-642.

cadeira no Senado e foi nomeado Conselheiro de Estado na Seção de Trabalhos Públicos, Agricultura e Comércio do governo bonapartista⁶⁴⁹. Correligionário da administração imperial, foi o responsável ainda por articular, em 1860, juntamente com o político liberal britânico Richard Cobden, um pacto de livre-comércio entre a França e a Inglaterra, também chamado no mundo anglo-saxão de Cobden-Chevalier Commercial Treaty. Primeiro grande tratado de livre-comércio entre os dois países no século XIX, esse acordo é fruto de intensos debates na historiografia, já que, para alguns, minou a produção manufatureira interna no Segundo Império, enquanto, para outros, resultou em uma modernização sem precedentes da indústria francesa⁶⁵⁰. A despeito de algum anacronismo, o Tratado Cobden-Chevalier, além das implicações de sua época, é também apontado por alguns historiadores como um dos grandes precursores das alianças de livre comércio que viriam a se constituir na Europa, em particular das concebidas em meados do século XX, funcionando como um importante marco da história econômica do Velho Continente⁶⁵¹.

Michel Chevalier era, portanto, no início da década de 1860, um dos personagens de maior reputação na área econômica e política na França bonapartista. Não parece ser coincidência que muitos dos argumentos de Napoleão III em favor da intervenção parecessem saídos da pena do engenheiro e economista formado no saint-simonismo. Vejam-se, por exemplo, as perspectivas presentes na carta, datada de 3 de julho de 1862, enviada pelo imperador ao general Frédéric Forey, líder da expedição francesa no México:

No estado atual de civilização do mundo, a prosperidade da América não é indiferente à Europa, pois é ela que alimenta nossas fábricas e que faz viver nosso comércio. Nós temos interesse que a república dos Estados Unidos seja poderosa e próspera, mas não que ela se aproprie de todo golfo do México e seja a única provedora dos produtos do Novo Mundo [...].

Se, ao contrário, o México conserva sua independência e mantém a integridade de seu território, se um governo estável se constitui ali com a assistência da França, nós teríamos devolvido à raça latina do outro lado do Oceano, sua força e seu prestígio, nós

⁶⁴⁹ Ver WALCH, Jean. *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*. Paris: Vrin, 1975.

⁶⁵⁰ Ver ILIASSU, A. A. "The Cobden-Chevalier Commercial Treaty of 1860". *The Historical Journal*, Vol. 14, No. 1 (Mar., 1971), pp. 67-98; para uma perspectiva francesa do tratado, ver MILZA, *op. cit.*, pp. 447-456.

⁶⁵¹ DÉMIER, Francis. "L'Europe des saint-simoniens". In: COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Christianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006.

teríamos garantido segurança às nossas colônias das Antilhas e às da Espanha, nós teríamos restabelecido nossa influência benfeitora ao centro da América, e essa influência, criando mercados imensos para nosso comércio, nos proveria matérias indispensáveis à nossa indústria⁶⁵².

Como se pode notar, diversos pontos do texto de Napoleão III transcrito acima são partilhados com Michel Chevalier: a importância estratégica da América para os assuntos franceses, a perspectiva industrial e econômica aplicada à ação política, a preocupação com o expansionismo dos Estados Unidos e a concepção de uma missão a ser cumprida em relação às nações de origem latina.

Em sintonia com os projetos do império bonapartista, Michel Chevalier participou ativamente do debate público sobre a intervenção no México. Em 1862, publicou na *Revue des Deux Mondes*, o artigo “L’expédition du México”⁶⁵³ e, no ano seguinte, *México ancien et moderne*, possivelmente o principal livro editado em defesa da intervenção francesa no Novo Mundo⁶⁵⁴. Parece importante ressaltar, nesse sentido, que como a maior parte dos argumentos presentes no artigo da *Revue des Deux Mondes* foram retomados, muitas vezes de maneira literal, em *México ancien et moderne*, os esforços de análise deste capítulo recairão principalmente sobre esta última obra.

Publicado inicialmente em 1863, *México ancien et moderne*, a despeito da divisão proposta pelo próprio autor, poderia ser desmembrado, em suas mais de seiscentas páginas, basicamente em três grandes eixos: a narrativa da história mexicana da época pré-hispânica até às vésperas da expedição francesa, a análise das condições geográficas e naturais do país e, por fim, os motivos e condições necessários para o sucesso da intervenção.

A construção de *México ancien et moderne* se deu, de forma geral, pela costura de textos escritos anteriormente, de maneira esparsa, por Michel Chevalier, em especial

⁶⁵² No original: “Dans l’état actuel de la civilisation du monde, la prospérité de l’Amérique n’est pas indifférente à l’Europe, car c’est elle qui alimente nos fabriques et fait vivre notre commerce. Nous avons intérêt à ce que la république des États-Unis soit puissante et prospère, mais nous n’en avons aucun à qu’elle s’empare de tout golfe du México et soit la seule dispensatrice des produits du Nouveau Monde [...]. / Si, au contraire, le México conserve son indépendance et maintient l’intégrité de son territoire, si un gouvernement stable s’y constitue avec l’assistance de la France, nous aurons rendu à la race latina, de l’autre côté de l’Océan, sa force et son prestige, nous aurons garanti leur sécurité à nos colonies des Antilles et à celles de l’Espagne; nous aurons rétabli notre influence bienfaisante au centre de l’Amérique, et cette influence, en créant des débouchés immenses à notre commerce, nous procurera les matières indispensables à notre industrie”. Napoleão III Apud FLEURY, Émile Félix. *Souvenirs du Général Cte. Fleury*. Paris: Librairie Plon, 1898, pp. 263-264.

⁶⁵³ O artigo da *Revue des deux mondes* foi publicado posteriormente de maneira autônoma em CHEVALIER, Michel. *L’expédition au México*. Paris: E. Dentu, Libraire au Palais Royal, 1862.

⁶⁵⁴ CHEVALIER, Michel. *México ancien et moderne*. Paris: Librairie de L. Hachette, 1863.

na *Revue des Deux Mondes*. As seções sobre o México pré-colombiano e a Conquista, por exemplo, eram versões revisadas de seus textos publicados nesse periódico em 1845. Por outro lado, grande parte das descrições geográficas e naturais do país hispano-americano haviam sido já expressas no verbete da *Encyclopédie du XIXe. Siècle* (1851) e no próprio “L’expédition du México” (1862). Além disso, parcela considerável das justificativas a respeito da intervenção presentes nesse livro haviam sido expostas anteriormente no artigo de 1862 da *Revue des Deux Mondes*.

Ao longo de seu trabalho, algumas referências se evidenciavam como centrais para a publicação. Entre elas, destacavam-se principalmente o historiador norte-americano William Prescott (*La conquête du México*), o explorador e naturalista prussiano Alexander Von Humboldt (*Essai politique sur la Nouvelle Espagne*) e o intelectual e político conservador mexicano Lucas Alamán (*L’Indépendance du Mexique*). Utilizado, aliás, como fonte para suas argumentações, Alamán constiuí-se como a principal referência mexicana para a elaboração dessa obra, fornecendo informações e perspectivas, ora adotadas, ora questionadas por Michel Chevalier.

Antes de prosseguir com a argumentação, parece importante ressaltar que, como as análises acerca das questões geográficas e naturais não apresentavam, em *Méxique ancien et moderne*, grandes diferenças em relação às descrições e interpretações realizadas anteriormente nas “Lettres sur le México” ou na *Encyclopédie du XIXe. Siècle*, elas não serão retomadas aqui. Da mesma forma, nas próximas páginas, aspectos de sua narrativa sobre a história mexicana serão mencionados apenas de maneira muito pontual, ao apontar para uma inflexão nas percepções de Michel Chevalier a respeito da colonização espanhola nas Américas. Em contrapartida, suas motivações e justificativas a respeito da intervenção francesa ocuparão, nas próximas páginas, posição de destaque, com ênfase particular às concepções e ambiguidades nas construções identitárias existentes na defesa da ocupação francesa sobre o México.

A regeneração dos latinos

Como tem sido discutido neste capítulo, Michel Chevalier buscava, nas mais de seiscentas páginas de seu *Méxique ancien et moderne*, argumentar em favor de uma intervenção francesa sobre o México patrocinada pelo governo de Napoleão III. Pode-se dizer, em primeiro lugar, que a publicação dessa extensa monografia denunciava, logo de início, que a expedição militar dirigida ao Novo Mundo não gozava de grande

prestígio entre seus compatriotas: “[a expedição] não é popular, longe disso”⁶⁵⁵. O excesso de despesas acarretadas pela iniciativa e a incerteza a respeito de seus resultados parecia ser a tônica das discussões em torno da temática. As articulações em relação ao México provocavam, nas palavras do autor, “muitas objeções que se formulam com muito mais vivacidade na França que em outros lugares”, pois, com o abandono de ingleses e espanhóis do bloqueio do porto de Veracruz, “apenas a França [...] suporta esse fardo”⁶⁵⁶.

Michel Chevalier era bastante direto ao explicar o principal motivo da intervenção no país hispano-americano. Diferentemente da Inglaterra e da Espanha que buscavam, quando ocuparam o porto veracruzano, o cumprimento de compromissos financeiros por parte do governo mexicano, a França se considerava portadora de uma missão muito mais ampla, qual seja, regenerar a política mexicana:

Questiona-se em toda a Europa, questiona-se sobretudo na França, porque os Estados europeus, em conjunto ou isoladamente, interfeririam nos negócios interiores do México, pois a expedição supõe não somente a vontade de obter a resolução, interessante a um certo número de franceses, de algumas queixas definidas, mas, mais que isso, o pensamento fixo de exercer uma influência decisiva sobre o sistema político do país. A expedição tem um motivo confesso: ela pretende ser o ponto de partida da regeneração política do México⁶⁵⁷.

De acordo com sua visão, um mero bloqueio militar e comercial, como o de Veracruz, não seria capaz de alcançar esse objetivo. Ao contrário, “um semelhante programa exige esforços militares grandes e prolongados”. Para estabelecer essa nova ordem, em sua visão, seria “necessário não somente fazer uma rápida aparição no México, mas dominar o país inteiro, manter guarnições em um certo número de cidades, e mesmo formar campos entrincheirados em algumas posições estratégicas”⁶⁵⁸. A

⁶⁵⁵ No original: “Elle n'est pas populaire, il s'en faut”. *Ibidem*, p. 473.

⁶⁵⁶ No original: “plusieurs objections qui se formulent avec beaucoup plus de vivacité en France qu'ailleurs [...]; c'est la France seule qui en supporte le fardeau”. *Ibidem*, p. 473.

⁶⁵⁷ No original: “On se demande dans toute l'Europe, on se demande surtout en France, pourquoi les États européens, ensemble ou isolément, s'ingéreraient dans les affaires intérieures du Mexique, car l'expédition suppose non pas seulement la volonté d'obtenir le redressement, dans l'intérêt d'un certain nombre de Français, de quelques griefs définis, mais bien la pensée arrêtée d'exercer une influence décisive sur le système politique du pays. L'expédition a un but avoué: elle prétend à être le point de départ de la régénération politique du Mexique”. *Ibidem*, p. 474.

⁶⁵⁸ No original: “un programme pareil exige des efforts militaires grands et prolongés [...], il faut non pas seulement faire une rapide apparition à Mexico, mais dominer le pays tout entier, entretenir des garnisons

despeito disso, Michel Chevalier afirmava que “a França não ocupou o México por um pensamento de conquista” e que “a independência dos mexicanos não está comprometida e a integridade de seu território não está ameaçada”⁶⁵⁹. Segundo ele:

O governo francês intervêm abertamente nos negócios interiores do México, mas ele faz essa declaração, da qual ninguém tem o direito de colocar em dúvida a sinceridade, que ele não tem nenhum projeto de expansão nem de conquista. Em lugar de cogitar enfraquecer o México ou desmembrá-lo, como fizeram os Estados Unidos em cada uma de suas guerras, ele tem apenas um motivo, afastar essas belas regiões de uma ruína iminente, recuperar ali a civilização de uma decadência quase completa, e fundar no México, com a livre contribuição dos mexicanos, um Estado florescente que governaria a si próprio com plena independência⁶⁶⁰.

De acordo com Michel Chevalier grande parte dos problemas mexicanos derivavam de sua escolha em favor do modelo republicano, implantado no país após a queda de Agustín de Iturbide. Isso porque, na perspectiva do conselheiro de Napoleão III:

Sob o nome de república, o México teve apenas uma deplorável anarquia, com tudo o que forma com ela triste companhia: a ausência de segurança para os proprietários e para as pessoas, os compromissos do Estado violados, a indústria definhando e arrasada, as estradas regularmente exploradas por bandidos, a moral da nação abatida, seus conhecimentos obscurecidos e os raros estabelecimentos de instrução pública desorganizados, uma corrupção odiosa na administração e na justiça. O número de homens que alternadamente ocuparam a presidência e derrubam uns aos outros é quase indefinida, sobretudo nos seis últimos anos; a dúvida e o desespero devoram a alma dos bons cidadãos⁶⁶¹.

dans un certain nombre de villes, et même former des camps retranchés dans quelques positions stratégiques”. *Ibidem*, pp. 474-475.

⁶⁵⁹ No original: “La France n'est point poussée au Mexique par une pensée de conquête [...].l'indépendance des Mexicains n'est point compromise et l'intégrité de leur territoire n'est pas menacée”. *Ibidem*, p. 517.

⁶⁶⁰ No original: “Le gouvernement français intervient ouvertement dans les affaires intérieures du Mexique; mais il fait cette déclaration, dont personne n'a le droit de mettre en doute la sincérité, qu'il n'a aucun projet d'agrandissement ni de conquête. Au lieu de songer à affaiblir le Mexique ou à le démembrer, ainsi que l'ont fait les États-Unis à chacune de leurs guerres, il n'a qu'un but, arracher ces belles contrées à une ruine imminente, y relever la civilisation d'une déchéance à peu près complète, et fonder au Mexique, avec le libre concours des Mexicains, un État florissant qui se gouvernerait lui-même en pleine indépendance”. *Ibidem*, pp. 477-478.

⁶⁶¹ No original: “Sous le nom de république, le Mexique n'a eu qu'une anarchie déplorable, avec tout ce qui en forme le triste accompagnement: l'absence de sécurité pour les propriétés et pour les personnes, les

Mantendo-se fiel a suas concepções defendidas desde a década de 1830, Michel Chevalier entendia a república como um regime exógeno, completamente em descompasso com a realidade hispano-americana e sem “nenhuma raiz no passado do México”. Seguindo um argumento semelhante ao que já havia sido exposto em suas obras anteriores, afirmava que, diferentemente dos Estados Unidos, formados sob uma lógica do *self-government*, “as diversas províncias da Nova Espanha nunca tiveram o governo delas mesmas, e o poder era centralizado e condensado inteiramente nas mãos dos representantes da realeza espanhola no México, salvo o que não estava reservado à própria realeza de Madri”⁶⁶². Em sua visão, desde a emancipação em relação à Espanha, por se amparar sobre um modelo não condizente com suas estruturas e tradições, “o país [México] é a imagem do caos. Há aqui uma nação, um Estado, uma sociedade, a se refazer da base ao topo”⁶⁶³.

De forma bastante transparente, Michel Chevalier afirmava que:

A França não dissimula que ela se propõe a provocar a organização, no México, de um regime político que seja estável e em conformidade com as ideias da civilização moderna, o que, segundo as asserções do governo francês, ou, melhor dizendo, segundo a opinião de todos aqueles que se interessam pela sorte do México, é a condição *sine qua non* da salvação do Estado mexicano⁶⁶⁴.

Esse novo regime a ser implantado, com o objetivo de “regenerar” o México só poderia ser, em sua concepção, uma monarquia. Parece importante ressaltar que, ao defender a imposição desse sistema de governo como um imperativo para a salvação

engagements de l'État violés, l'industrie languissante ou anéantie, les routes régulièrement exploitées par des brigands, le moral de la nation affaibli, ses connaissances obscurcies et les rares établissements d'instruction publique désorganisés, une corruption hideuse dans l'administration et dans la justice. Le nombre des hommes qui tour à tour ont occupé la présidence et se sont renversés l'un l'autre est presque indéfini, surtout dans les six dernières années; le doute et le désespoir dévoraient l'âme des bons citoyens”. *Ibidem*, p. 389.

⁶⁶² No original: “Un pareil plan n'avait aucune racine dans le passé du Mexique. Les provinces diverses de la Nouvelle-Espagne n'avaient jamais eu le gouvernement d'elles-mêmes, et le pouvoir était centralisé et condensé tout entier entre les mains des représentants de la royauté espagnole à Mexico, sauf ce que s'en était réservé la royauté elle-même à Madrid”. *Ibidem*, p. 395.

⁶⁶³ No original: “le pays est l'image du chaos. Il y a là une nation, un État, une société, à refaire de la base au sommet”. *Ibidem*, p. 395.

⁶⁶⁴ No original: “La France ne dissimule pas qu'elle se propose de provoquer l'organisation, au Mexique, d'un régime politique qui soit stable et sur un plan conforme aux idées de la civilisation moderne, ce qui, selon les assertions du gouvernement français, ou pour mieux dire selon l'opinion de tous ceux qui s'intéressent au sort du Mexique, est la condition *sine qua non* du salut de l'État mexicain”. *Ibidem*, p. 477.

mexicana, Michel Chevalier fazia questão de explicitar, para além de quaisquer desígnios imperiais franceses, que a demanda pelo estabelecimento de uma casa real no país hispano-americano se constituía como uma aspiração menos de seus compatriotas que dos próprios mexicanos. Segundo ele, “os mexicanos têm hoje tão completamente a prova da impotência, para a felicidade e o poder de seu país, das instituições políticas que experimentaram [...], que parece ter chegado o momento em que eles irão unanimemente em direção à monarquia”⁶⁶⁵. Nesse mesmo sentido, citando, mais uma vez, como uma forma de legitimar seu argumento, o partidário do trono Gutierrez Estrada, o autor de *Méxique ancien et moderne* defendia que:

O desejo da monarquia emergiu com um certo brilho, malgrado a intolerância do partido oposto. Um dos cidadãos mais distintos do México, o Sr. Gutierrez de Estrada, que havia ocupado em seu país grandes posições políticas, sucessivamente ministro, senador e encarregado de representar sua pátria na Inglaterra, lançou em 1840, no México, um escrito corajoso que provocou uma grande sensação. O autor foi perseguido e obrigado a se exilar; mas sua publicação havia fornecido aos partidários da monarquia ocasião de serem levados em conta⁶⁶⁶.

É curioso notar que, para justificar a implantação de uma monarquia no México, um dos exemplos utilizados pelo autor de *Méxique ancien et moderne* era exatamente o único regime desse tipo existente à época na América Ibérica: o Brasil do imperador dom Pedro II. Contraposto ao “anárquico” México, o país sul-americano era apresentado como uma nação que, com menos recursos que seu congênere setentrional e a despeito da manutenção da escravidão, considerada principal causa de seu atraso, vinha mantendo certa estabilidade política e conseguindo alguma prosperidade econômica:

Que se compare o México com um outro Estado da América que, ocupado por uma raça branca muito análoga àquela que domina o antigo Anahauc [México], quis também o

⁶⁶⁵ No original: “Les Mexicains ont si complètement aujourd'hui la preuve de l'impuissance, pour le bonheur et la puissance de leur pays, des institutions politiques qu'ils ont essayées [...], que le moment semble venu où ils iraient unanimement au-devant de la monarchie”. *Ibidem*, pp. 397-398.

⁶⁶⁶ No original: “Le voeu de la monarchie s'était fait jour avec un certain éclat, malgré l'intolérance des partis opposés. Un des citoyens les plus distingués du Mexique, M. Gutierrez de Estrada, qui avait occupé dans son pays de grandes positions politiques, successivement ministre, sénateur et chargé de représenter sa patrie en Angleterre, fit paraître en 1840 à Mexico un écrit courageux qui fit une grande sensation. L'auteur fut poursuivi et obligé de s'exiler; mais sa publication avait fourni aux partisans de la monarchie l'occasion de se compter”. *Ibidem*, pp. 393-394.

governo monárquico [...]. O Brasil, há meio século, era menos povoado que o México. Ele estava mais atrasado nas artes úteis. Ele não é mais privilegiado em relação ao clima, ele é mesmo menos, pois não oferece, a esse respeito, a gradação tão proveitosa que caracteriza o território mexicano [...]. Em suas riquezas minerais, o Brasil não apresenta nada que possa ser posto em paralelo com esses filões argentíferos de onde o mineiro mexicano tirou tantos milhões, imagem esmaecida do que ainda se extrairá dele um dia. O Brasil tinha, no começo do século, e conserva, na instituição da escravidão e na multidão de seus negros, as causas de seu atraso. Hoje o Brasil é mais povoado que o México. É bem mais próspero, conta mais vantagem no areópago das nações. É citado como um dos Estados que avançam, e o México é mencionado somente como um daqueles sobre os quais um destino inexorável parece ter pesado sua mão⁶⁶⁷.

Parece importante destacar que embora houvesse, em *Méxique ancien et moderne*, a firme defesa de um projeto monárquico a ser implantado no Novo Mundo, expressavam-se, não obstante, nas assertivas de Michel Chevalier, certo desconforto em relação à aliança com os conservadores mexicanos. Defensor do livre comércio e do desenvolvimento da indústria, o conselheiro de Napoleão III se mostrava visivelmente incomodado por se posicionar do mesmo lado da disputa que as corporações eclesiais e militares do país hispano-americano. Dessa forma, contrapondo-se à grande parte dos mexicanos que apoiavam a intervenção francesa e a imposição da monarquia, o professor do Collège de France afirmava a necessidade de ter também o apoio dos liberais nessa empresa:

Desde um certo número de anos ao menos, a política francesa no México pendeu sua preferência para o lado desse partido conservador; mas se nós ocupamos o México, com o motivo de reorganizar o país, nós não saberíamos seguir esse partido em suas vistas

⁶⁶⁷ No original: “Que l'on compare le Mexique avec un autre État de l'Amérique qui, occupé par une race blanche fort analogue à celle qui domine dans l'ancien Anahuac, a voulu, lui aussi, le gouvernement monarchique [...]. Le Brésil, il y a un demi-siècle, était moins peuplé que le Mexique. Il était plus en arrière dans les arts utiles. Il n'est pas plus privilégié sous le rapport du climat, il l'est même moins, car il n'offre pas à cet égard la gradation si profitable qui caractérise le territoire mexicain [...]. Dans ses richesses minérales, le Brésil ne présente rien qui puisse être mis en parallèle avec ces filons argentifères d'où le mineur mexicain a tiré tant de millions, image affaiblie de ce qu'on en extraira un jour. Le Brésil avait, au commencement du siècle, et il conserve, dans l'institution de l'esclavage et dans la multitude de ses noirs, des causes de retardement. Aujourd'hui le Brésil est peuplé plus que le Mexique. Il est bien plus prospère, il compte davantage dans l'aréopage des nations. On le cite comme un des États qui avancent, et le Mexique n'est plus mentionné que comme un de ceux sur lesquels un destin inexorable semble avoir appesanti sa main. Les Mexicains ont si complètement aujourd'hui la preuve de l'impuissance, pour le bonheur et la puissance de leur pays, des institutions politiques qu'ils ont essayées, n'en pouvant adopter d'autres, que le moment semble venu où ils iraient unanimement au-devant de la monarchie, s'ils étaient rassurés sur la capacité et le caractère du prince qui se proposerait à leurs suffrages”. *Ibidem*, pp. 397-398.

exclusivas e em seus projetos de imobilidade. Sem dúvida conviria assegurar sua cooperação; mas nós não poderíamos mais prescindir do apoio do partido inovador ou liberal, que representa os princípios eminentemente respeitáveis e caros à França, e que de qualquer forma parece ser o mais forte. A França tem somente desgraças a recolher no México, se ela não der satisfação a um e a outro partido, no que seus desejos respectivos têm de legítimos⁶⁶⁸.

O projeto de Michel Chevalier evidenciava, portanto, um claro paradoxo: por um lado, a intervenção e a monarquia somente poderiam ser efetivados no México com o apoio dos conservadores; por outro, as ações que deveriam ser implementadas no país, após a vitória dessa empresa, deveriam ser essencialmente liberais. Apesar da contradição inicial, uma solução era apontada pelo autor de *Méxique ancien et moderne*: conciliar os dois partidos sob uma autoridade monárquica e liberal. Em sua perspectiva, as autoridades bonapartistas deveriam criar entre os dois partidos mexicanos “um terreno de conciliação é indispensável ao sucesso dos esforços da França”⁶⁶⁹. Para a construção dessa sonhada união entre liberais e conservadores, Michel Chevalier esperava contar com a ajuda das autoridades católicas, em particular da Santa Sé, única instituição, dado o catolicismo do povo mexicano, capaz de pacificar os ânimos das facções políticas do país hispano-americano. Segundo ele:

Em relação às circunstâncias nas quais o México está colocado, a tentativa de reconstitui-lo chama a intervenção da Santa-Sé [...]. Apenas uma declaração explícita do santo padre poderá assegurar a consciência dos fiéis e do clero e obter o assentimento e o apoio do partido conservador às medidas prudentemente mas francamente liberais que a França patrocinaria, e sem as quais a restauração do México é uma quimera. A força imponente da França e a autoridade da Santa-Sé, se concertadas ao serviço de uma

⁶⁶⁸ No original: “Depuis un certain nombre d'années au moins, la politique française à Mexico a penché de préférence du côté de ce parti conservateur; mais si nous occupons le Mexique, dans le but de réorganiser le pays, nous ne saurions suivre ce parti dans ses vues exclusives et dans ses projets d'immobilité. Sans doute il conviendrait de s'en assurer la coopération; mais nous ne pourrions pas davantage nous passer de l'appui du parti novateur et libéral, qui représente des principes éminemment respectables et chers à la France, et qui d'ailleurs paraît être le plus fort. La France n'a que des déboires à recueillir au Mexique, si elle ne donne satisfaction à l'un et à l'autre parti, en ce que leurs vœux respectifs ont de légitime”. *Ibidem*, p. 592.

⁶⁶⁹ No original: “Les ramener tous les deux sur un terrain de conciliation est indispensable au succès des efforts de la France”. *Ibidem*, p. 589.

política esclarecida, determinariam, deve-se esperar, uma reaproximação dos partidos⁶⁷⁰.

Conforme tem sido discutido ao longo deste capítulo, a defesa da monarquia como o regime adequado a países católicos, como a França, o México ou o Brasil, vinha acompanhada necessariamente, nos textos de Michel Chevalier, de uma retórica alicerçada sobre uma ideia de “latinidade”, definida da seguinte forma pelo autor de *Méxique ancien et moderne*:

Entre os ramos que compõem a civilização ocidental e cristã, há um tronco bem distinto, que se define pela denominação de raças latinas. Ele tem sua sede na França, na Itália, na península hispano-portuguesa e nas regiões que as nações francesa, italiana, espanhola, portuguesa, povoaram com seus rebentos. Ele é caracterizado pela preponderância numérica, ou mesmo pelo domínio exclusivo do culto católico. Ele não é todo o catolicismo, mas lhe fornece mais particularmente sua seiva e seu brilho⁶⁷¹.

Na perspectiva de Michel Chevalier, “entre os interesses diversos da política francesa, bem como entre seus deveres, não há nenhum que seja mais direto e maior que manter o grupo latino”⁶⁷². É essencial ressaltar, nessa retórica, não somente a afirmação da ideia de unidade dos povos latinos, mas também sua percepção a respeito da suposta decadência desse grupo diante da ascensão de outros povos de origem europeia, em particular os anglo-saxões e eslavos. Segundo ele:

Quando se olha o mapa-mundi, e se compara nele, em cerca de dois séculos, o espaço ocupado pelas nações católicas e, sobretudo, pelas latinas [...], com [...] as nações cristãs dissidentes, protestantes de diversas comunhões e gregas, dá-se conta de tudo o que os

⁶⁷⁰ No original: “Eu égard aux circonstances dans lesquelles le Mexique est placé, la tentative de le reconstituer appelle l'intervention du saint-siège [...]. Seule, une déclaration explicite du saint-père pourra rassurer la conscience des fidèles et du clergé et obtenir l'assentiment et le concours du parti conservateur aux mesures prudemment mais franchement libérales, que patronnerait la France, et sans lesquelles la restauration du Mexique est une chimère. La force imposante de la France et l'autorité vénérée du saint-siège, si elles se mettaient de concert au service d'une politique éclairée, détermineraient, on doit l'espérer, un rapprochement des partis”. *Ibidem*, pp. 593-594.

⁶⁷¹ No original: “Parmi les rameaux qui composent la civilisation occidentale ou chrétienne il y a une branche bien distincte, qu'on définit par la dénomination des races latines. Elle a son siège en France, en Italie, dans la péninsule hispano-portugaise et dans les contrées que les nations française, italienne, espagnole, portugaise, ont peuplées de leurs rejetons. Elle est caractérisée par la prépondérance numérique, ou même par la domination exclusive du culte catholique. Elle n'est pas tout le catholicisme, mais elle lui fournit plus particulièrement sa sève et son éclat”. *Ibidem*, pp. 492-493.

⁶⁷² No original: “Parmi les intérêts divers de la politique française, comme aussi parmi ses devoirs, il n'en est aucun qui soit plus direct et plus grand que de maintenir le groupe latin”. *Ibidem*, p. 493.

primeiros perderam, e do que os outros ganharam e ganham a cada dia. Há razão para se estar consternado quando se coloca o ponto de vista dos interesses das raças latinas e de sua parte relativa na posse do planeta [...]. Confirma-se, esse doloroso sentimento, quando se interroga a estatística sobre o progresso da população e da riqueza nos diferentes Estados. As nações católicas, as latinas ainda mais que as outras, parecem ameaçadas de serem submersas por um mar que se eleva sempre⁶⁷³.

Parece importante destacar, mais uma vez, que o discurso panlatinista do autor de *Méxique ancien et moderne* se apresentava como essencialmente francocêntrico, deslizando, de modo pendular, da identidade à alteridade. Ao analisar, de modo particular, a situação do Velho Continente, por exemplo, o engenheiro concebia a França como pólo para onde deveriam convergir os interesses e as simpatias naturais da Itália, da Espanha e de Portugal. Seu país deveria, portanto, se apoiar basicamente, em termos de política externa, “sobre as duas penínsulas [itálica e ibérica] assim fortificadas” e promover, entre elas, uma união alicerçada “pelos laços de uma simpatia recíproca e por mil tendências comuns, pelas proximidades da linguagem, dos hábitos, das ideias, e antes de tudo pela comunidade de religião”⁶⁷⁴.

Para Michel Chevalier, da mesma forma que os países católicos da Europa, as nações de colonização ibérica da América também pertenceriam a essa comunidade identitária a ser liderada pela França. Em sua visão, seria essencial para o seu próprio país o fortalecimento dessas regiões com o objetivo de formar um bloco, sob a égide do império bonapartista, capaz de se defrontar com anglo-saxões e eslavos. De acordo com sua argumentação:

Importa à França, é de seu estrito interesse que a Espanha seja uma nação vivaz, solidamente constituída, abundantemente provida de recursos, dotada de iniciativa, e, em uma palavra, em estado de pesar na balança do mundo; que ocorra o mesmo com a

⁶⁷³ No original: “Or, lorsqu'on regarde la mappemonde, et qu'on y compare, à deux siècles environ d'intervalle, l'espace occupé par les nations catholiques et surtout par les latines [...], avec [...] les nations chrétiennes dissidentes, protestants des diverses communions et grecs, on est frappé de tout ce que les premières ont perdu, et de ce que les autres ont gagné et gagnent chaque jour. On a lieu d'être consterné lorsqu'on se place au point de vue des intérêts des races latines et de leur part relative dans la possession de la planète. On est confirmé dans ce pénible sentiment lorsqu'on interroge la statistique sur les progrès de la population et de la richesse dans les différents États. Les nations catholiques, les latines encore plus que les autres, semblent menacées d'être submergées par une mer qui monte toujours”. *Ibidem*, pp. 497-498.

⁶⁷⁴ No original: “sur les deux péninsules ainsi fortifiées [...] par les liens d'une sympathie réciproque et par mille tendances communes, par les rapprochements du langage, des habitudes, des idées, et avant tout par la communauté de religion”. *Ibidem*, p. 496.

Itália; que Portugal renasça, tanto quanto lhe permita a exiguidade de seu território, a importantes destinos; que a Bélgica tão industriosa, tão liberal e tão sábia [...] permaneça florescendo, e que os Estados fundados com matérias espanholas e portuguesas no novo mundo, cresçam em cultura intelectual e moral, em riqueza e em população, em lugar de serem devoradas pela anarquia que os consome a quase todos desde que eles alcançaram a independência⁶⁷⁵.

Pode-se dizer que o autor de *Méxique ancien et moderne* concebia, em um primeiro movimento de sua argumentação, uma relação de reciprocidade, embora claramente desigual, entre a fraternidade latina e sua líder natural. Nessa perspectiva, ao mesmo tempo que as nações desse grupo somente poderiam subsistir com o fortalecimento da França, esta apenas poderia manter relevância entre as potências internacionais desde que amparasse e desenvolvesse suas irmãs latinas:

Assim como é indispensável à França sustentar, tanto quanto possível, em sua existência e sua força, as diversas unidades que o compõem [o grupo das nações latinas], também o é para as nações de que ele é formado que a França seja forte e investida de uma grande influência [...]. É pelos cuidados da França, sobretudo, que o feixe das nações latinas pode permanecer solidamente ligado, em seu interesse comum. Bem, em virtude da lei de reciprocidade, que se observa quase sempre nos negócios humanos, a consolidação e o desenvolvimentos do grupo de nações latinas é a condição mesma da autoridade da França⁶⁷⁶.

A França se arrogava, portanto, o lugar de salvadora dos povos latinos, de forma geral, e, particularmente, dos hispano-americanos, diante de seu suposto estado de debilidade e fragmentação. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a pretensa união

⁶⁷⁵ No original: “Ainsi il importe à la France, il est de son intérêt étroit que l’Espagne soit une nation vivace, solidement constituée, abondamment pourvue de ressources, douée d’initiative, et en un mot en état de peser dans la balance du monde; qu’il en soit de même de l’Italie; que le Portugal renaisse, autant que le lui permet l’exiguïté de son territoire, à d’importantes destinées; que la Belgique, si industrielle, si libérale et si sage [...] demeure florissante, et que les États fondés avec des matériaux espagnols ou portugais dans le nouveau monde grandissent en culture intellectuelle et morale, en richesse et en population, au lieu d’être dévorés par l’anarchie qui les consume presque tous depuis qu’ils ont atteint l’indépendance”. *Ibidem*, pp. 494-495.

⁶⁷⁶ No original: “Il est tout aussi indispenisable à la France de soutenir autant que possible dans leur existence et leur force les diverses unités qui le composent, qu’il peut l’être aux nations dont il est formé que la France soit forte et investie d’une grande influence [...]. C’est par les soins de la France surtout que le faisceau des nations latines peut demeurer solidement lié, dans leur intérêt commun. Aussi bien, en vertu de la loi de réciprocité, qui s’observe presque toujours dans les affaires humaines, la consolidation et le développement du groupe des nations latines est la condition même de l’autorité de la France”. *Ibidem*, pp. 493-494.

entre esses países era apresentada como um “pacto de família”⁶⁷⁷ e essas nações eram definidas como frutos de um mesmo ramo, a pátria de Michel Chevalier era representada hierarquicamente como sua “protetora”, como sua “irmã mais velha”, responsável, portanto, por exercer a salvaguarda e a autoridade sobre elas. Nessa perspectiva, para que, tanto a França, como suas irmãs latinas, continuassem possuindo relevância no mundo, necessitariam não apenas se unir, mas se acomodar sob a proteção do império de Napoleão III. Isso porque, na visão do autor de *Méxique ancien et moderne*:

Sem rebaixar ninguém, pode-se dizer que a França é sua alma [das raças latinas], não somente a alma, mas também o braço. Sem ela, sem sua enérgica iniciativa, e sem o respeito que comandam suas luzes, seus sentimentos elevados e seu poder militar, o grupo das nações latinas seria reduzido a fazer apenas uma humilde figura no mundo, e mesmo após longo tempo seria completamente eclipsada. Ela é para essas nações, uma irmã mais velha, cuja autoridade faz sua salvaguarda. Ela não é somente a sumidade do grupo latino, ela é sua única protetora, desde que a Espanha se deixou decair tanto⁶⁷⁸.

Essa preponderância francesa entre os latino deveria se dar, entre outras coisas, na perspectiva de Michel Chevalier, porque:

Nossa pátria [França] possui grandes recursos. Ela tem um gênio poderoso. Generosos princípios são inscritos em sua bandeira. Ela tem nobres tradições, as quais ela ama permanecer fiel, e que são para ela uma força ao mesmo tempo que uma obrigação. Ela se sobressai nas letras, nas ciências e nas artes. Sua indústria é cada vez mais fecunda, e sua agricultura é chamada ao mais rico futuro. Suas armas são formidáveis e temidas ao longe. Mas se as nações latinas desaparecessem da cena do mundo, a França se encontraria na irremediável fraqueza que determina o isolamento. Ela seria como um general sem exército, quase como uma cabeça sem corpo⁶⁷⁹.

⁶⁷⁷ No original: “Il peut cependant exister quelque chose de plus intime dans les relations politiques de la France avec les deux péninsules, et l’alliance ici devrait avoir le caractère d’un pacte de famille”. *Ibidem*, pp. 496-497.

⁶⁷⁸ No original: “Sans rabaisser personne, on peut dire que la France en est l’âme, non-seulement l’âme, mais aussi le bras. Sans elle, sans son énergique initiative, et sans le respect que commandent ses lumières, ses sentiments élevés et sa puissance militaire, le groupe des nations latines serait réduit à ne plus faire qu’une humble figure dans le monde, et même depuis longtemps il serait complètement éclipsé. Elle est pour ces nations, une soeur aînée dont l’autorité fait leur sauvegarde. Elle ne forme pas seulement la sommité du groupe latin, elle en est la protectrice unique, depuis que l’Espagne s’est tant laissé déchoir”. *Ibidem*, p. 493.

⁶⁷⁹ No original: “Notre patrie possède de grandes ressources. Elle a un génie puissant. De généreux principes sont inscrits sur son drapeau. Elle a de nobles traditions auxquelles elle aime à rester fidèle, et

Apresentadas as linhas mestras dessas concepções identitárias, parece importante ressaltar que embora o quadro internacional, marcado pela ascensão de anglo-saxões e eslavos e pela suposta decadência dos latinos, se apresentasse como uma característica geopolítica de caráter global no século XIX, seria nas Américas, na concepção de Michel Chevalier, que suas consequências se faziam sentir com mais força. Em sua perspectiva, “é fora da Europa que o progresso das potências não-católicas e o rebaixamento relativo dos Estados pertencentes ao catolicismo são mais manifestos”⁶⁸⁰. Isso porque:

Inicialmente, na América, apareceu, dirigido pelo gênio do protestantismo, uma grande nação que, há duzentos anos, dividida em muitas colônias, era somente uma modesta dependência da Inglaterra. Sua população então não atingia um milhão. Essa nação eram os Estados Unidos, para os quais a crise [Guerra Civil] que atravessa atualmente, por mais dolorosa que ela seja, deve ser, no entanto, apenas o ponto de partida para progressos novos⁶⁸¹.

Nesse confronto global entre os “latinos” e os “anglo-saxões”, as Américas ocupariam, na perspectiva de Michel Chavalier, uma posição privilegiada. Pode-se depreender, nos termos do autor de *Méxique ancien et moderne*, que estabelecer uma monarquia no México não significava somente constituir naquele país “tão solidamente quanto possível, o Estado e o governo”. Em termos geopolíticos, posicionar-se ali representava também “opor uma barreira à invasão iminente da totalidade do continente americano pelos Estados Unidos”, representante dos anglo-saxões e protestantes no continente americano, e “garantir e salvar de uma ruína irreparável não apenas o

qui sont pour elle une force en même temps qu'une obligation. Elle excelle dans les lettres, dans les sciences et dans les arts. Son industrie est de plus en plus féconde, et son agriculture est appelée au plus riche avenir. Ses armes sont formidables et redoutées au loin. Mais si jamais les nations latines disparaissaient de la scène du monde, la France se trouverait dans l'irréparable faiblesse que détermine l'isolement. Elle serait comme un général sans armée, presque comme une tête sans corps”. *Ibidem*, p. 494.

⁶⁸⁰ No original: “Mais c'est en dehors de l'Europe que le progrès des puissances non-catholiques et l'abaissement relatif des États appartenant à la catholicité sont le plus manifestes”. *Ibidem*, pp. 499.

⁶⁸¹ No original: “Et d'abord en Amérique est apparue, dirigée par le génie du protestantisme, une grande nation qui, il y a deux cents ans, partagée en plusieurs colonies, n'était qu'une modeste dépendance de l'Angleterre. Sa population alors n'atteignait pas un million. Cette nation est celle des États-Unis, pour laquelle la crise qu'elle traverse actuellement, quelque douloureuse qu'elle soit, ne doit être pourtant que le point de départ de progrès nouveaux”. *Ibidem*, pp. 499-500.

México, mas o ramo espanhol inteiro da civilização latina no novo mundo”⁶⁸². Esse projeto se daria certamente sob os auspícios da França de Napoleão III. Sobre esse último aspecto, o professor do Collège de France concluía, em linhas gerais, que “os destinos da França e a grandeza de sua autoridade estão subordinadas às chances de futuro dos Estados católicos em geral e das raças latinas em particular”. E arrematava: “este é o mais poderoso argumento para que seja possível fazer valer o apoio à expedição do México”⁶⁸³.

Colocadas em paralelo, a intervenção francesa no Novo Mundo e a construção de uma identidade latina apresentavam, entretanto, uma série de ambiguidades. Como em um jogo, as peças que eram mobilizadas para a construção da argumentação de Michel Chevalier embora movimentadas com cuidado, frequentemente se chocavam com lances inesperados ou truncados das tramas geopolíticas de sua época. Como *Méxique ancien et moderne* se articulava nesse tabuleiro?

O jogo das identidades

Compreender a construção das identidades não somente em *Méxique ancien et moderne*, mas em toda a produção intelectual de Michel Chevalier não se constitui como tarefa simples. Na obra do autor, ao menos desde a década de 1830, evidenciava-se, em particular em seus textos sobre as Américas, uma dupla expressão desse processo. Por um lado, apresentava a necessidade de um intercâmbio dialético com o “outro” anglo-saxão e, ao mesmo tempo, refutava a emulação acrítica de suas tradições, tão estranhas ao mundo latino. Por outro, afirmava uma identidade latina que, não obstante, se caracterizava como desigual e hierárquica, apresentando-se tanto como unidade fraterna como proteção imperativa. É possível dizer que a intervenção sobre o México tenha se constituído como auge e ocaso de um devaneio imperial francês em relação ao Novo Mundo de origem ibérica, bem como uma tentativa efetiva de afirmação de um panlatinismo, acima de tudo francocêntrico, que se apresentava como uma clara diretriz da política externa do regime bonapartista.

⁶⁸² No original: “aussi solidement que possible, l’État et le gouvernement [...] d’opposer une barrière à l’invasion imminente de la totalité du continent américain par les États-Unis [...] garantir et de sauver d’une ruine irréparable non-seulement le Mexique, mais bien le rameau espagnol tout entier de la civilisation latine dans le nouveau monde”. *Ibidem*, pp. 478-479.

⁶⁸³ No original: “les destinées de la France et la grandeur de son autorité sont subordonnées aux chances d’avenir des États catholiques en général et des races latines en particulier [...]. C’est le plus puissant argument qu’il soit possible de faire valoir à l’appui de l’expédition du Mexique”. *Ibidem*, p. 505.

Ao mesmo tempo em que revelava as ambiguidades desse projeto francocêntrico, expresso nas ideias de Michel Chevalier e nas movimentações de Napoleão III, *Méxique ancien et moderne* evidenciava alguns de seus limites. Como afirmar, por exemplo, a necessidade de um intercâmbio com os Estados Unidos, quando a intervenção sobre o México se fazia frontalmente contra os princípios da política externa norte-americana? Como manter a Espanha dentro de uma órbita panlatinista e francocêntrica, se na península havia os que defendiam uma identidade hispânica e não latina? Como conciliar monarquia e latinidade, quando a casa real escolhida para encabeçar o governo mexicano era de origem germânica? Como conciliar um suposto desejo do povo mexicano pela ordem coroada com a resistência liberal à ocupação europeia?

Sobre o primeiro ponto levantado, é preciso discutir qual a perspectiva de Michel Chevalier sobre a posição dos Estados Unidos diante da intervenção francesa.

Parece importante ressaltar, inicialmente, que, desde a década de 1830, Michel Chevalier sempre se mostrou um grande admirador dos anglo-saxões. Como tem sido discutido neste trabalho, esse apreço pelas instituições e pelo modo de vida de ingleses e norte-americanos, em momento nenhum, significou, em sua produção intelectual, a defesa de que os países latinos da Europa e das Américas fizessem uma cópia pura e simples da organização e da estrutura socio-política dessas populações. Pautava-se, em outro sentido, por um pretenso projeto de adequação entre as culturas e suas respectivas práticas políticas e sociais. Embora fosse arauto do intercâmbio e da relação dialética entre as nações de diferentes matrizes raciais, se opunha fortemente à adoção de padrões externos às suas próprias tradições.

A despeito de sua visão majoritariamente positiva em relação aos Estados Unidos, Michel Chevalier, ao defender a intervenção francesa sobre o México, estaria, ao menos teoricamente, se posicionando de forma contrária aos paradigmas essenciais da política externa norte-americana, em especial à célebre Doutrina Monroe. Preconizada, em 1823, pelo presidente norte-americano James Monroe (1817-1825), em um discurso pronunciado no dia 02 de dezembro em sua mensagem anual ao Congresso, essa diretriz tornou-se um dos eixos fundamentais sobre os quais teria se estabelecido a diplomacia norte-americana do século XIX. Direccionado às pretensões contrarrevolucionárias e recolonizadoras da Santa Aliança e às intenções econômicas da Grã-Bretanha sobre o continente americano, esse preceito afirmava, ao mesmo tempo, a não interferência dos Estados Unidos nos assuntos europeus, bem como a posição norte-

americana de não admitir, sob nenhuma hipótese, tentativas de reconquista das potências do Velho Continente sobre qualquer parte do Novo Mundo. Partindo de um pressuposto que afirmava que os países ao sul da fronteira com o México, “entregues a si mesmos” e, portanto, incapazes de defender sua autonomia diante da ameaça “recolonizadora”, representada pelos movimentos políticos da Santa Aliança, a Doutrina Monroe desejava caracterizar os Estados Unidos como os guardiões de todo um continente⁶⁸⁴.

Na década de 1860, esse quadro havia ganhado, entretanto, novos contornos. Os Estados Unidos, em particular após seus conflitos bélicos com o México e com a ação dos filibusteiros na América Central, passaram a ser vistos, de maneira geral, não mais como os principais protetores do Novo Mundo em relação a uma suposta sanha recolonizadora europeia, mas, ao contrário, como uma ameaça à independência de seus vizinhos hispano-americanos. Com o início da Guerra de Secessão ou Guerra Civil, em 1861, a Doutrina Monroe tivera, além disso, sua possibilidade de se fazer valer seriamente comprometida, dada a preocupação primordial dos Estados Unidos com seus problemas internos, deixando em segundo plano sua atuação externa.

Embora a situação da federação norte-americana pudesse favorecer uma presença francesa mais direta nas Américas, Michel Chevalier não via, conforme já discutido anteriormente, os Estados Unidos como inimigos de seu país. Reconhecia, entretanto, que, para a sobrevivência das populações latinas do Novo Mundo, seu avanço deveria ser limitado. Nesse sentido, como construir uma retórica que defendesse a intervenção francesa, sem ferir seus posicionamentos positivos em relação à república norte-americana? Em primeiro lugar, o autor de *Méxique ancien et moderne* promovia, amparado pelo contexto bélico de sua época, uma divisão entre os interesses do Norte e do Sul dos Estados Unidos, restringindo o expansionismo em relação à América Hispânica a esta última região. De acordo com sua visão, os sulistas, à revelia de seus compatriotas setentrionais, pretendiam ampliar seus espaços escravistas às custas da incorporação de territórios pertencentes à América Hispânica. Segundo ele:

Um tópico comum a todas as potências da Europa, mesmo que elas possam avaliá-lo muito diversamente, é a necessidade de opor enfim, no interesse da balança política do mundo, uma barreira ao espírito de invasão que, durante uma sequência de anos, se

⁶⁸⁴ Ver, em relação ao processo de elaboração da Doutrina Monroe, SCHOULTZ, *op. cit.*, p. 19; e MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Formação do império americano: da guerra contra à Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 54.

mostrava entre os anglo-americanos do Sul, proprietários de escravos, que insuflavam toda a nação, quando ela estava unida. Era um plano assumido, entre os líderes do Sul, expandir indefinidamente os limites da federação às expensas do México, da Espanha, proprietária de Cuba, e das repúblicas da América Central⁶⁸⁵.

Para defender sua tese, Michel Chevalier se apropriava das investidas filibusteiras sobre a América Central, em particular da ocupação da Nicarágua liderada por William Walker, discutida no capítulo anterior. Embora afirmasse que o governo central dos Estados Unidos, intimidado pelos sulistas, pouco fizesse para evitar ou para combater esses atos, o autor de *Méxique ancien et moderne* destacava, em contraposição, a reprovação dos “homens esclarecidos” do Norte em relação a essa “política agressiva” praticada pelos Estados meridionais. De acordo com sua interpretação:

Um espetáculo [...] que não era menos próprio a excitar o assombro universal, havia sido dado ao mundo pelas tentativas reiteradas de Walker sobre a América Central. Esse *condottiere* sem freio, após ter organizado seus bandos em Nova Orleães, com o conhecimento de todo o mundo, foi levar sobre as margens do lago da Nicarágua a rebelião, o assassinato e o incêndio. Era o terror e o flagelo de povos inofensivos, e o governo federal não ensaiava nada de sério para dificultar essas empresas de filibusteirismo, mesmo que elas fossem dirigidas muito ostensivamente contra Estados amigos. Os homens esclarecidos do Norte reprovavam essa política agressiva, que violava todas as leis observadas entre Estados civilizados; mas a atitude do Sul intimidava o governo federal, e ele se deixava ligar às suas mãos⁶⁸⁶.

⁶⁸⁵ No original: “C'est un motif qui est commun à toutes les puissances de l'Europe, quoiqu'elles puissent l'apprécier fort diversement, que la nécessité d'opposer enfin, dans l'intérêt de la balance politique du monde, une barrière à l'esprit d'envahissement dont, pendant une suite d'années, se sont montrés possédés les Anglo-Américains du Sud, propriétaires d'esclaves, et qu'ils soufflaient à toute leur nation, alors qu'elle était unie. C'était un plan arrêté, parmi les meneurs du Sud, de reculer indéfiniment les limites de la fédération aux dépens du Mexique, de l'Espagne, propriétaire de Cuba, et des républiques de l'Amérique centrale”. CHEVALIER, *Méxique ancien et moderne*, op. cit., p. 480.

⁶⁸⁶ No original: “Um spectacle [...] qui n'était pas moins propre à exciter l'étonnement universel, avait été donné au monde par les tentatives réitérées de Walker sur l'Amérique centrale. Ce condottiere sans frein, après avoir organisé ses bandes à la Nouvelle-Orléans, au su de tout le monde, allait promener sur les rives du lac de Nicaragua la rébellion, le meurtre et l'incendie. Il était l'effroi et le fléau de peuples inoffensifs, et le gouvernement fédéral n'essayait rien de sérieux pour entraver ces entreprises de flibustier, quoiqu'elles fussent dirigées très - ostensiblement contre des États amis. Les hommes éclairés du Nord réprouvaient cette politique agressive, qui violait toutes les lois observées entre États civilisés; mais l'attitude du Sud intimidait le gouvernement fédéral, et celui-ci se laissait lier les mains”. *Ibidem*, pp. 482-483.

Pode-se dizer, em linhas gerais, que Michel Chevalier promovia, em *Méxique ancien et moderne*, uma reinterpretação da Doutrina Monroe, a qual, segundo ele, teria adquirido um significado completamente diferente ao conferido inicialmente pelo antigo presidente norte-americano: “a nobre declaração do presidente Monroe foi, nos Estados Unidos, travestida e falseada em seu significado e em seu objetivo”⁶⁸⁷. Em sua perspectiva, ao contrário do que se costumava afirmar em relação à Doutrina Monroe, “o Norte tem aqui o mesmo interesse que a Europa”⁶⁸⁸. Em sua argumentação, Michel Chevalier afirmava que:

O objetivo do Norte, que repudia a escravidão e quer ao menos impedi-la de se estender, será alcançado, se, sob o patronato temporário de várias potências europeias aliadas a essa causa, ou sob a França apenas, o México venha a resolver o difícil problema de se constituir de uma maneira estável; pois os líderes do Sul, sabendo qual acolhida se faria daqui em diante às suas agressões pelo México regenerado, renunciaria a seu projeto de desmembrá-lo para fazer de seus pedaços novos Estados com escravos incorporados ao seu feixe. Que importa ao Norte ampliar os limites da república? O território que ela possui é de tal forma vasto, que, por mais ambiciosa que seja, se contentaria com menos. O que lhe importa, o que está conforme suas ideias e seus planos confessos, é que um limite seja prescrito à escravidão e que se intime à instituição particular [a escravidão] essa sentença: “Você não irá mais longe”. A expedição do México não saberia, pois, contrariar o Norte; ela responde à sua própria política⁶⁸⁹.

Nessa perspectiva, a intervenção francesa sobre o México responderia não somente aos interesses exclusivos dos povos latinos e, particularmente, da França, mas aos próprios desígnios dos “homens esclarecidos” do Norte dos Estados Unidos. Michel Chevalier se utilizava, portanto, da própria divisão política norte-americana, no contexto

⁶⁸⁷ No original: “la noble déclaration du président Monroë, a été, aux États-Unis, travestie et faussée dans sa signification et dans son objet”. *Ibidem*, p. 487.

⁶⁸⁸ No original: “le Nord a ici le même intérêt que l'Europe”. *Ibidem*, pp. 489-490.

⁶⁸⁹ No original: “L'objet du Nord, qui a répudié l'esclavage et veut au moins l'empêcher de s'étendre, sera atteint, si, sous le patronage temporaire de plusieurs puissances européennes alliées à cet effet, ou sous celui de la France seule, le Mexique parvient à résoudre le difficile problème de se constituer d'une manière stable; car les meneurs du Sud, sachant quel accueil serait fait désormais à leurs agressions par le Mexique régénéré, renonceraient à leur projet de le démembrer pour faire de ses lambeaux de nouveaux États à esclaves incorporés à leur faisceau. Qu'importe au Nord de reculer les limites de la république? Le territoire qu'elle possède est tellement vaste, que, quelque ambitieux qu'on soit, on se contenterait à moins. Ce qui lui importe, ce qui est conforme à ses idées et à ses plans avoués, c'est qu'une limite soit prescrite à l'esclavage et qu'on intime à l'institution particulière cette sentence : « Tu n'iras pas plus loin. » L'expédition du Mexique ne saurait donc contrarier le Nord; elle répond à sa propre politique”. *Ibidem*, p. 490.

da Guerra de Secessão, como forma de justificar a ação francesa sobre a América hispânica, sem necessariamente investir contra a federação como um todo.

Embora se preocupasse em estabelecer uma estratégia que buscava evitar um confronto direto com os Estados Unidos, mesmo durante a Guerra de Secessão, pode-se dizer que os exercícios retóricos de Michel Chevalier não se davam somente em sua tentativa de se posicionar diante dos anglo-saxões, mas também se faziam sentir nas hierarquizações que contruía dentro do próprio grupo latino.

Nesse sentido, uma das principais inflexões existentes, quando se comparam os textos de Michel Chevalier das décadas de 1830 e 1860, está em sua perspectiva sobre a colonização espanhola nas Américas. Parece importante frisar, em um primeiro momento, que o professor do Collège de France parecia não conceber a exploração ibérica no Novo Mundo de forma tão positiva quanto décadas antes, quando demonstrava uma clara admiração ao processo de cristianização das populações originárias do continente após a Conquista do século XVI. Dentre os diversos momentos em que tratou dessa questão em sua obra, a citação abaixo se apresenta possivelmente como a mais paradigmática:

A política do governo espanhol no México, como em suas outras possessões, oferecia os mesmos traços principais que se encontram em todas as tiranias sistemáticas: dividir para reinar, tramar dissensões entre as diversas classes, tanto mais quanto elas tenham mais meios de influência, conter e aprisionar as inteligências, enjaular o homem no limite estreito de sua individualidade onde ele é necessariamente fraco, interditando o uso da associação; centralizar o poder, de modo que sua prática fosse ali inteiramente reservada aos agentes diretos da metrópole. Era ainda regra ter as colônias isoladas umas das outras, por medo de que elas encontrassem, em um esforço comum, a chance de respirar livremente⁶⁹⁰.

O que explicaria essa mudança de percepção a respeito da colonização espanhola no texto de Michel Chevalier entre sua viagem ao México na década de 1830 e sua

⁶⁹⁰ No original: “La politique du gouvernement espagnol au Mexique, comme dans ses autres possessions, offrait les mêmes traits principaux qu'on retrouve dans toutes les tyrannies systématiques: diviser pour régner, entretenir les dissensions entre les diverses classes, d'autant plus qu'elles avaient plus de moyens d'influence, contenir et enchaîner les intelligences, parquer l'homme dans l'enceinte étroite de son individualité où il est nécessairement faible, en interdisant l'usage de l'association; centraliser le pouvoir, de sorte que l'exercice entier en fût réservé aux agents directs de la métropole. C'était encore une règle de tenir les colonies isolées les unes des autres, de peur qu'elles ne cherchassent, dans un effort commun, la chance de respirer plus librement”. *Ibidem*, p. 282.

atuação intelectual em favor da intervenção nos anos 1860? Algumas passagens de *Méxique ancien et moderne* podem contribuir para a resolução desse enigma. Ao tratar, por exemplo, do abandono dos peninsulares do bloqueio de Veracruz, em 1862, o engenheiro francês afirmava que “a retirada inesperada das tropas espanholas, que desorganizou por um momento a expedição inteira, e que obrigou a França a um deslocamento de força bem maior do que o previsto originalmente, é para o sucesso político da expedição um bem mais que um mal. O elemento mais vigoroso do patriotismo mexicano é o ódio da Espanha”⁶⁹¹.

Em uma nota, acrescentada a este último parágrafo, Michel Chevalier evidenciava claramente a ambiguidade de sua posição em relação à Espanha, particularmente no que se referia à intervenção sobre o México:

O autor desse ensaio não gostaria que se supusesse que falando assim da Espanha, ele tivesse o pensamento de rebaixar ou de lhe contestar sobre a marcha dos acontecimentos de nosso tempo o grau de influência ao qual ela aspira. Ele é daqueles que saúdam com felicidade o renascimento dessa nação outrora tão poderosa, na qual um sistema de opressão ao mesmo tempo político e religioso, que se poderia crer imitado do despotismo asiático, havia asfixiado quase todos os germes de grandeza e de progresso. A Espanha de volta às tradições representativas e às vias da liberdade política, a Espanha mais sã do que se poderia crer após as sentenças de seus tribunais reconhecendo a liberdade de cultos, a Espanha trabalhando ativamente para se reconciliar com a civilização moderna, tem as simpatias de toda a Europa liberal. Não é menos verdade que aqui, nessa questão especial da expedição do México, a participação da Espanha era uma ideia infeliz⁶⁹².

⁶⁹¹ No original: “La retraite inattendue des troupes espagnoles, qui a un moment désorganisé l'expédition tout entière, et qui a obligé la France à un déploiement de forces bien plus grand qu'à l'origine elle ne l'avait prévu, est pour le succès politique de l'expédition un bien plutôt qu'un mal. L'élément le plus vigoureux du patriotisme mexicain, c'est la haine de l'Espagne”. *Ibidem*, p. 519.

⁶⁹² No original: “L'auteur de cet essai ne voudrait pas qu'on supposât qu'en parlant ainsi de l'Espagne, il ait la pensée de la rabaisser ou de lui contester sur la marche des événements de notre temps le degré d'influence auquel elle aspire. Il est de ceux qui saluent avec bonheur la renaissance de cette nation autrefois si puissante, chez laquelle un système de compression politique et religieuse tout à la fois, qu'on pourrait croire imité du despotisme asiatique, avait étouffé presque tous les germes de grandeur et de progrès. L'Espagne rentrée dans les traditions représentatives et les voies de la liberté politique, l'Espagne plus portée qu'on ne pourrait le croire d'après les arrêts récents de ses tribunaux à reconnaître la liberté des cultes, l'Espagne travaillant activement à se réconcilier avec la civilisation moderne, a les sympathies de toute l'Europe libérale. Il n'en est pas moins vrai qu'ici, dans cette affaire spéciale de l'expédition au Mexique, la participation de l'Espagne était une idée malheureuse”. *Ibidem*, p. 520.

Pode-se dizer que a citação acima evidenciava não somente a ambiguidade da posição de Michel Chevalier a respeito da Espanha, mas deixava entrever de maneira bastante clara os limites do projeto francocêntrico defendido pelo economista favorito do imperador Napoleão III. No caso específico da intervenção francesa sobre o México, era necessário realizar um duplo movimento em relação aos peninsulares: se, por um lado, era preciso ressaltar sua identidade latina, sua proximidade com os franceses e o desejo de seu progresso político e econômico, por outro, era preciso retirar dos espanhóis quaisquer pretensões de protagonismo na América hispânica, o que deveria caber somente aos franceses. Essa inflexão denotava, ao mesmo tempo, a construção de uma posição subordinada dos ibéricos no panlatinismo defendido pelos súditos do bonapartismo e o papel hegemônico que os franceses desejavam cumprir no Novo Mundo.

A essa questão, relacionava-se outra ambiguidade existente em *Méxique ancien et moderne*: a discordância de Michel Chevalier em relação à coroação de um imperador que não fosse de origem latina no México. Na concepção do autor:

A primeira condição para fundar uma monarquia no México é colocar o monarca no trono com a autorização de seus futuros súditos. Este não poderia ser somente um príncipe de alguma das casas reinantes na Europa; é preciso mesmo dizer sem hesitar: um príncipe de uma das casas católicas. A própria França se coloca fora da competição. A Espanha parece descartada pelos ressentimentos que deixou a luta de independência, e os eventos que marcaram os inícios da experiência [da expedição] não pareceram próprios a aumentar suas chances. Quando se pôs em rota o primeiro corpo francês [em direção ao México], falava-se de um príncipe que, muito jovem ainda, está, no entanto, cercado de uma grande estima na Europa, o arquiduque Fernando-Maximiliano, irmão do imperador da Áustria Francisco José [...].

Haveria contra esse príncipe somente uma objeção, que nós assinalaremos francamente. Sua nacionalidade⁶⁹³.

⁶⁹³ No original: “La première condition pour fonder une monarchie au Mexique est d’avoir le monarque à placer sur le trône avec l’agrément de ses futurs sujets. Ce ne pourrait être qu’un prince de quelque’une des maisons régnantes de l’Europe; il faut même dire sans hésiter un prince d’une des maisons catholiques. La France se met elle-même hors de concours. L’Espagne semble écartée par les ressentiments qu’a laissés la lutte de l’Indépendance, et les événements qui ont marqué les débuts de l’expérience ne paraissent pas propres à augmenter ses chances. Lorsque se mit en route le premier corps français, on parlait d’un prince qui, fort jeune encore, est cependant entouré d’une grande estime en Europe, l’archiduc Ferdinand-Maximilian, frère de l’empereur d’Autriche François-Joseph [...]. / Il n’y aurait contre ce prince qu’une objection, que nous signalerons franchement. Sa nationalité”. *Ibidem*, pp. 526-527.

O excerto acima aponta para algumas questões que perpassavam *Méxique ancien et moderne*. Em primeiro lugar, apenas para situar o problema, nota-se, no trecho citado, indícios acerca de uma certa ilusão que poderia haver entre aqueles que patrocinaram a intervenção, tanto na Europa como na América, a respeito de uma recepção necessariamente positiva que o monarca europeu receberia ao chegar no Novo Mundo. Ao afirmar que o novo governante, antes de assumir deveria ter a aprovação de seus súditos, não se levavam em conta as disputas políticas existentes no país hispano-americano e a contrariedade de parte considerável de suas elites em relação a esse projeto.

Em segundo lugar, antes mesmo de citar a possibilidade da casa da Áustria assumir o trono mexicano, Michel Chevalier fazia rápidas menções a dois outros possíveis pretendentes latinos ao posto: a Espanha e a França. Quanto aos peninsulares, a discussão inicial anterior pode contribuir para explicar sua exclusão dos postulantes à coroa mexicana. Associados, em *Méxique ancien et moderne*, ao ódio sentido pelos mexicanos contra seus antigos colonizadores, os espanhóis, teoricamente os candidatos naturais a ocupar um suposto trono no Novo Mundo, dada sua condição de antiga metrópole do país hispano-americano, talvez representassem a maior ameaça no seio dos povos latinos ao projeto hegemônico que os franceses pareciam nutrir no Novo Mundo. Portanto, uma possível postulação, nesse sentido, deveria ser imediatamente descartada.

Em relação aos franceses, chama a atenção a maneira um tanto lacônica com que Michel Chevalier declinava da possibilidade de algum membro da nobreza de seu país ocupar um pretenso trono mexicano. Embora não haja nenhum indício capaz de esclarecer esse ponto em *Méxique ancien et moderne*, as condições específicas da política francesa podem fornecer uma boa hipótese para que se responda a essa questão. Em linhas gerais, seria possível dizer que qualquer pretensão sobre uma possível coroação nas Américas excitaria, obviamente além do bonapartismo, as duas outras casas reais existentes na França de então, os Orléans e, principalmente, os Bourbons, que reinavam à época também sobre a Espanha. Articulações, nesse sentido, talvez pudessem, como consequência, mobilizar esses grupos, historicamente adversários de Napoleão III não somente em relação à questão mexicana, mas também instigando-os à participação nos assuntos da política local, o que não seria positivo às elites do Segundo Império.

Como último aspecto a ser debatido em relação à citação acima, merece ser destacada a ressalva de Michel Chevalier em relação à nacionalidade de um possível príncipe austríaco a ser entronado no México. Parece importante frisar que, na perspectiva do autor de *Mexique ancien et moderne*, a principal dificuldade de se coroar um Habsburgo no Novo Mundo estaria nas divergências essenciais entre, de um lado, um monarca germânico e, de outro, um país latino. O professor do Collège de France se apropriava, para corroborar sua tese, de um exemplo histórico: o período em que os Habsburgos ocuparam o trono espanhol. Segundo ele:

A casa da Áustria havia recebido a Espanha florescente e investida de um grande poder; ela a deixou decaída. O título do príncipe austríaco deve, pois, ser, aos olhos dos mexicanos somente uma má recomendação. Não é mais preciso perder de vista que existe uma incompatibilidade de caráter entre os Germânicos e as raças latinas, das quais as classes influentes no México são os rebentos e reproduzem o gênio. Mais que outros, os austríacos pela discordância de temperamento são inclinados a oprimir as raças latinas mais que a se conciliar com elas⁶⁹⁴.

Constituíria-se, portanto, um impasse no projeto de implementação de uma monarquia encabeçada por uma casa real europeia no México. Como as duas principais nações latinas da Europa, França e Espanha, não poderiam, por razões diversas, ocupar o trono no Novo Mundo, recorria-se à dinastia dos Habsburgos que outrora havia governado o império ibérico. Entretanto, na perspectiva de Michel Chevalier, duas questões depunham contra essa escolha: a decadência espanhola, a partir do século XVII sob a casa da Áustria e as divergências raciais que dificultariam a convivência entre um monarca germânico e uma sociedade latina. Como se nota, as condições práticas para o estabelecimento de uma monarquia no México não se conciliavam necessariamente com o projeto idealizado pelo autor de *Mexique ancien et moderne*.

A despeito de sua preferência por um monarca latino, Michel Chevalier não teve qualquer ingerência sobre o nome escolhido para ocupar o trono mexicano. A candidatura de Maximiliano teria nascido principalmente das articulações, na Europa,

⁶⁹⁴ No original: “La maison d'Autriche avait reçu l'Espagne florissante et investie d'une grande puissance; elle la laissa déchuë. Le titre de prince autrichien ne doit donc être aux yeux des Mexicains qu'une mauvaise recommandation. Il ne faut pas perdre de vue non plus qu'il existe une incompatibilité de caractère entre les Germains et les races latines, dont les classes influentes au Mexique sont les rejetons et reproduisent le génie. Plus que d'autres, les Autrichiens, par la discordance des tempéraments, sont enclins à opprimer les races latines plutôt qu'à se les concilier”. *Ibidem*, p. 528.

de José María Gutierrez Estrada e, principalmente, de José Maria Hidalgo, com o apoio de Napoleão III⁶⁹⁵. Mesmo contrariando seus princípios, o economista preferido do imperador francês não deixou, em momento nenhum, de apoiar a empresa intervencionista, aceitando, mesmo que de forma crítica, a opção por um membro da casa da Áustria. Na visão de Michel Chevalier, a base de sustentação militar e diplomática da França teria como uma de suas principais funções, nesse contexto, servir de anteparo para os possíveis problemas a serem causados em razão dessas diferenças culturais entre um imperador germânico e seus súditos latinos. Mesmo com essa ressalva, o autor de *Méxique ancien et moderne* entendia que “regenerar” a política mexicana era prioridade, mesmo que dependesse do sucesso dessa aposta em um príncipe Habsburgo.

À guisa de conclusão, é preciso destacar que a análise sobre as visões construídas sobre o México, entre as décadas de 1830 e 1860, nas obras de Michel Chevalier, constitui-se como uma via importante para a discussão a respeito das concepções identitárias do autor, em particular no que se refere à temática da latinidade. Em primeiro lugar, parece importante discutir, em seus textos, a formulação de dois paradigmas identitários essenciais para a compreensão da história das Américas: de um lado, os latinos educados pelo catolicismo dentro de uma lógica fortemente hierárquica e, portanto, mais propícios à convivência com regimes monárquicos; de outro, os germânicos e, mais especificamente, os anglo-saxões, praticantes do *self-government* e inseridos em uma lógica individualista, mais adequada à democracia e à república.

Essas definições identitárias, essenciais para a compreensão das interpretações de Michel Chevalier sobre as Américas, fundamentavam, nas obras do professor do Collège de France, seu entendimento acerca dos dois países que sintetizavam essa dicotomia: os Estados Unidos e o México. Por sua educação protestante, os anglo-saxões norte-americanos estabeleceram, com seus defeitos e qualidades, uma república democrática que se desenvolvia a passos largos no Novo Mundo. Em contrapartida, o México, por fugir de suas raízes católicas, latinas e hierárquicas, adotou, conforme essa perspectiva, um modelo político exógeno a suas tradições, vivenciando, em razão disso, momentos de ruína e decadência. Como “ideias fora do lugar”, os princípios federalistas, republicanos ou democráticos estariam em descompasso com as realidades sociais latinas da Europa e das Américas e sua mimetização nesses espaços poderia

⁶⁹⁵ VILLAVICENCIO NAVARRO, *El camino del monarquismo mexicano decimonónico*, op. cit.

resultar, de acordo com essa visão, no esfacelamento dos laços sociais e na impossibilidade da organização política.

Já à época de sua viagem ao México, no primeiro semestre de 1835, Michel Chevalier concebia o país hispano-americano, conforme discutido anteriormente, a partir de três eixos centrais: suas condições geográficas consideradas magníficas, a colonização espanhola que havia sido capaz de “civilizar” os indígenas e seu completo declínio após a independência. O subtexto dessa tríplice caracterização não deixava de embutir um questionamento: como poderia uma jovem nação com condições naturais tão favoráveis não obter um nível de desenvolvimento desejável? A resposta possível: a república federalista, emulada dos Estados Unidos, que, por não se adequar à realidade social mexicana, manteria o país em um estado caótico. Para se regenerar, o México deveria, em decorrência disso, adotar um modelo político mais afinado às suas tradições latinas: a monarquia.

Há praticamente dois séculos as especificidades sociais e o caráter da América Latina têm sido considerados, por autores das mais diversas vertentes políticas, como incompatíveis com os valores democráticos, republicanos e liberais. O resultado disso seria a recorrência, na retórica e na prática de setores políticos e intelectuais da região, de soluções centralizadoras, hierárquicas e, muitas vezes, autoritárias, como as únicas formas de “regeneração” possível desses países. Parece importante insistir, portanto, que, diferentemente do que foi defendido por muito tempo entre os letrados mexicanos, o projeto monárquico não se tratou unicamente de um complô antinacional idealizado pelos franceses, mas contou, de forma bastante convicta, com a inestimável militância de setores da elite conservadora mexicana⁶⁹⁶.

Isso não quer dizer, entretanto, que os franceses não participaram do butim. Ao analisar, de maneira específica, a obra de Michel Chevalier, em particular *Méxique ancien et moderne*, é possível elencar uma série de tensões provenientes da aventura monárquica mexicana. Em primeiro lugar, é preciso destacar o ambíguo francocentrismo do professor do Collège de France que concebeu uma ideia de “latinidade” em que a França ocupava uma posição bastante complexa. Ao mesmo tempo que a terra natal de Michel Chevalier era apresentada como parte dessa matriz racial, juntamente com a Itália, a Espanha, Portugal e as nações hispano-americanas,

⁶⁹⁶ Entre outros PANI, *op. cit.*

expondo um princípio de identidade, considerava-se superior a todos esses países e afirmava sua liderança natural sobre eles, denotando uma clara alteridade.

A defesa de um ideário pautado na ideia de “latinidade” não deixava, nesse sentido, de carregar uma dimensão geopolítica também evidente. A afirmação da decadência dos “povos católicos”, diante da ascensão dos anglo-saxões protestantes e, em alguma escala, dos eslavos ortodoxos, levava a uma dialética curiosa: por um lado, apenas a união dos povos latinos poderia salvá-los da irrelevância internacional e, por outro apenas a França seria capaz de liderar esse processo. Em outras palavras, sem os franceses, os latinos estavam condenados à degeneração; sem os latinos, os franceses estariam condenados à insignificância. Pode-se dizer que, de certa forma, essa concepção presente nas obras de Michel Chevalier, desde a década de 1830, se impôs de maneira efetiva como uma das matrizes sobre a qual se estruturou a política externa do Segundo Império de Napoleão III.

A defesa de Michel Chevalier em relação à intervenção francesa sobre o México não deixou de apresentar, nesse sentido, uma série de ambiguidades capazes de evidenciar não somente os impasses da política externa bonapartista, mas das próprias formulações identitárias defendidas por um de seus principais ideólogos. No exercício retórico do autor de *Méxique ancien et moderne*, a ocupação europeia sobre territórios do Novo Mundo poderia estar em harmonia com a Doutrina Monroe norte-americana; a Espanha poderia deixar de ser a metrópole civilizadora dos indígenas e se tornar a tirana que sufocava a liberdade de seus súditos no Novo Mundo; a França poderia prescindir, sem muitas explicações, do trono mexicano, ao mesmo tempo em que um nobre austríaco de origem germânica, mesmo que a sua revelia, poderia assumi-lo; para defender, enfim, a imposição de um regime monárquico no México, Michel Chevalier poderia atuar em conjunto com os conservadores, mesmo quando desejava mesmo estar do lado dos liberais.

A despeito de todas essas questões, Michel Chevalier viu seu grande projeto monárquico ser posto em prática no México. A trajetória dessa empresa não foi, entretanto, a desejada pelo autor de *Méxique ancien et moderne* e pelas autoridades do Segundo Império francês.

O projeto de “regeneração política” do México por meio da imposição de uma monarquia sob a tutela europeia, resultou, no limite, em uma aventura efêmera após o desembarque de Maximiliano no porto de Veracruz em 1864. Com o avanço da resistência dos mexicanos republicanos e liberais e a oposição dos Estados Unidos que

não reconheceram seu vizinho imperial após o fim da Guerra de Secessão, a manutenção do regime se tornou inviável. Em 1866, Napoleão III começou a retirar suas tropas do território hispano-americano, sugerindo ao monarca da casa de Habsburgo que abdicasse do trono. O soberano austríaco não acatou o conselho do imperador francês, permanecendo em território mexicano. Capturado, Maximiliano foi fuzilado em 19 de junho de 1867.

Pode-se dizer que o fracasso da empresa mexicana apresentou-se como uma espécie de mau agouro para o Segundo Império Francês, quase que anunciando seu trágico declínio três anos depois, em 1870, na Guerra Franco-Prussiana. Além de colocar um fim no regime bonapartista, esse conflito resultou na ascensão do poderoso Império Alemão e colocou freio no projeto napoleônico de transformar seu país em árbitro das relações internacionais europeias. Não bastasse essa nova configuração, o sonho de ocupar uma posição de liderança dos povos latinos, embora permanecesse vivo no plano cultural, se desfez sem nunca ter se realizado de fato no plano geopolítico.

A derrota dos franceses em 1870 marcou ainda não somente a queda do Segundo Império, mas também a saída de Michel Chevalier dos círculos políticos de seu país. Permaneceu, entretanto, atuando, mesmo que em menor escala, na imprensa e em determinados projetos privados. O autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* fundou, por exemplo, uma Sociedade de Estudos para realização de obras de infraestrutura, passando a defender projetos como a abertura de um túnel submarino sob o Canal da Mancha que interligasse a França à Grã-Bretanha. Retomando questões que o haviam preocupado em seu périplo dos anos 1830, Michel Chevalier parecia encerrar sua atividade intelectual no mesmo ponto em que começara suas reflexões durante seus anos de juventude: a defesa dos grandes empreendimentos, em especial no âmbito dos transportes, e a interligação entre os dois países que considerava mais representativos da Europa. Após o duro golpe que seus planos sofreram nas Américas com o fim da Intervenção bonapartista no México, restava tentar promover suas perspectivas dialéticas no Velho Mundo, advogando, cada vez mais, o intercâmbio entre os franceses latinos e os britânicos anglo-saxões.

Michel Chevalier faleceu em 28 de novembro de 1879 sem presenciar a conclusão de algumas de suas utopias. A construção de passagens nos canais da Mancha e do Panamá ou a diluição das fronteiras econômicas entre os diversos países europeus

foram projetos acelentados em suas obras. Controverso em muitos sentidos, não se pode dizer que Michel Chevalier não fosse um homem de visão.

Epílogo

Ape [Carlo Pellegrini]. Caricatura de Michel Chevalier. *Vanity Fair*, 08 de maio de 1875.

No dia 9 de dezembro de 1879, Étienne Vacherot (1809-1897), filósofo e político de bastante prestígio sob a Terceira República Francesa (1870-1940) e então presidente da Académie de Sciences Morales et Politiques de Paris, vinculada ao Institut de France, pronunciou um discurso, em sessão da Academia, em homenagem ao engenheiro, economista e político Michel Chevalier (1806-1879), um de seus mais proeminentes membros, falecido dias antes, em 28 de novembro.

Retomando sua formação como engenheiro na École Polytechnique e seu passado de ardoroso saint-simoniano, Vacherot destacava que mesmo deixando de lado, ao longo de sua vida, suas “utopias e sonhos quiméricos”, Chevalier nunca perdera a fé no futuro da civilização. Ao enumerar todas as atividades que exercera durante sua vida (“jornalista, conselheiro de Estado, deputado, senador, membro do Instituto [de France], presidente de sociedades econômicas, professor de economia política no Collège de France”), o presidente da Académie declarava que nas preocupações do finado professor de Economia Política prevaleciam não os “interesses de partido”, mas os da ciência e da humanidade. Ao ingressar na política, sob o Segundo Império francês (1851-1870), Chevalier, de acordo com o discurso de Vacherot, teria praticado uma “política à parte, a política dos grandes interesses do país”⁶⁹⁷, caracterizada pela defesa do livre-cambismo, pela participação em juris internacionais, congressos de paz e exposições universais. Destacava, além disso, sua atuação em favor de grandes obras de infraestrutura, exemplificada por seu papel como presidente do conselho que vinha estudando, à época de sua morte, a construção de um túnel que fosse capaz de interligar a França e a Grã-Bretanha através do Canal da Mancha. Segundo ele, nos últimos anos da vida de Chevalier, mesmo em um corpo já frágil e adoentado, habitava uma alma ainda pronta ao pensamento e à ação, disposta a escrever, falar, agir e viajar em prol do sucesso das ideias que lhes fossem caras.

Ao tratar brevemente do relato de viagem de Michel Chevalier sobre os Estados Unidos, Vacherot afirmava que as *Lettres sur l'Amérique du Nord* (1836) “nos revelaram com tanto charme e brilho todo um lado dessa sociedade americana que o

⁶⁹⁷ VACHEROT, Étienne. “Discurs de M. Vacherot, président de l’Académie des Sciences Morales et Politiques prononcé à l’occasion de la mort de M. Michel Chevalier, à la séance du samedi 6 décembre 1879”. *Séances et travaux de l’Académie des Sciences Morales et Politiques (Institut de France)*. T. 13, Paris: Alphonse Picard, 1880, p. 396.

belo livro [*De la démocratie en Amérique*] de [Alexis de] Tocqueville havia deixado à sombra”⁶⁹⁸.

Em relação aos seus trabalhos como economista e, especialmente, de sua atuação como professor de Economia Política no Collège de France, Vacherot afirmava de maneira bastante curiosa que:

O que faz a originalidade do economista que viemos a perder, é que ao muito de ciência, ele acrescentava muito de imaginação. Podia-se não perceber isso a princípio, porque a expressão faltava por vezes ao pensamento. Mas quando o sentimento de uma grande verdade o tomava, então o pensamento começava a ganhar vida e cor, e via-se a imaginação se produzir, não sem esforço, e por meio de certas negligências de linguagem, por quadros e descrições de uma impressionante verdade⁶⁹⁹.

Alguns meses depois, do outro lado do Atlântico, as formulações expostas por Étienne Vacherot na Académie de Sciences Morales et Politiques de Paris ecoavam, de certa forma, em um obituário de Michel Chevalier lido pelo engenheiro norte-americano Moncure Robinson (1802-1891) diante dos membros da American Philosophical Society, no dia 07 de maio de 1880, em sua sede na Filadélfia, no Estado da Pensilvânia.

A homenagem prestada ao economista francês naquele contexto não deixava de ter sua razão de ser. Em primeiro lugar, Michel Chevalier era, desde 1852, membro, mesmo que à distância, da American Philosophical Society. Em segundo lugar, Robinson, o autor da memória, não somente partilhava com Chevalier a mesma formação como engenheiro, mas também tornara-se seu correspondente e amigo, especialmente após a viagem do então saint-simoniano aos Estados Unidos entre 1833 e 1835⁷⁰⁰. Conhecedor da língua francesa, o norte-americano, nascido em Richmond, na Virgínia, estudou na École de Ponts et Chaussées de Paris, na década de 1820, sendo um dos principais contatos de Chevalier durante sua estadia na América. Ambos se

⁶⁹⁸ No original: “nous ont révélé avec tant de charme et d'éclat tout un côté de cette société américaine que le beau livre de Tocqueville avait dû laisser dans l'ombre”. *Ibidem*, p. 397.

⁶⁹⁹ No original: “Ce qui fait l'originalité de l'économiste que nous venons de perdre, c'est qu'à beaucoup de science il joignait beaucoup d'imagination. On pouvait ne pas trop s'en apercevoir tout d'abord, parce que l'expression manquait parfois à la pensée. Mais quand le sentiment d'une grande vérité l'avait saisi, alors la pensée commençait à prendre vie et couleur, et on voyait l'imagination se produire, non sans effort, et à travers certaines négligences de langage, par des tableaux et des descriptions d'une frappante vérité”. *Ibidem*, p. 397.

⁷⁰⁰ ROBINSON, Moncure. “Obituary notice of Michel Chevalier”. *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 19, n. 107, mar.-dec. 1880, pp. 28-37.

comunicaram ao longo de mais ou menos cinco décadas, fazendo circular entre as duas margens do Atlântico suas concepções sobre grandes obras de infraestrutura como estradas de ferro e canais. Enquanto Chevalier atuava na França como professor de Economia Política no Collège de France e em cargos públicos, Robinson foi o responsável por planejar canais e estradas de ferro nos Estados Unidos, bem como proprietário de barcos a vapor e fundador da American Society of Civil Engineers, primeiramente na Filadélfia (1839) e, posteriormente, em Nova York (1852)⁷⁰¹.

Enquanto o discurso de Vacherot era mais formal ao tratar da trajetória intelectual de Chevalier, o obituário de Robinson mesclava uma análise de seu papel no mundo letrado e político francês do século XIX com aspectos mais pessoais do recém-falecido economista. Além de citar seu convívio com a família do professor do Collège de France no contexto de uma viagem que fizera à França em 1837, Robinson mostrava certa intimidade com o finado professor do Collège de France e seus parentes ao mencionar e citar trechos de cartas privadas que recebera do genro de Michel Chevalier, o também economista Paul Leroy-Beaulieu, e de sua filha Irenée, por ocasião de sua morte.

A despeito das diferenças existentes no teor das descrições, alguns tópicos presentes no relato de Vacherot se faziam sentir de maneira bastante evidente no obituário de Robinson, em especial na descrição de Chevalier como um homem cujas preocupações transcendiam a política partidária francesa e como alguém que, em seus trabalhos intelectuais, reservara um papel essencial não somente à razão e à ciência, mas também à imaginação. Sobre o primeiro aspecto, Robinson afirmava: “O sr. Chevalier, embora eminente como Economista Político e Publicista, e zeloso sempre em promover o que ele acreditava serem os interesses de seu país, não era em nenhum sentido um homem de partido”⁷⁰².

Acerca do segundo aspecto, o engenheiro norte-americano, já no início de seu texto, afirmava que “O sr. Chevalier foi um homem de coração, bem como de cabeça”⁷⁰³. E mais adiante completava:

⁷⁰¹ Ver MUSSO, Pierre. *La religion industrielle - monastère, industrie, usine: une généalogie de l'entreprise*. Paris: Fayard, 2017, pp. 636-637.

⁷⁰² No original: “Mr. Chevalier, though eminent as Political Economist and Publicist, and zealous always in promoting what he believed to be the interests of his country, was in no sense a party man”. ROBINSON, *op. cit.*, p. 30.

⁷⁰³ No original: “Mr. Chevalier was a man of heart, as well as head”. *Ibidem*, p. 28.

Com habilidades tão variadas e tal gosto e poder de trabalho, poucos assuntos escaparam a sua atenção, ou foram deixados, se dentro de suas competências, intocados por sua pena. Em um aspecto, ele era excepcional, e talvez alçava-se sozinho, entre os escritores de sua época. Esta era sua rara união entre uma mente eminentemente científica, com uma bela imaginação. Essa combinação do que eram usualmente considerados traços mentais opostos, é aparente com frequência em seus escritos, mas é possivelmente mais aparente em suas cartas sobre a América do Norte, e um trabalho menor, publicado em 1863, sobre o “México Antigo e Moderno”⁷⁰⁴.

Mesmo que Robinson tenha tido acesso ao texto de Vacherot, o que pode ter ocorrido, é interessante seu endosso, especialmente dada sua pretensa proximidade com Chevalier, àqueles que certamente são os eixos do obituário escrito pelo presidente da Academia.

Sobre o fato de Chevalier ter sido um homem de ciência e não de partido, é claro que se trata de uma afirmação bastante problemática. Chevalier não foi somente professor de Economia Política do Collège de France e membro de associações intelectuais, mas também deputado, senador e conselheiro de Estado. Embora tenha se posicionado de maneira ambígua, muitas vezes, em relação à Monarquia de Julho, era crítico contumaz do socialismo, condenando os movimentos de 1848 na França. Constituiu-se sobretudo como importante colaborador, nos meios intelectuais e políticos de sua época, do Segundo Império. Em outras palavras, sua defesa de concepções e projetos que considerava serem positivos para seu país, não implicava, de modo algum, sua desvinculação das disputas políticas com as quais convivia. Pelo contrário, sua atuação em prol de determinadas temáticas o relacionava de maneira umbilical ao mundo político, em especial, sob Napoleão III.

Chama atenção, entretanto, uma concepção, em ambas as interpretações, sobre a presença da “imaginação” nas obras de Michel Chevalier. Mesmo mantendo-se fiel à “razão” e à “ciência”, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* era, nessas visões, capaz de “negligenciar”, muitas vezes, a “língua” na defesa do que considerava ser a “verdade”. Ou seja, afrouxava-se, em dados momentos de seus textos, o rigor

⁷⁰⁴ No original: “With such varied ability, and such a taste for, and power of, labor, few subjects worthy of it escaped his attention, or were left, if within his purview, untouched by his pen. In one respect he was exceptional, and perhaps stood alone, among the writers of his epoch. This was his rare union of a mind eminently scientific, with a beautiful imagination. This combination of what are usually deemed opposite mental traits, is apparent frequently in his writings, but is perhaps most apparent in his letters on North America, and in a smaller work published in 1863, on ‘Ancient and Modern Mexico’”. *Ibidem*, pp. 35-36.

acadêmico em favor da defesa de concepções e projetos políticos e econômicos. É possível afirmar, nesse sentido, que as obras de Michel Chevalier sobre as Américas carregavam, a despeito de sua pretensão racional e científica, muito da imaginação do autor.

Entre as décadas de 1830 e 1860, Michel Chevalier pode ser apontado como um dos principais porta-vozes de um projeto, ao mesmo tempo, utópico e imperial em relação às Américas.

Na construção de seu argumento sobre o Novo Mundo, concebeu uma perspectiva dialética da história e do desenvolvimento das sociedades. Os grupos humanos se dividiriam, em sua visão, entre aqueles que possuiriam características masculinas e aqueles que possuiriam características femininas. Essa formulação retórica resultava na configuração de uma dicotomia basilar entre o Ocidente e o Oriente e, por conseguinte, na dialética entre, por um lado, uma Inglaterra racional e anglo-saxônica, ligada à indústria, e, por outro, uma França passional e latina, vinculada preferencialmente às artes e à cultura. Essa divergência não seria, entretanto, exclusividade na Europa, mas teria sido deslocada para as Américas com a colonização do Novo Mundo. Os Estados Unidos não deixavam de se apresentar, nesse sentido, como um prolongamento, de certa forma radicalizado, de seus precursores ingleses, bem como a América Latina resultado da presença ibérica nos trópicos.

Ao viajar à Inglaterra e aos Estados Unidos, Michel Chevalier apresentava uma primeira característica de seus relatos: a profunda admiração em relação à indústria dos anglo-saxões. Se a Inglaterra representava para o engenheiro francês o berço de uma nova ordem, os Estados Unidos se conformavam como uma espécie de “laboratório”, onde estavam sendo experimentados os desenvolvimentos que apontariam para o futuro da humanidade. A reverência em relação a esses países, antíteses de sua França natal e dos povos latinos de maneira geral, não significava, como suas premissas dialéticas deixavam entrever, a defesa de uma cópia acrítica de seus modelos, mas sim a apropriação seletiva de suas práticas bem sucedidas desde que adequadas à cultura e às tradições latinas.

Entretanto, a despeito de seu profundo respeito às populações de origem anglo-saxônica, Michel Chevalier não deixava de demonstrar certo temor em relação aos seus avanços dos dois lados do Atlântico. Mesmo que se preocupasse, por um lado, com a hegemonia britânica no Velho Mundo, não escondia, por outro, suas reservas em relação ao expansionismo norte-americano que começava a despontar. Em sua

perspectiva, concebia que somente a unidade dos povos latinos seria capaz de resistir a esse impulso conquistador.

Dessa forma, Michel Chevalier apresentava, em relação aos povos latinos, uma perspectiva bastante ambígua, perpassada pela cultura imperial e pelo francocentrismo. Ao mesmo tempo em que contribuiu para construir, em seus textos, uma identidade entre a França, a Itália, a Espanha, Portugal e os países da América Latina, definiu uma clara hierarquia em que a sua terra natal se constituía como a protetora e líder natural desse grupo de nações. Dois de seus projetos mais assertivos nesse aspecto, a defesa da construção de um canal que interligasse os oceanos Atlântico e Pacífico na América Central e a “regeneração política” do México por meio da implantação de uma monarquia sob a tutela europeia, não passaram de sonhos malfadados. Embora fracassados, ambos pretendiam atuar como uma espécie de faixa de contenção em relação ao avanço imperial dos anglo-saxões e explicitavam a ambição de fazer a França relevante no contexto geopolítico internacional do século XIX.

Michel Chevalier demonstrava, em suma, dois objetivos essenciais: aprender com a indústria anglo-saxônica e unir os povos latinos. Em ambos os casos, o que desejava, no limite, era posicionar sua França natal em um lugar de destaque em um mundo considerado cada vez mais inóspito para os descendentes do velho Império Romano.

Antes de encerrar este trabalho, alguns pontos defendidos ao longo destas páginas precisam ser frisados. Em primeiro lugar, o papel central ocupado por Michel Chevalier para a cristalização de matrizes capazes de promover uma dialética entre as “duas Américas” latina e anglo-saxônica. Originada nas divisões raciais existentes inicialmente na Europa, a dicotomia fundamental entre católicos e protestantes foi projetada no Novo Mundo, contribuindo fortemente para a construção de identidades na região. Em segundo lugar, merece destaque a questão da circulação. Afastando-se tanto da concepção de que as ideias têm uma única direção, ou seja, são produzidas na Europa e copiadas na América, como da pretensão de procurar uma originalidade pura nos postulados e conceitos latino-americanos, este trabalho pretendeu valorizar os intercâmbios e os processos de formulação e enunciação. Por fim, buscou-se analisar as obras de Michel Chevalier sempre em diálogo com seus contemporâneos e com a produção intelectual dos dois lados do Atlântico nos dois últimos séculos.

A despeito da controvérsia que envolveu muitos de seus projetos, permanecem, na perspectiva do leitor do século XXI em contato com sua obra, a longa duração de

muitas de suas miradas, a inventividade de suas interpretações e sua fértil imaginação. Entre a utopia industrial e a cultura imperial, Michel Chevalier formulou a dialética de um Novo Mundo. Entre os anglo-saxões e os latinos das Américas, o autor das *Lettres sur l'Amérique du Nord* formulou identidades e procurou repensar, por meio delas, tanto questões específicas da França, como grandes temáticas que embora eurocêntricas, considerava como universais.

Fontes

Arquivos consultados na França

Archives Nationales – Saint-Denis

Bibliothèque Nationale de France – Bibliothèque de l’Arsenal

Bibliothèque Nationale de France – François Mitterrand-Tolbiac

Arquivos digitais consultados

Bibliothèque Nationale de France: <http://www.bnf.fr>

Digital Archive: <http://www.archive.org>

Livros de Michel Chevalier

CHEVALIER, Michel. *Politique industrielle et Système de la Méditerranée*. Paris: [s.e], 1832.

_____. *Lettres sur l’Amérique du Nord*. Paris: Libraire de Charles Gosselin et Cie., 1836, 2 vols.

_____. *Society, manners and politics in the United States: series of letters of North America*. Boston: Weeks, Jordan and Company, 1839.

_____. *Histoire et description des voies de communication aux États-Unis et des travaux d’art que en dépendent*. Paris: Libraire de Chales Gosselin, 1841, 2 vols.

_____. *Cours d’Économie Politique fait au Collège de France*. Paris: Capelle Libraire –Éditeur; Charles de Gosselin Libraire, 1842.

_____. *Essais de politique industrielle: souvenir de voyage, France, République de Andorre, Belgique, Allemagne*. Paris: Libraire de Charles de Gosselin, 1843.

_____. *Mexico before and after the Conquest*. Filadélfia: Carey and Hart, 1846.

_____. *Le Mexique: extrait de l'Encyclopedie du XIXe. Siècle*. Paris: Imprimerie de Maulde et Renou, 1851.

_____. *L'expédition au Mexique*. Paris: E. Dentú Libraire au Palais-Royal, 1862.

_____. *Le Mexique ancien et moderne*. Paris: Libraire de L. Hachette e Cie., 1863.

_____. *Mexico ancient and modern*. Londres: John Maxwell and Company, 1864.

_____. *Mejico antiguo y moderno*. Madri: Rubio y Compañia, 1867.

_____. *Il Messico*. Milão: Corona e Caimi Editori, 1870.

Artigos de Michel Chevalier

CHEVALIER, Michel. . "Lettres sur le Mexique". *Journal des débats politiques et littéraires*, 20 de julho de 1837, p. 3-4.

_____. "Lettres sur le Mexique". *Journal des débats politiques et littéraires*, 01 de agosto de 1837, p. 3-4.

"Lettres sur le Mexique". *Journal des débats politiques et littéraires*, 07 de agosto de 1837, p. 3-4.

_____. "Lettres sur le Mexique". *Journal des débats politiques et littéraires*, 15 de agosto de 1837, p. 3-4.

_____. "De l'esclavage aux Antilles". *Journal des débats politiques et littéraires*, 27 de fevereiro de 1838, pp. 3-4.

_____. "L'Europe et la Chine". *Revue des Deux Mondes*, période initiale, tome 23, 1840, pp. 209-255.

_____. "L'isthme du Panama". *Revue des Deux Mondes*, t. 5, 1844, pp. 5-74.

_____. "La civilisation Mexicaine avant Fernand Cortez". *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 9, 1845, pp. 965-1020.

_____. "La conquête du Mexique par Fernand Cortez, d'après de nouveaux Documens américains". *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 11, 1845, pp. 197-235.

_____. “Des mines d’argent et d’or du Nouveau-Monde”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 16, 1846, pp. 980-1029.

_____. “Des mines d’argent et d’or du Nouveau-Monde”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, t. 17, 1847.

_____. “Sobre el progreso y el porvenir de la civilización”. *Revista Española de Ambos Mundos*, Madrid, t. I, 1853, pp. 1-10.

Outras fontes

Annuaire des Deux Mondes: histoire générale des divers états. Paris: Bureau de l’Annuaire des Deux Mondes, 1850.

BEAUMONT, Gustave. *Marie ou de l’esclavage: tableau de moeurs américains*. Paris: Librairie de Charles Gosselin, 1835, 2 vols.

_____. “Introdução”. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *Viagem aos Estados Unidos*. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. & TOCQUEVILLE, Alexis de. *Du système pénitentiaire aux États-Unis et de son application en France*. Paris: H. Fournier Jeune Libraire, 1833.

BELLY, Felix. “Du conflit anglo-américain et de l’équilibre du Nouveau Monde”. *Revue Contemporaine*, Paris, t. XXVI, juin./jul. 1856, pp. 121-155.

_____. *L’Isthme américain: notes d’un premier voyage, 1858*. Bruxelas: P. Weissembruch, Imprimeur du Roi, 1889.

BILBAO, Francisco. *La América en peligro. Evangelio americano. Sociabilidad chilena*. Santiago: Ediciones Ercilla, 1941.

BONAPARTE, Louis-Napoléon. “L’extinction du pauperisme” e “Le canal de Nicaragua ou projet de jonction des océans Atlantique et Pacifique au moyen d’un canal”. In: *Oeuvres de Napoléon III*. Paris: Librairie D’Amyot, 1854, vol. II.

COCHUT, André. “Économistes modernes: Michel Chevalier”. *Revue des Deux Mondes*, Période Initiale, tome 8, 1844.

Dictionnaire de l'Académie Française. Paris: Imprimerie Fermin Didot Frères, 1835, 2 vols.

D'EICHTHAL, Gustave. *Les deux mondes*. Paris: Arthur Bertrand Libraire-Éditeur, 1836.

ENFANTIN, Barthélemy-Prospère. *Religion saint-simonienne; Moral; Réunion général de la famille; Les trois familles*. Paris: A la Librairie Saint-Simonienne, 1832.

_____. *Oeuvres de Saint-Simon et de Enfantin publiées par les membres du conseil institué par Enfantin pour l'exécution de ses dernières volontés et précédées de deux notices historiques*. Paris: E. Dentu Éditeur, 1866, vol. IX.

ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2005.

FLEURY, Émile Félix. *Souvenirs du Général Cte. Fleury*. Paris: Librairie Plon, 1898.

FRANKLIN, Benjamin. *Conseils pour faire fortune: avis d'un veil ouvrier à un jeune ouvrier, et La science du bonhomme Richard*. Paris: Jules Renouard et Cie., 1848.

GARELLA, Napoléon. *Projet de jonction de l'Océan Pacifique et de l'Océan Atlantique a travers de l'isthme du Panama*. Paris: Carilian-Goeury et Dalmont Éditeurs, 1845.

GUTIERREZ ESTRADA, José Maria. *Carta dirigida ao Excmo. Sr. Presidente de la República sobre la necesidad de buscar en una convención el posible remedio a los males que aqueja a la República y opiniones del autor acerca del mismo asunto*. México: Imprenta de I. Cumplido, 1840.

HUGO, Victor. *Napoleão, o pequeno*. São Paulo: Ensaio, 1996.

HUMBOLDT, Alexander von. *Ensayo político sobre la Nueva España*. Paris: Casa de Jules Renouard, 1827.

JACKSON, Andrew. *Annual Messages, Veto Messages, Protest & C. of Andrew Jackson, president of United States*. 2 ed. Baltimore: Edward J. Coale & Co., 1835.

KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da Economia Política*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003.

_____ & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: LP&M, 2001.

MICHELET, Jules. *Oeuvres complètes de J. Michelet: Précis d'Histoire Moderne / Introduction a l'Histoire Universelle*. Paris: Ernest Flammarion Éditeur, s.d.

MUÑOZ DEL MONTE, Francisco. “España y las repúblicas hispanoamericanas”. *Revista Española de Ambos Mundos*, Madrid, t. I, 1853, pp.257-280.

RANKE, Leopold von. “Historia de los pueblos latinos y germánicos”. In: *Pueblos y Estados en la Historia Moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.

REYBAUD, Louis. “Économistes contemporains: Michel Chevalier”. *Revue des Deux Mondes*, 2e période, tome 22, 1859.

ROBINSON, Moncure. “Obituary notice of Michel Chevalier”. *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 19, n. 107, mar.-dec. 1880, pp. 28-37.

SAINT-SIMON, Claude-Henri de. *Catéchisme des industriels*. Paris: Imprimerie de Sétier, 1825.

STAËL, Annie-Louise-Germaine Necker, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris: Libraire Stéréotype de H. Nicolle; Guyot et Pelafol Libraires, 1815.

THOREAU, Henry David. *Walden ou A vida nos bosques*. Porto Alegre: LP&M, 2012.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VACHEROT, Étienne. “Discurs de M. Vacherot, président de l'Académie des Sciences Morales et Politiques prononcé à l'occasion de la mort de M. Michel Chevalier, à la

séance du samedi 6 décembre 1879”. *Séances et travaux de l’Académie des Sciences Morales et Politiques (Institut de France)*. T. 13, Paris: Alphonse Picard, 1880.

Bibliografía

ABRAMSON, Pierre-Luc. *Las utopías sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

ADAMOVSKY, Ezequiel. “El paralelo Rusia/Estados Unidos en Francia y la formación de una identidad ‘occidental’: usos políticos tempranos, de Le Trosne a Tocqueville y Beaumont”. *Prismas: Revista de historia intelectual*, n. 13, 2009, pp. 17-32.

AGERON, Charles-Robert. *Histoire de l’Algérie Contemporaine*. 9 ed. Paris: Presses Universitaires de Frances, 1990.

AGUILHON, Maurice. *1848: o aprendizado da república*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

AILLÓN SORÍA, Esther. “La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto *l’Amérique Latine*, 1860-1930”. In: GRANADOS GARCÍA, Aimer & MARICHAL, Carlos (orgs.). *Construcción de las identidades latino-americanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX*. 2 ed. México: El Colegio de México, 2009.

ALI, Smaïl Hadj. “Os são-simonianos e a colonização da Argélia”. *Estudos avançados*, vol. 20, n. 56, 2006, pp. 225-236.

ALLEN, Cyril. “Félix Belly: Nicaraguan Canal Promoter”. *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 37, No. 1 (Feb., 1957), pp. 46-59.

ANCEAU, Éric. *Napoleón III: un Saint-Simon à cheval*. Paris: Tallandier, 2008.

ANDRADE, André Luiz Alípio de. *Uma visão do progresso: a influência da economia política na interpretação da ordem escravista (A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional – 1850-1877)*. Tese de Doutorado em História Econômica. Campinas: Instituto de Economia da Universidade Campinas, 2013.

APRILE, Sylvie. *1815-1870: la Révolution inachevée*. Paris: Belin, 2014.

_____. *La IIe. République et le Second Empire, 1848-1870: du prince président à Napoléon III*. Paris: Pigmalion, 2000.

ARDAO, Arturo. *Genesis de la idea y el nombre América Latina*. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Romulo Gallegos, 1980.

ÁVILA, Arthur Lima de. “O Oeste historiográfico norte-americano: a *Frontier Thesis* vs. a *New Western History*”. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, jan/dez. 2005, pp. 369-413.

AZEVEDO, Cecília. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Tempo*, Niterói-RJ, vol. 6, núm. 11, jul./2001, pp. 111-129.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

BACZKO, Bronislaw. “Imaginação Social” e “Utopia”. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

BAPTIST, Edward E. “Seres humanos escravizados como sinédoque histórica: imaginando o futuro dos Estados Unidos a partir de seu passado”. In: MARQUESE, Rafael & SALLES, Ricardo (orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 261-319.

_____. “A Segunda Escravidão e a Primeira República Americana”. *Almanack*, Guarulhos, n.05, 1º semestre de 2013, pp.5-41.

BARRÓN, Luís. “Republicanism, liberalismo y conflicto ideológico en la primera metade del siglo XIX en América Latina”. In: AGUILAR, José António & ROJAS, Ricardo (orgs.). *El republicanismo en Hispanoamérica: ensayos de historia intelectual y política*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

BEIRED, José Luís Bendicho. “Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano”. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 30, nº 54, set/dez 2014, pp. 631-654.

BERBEL, Márcia Regina; MARQUESE, Rafael de Bivar & PARRON, Tâmis Peixoto. *Escravidão e política: Brasil e Cuba, 1790-1850*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BERCOVICH, Sacvan. *The American Jeremiad*. Madison: University of Wisconsin Press, 1978.

BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BETHELL, Leslie. “O Brasil e a ideia de ‘América Latina’ em perspectiva histórica”. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, 2009, pp. 289-321.

BLANCHARD, Marcel. “Le Journal de Michel Chevalier”. *Revue Historique*, CLXXI, 1933.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORNHEIM, Gerd A. *Dialética: teoria práxis*. Porto Alegre: Globo; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRULEY, Yves. *La diplomatie du Sphinx: Napoléon III et as politique internationale*. Paris: CLD Éditions, 2013

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDALISE, Carla. “A ideia e concepção de 'latinidade' nas Américas: disputa entre as nações”. In: ORO, Ari Pedro (org.). *A ideia de latinidade na América Latina*. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. “O conceito de América Latina: hispano-americanos e a panlatinidade europeia”. *Cuadernos del CILHA*, v. 14, 2013, p. 74-106.

BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRUIT, Hector H. “A invenção da América Latina”. *Revista do Mestrado de História*, Vassouras, n. 5, 2003, pp. 69-88.

BRAVO UGARTE, José. “El conflicto con Francia de 1829-1839”. *Historia Mexicana*, Vol. 2, No. 4 (Apr. - Jun., 1953), pp. 477-502.

BUCKNER, Phillip. “O nacionalismo no Canadá”. In: PAMPLONA, Marco A. & DOYLE, Don H. (orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BURKE, Perte. *A Escola dos Annales, 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

CALLOT, Jean-Pierre. “Les polytechniciens et l’aventure saint-simonienne”. *Bulletin de la Sabix*, n. 42, 2008, pp. 40-51.

CANELAS, Letícia Gregório. *Escravidão e liberdade no Caribe francês: a alforria na Martinica sob uma perspectiva de gênero, raça e classe (1830-1848)*. Tese de Doutorado (História Social). Campinas: IFCH-Unicamp, 2017.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Como escrever a história do Novo Mundo: histórias, epistemologias e identidades no Mundo Atlântico do século XVIII*. São Paulo: Edusp, 2011.

CARBIA, Rômulo D. *Historia de la leyenda negra hispanoamericana*. Madri: Fundación Carolina; Centro de Estudio Hispánicos e Hispanoamericanos; Marcial Pons, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Panorama da historiografia ocidental (até aproximadamente 1930)”. In: *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: Edusc, 2005.

CARVALHO, José Maurício de. *Mauá e a ética saint-simoniana*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

CHARTIER, Roger. *As origens culturais da Revolução Francesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

CHEVALIER, François. “Conservadores y liberales en México: ensayo de sociología y geografía políticas de la independencia a la intervención francesa”. *Secuencia*, n. 1, ene.-abr. 1985, pp. 136-149.

CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris: Hachette, 1984.

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições SESC-SP, 2013.

COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Chistianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006.

COLLINGWOOD, Robin G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

COSTELOE, Michael P. *La Primera República Federal de México, 1824-1835: un estudio de los partidos políticos en el México independiente*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.

_____. *The Central Republic in Mexico, 1835-1846: hombres de bien in the Age of Santa Anna*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CRAMAUSSEL, Chantal. “Imagen de México en los relatos de viaje franceses: 1821-1862”. In: SILLER, Javier Pérez (org.). *México Francia: Memoria de una sensibilidad común, siglos XIX-XX*, México: BUAP- El Colegio de San Luis, 1998, pp. 333-363.

CRESPO, Regina Aída. “Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de seminários de pesquisa*. São Paulo: Departamento de História/FFLCH/USP; Humanitas, 2011.

DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAVIS, David Brion. *O problema da escravidão na cultura ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DE LUCA, Tânia Regina de. *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

_____. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKI, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

DELVALLEZ, Sophie. “Les voix et voies de la liberté des femmes”. In: COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Chistianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006.

DÉMIER, Francis. “Le Europe des saint-simoniens”. In: COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Chistianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006.

DINIZ, Dilma Castelo Branco. “O conceito de América Latina: uma visão francesa”. *Caligrama*, Belo Horizonte, n. 12, 2007, pp. 129-148.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: Edusc, 2003.

DRESCHER, Seymour. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

DROLET, Michael. “Nature, Science and the Environment in Nineteenth-Century French Political Economy: the case of Michel Chevalier (1805-1879)”. *Modern Intellectual History*, 2017, pp. 1-35.

_____. “Industry, Class and Society: A Historiographic Reinterpretation of Michel Chevalier”. *The English Historical Review*, Vol. 123, No. 504 (Oct., 2008), pp. 1229-1271.

DUBOIS, W. E. B. *Black Reconstruction in América*. Nova York: Oxford University Press, 2007.

DUGAST, Guy-Alain. *La tentation mexicaine en France au XIXeme. siècle: l’image du Mexique et l’intervention française (1821-1862)*. Paris: L’Harmattan, 2008, 2 vols.

DUNN, Christopher. “Desvendando identidades nacionais: os discursos de raça e gênero em *Pocahontas* e *Iracema*”. *Letras de hoje*, Porto Alegre, vol. 32, n. 2, junho/1997, pp. 71-85.

DUROSELLE, Jean-Baptiste. “Michel Chevalier, saint-simonien”. *Revue Historique*, CCXV, 1956, pp. 233-266.

EGERTON, Douglas. “Slavery and the Union, 1789-1833”. In: FORD, Lacy K. (org.). *A companion to the Civil War and Reconstruction*. Malden: Blackwell, 2005.

ESTRADE, Paul. “Del invento de ‘América Latina’ en Paris por latinoamericanos (1856-1889)”. In: MAURICE, Jacques e ZIMMERMAN, Marie-Claire (orgs.). *Paris y*

el mundo ibérico e iberoamericano. Paris: Université Paris X-Nanterre, 1998, pp. 179-188.

FARRET, Rafael Leporace & PINTO, Simone Rodrigues. “América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia”. *Topoi*, vol. 12, n. 23, 2011, pp. 30-42.

FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.

FERES JUNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005.

FERNANDES, Luís Estevam de Oliveira. *Pátria mestiza: a invenção do passado nacional mexicano (séculos XVIII e XIX)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. *Nuestra América: una historia hispana de Estados Unidos*. Barcelona: Fundación Rafael del Pino; Galáxia Gutemberg, 2014.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERRUTA, Paola. “L’utopie féministe saint-simonienne: perspectives de genre et vues architecturales autour de 1830”. *Esercizi Filosofici*, 2, 2007, pp. 222-239.

FISHLOW, Albert. *American railroads and the transformation of the Antebellum economy*. Cambridge: Harvard University Press, 1965.

FLORENZANO, Modesto. “Sobre as origens e o desenvolvimento do Estado moderno no Ocidente”. *Lua Nova*, São Paulo, n. 71, pp. 11-39, 2007.

_____. “República (na segunda metade do século XVIII – História) e Republicanismo (na segunda metade do século XX – Historiografia). *Clio (Lisboa)*, v. 14-15, p. 33-52, 2006.

_____. “Tocqueville diante da Democracia e da Revolução”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, vol. 65, 1999, p. 25-55.

FOGEL, Robert & ENGERMAN, Stanley. *Time on the cross: the economics of American negro slavery*. Nova York: Norton, 1995.

FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1863-1877*. Nova York: Harper & Row, 1988.

FORD., Lacy K. *Origins of Southern Radicalism: the South Carolina upcountry, 1800-1860*. Nova York: Oxford University Press, 1988.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. "As ideias estão no lugar". In: *Cadernos de Debate 1: História do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagens e relatos: representações e materialidades nos périplos latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2018.

_____. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

_____. "Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas". In: VILLAÇA, Mariana Martins & PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas; Capes, 2015, pp. 36-51.

_____. "Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental". In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de seminários de pesquisa*. São Paulo: Departamento de História/FFLCH/USP; Humanitas, 2011.

_____. "Latinos versus anglo-saxões: identidades em confronto nos relatos de viagem de hispano-americanos pelos Estados Unidos no século XIX". *Almanack*, Guarulhos, n. 16, ago. 2017, p. 39-79.

FREEHLING, William W. *The road to desunion: secessionists at bay, 1776-1854*. New York: Oxford University Press, 2007.

_____. "Introduction". In: *The Nullification Era: a documentary record*. Nova York: Harper and Row, 1967.

FUNES, Patrícia. “Del Mundus Novus al Novomundismo: algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina”. In: DAYRELL, E. G. e IOKOI, Z. G. (org.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.

FURET, François. “O sistema conceptual de *A democracia na América*”. In: TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América: leis e costumes*. Livro I. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

GENOVESE, Eugene. *O mundo dos senhores de escravos: dois ensaios de interpretação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Da rebelião à revolução*. São Paulo: Global, 1983

_____. *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GERBI, Antonello. *La disputa del Nuevo Mundo: história de una polémica, 1750-1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GIRARD, Louis. *Napoléon III*. Paris: Fayard, 1986.

GOBAT, Michael. “The Invention of Latin America: a Transnational History of Anti-Imperialism, Democracy, and Race”. *The American Historical Review*, vol. 118, issue 5, December/2013, pp. 1345–1375.

GOMES, Caio de Souza. “Introdução – ‘Tanta distancia y camino, tan diferentes banderas’: as conexões transnacionais e a canção na América Latina”. In: *Quando um muro separa, uma ponte une: conexões transnacionais na canção engajada na América Latina (anos 1960/70)*. São Paulo: Alameda, 2015.

GONZÁLEZ PEDRERO, Enrique. *País de un solo hombre: el México de Santa Anna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993-2003, 2 vols.

O’GORMAN, Edmundo. “Precedentes y sentido de la revolución de Ayutla”. *Secuencia*, n. 16, ene.-abr., 1990, pp. 63-96.

GRANADOS GARCÍA, Aimer. “Congresos e intelectuales en los inicios de un proyecto y de una conciencia continental latinoamericana, 1826-1860”. In: GRANADOS GARCÍA, Aimer e MARICHAL, Carlos (orgs.). *Construcción de las identidades latinoamericanas: ensayos de historia intelectual, siglos XIX y XX*. México: El Colegio de México, 2004, pp. 39-48.

GRUZINSKI, Serge. “Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*”. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195.

GUINSBURG, Jacob. “Romantismo, Historicismo e História”. In: GUINSBURG, Jacob. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigação sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

HALE, Charles. *El liberalismo mexicano en la época de Mora (1821-1853)*. México: Siglo XXI, 1972.

_____. “Los mitos políticos de la nación mexicana: el liberalismo y la revolución”. *Historia Mexicana*, vol. 46, n. 4, abr.-jun. 1997, pp. 821-837.

_____. “La guerra con Estados Unidos y la crisis del pensamiento mexicano”. *Secuencia*, n. 16, ene.-abr. 1990, pp. 43-62.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMMOND, Bray. *Banks and politics in America: from the Revolution to the Civil War*. Princeton: Princeton University Press, 1985.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

_____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HARVEY, David. *Paris: capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

HELG, Aline. “Os afro-cubanos, protagonistas silenciados da história de Cuba”. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, vol. 8, n. 1, 2014, pp. 29-51.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à História Contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

HOBBSBAWM, Eric J. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A era das revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *A era do capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *A era dos impérios, 1875-1914*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____ & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOFSTADTER, Richard. *The American political tradition*. Nova York: Vintage Books, 1974.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (orgs.). *Perspectives on travel writing*. Aldershot: Ashgate, 2004.

HOURLANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HÜBINGER, Gangolf. "Max Weber e a história cultural da modernidade". *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 24, n. 1, pp. 119-136.

HUDSON, Larry. "Slavery and the Old South". In: FORD, Lacy K. (org.). *A companion to the Civil War and Reconstruction*. Malden: Blackwell, 2005.

HULME, Peter. *Colonial encounters: Europe and native caribbean, 1492-1797*. Londres: Methuen and Co., 1986.

ILIASSU, A. A. "The Cobden-Chevalier Commercial Treaty of 1860". *The Historical Journal*, Vol. 14, No. 1 (Mar., 1971), pp. 67-98.

IZECKSOHN, Vitor. “Escravidão, federalismo e democracia: a luta pelo controle do Estado nacional norte-americano antes da Secessão”. *Topoi*, Rio de Janeiro, 2003, vol. 4, n. 6, pp. 47-81.

JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros*. São Paulo: Boitempo, 2000.

JASMIN, Marcelo Gantus. *Alexis de Tocqueville: a historiografia como ciência da política*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; IUPERJ, 2005.

JENNINGS, Jeremy. “Democracy before Tocqueville: Michel Chevalier’s America”. *The Review of Politics*, n. 68, 2006, pp. 398–427.

JOSEPH, Gilbert; LEGRAND, Catherine C. & SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close encounters of empire: writing the cultural history of U.S.-Latin American relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos: Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900)*. São Paulo: Edusp, 2018.

_____. *Velas ao mar: U.S. Exploring Expedition (1838-1942), a viagem científica de circum-navegação dos norte-americanos*. São Paulo: Intermeios, 2015.

_____. *Ao sul do Rio Grande: imaginando a América Latina em Seleções – Oeste, wilderness e fronteira*. Bragança Paulista: Edusf, 2000.

_____. “Colônia de Povoamento e Colônia de Exploração: reflexões e questionamentos sobre um mito”. In: ABREU, Martha & SOHIET, Rachel (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KITTLER, Juraj. “Michel Chevalier and the Saint-Simonian legacy: early roots of modern cross-national comparative communication research”. *The International Communication Gazette*, 2014, vol. 76, n. 33, pp. 296–315.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. 28 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe: la formación de la conciencia nacional mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

LANDAVAZO, Marco Antonio. “Orígenes políticos y culturales del monarquismo mexicano”. *Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*, vol. 13, n. 25, 2011, pp. 62-85.

LANDES, David S. *Prometeu desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LANE, Fernanda Bretones. *Notícias insurgentes: política, escravidão e imprensa periódica em Cuba no contexto das independências iberoamericanas (1810-1823)*. Dissertação de Mestrado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEWIS, R. W. B. *American Adam: innocence, tragedy and tradition in the nineteenth century*. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

MANNHEIM, Karl. *Ideología y utopia: introducción a la sociología del conocimiento*. 2 ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. & SALLES, Ricardo (orgs.). *Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARX, Leo. *The machine in the garden: technology and pastoral ideal in America*. Nova York: Oxford University Press, 1964.

MATA, Iacy Maia. *Conspirações da raça de cor: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

McGUINNESS, Aims. "Searching for Latin America: race and sovereignty in the Americas in the 1850s". In: APPELBAUM, Nany P.; MACPHERSON, Anne S. e ROSEMBLATT, Karin A. (orgs.). *Race and nation in modern Latin America*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2003.

MEYERS, Marvin. *The Jacksonian persuasion: politics & belief*. Stanford: Stanford University Press, 1957.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

MILZA, Pierre. *Napoleón III*. Paris: Perrand, 2006.

MINTZ, Sidney. *O poder amargo do açúcar: produtores escravizados, consumidores proletarizados*. Recife: Editora da UFPE, 2003.

MIQUEL, Pierre. *Le Second Empire*. Paris: Perrin, 2008.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Formação do império americano: da guerra contra à Espanha à guerra no Iraque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MONTEIRO, Pedro Meira. "As raízes do Brasil no espelho de Próspero". *Novos Estudos Cebrap*, 83, março de 2009, pp. 159-182.

MOORE, Glover. *The Missouri controversy, 1819-1821*. Lexington: University of Kentucky Press, 1966.

MORENO FRAGINALS, Manuel. *Cuba/Espanha; Espanha/Cuba: uma história comum*. Bauru: Edusc, 2005, p. 206.

MORSE, Richard. *O espelho de Próspero: cultura e ideias nas Américas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MURRIN, John M. “Religion and politics in America from the first settlements to the Civil War”. In: NOLL, Mark A. (org.). *Religion and American politics: from the colonial period to 1980s*. Nova York: Oxford University Press, 1990.

MUSSO, Pierre. *La religion industrielle: monastère, manufacture, usine – une généalogie de l’entreprise*. Paris: Fayard, 2017.

_____. *Saint-Simon et le saint-simonisme*. Paris: PUF, 1999.

NOLL, Mark A. (org.). *Religion and American politics: from the colonial period to 1980s*. Nova York: Oxford University Press, 1990.

NUNES, Antônio José Avelãs. *Noção e objecto da Economia Política*. Lisboa: Almedina, 2014.

OLIVA, Anderson Ribeiro. “Os africanos entre representações: viagens reveladoras, olhares imprecisos e a invenção da África no Imaginário Ocidental”. *Em Tempo de Histórias*, v. 9, p. 90-114, 2005.

PALTI, Elias José. *La invención de una legitimidad: razón y retórica en el pensamiento mexicano del siglo XIX (Un estudio sobre las formas del discurso político)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

_____. *El tiempo de la política: el siglo XIX revisitado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

_____. (org.). *La política del disenso: la polémica en torno al monarquismo (México, 1848-1850)... y las aporías del liberalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

PANI, Erika. *Para mexicanizar el Segundo Império: el imaginario político de los imperialistas*. México: El Colegio de México, 2001.

PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2015.

PASSETTI, Gabriel. *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

_____. “Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano”. *História*, São Paulo, v.35, e. 77, 2016.

PAULINO, Carla Viviane. *A viagem da U. S. Astronomical Expedition (1849-1852): observar estrela e relatar a América do Sul*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2016.

PENOT, Jacques. “L'expansion commerciale française au Mexique et les causes du conflit franco-mexicain de 1838-1839”. *Bulletin Hispanique*, tome 75, n°1-2, 1973. pp. 169-201.

PÉREZ VEJO, Tomás. “El monarquismo mexicano: ¿una modernidad conservadora?”. In: COLOM GONZÁLEZ, Francisco (org.). *Modernidad iberoamericana: cultura, política y cambio social*. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2009.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PHELAN, John L. “El origen de la idea de Latinoamérica”. In: ZEA, Leopoldo (org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. Vol. I. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PHILLIPS, Ulrich B. “The central theme of Southern History”. *American Historical Review*, n. 34, vol. 1, 1928, pp. 30-34.

PICON, Antoine. *Les saint-simoniens: raison, imaginaire et utopie*. Paris: Belin, 2002.

_____. “L'utopie-spectacle d'Enfantin: de la retraite de Ménilmontant au procès et à 'l'année de la Mère'”. In: COILLY, Nathalie & RÉGNIER, Philippe (orgs.). *Le siècle des saint-simoniens: du Nouveau Chistianisme au canal de Suez*. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2006.

PILBEAN, Pamela M. “The colonization of Algeria: the role of saint-simonians”. *French History & Civilization*; vol. 6, 2015, pp. 189-196.

PLESSIS, Alain. *The rise and fall of the Second Empire, 1852-1871*. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: La Maison des Sciences de l'Homme, 1987.

PLUCHON, Pierre. *Histoire de la colonisation française: le premier empire colonial, des origines à la Restauration*. Paris: Fayard, 1991.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. "Identidades latino-americanas". In: AYALA MORA, Enrique e POSADA CARBÓ, Eduardo (org.). *Historia general de la América Latina. Vol. VII – Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación, 1870-1930*. 1. ed. Paris: UNESCO; Editorial Trotta, 2008.

_____. "A pena e a espada: a *Revue des Deux Mondes* e a intervenção francesa no México". *Vària história*, 2014, vol. 30, n. 54, pp. 613-630.

_____. "América Latina: história comparada, histórias conectadas, história transnacional". *Anuário – Universidad Nacional de Rosario*, vol. 24, 2013, pp. 9-22.

_____. "Repensando a história comparada da América Latina". *Revista de História*, n. 153, 2 sem. 2005, pp. 11-33.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

QUIJADA, Mônica. "Sobre el origen y difusión del nombre América Latina (o una variación heterodoxa en torno de la construcción social de la verdad)". *Revista de Indias*, vol. LVIII, n. 214, 1998, pp. 595-616.

QUIRINO, Célia Galvão. "Tocqueville: a realidade da democracia e a liberdade ideal". In: QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Cláudio & BRANDÃO, Gildo Marçal (orgs.). *Clássicos do pensamento político*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

RÉGNIER, Philippe. "Du côté de chez Saint-Simon: question raciale, question sociale et question religieuse". *Romantisme*, n. 130, vol. 4, 2005, pp. 23-37.

RÉMOND, René. *Les États-Unis devant l'opinion française, 1815-1852*. Paris: Armand Colin, 1962.

REYES HEROLES, Jesus. *El liberalismo mexicano*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988, 3 vols.

RIOUX, Jean-Pierre. *La révolution industrielle, 1770-1880*. Paris: Seuil, 1989.

RIVET, Daniel. *Le Maghreb à l'épreuve de la colonisation*. Paris: Fayard; Pluriel, 2010.

ROBERT, Hervé. *La monarchie de Juillet*. Paris: CNRS, 2017.

RODRIGUES, Thiago. *Guerra e política nas relações internacionais*. São Paulo: Educ, 2010.

ROJAS MIX, Miguel. "Bilbao y el hallazgo de América Latina: unión continental, socialista y libertaria". *Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, n. 46, 1986, pp. 35-47.

ROJAS, Rafael. "Mora en Paris (1834-1850): un liberal en el exílio, un diplomático ante la guerra". *Historia Mexicana*, vol. 62, n. 1 (245), jul.-sept. 2012, pp. 7-57.

ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês: a França e a América Latina – cultura, política e identidade*. Brasília: Editora da UnB, 2005.

ROMERO, Vicente. "Du nominal 'latin' pour l'Autre Amérique; notes sur la naissance et le sens du nom 'Amérique Latine' autour des années 1850". *Histoire et Société de l'Amérique Latine*, n. 7, 1998, pp. 57-86.

ROSANVALLON, Pierre. *Le moment Guizot*. Paris: Gallimard, 1985.

ROSENGARTEN JR., Frederic. *William Walker y el ocaso do filibusterismo*. Tegucigalpa: Guaymuras, 2002.

ROUQUIÉ, A. *O Extremo-Ocidente: introdução à América Latina*. São Paulo: Edusp, 1991.

RUSS, Jacqueline. *O socialismo utópico*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SAGNES, Jean. *Napoléon III: le parcours d'un saint-simonien*. Paris: Éditions Singulières, 2008.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

_____. (org.). *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolismo e transferência de modelos*. São Paulo: Edusp, 2001.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un império: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

_____. “The enterprise of knowledge: representational machines of informal empire”. In: JOSEPH, Gilbert; LEGRAND, Catherine C. & SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close encounters of empire: writing the cultural history of U.S.-Latin American relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

_____. (org.). *Culturas imperiales: experiencia y representación en América, Ásia y África*. Rosário: Beatriz Viterbo, 2005.

SANTOS, Fábio Luís Barbosa dos. “Gênese e atualidade da noção de América Latina: uma reflexão sobre o sentido histórico da integração continental”. *Faces da História*, Assis-SP, v.2, nº1, p. 06-16, jan.-jun., 2015.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *Irmãos do Atlântico: escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e em Havana (1763-1844)*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2012.

SANTOS JUNIOR, Valdir Donizete dos. *A trama das ideias: intelectuais, ensaios e construção de identidades na América Latina (1898-1914)*. São Paulo: Intermeios, 2016.

_____. “A latinidade e as Luzes: a França, o Oriente e o lugar das Américas nas *Lettres sur l’Amérique du Nord*, de Michel Chevalier (1836)”. *Dimensões*, v. 36, jan.-jun. 2016, p. 335-357.

SCAFF, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

SCHEIDT, Eduardo. “Representações de América no pensamento de Francisco Bilbao”. *Dimensões*, v. 19, p. 27-47, 2007.

SCHLESINGER JR., Arthur M. *The age of Jackson*. Boston: Little, Brown and Company, 1946.

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Bauru: Edusc, 2000.

SCHUMWAY, Nicolás. "Estados Unidos da América: alegorias sobre o apocalipse nos discursos sobre a nação". In: PRADO, Maria Ligia Coelho & VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *À margem dos 500 anos: reflexões irreverentes*. São Paulo: Edusp, 2002, pp. 219-232.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

_____. “Por que ‘ideias fora do lugar’?”. In: *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SÉGUIN, Phillipe. *Louis-Napoléon le Grand*. Paris: Grasset, 1990.

SELLERS, Chales. *The market revolution: jacksonian America, 1815-1846*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991.

_____; MAY, Henry & McMILLEN, Neil R. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SHOHAT, Ella & STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SILVA JUNIOR, Waldomiro Lourenço da. *Entre a escrita e a prática: direito e escravidão no Brasil e em Cuba, c. 1760-1871*. Tese de Doutorado (História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2015.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)*. São Paulo: Intermeios, 2017.

_____. “História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos”. In: JUNQUEIRA, Mary Anne & FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. Vol. II. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; Humanitas, 2011.

SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STOCKING JR., George W. *Victorian Anthropology*. Nova York: The Free Press, 1987.

STAMPP, Kenneth. *The peculiar institution: Slavery in the Antebellum South*. New York: Vintage Books, 1989.

TEMIN, Peter. *The jacksonian economy*. Nova York: W. W. Norton, 1969.

TENORIO TRILLO, Mauricio. “América Latina: a ideia, mais uma vez”. *Intersecções*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, 2012, pp. 241-267.

TIO VALLEJO, Gabriela. “La monarquía en México: historia de un desencuentro. El liberalismo monárquico de Gutierrez Estrada”. *Secuencia*, n. 30, sept.-dic. 1994, pp. 33-56.

TODOROV, Tzvetan. *Nosotros y los otros: reflexión sobre la diversidad humana*. México: Siglo XXI, 2007.

TOMICH, Dale. *Pelo prisma da escravidão: trabalho, capital e economia mundial*. São Paulo: Edusp, 2011.

TRINDADE, Alexandre Dantas. *André Rebouças: um engenheiro do Império*. São Paulo: Hucitec, 2011.

TURNER, Frederick Jackson. “O significado da fronteira na História Americana”. In: KNAUSS, Paulo (org.). *Oeste Americano: quatro ensaios de História dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2004.

WADDELL, D. A. G. “A política internacional e a independência da América Latina”. In: BETTHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: da independência a 1870, vol. III*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial; Brasília: Funag, 2001.

WALCH, Jean. *Michel Chevalier, économiste saint-simonien*. Paris: Vrin, 1975.

WEBER, David J. *La frontera norte de México, 1821-1846: el suroeste norteamericano en su época mexicana*. Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEINBERG, Albert K. *Destino manifesto: el expansionismo nacionalista en la historia norteamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1965.

WEINSTEIN, Barbara. “Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional”. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, jan./jun. 2013, pp. 13-29.

_____. “A pesquisa sobre identidade e cidadania nos Estados Unidos: da Nova História Social à Nova História Cultural”. *Revista Brasileira de História*, vol. 18, n. 35, São Paulo, 1998, pp. 227-246.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

WOODWARD, Corner Vann. *The strange career of Jim Crow*. New York: Oxford University Press, 1974.

VÁZQUEZ, Josefina Zoraida. “De la difícil constitución de un Estado: México, 1821-1854”. In: VÁZQUEZ, Josefina Zoraida (org.). *La fundación del Estado Mexicano, 1821-1855: interpretaciones de la historia de México*. México: Nueva Imagen, 1994.

_____. “Liberales y conservadores en México: diferencias y similitudes”. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, v. 8, n. 1, jan./jun. 1997.

_____ & MAYER, Lorenzo. *México frente a los Estados Unidos: un ensayo histórico, 1776-2000*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

VEAUVY, Christiane. “Las sansimonianas y sus escritos”, *Lectora*, n. 14, 2008, pp. 189-207.

VENAYRE, Sylvain. “Le moment mexicain dans l’histoire française de l’aventure (1840- 1860)”. *Histoire et société dans l’Amérique Latine*, n.7, p.129, 1998.

VILLAVICENCIO NAVARRO, Victor Alberto. *El camino del monarquismo mexicano decimonónico: momentos, proyectos y personajes*. Tese (Doutorado em História). México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

_____. “El monarquismo y los monarquistas mexicanos en el siglo XIX”. *Estudios*, n. 117, vol. XIV, verano 2016, pp. 41-59.

YANG, Jae Hyuk. *L’Orient de Saint-Simon et des saint-simoniens: une étude du discours (1825-1840)*. Thèse (Doctorat d’Histoire). Paris: Université Paris VIII – Saint-Denis, 2012.